

JOSÉ RODOLFO VIEIRA

Aqui a tinta nunca seca – massacres de Khan Younis e Rafah em
Footnotes in Gaza, de Joe Sacco, em tempos de antiterrorismo no
Ocidente (2002-2009)

JOSÉ RODOLFO VIEIRA

Aqui a tinta nunca seca – massacres de Khan Younis e Rafah em
Footnotes in Gaza, de Joe Sacco, em tempos de antiterrorismo no
Ocidente (2002-2009)

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para
a obtenção do título de Doutor em História (Área de
Conhecimento: História e Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. Áureo Busetto

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código
de Financiamento: 001.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

V658` Vieira, José Rodolfo
Aqui a tinta nunca seca: massacres de Khan Younis e Rafah em Footnotes in Gaza, de Joe Sacco, em tempos de antiterrorismo no Ocidente (2002-2009) / José Rodolfo Vieira. Assis, 2021.
294 f.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Áureo Busetto

1. Israel-Palestina - Conflito. 2. Histórias em quadrinhos.
3. Mídia social. 4. Gaza, Faixa de. 5. Estados Unidos.
I. Título.

CDD 741.5

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Aqui a tinta nunca seca – massacres de Khan Younis e Rafah em Footnotes in Gaza, de Joe Sacco, em tempos de antiterrorismo no Ocidente (2002-2009)

AUTOR: JOSÉ RODOLFO VIEIRA

ORIENTADOR: AUREO BUSETTO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. AUREO BUSETTO (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Profa. Dra. PRISCILA PEREIRA (Participação Virtual)
IFSULDEMINAS / Machado

Prof. Dr. WALDOMIRO DE CASTRO SANTOS VERGUEIRO (Participação Virtual)
Departamento de Biblioteconomia e Documentação / USP/São Paulo

Prof. Dr. CARLOS ALBERTO SAMPAIO BARBOSA (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. IVAN ESPERANÇA ROCHA (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Assis, 05 de novembro de 2021

Dedico este trabalho

Aos meus pais, Armando e Marcia, à minha irmã Amanda e à minha
companheira Juliana, pelo incentivo constante e pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço ao meu orientador, o Prof. Dr. Áureo Busetto, pelo enorme apoio, incentivo e dedicação, demonstrado desde o início do projeto, no já distante ano de 2017. Nesta caminhada, seus conhecimentos e sua experiência foram importantíssimos não só para a elaboração desta tese, mas também para minha jornada enquanto historiador. Além disso, devo agradecer também ao Programa de Pós-Graduação em História e Sociedade e a todos os servidores e colaboradores da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Assis) que, ao longo da minha caminhada, se mostraram prestativos e atenciosos, mesmo em tempos de pandemia.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Sendo assim, vale destacar a importância dessa instituição no apoio às pesquisas e aos pesquisadores em todo o Brasil, fortalecendo, em dias tão difíceis, as Ciências em nosso país.

Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Carlos Alberto Barbosa Sampaio e ao Prof. Dr. Waldomiro Vergueiro pelos apontamentos e ensinamentos proporcionados durante o Exame de Qualificação e, por mais uma vez, aceitem o convite para a leitura e interação com o meu texto. Da mesma forma, agradeço ao Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha e à Profa. Dra. Priscila Pereira por aceitem o convite e, certamente, contribuírem com seus conhecimentos à minha tese de doutoramento.

Gostaria de lembrar aqui, com carinho, de ibiporaenses como o Laertte Dias e o Rodrigo Guisleri que já ultrapassaram a barreira da amizade e se tornaram grandes irmãos, pois, sem eles, não seria fácil para um jovem provinciano continuar na senda reta da universidade. Da mesma forma, gostaria de lembrar com o mesmo carinho a presença do Adriano Rodrigues de Oliveira, da Gilvana Gomes, do Hugo Quinta e o João, colegas de Programa de Pós-Graduação e da UNESP que, ao longo do tempo, tornaram-se grandes amigos e, em alguns casos, revisores do meu texto de doutoramento. Gostaria de agradecer ao Danilo Pontes Rodrigues, à Mariana Furio, à Camila Gouveia e ao Richard Gonçalves André, amigos da Universidade Estadual de Londrina (UEL), que, além dos valiosos conselhos nos dias mais escuros, também se apresentaram como leitores e críticos atentos deste texto, apresentando novos caminhos e oportunidades na redação da pesquisa.

Por último, e não menos importante, sou imensamente agradecido aos meus pais, Armando e Márcia, minha irmã Amanda, meu cunhado Henrique e minha companheira Juliana pela compreensão e pelo carinho que tiveram durante minhas ausências em dias festivos e nos

finais de semana. Além disso, agradeço pela paciência e por todo apoio que dispensaram nas horas mais turbulentas da minha jornada.

RESUMO

Este trabalho consiste na análise das representações acerca do conflito entre Israel e Palestina produzidas pelo quadrinista-jornalista Joe Sacco no Jornalismo em História em Quadrinhos intitulado *Footnotes in Gaza*. Após os ataques contra as Torres Gêmeas no 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos e seus aliados iniciaram a Guerra contra o terrorismo, tendo como alvos principais o Afeganistão e, em seguida, o Iraque. Ao mesmo tempo, nos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, a população palestina se revoltava contra as Forças de Defesa de Israel. Diante dos fracassos dos Acordos de Oslo, os palestinos foram às ruas e iniciaram uma nova Intifada, conhecida como a Intifada de Al-Aqsa (2000). Em decorrência dessa nova Intifada, Israel se retira da Faixa de Gaza em 2005 e, logo em seguida, são convocadas eleições parlamentares na Palestina. Enquanto esse quadro ocorria no Oriente Médio, nos Estados Unidos, Sacco ilustrava as páginas de seu trabalho que discorria sobre os massacres em Khan Younis e Rafah no distante ano de 1956 e a destruição das residências palestinas em 2003. Por conta disso, a hipótese norteadora da pesquisa leva em consideração que, além dessas duas temporalidades explícitas em *Footnotes in Gaza* (1956/2003), Sacco se debruçou sobre uma terceira camada temporal que, apresentada de forma implícita, joga luz aos acontecimentos entre 2005 e 2006, na Palestina.

Palavras-chave: Conflito Israel e Palestina; Mídia; História em Quadrinhos; Estados Unidos; Faixa de Gaza.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the representations about the conflict between Israel and Palestine produced by comic-journalist Joe Sacco in Journalism Comics entitled *Footnotes in Gaza*. After the attacks on the Twin Towers on September 11, 2001, the United States and its allies launched a war against terrorism, with Afghanistan as their main targets, then Iraq. At the same time, in the occupied territories of the West Bank and the Gaza Strip, a Palestinian population was revolting against the Israeli Defense Forces. Faced with the failures of the Oslo Accords, the Palestinians took to the streets and started a new Intifada, known as the Al-Aqsa Intifada (2000). Faced with the consequences of this new Intifada, Israel withdraws from the Gaza Strip in 2005 and, shortly thereafter, new parliamentarians are convened in Palestine. While this picture was taking place in the Middle East, in the United States, Sacco illustrated the pages of his JHQ that talked about the massacres in Khan Younis and Rafah in the distant year of 1956 and the destruction of Palestinian homes in 2003. Because of this, the guiding hypothesis of our research takes into account that, in addition to these two explicit temporalities in *Footnotes in Gaza* (1956/2003) , Sacco focused on a third temporal layer that, presented in an implicit way, sheds light on the events between 2005 and 2006 in Palestine.

Keywords: Israel and Palestine Conflict; Media; Comic; U.S; Gaza Strip.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Robert Crumb no ponto mais alto do mundo: o “Trono da Sabedoria”	33
Figura 2: A chegada de Vladek Spiegelman ao campo de concentração de Auschwitz	37
Figura 3: cidade de Nova Iorque destruída pelo alienígena criado por Veidt	41
Figura 4: Orfeu, filho de Morfeu, canta o fim do seu sonho revolucionário	43
Figura 5: O noticiário televisivo e o ataque do Coringa	47
Figura 6: Aconteceu em Quadrinhos e a Guerra de Acari	53
Figura 7: A Marcha na perspectiva de Vilalba	56
Figura 8: A Marcha da Família com Deus pela Liberdade de 1964	56
Figura 9: Capa de Crime SuspensStories n.22 de 1954. A representação leviana de cadáveres pela EC Comics na década de 1950	58
Figura 10: O corpo flutuante no rio Imjin	59
Figura 11: O ataque à Faixa de Gaza	60
Figura 12: Reflexões em um banheiro berlinense	63
Figura 13: A confusão em um hotel no Cairo	65
Figura 14: A tortura sofrida por Ghassan	69
Figura 15: O palestino cordial	71
Figura 16: Robert e Aline Crumb apresentado a família	72
Figura 17: O sorriso no rosto dos palestinos	74
Figura 18: Descrição da fronteira entre Rafah e Egito	75
Figura 19: Detalhes para colorir a capa de <i>Palestine</i>	77
Figura 20: Homens palestinos nas páginas de <i>Footnotes in Gaza</i>	79
Figura 21: Homens palestinos nas páginas de <i>Palestine</i>	80
Figura 22: Desenho do Acordo de Oslo de 1993	81
Figura 23: Fotografia do Acordo de Oslo de 1993	82
Figura 24: Desenhos da rua de Gaza	86
Figura 25: Fotografia da rua de Gaza	87
Figura 26: Resolvendo a questão palestina	93
Figura 27: Um restaurante na Palestina	97
Figura 28: CNN e a guerra contra o Iraque	102
Figura 29: A brincadeira acabou	102
Figura 30: Todos nós vamos sofrer	103
Figura 31: Novas notas de rodapé na Palestina	106

Figura 32: O noticiário da CNN	108
Figura 33: Fotografia de paramédicos palestinos resgatando criança na Faixa de Gaza, 2021.....	109
Figura 34: Comparação entre <i>Palestine</i> e <i>Footnotes in Gaza</i>	119
Figura 35: <i>Palestine</i> edição especial publicada pela Fantagraphic Books em 2001	119
Figura 36: <i>Footnotes in Gaza</i> publicado pela Jonathan Cape em 2009	120
Figura 37: Detalhes da capa de <i>Footnotes in Gaza</i> da editora Jonathan Cape	121
Figura 38: Ilustrações dos soldados israelenses no cerco à Khan Younis	127
Figura 39: Vultos na escuridão	134
Figura 40: O sono do filho de Khaled	137
Figura 41: Crianças se divertem durante o Eid al-Adha	140
Figura 42: O enterro de palestinos após o massacre em Rafah	141
Figura 43: Narrativas do passado, 1956	144
Figura 44: Narrativas do presente, 2003	145
Figura 45: Mapa da Faixa de Gaza por Joe Sacco	149
Figura 46: Mapa de Gush Katif	153
Figura 47: Por que não “1967”?	156
Figura 48: Soldados palestinos atacam vilarejo	165
Figura 49: O novo lar dos palestinos	171
Figura 50: Precariedade nas habitações dos refugiados	172
Figura 51: O pão adormecido	173
Figura 52: Abastecimento de água	174
Figura 53: ONU na Palestina	180
Figura 54: Tire fotos!	185
Figura 55: Um “caso periclitante”	187
Figura 56: Desenvolvimento das residências palestinas	191
Figura 57: A varanda de uma casa palestina	192
Figura 58: Casas de alvenaria, década de 1950	194
Figura 59: Apartamentos residenciais, década 2000	195
Figura 60: Coletor de sucata	199
Figura 61: Novos trabalhadores em Israel	202
Figura 62: A única opção	203
Figura 63: Sallam Aleikum!	208
Figura 64: Comitê de Resistência Popular.....	209

Figura 65: A velha guarda do Fatah	216
Figura 66: A distância entre o povo e a Sulta.	221
Figura 67: O traficante palestino	224
Figura 68: Palestinos contra palestinos	230
Figura 69: Enfim, o açougueiro chega	241
Figura 70: Em nome de Deus	242
Figura 71: A distribuição de alimento no Eid-al-Adha	243
Figura 72: Khaled é recebido pelos populares em Gaza	247
Figura 73: O poder da luta armada	249
Figura 74: O título “Fedayeen”	252
Figura 75: O título “3. Nov. 1956”	253
Figura 76: Muçulmanos <i>fedayeens</i>	260
Figura 77: A força de Israel e a fragilidade da resistência	262
Figura 78: Bombardeio israelense à Faixa de Gaza, 1955	267
Figura 79: As crianças e a guerra	270

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP – Autoridade Palestina

CAMERA - Committee for Accuracy in Middle East Reporting and Analysis

CNA – Congresso Anual Africano

FDI – Forças de Defesa de Israel

IAF – Israli Air Force

HQ – História em Quadrinhos

JHQ – Jornalismo em História em Quadrinhos

OLP – Organização pela Libertação da Palestina

ONU – Organização das Nações Unidas

UNICEF – United Nations Children’s Found

UNRWA – United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS AO JORNALISMO EM QUADRINHOS DE JOE SACCO	29
1.1 DAS COMIC BOOK ÀS GRAPHIC NOVELS	29
1.2 O JORNALISMO EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS	48
1.3 JOE SACCO E O JORNALISMO EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS	57
1.4 CARACTERÍSTICAS NARRATIVAS E GRÁFICAS DO JORNALISMO EM QUADRINHOS DE JOE SACCO	67
2 PROCESSO DE PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DE UM NOVO JHQ SOBRE O CONFLITO ENTRE ISRAEL E PALESTINA	88
2.1 UMA NOVA NOTA DE RODAPÉ: MÍDIA, GUERRA CONTRA O TERROR E A NOVA INTIFADA	88
2.2 DA DIVULGAÇÃO E CIRCULAÇÃO ENTRE CRÍTICOS	114
2.3 DA RECEPÇÃO ENTRE OS LEITORES	132
3 NAS ENTRE VINHETAS: O PLANO DE DESENGAJAMENTO E A RETIRADA UNILATERAL DE ISRAEL DA FAIXA DE GAZA (2005)	143
3.1 O PLANO DE DESENGAJAMENTO E O APOIO ESTADUNIDENSE À CAUSA ISRAELENSE	146
3.2 DIANTE DA DOR DO OUTRO: ENTRE A NAKBAH E O SACRIFÍCIO JUDEU	164
3.3 OS VELHOS/NOVOS PROBLEMAS: ECONOMIA, MORADIA E TRABALHO NOS CAMPOS DE REFUGIADOS	184
4 A RESISTÊNCIA E A SULTA: AS ELEIÇÕES PARLAMENTARES NA FAIXA DE GAZA (2006)	206
4.1 A SULTA: DA ESPERANÇA AO FRACASSO	207
4.2 A SULTA: COOPTAÇÃO E VIOLÊNCIA	221
4.3 A RESISTÊNCIA: TERRORISMO OU ASSISTENCIALISMO?	233
4.4 A RESISTÊNCIA: A LUTA PÓS-ELEIÇÃO	251
CONSIDERAÇÕES FINAIS	274
REFERÊNCIAS	281

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de doutoramento buscou compreender as representações feitas pelo quadrinista-jornalista Joe Sacco acerca do conflito israelo-palestino expresso em sua obra *Footnotes in Gaza*¹, elaborada e publicada no decorrer da escalada de violência de Israel contra a Palestina pós o 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Para tanto, Sacco centrou o seu livro de Histórias em Quadrinhos² na remontagem histórica de dois, pouco lembrados, massacres a palestinos desferidos por Israel, anteriormente ao início da chamada Crise de Suez. Trata-se dos ataques ocorridos em 1956 às populações das aldeias de Khan Younis e Rafah, ambas localizadas na Faixa de Gaza, resultando na morte de pelo menos 275 palestinos. Sendo assim, é nosso objetivo conhecer, entender e compreender historicamente os elementos investidos pelo autor na elaboração de *FinG*, sobretudo da sua abordagem jornalística-histórica dos dois massacres palestinos enfocados, quer em termos de fontes documentais, tanto oficiais quanto orais, quer de recursos gráficos, textuais e estilísticos, bem como expedientes de divulgação empregados pelo autor e editora e, quando possível, de recepção da sua obra entre a crítica jornalística e seu público em geral.

A hipótese norteadora de nossa pesquisa é a de que *FinG* vai além das duas temporalidades explicitadas em suas páginas – no caso, a temporalidade central encerrada, via remontagem explícita e detalhada do autor, dos acontecimentos relativos aos massacres às aldeias de Khan Younis e Rafah, ocorridos no distante ano de 1956, e uma temporalidade intermediária, também explícita, que, colateralmente expressada no HQ, se atem à destruição de residências palestinas pelos tratores israelenses entre 2002 e 2003, anos em que Sacco esteve, por alguns dias, na Palestina coletando entrevistas para sua reportagem, evidenciando uma terceira temporalidade mais circunstancial, porém, enfocada de forma bastante implícita, a se prender no desenrolar do Plano de Desengajamento de 2005, quando Israel retirou mais de 9 mil colonos dos assentamentos da Faixa de Gaza, e a chegada ao poder, em 2006, do grupo islâmico Hamas, via eleições democráticas realizadas na Palestina, e as suas primeiras ações governamentais, período em que Sacco ocupou-se com a fase final da sua obra em tela.

Esta terceira camada temporal, decorrente do processo de elaboração, roteirização e ilustração de *FinG*, por vezes, oferece visões/representações divergentes e, de certa maneira, de contraposição ao discurso imediatista/presentista veiculado, em regra, por meios de

¹ A partir de agora abreviaremos *Footnotes in Gaza* como *FinG*.

² A partir de agora abreviaremos Histórias em Quadrinhos como HQ.

comunicação estadunidenses na cobertura daqueles dois eventos ocorridos na Palestina em 2005 e 2006.

Antes de centrar nos percalços relativos à publicação de *FinG* nos Estados Unidos, se faz necessário destacar e historicizar quando e como Sacco soube pela primeira vez dos dois massacres enfocados em sua obra, bem como períodos distintos no processo de produção da obra, sendo o primeiro demarcado nos anos de 2001 a 2003, e o seguinte entre 2005 e 2009. Em 2001, Sacco, na companhia do jornalista investigativo Chris Hedges³, viajou para a Palestina com o intuito de produzir matéria especial para a revista *Harper's*. Durante a viagem eles conheceram o então líder do Hamas Abdel Aziz al-Rantissi, o qual comentara com o quadrinista-jornalista sobre os massacres às duas aldeias palestinas da Faixa de Gaza. Dado o seu desconhecimento sobre o assunto, Sacco, por meio de pesquisa em repositórios de instituições internacionais e bibliografia especializada, buscou entender os fatos narrados por al-Rantissi e se deparou-se com a escassez de informações sobre as investidas israelenses aos vilarejos palestinos em 1956.

Dessa vez, ciente dos massacres do passado, entre o final de 2002 e início de 2003 Sacco retornou para a Palestina com vistas à coleta de testemunhos de palestinos que vivenciaram ou retiveram na memória os massacres de Khan Younis e Rafah, para servir como fonte para a elaboração de um projeto de Jornalismo em Histórias em Quadrinhos⁴. Durante essa temporada, o território da Palestina estava inserido em uma escalada de violência, que pode ser datada a partir do fracasso do Acordo de Oslo⁵, firmado em 1993, e o de Camp David⁶, assinado em 2000. Todos esses acontecimentos convergiram para a eclosão da Intifada de Al-

³ Christopher Lynn Hedges, jornalista estadunidense vencedor do Prêmio Pulitzer em 2002 por sua cobertura sobre o terrorismo. Além disso, por quase duas décadas, Hedges foi correspondente na América Central e no Oriente Médio.

⁴ A partir de agora abreviaremos Jornalismo em Histórias em Quadrinhos como JHQ.

⁵ Diante dos desdobramentos da Primeira Intifada Palestina (1987-1993), dentre eles o medo dos movimentos islâmicos radicais e a necessidade de manter o controle sobre os territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, Yizhak Rabin, primeiro ministro de Israel, convidou secretamente os líderes da Organização pela Libertação da Palestina (OLP) para negociarem. Inicialmente debatido em segredo na cidade de Oslo, Noruega, os líderes palestinos e israelenses formalizaram o Acordo de Paz de Oslo em setembro de 1993, nas intermediações da Casa Branca, Estados Unidos (GATTAZ, 2003, p.181).

⁶ Em julho de 2000, no final de seu mandato presidencial, Bill Clinton convocou os líderes de Israel e Palestina para discutirem os termos do Acordo de Camp David (2000). Entre suas tratativas, Israel transferiria 14% do território da Cisjordânia para a Autoridade Palestina (AP), mantendo o controle militar sobre 61% do território. Apesar da oferta parecer generosa, visto que nenhum líder israelense havia oferecido uma considerável porção de terra aos palestinos, Yasser Arafat, líder da OLP, considerou que o acordo não condizia com os interesses dos árabes e refutou a oferta (GATTAZ, 2003, p.185).

Aqsa⁷. Ao contrário da Primeira Intifada⁸ (1987-1993), Al-Aqsa foi marcada pela brutalidade e pela violência das Forças de Defesa de Israel (FDI) contra os grupos fundamentalistas considerados radicais islâmicos, além da destruição das casas e bairros palestinos em 2003.

O segundo período foi marcado pelas atividades de Sacco em esboçar o que viria a ser *FinG* até a finalização desta, realizada em seu estúdio nos Estados Unidos. No percurso, tinha se iniciado na Faixa de Gaza o Plano de Desengajamento, conhecido, também, como “Lei de Implementação do Plano de Retirada”, sendo o momento em que Israel, tendo à frente do seu governo Ariel Sharon, promoveu o deslocamento dos colonos judeus alocados na região de Gaza e entregou a autonomia do território para a Autoridade Palestina⁹ (AP). Pouco menos de um ano depois, no início de 2006, foram convocadas eleições para o Parlamento da Palestina após duas décadas sem sufrágio nacional. As eleições colocaram em choque dois grupos, tendo de um lado o Fatah, que tentava manter a sua expressividade nos territórios e, de outro, o grupo fundamentalista Hamas, que participava de sua primeira eleição nacional com grandes chances de ocupar a maioria das cadeiras. Diante da vitória do grupo fundamentalista, obtendo a maioria dos assentos no Parlamento, Estados Unidos e Israel rejeitaram o resultado das eleições e cortaram de vez as relações com a AP, prejudicando, assim, as futuras tratativas para novos acordos de paz.

Decorrente do resultado das eleições e da crise humanitária instaurada pela ruptura nas relações diplomáticas com EUA e Israel, um violento conflito entre Hamas e Fatah assolou a população civil da Faixa de Gaza, em 2007. Por fim, e não menos importante, entre o final de 2008 e início de 2009, poucos meses antes da publicação de *FinG*, a Operação *Cast-Lead* causou profunda destruição na infraestrutura palestina, ocasionando também um extenso

⁷ Segundo André Gattaz (2003), com o fracasso do processo de Oslo, houve desilusão por parte dos palestinos com a política da Autoridade Palestina (AP), além da deterioração das condições socioeconômicas da população. Sujeitos ao regime de clausura imposto pelas Forças de Defesa de Israel (FDI) e as constantes violações dos preceitos humanitários e civis por parte do poder ocupante, levaram os palestinos dos territórios ocupados a, mais uma vez, insurgirem contra Israel. Como resposta, o exército de Israel provocou centenas de mortes entre os palestinos, aguçando a ira de grupos como o Hamas e a Jihad Islâmica. Até 2003, Gattaz afirma, houve cerca de pelo menos 2500 mortos no conflito (GATTAZ, 2003, p.191).

⁸ A ocupação e a manutenção do regime israelense, aliada à ineficiência da Organização pela Libertação da Palestina (OLP) em tentar solucionar os problemas sociais e econômicos dos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, levaram a população palestina a se revoltar contra as Forças de Defesa de Israel (FDI). A Primeira Intifada da Palestina (1987-1993) também ficou conhecida como a “Revolta das Pedras” devido à forte participação popular e pelo fato de recepcionar com paus e pedras os tanques do exército israelense.

⁹ Dentre os termos estabelecidos no Acordo de Oslo (1993) havia a formação de um protoestado palestino (Autoridade Nacional Palestina) que, entre outras coisas, ficaria responsável pela administração dos territórios ocupados, representatividade diplomática em relação aos interesses do povo palestino, cooperação com Israel nas áreas de segurança, infraestrutura e economia, e liderar o início das negociações de paz com Israel (ABU-EL-HAJ, 2014, p. 15).

número de baixa de civis na Faixa de Gaza.

Além disso, vale destacar que esses eventos ocorreram concomitantemente ao combate contra o terrorismo no Afeganistão (2001) e no Iraque (2003) perpetrado pelos Estados Unidos após os ataques de 11 de setembro. Sendo assim, enquanto as tropas americanas invadiam dois países do Oriente Médio, Israel e Palestina vivenciavam momentos exacerbados de violência após um breve período de relativa paz entre o fim da Primeira Intifada Palestina (1987-1993) e o Acordo de Camp David (2000). Por conseguinte, devido às estreitas relações diplomáticas entre Estados Unidos e Israel que, entre outras coisas, compartilham afinidades econômicas e militares desde a segunda metade do século XX, especialmente após a Guerra dos Seis Dias¹⁰ (1967), os reflexos da luta estadunidense contra o terrorismo podem ter sido a brecha para Israel fortalecer o uso de força militar contra os palestinos. Assim, é neste quadrante de fatos e acontecimentos acerca do conflito israelo-palestino que Sacco iniciava, desenvolvia e publicava seu livro de HQ.

A respeito deste assunto na historiografia e na esteira da discussão entre os ataques do 11 de setembro nos EUA, o conflito no Oriente Médio e as Histórias em Quadrinhos, destaca-se o trabalho de Danilo Pontes Rodrigues (2017) e sua análise sobre a obra de Art Spiegelman, *In the Shadow of no Towers* (no Brasil *A sombra das torres ausentes*), HQ que versa sobre os desdobramentos da Guerra contra o Terror e sobre o conjunto de ações governamentais estadunidenses, conhecida como Doutrina Bush¹¹. Rodrigues delimita a trajetória de artistas e produtores de HQ's americanos que, ao longo do século XX, buscaram extrapolar as fronteiras das HQ's enquanto literatura infantil e, assim, transformá-las em gênero literário voltado para o público adulto. Em seguida, o autor disserta sobre as representações imagéticas contidas no discurso de Spiegelman em relação aos desdobramentos da queda das Torres Gêmeas e, ao mesmo tempo, a receptividade de *In the Shadow of no Towers* entre os leitores de língua inglesa. Por fim, o pesquisador realiza uma análise crítica a respeito do posicionamento bélico empreendido pelos Estados Unidos na Guerra contra o Terror, relacionando o trabalho de Spiegelman às novas diretrizes políticas de Segurança Nacional,

¹⁰ A Guerra dos Seis Dias (1967), iniciada por Israel após identificar ameaças de um possível ataque conjunto dos países que formavam a Liga Árabe, foi marcada pela superioridade das armas israelenses que, após um ataque surpresa e relâmpago de sua força aérea, dizimou os aeroportos do Líbano e do Egito, inviabilizando um contra-ataque árabe pelo céu. Por conta do sucesso militar de Israel nesta batalha, o governo dos EUA passou a dialogar bilateralmente com os líderes israelenses (GATTAZ, 2003).

¹¹ Após os ataques ocorridos no 11 de setembro de 2001, durante o primeiro mandato de George W. Bush na presidência dos EUA, o governo americano adotou drásticas medidas para combater o terrorismo islâmico. Dentre eles, a instituição do Departamento de Segurança Interna (*Patriot Act*), a invasão ao Afeganistão e a luta contra o Talibã, grupo que havia abrigado a Al-Qaeda e, por fim, o anúncio de uma estratégia de ação preventiva. Esse conjunto de medidas passou a ser conhecido como Doutrina Bush (FUKUYAMA, 2006, p. 16).

tema esse, segundo o autor, recorrente no debate público norte-americano.

O trabalho de Rodrigues (2017) pode ser complementado com a visão de Victor Callari (2016) a respeito dos quadrinhos americanos durante a Guerra contra o Terrorismo. Em sua obra, Callari analisa o discurso presente na coletânea de quadrinhos da editora *Marvel Comics*, intitulada *Guerra Civil*, roteirizada por Mark Millar e ilustrada por Steve McNiven, que, entre outras coisas, narra o arco em que, após um grave acidente envolvendo um grupo de super-heróis americanos, é debatida no seio da sociedade estadunidense a Lei de Registro de Super-Humanos, ação imposta pelo governo americano que obrigava os super-heróis a se registrarem e revelarem suas identidades secretas. Por meio de suas observações, o autor averiguou o posicionamento de roteiristas e ilustradores da editora que, pós o 11 de setembro, representavam nas páginas de seus trabalhos temas relacionados às tensões geradas no seio da sociedade estadunidense, como o sentimento de medo e de derrota. Além disso, outros motes foram averiguados por Callari, como o posicionamento da imprensa estadunidense, a receptividade dos americanos para com os árabes que viviam nos Estados Unidos, a discussão pública acerca da necessidade de guerra contra o Afeganistão e, por fim, as tomadas de decisões do governo de Washington em relação às novas medidas internas de segurança.

Dessa forma, é possível destacar que os trabalhos de Rodrigues (2017) e Callari (2016) são complementares ao fornecerem um amplo panorama da visão de produtores de HQ's em relação aos desdobramentos do 11 de setembro, visto que o primeiro fornece uma análise pormenorizada da ótica de um artista alternativo e o segundo aborda as percepções de vários profissionais que fazem parte do expediente de uma grande editora de quadrinhos estadunidense. Sendo assim, os trabalhos desenvolvidos por Rodrigues e Callari trouxeram subsídios para que pudéssemos compreender como ocorreram as produções, a veiculação e as recepções de HQ's que, direta ou indiretamente, dialogavam com os acontecimentos relacionados ao pós 11 de setembro nos EUA.

Dando continuidade à temática das HQ's, mas deslocando o eixo de discussão para os trabalhos de Joe Sacco e o gênero do JHQ, destacamos a própria pesquisa em nível mestrado, defendida no ano de 2017. Na dissertação foram discutidas as representações construídas por Sacco no decorrer da Primeira Intifada Palestina, evento ocorrido nos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza entre o final dos anos de 1980 e início da década de 1990. Buscamos, no referido trabalho, analisar as práticas e as estratégias empreendidas pelo quadrinista-jornalista em seu discurso imagético, encontrado nas páginas de *Palestine* que, entre outras coisas, discorre sobre a repressão do Estado de Israel contra os palestinos. Por intermédio dos relatos de homens e mulheres residentes na Faixa de Gaza e na Cisjordânia,

todos coletados por Sacco durante visita à Palestina entre 1991 e 1992, analisamos, por exemplo, as representações produzidas que ilustravam tanto os métodos de tortura física empreendida pela polícia especial israelense, o Shin-Bet, como a prática de tortura psicológica contra homens e mulheres palestinos. No entanto, focado nas representações discursivas e imagéticas de *Palestine*, deixou-se em segundo plano a relação diplomática e estratégica entre Israel e Estados Unidos e, ao mesmo tempo, não se contemplou a construção dos discursos midiáticos acerca do conflito israelo-palestino pela imprensa ocidental, especialmente os veículos americanos naquele período.

Outro pesquisador de Sacco é Antônio Aristides Correa Dutra (2003). Em sua obra, o autor analisou a linguagem dos quadrinhos desenvolvidos por Sacco e, em seguida, classificou-as como obras pertencentes ao gênero de livro-reportagem. Dutra ainda explorou as características gráfico-narrativas de *Palestine* (1993) e *Safe Area Gorazde* (2000), ambas produzidas pelo quadrinista-jornalista, e as contrastou com trabalhos precedentes e consolidados no campo do JHQ. Por conta disso, além de apresentar aspectos narrativos e gráficos específicos do gênero JHQ, o pesquisador forneceu ferramentas de análise para a diferenciação dos quadrinhos de cunho jornalístico das HQ's convencionais. Por fim, Dutra expôs componentes estéticos e narrativos particulares das obras de Sacco que, segundo ele, foram apropriados do jornalismo impresso, como as caricaturas em periódicos e o fotojornalismo. No entanto, vale destacar que, apesar de apresentar aspectos *sui generis* sobre a composição estética e narrativa do JHQ e sobre as técnicas gráficas de Sacco, Dutra não relacionou as obras do quadrinista-jornalista aos acontecimentos históricos referentes à composição de cada obra, por exemplo, os conflitos na Palestina (*Palestine*) e a guerra na Bósnia (*Safe Area Gorazde*), focando sua análise à linguagem estrutural e estética dos JHQ's.

Ainda sobre as obras de Sacco, Flávio Pinto Valle (2010) disserta acerca da relação histórica entre HQ's, jornalismo e o surgimento do gênero JHQ. Valle relaciona sistematicamente o JHQ aos métodos do jornalismo literário. Dessa forma, o autor vai de encontro a outros autores, como Santiago García (2012), cujo discurso credita a gênese do JHQ às influências do movimento *underground*, iniciado pelo artista Robert Crumb, nos Estados Unidos, e ao movimento alternativo, principiado por Art Spiegelman, na década de 1980. Para defender sua hipótese, Valle correlaciona os elementos da prática jornalística, tais como a utilização de testemunhas/fontes de informação e a inserção do narrador como protagonista da história aos trabalhos de JHQ desenvolvidos por Sacco.

Djeanne Arraes Moreira (2017) investiga em seu trabalho possíveis inovações que a narrativa dos JHQ's produzidos por Sacco poderiam trazer para o campo jornalístico

convencional. Baseando-se nos trabalhos de Sacco sobre a guerra da Bósnia (*Safe Area Gorazde*), a autora defende a ideia de que o jornalismo produzido pelo quadrinista-jornalista pode ser considerado uma peça jornalística, visto que os métodos empreendidos por Sacco em sua narrativa são os mesmos utilizados pelos repórteres que produzem notícias para os meios impressos e televisivos, por exemplo. De acordo com a autora, não seriam os meios materiais aplicados e utilizados pelos repórteres que definiriam uma matéria jornalística, mas sim os métodos dispensados pelos jornalistas para elaboração de uma reportagem. Além disso, Moreira afirma que alguns elementos da narrativa em JHQ, como a utilização da personagem/fonte e o desenho como representação realística de pessoas e lugares, devem ser considerados inovações metodológicas gráfico-narrativas para o fazer jornalístico. Tal como Dutra (2003) e Valle (2010), o trabalho de Moreira apresenta valiosos aspectos característicos que delimitam o JHQ e relacionam a linguagem do jornalismo convencional às HQ's, no entanto, deixa de lado a apuração dos eventos históricos correlacionados ao processo de produção da narrativa do JHQ em questão.

José Sampaio de Medeiros Neto (2018) observou em sua dissertação as especificidades referentes à linguagem jornalística contidas na narrativa do JHQ. Para isso, o autor procurou depreender as rupturas e continuidades entre as narrativas dos JHQ's em relação aos quadrinhos convencionais. Vale destacar que o trabalho de Medeiros Neto não restringiu sua análise somente aos trabalhos elaborados por Sacco e, assim, apresentou trabalhos nacionais do JHQ, tais como as obras dos artistas brasileiros Rodrigo Vilalba e Alexandre de Maio. Por intermédio destes roteiristas e ilustradores, Medeiros Neto cotejou as semelhanças entre os elementos do jornalismo, tais como os conceitos de acontecimento jornalístico, autenticidade da notícia, parcialidade e imparcialidade no discurso presente no relato produzido no JHQ. Assim, o autor, da mesma forma que Moreira (2017), defende a ideia de que o JHQ, por conta dos métodos utilizados em sua narrativa, deve ser considerado pertencente ao campo jornalístico. Sendo assim, é importante destacar que, semelhantemente a Dutra (2003), Valle (2010) e Moreira (2017), o trabalho de Medeiros Neto trouxe colaborações substanciais para a compreensão dos elementos gráfico-narrativos que delimitam o JHQ dos demais trabalhos de HQ ocidental.

A respeito de *FinG*, Caio de Freitas Paes (2014) observou a narrativa histórica de Sacco, salientando elementos gráfico-narrativos da linguagem das histórias em quadrinhos, como a utilização das cores e os enquadramentos dentro das vinhetas. Além disso, o autor também elencou o papel de narrador-personagem produzido pelo quadrinista-jornalista em sua própria obra. Ao se apresentar como narrador e personagem em *FinG*, Paes (2014) defende que

Sacco estabeleceu relações estreitas com suas fontes-personagens (os palestinos com quem se relacionou durante sua estada na região), favorecendo na narrativa o encontro entre os acontecimentos do passado distante (1956) e os eventos do presente (2003). Sendo assim, o trabalho de Paes se torna relevante para esta pesquisa por analisar as duas temporalidades explícitas na obra de Sacco, no caso, os massacres de 1956 em Khan Younis e Rafah, tema central de *FinG*, e a destruição das residências palestinas entre 2002 e 2003, período correspondente à visita de Sacco aos territórios ocupados. Como observou Paes, tais camadas temporais ao convergirem enfatizam a presença de um ciclo constante de violência no conflito entre Israel e Palestina, principiado em 1948 e que ainda não havia se encerrado durante a visita do quadrinista-jornalista aos territórios ocupados.

Um dos primeiros livros publicados no Brasil sobre a questão Palestina e tratando deste conflito no Oriente Médio foi escrito por Ruy Alves Jorge (1975). A obra problematiza a relação belicosa entre Israel e Palestina desde o Congresso de Basiléia¹², no final do século XIX até meados da década de 1970. Em narrativa marcada pela densa descrição cronológica dos eventos, o autor conta situações em que Israel conseguiu se sobressair, com a ajuda de aliados ocidentais, nos conflitos contra os árabes pelo território da Palestina, destacando-se as guerras de 1948, 1956, 1967 e 1973¹³. Importante lembrar que o trabalho de Jorge foi escrito e publicado no mesmo período em que a Organização pela Libertação da Palestina (OLP) e Yasser Arafat passaram a dialogar diplomaticamente com as Nações Unidas, período no qual o maior grupo representativo da Palestina deixa para trás a violência e o terrorismo como ferramentas políticas.

Também escrito na década de 1970, o livro *A questão da Palestina*, de Edward Said (2012) expõe o direito de autodeterminação do povo palestino. Escrito na esteira do Acordo de Camp David, de 1978, período em que Israel e Egito concordaram em realizar um acordo de paz entre as duas nações e a criação de um Estado palestino. Nesse acordo, as duas nações haviam ignorado a participação da OLP como representante legítima do povo palestino nas negociações. Em razão disso, a discussão acerca da representatividade palestina passou a veicular não só no Oriente Médio, mas também no Ocidente. Dessa forma, o livro de Said (2012) pode ser entendido como uma narrativa de defesa da representatividade de Yasser Arafat e da OLP nos assuntos internacionais, cabendo a eles, e não ao Egito e Israel, escolher o futuro

¹² O Congresso da Basiléia ocorreu em 29 de agosto de 1897 quando, Theodor Herzl convidou a comunidade judaica para a instituição de uma nação para o povo judeu, marcando assim o início do sionismo (GATTAZ, 2003, p.22).

¹³ Respectivamente, as datas se referem à Guerra da Independência, ou *Nakbah* (1948), Crise de Suez (1956), Guerra dos Seis Dias (1967) e Guerra do Yom Kippur (1973).

dos árabes palestinos.

Em relação aos árabes, especialmente os muçulmanos, e o Oriente Médio, o historiador britânico Albert Hourani (2005) disserta sobre vários intelectuais árabes, em sua maioria egípcios, libaneses, sírios e turcos, durante a onda modernizadora do Ocidente no final do século XIX, conciliando as diretrizes do Islã com os pressupostos racionalistas advindos com o Iluminismo europeu. A obra de Hourani colabora na compreensão acerca do surgimento de Estados Nacionais emergentes após o fim da Primeira Guerra Mundial e o do colapso do poderio turco no Oriente. Apesar de Hourani não discorrer diretamente a respeito do conflito entre Israel e Palestina, seu trabalho é fundamental para a inteligência da Palestina histórica e a formação dos movimentos nacionalistas em detrimento do colapso do Império Turco Otomano. Além disso, dentro desse escopo, Hourani discute sobre a Grande Síria do rei Faisal I que visava, por meio de um movimento nacionalista árabe, unir Síria, Líbano e Palestina em um único território durante o Mandato Britânico na Palestina (1922-1947), situação que foi fortemente recusada pelos judeus sionistas.

Após o 11 de setembro de 2001 surgiram novos trabalhos que trouxeram em seu repertório questões referentes ao fundamentalismo e ao terrorismo no Islã. Dentre eles, Bernard Lewis (2004) que tem como fio condutor de sua análise a ascensão dos grupos terroristas advindos do Oriente Médio. Em uma pesquisa de longa duração, Lewis explora o início da religião maometana, perpassando pelo período das Cruzadas e pelo Imperialismo europeu no século XIX até chegar aos movimentos radicais muçulmanos, como o wahhabismo¹⁴ na Arábia Saudita do século XIX. Lewis ainda disserta sobre as origens do fundamentalismo e seu vínculo com o islamismo e a *jihad*. Além disso, o autor encadeia os *fedayeen* (denominação para guerrilheiros palestinos) como pertencentes à antiga prática de assassinatos políticos durante os primeiros califados islâmicos no século VI. Por conta disso, o autor fornece elementos para a compreensão dos primeiros grupos fundamentalistas islâmicos, como também propicia o conhecimento referente às práticas empregadas pelos movimentos radicais muçulmanos, observando pontos de ruptura e continuidade com o exemplo palestino.

Diacronicamente, André Castanheira Gattaz (2003) pesquisa o conflito na Palestina desde o surgimento do sionismo na Basiléia, século XIX, até o início da Segunda Intifada na

¹⁴ Movimento reformador islâmico, liderado pelo teólogo árabe Muhammad ibn' Abd al-Wahha (1703-1792) que lançou uma campanha de purificação e renovação no Islã. Seu objetivo consistia na retomada ao puro e ao autêntico Islã, removendo e destruindo todos os acréscimos posteriores a Maomé (LEWIS, 2004, p. 116).

Palestina (2000). Munindo-se de documentos oficiais, como a Declaração Balfour¹⁵ e as Resoluções das Nações Unidas, Gattaz apresenta reflexões no tocante ao surgimento do sionismo na Europa do século XIX, a Guerra de 1948 (ocasionada pela partilha de terras da ONU em 1947), e os problemas iniciais enfrentados pelos expatriados palestinos nos campos de refugiados na Faixa de Gaza. Além disso, o livro discute outros conflitos envolvendo israelenses e palestinos, nomeadamente a Crise de Suez, de 1956, a Guerra dos Seis Dias, em 1967 e a Guerra do Yom Kippur, de 1973, esta última levou a crise do petróleo no Ocidente. As análises de Gattaz (2003) corroboram para a percepção referente à atuação da população local palestina nos eventos que marcaram a luta contra o Estado de Israel nos últimos anos do século XX e início do XXI, por exemplo, a Primeira Intifada de 1987 e a Segunda Intifada em 2000. Sendo assim, vale destacar que o trabalho de Gattaz fornece um importante escopo histórico sobre o conflito entre Israel e Palestina, favorecendo a compreensão de diálogos e discussões ocorridas entre líderes de Estados e nas Assembleias Gerais das Nações Unidas.

Após a vitória do Hamas nas eleições de 2006, surgiram estudos pontuais e investigativos em relação ao papel do grupo fundamentalista na política palestina e o liame conflituoso com o Estado de Israel. Diante da intensificação da atividade política e social do Hamas na condição de movimento representativo na Palestina, principalmente entre as camadas populares, Mark Muhannad Ayyash (2010) postula que o ciclo de violência entre árabes e judeus correspondem a uma metáfora dialógica bélica entre Hamas e as Forças de Defesa de Israel (FDI), sendo que, o primeiro, por meio de uma visão espiritual de mundo, cuja purificação deve ser estabelecida, encontra nas missões suicidas contra os judeus o elemento purificador da alma. Em resposta, Israel dedica-se ao aperfeiçoamento de suas fortificações e investe belicamente contra a infraestrutura das cidades palestinas no intuito de intimidar o grupo fundamentalista. Dessa forma, na perspectiva de Ayyash, os ataques suicidas e a destruição da infraestrutura palestina constituem respostas a um diálogo metafórico entre israelenses e palestinos. Diante dessa análise, o autor fornece ferramentas para o entendimento das motivações que impulsionaram o ciclo de agressividade entre judeus e muçulmanos, especialmente no período relacionado à escalada de violência na região, ocorrido entre o final do século XX e os anos iniciais do século XXI.

Em outro trabalho pontual, Wael J. Haboub (2012) argumenta sobre o avanço político e social do Hamas na Palestina após a Primeira Intifada, de 1987. Haboub averigua a

¹⁵ Em 2 de novembro de 1917, o então ministro britânico das Relações Exteriores, Arthur Balfour, assinou a carta em que dizia que o Reino Unido, na época uma grande potência, via favoravelmente o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu (JORGE, 1975, p.29-30).

possibilidade de o Hamas ser, além de uma congregação radical e extremista, um grupo político de visão centrista com tendências reformadoras. A partir de análises estatísticas e de entrevistas com palestinos, o professor de Ciências Políticas forneceu fatos e dados correlatos às eleições do Parlamento Palestino de 2006 que, entre outras coisas, apresentaram a postura moderada do Hamas durante sua campanha eleitoral. Haboub defende que o grupo fundamentalista não tinha intenção de tomar o poder por meio de golpe de Estado – Estado este que estava nas mãos do Fatah e da OLP, mas participar de maneira democrática no pleito eleitoral, demonstrando, assim, a moderação política do grupo islâmico. No entanto, apesar da erudição do autor em apresentar seus argumentos, sua atenção fica circunscrita ao universo palestino, deixando de lado todos os elementos externos relevantes ao pleito de 2006, tais como as acusações de cooptação por parte da AP ou em relação à assistência financeira estadunidense para o partido Fatah, maior concorrente do Hamas nas eleições daquele ano.

Em relação à escolha das fontes de pesquisa, elegemos a edição britânica de *Footnotes in Gaza*, publicado em 2009 pela editora Jonathan Cape, do grupo editorial Penguin Random House, decidimos usar a referida edição por se tratar de uma versão publicada em língua inglesa, a qual se aproxima do idioma nativo do autor, dispensando assim a versão traduzida para o português, uma vez que, no caso de sua utilização, poderia, ocasionalmente, apresentar discrepâncias e ruídos decorrentes do processo de tradução. Ademais, a questão norteadora da nossa pesquisa, expressa na hipótese acima explicitada, exige, antes de tudo, a compreensão dos elementos e móveis da elaboração, difusão e consumo de *FinG* no âmbito dos EUA, por ser o país que mais mobilizou o mundo contra o Oriente Médio e que, de resto, influiria, relativamente, no continuado conflito entre Israel e Palestina. Esta direção não dispensa, conforme necessidades do eixo narrativo-argumentativo-explicativo, o enfoque, vez ou outra, de dados e informações sobre a difusão e recepção de *FinG* em outros países, como a própria Grã-Bretanha, em que se deu a sua primeira edição e, mesmo no Brasil, cujo mercado de HQ já tinha aberto espaço às publicações anteriores das obras de Sacco, abarcando leitores de tal tipo de publicação e um nicho de fãs das obras do quadrinista-jornalista.

A edição de Jonathan Cape, de 2009, está dividida em quatro partes distintas, sendo três capítulos e um apêndice. Na primeira delas, intitulada *Khan Younis*, o quadrinista-jornalista apresenta os eventos marcantes ocorridos no dia 3 de novembro de 1956, quando, conforme relato de suas testemunhas, os soldados israelenses cometeram os primeiros ataques à Faixa de Gaza durante a Crise de Suez. Em seguida, nominada de *Feast*, a segunda e mais curta passagem de *FinG* trata das relações construídas pelo autor com os demais palestinos que conheceu e se relacionou durante sua viagem aos territórios ocupados em 2002 e 2003. Neste recorte de *FinG*,

além de não divagar sobre os acontecimentos de 1956, Sacco dá atenção em demasia para a celebração do *Eid-al-Adha*, festa do sacrifício muçulmano, cerimônia realizada para sacrificar um animal e dividir sua carne entre os fiéis, marcando o fim da peregrinação dos muçulmanos à Meca.

Em *Rafah*, terceira etapa do JHQ, Sacco apresenta os relatos de testemunhas oculares do massacre à aldeia de Rafah em 1956. Devido à grande quantidade de relatos de palestinos que foram reproduzidos pelo quadrinista-jornalista, esta tornou-se a mais extensa parte da obra. Por fim, e não menos importante, o último fragmento do JHQ, composto por dois apêndices, constitui a única parte não ilustrada de *FinG*. No primeiro apêndice, Sacco reúne os documentos cotejados nos acervos da ONU que desempenharam a função de fontes históricas para sua narrativa acerca dos massacres de 1956. Por sua vez, o segundo apêndice corresponde a algumas entrevistas coletadas em maio de 2003, durante as demolições residenciais perpetradas pelo governo israelense na Faixa de Gaza.

Buscando compreender e entender os meandros relacionados ao processo de produção de *FinG*, no caso, o período entre 2005 e 2009, quando o quadrinista-jornalista roteirizou e ilustrou sua obra, mapeamos outras fontes que corroboram com o entendimento dos acontecimentos que permearam o cotidiano de Sacco durante a confecção de *FinG*. Dentre as fontes cotejadas podemos citar os acervos digitais dos periódicos estadunidenses *The New York Times* e *Washington Post*, pois ambos foram selecionados por conta da ampla veiculação e circulação de suas matérias, não só nos EUA como também nos outros países do Ocidente. Além disso, para complementar a elaboração do quadro histórico de fatos que circundavam Sacco durante a produção de *FinG*, buscamos nos repositórios documentais de órgãos e agências internacionais informações que pudessem, de certa forma, preencher as brechas discursivas presentes tanto nas representações pró-palestina elaboradas por Sacco como pelo discurso divulgado pelos periódicos estadunidenses em relação ao conflito na Palestina.

Como referencial metodológico, as análises do suporte seguem as diretrizes propostas por Waldomiro Vergueiro (2004) que contribuiu nesta pesquisa para a diferenciação e percepção dos elementos verbais e não verbais que constituem as narrativas da arte sequencial. Dentre os elementos relacionados à linguagem visual das HQ's, Vergueiro conceitua, discorre e exemplifica o papel da vinheta na narrativa gráfica; também identifica a diversidade de enquadramentos empregues por criadores de HQ's, diferenciando-as em categorias distintas; explicita as modalidades de produção e editoração que se fazem presentes nas páginas dos quadrinhos, por exemplo, a função do recurso *splash page* e, por fim, apresenta os componentes presentes na produção e no desenvolvimento de personagens. O conjunto desses elementos

expostos e abordados por Vergueiro corroboram com o entendimento dos componentes gráficos-narrativos específicos da linguagem dos quadrinhos, fornecendo ferramentas para identificação de indícios e vestígios gráfico-narrativos presentes na mensagem imagética representada por Sacco em *FinG*.

Da mesma forma, o trabalho de Roberto Elísio dos Santos (2004) contribui para a decodificação das peculiaridades discursivas presentes na linguagem das HQ's. Por meio da análise dos elementos verbais e não verbais presentes nos quadrinhos, o trabalho de Santos nos permitiu entender os elementos constitutivos da linguagem própria estabelecida pelos produtores de quadrinhos – tais como a constituição da vinheta e do requadro, a diversidade de balões comunicacionais e suas respectivas funcionalidades, como o papel da onomatopeia para a narrativa da HQ, e assim, decodificar as relações estabelecidas entre obra e o leitor. Complementando e adicionando novos motes à pesquisa, as obras de Will Eisner (2010; 2013) favorecem a compreensão dos aspectos fundantes das narrativas gráficas. Como produtor de HQ's, os trabalhos de Eisner elucidarão questões relacionadas à linguagem, aos dispositivos de comunicação imagético, à temporalidade expressa nas narrativas gráficas e aos enquadramentos de personagens.

O historiador Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2002) também apresenta uma pesquisa relevante para a construção da tese. Primeiramente, é importante ressaltar que será levado em consideração o fato de Ulpiano ter proposto em seu trabalho métodos e subsídios concernentes à análise imagética e analítica das fontes fotográficas. Por conta disso, no decorrer da pesquisa, tentaremos adaptar seus pressupostos e ensinamentos à análise imagética da arte sequencial. Sobre a proposta de análise imagética de Ulpiano (2002) temos a seguinte afirmação:

É imperioso, portanto, passar das camadas referidas e genéricas para os patamares específicos e diferenciados da História. O melhor caminho para tanto, praticamente, é materializar o documento, considerá-lo também como um objeto material e não só como um abstrato emissor semiótico. O problema agudo que se coloca, então, é a constituição de um corpo mínimo de informações controladas, que permitam estudar a foto em causa como objeto material, nas diversas formas e situações de uso e apropriação (MENESES, 2012, p. 144).

Por conta disso, realizamos aquilo que Meneses denominou de “a materialização da imagem como objeto”, ou seja, investigá-la além dos símbolos e significados que a compõem e, assim, torná-la coisa integrante das relações sociais e das práticas materiais. Dessa forma, *FinG* será inserido em um ciclo de análise que, sobretudo, leva em consideração a produção, a circulação, o consumo e a ação da imagem (MENESES, 2012).

Além disso, vale ressaltar que, como aponta Meneses, o potencial de análise de cada componente imagético pode apresentar consideráveis variações sobre o seu processo de análise, por isso, não será possível definir *a priori* uma estratégia-padrão. A partir disso, considerando o potencial analítico do JHQ enquanto fonte e objeto de pesquisa, para cada tela recortada e selecionada para análise, procuramos investigar as possíveis relações entre as ilustrações e os vários episódios e seus desdobramentos que, durante o processo de produção, se desenrolavam no Oriente Médio. Expediente facilitado, em parte, dado que o quadrinista deixou demarcado mês e ano de produção na maioria do conjunto de ilustrações. Em outras palavras, temos nos pautado pelo intuito de buscar indícios que, por intermédio de citações ou elementos desenhados pelo autor pudessem fornecer informações e dados a correlacionar as diversas temporalidades presentes em *FinG*, no caso, os dois massacres palestinos de 1956, tema central da narrativa do JHQ, a destruição das casas palestinas em 2003, quando Sacco visitou à Faixa de Gaza e, por fim, os eventos concomitantes ao conflito entre Israel e Palestina desdobrados entre 2005 e 2009, período da produção de *FinG*.

Após esse exercício, já constituído corpo mínimo de informações controladas - aos moldes da orientação de Meneses (2012) -, mediante acervos de periódicos e da ONU, verificamos prováveis correlações como acima especificadas. A perquisição em acervos digitais foi realizada mediante filtros de datas e palavras-chave, tais como “Hamás”, “Palestina”, “Israel”, “Plano de Desengajamento”, “Eleições parlamentares” ou, de acordo com elementos obtidos na descrição primária e detalhada das imagens, variando de acordo com cada situação representada pelo quadrinista-jornalista.

Por fim, em relação à estrutura da tese, partiremos de uma análise dos elementos externos que compõem *FinG*, neste caso, os trabalhos antecessores que, direta ou indiretamente, influenciaram sua produção e, em seguida, abordaremos os componentes internos de seu discurso narrativo/imagético. Por conta disso, o primeiro capítulo da tese tem por objetivo historicizar os processos, estruturas e dinâmicas da produção, circulação, difusão e consumo das HQ's, buscando entender e compreender os elementos que caracterizam o gênero do JHQ em relação aos demais gêneros de HQ. Sobre o desenvolvimento das HQ's, tendo como ponto de partida a mudança das *comic book* (revistas do gênero de superaventuras impressas no modelo de fascículo grampeado), perpassando pelo movimento *underground* em direção ao desenvolvimento das *graphic novels* (revistas com arcos de história fechados e, na sua maioria, destinada para o público adulto).

Em seguida, serão abordados os primeiros trabalhos de JHQ produzidos entre o final da década de 1980. Pontuamos os problemas técnicos que permeavam as primeiras

produções de JHQ, e, como roteiristas e ilustradores produziram uma linguagem específica com o intuito de legitimar a narrativa do JHQ, ao mesmo tempo que tentavam diferenciá-la dos relatos de curiosidade ou simplesmente das descrições de reportagens. Destacamos *Brought to light* de 1989, produção que reunia roteiristas de quadrinhos como Alan Moore e a jornalista Joyce Brabner. O trabalho de Joe Kubert em *Fax from Sarajevo* (1996), cujo enredo descreve o relato de sobrevivência de Ervin Rustemagic durante o conflito na Bósnia e o JHQ *Notas de um tempo silenciado*, do brasileiro Rodrigo Vilalba. Por fim, trouxemos à luz da discussão a produção precedente de Joe Sacco à *Footnotes in Gaza*, buscando observar elementos de permanência e mudanças em seu discurso gráfico/narrativo.

Adiante, o objetivo do segundo capítulo consiste em compreender elementos e móveis relativos ao processo de elaboração, divulgação e, quando possível, de recepção de *FinG*. Por conta disso, a primeira parte do capítulo consiste na exposição dos elementos materiais e editoriais do JHQ. Por exemplo, observamos os possíveis motivos que levaram a publicação de *FinG* na Inglaterra ao invés de, como havia ocorrido nos trabalhos predecessores de Sacco, serem publicados nos Estados Unidos. Em seguida, observamos notícias e *reviews* que tinham como foco tecer comentários sobre o conteúdo narrativo de *FinG* no tocante ao período de sua publicação em dezembro de 2009. Ao mesmo tempo, analisamos os comentários em *blogs* e *fóruns* especializados em literatura com o intuito de cotejar a opinião desses leitores e fãs com as análises expedidas por grandes veículos de informações. Por fim, na segunda parte do capítulo, investigamos o contexto social, político e cultural referente ao processo de produção do trabalho de Sacco. A título de exemplo, observamos indícios correlacionados às críticas ao jornalismo estadunidense tecidas pelo autor, os desdobramentos do 11 de setembro em relação à escalada de violência na Palestina ocorrida após os fracassos do Acordo de Oslo de 1993 e Camp David de 2000.

No terceiro capítulo passamos a escrutinar de fato as páginas de *FinG*. Cotejando as representações midiáticas a respeito do projeto israelense de retirada dos colonos judeus da Faixa de Gaza (Plano de Desengajamento de 2005) as ilustrações de Sacco referentes ao período entre maio e agosto de 2005, período este que coincide com a visita do então Primeiro-Ministro de Israel, Ariel Sharon, aos Estados Unidos para o anúncio de seu projeto aos judeus americanos até a execução da retirada dos colonos israelenses pelas Forças de Defesa de Israel dos assentamentos na Faixa de Gaza. Defendendo a ideia de que Sacco representou esses eventos de forma implícita em sua obra, visto que o seu foco narrativo reside na remontagem dos eventos de 1956 e 2003, destacamos alguns trechos que, direta ou indiretamente, apontam os indícios que elucidam os eventos ocorridos em 2005. Entre os trechos recortados, salientamos

o fragmento de *FinG* em que Sacco faz extensa apresentação da Faixa de Gaza e seus problemas socioeconômicos e o apontamento de eventos históricos, como a *Nakbah* de 1948 e a Guerra dos Seis Dias de 1967 para suscitar o início dos campos de refugiados e o agravamento na situação dos expatriados palestinos.

Por fim, no último capítulo da tese, abordamos as ilustrações produzidas por Sacco entre janeiro e abril de 2006, período correspondente ao início da campanha eleitoral para o parlamento na Palestina até as investidas militares e diplomáticas israelenses e estadunidenses para impedir a governabilidade do Hamas. Tal como fizemos no capítulo 3, destacamos que mesmo na ausência de citações diretas às eleições parlamentares na Palestina de 2006, Sacco, de forma implícita, apresentou indícios que referenciavam a disputa partidária entre o Fatah (representante da Sulta) e o Hamas (um dos grupos que lideravam o Comitê de Resistência Popular). Cotejando as ilustrações de Sacco com documentos das Nações Unidas e as várias matérias veiculadas pelos grandes meios de comunicação estadunidense, averiguamos o relacionamento entre os EUA, Israel e Fatah para dificultar a ascensão do Hamas na campanha eleitoral e, em seguida, como o movimento islâmico conquistou a confiança da população mais pobre da Faixa de Gaza, fato esse que contribuiu para sua vitória democrática nas urnas.

1 DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS AO JORNALISMO EM QUADRINHOS DE JOE SACCO

1.1 DAS COMIC BOOK ÀS GRAPHIC NOVELS

Nas páginas que se seguem abordaremos o desenvolvimento das HQ's, especialmente nos Estados Unidos, apontando, sempre que possível, elementos gráficos, estéticos e narrativos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento do gênero JHQ, destacando os eventos ocorridos entre a década de 1960 e início do século XXI, pois no decorrer da década de 1960, os quadrinhos convencionais, também conhecidos como *comic books*, tornaram-se desinteressantes aos olhos de muitos leitores. Dois fatores foram primordiais para que as HQ's perdessem espaço entre seus leitores, quais sejam: a imposição do *Comic Code*¹⁶ e a crescente popularização do aparelho televisor nos Estados Unidos. O *Comic Code*, como ficou conhecido, seguia o modelo de restrições do Código Hays¹⁷, este último prezava pela limpeza moral e ética nos filmes de Hollywood. Diante disso, da mesma forma que o cinema passou por um processo de censura prévia com a imposição do Código Hays, o *Comic Code* passou a restringir as representações de cenas de crimes e atos violentos nas páginas das HQ's. Perante tais circunstâncias, o impacto inicial do *Comic Code* foi devastador para a indústria dos quadrinhos.

Mesmo com a reestruturação por parte de algumas editoras, como no caso da *Marvel Comics*, que resultou em uma nova leva de super-heróis com a direção de Stan Lee, o aparelho televisor continuava a entrar na casa dos estadunidenses, mostrando-se um forte concorrente dos quadrinhos pela atenção das crianças e dos jovens. A competição contra a televisão torna-se cada vez mais difícil, pois debilitava ainda mais a já desestruturada indústria dos quadrinhos. Conforme Santiago Garcia (2012, p. 156), o número de televisores nas residências estadunidenses passou de 0,5% em 1946 para cerca de 90% em 1962, embora nos

¹⁶ Em outono de 1954, após as críticas do psiquiatra Fredric Wertham sobre a nocividade das histórias em quadrinhos para a juventude, foi formada a *Comics Magazine Association of America*, que tinha como um dos seus principais objetivos redigir um código de autocensura, que seria seguido estritamente por todos os seus membros. O *Comic Code*, como ficou conhecido, seguia o modelo do Código Hays que velava pela limpeza dos filmes de Hollywood. Dessa maneira, o *Code* tinha como objetivo impor restrições não somente às representações de crimes e atos violentos contidos nas páginas dos quadrinhos, mas também em controlar o tom como as histórias eram contadas. O resultado foi devastador para a indústria dos quadrinhos. Enquanto em 1954 havia sido registrada a publicação de 650 títulos, em 1955, primeiro ano de imposição do *Code*, foram publicados 300 títulos. (GARCIA, 2012)

¹⁷ Segundo Hirano (2015), o Código Hays foi instituído em 1934. Uma de suas maiores preocupações pautava-se no rigoroso controle pedagógico de raça, gênero e sexualidade. Além disso, proibia que os produtores de filmes fizessem quaisquer representações relacionadas à miscigenação. (HIRANO, 2015, p.142).

Estados Unidos, no decorrer da década de 1930, fosse crescente o número de emissoras de televisão experimentais e, em meados de 1939, fosse lançada a primeira emissora televisiva comercial do mundo que passou a funcionar com emissões regulares, a *National Broadcasting Corporation* (NBC), a expansão do meio, em termos de transmissões, produção de conteúdo e consumo, só se daria a partir do pós-Segunda Guerra (BUSERO, 2020, p. 108). Esse crescimento expoente do aparelho televisor entre os estadunidenses ameaçou não somente os produtores de HQ's como também outros meios de comunicação, por exemplo, o cinema:

Uma audiência realmente de massa começava a crescer explosivamente a cada semana, enquanto o público de cinema diminuía. Hollywood pôde afirmar que 'os filmes estão melhores do que nunca', mas em 1953 o presidente Eisenhower, que nunca poderia ser chamado de populista, escreveu em seu diário o seguinte: "Se um cidadão vai se entediar ao máximo, é mais barato e mais confortável ficar em casa e ver televisão do que sair e pagar um dólar por um ingresso". A ida média semanal ao cinema caiu de 90 milhões em 1948 para 47 milhões em 1956. (BRIGGS; BURKE, 2016, p. 271)

Diante do expansivo interesse dos estadunidenses pela nova tecnologia, Briggs e Burke (2016), defendem a ideia de que a saída encontrada pelos produtores cinematográficos havia sido a venda direta de filmes para empresas de televisão. Enquanto isso, o mercado dos quadrinhos observava de perto o fechamento de editoras e a demissão em massa de jovens artistas que, devido à fácil acessibilidade para a compra do aparelho televisor, não encontravam caminho para seguir na profissão de roteirista ou ilustrador de HQ's.

A partir de tais obstáculos, alguns jovens artistas conceberam seus próprios espaços heterodoxos para produção de HQ's. Emergiu no ano de 1965 a tendência entre esses jovens artistas independentes, intitulado movimento *underground*. Entre outras coisas, o *underground* se valia do seu distanciamento estético e narrativo do *Comic Code*. Enquanto a linha tradicional de *comic books* vivenciava as autoimposições regulamentadoras do código e a competição com as novas mídias culturais, como o aparelho televisor, os novos artistas procuravam manifestar seu sentimento de revolta às condições culturais e artística do seu tempo:

Nos anos 1960, os quadrinhos de todo o mundo responderam às mudanças demográficas e à revolta cultural, acompanhando seus leitores adultos e uma nova geração de criadores. No final da década, se ainda não totalmente aceita, já se admitia a ideia de que os quadrinhos poderiam ser um importante meio de comunicação, até mesmo uma forma de arte. (MAZUR; DANNER, 2014, p. 14)

Sendo assim, tais artistas passaram a compor narrativas que pudessem de alguma forma acompanhar o público adulto que, no passado recente, havia consumido as aventuras publicadas nos *comic books* e/ou os desenhos animados. Distantes das publicações de histórias

de aventuras e de super-heróis, comuns aos *comic books* da época, esses artistas elaboravam seus roteiros e suas ilustrações mediante tanto as influências do passado como também as tendências culturais do presente. Dentre os maiores elementos influenciadores do passado estava o retorno ao estilo “pé-grande” ou “*bigfoot*”, muito característico dos desenhos das décadas de 1920 e 1930, e o humor sombrio e transgressor que havia sido marca da editora *EC Comics*, inerente das décadas de 1940 e 1950 (MAZUR; DANNER, 2014, p. 27). A apropriação desses elementos do passado se deu possivelmente pelo contato que esses artistas e ilustradores tiveram com os desenhos animados, em especial aqueles produzidos pelos estúdios Disney, quando ainda eram crianças e adolescentes.

Entre os precursores do movimento está o artista gráfico e ilustrador Robert Crumb. Embasado na cultura hippie e no movimento contracultural estadunidense, Crumb escrevia histórias que traziam em seu cerne temas como a violência, o sexo e as drogas, temas esses distantes das narrativas contidas nos tradicionais *comic books*. Sobre o pioneirismo de Crumb no movimento *underground*, Garcia salienta que:

A novidade que Crumb trazia eram os temas da geração hippie, o espírito do momento encarnado por seu personagem Mr. Natural, um sarcástico guru que se converteria rapidamente em ícone. Além disso, havia uma liberdade criativa que surpreendia ao contrastar com a velha tradição do desenho e com a narrativa dos quadrinhos de toda a vida, que corria pelas veias de Crumb de forma natural desde a infância. A grande escola de Crumb foi *Mad*, com Harvey Kurtzman e seu sócio Will Elder na liderança, mas também os *funny animals* infantis, entre eles as histórias de Pato Donald de Carl Barks ou o Popeye de E. C. Segar, do qual tomou seu popular estilo de “pés grandes”. (GARCIA, 2012, p. 164)

Talvez o maior diferencial proporcionado por Crumb tenha sido a exploração de temas até então considerados tabus sociais, a título de exemplo, o uso de substâncias entorpecentes e a sexualidade explícita. A inserção de fundamentos como a nudez, a violência extremada, a política radical e o humor ácido e irreverente, possivelmente, tenham sido reflexo do olhar espontâneo e áspero, não só de Crumb, mas também dos novos artistas que compunham o movimento *underground* em detrimento das mudanças sociais e culturais manifestadas na década de 1960, especialmente nos Estados Unidos. Apesar de não existir um manifesto artístico ou documento que institucionalize o grupo, uma das diretrizes do movimento consistia em rejeitar tudo aquilo considerado como belo, sofisticado e elegante. Essa rejeição fazia com que eles aceitassem a “feitura intencional”, os riscos sombreados e as

linhas tortas e irregulares das vinhetas.¹⁸ (MAZUR; DANNER, 2014, p. 28)

Na **figura 1** podemos observar alguns desses elementos que marcaram o movimento *underground*. Nesta ilustração de 1975, Crumb se desenha de cócoras nas nádegas de uma mulher que está deitada de bruços. O desenho possui várias ranhuras no sombreamento, contrastando à técnica de *ligne claire* (linha clara) da Escola de Bruxelas, que havia formado artistas como Hergé, criador de TinTin. Na técnica de *ligne claire*, as linhas possuem a mesma espessura em tom invariável para manter bem definidos os contornos, uso de cores fortes e evita-se ao máximo o uso de sombreamento tracejado (DANNER; MAZUR, 2014). Além da diferenciação técnica, o tom satírico e o humor ácido permeavam a narrativa gráfica dos artistas *underground*, diferenciando-os, ainda mais, dos artistas produtores de *comic books*, considerado leitura infantil pelos artistas do *underground*.

Na referida ilustração, Crumb escreve estar sentado no “Trono da Sabedoria”, o topo do mundo, considerado por ele como local de inspiração: “[...] sobre uma criatura pulsante e poderosa, o mais evoluído dos organismos animais!”. Na imagem, além de tratar a mulher como uma “criatura pulsante e poderosa”, o desenhista ainda salienta que a mulher “[...] sem rosto prostrada aqui... em que ela está pensando...? ... depende do ponto de vista... é provável que algumas odeiem essa posição, enquanto outras adoram... obviamente, fico perto das que gostam!... e tenho dito!” (CRUMB, 2010, p. 34). Como se vê, os elementos gráficos e narrativos que compõem essa ilustração fornecem pistas de um estilo carregado de sombreamento, contrário ao estilo *ligne claire*, e de componentes temáticos de uma arte voltada para o público adulto, especialmente o masculino. No entanto, mesmo sendo um movimento formado, em sua maioria, por homens que compunham suas narrativas impregnadas de elementos de fetichização sobre o sexo feminino, não impediu que mulheres buscassem o seu lugar no movimento:

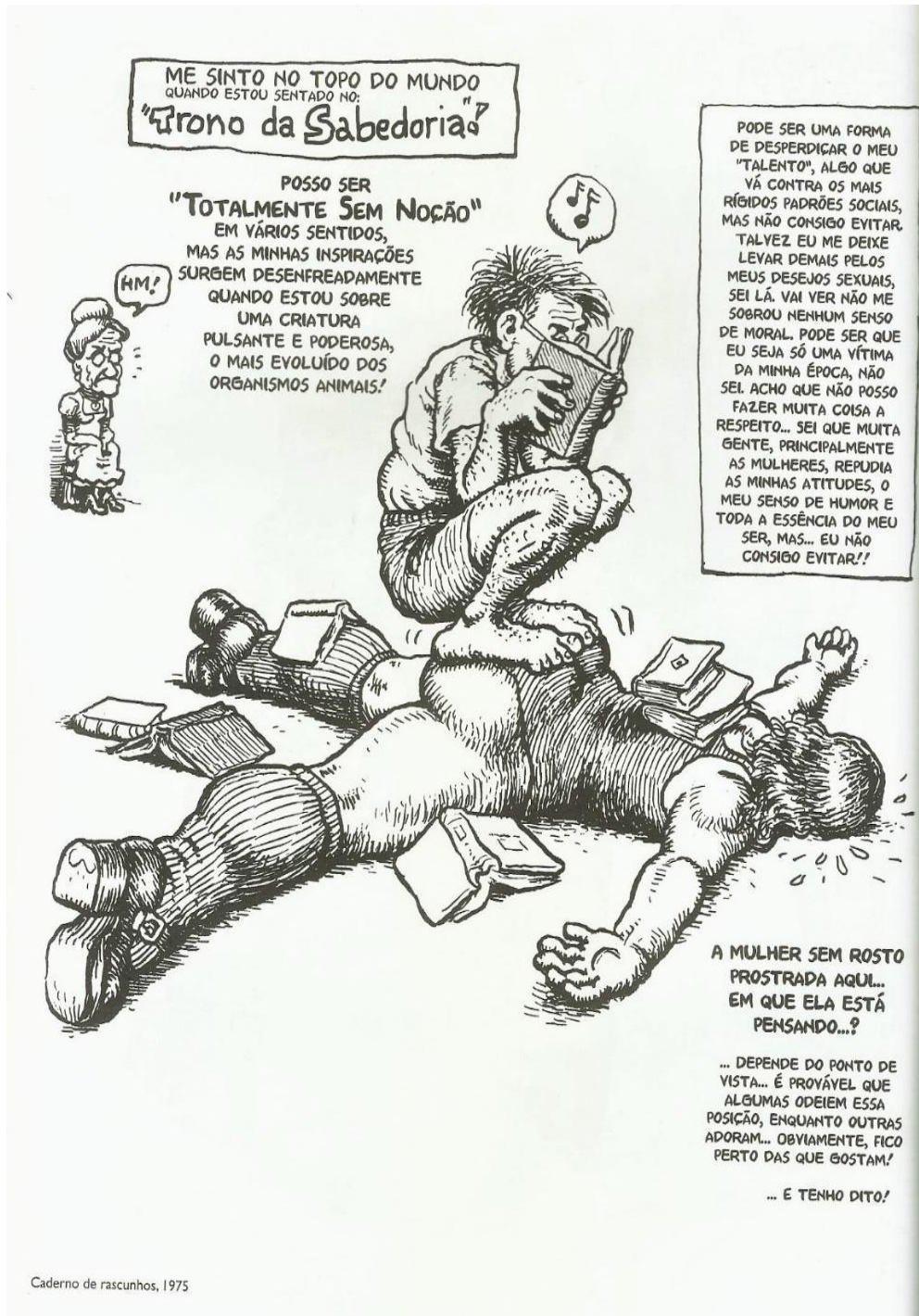
[...] Trina (Trina Robbins), como muitas outras que queriam aderir ao movimento, deparou com um ‘Clube do Bolinha’ que se opôs ao seu conteúdo sexista. Em 1972, ela e várias outras artistas, incluindo Lee Marrs, Sharon Rudahl, Pat Moodian, Aline Kominsky, entre outras, aventuraram-se numa editora coletiva, a *Wimmen’s Comix Collective*, que publicou sua própria antologia. (MAZUR; DANNER, 2014, p. 33)

As histórias produzidas por Trina Robbins e outras artistas mulheres consistiam em uma resposta direta às fantasias eróticas produzidas pelos artistas masculinos. Elas produziam narrativas que representassem o corpo feminino totalmente exposto, sem censura, dialogando

¹⁸ O quadrinho ou vinheta constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento (VERGUEIRO, 2004, [s.p]).

sobre temas do universo feminino, tais como: a tentativa de produzir um absorvente perfeito (*The Menses in the Massage* da desenhista/roteirista Farmer, publicado em 1972) e em aventuras sexuais em que as mulheres estão em posição de dominação sobre os homens (MAZUR; DANNER, 2014).

Figura 1: Robert Crumb no ponto mais alto do mundo: o “Trono da Sabedoria”



Fonte: CRUMB, 2010, p. 34.

Além de inovar com um estilo gráfico mais “sujo” em comparação ao estilo gráfico *ligne claire* e a rebeldia transgressora de suas histórias, o movimento *underground* proporcionou mudanças na maneira como se publicavam e distribuíam quadrinhos nos Estados Unidos. Como esses artistas publicavam seus trabalhos fora do *mainstream* (principal mercado comercial de quadrinhos) e não se baseavam no selo de certificação do *Comic Code* para produção ou distribuição, as revistas *underground* eram distribuídas em lojas especializadas na venda de entorpecentes, conhecidas nos Estados Unidos das décadas de 1960 e 1970 como *head-shops*. Diferente do que acontecia com as revistas *mainstream* que eram enviadas às bancas e, caso não houvesse procura, eram devolvidas às editoras, gerando assim prejuízo por edição não vendida, as revistas *underground* ficavam expostas por tempo indeterminado, possibilitando que seus produtores não se preocupassem com os exemplares não vendidos de imediato.

Esse modelo de distribuição, iniciado com o movimento *underground*, contribuiu tanto para o impulsionamento das revistas para um público leitor diferente daquele que era consumido pelos leitores de revistas *mainstream* como também diminuiu os riscos de prejuízo na produção e distribuição das HQ's, modelo esse que afetou diretamente roteiristas e ilustradores das grandes editoras de quadrinhos que ainda assimilavam as mudanças trazidas pelo modelo *underground* de produção e distribuição:

A indústria dos quadrinhos comerciais, cada vez mais polarizada em duas editoras de super-heróis – a enorme e veterana DC do Superman e a muito menor, mas pujante *Marvel* do Homem Aranha – reagiu com extrema lentidão às mudanças que a sociedade estava vivendo, especialmente o setor juvenil, que consistia em seu principal público. Além da anedótica presença de personagens que refletiam a estética e as gírias hippies – desde a óbvia falta de conhecimento em primeira mão que se poderia esperar de roteiristas e desenhistas mais velhos -, não houve nenhuma mostra de abertura nos processos criativos, produtivos e de distribuição das grandes editoras durante toda a década de 1960. Alguns profissionais, no entanto, começaram a sentir a necessidade de se expressar de forma mais pessoal e, notando a atividade dos autores *underground*, decidiram se lançar em iniciativas de auto edição fora das grandes editoras. (GARCIA, 2012, p. 177)

Apesar da influência do *underground* ter alcançado artistas das grandes editoras, os elementos basilares de sua arte passaram, na década de 1970, a constituir um problema para roteiristas e ilustradores do movimento. Se por um lado a liberdade criativa havia sido um dos grandes trunfos trazidos com o surgimento do movimento, por outro, essa mesma liberdade possivelmente levou o estilo ao seu fim. Em 1973 o caso jurídico envolvendo *Miller versus*

Califórnia¹⁹ alterou abruptamente a venda e distribuição dos quadrinhos *underground* nos Estados Unidos (MAZUR; DANNER, 2014, p. 40). Como as narrativas do movimento estavam permeadas de conteúdo com conotação sexual, as revistas então se enquadravam na nova normalização imposta pela Suprema Corte dos Estados Unidos, ou seja, a restrição de produtos com conteúdo erótico. Além disso, ainda na década de 1970, a política antidrogas estabelecida nos Estados Unidos também pode ter sido um marco importante para esse processo de declínio, pois impunha o fechamento das *head-shops*, ou seja, o principal meio de distribuição das revistas *undergrounds*.

Apesar do movimento ter encontrado seu fim de maneira abrupta, muitas referências e influências foram deixadas para as gerações futuras de artistas e ilustradores. Dentre elas estava a radicalização política e a literatura de protesto, elementos importantes e caros para aqueles que fizeram parte do movimento *underground*. Sendo assim, a transição dos anos 1970 para os anos 1980 pode ser considerada como o período de ruptura e continuidade do estilo *underground* (DANER; MAZUR, 2014). Continuidade no sentido de manter as referências gráficas de seus predecessores, tal como a influência dos quadrinhos de terror da década de 1950 da *EC Comics* e o distanciamento do estilo *ligne claire*. Ruptura no sentido de realizar uma releitura dos temas abordados pelos artistas *underground*, especialmente os temas mais delicados, tais como a naturalidade em abordar questões referentes à sexualidade e ao uso de entorpecentes.

Nesta conjuntura, em 1975 a revista *Arcade, the Comics Revue*, publicada por Art Spiegelman e Bill Griffith, despontou como um dos primeiros esboços da geração de artistas alternativos nos Estados Unidos (MAZUR; DANNER, 2014, p. 54). Caracteristicamente, esses novos artistas haviam sido leitores assíduos de quadrinhos *underground* e já publicavam suas próprias histórias por meio de fanzines²⁰ nas universidades e colégios graças ao advento de tecnologias como a máquina fotocopadora. Na esteira dessas mudanças, a obra *Maus* (1986),

¹⁹ O caso Miller versus Califórnia foi marcado como ponto fundante das leis contra a venda explícita de material obsceno que, entre outras coisas, continha imagens de teor sexual. Em 1973, a editora Marvin Miller, conhecida por editar e publicar conteúdo obsceno, foi processada por enviar anúncios às revistas de quatro livros: “Relações, Homem-Mulher, Orgias Sexuais Ilustradas e Uma história ilustrada da pornografia” e o filme denominado “Relações Conjugais”. O júri condenou Miller sob uma lei da Califórnia que proibia a distribuição de material obsceno. Após ser condenado pelo tribunal de apelação da Califórnia, Miller apelou para a Suprema Corte dos EUA, alegando que seu material não era obsceno. No entanto, a Suprema Corte manteve a decisão do tribunal de apelação e confirmou a condenação de Miller. (OYEZ, 2019)

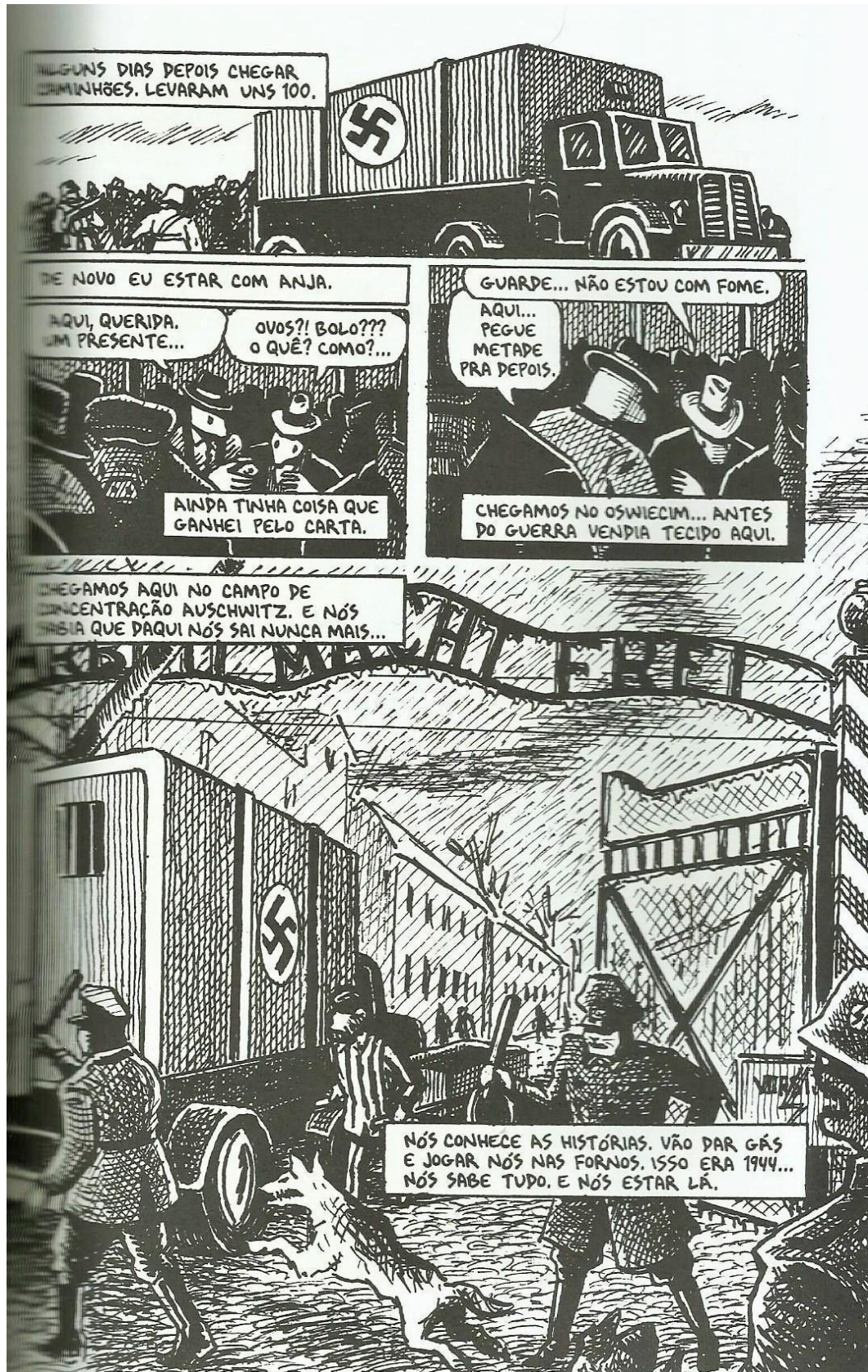
²⁰ Fanzines são uma modalidade de publicação alternativa, produzida de maneira independente por fãs de um determinado assunto ou tema e têm como leitores principais outros fãs. Existem dois tipos mais conhecidos de fanzines, os zines impressos, geralmente em papel sulfite, e os e-zines publicados em meios eletrônicos (ASSUMPCÃO; PINA; SOUZA JUNIOR, 2011, p.2).

escrita e ilustrada por Spiegelman, trouxe ao público de HQ's as atrocidades do Holocausto contra os judeus ocorridas no decorrer da Segunda Guerra Mundial:

De todos os trabalhos publicados na *RAW*, o que se mostrou mais influente foi a série de Spiegelman com o relato das experiências de seu pai, Vladek Spiegelman, como prisioneiro de Aushwitz. Ao discutir a gestação do imagético central de *Maus*, Spiegelman observa que, nos desenhos animados dos anos 1920 e 1930, 'não havia praticamente nenhuma diferença na forma como os ratos e negros eram desenhados'. Ao combinar o racismo informal que encontrou na estética dos 'animais engraçados' com a comparação de judeus e vermes feita por Hitler, os judeus do *opus magnum* de Spiegelman se tornaram ratos, os nazistas se tornaram gatos, os norte-americanos, cães, e assim por diante, criando uma metáfora visual para as divisões artificiais de nacionalidade e raça. *Maus: A Survivor's Tale (Maus: a História de um sobrevivente)* foi editada em dois volumes: *My father Bleeds History (Meu pai sangra História)* (1986) e *And Here My Troubles Began (E aqui começam os meus problemas)* (1991). Essa estratégia de retratar personagens da vida real em um contexto dramático como animais antropomórficos, combinada com o assunto histórico pesado, elevou *Maus* a um patamar inédito em relação a qualquer revista de quadrinhos autobiográficos anterior, e isso por meio de um forte envolvimento não só dos quadrinhos em si, mas também de sua associação com gêneros infantis. Adultos não acostumados à leitura de quadrinhos, muito menos considerando-os literatura séria, encontram a justaposição de um dos piores horrores do mundo moderno com um estilo associado ao prazer da infância, poderoso e comovente (MAZUR; DANNER, 2014, p. 185-187).

Maus de Spiegelman parece ter transformado profundamente não só a maneira de se fazer quadrinhos, mas também o olhar dos leitores para essa expressão artística (MAZUR; DANNER, 2014). A perspectiva narrativa voltada para os trágicos acontecimentos do passado e o emprego da memória como fio condutor da narrativa, possibilitaram a compreensão e o entendimento, por parte de estudiosos, leitores e críticos, dos quadrinhos como literatura adulta, afastando-os assim da alcunha de literatura infantil. Conforme a **figura 2**, é possível observar a ilustração de Spiegelman em relação à chegada de seu pai ao campo de concentração de Auschwitz. Na segunda linha de vinhetas, dentro do caminhão, Vladek e sua esposa Anja compartilham o estreito espaço com pelo menos outros cem judeus aprisionados pelos nazistas.

Figura 2: A chegada de Vladek Spiegelman ao campo de concentração de Auschwitz.



Fonte: SPIEGELMAN, 2009, p. 185.

Na tela em questão, o pai de Spiegelman diz à sua esposa que recebeu ovos e bolo após escrever uma carta para outro judeu e, por isso, queria compartilhar com ela o alimento recebido pelo trabalho. Na última vinheta da página, o caminhão em que Vladek se encontra chega à Auschwitz. Spiegelman ilustra uma forte chuva enquanto os portões são abertos, possivelmente intensificando o sentimento de melancolia que permeava a chegada dos judeus ao campo de concentração. Do lado de fora, os alemães nazistas, representados como gatos, aguardam pelos novos prisioneiros, representados como ratos. No recordatório, o protagonista afirma acreditar que dificilmente sairá de lá com vida.

Por conta dos novos elementos gráficos e narrativos abordados por Spiegelman em sua obra e, conseqüentemente, após o sucesso de *Maus* entre os leitores adultos, as novas narrativas produzidas por roteiristas e ilustradores aproximavam-se mais de suas realidades individuais e coletivas, ou seja, não era mais necessário procurar referências somente nas histórias de superaventuras ou em livros clássicos da literatura. Deste ponto eles também poderiam compartilhar suas experiências de vida e as memórias de seus familiares. De certa forma, o recurso da escrita autobiográfica, como a utilizada por Spiegelman em *Maus*, passou a ser referência para futuros autores alternativos, que procuravam escapar dos gêneros tradicionais do *comic book*. Em razão disso, é possível dizer que entre o final da década de 1980 e início dos anos de 1990, a autobiografia tenha se tornado para os alternativos o “antigênero”, ou seja, um novo escopo narrativo para as HQ’s, opondo-se às histórias de superaventuras heroicas das editoras *mainstream*, e, assim, traçando uma perspectiva de enredo voltada para os problemas do passado e do present e (GARCIA, 2012, p. 218).

Dessa forma, contar a sua história ou a história de outros tornou-se uma das tendências entre os produtores de quadrinhos. No entanto, vale destacar que Spiegelman não foi o precursor do estilo, mas sim o artista que o popularizou. Antes dele, Robert Crumb, Aline Kominsky e Justin Green já experimentavam a técnica em suas obras (GARCIA, 2012, p. 220). Além deles, um dos casos mais famosos fora do estilo alternativo foi *Um contrato com Deus* (1978) de Will Eisner que anos antes de Spiegelman já apresentava traços de narrativa memorialista e autobiográfica. Acerca da obra, Eisner declarou, posteriormente, que a ideia de produzi-la surgiu em um período de rancor e ira após o falecimento de sua filha Alice. Como afirma Garcia (2012, p. 216), apesar de ser mínima a relação entre Eisner e os produtores de quadrinhos alternativos, o relato memorial e autobiográfico esteve presente no trabalho de todos.

No início dos anos de 1990 Daniel Clowes e Charles Burns já apresentavam, ainda de maneira tímida, elementos autobiográficos em suas obras. Mas somente no início dos anos

2000 é que as obras autobiográficas passaram a ser apresentadas de forma mais explícita. Por exemplo, *Fun Home* de Alison Brechdel, publicado em 2006, expôs a experiência pessoal da autora ao assumir sua homossexualidade e os problemas sociais e familiares decorrentes de sua sexualidade, assim, por meio de uma explanação memorial, Brechdel trouxe à tona a importância de se lembrar de experiências pessoais, mesmo aquelas mais traumáticas. Há outro caso, *Persépolis*, publicado por Marjane Satrapi em dois volumes entre 2000 e 2003, cuja narrativa aborda a infância e a juventude da autora durante o regime teocrático no Irã após a Revolução Iraniana de 1979. O sucesso da narrativa autobiográfica de Satrapi rendeu a produção de um filme em animação, exibido nos cinemas de toda a Europa (GARCIA, 2012). Sendo assim, as obras autobiográficas e memorialistas:

[...] passaram a dominar a atenção da crítica e das vendas de *graphic novels* nos Estados Unidos (espelhando uma tendência no mercado editorial de prosa em geral), mantendo-se um importante gênero internacional. A combinação de literatura de intimidade com a capacidade de criar empatia por meio de representação visual fez a *graphic novel* especialmente eficaz na apresentação de histórias de momentos complexos e traumáticos de vida (DANNER; MAZUR, 2014, p. 296-297).

Concomitante ao sucesso inicial dos quadrinhos alternativos e autobiográficos na década de 1980, o *Comic Code* dava sinais de seu declínio, visto que autores e desenhistas das grandes editoras *mainstream*²¹, presos às imposições criativas impostas pelo código, passaram a repudiar a autocensura e a falta de liberdade de expressão que havia dentro das grandes editoras que ainda adotavam este código (CALLARI, 2016, p. 74). Sendo assim, as narrativas elaboradas por ilustradores e roteiristas de casas editoriais de grande circulação, tais como *DC Comics* e *Marvel Comics*, encontraram brechas para a produção de histórias que abordassem em seu cerne temas relacionados à complexidade da vida humana ao invés de produzirem apenas aventuras permeadas de ficção científica ou de cenas de luta. Nesse ínterim, os escritores pertencentes ao *corpus* do *mainstream*, publicaram os primeiros títulos que ultrapassaram a fronteira do gênero de super-heróis. Sobre essa ruptura na indústria dos quadrinhos, Mazur e Danner destacam que:

Pela primeira vez, a própria escrita era vista como a força motriz da narrativa em quadrinhos, com ênfase não apenas no enredo, mas no tema coeso. Confrontos dramáticos podiam ocorrer na forma de debate filosófico no lugar de socos, com longas conversas sobre a natureza da vida, ou sonhos, ou o mundo místico (MAZUR; DANNER, 2014, p. 175).

²¹ Neste caso, é considerada a corrente dominante de editoras que compõem o mercado editorial de HQ's, tais como a *Marvel Comics* e a *DC Comics*.

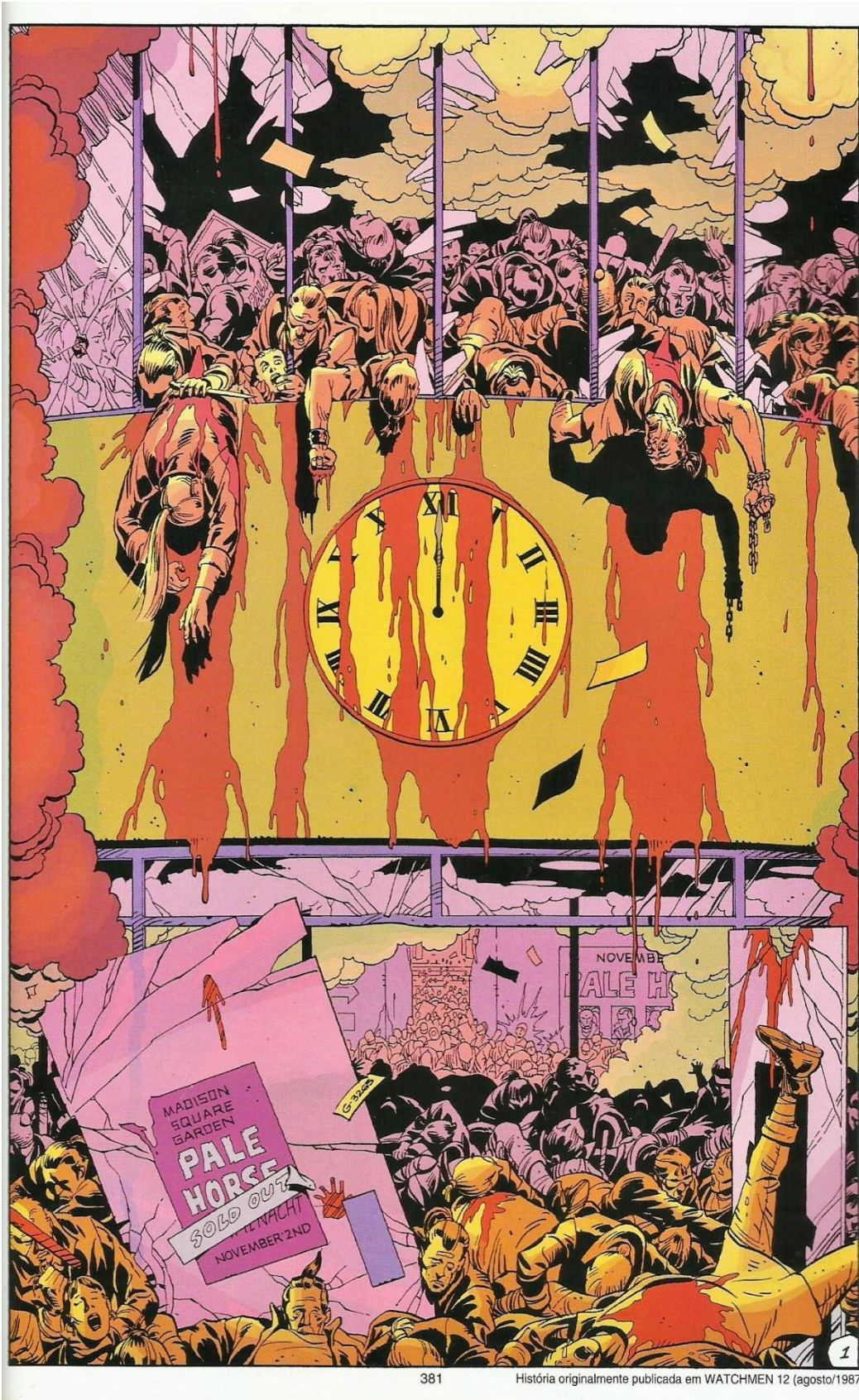
Nessa ocasião surgiram nomes no mundo dos quadrinhos, tais como Alan Moore, Frank Miller e Neil Gaiman, que juntos apresentaram aos leitores obras relevantes para o mercado *mainstream* de HQ's. Os eventos distópicos, difundidos por estes autores, parecem ter sido um dos principais elementos presentes nas produções quadrinísticas da década de 1980. Sobre este assunto, André Cabral de Almeida Cardoso aponta que:

[...] estamos testemunhando aqui é o nascimento de um novo sujeito utópico, e esse nascimento já é o ato inaugural da utopia, calcada agora na fluidez e na identificação. Trata-se, portanto, de uma utopia que não se limita a um espaço nem se encaixa no desencadear do tempo – nela não há mais tempo. O abandono do passado e de uma identidade fixa acarreta também o abandono do peso da história e da culpa inerente aos projetos utópicos atacados em *Watchmen*, *The Sandman* e mesmo em *The Invisibles*. A ausência de tempo, porém, não implica em imobilidade, assim um movimento perpétuo – a imobilidade da utopia já havia sido atacada pelo próprio Sade ao observar que os pastores na Arcádia de Poussin se moviam com uma lentidão absurda. (CARDOSO, 2012, p. 21)

Nessas novas histórias em quadrinhos não havia mais a perspectiva ou a ilusão de um mundo moralmente ideal, em que o super-herói, dotado de grandes poderes, poderia resolver os problemas advindos de uma invasão alienígena ou de um inimigo com poderes sobrenaturais. Na contramão desse escopo narrativo, alguns roteiristas de quadrinhos passaram a apresentar uma perspectiva de desilusão ou visão violenta e impactante do mundo.

Um exemplo de construção gráfico-narrativa nas HQ's *mainstream* desse período pode ser observado na obra *Watchmen*, do roteirista britânico Alan Moore. Na trama de Moore, ao mesmo tempo que o mundo observa o desenrolar de uma possível guerra nuclear entre Estados Unidos e União Soviética, os novaiorquinos convivem diariamente com a violência, principalmente após a restrição do governo americano impedindo o exercício dos super-heróis locais e, automaticamente, colocando-os na ilegalidade. Na interseção entre o perigo nuclear e o caos urbano, Adrian Veidt (ou Ozymandias, nome de Veidt como herói na narrativa de Moore), em busca de um mundo perfeito e de uma paz duradoura entre as nações, forjou a destruição da cidade estadunidense com intuito de restaurar o sentimento de compaixão entre os seres humanos e iniciar uma nova era de paz e harmonia. Na **figura 3** observa-se a destruição de Nova Iorque e o rastro de morte proporcionado por Ozymandias, isso porque, na concepção de Veidt, um mundo melhor só seria possível mediante ao sacrifício de milhões de pessoas inocentes.

Figura 3: cidade de Nova Iorque destruída pelo alienígena criado por Veidt.



Fonte: MOORE, 2011, p.381

Além disso, nesse universo elaborado por Moore, existe o poderoso Dr. Manhattan, cientista renomado que após um acidente nuclear desenvolveu força e sabedoria sobre-humana, tornando-se a arma secreta do presidente estadunidense Richard Nixon (que no mundo de *Watchmen* se perpetuou no poder como um ditador) para fins geopolíticos (CALLARI, 2016, p. 87). Há, também, a presença do Comediante, um satírico e irônico veterano da guerra do Vietnã, com impulsos sexuais que o levaram a estuprar sua parceira heroína, denominada Júpiter, e também matar a sangue frio uma vietnamita, grávida de seu filho. Outra personagem que merece destaque no universo criado por Moore é Rorschach (a personagem usa uma máscara que mimetiza o teste de Rorschach, também conhecido como “teste do borrão de tinta”), personagem psicologicamente complexa, que corre as ruas de Nova Iorque para fazer justiça com as próprias mãos.

Para Garcia (2012), *Watchmen* pretendia oferecer aos leitores um olhar adulto, politizado e psicologizado sobre os super-heróis e seus impactos no mundo caso esses indivíduos realmente existissem. Com isso, a ideia de um anti-herói passa a permear as narrativas em HQ, pois o super-herói que sacrifica sua vida não é mais o elemento fundante dos quadrinhos, o anti-herói e seus problemas éticos, seus distúrbios psicológicos e suas ideologias políticas passam também a ser o tema abordado em muitas HQ's *mainstream*.

Concomitante aos trabalhos de Moore, Neil Gaiman produziu, no final da década de 1980 e início dos anos 1990, uma das sequências mais longas dos quadrinhos. Com sua primeira publicação datada de 29 de novembro de 1988, *The Sandman*, distribuída em 75 fascículos – expondo a magnitude da obra enquanto história seriada –, narra a história de Morfeu (um dos nomes do senhor do reino do Sonhar) e uma vasta diversidade de gestas com personagens históricas, tais como Júlio Cesar e William Shakespeare. O mundo de *The Sandman* também conta com a presença de seus sete irmãos denominados Perpétuos: Sonho, Destruição, Desespero, Destino, Morte, Delírio e Desejo. Com destaque para a irmã Morte com quem Morfeu dialoga filosoficamente sobre questões cotidianas, por exemplo, a brevidade da vida. Para Mazur e Danner:

The Sandman contém imagens de natureza cruel e perturbadora, mas é uma forma muito mais sutil de terror. Com um protagonista central mais velho e menos vulnerável do que até mesmo os deuses, o principal apelo de *The Sandman* não é a identificação ou a preocupação com Morfeu; mais do que isso, ele se confunde com os meandros da cosmologia de Gaiman, enraizada no próprio fenômeno misterioso da narrativa [...] Gaiman explora fábulas e folclore, atentando para a mistura de medo e esperança que eles compreendem e como isso se manifesta no inconsciente. (MAZUR; DANNER, 2014, p. 217)

Figura 4: Orfeu, filho de Morfeu, canta o fim do seu sonho revolucionário.



Dentre os vários contos narrados por Gaiman em *The Sandman*, Cardoso (2012) enfatiza um episódio em específico, intitulado “Termidor”. Baseado na conjuntura da Revolução Francesa, o episódio elaborado por Gaiman foca sua atenção na cabeça cortada de Orfeu, filho de Morfeu, que após os eventos revolucionários, especialmente o início do período conhecido como Terror (vitória e governança dos Jacobinos), canta junto de uma pilha de cabeças decapitadas pela guilhotina de Robespierre, a angústia do sonho inacabado (**figura 4**).

Ainda de acordo com Cardoso (2012), o crânio de Orfeu cantarolando suas desilusões, representaria o sonho adiado, no caso, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, lema cunhado e impulsionado pelos revolucionários franceses, mas que, com o advento dos revoltosos contra a monarquia, não se concretizou. Junto de Orfeu, outros crânios, também decapitados pela guilhotina, cantam em uníssono a amargura do sonho perdido e do fracasso de construir uma sociedade mais igualitária, sonho esse, segundo o conto de Orfeu, tão aguardado com o advento da revolução. No final do coro, Orfeu declama: “Cantou sobre um sonho... e o fim dos sonhos” (GAIMAN, 2011, p. 235). De acordo com Cardoso (2012, p.15), a ideia de descontentamento com o futuro, contido na narrativa de Gaiman, reflete os movimentos literários da contracultura da década de 1960 (20 anos antes do início da publicação de *The Sandman*). Além disso, vale destacar a possibilidade de o canto de desilusão entoado por Orfeu pode representar o fim do sonho de igualdade entre os homens, visto que *The Sandman* foi produzido e publicado entre o fim da União Soviética e a escalada do neoliberalismo pelo mundo. Sendo assim, Gaiman estaria dizendo muito mais sobre o seu mundo do que a queda dos jacobinos em sua “imaginada” Revolução Francesa.

Por fim, outro exemplo relativo às mudanças na produção de HQ’s no mercado *mainstream* pode ser observado em *Batman O Cavaleiro das Trevas* (1986), de Miller. Nesta história, um dos pontos principais abordados pelo autor declina-se sobre o debate envolvendo os meios empregados pelo detetive de Gotham City para combater o crime. A releitura de Bruce Wayne, elaborada por Miller, consiste em um homem mais velho e experiente que retoma suas atividades de justiceiro para combater as novas gangues de super mutantes que tomaram as ruas da cidade de Gotham. Tal como em *Watchmen* de Moore, ao mesmo tempo em que a cidade cai em ruínas por conta da alta taxa de criminalidade, um perigo nuclear externo, com poder de destruição catastrófico, permeia o universo construído por Miller nas páginas d’*O Cavaleiro das Trevas*. Para Mazur e Danner, o Batman de Miller:

É um livro caótico, refletindo um mundo caótico, onde a criminalidade de rua cresceu a extremos inéditos nos dez anos desde a aposentadoria de Batman.

Combater a criminalidade de rua em si, o medo da população, o blá-blá-blá político, a representação e deturpação da mídia e retorno doloroso de Batman para ordenar tudo de uma vez. *O Cavaleiro das Trevas* oferece ao leitor uma enxurrada de informações e imagens correspondentes a inúmeros aspectos dos problemas que retrata. Ao mesmo tempo, aumentou o sentido de um Batman militante, preocupado e correto, mesmo que seu corpo envelhecido não consiga manter o ritmo com o vigor de suas convicções. (MAZUR; DANNER, 2014, p. 174-175)

Um dos elementos gráficos destoantes n' *O Cavaleiro das Trevas* consiste no emprego dos televisores como vinhetas. A tela dos televisores opera ao mesmo tempo como ferramenta narrativa, ou seja, como a vinheta específica da linguagem das HQ's, e também como veículo de comunicação, expondo aos leitores a simultaneidade entre as informações internas relativas à batalha de Batman contra o crime em Gotham e os problemas externos, referentes ao perigo nuclear iminente. Além disso, em outros fragmentos da narrativa, esse recurso metalinguístico foi empregado com intuito de representar o debate entre especialistas, cidadãos e repórteres a respeito da agressividade aplicada pelo homem morcego no combate à criminalidade. Na maioria das vezes, os especialistas, representados pelo autor como críticos de Batman, discordam das práticas tidas como desumanas.

Como exemplo da aplicação desse recurso, há a **figura 5**, na qual ao mesmo tempo em que um parque de diversões está prestes a ser atacado pelo Coringa, um dos maiores inimigos do Batman, as vinhetas/televisores iniciam o noticiário internacional relativo ao bloqueio nas comunicações do país fictício Corto Maltese, ponto inicial do perigo nuclear que ameaça destruir o mundo. Na tomada seguinte as vinhetas/televisores têm como pauta a programação local (Gotham) em evidência. Além disso, enquanto a cidade é atacada pelo Coringa e pelas gangues mutantes surge o debate entre o especialista Morrie, que cunha Batman como “assassino”, e Lana Lang (jornalista pertencente ao universo de histórias de *Superman*), cuja oposição defende as ações do super-herói de Gotham.

Possivelmente, Miller esteja tecendo críticas aos meios de comunicação, especialmente à televisão, ao representar a maneira distorcida e manipuladora como são realizadas a cobertura e a disseminação das informações para os cidadãos, visto que, na concepção de Miller, o Batman estava correto ao utilizar violência extremada para combater a criminalidade urbana. Isto pode ser observado nos elementos que compõem as vinhetas. Na tela em que Morrie explana suas ideias, verifica-se uma linha tracejada na diagonal sob o logotipo do Batman, enquanto na tela de Lana o logo aparece sem nenhum tracejado. Na perspectiva de Lana, Batman, então, se torna o justiceiro que emprega todos os seus recursos para combater o crime e o mal que corrompia Gotham, enquanto isso, para os especialistas (a maioria deles

representados como psicólogos), apoiados pelas emissoras televisivas, Batman não era o herói da cidade, mas o verdadeiro vilão.

Por conseguinte, a conjuntura histórica pode ser considerada um dos fatores determinantes para compreender essa ruptura nas práticas de produção das HQ's. Enquanto Moore, Gaiman e Miller escreviam suas histórias, o mundo observava a tensão da Guerra do Afeganistão (1979-1989), o início do fim da União Soviética (1989), a queda do Muro de Berlim (1989), e o avanço do Neoliberalismo mundo afora. Ou seja, mesmo se tratando de histórias de superaventuras, os problemas sociais, econômicos e políticos não deixaram de figurar nas páginas dos quadrinhos *mainstream*.

Tal como o gênero alternativo, os artistas e ilustradores das grandes editoras também passaram a transpor as barreiras impostas pelo *Comic Code*, o que abriu caminho para uma infinidade de assuntos, como política, violência e ideologias, assuntos que até então não poderiam ser trabalhados com toda liberdade criativa nas HQ's. Sendo assim, os quadrinhos adultos contemporâneos são, em grande medida, continuadores dos *comic book*, no entanto, ao mesmo tempo, apresentam algumas características *sui generis* que os distinguem dos demais e, por isso, foi necessário encontrar um novo nome para identificá-los. Diante dessa necessidade, nos últimos anos, se convencionou chamá-los pela expressão *graphic novel* (GARCIA, 2012, p.13-14).

Figura 5: O noticiário televisivo e o ataque do Coringa.



1.2 O JORNALISMO EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Concomitante ao colapso do *Comic Code*, herdeiro dos artistas do movimento *underground*, dos artistas alternativos e das histórias produzidas nos *graphic novels* nos Estados Unidos, o Jornalismo em Histórias em Quadrinhos surge como alternativa entre os meios imagéticos discursivos, elaborado por roteiristas e artistas de quadrinhos, com o objetivo de descrever a realidade ou uma história não-ficcional. Os autores de JHQ reúnem ao mesmo tempo técnicas do jornalismo tradicional e a linguagem narrativa das HQ's. Durante as primeiras tentativas em escrever reportagens na linguagem dos quadrinhos, entre os anos finais da década de 1980 e início dos anos 1990, os criadores esbarraram em limitações técnicas concernentes à sua produção. Além da necessidade de roteiristas/artistas com conhecimento em jornalismo, o processo de elaboração de um JHQ necessitava de tempo hábil entre o acontecimento e a publicação:

Há poucos quadrinistas com a preparação jornalística suficiente para abordá-lo com rigor, e geralmente a imprensa tem tratado o quadrinho jornalístico como pouco mais que uma mera curiosidade, talvez pela imediatez que as notícias requerem e o longo tempo que a produção de uma HQ consome. Como consequência disso, o jornalismo em quadrinhos reduziu-se a incursões esporádicas de autores como Kim Deitch, Jessica Abel, Ted Rall ou Peter Bagge, ou a livros-denúncia isolados como *Addicted to War* (1991, atualizado em 2002), de Joel Andreas, sobre a estrutura militar-industrial dos Estados Unidos, ou ainda a livros-reportagem como *9/11 Report: A Graphic Adaptation* (2006), de Sid Jacobson e Ernie Colon, que leva aos quadrinhos as conclusões da comissão de investigação sobre os ataques terroristas de 11 de setembro. (GARCIA, 2012, p. 275)

Dessa forma, devido ao caráter transeunte do acontecimento jornalístico, roteiristas de JHQ encontravam entraves para a composição de suas narrativas. A relação entre o tempo do acontecimento e o tempo de produção para a elaboração de um roteiro que, entre outras coisas, tivesse fôlego suficiente para anunciar, descrever e analisar o fato ocorrido, e assim, ultrapassar a fronteira da narrativa de curiosidades voltada exclusivamente para o cotidiano, lançou o desafio para os autores de JHQ em meados dos anos 1980, fazendo com que pautassem seus esforços na delimitação de métodos e ferramentas que conciliassem o acontecimento noticiado com o tempo de produção.

A questão consistia em conciliar o texto do jornalismo convencional ao modo de produção artístico de uma HQ. Se por um lado, para o jornalismo tradicional, o texto escrito consiste no elemento basilar, cabendo às imagens o papel de componente auxiliar na reportagem, por outro, a relação imagem e escrita se inverte na construção da narrativa de um

JHQ, em que a imagem tem o papel principal na notícia (DUTRA, 2003). Em razão disso, os ilustradores despendiam mais tempo na ilustração de uma reportagem do que o repórter da mídia impressa na mesma notícia em sua versão escrita. Esse atraso na produção artística de uma notícia dificultava a veiculação da mesma em tempo hábil de ser consumida por aqueles que tinham o interesse de se informar com rapidez sobre determinados eventos e acontecimentos. Portanto, as ilustrações de JHQ's, produzidas de maneira quase artesanal, entravam em conflito com a demanda instantânea do jornalismo.

Diante de tais obstáculos, surgiram duas alternativas possíveis para os roteiristas e ilustradores, quais sejam: a primeira consistia na manutenção da proximidade temporal com o evento, ocasionando a elaboração de tiras curtas nos periódicos ou reportagens com traços “rápidos”, ou seja, muito parecida com esboços e rascunhos que pudessem dar conta da rápida apuração de um acontecimento. A segunda alternativa distanciava o acontecimento jornalístico de sua produção, assim, roteiristas e ilustradores contextualizavam e recortavam períodos históricos específicos. Para tanto, em vez de centralizar o foco da narrativa nos acontecimentos de curta duração, os desenhistas/roteiristas de JHQ passaram a se interessar por assuntos históricos, especialmente aqueles relacionados ao passado recente (MEDEIROS NETO; SCHNEIDER, 2019).

Dessa forma, o elemento histórico, em detrimento do acontecimento de curta duração, contribuiu para a promoção de reportagens ilustradas em histórias em quadrinhos, distanciando o JHQ dos relatos de curiosidade. *Maus* de Spiegelman, a título de exemplo, cooperou para o desdobramento das narrativas gráficas históricas ao discorrer em suas páginas fatos relacionados à Segunda Guerra Mundial e as consequências do Holocausto à sociedade judaica. Vale lembrar, entre os prêmios conquistados por Spiegelman pela produção de *Maus* encontra-se o Pulitzer de 1992, um dos mais expressivos prêmios jornalísticos dos Estados Unidos. Mesmo não sendo considerado de fato um trabalho de JHQ, *Maus* já havia apresentado componentes estéticos e narrativos empreendidos por futuros quadrinistas-jornalistas, tal como os relatos memoriais, a autobiografia e o acontecimento histórico.

Ao mesmo tempo em que a apuração do acontecimento jornalístico rápido e instantâneo se tornava obsoleto, e quase impraticável, enquanto objeto de interesse nas narrativas dos criadores de JHQ's, a guerra e suas consequências convertiam-se no tema por excelência para esses roteiristas e artistas. De acordo com Ciro Inácio Marcondes (2012), o universo composto por conflitos bélicos modernos havia sido amplamente debatido por historiadores, filósofos, cineastas, sociólogos e jornalistas durante a segunda metade do século

XX. Destarte, conforme se expandiam os conflitos armados pelo mundo, tais como a Guerra das Coreias (1950-1953), a Guerra do Vietnã (1955-1975), a Guerra do Yom Kippur (1973), a Guerra Iraque-Irã (1980-1988) e os vários conflitos na América Latina, o interesse pela guerra também passou a fazer parte da cultura das HQ's.

Um dos expoentes dessa interação entre quadrinhos e zonas de guerra ocorreu na década de 1950 quando Harvey Kurtzman, editor e escritor da revista MAD²², produziu histórias sombrias e niilistas sobre a Guerra da Coreia (MARCONDES, 2012). Diferentemente dos quadrinhos produzidos durante a Segunda Guerra Mundial, período em que os super-heróis serviam de ferramenta de propaganda de guerra, a narrativa de Kurtzman aproximava-se muito mais de um livro de denúncias do que propriamente uma peça propagandista pró guerra, ferramenta essa que o governo estadunidense esperava das editoras nacionais, tal como havia acontecido com vários títulos na Segunda Guerra Mundial, por exemplo, o Capitão América da *Marvel Comics*.

No que tange à produção de JHQ, *Brought to light*, publicada em 1989, pode ser considerada uma das primeiras experiências do gênero. O primeiro capítulo, denominado *Shadowplay* (teatro de sombras), com texto elaborado por Alan Moore e desenhos de Bill Sienkiewicz, reproduz uma fantasia na qual o protagonista, representado por uma águia antropomórfica sentada em um bar, oferece serviços patrióticos de extrema direita para todos aqueles que cruzam sua mesa. *Flashpoint* (ponto cintilante de luz), texto de Joyce Brabner e desenhos de Tomas Yeats, discorre sobre o envolvimento da CIA no atentado que ocasionou o assassinato do líder dos Contras da Nicarágua, em 1984, Eden Pastora. *Brought to light* tinha como público alvo os formadores de opinião nos Estados Unidos e foi financiada pelo *Christic Institute*, grupo religioso vinculado às lutas pelos direitos humanos e causas sociais nos Estados Unidos, *Brought to light* tinha como objetivo denunciar os atos obscuros da CIA. No entanto, devido aos inúmeros processos judiciais movidos pela agência de inteligência norte-americana, o *Christic Institute* faliu, impossibilitando que *Brought to light* recebesse uma continuação (DUTRA, 2003).

Na década de 1990, a guerra também foi elemento fundante para a narrativa de *Fax from Sarajevo* (1996), JHQ produzida por Joe Kubert, baseado nos faxes enviados pelo agente de arte e empresário internacional, Ervin Rustemagic, bósnio e amigo de Kubert, durante a

²² A MAD é uma revista estadunidense de humor satírico que, entre outras coisas, explora a cultura pop dos Estados Unidos. Criada em 1952 pelo empresário William Gaines e pelo editor Harvey Kurtzman. Em abril de 2018 a MAD publicou seu último número.

invasão à Sarajevo. Após o início da guerra, Ervin passou a se comunicar com seus amigos e clientes por meio de um aparelho de fax. Nos dias que se seguiram ele emitiu centenas de faxes contendo notas e explicações referentes aos eventos ocorridos em sua cidade, informando em primeira mão as atrocidades da guerra. Por sua vez, Kubert, um dos destinatários, produziu uma narrativa em HQ descrevendo as condições do empresário e de sua família durante o conflito deflagrado na Bósnia (DUTRA, 2003). Além disso, vale destacar que na narrativa produzida por Kubert, Ervin constituía-se como personagem-fonte do JHQ. Dessa maneira, além da fonte principal de informações a respeito do conflito nos Balcãs, o bósnio também participou da trama como uma das personagens. Sobre a importância do relato testemunhal no JHQ, Flávio Pinto Valle discorre que:

[...] o autor de um testemunho é um sujeito cuja identidade exerce influência decisiva sobre a apreciação de seu depoimento, mesmo quando seu conteúdo é predominantemente objetivo, como quer o jornalismo. Trata-se, então, de um sujeito histórico, cuja individualidade manifesta-se pelo fato de ele aparecer como “eu”. Neste sentido, o testemunho se constitui como um documento autobiográfico, logo, como um enunciado marcadamente subjetivo. Pois sua referência não se funda sobre o objeto, mas sobre o sujeito da enunciação. (VALLE, 2010, p. 69).

Em reportagens como a produzida em *Fax from Sarajevo*, a aproximação entre o conceito de fonte jornalística e personagem se torna estreita e mais clara em comparação com a narrativa verbal produzida pelo jornalismo impresso. Essa aproximação acontece, de acordo com Augusto Machado Paim (2013), por meio da linguagem da metalepse. A metalepse é “um movimento de índole metonímica que consiste em operar a passagem de elementos de um nível narrativo a outro nível narrativo” (GENETTE apud PAIM, 2013, p. 350). No jornalismo, a “fonte” é o sujeito fornecedor de informações para uma reportagem ou uma notícia. Em muitos casos, essa “fonte” se apresenta na notícia como um entrevistado, citado no texto por meio de um trecho de sua fala entre aspas. Quando um leitor lê uma notícia, ele reconhece que a “fonte” referenciada no texto é de uma pessoa real.

Por sua vez, no JHQ, a “fonte” não somente traz novas informações, mas também participa da notícia e, em alguns casos, expressa sentimentos e medos que vão além da forma verbal de comunicação. Diante disso, a metalepse se apresenta como importante ferramenta discursiva para os produtores de JHQ, pois, ao representar os sentimentos e emoções de suas fontes, os traduz como elementos produtores de “credibilidade”, ou mesmo, potencializa o “recurso à autoridade” das personagens/fonte dos JHQ’s (PAIM, 2013). Diante disso, se por um lado o jornalismo tradicional preza pela objetividade de suas fontes, por outro, o JHQ inova

ao trazer o recurso de metalepse e, assim, subjetivar o papel da fonte na notícia.

Faz-se relevante contextualizar os JHQ's no Brasil e suas nuances produtivas em relação às produções estadunidenses. Uma das primeiras experiências com o JHQ brasileiro se passa em 1993 com o *Aconteceu em Quadrinhos*. De acordo com Dutra (2003), os textos foram produzidos por Eletícia Quintão e a arte ilustrada por Carlos Máximo, Marcelo Morais e Rafael de Oliveira. A obra debruça-se sobre fatos recolhidos em reportagens do jornal *O Povo na Rua*²³, periódico diário publicado na cidade do Rio de Janeiro. Em uma das reportagens, a equipe do *Aconteceu em Quadrinhos* abordou um massacre em Vigário Geral e em outra oportunidade a Guerra do Acari. Para Dutra (2013), o *Aconteceu em Quadrinhos* foi um fracasso como JHQ em decorrência dos autores basearem-se somente nas referências publicadas no periódico. Como não cotejavam as informações recolhidas nas reportagens do jornal com documentos emitidos pela polícia ou com testemunhas oculares, os roteiristas desconsideravam o princípio da personagem-fonte e do narrador-observador, construindo, assim, apenas uma história descritiva dos acontecimentos. De acordo com Dutra:

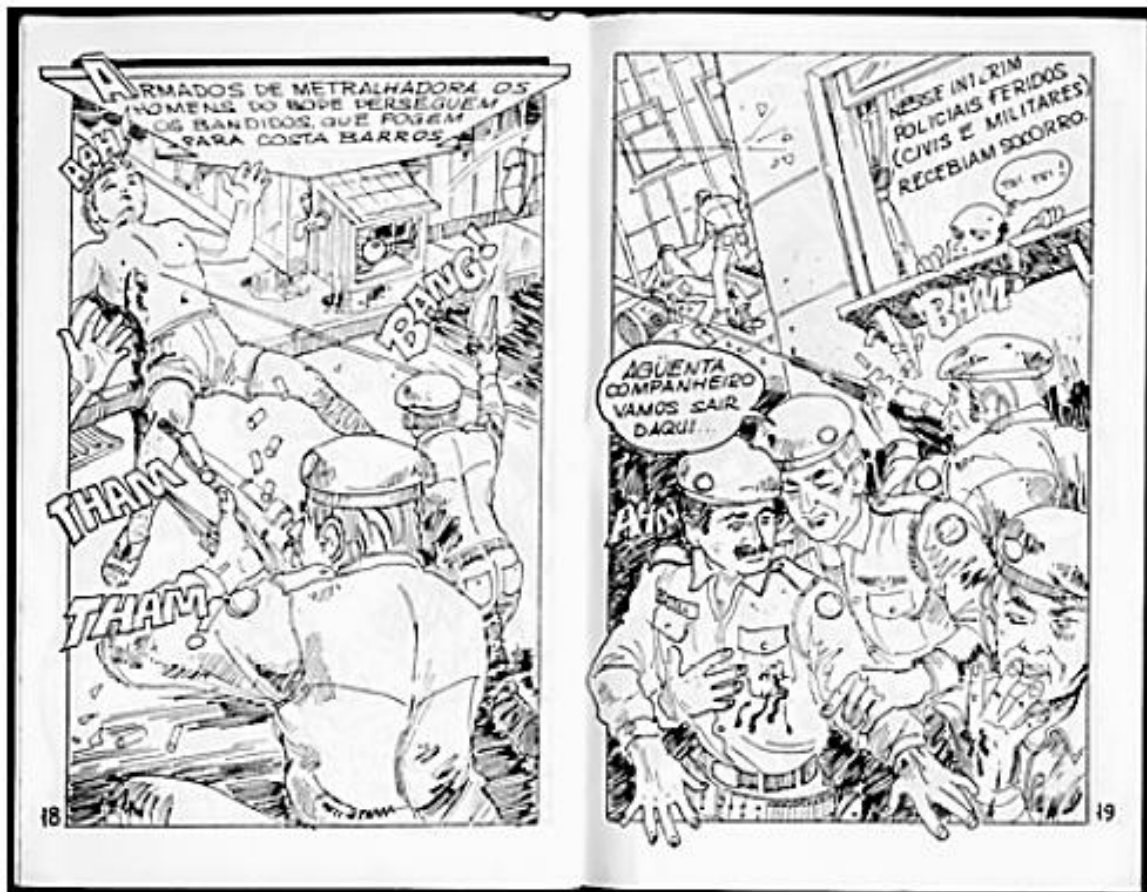
A estrutura narrativa resulta absolutamente semelhante à dos docudramas apresentados no programa Linha Direta, da Rede Globo, mas as duas obras diferem nas finalidades. O Linha Direta também mergulha no chamado mundo cão, mas faz questão de indicar os culpados e de mostrar que conduz à prisão dos acusados, apresentando-se como um programa de utilidade pública (se real ou não, não vamos discutir aqui). A série *Aconteceu em quadrinhos*, ao fugir de suas responsabilidades jornalísticas, fica apenas com o sensacionalismo inútil (DUTRA, 2003, p. 91).

Conforme a **figura 6**, observa-se a representação da Guerra do Acari nas páginas do *Aconteceu em Quadrinhos*. Na parte superior de cada página é averiguado o tom descritivo de acontecimentos de curta duração. Na página à esquerda, Quintão descreve a cena ilustrada: “Armados de metralhadoras os homens do BOPE perseguem os bandidos que fogem para Costa Barros”. Na página ao lado, a descrição continua: “Nesse íterim, policiais feridos (civis e militares) recebem socorro”. Como se vê, nas duas páginas, o campo redigido da JHQ apenas complementa ou detalha a ação policial ilustrada na página. Como enfatizou Dutra (2003), a autora e os artistas de *Aconteceu em Quadrinhos* prezavam pela descrição do acontecimento, deixando de lado uma possível argumentação em relação aos índices de violência, a criminalidade urbana na cidade do Rio de Janeiro, as consequências das invasões policiais nas

²³ O jornal *O Povo* foi lançado inicialmente em 1984 por Jorge Lago e Fernando Moreno. Somente quando foi adquirido pelo “banqueiro” do jogo do bicho, Raul Correia de Melo, em março de 1984 é que o periódico passou a ser chamado de *O Povo na Rua*. Em dezembro de 1984, *O Povo na Rua* fechou e só foi reaberto novamente em 1990. Em 1995, após ser adquirido por Alberto Ahmed, passou a ser denominado como *O Povo do Rio*.

comunidades pobres da cidade ou mesmo o risco que os policiais enfrentam durante as operações contra o crime organizado. Isto posto, ao que parece, a discussão nas páginas de *Aconteceu em Quadrinhos* pautava-se única e exclusivamente no relato descritivo de fatos criminais.

Figura 6: *Aconteceu em Quadrinhos* e a Guerra de Acari



Fonte: DUTRA, 2003, p. 218

Outro exemplo de JHQ nacional, *Notas de um tempo silenciado*, foi escrita e ilustrada por Robson Vilalba. Publicado em 2015 pela editora BesouroBox, Vilalba discorre sobre o golpe militar ocorrido no Brasil em 1964 e seus desdobramentos. Além de trazer à luz da discussão um dos períodos mais recentes da História política brasileira, o JHQ de Vilalba pode ser considerado um livro-reportagem de denúncia nos moldes de *Brought to light* de 1989. Por meio de entrevistas e de documentos emitidos pela Comissão da Verdade, Vilalba investigou, segundo ele próprio, injustiças cometidas pelo governo militar enquanto esteve no poder, tais como a história do sargento e jornalista Valmor Weiss, que tinha denunciado os

maus tratos a soldados no exército brasileiro e, por isso, foi preso e torturado. Há também a história de Osvaldo Orlando da Costa, guerrilheiro do Araguaia e um dos primeiros membros do PCdoB no Brasil. Em decorrência da luta armada contra o exército, Osvaldo sumiu sem deixar rastros. Sobre o trabalho de Vilalba, Medeiros Neto discorre que:

[...] pode ser atestado como prática jornalística, pois além de se preocupar com as rotinas produtivas de um repórter e seu percurso investigativo, também preocupou em respaldar sua narrativa através de dados consolidados e fontes oficiais e testemunhais que vivenciaram os eventos retratados sobre o acontecimento da Ditadura militar brasileira (MEDEIROS NETO, 2018, p. 72).

Vilalba afirma ter buscado referências para o seu trabalho tanto nas obras de Spiegelman quanto nos trabalhos de Sacco. No posfácio de *Notas de um tempo silenciado*, o autor afirma: “Dos quadrinhos jornalísticos, tomei como referência os consagrados Joe Sacco e Art Spiegelman, que fragmentaram suas histórias em pequenos capítulos, conduzindo a narrativa quase como um folhetim” (VILALBA, 2015, p. 85). Neste trecho, Vilalba comenta somente sobre a elaboração das reportagens fragmentadas em pequenos capítulos. Porém, outras semelhanças com os trabalhos de Sacco podem ser observadas tanto no método com que coleta as entrevistas com testemunhas oculares, como também na elaboração de pesquisas preliminares sobre o tema abordado, coletando informações em repositórios de documentos ou bibliotecas de instituições públicas. No caso de *FinG*, por exemplo, Sacco pesquisou os arquivos das Nações Unidas, da Cruz Vermelha e da Anistia Internacional à procura de evidências que corroborassem com a sua narrativa. Por sua vez, no caso do JHQ brasileiro, Vilalba baseou-se nos documentos emitidos e nas entrevistas cedidas à Comissão da Verdade para esboçar seus roteiros.

No que tange aos elementos gráficos narrativos de *Notas de um tempo silenciado*, talvez uma das maiores referências empreendidas por Vilalba, possivelmente apropriada dos trabalhos de Sacco, tenha sido a reprodução e ressignificação de imagens fotográficas na condição de fonte de informação e de autenticidade narrativa. A aplicação de fotografias para a confecção de JHQ vai além das convenções estabelecidas para produção de uma História em Quadrinhos tradicional. De acordo com Roberto Elísio dos Santos (2015), a prática apropriada por roteiristas e ilustradores de JHQ, no que diz respeito ao empreendimento da fotografia enquanto recurso metalinguístico, contribui para a produção de sentidos, e assim, estreita a relação entre a criatividade construtiva dos autores e o entendimento dos leitores. Por conta disso, além da produção de sentidos, a reprodução de fotografias históricas nos JHQ's confere

objetividade a reportagem ilustrada (MEDEIROS NETO; SCHNEIDER, 2019). Para Paim, o desenhista de JHQ, ao tomar a decisão de reproduzir uma cena real fotografada:

[...] precisará passar por muitas etapas até a finalização do desenho: observará a paisagem que quer retratar, fará rascunhos reconstruindo a paisagem conforme sua interpretação do que é importante ou não aparecer no enquadramento, decidirá por um traço ou estilo de desenhar e, por fim, colocará cor (ocasionalmente) e fará a arte-final. A sua imaginação está envolvida de forma intensa em todos os níveis do processo, alterando decisivamente o resultado final. Na fotografia, especialmente na digital, a maior parte desse processo é condensada no tempo de um clique, e as escolhas do autor consistem basicamente em decisões de enquadramento e iluminação, decisões essas que o desenhista também faz. E o fotógrafo, diferentemente do desenhista, não pode alterar a linha e a posição do cenário (PAIM, 2013, p. 383).

Apoiado na análise realizada por Medeiros Neto (2018), as **figuras 7 e 8**, ambas também utilizadas pelo autor em sua obra, podem servir de exemplo para a compreensão do emprego e ressignificação da fotografia pelos ilustradores de JHQ. Nessa ocasião, Vilalba (re)reproduz fotografia de 1964, relacionada à Marcha da Família com Deus e Liberdade. De acordo com Medeiros Neto (2018), ao compará-las, é possível verificar elementos semelhantes, por exemplo, na esquerda (tanto da foto como do desenho) há uma bandeira ilustrando um símbolo cristão, uma cruz envolta de um círculo rodeado de estrelas. No centro da imagem, um cartaz contendo o desenho de uma pomba acompanhada da palavra “LIBERDADE”. Abaixo, há outra placa com a frase “QUEREMOS GOVERNO ‘CRISTÃO’”. No lado direito, mais uma placa com palavras de ordem “VERDE E AMARELO SEM FOICE NEM MARTELO” também presentes nas duas imagens. Diante disso, é possível que a fotografia da marcha de 1964 tenha sido utilizada como base para as ilustrações de Vilalba, conferindo-lhe autenticidade em relação aos acontecimentos históricos.

Figura 7: A Marcha na perspectiva de Vilalba



Fonte: VILALBA, 2015, p. 17.

Figura 8: A Marcha da Família com Deus pela Liberdade de 1964



Fonte: Correio do Povo.

1.3 JOE SACCO E O JORNALISMO EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Joe Sacco, autor de *FinG*, nasceu na Ilha de Malta em 1960. Ainda muito jovem mudou-se com a sua família para a Austrália, onde passou uma pequena parte de sua infância. A passagem pela Oceania foi curta e poucos anos depois ele acompanhou seus pais para os Estados Unidos. Possivelmente, o período de sua infância na América do Norte marcou suas primeiras experiências com os quadrinhos. Em entrevista concedida à Jéssica Salter²⁴ para o periódico *The Telegraph*, o autor lembra o fascínio pelo desenho: “Minha mãe costumava desenhar e eu a observava fascinado. Minha irmã e eu desenhávamos quadrinhos. Estes são meus. Eu sempre tive ciúmes porque os dela eram melhores e mais engraçados que os meus e ela desenhava com mais consistência. Mas então ela desistiu e eu não”²⁵ (SACCO, 2013, [s.p.]). Ao que parece, neste período de sua vida, além da prática do desenho, o interesse pelas cenas de guerra também pode ter sido despertado:

Joe Sacco diz que ele é um ‘viciado’ em guerra. Diferentemente do que acontece com certos profissionais da imprensa, que dizem se viciar na tensão do front, o fascínio dele começou na pesquisa e, provavelmente, ouvindo histórias no seio familiar. Joe Sacco é filho de Carmen M. Sacco, nativa da Ilha de Malta, que sobreviveu aos ataques dos países do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Carmen tinha seis anos de idade quando as explosões começaram. Mesmo vivendo numa cidade em que escombros se tornaram parte da paisagem, foi à escola todos os dias e sobreviveu para tornar-se professora. A história da mãe de Sacco nesses anos de resistência foi contada pela própria e ilustrada pelo filho, nascido em 1960 na cidade de Kirkop, também em Malta (MOREIRA, 2016, p. 15).

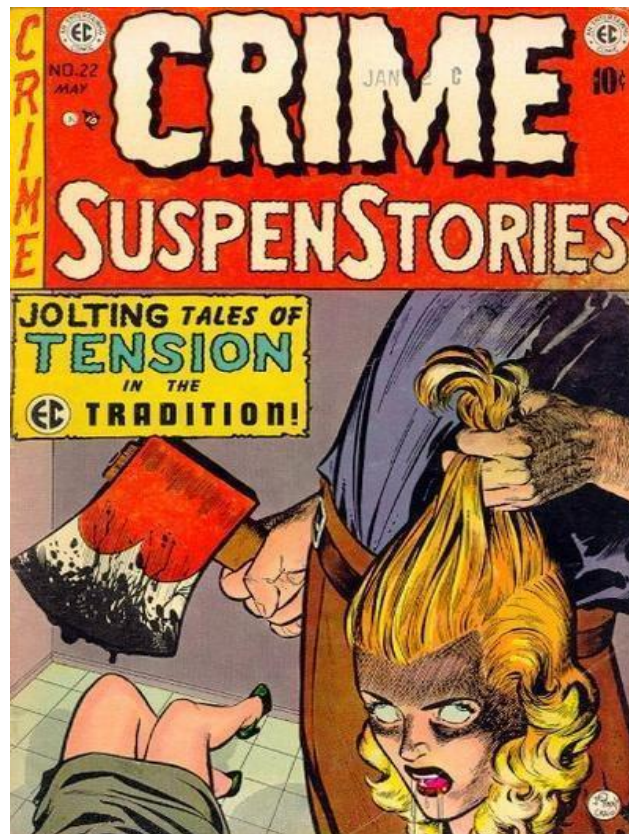
A respeito do interesse pelas zonas de conflito, Marcondes (2012) afirma que Sacco era consumidor de títulos da *EC Comics*. A editora foi reconhecida pelo alinhamento de suas revistas ao movimento de contracultura estadunidense e pelo excesso de cenas violentas em suas narrativas. Além disso, por conta de suas histórias de terror e suspense, a editora também ficou conhecida pela forma leviana que representava cadáveres. Na **figura 9**, por exemplo, é possível observar a capa da edição n.22 de *Crime SuspenStories*. Nela, o crânio de uma mulher está na mão do seu assassino. Entre os títulos da *EC Comics* mais consumidos por Sacco, segundo Marcondes (2012), estão as histórias escritas por Harvey Kurtzman a respeito da

²⁴ Jessica Salter é jornalista *freelancer* britânica, escreve para os periódicos MSN UK, Financial Times, India, The Telegraph, Daily Mail e The Times. Disponível em: <https://muckrack.com/jessica-salter>

²⁵ [No original]: “My mum used to draw and I would watch her, fascinated. My sister and I would draw comics. These are mine. I was always a bit jealous because hers were better and funnier than mine and she drew more consistently. But then she gave it up and I didn’t” (Tradução livre).

Guerra da Coreia. Na perspectiva de Marcondes (2012), o consumo dessas revistas pode ter direta e indiretamente influenciado Sacco em suas linhas temáticas e narrativas, bem como em seu estilo gráfico.

Figura 9: Capa de *Crime Suspense Stories* n.22 de 1954 e a representação leviana de cadáveres pela *EC Comics* na década de 1950

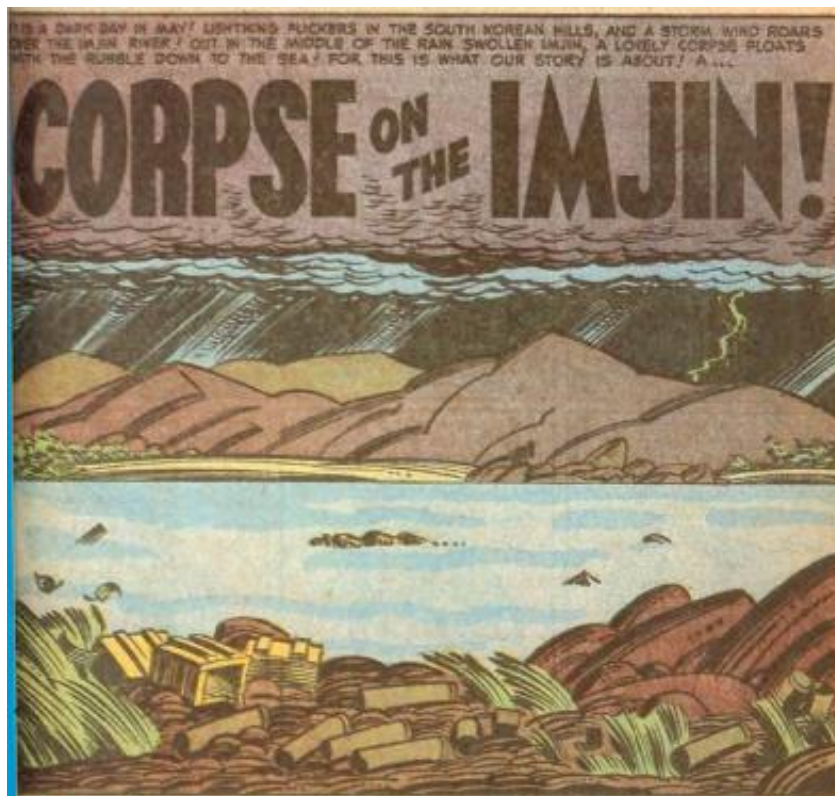


Fonte: GARCIA, 2012, p. 154

Em relação às referências contidas nas revistas *EC Comics* de Kurtzman e apropriadas por Sacco, Marcondes (2012) salienta que os indícios dessa possível associação podem ser observados no empreendimento da ferramenta gráfica denominada retórica panorâmica. Esse recurso, muito utilizado por Kurtzman, concede à imagem ilustrada um aspecto documental e investigativo sobre o assunto que o autor/desenhista abordará nas páginas seguintes (MARCONDES, 2012). Conforme a **figura 10**, averigua-se o empreendimento da retórica panorâmica por Kurtzman. No primeiro plano da imagem desenhada, entre pedras, grama e terra, há várias caixas e cápsulas balísticas caídas no chão. No segundo plano, no centro da vinheta, há o rio coreano Imjin. No rio, há a silhueta de um corpo humano boiando vagarosamente conforme o fluxo da correnteza segue rio abaixo. Na legenda do quadrinho lê-

se: “É um dia escuro em maio! Relâmpagos tremulam nas montanhas da Coréia do Sul, e um vento de tempestade ruge sobre o rio Imjin! No meio da chuva que engole o Imjin, um cadáver solitário flutua em direção ao mar! É sobre isso que é nossa história” (KURTZMAN apud MARCONDES, 2012, p. 32). Neste caso, a imagem panorâmica fornece ao leitor a visão ampla e com profundidade da destruição causada pela guerra na Coreia, tema que será debatido nas páginas seguintes pelo autor.

Figura 10: O corpo flutuante no rio Imjin.

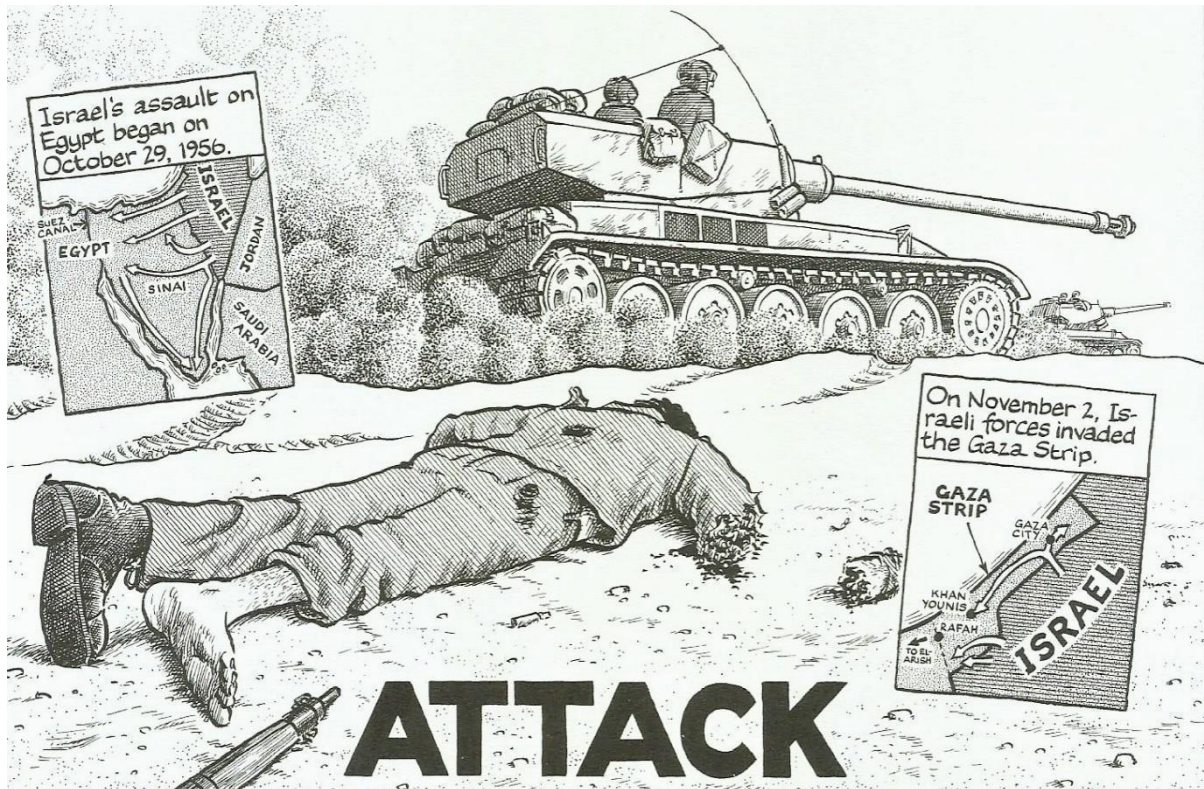


Fonte: MARCONDES, 2012, p. 32

Em comparação, na **figura 11**, é possível observar a utilização do conceito de retórica panorâmica em *FinG*. Nesta imagem, tal como a ilustração elaborada por Kurtzman, configura-se como a primeira imagem de um capítulo. Nesse ponto, o autor discorre sobre o início da invasão israelense à Faixa de Gaza durante a Crise de Suez de 1956, que resultou, posteriormente, na morte de 275 palestinos. No primeiro plano da ilustração, observa-se no chão o corpo de um soldado palestino mutilado. Ao lado do soldado abatido, perto de seus pés, o cano de um rifle de assalto bereta, e à direita, Sacco destaca o braço do palestino dilacerado, ocasionado pelos atacantes israelense, acentuando assim as consequências da investida judaica

aos territórios palestinos. Nos recordatórios, Sacco esclarece que o assalto israelense ao Egito começou no dia 29 de outubro de 1956, e poucos dias depois as tropas israelenses já invadiam a Faixa de Gaza. Enquanto isso, ao fundo, dois tanques de guerra israelense dirigem-se à Palestina. Tal como Kurtzman que, na página de abertura de sua história, ilustrou panoramicamente as consequências do conflito na Coreia e depois narrou os eventos, Sacco desenhou os resultados da passagem das tropas israelenses à Faixa de Gaza, no caso, a morte de um soldado palestino e, em seguida, narrou a invasão israelense em Khan Younis, tema central de sua narrativa nas páginas seguintes.

Figura 11: O ataque à Faixa de Gaza



Fonte: SACCO, 2010, p. 81

Enquanto a infância de Sacco parece ter sido marcada por seus primeiros contatos com os quadrinhos, especialmente as histórias de guerra, possivelmente, na sua juventude, ocorreram as primeiras interações com a literatura e a política. No início dos anos de 1980, o quadrinista-jornalista havia ingressado na Universidade do Óregon, onde cursou jornalismo. Conforme Souza (2015), enquanto os exemplares da revista MAD da década de 1950 reforçaram o tom irônico da narrativa de Sacco, sua produção jornalística apropriou-se de referências do *New Journalism*.

Essa modalidade jornalística emergiu nos Estados Unidos entre os anos de 1960 e 1970. Jornalistas como Tom Wolfe e Hunter S. Thompson, por exemplo, almejavam executar uma narrativa de não ficção, oscilando entre as fronteiras do jornalismo e da literatura (RITTER, 2013). Sendo assim, a partir de um jornalismo que, além do acontecimento, prezava pela linguagem literária da reportagem, o contato com o *New Journalism* pode ter contribuído para que Sacco idealizasse as suas reportagens em quadrinhos de forma literária, explorando os ambientes urbanos e as personagens que as compõem. Sobre a relação entre o *New Journalism* e a escrita de Sacco, Laureane Veras defende que:

No caso da obra de Sacco, vale sugerir que se trata não somente de uma narrativa literária, que contempla os fundamentos básicos de qualquer texto literário, tais como personagem, voz narrativa, tempo, espaço etc., como também é uma obra que transita entre o literário e jornalístico, ou seja, Sacco traz uma abordagem dos conflitos em Gaza que se enquadra no que é chamado jornalismo literário (VERAS, 2015, p. 104).

Após o fim do curso de jornalismo, Sacco produziu seus primeiros trabalhos como quadrinista. No final dos anos de 1980, viajou para Malta, sua terra natal, com intuito de coletar material para quadrinhos futuros. De volta aos Estados Unidos, foi contratado como co-editor de quadrinhos do periódico mensal *Portland Permanent Press*. Nesse mesmo ano mudou-se para Los Angeles, onde começou a trabalhar na editora Fantagraphics Books. Nesta editora o quadrinista-jornalista desenvolveu atividades como editor do periódico *The Comics Journal* e, em seguida, criador da revista satírica *Centrifugal Bumble-Puppy* (FANTAGRAPHICS BOOKS, 2020).

Entre 1988 e 1992, viajou novamente para a Europa, dessa vez na companhia de uma banda de *rock*. Ao mesmo tempo que desenhava cartazes para a divulgação dos shows da banda, Sacco reuniu material para publicação de sua primeira *graphic novel* denominada *Yahoo!*. Na primeira parte da HQ Sacco relatou seus dias na Universidade do Óregon, descrevendo situações cotidianas, tais como suas decepções amorosas e frustradas perspectivas de se tornar jornalista. Na última parte, elaborou uma coletânea de pequenas histórias variadas, contando desde anedotas até situações cotidianas, possivelmente produzidas por ele ao longo de suas primeiras viagens para a Europa.

Nessa fase de sua carreira, ainda era marcante a influência dos quadrinhos *underground*. Na **figura 12**, Sacco o desenha dentro de um banheiro de bar em Berlim, após conversar com uma garota, reflete sobre as dificuldades em urinar em um banheiro público. Quando finalmente realiza o feito que parecia impossível, direciona seus pensamentos para seus

problemas atuais, questiona a sua crise dos trinta anos, reflete sobre sua carreira como quadrinista, sua namorada que ficou em Iowa, a roupa de baixo usada desde o governo do presidente americano Ronald Regan, o cabelo que cresce mais que a floresta tropical brasileira, e por fim, a conclusão de que seus pais estavam certos e deveria ter cursado engenharia. Nesses desenhos, os traços com excesso de hachuras, o exagero no sombreamento, a narrativa de um acontecimento cotidiano e banal e a representação da nudez explícita, visto que ele segura seu órgão genital na ilustração, são alguns dos elementos característicos do movimento *underground*, ainda marcantes no início da carreira de Sacco.

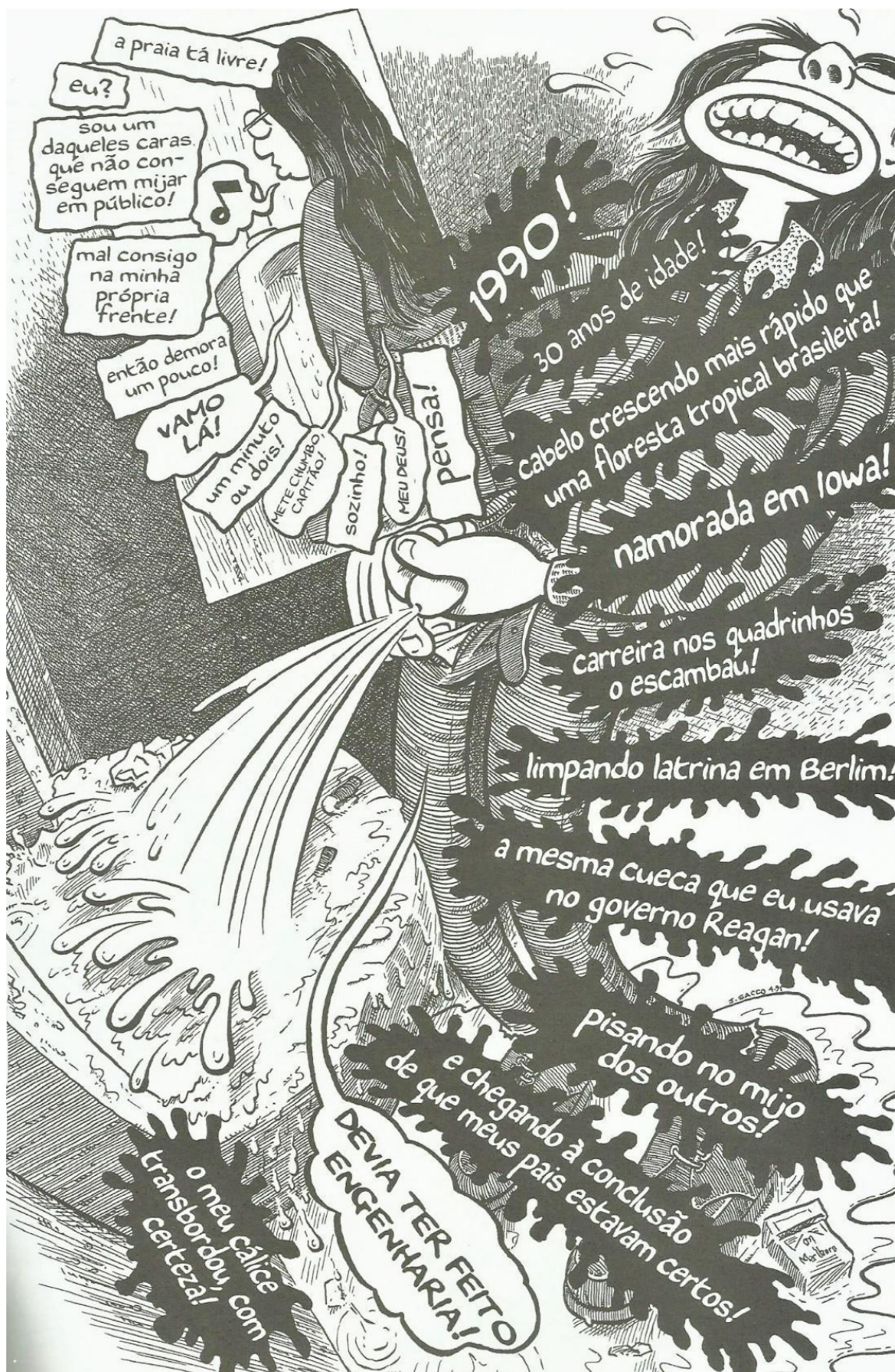
Em 1991, em meio a Primeira Intifada na Palestina (1987-1993)²⁶, Sacco viajou para os Territórios Ocupados por Israel e cobriu o levante popular palestino. A viagem ao Oriente Médio durou cerca de dois meses, entre 1991 e 1992, e resultou em uma série de quadrinhos intitulado *Palestine*, constituindo, assim, sua primeira experiência no gênero de JHQ. Publicada em nove volumes, ela não tinha periodicidade constante e regular, por isso sua publicação aconteceu entre 1993 e 1996 (VIEIRA, 2017).

Ao contrário de *Yahoo!*, narrativa acerca de suas desilusões pessoais, o foco principal de *Palestine* esteve pautado nos relatos de testemunhas oculares e na construção de uma história centrada na experiência de palestinos durante a Intifada. Mesmo com uma abordagem voltada para catástrofe, alguns elementos referentes ao estilo gráfico conhecido como cartunescos²⁷ ainda podiam ser observados na primeira experiência de Sacco no JHQ. Por conta disso, uma década após a publicação de *Palestine*, ele afirmou não se surpreender quando ouviu “[...] que certo dramaturgo palestino-americano, após olhar de relance o primeiro número, rasgou-o em pedaços” (SACCO, 2011, p. xvii).

²⁶ Segundo André Gattaz (2003), com o fracasso do processo de Oslo, houve desilusão por parte dos palestinos com a política da Autoridade Palestina (AP), além da deterioração das condições socioeconômicas da população. Sujeitos ao regime de clausura imposto pelas Forças de Defesa de Israel (FDI) e as constantes violações dos preceitos humanitários e civis por parte do poder ocupante, levaram os palestinos dos territórios ocupados, a mais uma vez, insurgirem contra Israel. Ao contrário da Primeira Intifada Palestina (1987-1993), a Intifada de Al-Aqsa foi muito mais intensa. Como resposta, o exército de Israel provocou centenas de mortes entre os palestinos, aguçando a ira de grupos como o Hamas e a Jihad Islâmica. Até 2003, Gattaz afirma que houve cerca de pelo menos 2500 mortos no conflito (GATTAZ, 2003, p. 191).

²⁷ O estilo cartunescos se diferencia do estilo realista no que tange à questão da anatomia humana. Os personagens são desenhados, por exemplo, com nariz grande e redondo (SANTOS, 2004, p. 45).

Figura 12: Reflexões em um banheiro berlinense



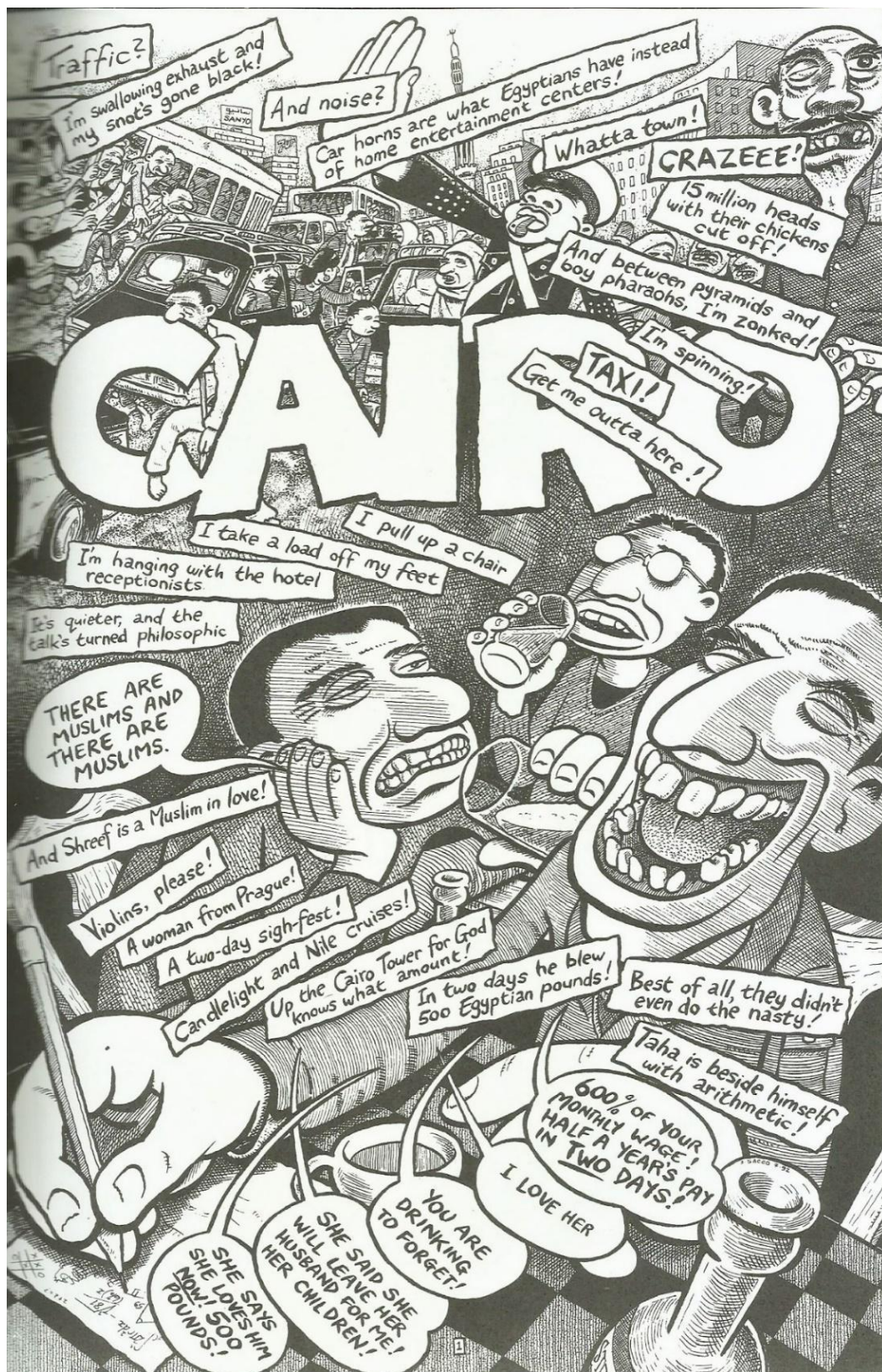
Em relação à influência do movimento *underground* no primeiro volume de *Palestine*, na **figura 13** verificam-se alguns detalhes cartunescos e satíricos. Neste quadrinho, correspondente à primeira página do JHQ, Sacco ilustra uma conversa em um hotel no Cairo. No saguão, ele dialoga com dois egípcios sobre os motivos que o levaram para o Oriente Médio. Na parte superior direita da página, há um egípcio de meia idade, com nariz avantajado, ausência de um dente em sua boca e um de seus olhos semifechados. Mais ao centro, verifica-se um guarda de trânsito com o braço erguido em sinal de pare. A mão desenhada e projetada para frente, foi ilustrada desproporcionalmente ao tamanho do seu corpo. No lado esquerdo, constata-se um homem apoiado, como se fosse uma muleta, na letra “C” de Cairo. Um pouco acima, uma multidão de pessoas corre atrás de um ônibus que se encontra lotado, enquanto os demais, com os braços esticados para fora, tentam ajudá-los a subir na condução. Na parte inferior, ocupando boa parte da lateral direita da página, há um egípcio, o nome não foi divulgado, conversando com Sacco e Shreef (o egípcio é quem sustenta sua cabeça com a palma da mão). Nesta cena, pode-se averiguar que o egípcio anônimo foi desenhado com um largo sorriso. Sua boca extremamente aberta apresenta os dentes desproporcionais ao tamanho da cabeça.

Portanto, mediante observação da primeira página de *Palestine*, percebemos expansiva quantidade de elementos cartunescos, fator que pode ter contribuído para o desagrado do dramaturgo palestino-estadunidense. Além da crítica ao estilo gráfico empreendido em sua primeira experiência do JHQ, as informações relativas à recepção da obra de Sacco durante os primeiros anos de sua publicação demonstram, aparentemente, o insucesso inicial de sua carreira como produtor de JHQ. Apesar da editora que originalmente publicou *Palestine*, Fantagraphics Books, reiterar a notável relevância da obra de Sacco para o campo das HQ's, os resultados mercadológicos apontavam a baixa procura da obra pelos leitores. De acordo com a editora Fantagraphics Books:

Nos anos subsequentes ao lançamento de *Palestine*, Sacco ganhou elogios pela profundidade de sua pesquisa, pela sensibilidade ao lidar com um assunto delicado, bem como pelo ofício exibido em seus *layouts* dinâmicos e sofisticados e sua narrativa ousada. *Palestine* estabeleceu novos padrões para o uso da História em Quadrinhos como meio de documentário e foi a primeira *graphic novel* de não ficção a convidar sérias comparações com o vencedor do Prêmio Pulitzer, Art Spiegelman, com *Maus*²⁸ (FANTAGRAPHICS BOOKS, 2020).

²⁸ [No original]: “In the years subsequent to the release of *Palestine*, Sacco has gained widespread praise for the depth of his research, the sensitivity of his handling of a delicate subject, as well as for the craft exhibited in his dynamic, sophisticated layouts and bold narrative. *Palestine* set new standards for the use of the comic book as a

Figura 13: A confusão em um hotel no Cairo



Fonte: SACCO, 2010, p. 5

documentary medium, and was the first non-fiction graphic novel to invite serious comparison with Art Spiegelman's Pulitzer Prize-winning *Maus*" (Tradução livre).

Segundo o site da editora americana, o trabalho do quadrinista-jornalista mereceu comparações com a já consolidada e reconhecida obra de Spiegelman, *Maus*. Rafael Baêta Leal dos Santos (2012) apresenta vasta lista de premiações conquistadas por Sacco com a produção de *Palestine*. Dentre elas, os elogios por parte da *The Utne Reader* e o *Washington City Paper*, ambos em 1993, mesmo ano que foi indicado ao prêmio *Harvey Awards* como “melhor série nova”. Em 1996, o autor recebeu o prestigiado prêmio literário *American Book Award*. Dois anos depois na França, *Palestine* foi indicada na categoria “melhor publicação estrangeira” no Festival de Angoulême. No Brasil, ano em que a obra foi publicada pela Editora Conrad do Brasil, recebeu o prêmio HQ Mix de melhor *graphic novel* estrangeira (SANTOS, 2012, p. 33).

Ao que parece, dentro do campo quadrinístico, e, em certo ponto, do campo literário, a obra de Sacco teve reconhecimento positivo entre os críticos de HQ's. Em contrapartida, a pesquisa de Martin Barker (2012) apresenta outra perspectiva relativa à relevância de *Palestine*. Segundo levantamento acerca da recepção do JHQ de Sacco sobre o conflito na Palestina, Barker informa que as vendas estiveram muito abaixo do esperado para uma publicação de cunho alternativo. Enquanto a média esperada pela editora para essa publicação circulava em torno de 20 mil unidades anuais vendidas, *Palestine* não ultrapassou a marca de 2.300 unidades. O trabalho de Sacco, segundo Barker, tornou-se relevante entre 2001 e 2003, período que as *reviews* e os comentários de leitores na internet sobre *Palestine* aumentaram cerca de 60% (BARKER, 2012).

Portanto, enquanto os especialistas literários creditavam o trabalho de Sacco com qualidades que o levaram a ser reconhecido não só nos Estados Unidos, mas também mundo afora, os leitores não apresentavam o mesmo entusiasmo. A respeito do insucesso inicial de *Palestine* entre o público leitor, Charlotta Salmi (2017) defende que a opção do autor em escrever sobre um tema delicado, no caso, o conflito entre Israel e Palestina, pode ter afetado na pequena margem de exemplares vendidos nos primeiros anos de publicação. Caso diferente aconteceu com seu próximo trabalho, *Safe Area Gorazde*:

Contar com determinados quadros - neste caso, categorias predefinidas de autenticidade e precisão - pode ajudar a dar legitimidade às testemunhas palestinas e suas reivindicações, mas também pode ser um obstáculo quando os quadros escolhidos não conseguem obter a simpatia desejada de seu público. A obra anterior de Sacco, *Palestine*, por exemplo, não foi um sucesso imediato com o público-alvo, precisamente porque seus leitores recusaram as

formas de reconhecimento com as quais Sacco estruturou sua narrativa (SALMI, 2017, p. 421)²⁹.

Se por um lado *Palestine* não foi um sucesso imediato de vendas, por outro, *Safe Area Gorazde (1992-1995)*, publicado em 2000, baseado em relatos sobre a guerra na Bósnia, obteve melhores resultados entre os jornalistas e leitores. De acordo com Dutra, ao contrário de *Palestine*, o trabalho de Sacco sobre a guerra na Bósnia recebeu atenção imediata de periódicos de grande circulação, tais como: “*Time, The New York Times, NPR, The Los Angeles Times Book Review* e dezenas de outras publicações” (DUTRA, 2003, p. 28).

Sobre o conteúdo de *Safe Area Gorazde*, Djenane Arraes Moreira e Maria Cunha-Cavalcanti (2016) afirmam que o novo JHQ de Sacco a respeito do conflito na Bósnia contém entrevistas com ex-integrantes paramilitares do exército bósnio, indivíduos que tiveram suas vozes emudecidas pelos grandes meios de comunicação durante o conflito. *Safe Area Gorazde*, assim como *Palestine*, além de descrever um relato de viagem, também expõem as experiências humanas durante o período de guerra. Dessa forma, pode-se dizer que a narrativa baseada nos testemunhos de não-ditos, ou seja, de indivíduos que receberam pouca ou quase nenhuma atenção nas áreas de guerra, tais como os palestinos no conflito contra Israel e dos bósnios na guerra da Bósnia, tornou-se uma das características das JHQ's de Sacco.

1.4 CARACTERÍSTICAS NARRATIVAS E GRÁFICAS DO JORNALISMO EM QUADRINHOS DE JOE SACCO

Além dos métodos similares utilizados por outros autores de JHQ, por exemplo, *Brought to life*, e o empreendimento do acontecimento histórico/bélico como tema principal da narrativa, a aplicação da personagem-fonte em *Fax from Sarajevo* e o uso de fotografias para reprodução imagética no caso de *Notas de um tempo silenciado*, os JHQ's produzidas por Sacco compartilham de determinados métodos específicos que as destacam das demais produções do gênero (MOREIRA; CUNHA-CAVALCANTI, 2016). Tais métodos, além de conceberem uma linguagem gráfica e narrativa própria ao autor, também conferem credibilidade e legitimidade aos eventos noticiados em seus JHQ's. Ao que tange à linguagem escrita, uma das

²⁹ [No original]: Relying on given frames – in this instance preset categories of authenticity and accuracy – can help lend legitimacy to the Palestinian witnesses and their claims, but it can also be a hindrance when the chosen frames fail to elicit the desired sympathy from their audience. Sacco's earlier work *Palestine*, for example, was not an immediate success with its intended audience, precisely because its readers refused the forms of recognition that Sacco framed his narrative with. (Tradução Livre).

características narrativas elaboradas por Sacco configura-se na exposição dos dilemas humanos, especialmente daqueles vitimizados pelos litígios bélicos (DUTRA, 2003). Ainda de acordo com Dutra, os trabalhos de Sacco caracterizam-se como:

[...] livros sobre seres humanos em condições excepcionais, em situações-limite diante de conflitos irracionais. Histórias em quadrinhos também são fundamentalmente sobre pessoas. Poucas foram as experiências de se produzir HQs que não se articulavam sobre personagens com comportamentos humanos (mesmo que com carinha de bichinhos). História em Quadrinhos implica quase obrigatoriamente em personagens fazendo, dizendo e/ou pensando coisas (DUTRA, 2003, p. 48).

Ao dar voz aos palestinos e bósnios inauditos entre os horrores ocasionados pelos conflitos, eles deixam de ser parte de um conjunto de acontecimentos, números, explosões e incidentes nos jornais impressos e nos televisores e passam a ter nomes, costumes, apetite e lazer (DUTRA, 2003). Para Joshua Kavaloski, as ilustrações produzidas por Sacco, especialmente aquelas relativas às suas relações interpessoais com os entrevistados e guias pelas cidades em que passou, representam um processo de humanização do “outro”, contribuindo para o rompimento de determinados padrões e estereótipos sobre os palestinos, bósnios e árabes construídos pelos meios de comunicação (KAVALOSKI, 2019).

Em outras situações, o quadrinista-jornalista representou palestinos e bósnios em condições análogas de dor e sofrimento. Em *Palestine*, por exemplo, exibiu o relato de tortura descrito pelo palestino Ghassan. De acordo com Vieira (2017), ao representar a aflição vivenciada por Ghassan, o quadrinista-jornalista tinha como estratégia representar aos seus leitores outra perspectiva da Intifada de 1987, ou seja, uma perspectiva palestina sobre o conflito que vai além daquela disseminada pelos meios de comunicação impressos e televisivos no Ocidente, especialmente nos Estados Unidos. Conforme o relato cedido por Ghassan a Sacco, depois de preso preventivamente, ele havia sido torturado pelos agentes da polícia especial secreta de Israel, entidade essa titulada de Shin Bet.

Figura 14: A tortura sofrida por Ghassan

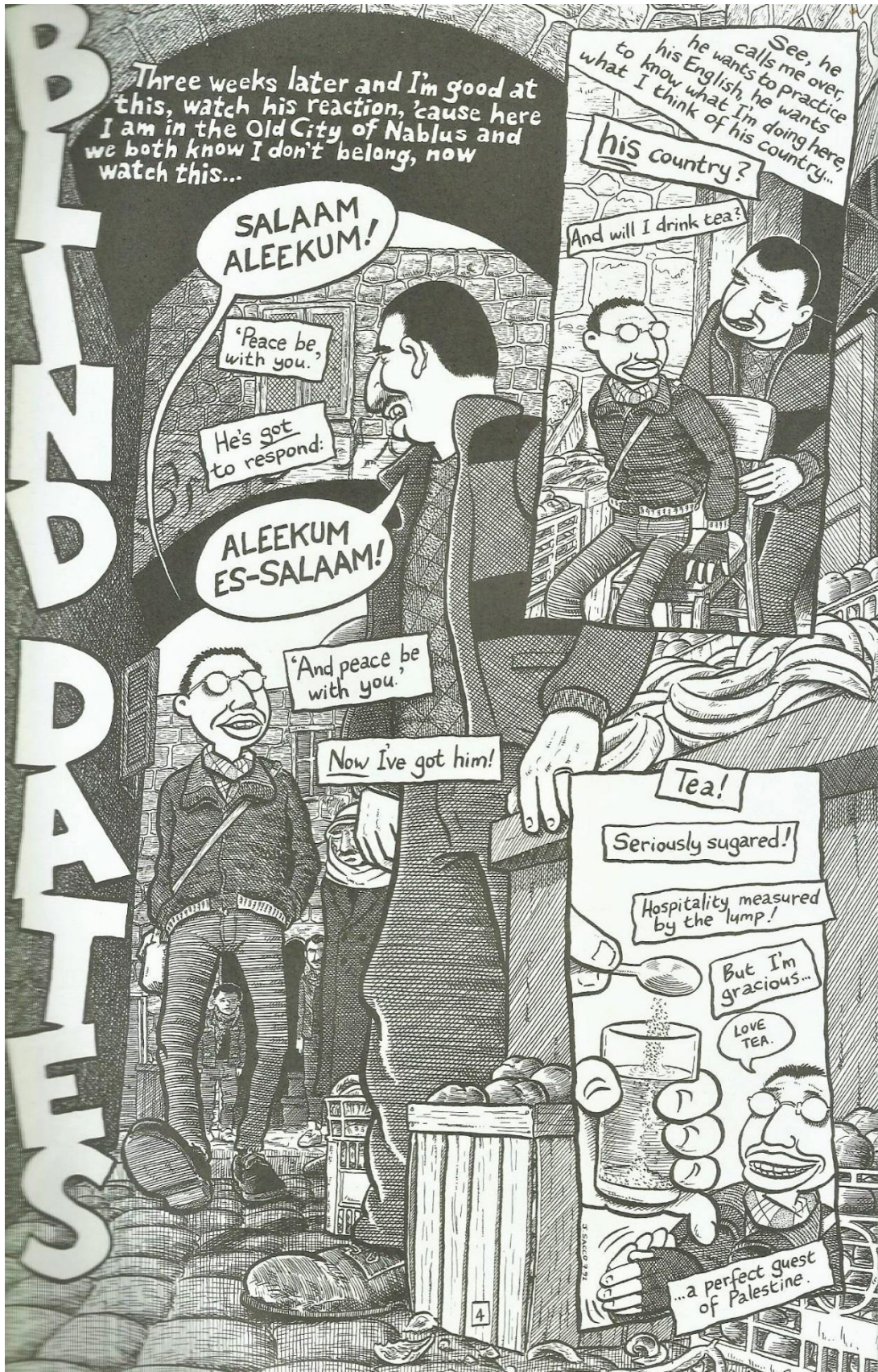


Conforme **figura 14**, Sacco ilustrou os interrogadores empreendendo o método de tortura nomeado *Sudden pulling of the body* (algo como “Puxão repentino do corpo”), procedimento esse que consiste no ato de o interrogador agarrar “o detento de repente pela camisa ou pelos ombros e puxá-lo, geralmente para frente” (CHEBATA, 2016, [s.p]). Na primeira sequência de vinhetas da página, o interrogador segura Ghassan pela camisa e desfere um golpe contra o palestino. Adiante, o agente do Shin Bet o sacode para frente e para trás, imobilizando Ghassan, que estava sentado na cadeira com as mãos amarradas atrás de suas costas. Após passar por esse processo, o palestino relata ter sido colocado em uma cela pequena e escura, com o chão encharcado de urina, impedindo-o de se sentar, levando-o a ficar por horas em pé. Por fim, nas duas últimas vinhetas, mais um procedimento do método *Sudden pulling of the body* é representado, no qual os agentes do Shin Bet posicionam o torturado sentado em uma cadeira com as mãos amarradas em um cano, com a intenção de irritar as articulações das mãos, impondo dor intensa ao indivíduo (CHEBATA, 2016, [s.p.]).

Possivelmente, a representação, por parte de Sacco, dos métodos de tortura empreendidos pelos israelenses contra os palestinos, além de apresentar uma realidade que quase nunca era apresentada nas páginas dos periódicos estadunidenses, também aproximava o leitor ocidental, distante dos campos de batalha, das penúrias vivenciadas por aqueles que o quadrinista-jornalista elegeu como vítimas da guerra.

Outra característica peculiar nos trabalhos de Sacco consiste na autorrepresentação narrativa. Além de narrador, ele também se apresenta como personagem de suas histórias. Essa autorrepresentação pode ser considerada uma característica gráfica e narrativa apropriada da linguagem dos quadrinhos *underground* da década de 1970 (DUTRA, 2003). Em relação à autorrepresentação do narrador nas HQ's *underground*, Danner e Manzur (2014, p. 24) defendem que Crumb: “[...] frequentemente usava a si mesmo como tema, revelando, aparentemente sem vaidade os constrangimentos, as facetas mais embaraçosas de sua personalidade e de sua psicologia”. Munido desse recurso, o elemento satírico nas narrativas produzidas por Sacco encontram-se nos trocadilhos e nas reflexões do quadrinista-jornalista diante de dilemas ou temas banais em suas viagens.

Figura 15: O palestino cordial



Em *Palestine*, na **figura 15**, por exemplo, situações de alívio cômico podem ser encontradas em ações cotidianas com os palestinos. Neste caso, ao chegar à Palestina, Sacco, com as mãos nos bolsos, demonstrando tranquilidade no seu andar, ao se deparar com um palestino o cumprimenta com o “Salaam Aleekum” (algo como “Deus esteja com você” em árabe) e recebe de volta o “Aleekum es-Salaam!”, representando que seu cumprimento foi ouvido pelo árabe. Além disso, entre os dois balões de fala, é possível observar que Sacco escreveu em um recordatório a tradução do cumprimento e a resposta que ele esperava receber do palestino: “Ele tem que responder:”. No último recordatório, após receber o cumprimento de volta, ele afirma de maneira coloquial que: “Já conquistei o cara!” e, como se fosse jogada uma isca, o palestino passa a ser cordial com ele, puxando a cadeira para se sentar e, o mais importante, oferecendo um grande copo de chá com muito açúcar. Diante de situações cotidianas como essa, em que Sacco se autorrepresenta durante suas relações com os árabes palestinos, sua presença se torna um escape anedótico em meio aos desastres da guerra.

Para mais, nos trabalhos elaborados por Sacco, a comunicação entre criador e leitor é construída mediante o emprego dos recordatórios³⁰ ao invés de balões de pensamento³¹. Além de permitir comunicação direta com o leitor, o recurso contribui para a descrição detalhada de pessoas e lugares, como também a expressão de emoções e sentimentos do autor sob determinadas situações pontuais.

Figura 16: Robert e Aline Crumb apresentado a família



Fonte: CRUMB, 2015, p.7

³⁰ Os recordatórios têm a função de abrigar os textos, narrativos como a passagem do tempo ou de espaço, ou expressivos, referente à voz interior da personagem (SANTOS, 2004, p. 30).

³¹ Constituem-se pelos balões ondulados, com rabicho formado por bolinhas voltadas para a cabeça da personagem, contém seu pensamento, comuns nas narrativas de HQ (SANTOS, 2004, p. 29).

A título de comparação, na figura 16, pode-se observar o emprego do balão de pensamento e a sua função narrativa. Na tira satírica desenhada por Crumb e sua esposa Aline, apresentam conjuntamente a tira nominada *The Crumb Family*. No primeiro quadrinho, por meio de um balão de fala, ele se exhibe para os leitores: “*Let’s begin by introducing ourselves... I’m R. Crumb and I’m drawing myself in this comic strip...*” (“Vamos começar nos apresentando... Eu sou R. Crumb e estou me desenhando nesta tirinha”) No seguinte, o artista abraça sua esposa e a apresenta para o público: “*And this is my lovely wife Aline... She’ll –*” (“E esta é minha amada esposa Aline... ela irá –”). Neste momento, Aline o interrompe e inicia a própria apresentação: “*Wait a minit Bob, doncha think I can talk for myself?*” (“Espere um minuto Bob, você não acha que eu posso falar por mim mesma?). A face de Crumb expressa espanto e discordância, enquanto isso, Aline continua sua exposição. No desenrolar da cena, em balão de pensamento (representado pelo formato do balão em nuvem com círculos apontando para a cabeça da personagem), a companheira de Crumb discorre sua opinião sobre ele para os leitores: “*Gotta watch that guy tho, ... he’s so bossy!*” (Tem que ficar de olho nesse cara, hein... ele é mandão!) (CRUMB, 2015, p. 7). Dessa forma, por meio do balão de pensamento, a criadora da tira cômica consegue construir uma relação com os leitores ao apresentar a sua opinião em relação ao marido.

Em contrapartida, a comunicação de Sacco com seus leitores é realizada mediante o recurso denominado recordatório. Na **figura 17**, durante estada em Rafah, o quadrinista-jornalista se depara com uma mulher palestina e seus filhos. Aparentemente, ela está indignada com as demolições residenciais em seu bairro. Em tom inflamado ela diz que os palestinos continuarão casando para ter cada vez mais filhos, dificultando, assim, o plano de Israel em aniquilar os árabes da região. No penúltimo quadrinho, ela aponta o dedo para uma criança e pergunta: “*You! When are you getting married?*” (Você! Quando irá se casar?). No quadrinho ao lado, enquanto todos riem da situação, Sacco reflete por meio do recordatório “*We all laught at that. It’s a good time to leave Block O, when everyone has a smile on his face*” (Nós todos rimos daquilo. Essa foi uma ótima oportunidade para deixarmos o Bloco O, quando todos ainda tinham um sorriso no rosto) (SACCO, 2010, p. 167). Nesta ocasião, o balão recordatório desempenhou a função de comunicação direta com os leitores, informando algo que o quadrinista-jornalista pensou sobre o evento.

Figura 17: O sorriso no rosto dos palestinos

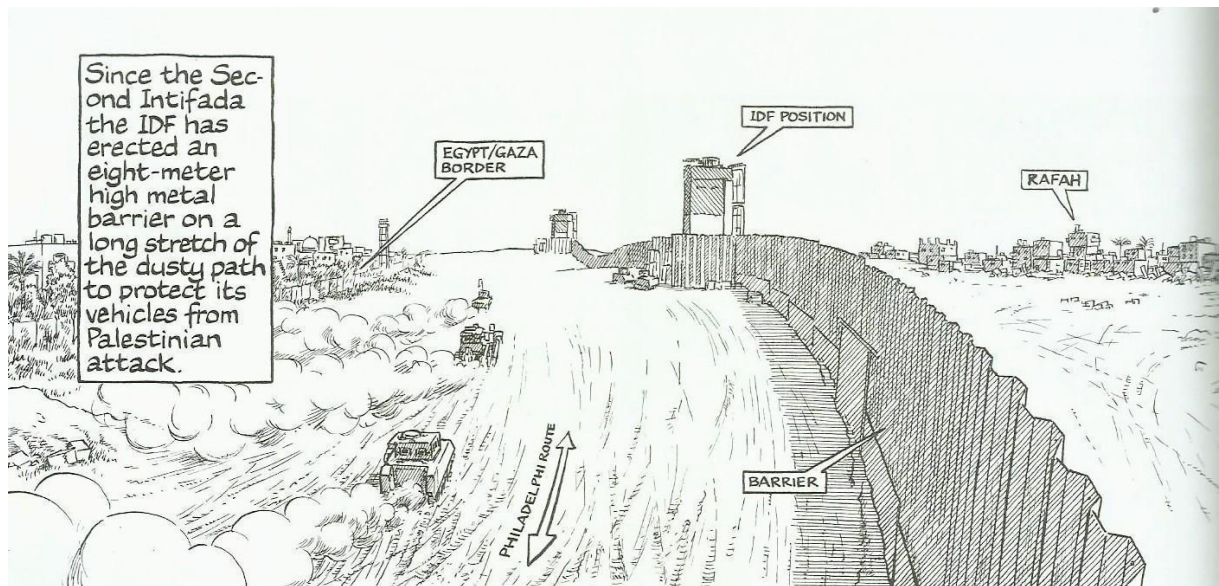


Fonte: SACCO, 2010, p. 165

Em outras ocasiões os recordatórios atuam como ferramenta descritiva de locais. Na **figura 18**, por exemplo, Sacco detalha a fronteira entre Rafah e Egito, local onde foi construída uma barreira física separando as duas regiões. Além de utilizar os recordatórios para pontuar algumas localizações, ele também os utilizou para esclarecer os motivos que levaram a construção do muro na região fronteira: “Desde o início da Segunda Intifada, as FDI mantêm uma barreira de metal de oito metros de altura ao longo de um bom pedaço do caminho de terra, para proteger seus veículos de ataques palestinos” (SACCO, 2010, p. 162). Ao lançar mão do recordatório, além de comunicar ao leitor sobre a existência de uma barreira física que delimita a divisa das terras palestinas do território egípcio, ele pode descrever e especificar com maiores detalhes as condições pelas quais o muro foi erguido, o que ele separa e qual a sua função.

Sendo assim, apesar das semelhanças com o balão de pensamento, a opção pelo recordatório oferece uma narrativa detalhada, especificando de maneira mais clara e objetiva locais ou até apresentando dados estatísticos quando necessário, assim, enriquecendo os desenhos com detalhes e dados outros (PAES, 2014, p. 43).

Figura 18: Descrição da fronteira entre Rafah e Egito



Fonte: SACCO, 2010, p. 162.

Outros dois elementos gráficos característicos das narrativas de Sacco, correspondem as ilustrações em preto e branco e o desenho de pessoas e cenários realistas³². Em relação à aplicabilidade de preto e branco nos JHQ's de Sacco, Paes (2014, p. 92) salienta que o quadrinista-jornalista sempre coloriu em preto e branco as suas obras, possivelmente, por conta da prática de outros autores, como Marjane Satrapi (*Persépolis*) e Art Spiegelman (*Maus*) para obter uma sensação de maior crueza e seriedade para suas narrativas gráficas. Por sua vez, Dutra (2003), afirma que essa técnica, produzida mediante traços esquemáticos e hachuras desenhadas a mão, provém do movimento *underground*, sobretudo ao estilo gráfico de Crumb. Além disso, o autor ainda enfatiza que havia questões editoriais relacionadas ao contraste entre preto e branco nas revistas em quadrinhos:

[...] são mais baratas e rápidas de ser produzidas. Isso confere mais autonomia e poder de decisão ao autor, pois lhe permite afastar-se bastante da linha de montagem dos quadrinhos das grandes editoras. Mas o mais importante, no

³² O estilo gráfico realista preza pela fidelidade em ilustrar personagens e objetos empregando técnicas, como o estudo de anatomia, fisionomia e perspectiva (SANTOS, 2004, p. 44).

caso de Sacco, é o impacto psicológico do preto e branco, também buscado pela fotografia e pelo cinema quando abandonam a cor. Alguém já disse que a realidade é colorida, mas o preto e branco é mais realista. Apesar dos avanços da tecnologia, grandes fotógrafos, como Cartier Bresson ou Sebastião Salgado, e grandes cineastas, como Woody Allen e Steven Spielberg, usaram (ou usam) o preto e branco como uma opção estético-formal (DUTRA, 2003, p. 23).

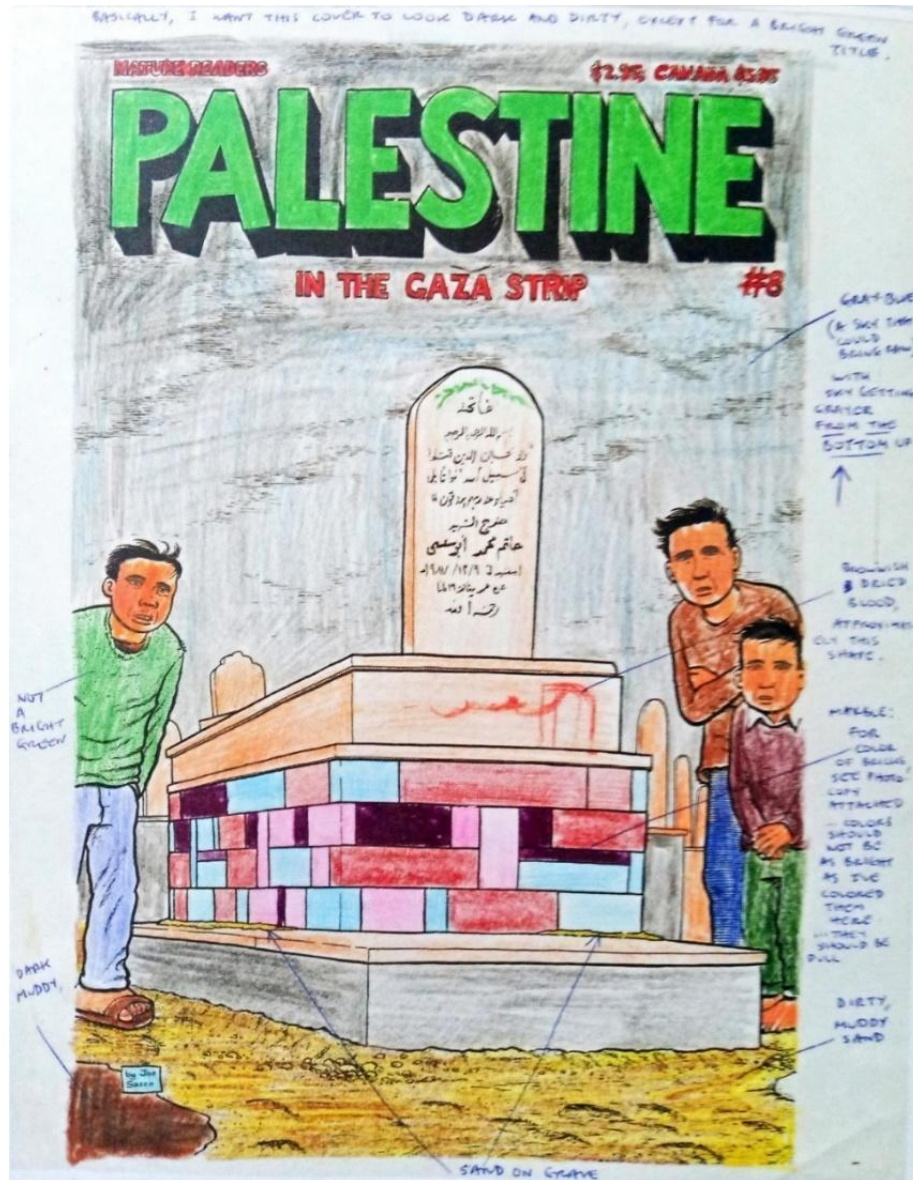
Possivelmente, apesar da relevância estética produzida pelo contraste entre o preto e o branco nas HQ's, a predileção editorial em manter as obras de JHQ em preto e branco esteja muito mais relacionada com o barateamento do processo de coloração do que com a busca pelo apelo emocional na narrativa gráfica. Vale lembrar que a Fantagraphic Books, editora que publicou os dois primeiros trabalhos de Sacco, no caso, *Yahoo!* e *Palestine*, no início da década de 1990, havia sido fundada há menos de uma década e se configurava como uma editora de quadrinhos alternativos. Por conta disso, talvez não possuísse estrutura tecnológica, ou aparato financeiro necessário para confecção de uma revista em JHQ colorida. Além do mais, vale lembrar que *Palestine* não apresentava significativo retorno financeiro para editora, visto que a venda anual não correspondia a 10% do esperado pela Fantagraphic Books (BARKER, 2012). Por último, e não menos importante, o processo de coloração de quadrinhos na década de 1990 pode ter sido um dos maiores obstáculos para a implementação da paleta de cores nas páginas de *Palestine*. De acordo com Sacco, o processo era demorado e semi-artesanal:

Desenhei *Palestine* em uma época pré-Photoshop. As cores para as capas eram recortadas em acetato, em um processo que ainda não entendo de todo. De qualquer forma, o que eu fazia era mandar “indicações de cor”, basicamente uma fotocópia da capa que eu tinha colorido à lápis – como uma criança -, a fim de fornecer ao colorista da editora um gabarito de onde eu queria os vermelhos, os azuis, os verdes, além do tom aproximado de cada cor [...]. Esse processo primitivo funcionava de maneira surpreendente (SACCO, 2010, [s.p.]).

Diante disso, apesar da menção ao surpreendente resultado final, as primeiras HQ's de Sacco, respectivamente *Yahoo!* e *Palestine*, haviam sido arte-finalizadas nesse processo artesanal, favorecendo, assim, a manutenção do predomínio do preto e branco nas revistas produzidas pelo quadrinista-jornalista enquanto produziu para a Fantagraphic Books. Outro indício desse trabalho manual, que possivelmente contribuiu para a ausência de cores nas JHQ's de Sacco, pode ser observado na **figura 19**, e é relativo ao tingimento manual da capa estadunidense de *Palestine* vol.8. Além das cores impressas com lápis de cor, várias anotações em caneta esferográfica azul expõem as indicações do desenhista para os coloristas da editora. Neste procedimento, além do tempo disponibilizado pelo autor, colorir manualmente as

imagens e acrescentar anotações nas fotocópias, havia também o tempo dispensado pelo colorista na editora, em outras palavras, o mesmo processo era realizado pelo menos duas vezes, a primeira pelo desenhista em seu estúdio e a segunda pelo arte-finalista na sede da editora.

Figura 19: Detalhes para colorir a capa de Palestine



Fonte: SACCO, 2010, [s,p]

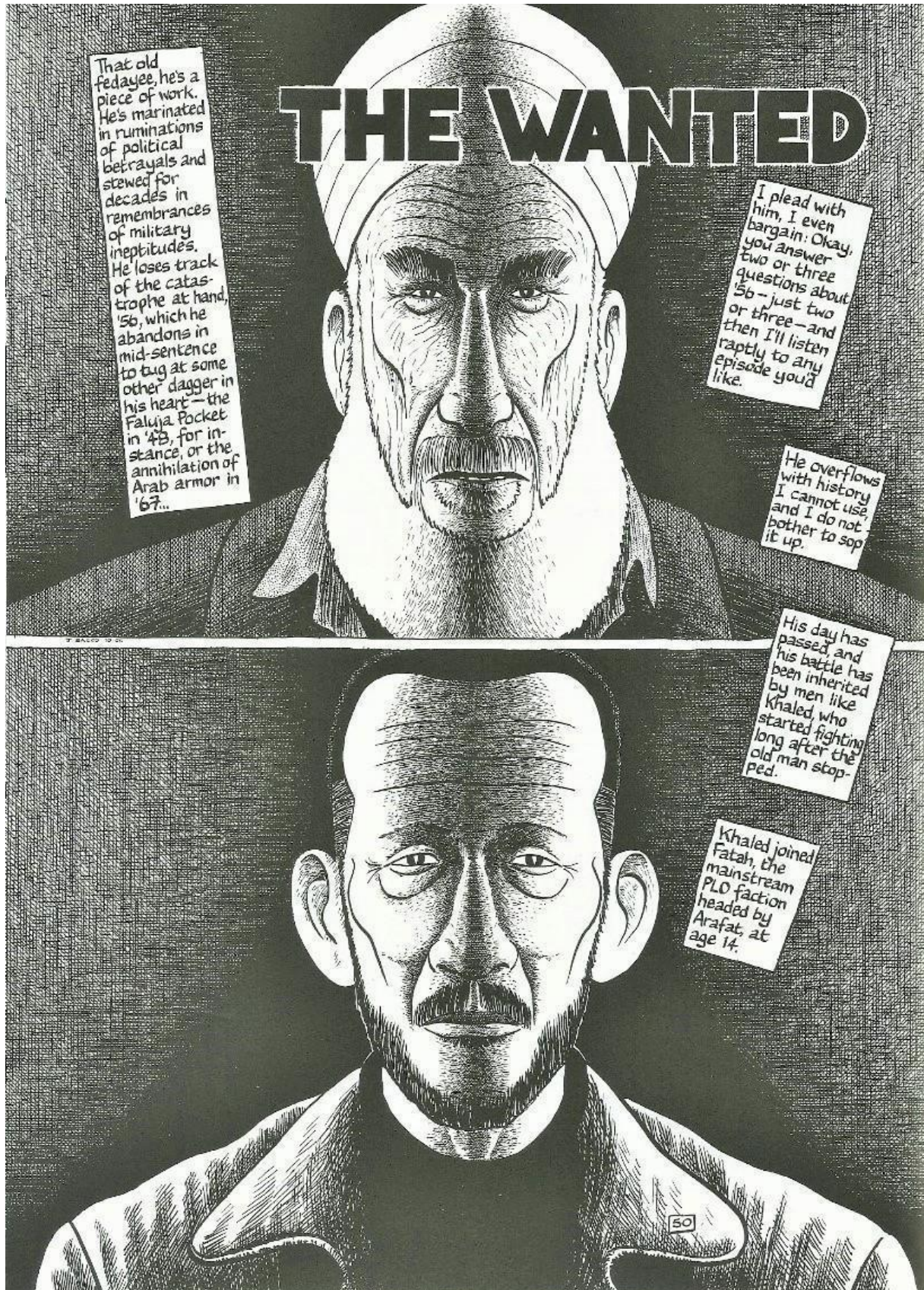
Posto isto, apesar de Dutra (2003) afirmar que um dos fatores para a manutenção das cores preto e branco nas revistas de Sacco esteja relacionado com a liberdade produtiva em criar livremente suas páginas, isto é, sem a interferência dos arte-finalistas, as anotações em caneta esferográfica demonstram a autonomia do autor em selecionar as cores de suas gravuras. Dessa forma, o processo de pintura não se resumia a escolha unilateral do colorista, mas, de

uma decisão do desenhista. Possivelmente, o tempo despendido para coloração e os custos envolvidos neste procedimento eram determinantes para a manutenção das páginas em preto e branco, mais do que a liberdade criativa do desenhista ou a busca do apelo emocional.

Por fim, outra característica gráfica dos JHQ's de Sacco diz respeito à composição realística na ilustração dos cenários e das personagens. Segundo Dutra (2003), o traço de Sacco é mais realista nos cenários e ligeiramente caricatural na representação de suas personagens. Da mesma forma, Paes (2014, p. 88) afirma que Sacco empreende elementos gráficos realistas nos cenários e cartunescos nas personagens. O motivo dos traços cartunescos, segundo o autor, advém da necessidade do quadrinista-jornalista em expressar e ressaltar os sentimentos e emoções dos palestinos. Por sua vez, Kavaloski (2019) lembra que no início da carreira, Sacco abusava da representação semi-grotesca e exagerada de suas personagens, reafirmando vários estereótipos culturais. Por conta disso, ao que parece, depois de *Palestine*, Sacco afastou-se dos traços caricaturais em suas personagens, desenhando-as também de maneira realista.

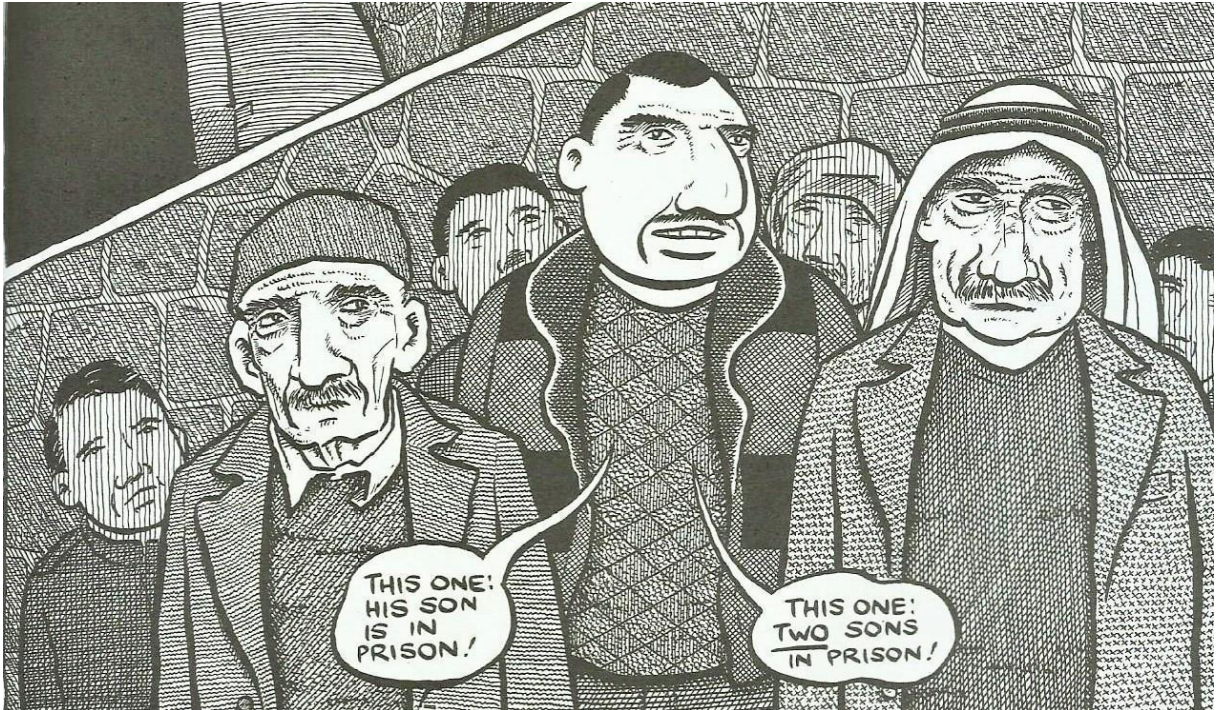
É possível que essa mudança de atitude gráfica tenha sido colocada em prática graças ao uso da câmera fotográfica em campo. De acordo com Souza (2015), Sacco pedia aos entrevistados permissão para fotografá-los para posteriormente ilustrá-los com mais precisão. A título de exemplo, observa-se a **figura 20**, a ilustração de dois homens palestinos nas páginas de *FinG*. Na parte superior da página, o quadrinista-desenhista produziu a gravura de um antigo *fedayeen*, guerrilheiro palestino. Ele não tem seu nome divulgado, apenas é possível conhecer sua história como sobrevivente da resistência palestina na fronteira com o Egito, durante a guerra de 1956. Na parte inferior, Sacco ilustrou Khaled, palestino de aproximadamente cinquenta anos e procurado pelas Forças de Defesa de Israel. Na representação dos palestinos da **figura 20**, verificam-se marcas temporais de expressão facial, por exemplo, Khaled dispõe de olheiras que expressam o cansaço de um homem que dorme pouco, devido à sua condição de procurado. Na ilustração do velho *fedayeen*, observam-se rugas abaixo dos olhos, representando o desgaste de sua pele em detrimento da idade avançada.

Figura 20: Homens palestinos nas páginas de Footnotes in Gaza



Fonte: SACCO, 2010, p. 50.

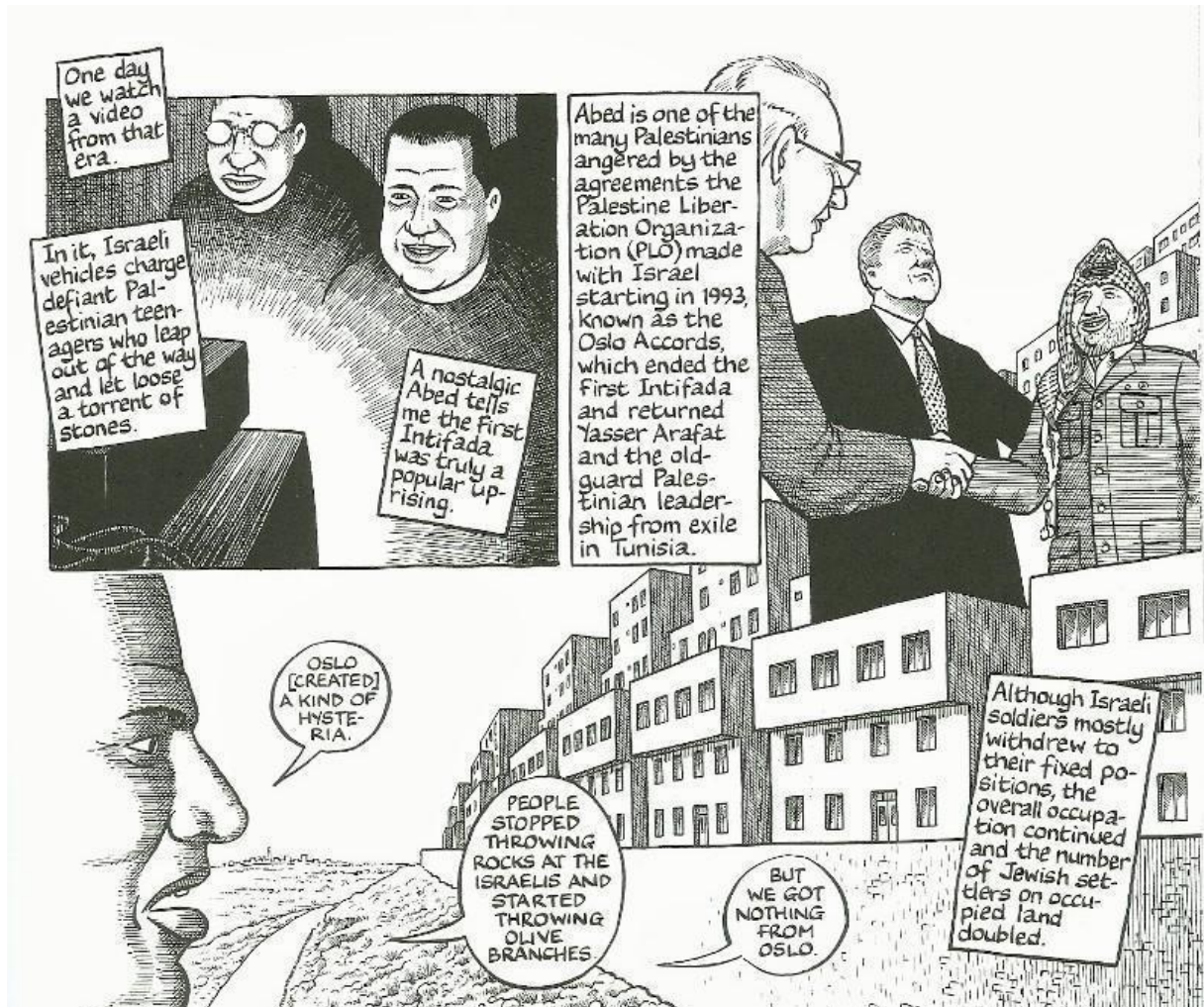
Figura 21: Homens palestinos nas páginas de Palestine



Fonte: SACCO, 2014, p. 9.

Em contrapartida, quando retomamos os desenhos produzidos por Sacco em *Palestine*, os elementos cartunescos ainda encontram-se presentes, reforçando a ideia de Kavaloski (2019) de que o quadrinista-jornalista abusava dessas características no início de sua carreira e, ao longo do tempo, as deixou e passou a buscar a representação realística de pessoas. Conforme **figura 21**, observa-se a ilustração de alguns palestinos produzida por Sacco em 1992. Na imagem, o palestino do meio, mais jovem que os demais, foi desenhado com nariz avantajado e rosto arredondado, características basilares de charges e cartoons. Os outros dois palestinos, representando homens idosos, a não ser pelo formato do rosto e pela vestimenta, possuem traços muito semelhantes, por exemplo, o tamanho do nariz, o bigode e olhos semi-fechados. Diante disso, entre o processo de elaboração de *Palestine* (1992-1996) e *FinG* (2002-2009), pode ser observado, por parte do quadrinista-jornalista, o distanciamento das características gráficas cartunescas e a apropriação de elementos que contribuem para o refinamento nos detalhes das personagens desenhadas.

Figura 22: Desenho do Acordo de Oslo de 1993



Fonte: SACCO, 2010, p. 15

Outro exemplo relacionado ao enriquecimento de detalhes na composição gráfica de personagens nas ilustrações produzidas por Sacco pode ser observado na **figura 22**, reprodução imagética do Acordo de Oslo de 1993³³. Nesta imagem, Sacco reproduziu a fotografia icônica entre o líder palestino Yasser Arafat, Yitzhak Rabin – então Primeiro Ministro de Israel –, e o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton. Ao observar a fotografia que serviu como base para o desenho (**figura 23**), verifica-se Clinton, posicionado em pé e com os braços abertos, enquanto os líderes de Estado, solenemente, apertam as mãos. Em segundo plano, pode-se verificar as edificações da Casa Branca. Além disso, vale ressaltar que os três líderes estão enquadrados em um plano central ao olhar do observador, ou seja, os estadistas e

³³ Com o medo do crescimento dos movimentos islâmicos durante a Primeira Intifada Palestina, e com o intuito de modelar um tratado benéfico para a ocupação israelense, o primeiro ministro israelense, Yitzhak Rabin convocou o representante da Organização pela Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, para negociações de paz secretas em Oslo, Noruega (GATTAZ, 2003).

o fotógrafo encontravam-se no mesmo plano.

Figura 23: Fotografia do Acordo de Oslo de 1993



Fonte: BBC BRASIL, 2010.

No desenho (**figura 22**), Clinton, Rabin e Arafat são ilustrados no ângulo de visão inferior, também conhecido como *contre-plongué*. De acordo com Waldomiro Vergueiro (2004, [s.p.]), nesta modalidade de enquadramento a ação é percebida pelo leitor de baixo para cima. Em muitos casos, o ângulo *contre-plongué* é empreendido para enaltecer ou tornar o indivíduo ilustrado mais poderoso do que realmente é. Posto isto, possivelmente, a reprodução dessa fotografia esteja engrandecendo a figura dos líderes palestino e israelense que, juntamente com Shimon Peres, foram agraciados com o prêmio Nobel da Paz em 1994, em decorrência do fechamento amistoso do acordo: “Ao concluir os Acordos de Oslo e, posteriormente, acompanhá-los, Arafat, Peres e Rabin deram contribuições substanciais a um processo histórico por meio do qual a paz e a cooperação podem substituir a guerra e o ódio” (THE NOBEL..., 2020, [s.p.]).

Além disso, o segundo plano da ilustração (**figura 22**), em comparação a fotografia (**figura 23**), não representa o jardim da Casa Branca, mas sim uma colônia israelense e suas construções prediais uniformes. Neste capítulo de *FinG*, denominado “*Abed*”, em referência ao amigo e guia de Sacco durante os dias em que esteve na Faixa de Gaza, o quadrista-jornalista apresenta seu amigo e guia Abed, um palestino pertencente a um clã muito respeitado pelos

moradores de Gaza. O palestino é descrito por Sacco como um patriota que lutou contra Israel na Intifada de 1987. Na reprodução do Acordo de Oslo ilustrada por Sacco, Abed, por meio dos balões de fala, comenta sobre as consequências dos Acordos de Paz de 1993 para sua vida e de seus conterrâneos. Em tom melancólico, o palestino rememora o fim da Intifada de 1987 e a apreciação do Acordo de Oslo, que na sua opinião, fez com que os palestinos parassem de lutar contra a repressão do exército israelense e aceitassem a colonização das terras palestinas. Sobre essa vinheta, Paes (2014) destaca que, ao ilustrá-la, Sacco tinha a intenção de exemplificar a opinião de Abed sobre o Acordo de Oslo como também, de forma íntima, estreitar a relação entre o conteúdo abordado na obra com o seu leitor:

É interessante notar que as escolhas imagético-narrativas tomadas na página aqui descrita podem ser usadas para chegarmos a duas noções de percepção sobre o teor da mensagem da HQ: a primeira, no quadro referente ao aperto de mão do acordo de Oslo, passa uma espécie de —didatismo subjetivo— por mostrar esta figura de Abed, quase diluída em meio aos elementos dispostos, explicando o acordo em questão enquanto dá sua opinião sobre o tema; já a segunda noção deriva dos quadros situados logo abaixo, com Abed em close e primeiro plano, encarando o leitor, posicionando-se tal como se estivesse em diálogo direto com o mesmo, numa conversa frente a frente. Este recurso gráfico é, inclusive, utilizado com frequência ao longo da obra [...] (PAES, 2014, p. 109).

Apesar destes elementos relevantes elencados por Paes (2014), é provável que o quadrinista-jornalista tenha ultrapassado essas fronteiras em sua ilustração e explorado alguns elementos históricos e políticos sobre o fadado acordo de paz. Retornando à **figura 22**, mediante o recurso de recordatório, Sacco explica aos leitores que desde a assinatura do acordo de paz, os israelenses continuaram a aumentar o número de colônias dentro da Palestina. Dessa maneira, ao contrário do que se esperava com o premiado Acordo de Oslo de 1993, as condições na Palestina não correspondiam às expectativas positivas criadas pela comunidade internacional, representadas na icônica fotografia na Casa Branca entre os líderes de Estado (**figura 23**). Possivelmente, a fotografia dos três líderes reproduzida por Sacco foi ressignificada mediante o discurso pessimista de Abed em relação aos desdobramentos do Acordo de Oslo. De acordo com Gattaz (2003), apesar da premiação com o Nobel de 1994, o processo que posteriormente ficou conhecido como “processo de paz de Oslo”, pois, além do Acordo de Oslo de 1993, ainda complementava os acordos de Cairo de 1994, Taba de 1995, Wye River 1998 e Sharm el Sheik de 1999, todos com o objetivo propor a Declaração de Princípios, documento este que reconhecia e acentuava a desproporção financeira e bélica de Israel diante da Palestina, favorecendo assim as pautas israelenses em relação a colonização de terras palestina e dificultando cada vez mais um acordo benéfico tanto para israelenses como

para palestinos.

Ao que parece, o “processo de paz de Oslo”, mesmo objetivando a paz entre israelenses e palestinos, destacou as diferenças entre as duas partes e, conseqüentemente, acentuou o conflito que se estende desde 1948. Sendo assim, levando em consideração este conturbado contexto histórico em que a vinheta do aperto de mão entre os líderes de Estado foi reproduzida e ressignificada. O aperto de mãos ilustrado pelo quadrinista-jornalista foi além da representação do Acordo de Oslo, introduzindo na sua narrativa gráfica a representação das desilusões dos palestinos diante das conseqüências do acordo.

Por fim, além da representação realista de pessoas, Sacco também tentou reproduzir em seus JHQ's cenários e ambientes de convivência realistas. Em relação à composição do cenário realista nos desenhos produzidos por Sacco, Moreira e Cunha-Cavalcanti (2016) afirmam que o quadrinista-jornalista desenvolveu um método gráfico/narrativo com o intuito de representar locais fidedignos, dos quais os leitores possam facilmente identificar determinados elementos e objetos e, em seguida, reconhecer os ambientes e cenários ilustrados. Conforme as autoras:

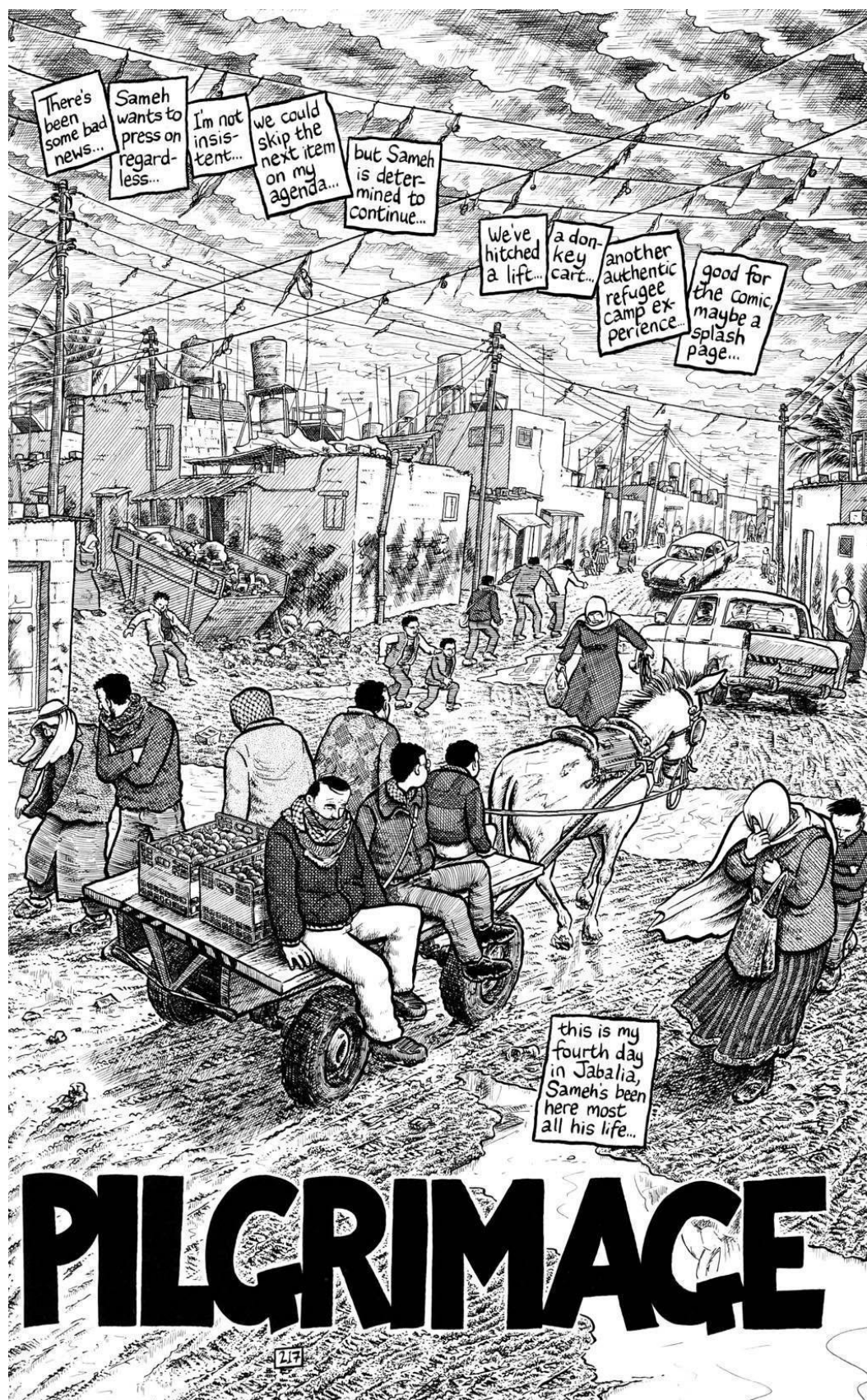
Quando Sacco desenha uma cidade, não pode ser qualquer cidade: ele cria condições para que as pessoas reconheçam o local. Mais que isso: com tal preocupação, o jornalista faz com que o seu desenho seja uma referência visual histórica fidedigna. Essa foi a forma como que ele encontrou para levar ao desenho os efeitos de real. Ou seja, a estratégia usada para fazer com que os leitores interpretem a informação como verdade. É uma forma também de fazer com que o desenho seja verificável (MOREIRA; CUNHA-CAVALCANTI, 2016, p. 140).

A representação de uma rua da Faixa de Gaza em *Palestine* pode ser utilizada como exemplo de cotejamento entre a imagem desenhada e a ideia de cenário real proposta por Sacco. Comparando a **figura 24**, referente a uma ilustração das ruas da Faixa de Gaza reproduzida por Sacco na década de 1990, com a **figura 25**, fotografia tirada em abril de 2019, reportagem a respeito da crise hídrica na Palestina, observa-se vários pontos de semelhança entre elas. Em primeiro lugar, nas duas imagens a rua demonstra falta de pavimentação e um piso terroso e irregular. Outro ponto semelhante entre as duas imagens corresponde ao veículo de tração animal. No centro do desenho, Sacco é transportado por uma carroça carregada por um muar, enquanto isso, no lado esquerdo da fotografia, observa-se a existência de veículo semelhante, estacionado em frente a um domicílio. As residências ilustradas por Sacco e aquelas registradas na fotografia também possuem pontos de equivalência. Nas duas imagens, entre os postes de fios elétricos que atravessam as ruas, compartilham o espaço com construções prediais de

alvenaria, erguidas com blocos de tijolo expostos, sem revestimento externo, dão a sensação de construções improvisadas.

A indumentária dos indivíduos representados por Sacco e as vestimentas das pessoas que compõem a fotografia também apresentam semelhanças. No desenho, há uma mulher ao lado direito da carroça vestindo hijab (lenço feminino que cobre a cabeça). Na fotografia, ao lado da caminhonete azul, há também uma jovem mulher com o lenço cobrindo seus cabelos durante o vendaval. Diante disso, a produção de ilustrações ricas em detalhes, tais como pessoas e cenários, confere às ilustrações dos JHQ's qualidades de evidências, além de contribuir para o reconhecimento visual dos leitores de uma típica rua de Gaza.

Figura 24: Desenhos da rua de Gaza



Fonte: SACCO, 2011, p. 217.

Figura 25: Fotografia da rua de Gaza



Fonte: GULF NEWS, 2019.

2 PROCESSO DE PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DE UM NOVO JHQ SOBRE O CONFLITO ENTRE ISRAEL E PALESTINA

2.1. UMA NOVA NOTA DE RODAPÉ: MÍDIA, GUERRA CONTRA O TERROR E A NOVA INTIFADA

Após a observação do desenvolvimento gráfico e narrativo dos HQ's a partir da segunda metade do século XX, compreender o surgimento dos primeiros trabalhos em JHQ's na década de 1980 e destacar o papel de Sacco neste novo gênero de Histórias em Quadrinhos, nas páginas que se seguem, o objetivo desta pesquisa estará centrado no entendimento de alguns acontecimentos que, direta ou indiretamente, podem estar relacionados com o interesse de Sacco em escrever um novo trabalho sobre a Palestina. Em sua versão, redigida no prefácio de *FinG*, Sacco afirma que a gênese de seu novo trabalho na Palestina decorreu, ainda no primeiro semestre de 2001, após visita aos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza na companhia do jornalista investigativo Chris Hedges para a produção de material exclusivo para a revista estadunidense *Harper's*. A pauta estabelecida para a reportagem tinha como objetivo representar o cotidiano de palestinos na cidade de Khan Younis no decorrer da Segunda Intifada na Palestina. Não obstante, durante o período que estiveram na Faixa de Gaza, Sacco e Hedges conheceram Abed El-Aziz al-Rantisi, na época, um dos líderes do Hamas. Em uma das entrevistas cedidas para os jornalistas, al-Rantisi tinha comentado sobre a morte do seu tio durante os ataques israelenses na Crise de Suez em 1956:

Ainda me lembro do lamento e do choro do meu pai por seu irmão [...]. Não consegui dormir durante meses [...]. Isso deixou uma ferida no meu coração que nunca vai cicatrizar. Estou quase chorando só de contar a história para vocês. Um ato como esse nunca pode ser esquecido [...]. Eles semearam o ódio no nosso coração (AL-RANTISI apud SACCO, 2010, p. vii).

Segundo Sacco, por alguma razão este trecho havia sido cortado pelos editores da *Harper's*. Frustrado com a decisão dos editores, o quadrinista-jornalista diz que consultou repositórios e bibliotecas por informações preliminares que pudessem aprofundar seu conhecimento sobre os massacres aos vilarejos palestinos em 1956 e, conseqüentemente, embasar a elaboração de um futuro trabalho sobre os massacres em Khan Younis e Rafah. No entanto, após realizar a pesquisa, Sacco afirma ter encontrado material insuficiente sobre o assunto em língua inglesa. O único documento que continha informações sobre o tema foi o relatório emitido pela ONU, o qual descrevia parcamente os eventos, destacando o número de 275 vítimas palestinas. Por conta da escassez de fontes que possibilitassem o esclarecimento

sobre as investidas israelenses aos vilarejos palestinos, Sacco parte para a Palestina entre 2002 e 2003 disposto a preencher, em sua opinião, as lacunas na história do conflito (SACCO, 2010).

Entretanto, considerar somente esta afirmação como a grande e única justificativa para a produção de *FinG*, corre-se o risco de excluir outros acontecimentos que, direta ou indiretamente, contribuíram na escolha do autor em retornar à Palestina e coletar novas informações sobre os massacres de 1956. Dentre eles, é possível destacar a desconfiança em relação à cobertura produzida por jornalistas ocidentais, especialmente os estadunidenses, sobre o conflito israelo-palestino, o início da Guerra contra o Terror e a escalada de violência na Palestina durante a Intifada de Al-Aqsa.

A respeito da desconfiança de Sacco em relação aos meios de comunicação, especialmente os americanos, não se configura como uma crítica inédita em sua carreira. Pelo contrário, quando produziu *Palestine*, no início da década de 1990, o quadrinista-jornalista esclareceu que a participação indireta dos Estados Unidos no conflito e a maneira como os jornalistas se comportavam diante dos acontecimentos na Palestina condiziam com as razões de sua viagem aos territórios ocupados em 1991:

Sim, já me disseram, há outros lugares no mundo com maiores injustiças e pilhas de cadáveres mais altas. Mas, além do nebuloso dever de compadecer-me com o sofrimento de um povo distante, a situação me incomodava em outros dois níveis como americano pagador de impostos, cujo dinheiro – meu dinheiro – estava sendo empregado para perpetuar uma ocupação e como graduado em jornalismo pela Universidade do Oregon, pois estava abismado com a fraca – terrível seria mais adequado – cobertura que os jornalistas norte-americanos estavam dando a questão (SACCO, 2011, p. xvi).

Em entrevista cedida à Farhad Mirza³⁴ em 2015, seis anos após a publicação de *FinG*, Sacco reiterou suas críticas à participação indireta dos Estados Unidos no conflito contra a Palestina, salientando, entre outras coisas, a ajuda financeira e bélica que os americanos fornecem à Israel e, tal como havia pontuado no prefácio de *Palestine* de 2011, a cobertura realizada pelos jornalistas estadunidense em relação ao conflito entre israelenses e palestinos:

O outro elo era o fato de eu ter estudado jornalismo e a certa altura percebi que o jornalismo ao estilo americano não havia me ajudado a entender o que estava acontecendo lá [na Palestina]. Esse estilo de jornalismo "objetivo" inquestionável me enganou e fiquei com raiva. Então, essas foram as duas razões pelas quais eu fui a esses lugares, mas tudo se resume à opressão das pessoas às quais eu me sinto ligada, de alguma forma. Além disso, porque eu costumava pensar que os palestinos eram todos terroristas. Quando percebi

³⁴ Jornalista *freelancer* e sociólogo. Atualmente escreve matérias sobre política e cultura para o periódico Al-Jazeera.

que poderia não ser o caso, precisei ir e descobrir o que está acontecendo lá³⁵ (SACCO, 2015, [s.p.]).

Em relação à preocupação de Sacco com os acontecimentos na Palestina, José Arbex Jr. (2011), no prefácio de *Palestine*, afirma que a preocupação do quadrinista-jornalista, vinculada às injustiças nos territórios ocupados e com a pífia cobertura dos meios de comunicação no Oriente Médio, derivava de longa data, principiada, sobretudo, na década de 1980, durante o bombardeio israelense contra os palestinos no Líbano³⁶: “Seu interesse tornou-se indignação em 1982, quando as tropas israelenses, comandadas pelo factóide Ariel Sharon, deram suporte militar e logístico ao massacre de cerca de 5 mil palestinos [...]” (ARBEX JR., 2011, p.xiii). Em outro trecho, Arbex Jr. defendia que:

Sacco suspeitou de que havia algo de muito errado nas descrições da mídia que faziam de Israel um Estado ‘vítima’ dos ‘sanguinários’ vizinhos árabes. Começou a investigar o assunto por conta própria. Acabou viajando para a Palestina em 1996, lá vivendo durante dois meses. O resultado foi o livro que agora temos em nossas mãos (ARBEX JR., 2011, p. xiii).

Algumas considerações devem ser tomadas sobre essa precoce preocupação de Sacco com os acontecimentos no Oriente Médio. Em primeiro lugar, o quadrinista-jornalista não viajou para Palestina em 1996, como afirma Arbex Jr. (2011), mas sim 1991. Em segundo lugar, no ano de 1982 o quadrinista-jornalista tinha apenas 22 anos e estava nos primeiros anos do curso de jornalismo, ou seja, não que ele estivesse inapto em opinar ou refletir sobre a política externa, mas talvez ele ainda fosse muito jovem para indignar-se sobre os problemas no Oriente Médio. No entanto, vale destacar que Arbex Jr. (2011) pode ter se equivocado graças à própria narrativa confusa que Sacco faz de sua própria biografia. Um indício da contraditória biografia de Sacco pode ser averiguada nas próprias palavras do autor, que em junho de 2007, escreveu o prefácio para a nova versão de *Palestine*:

Comecei a questionar a imagem como Israel era retratada – uma inocente e oprimida naçãozinha sitiada por uma horda de árabes loucos – depois de seu bombardeio aéreo a Beirute (usando bombas fornecidas pelos Estados Unidos,

³⁵ [No original] “The other link was the fact that I had studied journalism and at a certain point I realised that American-style journalism had not done me a service in helping me understand what was going on in there [Palestine]. This style of unquestionable ‘objective’ journalism had deceived me, and I felt angry. So, those were the two reasons why I went to these places, but it boils down to the oppression of people I somehow feel linked to, in some way. Also, because I used to think Palestinians were all terrorists. When I realised that might not be the case, I needed to go and discover what is going on there” (Tradução livre).

³⁶ Entre 19 e 20 de setembro de 1982, após a morte do presidente eleito do Líbano, Bachir Hobeika, como forma de retaliação, os falangistas, membros do partido cristão libanês, atacaram, com a permissão do governo israelense, os campos de refugiados palestinos de Sabra e Chatila, áreas então sob ocupação das Forças de Defesa de Israel. O Ataque deixou ao menos 2700 palestinos mortos (GATTAZ, 2003, p. 164).

para fins supostamente “defensivos”) e a subsequente invasão ao Líbano, no início da década de 1980. Após os massacres nos campos de refugiados de Sabra e Shatila, onde centenas de palestinos indefesos foram executados por uma milícia cristã aliada às forças de invasão de Israel, em uma área cercada e isolada pelos israelenses, comecei a pressentir que a dinâmica do poder naquela parte do mundo não era exatamente a que me fora transmitida (SACCO, 2011, p. xvi-xvii).

No entanto, no mesmo prefácio, Sacco afirma que, ao sair da universidade, situação essa que pode ter acontecido por volta de 1988, ou seja, pelo menos seis anos depois de Sabra e Chatila (1982), ele ainda desconhecia a luta dos árabes palestinos:

Até deixar a universidade, mesmo acompanhando os jornais e a tevê, eu não fazia ideia de quem eram os palestinos ou o que almejavam com sua luta. Na verdade, como relato neste livro, eu basicamente associava os palestinos ao terrorismo. Meus futuros biógrafos certamente se depararão com uma tira em quadrinhos que comecei no colégio, intitulada “*Meet the Asshole*” (“Conheça o Canalha”), que teve como primeiro convidado Yasser Arafat. Eu não sabia nada sobre ele, a não ser o que era transmitido pela grande mídia, e por isso foi bastante fácil demonizá-lo (SACCO, 2011, p. xvi).

Torna-se difícil contradizer ou afirmar com esta afirmação de Sacco, visto que, “*Meet at Asshole*” não pode ser encontrado facilmente nos repositórios digitais da internet ou em qualquer livraria. No entanto, outro vestígio que pode apresentar as incongruências em sua biografia pode ser observado em um capítulo de *Yahoo!*, desenhado em maio de 1991, que tem como marco temporal acontecer sete meses antes da primeira viagem para a Palestina. Na história “*Palestinos e outros problemas*”, Sacco relata uma situação inusitada ocorrida dentro de um bar na cidade de Berlim; a queda de um engradado de cerveja e a perda de um dente. Logo após o incidente, o quadrinista-jornalista dá início a um diálogo com o leitor em relação aos palestinos: “Você sabe sobre os palestinos? Só por curiosidade. Não quero te encher. Ou te ofender. Minhas desculpas a Israel também. E o meu cheque que está no correio” (SACCO, 2006, p. 169). Neste trecho da história, o tom cômico que ele emprega ao perguntar aos leitores sobre os palestinos parece não ser o mesmo tom crítico e ácido que marcou poucos anos depois sua narrativa em *Palestine*.

Na página seguinte, há um novo diálogo com o leitor: “Ahh, cara, tô perdendo tua atenção né? Vamos começar de novo” (SACCO, 2006, p. 170). A partir deste ponto, ele inicia o relato de suas experiências com os palestinos que conheceu nas aulas de alemão em Berlim. Na pausa de uma aula Sacco descreve a conversa com Ali, um colega palestino, anunciando aos leitores: “Graças a Deus tivemos que parar, ou então ela iria pirar. E eu posso acender o cigarro do Ali e ficar falando merda sobre o Oriente Médio com ele” (SACCO, 2006, p. 170). A

conversa entre eles se estende ao líder iraquiano Saddam Hussein. Neste recorte, Sacco questiona Ali: “mas você não acha o Saddam Hussein um cuzão? Ligar o Kuwait à questão palestina é um cinismo” (SACCO, 2006, p. 170).

Após acender o cigarro, Ali concorda com Sacco, mas lembra-o que Saddam é o único político da região que fala em defesa dos palestinos. O quadrinista-jornalista então pergunta para Ali se Yasser Arafat, então líder da OLP, não seria o verdadeiro representante do povo palestino. Em resposta, Ali argumenta: “Arafat? Ele não é um bom homem. Ele concordaria com um Estado que não incluísse toda a Palestina. O vilarejo da minha família está em uma parte da Palestina da qual ele abriria mão” (SACCO, 2006, p. 170). Por fim, Sacco finaliza a conversa: “Dentro de Israel, você diz? É, bom, você não tá sendo realista. Vocês já terão sorte demais se conseguirem ter de volta a Cisjordânia e a Faixa de Gaza. E mesmo assim esperem sentados” (SACCO, 2006, p. 170). A história termina com Sacco, Ali e os outros palestinos na sala de aula, em uma crise de risos, ocasionada por Mahmoud, o Jerry Lewis³⁷ da turma. A professora, irritada com a situação, desfere um tabefe no rosto de Mahmoud (**figura 26**). Após a situação, na última vinheta, Sacco diz aos leitores: “Eles entraram na linha depois daquilo. E sabe o que mais? Foi a última vez que a gente viu o Mahmoud. Ele caiu fora e nunca mais voltou! Sim, senhor, ela resolveu sua questão palestina ali mesmo!” (SACCO, 2006, p. 171).

Possivelmente, a conversa com Ali demonstra algumas dúvidas do autor no tocante aos litígios no Oriente Médio. Primeiramente, a história foi roteirizada e ilustrada em 1991, período conturbado na região, especialmente pela eclosão da Guerra do Golfo (1991) entre Kuwait e Iraque, e a Primeira Intifada Palestina (1987-1993). Isso explicaria a discussão entre Sacco e Ali sobre a representatividade dos interesses palestinos naquela conjuntura. A título de exemplo, Sacco questionava o motivo de Saddam Hussein correlacionar o Kuwait à causa palestina, em outras palavras, o quadrinista-jornalista não compreendia que este poderia ser um ato de solidariedade entre os povos árabes muçulmanos, um dos pilares do Islã, a *umma*³⁸. Em outra situação, ele sinaliza positivamente, caso Ali, um palestino, vivesse nos territórios ocupados por Israel, ou seja, demonstrava desconhecimento em relação às causas que impulsionaram os palestinos a lutarem na Primeira Intifada contra a colonização e opressão perpetrada pelo Estado de Israel. A respeito deste período, Gattaz esclarece que:

³⁷ Famoso comediante estadunidense, conhecido pelo estilo de comédia “pastelão”. Contracenou em inúmeros filmes e programas de TV nos Estados Unidos.

³⁸ Segundo Hourani (2016) a *umma* simboliza para os muçulmanos o pertencimento de algo grande, no caso, o sentimento de pertencerem a uma comunidade única e unida de fiéis.

Figura 26: Resolvendo a questão palestina



A segunda metade da década de 1980 marcou-se pelo agravamento no conflito entre Israel e os palestinos residentes nos territórios ocupados. Durante esses anos, Israel apertou o cerco à população palestina, cometendo claras violações dos direitos humanos, além de estimular o crescimento dos assentamentos judaicos na Cisjordânia, na Faixa de Gaza e em Jerusalém Ocidental, aumentando o ressentimento e o receio palestino quanto às verdadeiras intenções do Estado de Israel. Desde então, as violações israelenses às convenções e tratados internacionais têm sido uma constante, sendo relatadas em sucessivos relatórios do *Comitê Especial das Nações Unidas para Investigar as Práticas Israelenses Afetando os Direitos Humanos da População dos Territórios Ocupados* e de outras organizações não-governamentais, como a Anistia Internacional e a Cruz Vermelha, além de fontes independentes como jornalistas e outras testemunhas ocidentais (GATTAZ, 2003, p. 168).

Dessa maneira, após a conquista da Faixa de Gaza pelo exército israelense na Guerra dos Seis Dias (1967), ao longo dos anos de 1970 e 1980, além do aumento no número de colonos israelenses nos territórios ocupados, os palestinos passaram a conviver com a deportação, tortura de detidos, prisões em massa, demolição de casas, espancamento e assassinatos de pessoas inocentes – dentre elas, mulheres e crianças –, fechamento de escolas e instituições comunitárias (GATTAZ, 2003, p. 168). Isto posto, ao dizer para Ali, um palestino, que ele e seus conterrâneos deveriam receber de bom grado a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, caso Israel resolvesse devolver os territórios, Sacco desconsiderava não só os problemas políticos e sociais relacionados à luta palestina pelos territórios ocupados, mas também o direito de os árabes lutarem por Jerusalém.

Além disso, é importante delimitar o espaço temporal desta história na trajetória artística de Sacco. “*Palestino e outros problemas*” faz parte da coletânea de narrativas que compõem *Yahoo!*, ou seja, uma *graphic novel* autobiográfica, ainda distante da perspectiva jornalística. Os elementos gráficos que compõem a ilustração, por exemplo, os lábios carnudos da professora desproporcionais ao tamanho de sua cabeça ou o nariz avantajado de Mahmoud, denunciam as características *underground* desta HQ. Em relação a essa distinção entre os trabalhos progressos do quadrinista-jornalista, Kavaloski aponta:

Na verdade, é importante notar que seus primeiros trabalhos como artista e escritor são quase totalmente desprovidos de qualquer coisa que se aproxime de uma perspectiva jornalística. Na parte inicial de sua carreira, quando experimentava estilos diferentes e era influenciado por artistas de quadrinhos *underground* como Robert Crumb, Sacco tendia a privilegiar uma de duas abordagens fundamentais: autobiografia ou história. Muitas de suas narrativas gráficas tematizaram experiências pessoais ou momentos históricos. Mas ele raramente, ou nunca, os combinava. Na década de 1980, por exemplo, ele

esboçou cerca de 100 páginas de uma narrativa gráfica sobre a Guerra do Vietnã, mas nunca foi publicada³⁹ (KAVALOSKI, 2019, p. 2).

Sendo *Yahoo!* o primeiro trabalho de Sacco publicado nos Estados Unidos, os elementos do movimento *underground* e do gênero de narrativa autobiográfico se sobressaem aos elementos jornalísticos e/ou históricos. Possivelmente, “*Palestinos e outros problemas*” corresponda a uma narrativa autobiográfica relativa às dúvidas e conceitos pré-estabelecidos de Sacco em relação aos palestinos, considerando-se o início da Primeira Intifada. Dessa forma, ponderar que Sacco se interessava pelos problemas da Palestina desde meados da década de 1980 é desconsiderar os possíveis questionamentos que surgiram durante sua viagem para Europa no início da década de 1990, período politicamente agitado no Oriente Médio.

Se por um lado o interesse de Sacco pelos problemas no Oriente Médio são difíceis de apurar, visto a confusão que o autor causou em relatar a sua biografia, por outro, a crítica em relação ao jornalismo estadunidense pode ser observada tanto nas suas confissões na década de 1990 como nas páginas de *FinG* uma década depois. No primeiro capítulo de *FinG*, por exemplo, o quadrinista-jornalista conversa com seu amigo Mark, repórter da ONU, na sacada de um apartamento. Enquanto os dois conversam, o telefone de Mark toca incessantemente, ao atendê-lo, ele questiona quem está do outro lado da ligação e pergunta o motivo da chamada: “*Another crisis!... Hebron!... Is it safe to-? Is it appropriate for-? Should the boss still-? Because of the ambush that-?*” (Outra crise?...Hebron!...Será que é seguro-?... Será que é conveniente-? Será que o chefe ainda-?... Por causa da emboscada que-?) (SACCO, 2010, p. 3). Um novo confronto entre os palestinos e as Forças de Defesa de Israel havia ocorrido na cidade de Hebron, situação que requereria a atenção do jornalista da ONU.

Enquanto Mark estava ao telefone, Sacco ilustra a situação em que desce as escadas do apartamento e vai ao encontro da jornalista Christine, da agência de notícias britânica *Reuters*. Ela oferece carona para ele até um restaurante onde outros jornalistas estavam tendo a “velha conversa hermética de sempre sobre o trabalho” (SACCO, 2010). Entre olhos revirados e baforadas de cigarro, os jornalistas comentam que estiveram em Hebron, e com certo desânimo, salientam que a mesma coisa de sempre aconteceu por lá. Ao mesmo tempo, eles levantam a mão para chamar a garçonete (**figura 27**) e perguntam pelo cardápio. Depois de

³⁹ [No original]: “Indeed, it is worth noting that his early works as an artist and writer are almost entirely devoid of anything approximating a journalistic perspective. In the initial part of his career, when he was experimenting with different styles and was influenced by underground comic book artists such as Robert Crumb, Sacco tended to privilege one of two fundamental approaches: autobiography or history. Many of his graphic narratives thematised either his own personal experiences or historical moments. But he rarely, if ever, combined them together. In the 1980s, for instance, he drafted approximately 100 pages of a graphic narrative about the Vietnam War, but it was never published (Tradução livre).”

entregue, por cima da mesa, o menu do restaurante se abre em várias partes e oferece aos repórteres: “Atentados! Assassinatos! Incursões!” (SACCO, 2010, p. 5), ou seja, na perspectiva dos repórteres ilustrados por Sacco, as mesmas coisas de sempre.

No recordatório, Sacco destaca que os correspondentes na Palestina poderiam usar a mesma matéria do ano passado, pois ninguém perceberia que eles: “[...] já escreveram tudo o que podiam sobre a Segunda Intifada, já fotografaram o choro de todas as mães, já citaram todos os porta-vozes mentirosos, já descreveram todas as humilhações – e para que? Dois mortos! Cinco mortos! Vinte mortos!⁴⁰” (SACCO, 2010, p. 5). Na última vinheta da imagem, em ilustração rica em traços paralelos, diferenciando-a das demais, homens caídos ao chão são socorridos por mulheres e idosos. O recordatório comunica ao leitor que temporalmente aquela cena está distante das demais, representando os massacres nas aldeias de Khan Younis e Rafah em 1956, a “verdadeira” semente do ódio dos palestinos, tal como al-Rantisi tinha afirmado em sua entrevista para Sacco em 2001.

Possivelmente, ao ilustrar os repórteres ocidentais entediados com os “mesmos acontecimentos na Palestina”, na visão de Sacco, enquanto seus colegas de profissão permanecerem cobrindo somente os acontecimentos do presente, ou seja, os atuais ciclos de violência entre os palestinos e israelenses e não destacarem as causas passadas desses desencontros, não será possibilitada a compreensão dos motivos pelos quais os palestinos lutam contra o Estado de Israel e, assim, enfatizando, reforçando e legitimando a imagem do árabe palestino terrorista. Sendo assim, ao representar a regressão ao passado de 1956, o quadrinista-jornalista distancia-se do presente com o propósito de interpretar os motivos que levaram os palestinos a lutarem por um pedaço de terra. Dessa forma, é possível que esta página de *FinG* represente a insatisfação de Sacco em relação à maneira como os meios de comunicação dos EUA produziam e veiculavam em seus noticiários os acontecimentos na Palestina durante os acontecimentos da Intifada de Al-Aqsa (2000).

⁴⁰ [No original]: “Because they’ve wrung every word they can out of the Second Intifada, they photographed every waiking mother, quoted every lying spokes-person, detailed every humiliation – and so what? Two dead! Five dead! 20 dead!” (Tradução livre).

Figura 27: Um restaurante na Palestina



Sobre a dubiedade quanto à qualidade do jornalismo estadunidense no Oriente Médio, Said (2012), um dos escritores que influenciaram Sacco a escrever sobre os palestinos (VIEIRA, 2017), defende que o conflito árabe-israelense não carece de relatórios e documentos que descrevam os acontecimentos na região, pelo contrário, agências como Cruz Vermelha e Nações Unidas regularmente emitem relatórios sobre a situação, ainda assim, mesmo com os documentos enviados para as agências de notícias e aos meios de comunicação estadunidenses, essas informações acabam negligenciadas:

Nenhum desses assuntos jamais vem à tona nos Estados Unidos, e não porque não sejam enviados a editores, comentaristas de TV, liberais importantes e (em geral) sinceros etc. Existem literalmente dezenas de agências de notícias israelenses, jornais e revistas liberais que cobrem regularmente os assuntos árabes-palestinos tanto em Israel pré-1967 quanto nos territórios ocupados – sem falar nos relatórios da ONU, documentos escritos por exemplo-fiscais das fronteiras e do armistício da ONU, relatórios de agências internacionais e a Cruz Vermelha, dúzias de estudos árabes e árabes-americanos – e nenhum deles jamais é amplamente distribuído e disseminado nos Estados Unidos (SAID, 2012, p. 48-49).

Conforme as palavras de Said (2012), ao que parece, o problema não consiste na falta de informação sobre os eventos na Palestina, mas na negligência dos veículos de imprensa em informá-los ao público nos Estados Unidos. Isto posto, é possível que, em decorrência dos ataques à Nova Iorque em setembro de 2001, esta situação tenha-se acentuado com a presença política do grupo de intelectuais denominados neoconservadores. Eric Hobsbawm (2007) comenta que após os ataques contra as Torres Gêmeas foi posto em prática, por parte da direita radical norte-americana, a mobilização dos “verdadeiros americanos” para lutarem contra um mundo que não reconhecia a superioridade, a singularidade e o Destino Manifesto dos Estados Unidos da América, ou seja, os árabes muçulmanos.

De acordo com Francis Fukuyama (2006, p.26), o neoconservadorismo estadunidense teve suas bases instituídas por um notável grupo de intelectuais, em sua maioria judeus. A proliferação dos ideais neoconservadores ocorreu dentro dos corredores do City College of New York (CCNY) durante as décadas de 1930 e 1940. Desde sua fundação, os princípios básicos do pensamento neoconservador sempre estiveram alinhados com as tradições americanas (NEDERVEEN PIETERSE, 2009). Até a Guerra Fria, por exemplo, os neoconservadores se diziam preocupados com as seguintes questões:

Quatro princípios ou linhas comuns permearam grande parte dessas ideias até o fim da Guerra Fria: uma preocupação com a democracia, com os direitos humanos e, de forma mais geral, com a política interna dos estados; a crença de que o poder dos Estados Unidos pode ser usado para fins de caráter moral;

o ceticismo a respeito da capacidade de leis e instituições internacionais resolverem problemas sérios de segurança; e, finalmente, a visão segundo a qual a engenharia social ambiciosa com frequência produz consequências inesperadas e muitas vezes prejudica seus próprios fins (FUKUYAMA, 2006, p. 18).

Antes mesmo das eleições de 2000, que colocaram George W. Bush na Casa Branca, os neoconservadores haviam proposto uma agenda para a política externa estadunidense que, entre outras coisas, envolvia conceitos como a mudança de regime, hegemonia benevolente, unipolaridade, preempção e a excepcionalidade americana, elementos que passaram a ser marca do governo Bush (FUKUYAMA, 2006, p. 16-17). Vale destacar que, após os ataques de 2001 a Nova Iorque, o governo Bush, junto dos neoconservadores, conduziu o processo de medidas direcionadas à política externa estadunidense, posteriormente conhecida como Doutrina Bush (FUKUYAMA, 2006). Entre as principais medidas tomadas pela Casa Branca estava a criação de uma nova agência federal, o Departamento de Segurança Interna, que conseqüentemente contribuiu para a aprovação da Lei Patriota (*Patriot Act*). Em seguida, Bush planejou e executou o ataque contra o Afeganistão e a Al-Qaeda, ainda em 2001, e a investida contra Saddam Hussein, no Iraque em 2003. Por fim, o governo de Washington “anunciou uma nova doutrina estratégica de ação preventiva – na verdade, uma doutrina de guerra preventiva – que levaria a guerra até o inimigo, em vez de se basear na dissuasão e contenção, os antigos alicerces da política externa estadunidense no decorrer da Guerra Fria” (FUKUYAMA, 2006, p. 16). Para Anderson (2005, p.177), a doutrina neoconservadora era tão influente no governo Bush que, sem ela, dificilmente os Estados Unidos teriam invadido o Iraque, cujos custos superavam em muitos seus benefícios.

Além de grande influência política, os neoconservadores, também, detinham vasta influência nos meios de comunicação nos Estados Unidos. Antes dos atentados, os neoconservadores possuíam extensa rede de comunicabilidade. Desde a década de 1990, existiam pelo menos 1500 apresentadores de rádio neoconservadores e uma grande quantidade de sites na internet alinhados à doutrina. Os dados levantados pelo *National Committee for Responsive Philanthropy* apontam que o libertário *Cato Institute* e o neoconservador *American Enterprise Institute* gastaram em torno de 1 bilhão de dólares para promoção dos ideais conservadores nos Estados Unidos (NEDERVEEN PIETERSE, 2009). Após o 11 de setembro, essa estrutura passou a receber apoio governamental, por exemplo, a administração de algumas empresas de comunicação estatal foi transferida para os cuidados dos neoconservadores estadunidenses:

A National Public Radio (NPR) noticia em um estilo apropriado para um público de formandos, com dicção impecável, livre de emoção, cuidado para evitar qualquer ‘viés’, apresentando as notícias mundiais para dentistas. Como a maior parte das entidades estatais sob o governo Bush, a NPR foi entregue a administradores neoconservadores que a submeteram a campanhas de castração parecida às que atingiram a BBC (NEDERVEEN PIETERSE, 2009, p. 31).

Possivelmente, as transferências de concessões estatais para as mãos neoconservadoras, como no caso da rádio NPR, contribuíram para o alinhamento entre os meios de comunicação e a política disseminada pela Doutrina Bush. Nesse processo, as opiniões contrárias ao governo passaram a ser consideradas como indesejáveis (WILLIS, 2008). Para Carlos Dorneles (2003), o posicionamento dos meios de comunicação com relação às diretrizes da nova política externa estadunidense não só tinha como objetivo apoiar e legitimar as incursões do exército dos Estados Unidos no Oriente Médio, mas também distorcer os principais acontecimentos nos campos de batalha:

O 11 de setembro, e seus horrores, deu a Bush condições de implantar seu projeto político de maneira muito mais rápida. A mídia colaborou intimamente [...] A imprensa pediu guerra e foi atendida. Ignorou massacres. Desrespeito aos direitos humanos e às liberdades individuais, a destruição de um país miserável pela maior potência militar do planeta e deu vazão ao patriotismo como senha para a obediência ao poder. Numa guerra em que os americanos jamais combateram em solo, a mídia descreveu um conflito diferente, muito mais limpo e heroico (DORNELES, 2003, p. 17).

Nesse processo de orientação entre os grandes veículos de informação estadunidense com a política externa proporcionada pela Doutrina Bush, uma das emissoras que mais se envolveu com a propaganda pró-guerra foi a Cable News Network (CNN). A CNN, fundada em 1980, por Ted Turner e sediada em Atlanta, havia recebido grande reputação internacional com a cobertura 24 horas da Guerra do Golfo em 1991. Sontag (2003, p. 91) disserta que o “efeito CNN”, que consistiu na prática da emissora em intensificar a cobertura jornalística dia e noite, acabou por dimensionar os espaços comuns das zonas de conflito por meio das imagens televisivas. Em 1995, a CNN fundiu-se com o grupo Time/Warner Internacional, sendo que após essa integração, a CNN passou a operar mais dois canais televisivos e mais dois canais de filmes, dentre eles a Cartoon Network (BRIGGS; BURKE, 2016, p. 327).

No início do conflito com o Afeganistão, o então presidente da emissora, Walter Issacson emitiu um memorando para os correspondentes da CNN no Oriente Médio. Dentre as suas recomendações, Issacson requeria aos seus repórteres cautela ao mencionar as baixas

árabes civis no conflito. Além disso, o presidente da emissora ainda pedia para seus jornalistas reforçarem nas matérias, sempre que possível, os motivos que levaram os Estados Unidos à guerra (NEDERVEEN PIETERSE, 2009, p. 27). Por meio desses noticiários, reforçando a legitimidade da guerra para a opinião pública americana, a emissora reduzia as consequências negativas da presença dos Estados Unidos no Afeganistão ao mesmo tempo que lembrava aos estadunidenses os motivos da guerra, ou seja, reafirmar as perdas de vidas americanas durante os ataques ao *World Trade Center*. Esse alinhamento entre a CNN e a pauta governamental trouxe benefícios financeiros para a emissora. De acordo com Dorneles:

A CNN tinha tudo para ganhar com mais essa guerra – dinheiro e prestígio -, como ocorreu na Guerra do Golfo. Antes dos atentados, a emissora passava por uma série crise, queda de audiência e concorrência da Fox News e da CNBC. E apostou alto desde o início da cobertura. Uma semana depois do 11 de setembro, mudava seu lema permanentemente no vídeo de “América sob ataque” para “A nova guerra da América” e, como toda a imprensa americana, pressionava por uma guerra que ainda não tinha sido declarada. Ancorada no estado de comoção do país, a emissora bateu recordes de audiência e foi das poucas empresas, na mídia com ações em alta na Bolsa de Nova York após os atentados (DORNELES, 2003, p. 130).

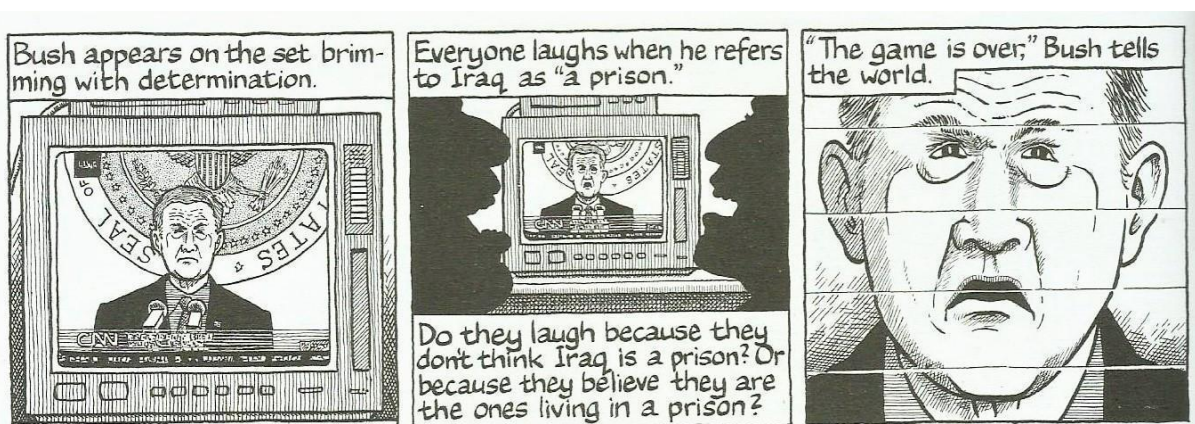
Ao que parece, em *FinG*, Sacco descreveu e criticou a postura adotada pela emissora CNN no início da Guerra do Iraque. Após visitar Khaled, um palestino procurado pelas Forças de Defesa de Israel, o quadrinista-jornalista, na companhia de seu amigo palestino Abed, ligou a televisão para assistir o noticiário. Na **figura 28**, após acionar o aparelho com o controle remoto, a imagem dos dois âncoras, um homem e uma mulher, surgem entre a estática do televisor. Na vinheta seguinte, com a imagem já estabilizada, Sacco ilustra as faces sorridentes dos repórteres com os dizeres: “Na CNN os âncoras parecem entorpecidos pela possibilidade de uma guerra entre o Iraque e uma coalizão liderada pelos Estados Unidos. Guerra! A palavra passeia pela boca deles como uma bala de chocolate e menta⁴¹”.

⁴¹ [No original]: “On CNN the anchors seem giddy about the prospect of war between Iraq and a coalition led by United States. War!. The World twirls around their tongues like a chocolate mint” (Tradução livre).

Figura 28: CNN e a guerra contra o Iraque

Fonte: SACCO, 2010, p. 135.

Em seguida, na **figura 29**, Sacco ilustra a imagem de Bush irrompendo na tela, com a expressão determinada, pronunciando a declaração de guerra contra o Iraque. Na segunda vinheta, por meio de duas silhuetas, é possível observar dois palestinos gargalhando enquanto o presidente dos Estados Unidos inicia seu pronunciamento oficial. Segundo Sacco, os dois palestinos caíram na risada quando o presidente Bush se referiu ao Iraque como uma prisão. Na última vinheta, focado no semblante do presidente estadunidense, o quadrinista-jornalista traduz o discurso de Bush de forma calamitosa: “Acabou a brincadeira” (SACCO, 2010, p. 136).

Figura 29: A brincadeira acabou

Fonte: SACCO, 2010, p. 136.

No dia seguinte ao noticiário da CNN, dentro de um táxi comunitário em Khan Younis, Sacco relata a indignação de um palestino (**figura 30**). Em letras garrafais, acentuando a sua ira, o homem enuncia: “Os americanos se revezam entre pisar na nossa cabeça e na dos iraquianos! Depois do Iraque vão atacar a Síria, e no fim todos nós vamos sofrer!!⁴²”. Diante disto, ao ilustrar a repercussão do noticiário referente à declaração de Guerra dos Estados Unidos contra o Iraque, e a fúria do palestino com a notícia, provavelmente, o autor de *FinG* tenha relacionado as consequências do 11 de setembro à conjuntura política do conflito entre Israel e Palestina, ou seja, a escalada de violência acentuada desde setembro de 2000. Sendo assim, é possível que, devido à relevância dos ataques terroristas contra os EUA em 2001 e suas consequências no Oriente Médio, Sacco tenha se interessado em retornar à Palestina e relatar os acontecimentos na região.

Figura 30: Todos nós vamos sofrer



Fonte: SACCO, 2010, p. 136.

A respeito da conjuntura política da Palestina, após os fracassos nas negociações de paz em setembro de 2000, eclodiu nos territórios ocupados a Intifada de Al-Aqsa, também conhecida como Segunda Intifada da Palestina, fazendo com que um longo processo de paz cedesse lugar para um intenso processo de guerra (CORDESMAN, 2002, p.1). Mesmo com a assinatura do Acordo de Oslo (1993) que, entre outras coisas, visava a paz entre Israel e Palestina e a abertura nas negociações sobre os territórios ocupados em 1967, o governo israelense incentivava a construção de novos assentamentos na Cisjordânia e na Faixa de Gaza,

⁴² [No original]: “The americans take turns stepping on our heads and the heads of the iraqis. After Iraq they’ll attack Syria untill all o fus will get a beating” (Tradução livre).

passando de 4.200 colonos em 1993 para mais de 12.000 em 2000. Além disso, o governo de Tel Aviv, com o objetivo de interligar suas colônias na Palestina, aumentou consideravelmente o número de autoestradas. Esse empreendimento dificultava o trânsito de árabes palestinos na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, visto que, caso quisessem se deslocar dentro do seu próprio território, precisavam passar por inúmeros bloqueios militares (GATTAZ, 2003, p.192-193).

Esse conjunto de medidas adotadas pelo Estado de Israel acabou por instigar o descontentamento por parte da população palestina. De acordo com Anthony H. Cordesman (2002) ainda no final de 2000, o primeiro ministro israelense Ehud Barak, o líder palestino da Autoridade Palestina, Yasser Arafat, ao lado do presidente dos Estados Unidos e do Egito, tentara apaziguar os ânimos da população palestina. No entanto, a visita de Ariel Sharon, líder do partido israelense Likud, à Mesquita de Al-Aqsa no dia 28 de setembro de 2000, foi o estopim para o novo levante de palestinos. Embora Sharon tenha afirmado que sua visita tinha o intuito de verificar a liberdade de culto no complexo multi-religioso, posto que no mesmo local fica situado o Muro das Lamentações e o “Monte do Templo”, locais sagrados para os judeus, o líder do Likud foi acompanhado de perto por uma centena de soldados e policiais israelenses que impediam o acesso de palestinos à Mesquita de Al-Aqsa antes e durante sua visita.

Por conta disso, no dia seguinte, ocorreram diversas manifestações pelos territórios ocupados. Nas manifestações que ocorreram em frente à Mesquita de Al-Aqsa, os soldados israelenses responderam com força excessiva aos atos de protesto, deixando ao menos 100 manifestantes feridos e outros seis mortos. Dois dias depois as manifestações chegavam em Jerusalém e, conforme novas cidades aderiam ao movimento, Israel aumentava a força de contenção. No primeiro mês da Intifada de Al-Aqsa, havia 6.000 palestinos feridos e 141 mortos (GATTAZ, 2003, p. 194-195).

Eventualmente, diante da escalada de violência na região, ocasionada com o início das manifestações palestinas em setembro de 2000, é possível que Sacco tenha retornado à Palestina para escrever sobre a Intifada de Al-Aqsa, tal como havia realizado vinte anos atrás ao escrever *Palestine* no calor da Primeira Intifada (1987-1993). Um indício disso pode ser observado nas primeiras páginas de *FinG*, quando Sacco esclarece o que seria uma “nota de rodapé”, conceito que nomeia a sua obra. Sentado no sofá da casa de seu amigo e guia Abed, o quadrista-jornalista reflete sobre o que seriam as “notas de rodapé” que estava prestes a escrever. Ele chega à conclusão que as “notas” compõem um evento secundário de uma guerra esquecida. A guerra é traduzida como a Crise de Suez, de 1956, os eventos secundários se

configurariam como os embates entre os defensores israelenses e os guerrilheiros palestinos, *fedayeens*, nas fronteiras da Faixa de Gaza, por fim, as “notas de rodapé” referem-se às histórias escondidas e esquecidas, de menor proporção que “[...] acabaram relegadas a um espaço mínimo nas páginas da história, onde mal conseguem se segurar. A história é capaz de sobreviver sem as notas de rodapé. Elas nem sempre são necessárias, e muitas vezes acabam desviando o foco da narrativa principal⁴³” (SACCO, 2010, p. 8-9).

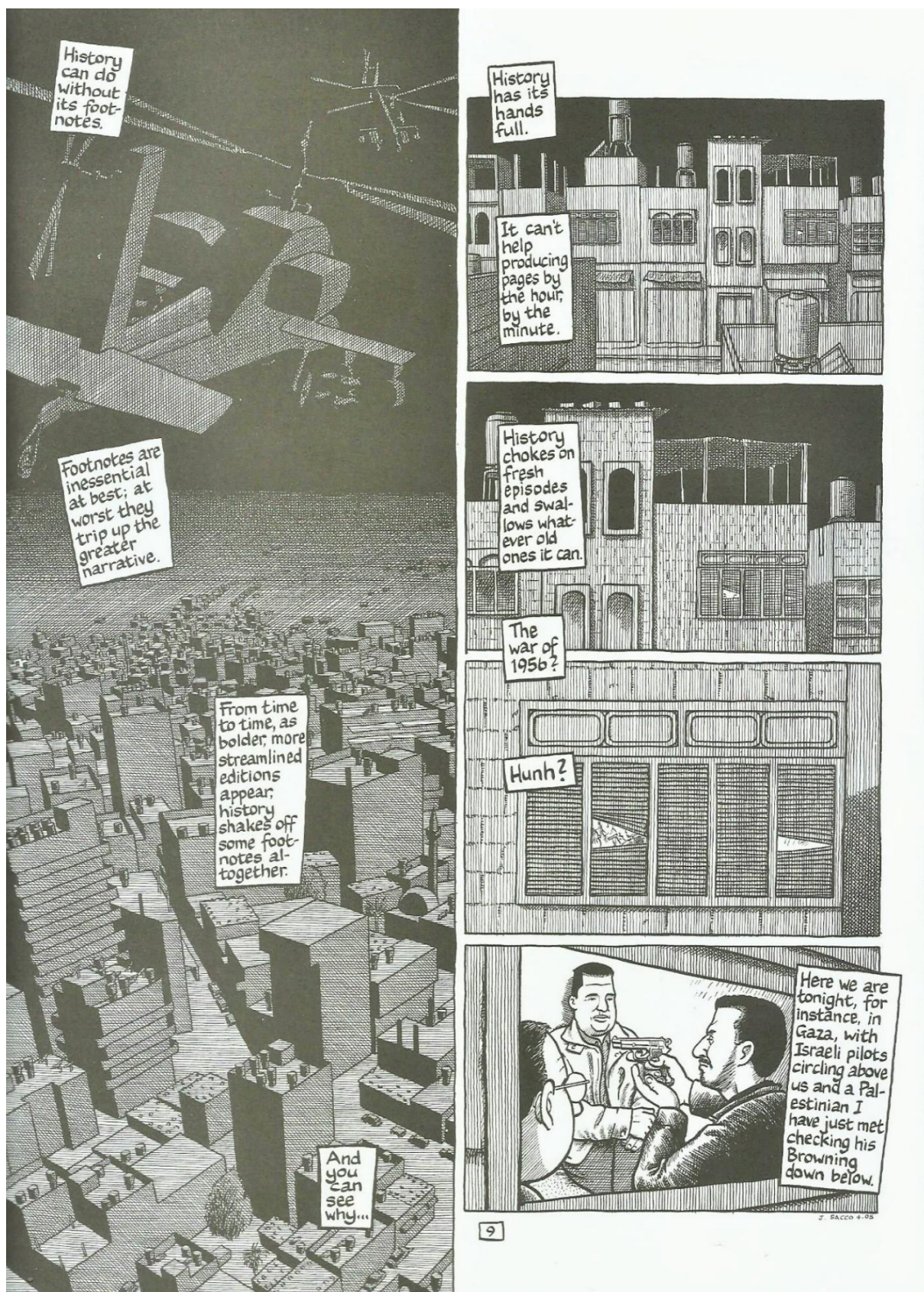
Vale destacar que essa reflexão é realizada por meio de vários recordatórios que complementam uma sequência interessante de vinhetas. Em conformidade com a **figura 31**, observa-se na extensa vinheta à esquerda, o vilarejo de Khan Younis, vista de cima enquanto dois helicópteros Apache israelenses sobrevoam a região. Na coluna à direita, a primeira vinheta fixa-se em um aglomerado de prédios. Na vinheta de baixo, a cena se aproxima de uma janela desses edifícios. No seguinte, o ponto central da ilustração é uma janela onde é possível observar a presença de pessoas entre os vãos da persiana. Na última vinheta, o leitor é convidado a olhar a sala da casa de Abed. Dentro da sala, enquanto observa o *mutarab* (procurado) inspecionar uma pistola Browning, Sacco finaliza sua reflexão:

A história está sempre em movimento. Produz novas páginas a cada hora, a cada minuto. Digere como pode os eventos do passado para abrir espaço aos mais recentes. A guerra de 1956? Hã? Por exemplo, aqui estamos nós esta noite, em Gaza, com um palestino que acabei de conhecer inspecionando sua pistola Browning, enquanto os israelenses circulam a área em helicópteros. Eles são uma pequena parte da luta maior de seus povos pelo mesmo pedaço de terra; são ligados pelo desejo ou pela necessidade de matar um ao outro aqui e agora⁴⁴” (SACCO, 2010, p.9-10).

⁴³ [No original]: “[...] they dropped to the bottom of history’s pages Where they barely hang on. History can do whitout its footnotes. Footnotes are inessential at best: at worse they trip up the greater narrative” (Tradução livre).

⁴⁴ [No original]: “It can’t help producing pages by the hour, by the minute. History chokes an fresh espidodes and swallows whatever old ones it can. The war of 1956? Hunh? Here we are Tonight, for instance, in Gaza, with Israeli pilots circling above us and a Palestinian I have just met checking his Browning down below. They are small part of a larger struggle between their two peoples over the same land linked by a desireor a necessity to kill each other in the here and now” (Tradução livre).

Figura 31: Novas notas de rodapé na Palestina



Fonte: SACCO, 2010, p. 9

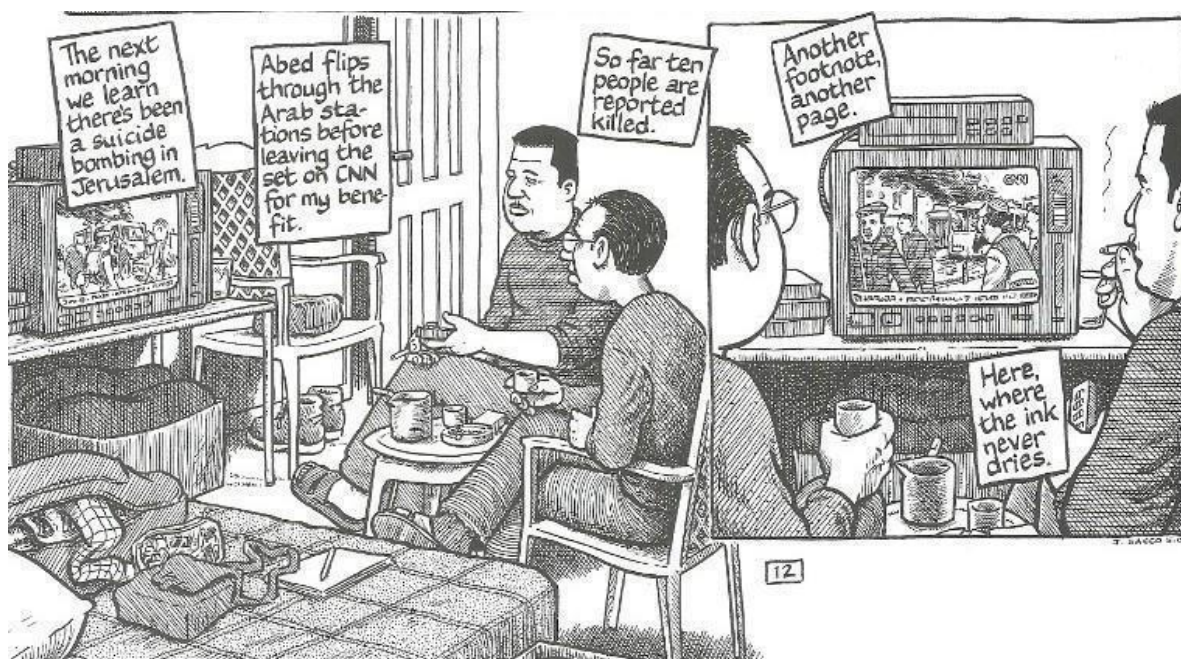
Como se vê, da primeira à última vinheta, a cena foi afunilando até o vão da persiana onde Sacco está com outros dois palestinos. Supostamente, esse movimento expressa a percepção, por parte do quadrinista-jornalista, do início de nova “nota de rodapé” que se iniciava na Palestina. Diante de uma nova Intifada, encetada em setembro de 2000, o quadrinista-jornalista pode ter observado nesses eventos uma nova página na história da Palestina. Tal como havia acontecido com os massacres de Khan Younis e Rafah em 1956, quando a morte de 275 palestinos se somou aos eventos da Crise de Suez, desta vez, o grande conflito seria a Guerra contra o Terror, perpetrado pelos Estados Unidos contra alguns países do Oriente Médio, os acontecimentos secundários traduzidos como a Segunda Intifada e as “notas de rodapé” às histórias de cada homem e mulher, silenciados, lutaram por seus direitos e por seu pedaço de terra na Intifada de Al-Aqsa. Dentre os silenciados estaria Khaled, o *mutarab* palestino, pertencente ao Comitê de Resistência Popular (encabeçada por grupos islâmicos, como o Hamas, considerados dissidentes à Autoridade Palestina) que, na última vinheta, inspeciona a pistola Browning, tela essa que provavelmente represente a luta armada palestina na Intifada.

Ao observar essa mesma página, Paes (2014, p. 158) chama atenção para uma característica basilar à região, ou seja, a continuidade constante de episódios mútuos de agressão e coerção, principiado em 1948. Isto posto, a acentuada escalada de violência nos territórios ocupados, que havia iniciado em setembro de 2000 e permanecia enquanto os EUA invadiam o Afeganistão e o Iraque, pode ter sido uma boa oportunidade para Sacco produzir um novo JHQ sobre o conflito entre Israel e Palestina. Como vimos, *Palestine* só recebeu reconhecimento pelo público leitor em 2001, quando uma nova edição especial foi lançada e as *reviews* e os comentários dos leitores em fóruns especializados aumentaram cerca de 60% (BARKER, 2012). Possivelmente, a decisão da editora Fantagraphics Books para o lançamento de uma nova versão de *Palestine*, mesmo com o seu fracasso inicial, tenha sido tomada no calor dos acontecimentos dos ataques às Torres Gêmeas e, assim, motivado Sacco retornar à Faixa de Gaza para escrever uma nova história sobre a Palestina.

Sendo assim, é importante destacar a possibilidade de Sacco ter registrado nas páginas de *FinG* o ciclo de ataques entre israelenses e palestinos, demonstrando que, provavelmente, ele tenha considerado a potencialidade da acentuada escalada de violência durante a Intifada de Al-Aqsa para a elaboração de seu trabalho. Na **figura 32**, Sacco está na casa de Abed, quando um palestino os avisa que os israelenses cercaram o vilarejo, e estavam prestes a demolir a casa de Talal Abu Zarifeh, um ativista palestino procurado pela polícia

israelense. Minutos após o aviso do palestino, um forte estrondo acusa uma grande explosão ocorrida nas redondezas. No dia seguinte, Abed e Sacco assistem ao noticiário regional. Enquanto Abed navega pelos canais de notícias regionais, o quadrinista-jornalista afirma em um recordatório que: *“The next morning we learning there’s been a suicide bombing in Jerusalem”* (Na manhã seguinte ficamos sabendo de um atentado suicida em Jerusalém) (SACCO, 2010, p. 12).

Figura 32: O noticiário da CNN



Fonte: SACCO, 2010, p. 12.

No entanto, apesar de destacar em seu recordatório o ataque suicida em Jerusalém, provavelmente operado pela resistência armada palestina, Sacco ilustra à direita da tela do aparelho a imagem de um possível palestino, visto que utiliza no topo da cabeça uma *chéchia*, espécie de chapéu utilizado por homens em países islamizados, e vestindo um colete de segurança (semelhante ao utilizado pelos paramédicos palestinos na Faixa de Gaza, **figura 33**), indicando que ele esteja à trabalho da equipe de resgate. Ao lado dele, um soldado que ajuda a equipe médica e, ao fundo, alguma construção retangular encontra-se em chamas. Nos recordatórios da segunda vinheta, Sacco destaca: *“Another footnote, another page. Here Where the ink never dries”* (“Mais uma nota de rodapé, mais uma página. Aqui a tinta não seca nunca”) (SACCO, 2010, p. 12). Posto isto, ao mesmo tempo que o quadrinista-jornalista ilustrou no aparelho televisor a possível destruição causada pelos helicópteros à casa do ativista Talal Abu

Zariefeh, no recordatório, ele destacou a resposta da resistência armada palestina contra Israel.

Figura 33: Fotografia de paramédicos palestinos resgatando criança na Faixa de Gaza, 2021



Fonte: Correio Braziliense, 2021.

A ilustração de Sacco em alusão aos ataques de israelenses contra palestinos se assemelha àquilo que Gattaz (2003) chamou de método do “fogo cruzado”. Parafraseando o jornalista britânico Robert Fisk, Gattaz (2003) afirma que durante a Intifada de Al-Aqsa, Israel esperava o momento certo em que os palestinos pegariam em armas e, diante das câmeras, “autorizar” a resposta bélica de Israel. Os relatórios emitidos pelas Nações Unidas ainda nos primeiros dias da Intifada de Al-Aqsa contribuem para o entendimento do processo descrito como “fogo cruzado”. No início de outubro de 2000, o embaixador Hasmy Agam (2000), representante permanente da ONU na Malásia, convocou o Conselho de Segurança da ONU para debater a escalada de violência suscitada pelo fracasso no processo de paz entre Israel e Palestina:

Tenho a honra de escrever a você na minha qualidade de Presidente do Grupo Islâmico nas Nações Unidas e informá-lo de que o Grupo convocou uma reunião urgente hoje para considerar a recente agressão israelense contra Al-Haram Al-Sharif e os ataques de Forças de segurança israelenses contra civis palestinos. O Grupo Islâmico expressou grande preocupação com esta reviravolta crítica dos eventos e autorizou-me a transmitir a vocês seu pedido de uma reunião de emergência do Conselho de Segurança para considerar a deterioração da situação. Agradeço a gentileza de fazer com que esta carta seja distribuída como um documento do Conselho de Segurança⁴⁵ (AGAM, 2000, [s.p.]).

⁴⁵ [No original]: “I have the honour to write to you in my capacity as Chairman of the Islamic Group at the United Nations and to inform you that the Group convened an urgent meeting today to consider the recent Israeli aggression against Al-Haram Al-Sharif and the attacks by Israeli security forces against Palestinian civilians. The Islamic Group expressed grave concern over this critical turn of events and authorized me to convey to you its request for an emergency meeting of the Security Council to consider the deteriorating situation. I would be

Em sua carta, o diplomata, também representante do Grupo Islâmico nas Nações Unidas, apresentava consternação diante dos episódios decorrentes do fracasso no Acordo de Oslo. No mesmo dia, Saeed H. Hasan (2000), representante permanente das Nações Unidas pelo Iraque, enviou novo pedido, em caráter de urgência, para convocar reunião de urgência com o Conselho de Segurança por conta do elevado número de mortos entre israelenses e palestinos. Além das agressões israelenses contra Al-Haram Al-Sharif na Santa Jerusalém, ele pontuou, sem nominar o local, nova onda de agressividade nos territórios ocupados.

No dia seguinte, Nasser Al-Kidwa (2000), representante pela Palestina, solicita ao Secretário Geral da ONU presença na reunião, convocada pelo Conselho de Segurança, para debater as consequências desencadeadas com o agravamento do conflito entre palestinos e israelenses nos territórios ocupados e em Jerusalém. Conforme a ata da reunião, emitida e publicada pelas Nações Unidas, outros dezenove representantes, na sua maioria composta por países da África e do Oriente Médio, solicitaram urgência para a convocação da assembleia, com intuito de propor soluções no enclave palestino. Possivelmente, os representantes de países árabes ou muçulmanos deviam apresentar preocupação com os primeiros casos de violência exagerada perpetrada pelo exército de Israel no começo da Intifada de Al-Aqsa:

Um exemplo da reação desproporcional de Israel à “ameaça” palestina ficou bem claro no dia 30 de setembro, quando uma imagem simbólica varreu o mundo: a cena do menino Muhammed Al-Durah, protegido por seu pai junto a uma parede e uma barreira de concreto, sendo alvejado e morto por balas de metralhadora israelense (seu pai recebeu oito tiros, porém, sobreviveu; o motorista da ambulância que os socorria foi alvejado com uma bala no peito, morrendo imediatamente). A imagem, gravada por uma equipe de TV francesa, despertou indignação em todo o mundo – especialmente nos países árabes, onde ocorreram manifestações de apoio aos palestinos nas principais capitais e na própria Palestina, onde a cena foi exaustivamente repetida na TV, alimentando a fúria dos protestos palestinos. Em outra cena chocante, no dia 22 de outubro as televisões de todo o mundo exibiram as imagens de dois soldados israelenses sendo linchados por uma multidão em Ramallah, justificando a intensificação da resposta militar israelense (GATTAZ, 2003, p.194-195).

Enquanto os representantes do mundo árabe enviavam cartas para o Conselho de Segurança para a constituição de uma reunião em caráter de urgência, no dia 2 de outubro, Yehuda Lancry (2000), representante de Israel nas Nações Unidas, afirmava em suas correspondências com o órgão internacional que nas últimas semanas de setembro de 2000 a

grateful if you would kindly arrange for this letter to be circulated as a document of the Security Council” (Tradução Livre).

onda de violência contra israelenses aumentava exponencialmente, por conta disso, a resposta bélica das Forças de Defesa de Israel contra os palestinos não seria um ataque israelense, mas sim a defesa contra os manifestantes árabes:

Os eventos da última sexta-feira no Monte do Templo representam uma nova escalada da violência palestina. Adoradores muçulmanos, com o desejo de confrontar violentamente a polícia israelense e os civis na véspera do Ano Novo judaico, atiraram pedras e outros objetos contra os adoradores judeus reunidos no Muro das Lamentações abaixo. A polícia israelense tentou repelir os manifestantes por meios não violentos, mas a multidão persistiu, tentando forçar sua saída da área do Monte do Templo e através do portão Mughrabim para a praça do Muro Ocidental. Neste ponto, as forças israelenses, que haviam sido posicionadas fora do perímetro do Monte, foram obrigadas a entrar na área para repelir a multidão que atacava. A multidão de atiradores de pedras continuou em sua violência por um período de mais de quatro horas⁴⁶ (LANCRY, 2000, [s.p.]).

Por meio dessa correspondência, redigida no mesmo dia em que o Conselho de Segurança das Nações Unidas convocou os países signatários a participarem da reunião de urgência para propostas de soluções pontuais ao atual estágio no conflito árabe-israelense, o representante de Israel na ONU esclarece as razões que conduziram as forças armadas israelenses revidar a ferocidade dos palestinos, e, assim, defender o povo judeu contra o perigo árabe iminente. Possivelmente, a partir do momento que palestinos conduziram ações violentas direcionadas contra os israelenses – tal como ocorreu nos ataques no Monte do Templo e no Muro das Lamentações – o governo de Israel desfrutou da conjuntura para legitimar seu ataque contra os muçulmanos, passando do status de agressor para o de defensor.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, no dia 4 de outubro de 2000, dois dias após a carta de Lancry (2000) para o Conselho de Segurança, o repórter Randal C. Archibold noticiava no *The New York Times* que Rick A. Lazio, candidato do partido Republicano para o senado, afirmava que os palestinos se configuravam como os verdadeiros responsáveis pela morte das cinquenta e quatro pessoas na Faixa de Gaza, na Cisjordânia e em Jerusalém, todas decorrentes do insucesso no Acordo de Oslo. Além disso, o republicano ainda sugeria à câmara e ao senado americano o corte financeiro referente à ajuda humanitária estadunidense à Palestina, situação

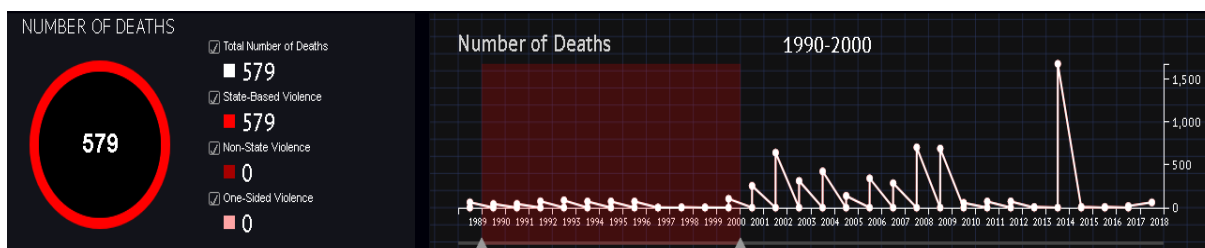
⁴⁶ [No original]: “The events of this past Friday on the Temple Mount represent a further escalation of the Palestinian violence. Muslim worshippers, out of a desire to violently confront both Israeli police and civilians on the eve of the Jewish New Year, hurled rocks and other objects at Jewish worshippers gathered at the Western Wall below. Israeli police attempted to turn back the protesters through non-violent means, but the mob persisted, attempting to force its way out of the Temple Mount area and through the Mughrabim gate to the Western Wall plaza. At this point, Israeli forces, who had been deployed outside the perimeter of the Mount, were compelled to enter the area to push back the charging mob. The stone-throwing mob continued in its violence for a period of more than four hours” (Tradução Livre).

essa que em curto prazo poderia deteriorar a qualidade de vida nos territórios ocupados (ARCHILBOLD, 2000, [s.p.]).

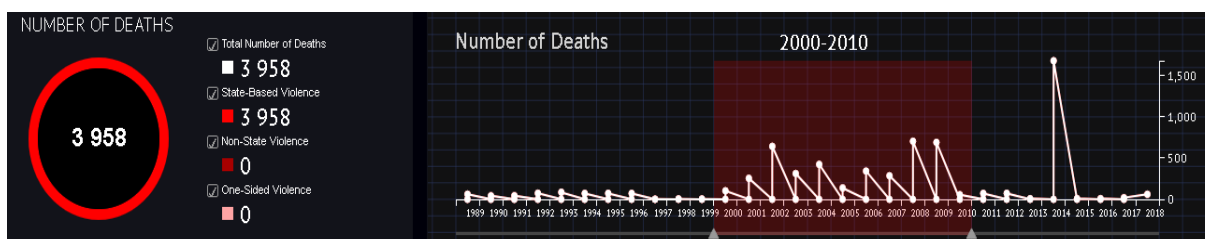
Dessa maneira, ao que parece, alguns políticos estadunidenses não tardaram em apresentar seu apoio à Israel sem ao menos saber quais as circunstâncias que levaram os palestinos a atacarem os israelenses no começo da Intifada de Al-Aqsa. Possivelmente, as críticas contra os palestinos, ditas pelo candidato ao senado americano, Rick A. Lazio, seja reflexo do apoio estadunidense à causa israelense, apoio esse fortalecido após o 11 de setembro:

Como então, se relacionam os dois conflitos – a ‘guerra ao terrorismo’ contra a Al-Qaeda e o conflito palestino-israelense? O fato principal é a mudança misteriosa ocorrida na primavera de 2002: de repente, o Afeganistão (e, até certo ponto, mesmo a lembrança dos ataques ao WTC) foi relegado a segundo plano, e se concentrou o foco no imbróglio palestino-israelense. Duas ‘reduções essenciais’ se impõem: para os falcões dos EUA e de Israel, a guerra ao terrorismo é a referência fundamental, e a luta de Israel contra a OLP é apenas um capítulo menos dessa luta; Arafat é um terrorista, como Bin Laden (‘Quando as torres do WTC e o Pentágono foram atacados pelos terroristas suicidas, os EUA atacaram o Afeganistão que dava abrigo aos atacantes; quando nossas cidades são atacadas por terroristas suicidas, temos o mesmo direito de atacar os territórios palestinos que são abrigo a eles’); para os árabes, o conflito árabe-israelense é a referência fundamental, e os acontecimentos do 11 de setembro estão enraizados na injustiça perpetrada por Israel e os Estados Unidos contra os palestinos (ZIZEK, 2003, p. 149)

Como se vê, é possível que, a partir da primavera de 2002, mesmo ano que Sacco retorna para Palestina para iniciar a coleta de dados para *FinG*, os congressistas estadunidenses passaram repentinamente a relacionar o conflito israelo-palestino à guerra contra o terrorismo. A partir deste prisma, os movimentos de resistência árabe palestino, que desde setembro de 2000 lutavam contra as Forças de Defesa de Israel na Intifada de Al-Aqsa, estariam na mesma posição que os membros da Al-Qaeda ou do Taliban e, por isso, deveriam ser combatidos e derrotados. Ainda de acordo com Zizek (2003, p. 147), o anúncio americano de Guerra contra o Terror fomentou outros países a reclamarem o direito de combater o terrorismo, no caso, a Índia contra os paquistaneses muçulmanos e Israel contra os árabes palestinos. Nesta conjuntura de encorajamento por parte de outras nações para lutarem contra o terrorismo após o 11 de setembro, o ano de 2002 também apresentou outro dado importante sobre o conflito na Palestina.

Gráfico 1: Vítimas do conflito entre Israel e Palestina (1990-2000)

Fonte: <https://ucdp.uu.se/conflict/234>

Gráfico 2: Vítimas do conflito entre Israel e Palestina (2000-2010)

Fonte: <https://ucdp.uu.se/conflict/234>

Conforme o **gráfico 1**, verifica-se que, na década de 1990, o número de vítimas no conflito girava em torno dos 579 mortos. No entanto, no **gráfico 2**, observa-se que entre os anos de 2001 a 2010 (período correspondente a produção de *FinG*), houve 3958 homicídios no conflito, em outras palavras, o número de vítimas aumentou mais de 85% em uma década. Apesar do aumento acentuado no número de mortos entre uma década e a outra, vale ressaltar que o primeiro pico de violência, números que ultrapassaram pela primeira vez a marca de 500 vítimas em um único ano, ocorreu em 2002, poucos meses depois que Ariel Sharon, então Primeiro Ministro de Israel, solicitou ao governo estadunidense a inclusão do Hamas, um dos agrupamentos fundamentalistas radicais da Palestina, no grupo de terroristas que deveriam ser combatidos na Guerra ao Terror:

Em 3 de outubro (2001) Sharon telefonou ao general Colin Powell, secretário de Defesa americano, solicitando que incluísse os grupos Hamas, Jihad Islâmica e Hezbollah na lista de alvos da “coalização antiterror”. Pedido atendido, e não só pelo governo americano. A imprensa em geral já tinha demonstrado como vê o conflito no Oriente Médio ao incluir os conflitos entre os palestinos e Israel nas páginas de cobertura que tinham como selo “Guerra contra o Terror” (DORNELES, 2003, p. 240).

Diante de tais circunstâncias, Ariel Sharon pode ter se aproveitado dos desdobramentos políticos relacionados aos ataques de 11 de setembro de 2001, especialmente daqueles concernentes à política externa neoconservadora e do apoio massivo dos meios de

comunicação nos Estados Unidos, para reprimir com violência os movimentos nacionalistas e fundamentalistas dentro da Palestina durante a Intifada de Al-Aqsa. Portanto, tal como o ocorrido na Guerra de Suez em 1956, a nova escalada de violência na Palestina poderia, na perspectiva de Sacco, ser eclipsada pela Guerra contra o Terror, perpetrada pelos Estados Unidos e seus aliados no Oriente Médio. Ciente dessa situação, talvez, o quadrinista-jornalista tenha percebido a potencialidade na conjuntura política atual para produzir um novo JHQ sobre a Palestina, e viajado para os territórios ocupados ainda em 2002. Por conseguinte, o texto recortado do material produzido por Sacco e Hedges para a revista estadunidense *Harper's*, acerca da entrevista do ex-líder do Hamas sobre os massacres de 1956, pode ter sido uma das várias outras motivações para Sacco escrever uma nova revista sobre os conflitos no Oriente Médio.

2.2. DA DIVULGAÇÃO E CIRCULAÇÃO ENTRE CRÍTICOS

FinG, segundo trabalho de Sacco sobre os conflitos na Palestina, ocorreu durante viagem à Faixa de Gaza entre os anos de 2002 e 2003, sendo seu processo de produção correspondente à elaboração do roteiro e ao período de ilustração entre meados de 2005 e 2009. Em dezembro de 2009, *FinG* foi publicada pela editora Jonathan Cape na Inglaterra. Ao contrário de *Palestine*, primeiro JHQ do quadrinista-jornalista relativo aos litígios nos territórios ocupados, cujo objetivo consistia em trazer à luz a discussão dos acontecimentos durante a Primeira Intifada na Palestina (1987-1993), este novo projeto de Sacco procurou interpretar dois acontecimentos distintos, os massacres aos vilarejos de Rafah e Khan Younis, ambos na Faixa de Gaza no longínquo ano de 1956, durante a Crise de Suez.

A obra de Sacco contém 417 páginas, e é composta por quatro partes, sendo três capítulos e um apêndice de documentos. O primeiro capítulo, intitulado *Khan Younis*, traz à luz a discussão acerca da fundação dos primeiros campos de refugiados na região da Faixa de Gaza e apresenta aos leitores Abed, guia que o acompanhará em toda jornada pela Palestina. Por fim, expõe os sobreviventes do grupo paramilitar conhecido como *fedayeen* e as causas da Guerra de Suez, acompanhados do assalto cometido pelas Forças de Defesa de Israel contra o vilarejo de Khan Younis em 3 de novembro de 1956. No segundo capítulo, o menor dentre eles, batizada *Feast* (Celebração), o autor se distancia dos massacres da década de 1950 e direciona o foco da narrativa para as relações interpessoais construídas ao longo de sua viagem. Talvez o ápice desse trecho fique à cargo da descrição do ritual conhecido como *Eid al-Adha*, cerimonial

característico da religião muçulmana realizada após a peregrinação aos territórios sagrados do Islã.

Rafah, terceiro capítulo de *FinG*, remonta a ocupação israelense ao vilarejo de Rafah, ocorrido durante a Crise de Suez, perpetrado pela Força de Defesa de Israel, fato este que ceifou a vida de pelo menos 275 palestinos, em 1956. Corresponde ao trecho mais extenso da obra, agregando metade das páginas ilustradas, apresenta um volumoso número de relatos testemunhais meticulosamente detalhados. A título de exemplo, em “*The legend of the doves*” (A lenda dos pombos), o quadrinista-jornalista recortou relatos testemunhais relativos à aparição de um pombo branco no ombro de um comandante do exército israelense durante o massacre realizado pelos soldados, culminando no assassinato de 200 palestinos na escola de Rafah. Segundo Sacco, este fato foi traduzido pelos sobreviventes como um sinal emitido por Deus, sendo o pombo a representação de um anjo divino que os libertaria daquele sofrimento.

Por último, Sacco apresenta dossiê contendo fontes de sua pesquisa, sendo um anexo relativo às correspondências trocadas entre o exército israelense, funcionários do governo e trechos de periódicos judeus condizentes aos massacres de 1956, e outro correspondente aos recortes de entrevistas realizadas com porta-vozes israelenses, cedidas ao autor em maio de 2003, referente ao desmantelamento de residências palestinas na Faixa de Gaza.

Ao contrário dos trabalhos antecessores de Sacco, tal como *Yahoo!*, *Safe Area Gorazde* e *Palestine*, *FinG* não foi publicada pela editora alternativa estadunidense Fantagraphic Books, editora esta que Sacco trabalhou desde os anos de 1980. *FinG*, por sua vez, foi publicada pela primeira vez na editora britânica Jonathan Cape, pertencente ao conglomerado editorial Penguin Random House, conhecida por editar livros de autores como Tom Wolfe, do jornalismo literário, Marjane Satrapi, famosa por seu trabalho autobiográfico *Persépolis*, Alison Bechdel, um dos grandes nomes dos HQ’s autobiográficos e Chris Ware, ilustrador da revista *New Yorker* (FOUNDED..., 2020, [s.p]).

Uma das hipóteses em relação à mudança de editora pode estar relacionada com o reconhecimento conquistado por Sacco após a publicação de seus trabalhos anteriores, especialmente *Safe Area Gorazde*. Pois, diferente do que havia acontecido no ato da publicação de *Palestine*, quando Sacco iniciava sua carreira como jornalista-quadrinista, *FinG* foi reproduzida após o reconhecimento de suas obras pregressas. Apesar de *Palestine* inicialmente não corresponder às expectativas iniciais da editora, os JHQ’s do autor produzidos sobre a guerra na Bósnia, especialmente *Safe Area Gorazde*, veiculadas no início dos anos 2000, havia lhe rendido prestígio e reconhecimento entre o público leitor de HQ’s. Isto pode ter atraído a

atenção de uma reconhecida editora, como a Jonathan Cape, a interessar-se pelo novo projeto de Sacco. Exemplificando, durante a divulgação de *FinG*, Patrick Cockburn (2009), comunicava no *The New York Times* o novo JHQ sobre o conflito na Palestina como uma obra produzida pelo já reconhecido autor de *Palestine* e *Safe Area Gorazde*:

Sacco, cuja reputação de repórter-cartunista foi estabelecida com *Palestine* e *Safe Area Gorazde*, os resgatou [os massacres de 1956] da obscuridade porque eles são "como inúmeras tragédias históricas ao longo dos tempos que mal classificam o status de nota de rodapé no amplo alcance da história - Apesar de... muitas vezes conterem as sementes da dor e da raiva que moldam os eventos atuais⁴⁷ (COCKBURN, 2009, [s.p.]).

Outra hipótese em relação à mudança de editora configura-se com o fortalecimento do *lobby* pró-Israel nos Estados Unidos após o 11 de setembro de 2001. De acordo com Illan Pappé (2011c), no começo dos anos 2000 havia um grande esforço, entre intelectuais e políticos estadunidenses, para debater e discutir a possibilidade de autodeterminação do povo palestino. No entanto, após os ataques orquestrados pela organização fundamentalista Al-Qaeda, o período de ouro dos debates relacionados aos problemas palestinos degingolou. Ao mesmo tempo, irrompeu entre os intelectuais e a mídia norte-americana um sentimento anti-palestino. Sobre esse evento, o holandês Jan Nederveen Pieterse (2009) recorda a manobra do advogado pró-Israel, Alan Dershowitz, ao impedir o ingresso de intelectuais e acadêmicos favoráveis à causa palestina nas grandes universidades do país. Conforme Nederveen Pieterse (2009, p. 40-41), Dershowitz trabalhou com afinco para que: “[...] Normam Finkelstein, um estudioso crítico e sério da indústria do Holocausto, não conseguisse uma cátedra na DePaul University e para negar uma vaga de professor na Notre Drame University ao acadêmico muçulmano Tariq Ramadan”.

Provavelmente, o *lobby* israelense também esteve envolvido no controle editorial de livros e artigos, em especial aqueles contrários à política de Israel ou dos Estados Unidos após ataques. Carlos Dorneles (2003, p. 156-157) afirma que o romancista e ativista político estadunidense, Gore Vidal, “tem enfrentado dificuldades para encontrar quem o ouça nos Estados Unidos e está publicando sua nova coleção de ensaios na Itália, país que adotou. No livro, critica Bin Laden, a quem chama de líder de uma gangue, mas muito mais o governo americano e a mídia por não tentarem explicar as razões por trás da tragédia ocorrida em

⁴⁷ [No original]: “Sacco, whose reputation as a reporter-cartoonist was established with “Palestine” and “Safe Area Gorazde,” has rescued them from obscurity because they are “like innumerable historical tragedies over the ages that barely rate footnote status in the broad sweep of history — even though . . . they often contain the seeds of the grief and anger that shape present-day events” (Tradução livre).

setembro”.

Em outro flagrante das restrições editoriais ocorridas nos Estados Unidos, Nederveen Pieterse (2009) ressalta o caso com os cientistas políticos John Mearsheimer e Stephen Walt. Os autores foram impedidos de publicar seu livro, contendo críticas à Israel, nas editoras estadunidenses. Diante de constantes recusas por parte dos editores americanos, os pesquisadores publicaram seu livro na Inglaterra. Quando o livro finalmente foi publicado em 2007, envolto de repercussões, as palestras de divulgação do livro foram canceladas em diversos locais nos Estados Unidos (NEDERVEEN PIETERSE, 2009). Diante do aparente controle editorial, especialmente contra obras de cunho crítico à conduta governamental pós 11 de setembro, é possível que Sacco tenha optado em não publicar na editora estadunidense Fantagraphic Books e migrar para a editora britânica Jonathan Cape para evitar obstáculos futuros relativos à publicação de *FinG* nos Estados Unidos.

Em se tratando de um novo JHQ referente às hostilidades nos territórios ocupados da Palestina, produzida e veiculada no decurso dos ataques à Nova Iorque, as decisões editoriais tomadas pela Jonathan Cape destoam das medidas exercidas pela Fantagraphic Book na publicação de *Palestine* na década de 1990. A Jonathan Cape, ao contrário da Fantagraphic Books, publicou *FinG* em volume único. Possivelmente, a predileção de disseminar o JHQ em exemplar único ocorreu em razão do insucesso de vendas da primeira versão de *Palestine*, publicada e veiculada em nove volumes. Em relação à tiragem e à comercialização de *Palestine*, o primeiro trabalho de Sacco havia vendido em sua primeira publicação uma média de 2500 unidades anuais, sendo que a editora esperava vender aproximadamente 20 mil unidades para o mesmo período. Em contrapartida, no ano de 2001, *Palestine*, publicada em volume único, alcançou a cifra de 60 mil unidades por ano (BARKER, 2012). Para Dutra (2003), o insucesso mercadológico da HQ sobre a Palestina ocorreu mediante publicação seriada em nove volumes no formato *flíper* (revistas publicadas em pequenos fascículos grampeados):

A julgar pela grande diferença de performance entre os dois formatos de *Palestine* (revista e livro), a revista em quadrinhos tradicional (aquele caderno de páginas obradas presas por dois grampos de metal) não deveria ser considerada um veículo adequado para reportagens em quadrinhos, mesmo para as mais permanentes e menos descartáveis como as de Joe Sacco. O formato de minissérie em fascículos com que *Palestine* foi publicada originalmente parece estar irremediavelmente impregnado do caráter folhetinesco que as histórias em quadrinhos tradicionalmente têm (DUTRA, 2003, p. 51).

No entanto, vale ressaltar que no transcurso da década de 1990, o formato *flíper* era

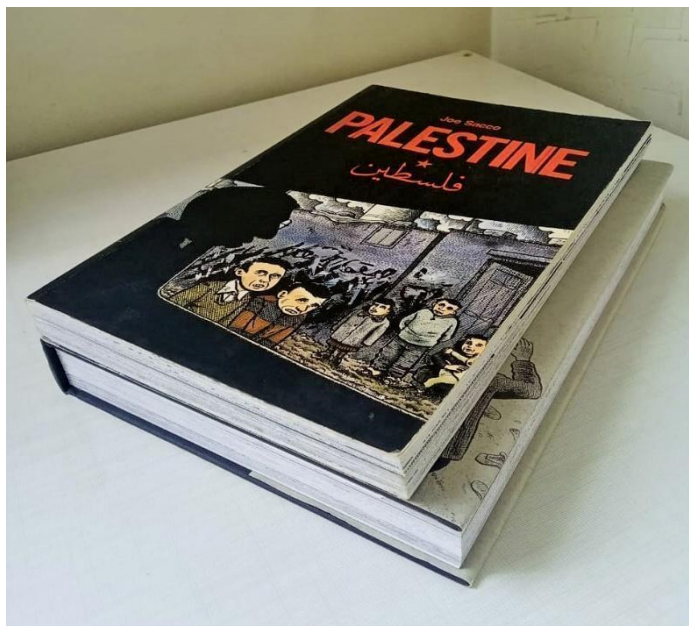
comum entre as editoras de HQ's. *The Sandman*, de Gaiman, por exemplo, reproduzida pela editora *DC Comics* entre 1989-1996, foi publicada 75 fascículos, tornando-a uma das maiores histórias seriadas da indústria dos quadrinhos no formato *flíper*. Por conta disso, seria plausível compreender a decisão editorial da Fantagraphic Books em distribuir *Palestine* em formato *flíper*. Em contrapartida, ao contrário das revistas veiculadas pelas grandes editoras, como *Marvel Comics* e *DC Comics*, com periodicidade mensal, quinzenal ou semanal, *Palestine* foi publicada em nove volumes com periodicidade irregular entre 1993 a 1996. Anos depois Sacco reconheceu a impossibilidade de distribuir *Palestine* em volume único, fato esse que só foi possível após o sucesso de *Safe Area Gorazde* na década de 2000:

A maioria dos jornalistas americanos concordou com minha posição sobre a Bósnia e ela foi recebida de forma incrivelmente calorosa. O *New York Times* o considerou como o notável livro do ano e eu recebi uma bolsa do Guggenheim, que realmente me ajudou financeiramente. Então, quando *Palestine* saiu em volume único, ele teve uma nova vida. Vendeu 60.000 exemplares na América e foi amplamente traduzido. Há muito tempo superou as vendas de *Safe Area Gorazde*. Acho que será o livro pelo qual serei lembrado⁴⁸ (SACCO apud COOKE, 2009, [s.p.]).

Além da preferência pela publicação em volume único, houve outras mudanças materiais na versão de *FinG* em comparação a *Palestine*. Exemplificando, na **figura 34** verifica-se a edição especial de *Palestine*, em volume único, impresso pela Fantagraphic Books em brochura, medindo 27x18cm, um pouco maior que o modelo padrão de HQ americano 26x17cm. Paralelamente, *FinG* apresenta-se um pouco maior que *Palestine*, medindo 27,5x20cm. Possivelmente, a dessemelhança em relação ao tamanho das duas edições esteja associada com o material empregue na produção das capas de ambas as edições. Enquanto *Palestine* foi confeccionada com capa cartonada comum, *FinG*, por sua vez, foi produzida em capa dura.

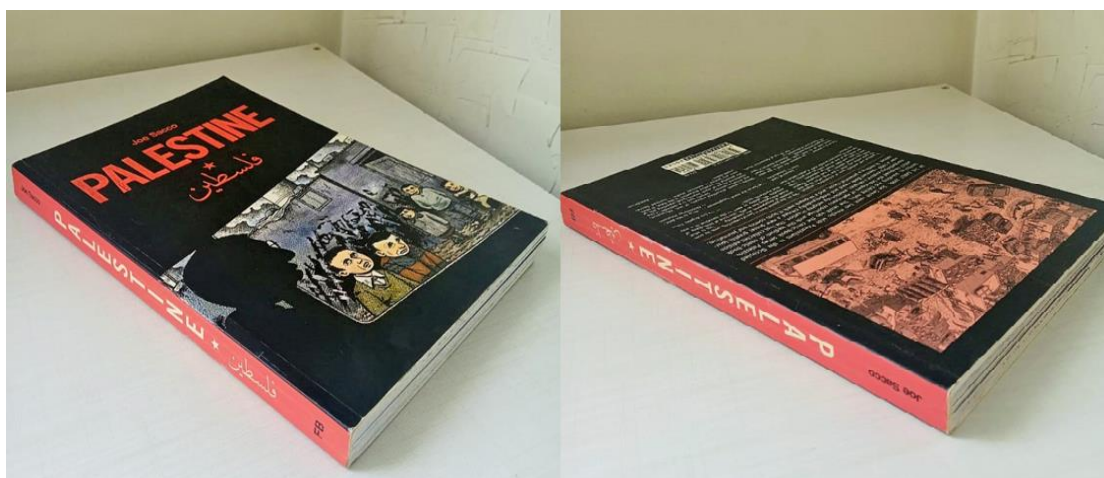
⁴⁸ [No original]: "It was Safe Area Gorazde that changed his fortunes. "Most American journalists agreed with my position on Bosnia and it was incredibly warmly received. The New York Times named it a notable book of the year and I received a Guggenheim fellowship, which really helped me financially. So when Palestine came out in a single volume, it had a new life. It sold 60,000 copies in America and it was widely translated. It has long since outsold Safe Area Gorazde. I think it'll be the book I'm remembered for" (Tradução livre).

Figura 34: Comparação entre *Palestine* e *Footnotes in Gaza*



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 35: *Palestine* edição especial publicada pela Fantagraphic Books em 2001

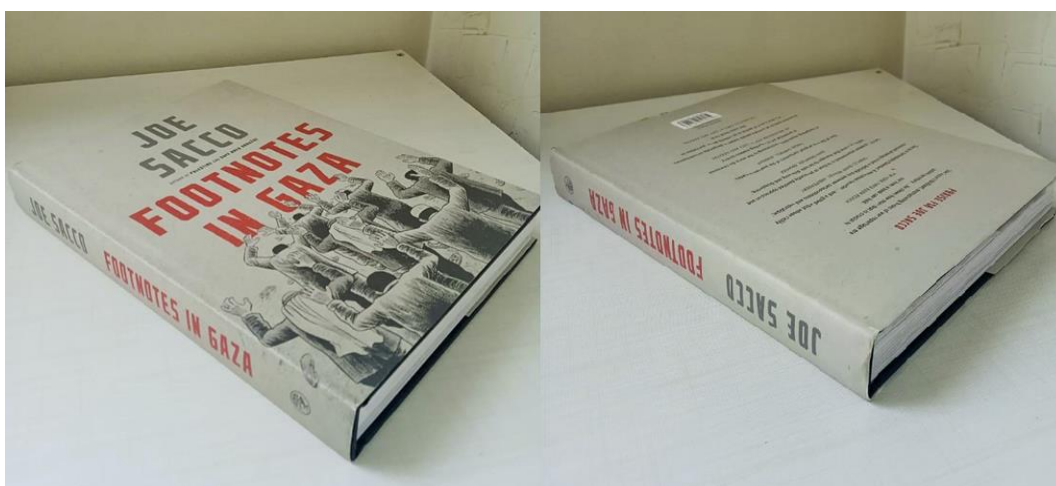


Fonte: Acervo pessoal

Além disso, a dessemelhança relativa aos detalhes de acabamento entre as duas edições é perceptível. A capa de *Palestine* (figura 35) impressa com fundo preto, destaca o nome do autor na parte superior. Logo abaixo, escrito em fonte vermelha, verifica-se o nome da obra, tanto em inglês como na grafia árabe. Na parte inferior da capa, averigua-se uma das ilustrações que compõem *Palestine* – primeira impressão de Sacco sobre a miséria na Faixa de Gaza –, a única colorida em toda a obra. Além disso, há uma película plástica envernizada sobre o desenho, conferindo-lhe luminosidade em comparação com o preto fosco da capa. A lombada,

pintada na cor vermelha, possui o nome da obra em branco, enquanto o nome do autor e da editora foi impresso na cor preta. A parte traseira, também impressa na cor preta, complementa-se com uma ilustração da cidade de Gaza em filtro sépia. Por fim, abaixo da ilustração, observam-se resenhas da obra, acompanhadas por trechos de *reviews* escritas por Edward Said, *The Journal Palestine Studies*, *The Los Angeles Times*, do jornalista Christopher Hitchens e do *Bookforum*.

Figura 36: *Footnotes in Gaza* publicado pela Jonathan Cape em 2009

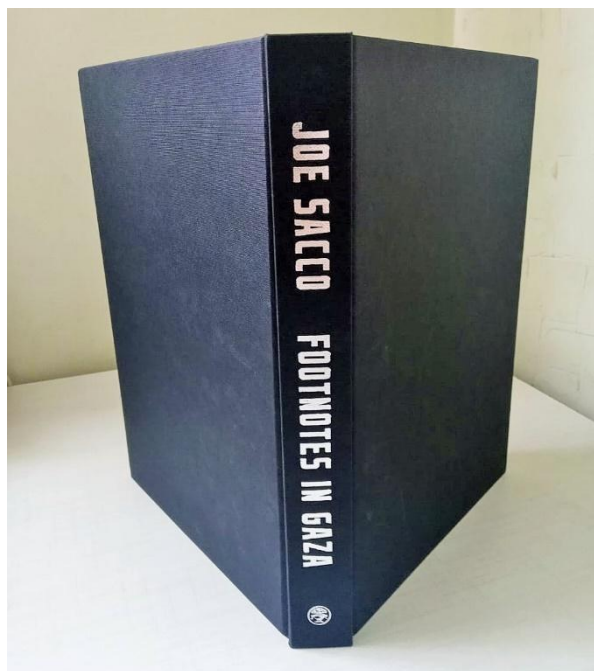


Fonte: Acervo pessoal

FinG (**figura 36**), ao contrário de *Palestine*, possui sobrecapa cinza, onde se exhibe o nome do autor em caixa alta, com fonte em cor cinza escuro, e o nome da obra em vermelho. Entre o nome do autor e o título da obra, verifica-se a menção “author of *Palestine* and *Safe Area Gorazde*” (Autor de *Palestine* e *Safe Area Gorazde*), reconhecendo as obras pregressas do autor. A imagem da capa, sem coloração, ilustra um recorte da obra de Sacco, referente ao toque de recolher imposto pelos soldados de Israel aos homens da aldeia de Rafah. A lombada apresenta nome do autor, emblema da editora e o título da obra. Na quarta capa, trechos das *reviews* reproduzidas no *New York Times Book Review*, a revisão produzida por Charles Shaar Murray, músico e jornalista, para o periódico *Independent*, um trecho da análise veiculada no jornal *Observer* redigida pelo crítico de esporte David Thompson, e por fim, a crítica do repórter investigativo Duncan Campbell para o periódico inglês *The Guardian*. Há também recortes das *reviews* dos periódicos *The Washington Post* e *Los Angeles Times*, no entanto, ambos não fazem menção a *FinG*, mas a obra antecessora de Sacco, *Safe Area Gorazde*. Retirada a sobrecapa, observa-se capa dura encapada com tecido preto. Na capa, o único destaque, na lombada, contém o nome do autor, título da obra e o emblema da editora em cinza prateado (**figura 37**).

Ao comparar as duas publicações, verifica-se a disposição de acabamento e detalhes em *FinG* em detrimento de *Palestine*.

Figura 37: Detalhes da capa de *Footnotes in Gaza* da editora Jonathan Cape



Fonte: Acervo pessoal.

No final de dezembro de 2009, a editora Jonathan Cape iniciou a distribuição de *FinG* para as livrarias inglesas. Concomitante ao lançamento da HQ na Inglaterra, os grandes meios de comunicação passaram a divulgar suas *reviews* sobre o novo trabalho de Sacco. Em 27 de dezembro de 2009, David L. Ulin (2009), em *review* para o *Los Angeles Times*, afirmava de antemão que *FinG* não correspondia a uma sequência de *Palestine*. Ressaltava ainda que ambas as obras se referiam às contendas nos territórios ocupados, porém, Ulin (2009) esclarecia a diferença entre os dois JHQ's. Enquanto o primeiro tece o panorama acerca da visita de Sacco à Palestina na década de 1990, o novo trabalho do quadrinista-jornalista refere-se a remontagem dos massacres na Faixa de Gaza na década de 1950 (ULIN, 2009, [s.p.]). Na perspectiva do comentarista, o ápice de *FinG* estava relacionado ao manejo do autor em cotejar os acontecimentos do passado e o presente da Palestina.

Patrick Cockburn, em *review* para o *The New York Times* no dia 24 de dezembro de 2009, descreve o trabalho de Sacco como um emocionante relato sobre dois massacres israelenses contra os vilarejos de Khan Younis e Rafah (COCKBURN, 2009, [s.p.]). Além disso, Cockburn (2009) ressalta a importância de *FinG* enquanto veículo midiático interessado

em investigar os motivos por detrás da luta dos palestinos contra a repressão israelense:

A vivacidade e o ritmo dos desenhos de Sacco, combinados com uma narrativa verbal altamente informada e inteligente, funcionam extremamente bem para contar a história. Na verdade, é difícil imaginar como qualquer outra forma de jornalismo poderia tornar esses eventos tão interessantes. Muitos repórteres de jornais ou televisão entendem que as raízes das crises de hoje estão em eventos obscuros e não divulgados. Mas eles também reconhecem que seus editores de notícias estão mais interessados no que é novo e tendem a rejeitar os desvios na história como uma autoindulgência jornalística que pode entediar e confundir o público⁴⁹ (COCKBURN, 2009, [s.p.]).

Em outro trecho da *review*, Cockburn (2009) relaciona e estabelece relações entre as ocorrências atuais na Palestina, tais como a Intifada de Al-Aqsa e a escalada de violência na região, aos massacres de 1956, eventos estes descritos por Sacco em *FinG*. Além disso, Cockburn (2009) evidencia o relato de Abed El-Aziz al-Rantisi na introdução de *FinG*, trecho esse, segundo Sacco, recortado do material produzido em conjunto com o jornalista investigativo Chris Hedges para a *Harper's* e que o motivou a escrever o novo JHQ que seria distribuído em poucos dias:

Os governos e os meios de comunicação esquecem que as atrocidades vivem na memória dos mais afetados. Sacco registrou a memória de Abed El-Aziz al-Rantisi - líder do Hamas (mais tarde morto por um míssil israelense), que em 1956 tinha 9 anos e vivia em Khan Younis - descrevendo como seu tio foi morto: “Isso deixou uma ferida em meu coração que nunca pode curar”, diz ele. “Estou contando uma história e quase chorando... Eles plantaram ódio em nossos corações⁵⁰” (COCKBURN, 2009, [s.p.]).

Por conta disso, nos dias que se seguiram, leitores do periódico expuseram sua revolta à *review* escrita por Cockburn (2009) no *The New York Times*. Um desses leitores, apresentado como Gerald Deutsch, de Nova Iorque, disse que Cockburn:

[...] encoraja aqueles que têm ‘uma ira duradoura contra Israel.’ É lamentável que o artigo omita fatos importantes. Por exemplo, ao concluir sua revisão, ele diz: ‘Em 2005, Israel destruiu unilateralmente os assentamentos judeus e

⁴⁹ [No original]: “The vividness and pace of Sacco’s drawings, combined with a highly informed and intelligent verbal narrative, work extremely well in telling the story. Indeed, it is difficult to imagine how any other form of journalism could make these events so interesting. Many newspaper or television reporters understand that the roots of today’s crises lie in obscure, unpublicized events. But they also recognize that their news editors are most interested in what is new and are likely to dismiss diversions into history as journalistic self-indulgence liable to bore and confuse the audience” (Tradução livre).

⁵⁰ [No original]: Governments and the news media alike forget that atrocities live on in the memory of those most immediately affected. Sacco records Abed El-Aziz al-Rantisi — a leader of Hamas (later killed by an Israeli missile), who in 1956 was 9 and living in Khan Younis — describing how his uncle was killed: “It left a wound in my heart that can never heal,” he says. “I’m telling you a story and I am almost crying... They planted hatred in our hearts.” (Tradução Livre).

retirou suas forças militares, embora permaneça no controle estrito das fronteiras de Gaza. Em 2007, o Hamas assumiu o controle, e em 2008-9 o enclave passou por um ataque israelita devastador.’ Onde se menciona o crescente número de ataques com foguete do Hamas contra civis israelenses que provocaram o ataque israelense? Onde se menciona as estufas que foram entregues aos moradores de Gaza com a esperança de que eles trariam a paz, apenas para serem destruídos pelos palestinos? Onde se menciona os ataques suicidas contra cidadãos israelenses tornam necessário que Israel controle suas fronteiras? Aqueles que leem a revisão de Cockburn e não sabem que os fatos, podem ter medo daqueles que odeiam Israel⁵¹ (DEUTSCH, 2009, [s.p.]).

Deutsch enfatiza, e até enaltece, as ações do Estado de Israel na região, por exemplo, o Plano de Desengajamento de 2005, que previa a retirada unilateral dos judeus na Faixa de Gaza, conseqüentemente devolveu depois de quatro décadas as terras ocupadas para os palestinos na Faixa de Gaza. Também lembrou dos ataques de mísseis caseiros *Qassam*, produzidos pelos palestinos e regularmente disparados na fronteira contra os vilarejos israelenses, e o aumento de ataques suicidas terroristas por parte dos palestinos. Em nenhum momento da carta aos editores redigida por Deutsch, o leitor pontuou o trabalho de Sacco. O foco de sua discussão restringiu-se aos fatos recentes na região, segundo ele, não mencionados por Cockburn. Possivelmente, Deutsch também desconheça os trabalhos pregressos de Sacco, especialmente *Palestine*, onde o quadrinista-jornalista deixa claro que seu posicionamento é enviesado e tem por objetivo esclarecer a perspectiva palestina do conflito:

A mais séria crítica à *Palestine* foi de que contei apenas um lado do conflito palestino-israelense. Este é um juízo correto sobre o livro, mas ele não me afeta. Minha posição foi e ainda é que a visão do governo israelense já está bem representada pela grande mídia norte-americana, e é calorosamente defendida por quase todo político eleito para altos cargos nos Estados Unidos (SACCO, 2011, p. xvii).

Críticas contra a *review* de Cockburn e ao trabalho de Sacco foram encontradas em outros veículos. Por exemplo, Gilead Ini (2009), em seu artigo de opinião, veiculado no *Committee for Accuracy in Middle East Reporting and Analysis* (CAMERA), além de desacreditar o JHQ de Sacco como uma simples “alegação” de um “possível” massacre nos vilarejos gazeanos na década de 1950, condenou a ação do *The New York Times* como

⁵¹ [No original]: “[...] encourages those who have “enduring anger against Israel.” It’s unfortunate that his article omits important facts. For example, in concluding his review, he says: “In 2005, Israel unilaterally dismantled Jewish settlements and withdrew its military forces, although it remained in tight control of Gaza’s borders. In 2007, Hamas seized control, and in 2008-9 the enclave came under devastating Israeli attack.” Where is any mention of the increasing number of rocket attacks by Hamas against Israeli civilians that prompted the Israeli attack? Where is any mention of the greenhouses that were turned over to Gaza residents with the hope that they would bring peace, only to be destroyed by Palestinians? Where is any mention of the suicide attacks against Israeli citizens that make it necessary for Israel to control its borders? Those who read Cockburn’s review and don’t know the facts may, I fear, come to have sympathy with those who hate Israel” (Tradução livre).

“estranha” e “hipócrita” ao selecionar um revisor partidário anti-Israel, no caso Patrick Cockburn, para analisar a obra de um escritor partidário anti-Israel, Sacco. Em outro trecho de seu artigo, o autor relata que Cockburn e Sacco empregaram a citação de al-Rantisi em seus respectivos trabalhos para mobilizar a opinião pública americana contra Israel:

Enquanto isso, há motivos para duvidar de algumas das fontes palestinas mencionadas por Sacco e Cockburn. Uma fonte, cujos comentários servem como manchete da resenha do *New York Times*, "Eles plantaram o ódio em nossos corações", é Abed El-Aziz al-Rantisi. O currículo do líder do Hamas inclui não apenas a responsabilidade pelos ataques contra os israelenses, mas também a negação do Holocausto, algo que certamente deveria ter levantado dúvidas sobre sua credibilidade. (Essa resenha de Cockburn, e presumivelmente o livro de Sacco, é essencialmente dedicada a promover a narrativa de Rantisi da culpa israelense pelo ódio sentido pelos palestinos, ou em outras palavras, que eles vendem as desculpas de um homem que prometeu que "matemos judeus em toda parte". "- levanta algumas questões morais também.)⁵² (INI, 2009, [s.p.]).

Neste trecho, Ini (2009) desacredita a pesquisa de Sacco ao dizer que al-Rantisi havia prometido matar judeus em todo canto do mundo. Presumivelmente, ao criticar a moralidade de al-Rantisi, Ini (2009) tentou depreciar *FinG*, obra essa que chamou de anti-israelense. Tal como o leitor do *The New York Times* em relação à *review* de Cockburn, Ini (2009) parece não ter lido o livro de Sacco, expediente este possível de verificar quando ele afirma que “presumivelmente” o JHQ instigue o ódio contra os israelenses. Dessa forma, a crítica de Ini (2009) pode ter sido pautada menos pelo conteúdo de *FinG* do que a respeito dos pré-conceitos estabelecidos sobre o conflito.

Na Inglaterra, Rachel Cooke (2009), em *review* de *FinG* para o periódico *The Guardian*, declara que o novo trabalho de Sacco sobre a Palestina remete a uma mistura entre história oral, memória, reportagem e quadrinhos. Ela ainda ressaltou que o retorno do autor para os territórios ocupados se deu pelos recortes editoriais realizados pela revista *Harper's*, entrevista cedida por al-Rantisi, no trabalho que havia desenvolvido em conjunto com Chris Hedges. No entanto, diferente da abordagem adotada por Cockburn no periódico estadunidense, Cooke não explicitou as palavras do ex-líder do Hamas. Em vez disso, Cooke (2009) apresentou

⁵² [No original]: “Meanwhile, there is reason to be skeptical of some of the Palestinian sources mentioned by Sacco and Cockburn. One source, whose comments serve as the headline to the New York Times review, “They Planted Hatred in Our Hearts,” is Abed El-Aziz al-Rantisi. The late Hamas leader's resume includes not only responsibility for attacks against Israelis, but also unabashed Holocaust denial, something which surely should have raised doubts about his credibility. (That Cockburn's review, and presumably Sacco's book, is essentially dedicated to promoting Rantisi's narrative of Israeli blame for the hatred felt by Palestinians, or in other words, that they peddle the excuses of a man who once promised that “We will kill Jews everywhere” — raises some moral questions, too.)” (Tradução livre).

elementos relacionados à biografia do autor e detalhou os trabalhos progressos de Sacco. Por fim, focou sua descrição em características gráficas e narrativas em *FinG*, por exemplo, as ilustrações de duas páginas que apresentavam um quadro panorâmico dos vilarejos da Faixa de Gaza. Mesmo evitando citar al-Rantisi, tal como aconteceu nos Estados Unidos, leitores do *The Guardian* teceram suas críticas negativas à *review*. O leitor identificado como *Converse325*, escreveu o seguinte comentário:

Se Joe Sacco realmente quiser cobrir algo que receba pouca ou nenhuma cobertura, ele pode tentar cobrir a terrível forma como os palestinos são tratados pelos seus seguidores árabes, ou como é a vida em Gaza vivendo sob o Hamas, se você não concordar plenamente com eles, pode ser brutal. Isso levaria, é claro, uma narrativa muito mais íntegra e honesta do que aderir à narrativa normal e em nenhum lugar como produtivo? como escrever? supostos massacres? para qual o autor está disposto a aceitar nada além de testemunho carregado como prova. Mas talvez, mais uma vez, a preocupação com os palestinos comece e pare quando Israel pode ser responsabilizado, caso contrário, é como o seu povo que não existe para aqueles que alegam se importar tanto⁵³ (CONVERSE325 apud COOKE, 2009).

Além de indagar sobre o governo do Hamas na Faixa de Gaza, que havia vencido as eleições parlamentares de 2006 contra o Fatah (tema este que abordaremos no próximo capítulo), o leitor do *The Guardian* questiona, e coloca em dúvida, os métodos empregados por Sacco para descrever sua narrativa, ou seja, a coleta de relatos testemunhais dos sobreviventes do massacre de 1956, desacreditando na possibilidade de fazer História por meio de fontes orais. A maneira como o leitor do *The Guardian* reagiu à *review* de *FinG* se assemelha, em alguns aspectos, com a forma que Gerald Deutsch reagiu ao texto de Patrick Cockburn para o *The New York Times*. Em ambos os casos, a crítica não parece ter sido realizada sobre o conteúdo da obra de Sacco, mas em relação aos acontecimentos recentes no enfrentamento entre Israel e Palestina.

Ao contrário das *reviews* estadunidenses, alguns comentários de leitores do *The Guardian* demonstravam interesse pela publicação de *FinG*. O leitor identificado como *Indigenous1* diz ter grande apreço pelos trabalhos de Sacco, especialmente *Palestine*, e aguarda ansiosamente *Footnotes in Gaza*. As comparações com Spiegelman e *Maus* também estiveram

⁵³ [No original]: “If Joe Sacco really want to cover something which receive little to no coverage , he could try covering the awful way Palestinians are treated by their follow Arabs, or what life is like in Gaza living under Hamas if you fail to fully agree with them, short and often brutal . That would take of course a lot more integrate and honesty than sticking to normal narrative and nowhere as ?productive? as writing ?alleged massacres? for which the author is willing to accept nothing but loaded testimony as evidence. But perhaps once again the concern for Palestinians starts and stop when Israel can be blamed, otherwise it?s like their people that don?t exist for those that claim to care so much” (Tradução Livre).

presentes nos comentários. Nesses casos, os leitores enfatizavam a importância das HQ's como narrativa de determinados eventos históricos e políticos, podendo, assim, abranger tais fatos históricos para uma grande quantidade de leitores. Tendo como exemplo o comentário de *Cbarr*, frisava: “*Safe Area Gorazde* foi um livro impactante, especialmente a cena de cortar a garganta. Espero que mais pessoas apreciem o valor das histórias em quadrinhos. *Maus* é um livro brilhante⁵⁴” (CBARR apud COOKE, 2009, [s.p.]). Em caso análogo, outro leitor afirmou que:

Não posso comentar sobre a política do Oriente Médio, pois não afirmaria saber o suficiente sobre ela, mas acho que os livros gráficos podem educar ou informar as pessoas que não leriam uma obra política escrita. Eu li *Maus* e *Maus II* na universidade, e eles realmente abriram meus olhos em uma época em que eu nunca teria pensado em ler um livro sobre o Holocausto. Na verdade, eles provavelmente me levaram a começar a ler sobre isso, porque me fizeram pensar a respeito. Algumas pessoas respondem melhor ao material visual, e acho que há um lugar válido para esse tipo de material ao encorajar as pessoas a aprender sobre política e história⁵⁵ (GLOBALNOMAD apud COOKE, 2009, [s.p.]).

Em Israel, o periódico liberal *Haaretz* circulava no dia 21 de dezembro de 2009, antes mesmo de iniciar a divulgação de *FinG* na imprensa dos Estados Unidos e da Inglaterra, a notícia intitulada “*Graphic Novel on IDF ‘massacres’ in Gaza Set to Hit Bookstores*” (*Graphic Novel* sobre “massacres” da FDI em Gaza prestes a chegar às livrarias), sem autoria assinalada no expediente. O periódico esclarecia que o novo trabalho de Sacco sobre os eventos da Palestina discorria sobre dois episódios na Faixa de Gaza na década de 1950, ocasionando a morte de 386 palestinos pelas Forças de Defesa de Israel, número muito maior do que o enunciado pelo próprio autor no prefácio escrito por Sacco em junho de 2009, que destaca a morte de 275 palestinos. Além disso, o corpo do texto trazia citação de Sacco dizendo que havia ficado extremamente chocado pela maneira como esses fatos (massacres de 1956) haviam sido ignorados todo esse tempo pelos meios de comunicação ocidentais, especialmente os países anglófonos. Após essa afirmação, o redator do texto apresentou a crítica de um historiador e de dois especialistas discutindo alguns elementos narrativos e gráficos contidos em *FinG*. O

⁵⁴ [No original]: “*Safe Area Gorazde* was a shocking book, esp the throat-cutting scene. I hope more people appreciate the value of graphic novels. *Maus* is another brilliant book” (Tradução livre).

⁵⁵ [No original]: “I can’t comment on Middle East politics as I wouldn’t claim to know enough about it, but I do think graphic books can educate or inform people who wouldn’t read a political written work. I read *Maus* and *Maus II* at university, and they really opened my eyes at a time when I wouldn’t have ever thought of reading a book about the Holocaust. In fact, they probably led me to start reading about it, because they got me thinking about it. Some people respond better to visual material, and I think there’s a valid place for this type of material in encouraging people to learn about politics and history” (Tradução livre).

primeiro deles, Meir Pail⁵⁶, historiador israelense, alegava a inexistência dos dois massacres debatidos por Sacco:

‘É um grande exagero’, disse Meir Pail, um importante historiador militar israelense e político de esquerda. ‘Nunca houve um assassinato de tal grau. Ninguém foi assassinado. Eu estava lá. Não sei de nenhum massacre.’ A paixão de Sacco pela causa palestina o abriu a acusações de parcialidade⁵⁷ (GRAPHIC..., 2009, [s.p.]).

Figura 38: Ilustração dos soldados israelenses no cerco à Khan Younis



Fonte: SACCO, 2009, p. 85.

Adiante, Jose Alaniz, professor de literatura comparada pela Universidade de Washington, dizia que Sacco, em suas ilustrações, empreende métodos sutis de manipulação, valorizando, assim, a perspectiva palestina dos fatos. A título de exemplo, o professor comenta a opção do quadrinista-jornalista em ilustrar, em alguns casos, os soldados israelenses em ângulos que forçavam o leitor a observar os soldados israelenses de baixo para cima, que na sua opinião, representava os defensores israelenses na condição de indivíduos poderosos e opressores ao passo que vitimizava os palestinos (os soldados e colonos, em alguns casos, são

⁵⁶ Ex-coronel das Forças de Defesa de Israel, prestando serviço militar entre 1937-1971. Em 1973 foi eleito para o Knesset, ficando no cargo público até 1981. Além de militar e político, Pail também publicou trabalhos relacionados à História militar.

⁵⁷ [No original]: “‘It’s a big exaggeration,” said Meir Pail, a leading Israeli military historian and leftist politician. “There was never a killing of such a degree. Nobody was murdered. I was there. I don’t know of any massacre.” Sacco’s passion for the Palestinian cause has opened him up to accusations of bias” (Tradução livre).

desenhados em *contre-ploqué*, conforme **figura 38**), e o abuso de Sacco em desenhar crianças em situações de risco (GRAPHIC, 2009).

O texto ainda infere, por conta da manipulação artística apontada por Alaniz, o partidarismo do autor de *FinG* à causa Palestina, destacando como evidência o fato do autor ter recebido em 1996 o *National Book Award* por seu trabalho *Palestine*. Por fim, ao descrever o tema debatido no JHQ, os massacres de Khan Younis e Rafah, o redator do *Haaretz*, no intuito de desacreditar os eventos narrados pelo quadrinista-jornalista, afirma que as ocorrências relatadas por Sacco refletem uma versão da história composta pela combinação entre o passado e a ficção: “Sacco desenha ruas estreitas lotadas, cheias de alunos curiosos e homens desempregados. Seus personagens desesperados - fugitivos, viúvas e xeques - misturam fatos antigos com ficção⁵⁸” (GRAPHIC, 2009, [s.p.]).

Entre aqueles que comentaram a notícia do *Haaretz*, muitos focaram suas atenções em comparações entre os massacres descritos por Sacco com acontecimentos históricos. Por exemplo, um comentarista contrastou *FinG* ao livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião* (texto de cunho anti-semita escrito na Rússia czarista), concluindo que o primeiro, tal como o segundo, corresponde a mais uma peça de difamação e ódio contra os judeus⁵⁹. Outro leitor denunciou *FinG* por considerá-la uma narrativa enganosa da realidade, pois focava a pauta da reportagem somente nos massacres de Khan Younis e Rafah e não oferecia aos leitores o contexto geral da situação. Por fim, o leitor ainda tece comparações com o nazismo perpetrado na Segunda Guerra:

Um romance poderia ser escrito sobre os "inocentes" civis alemães apanhados na Segunda Guerra Mundial. Esta *graphic novel* não deve ser considerada jornalismo. Deve ser considerado ficção histórica. Talvez ele possa escrever um romance sobre as jovens crianças israelenses que tiveram suas cabeças esmagadas por terroristas "palestinos" (GRAPHIC, 2009, [s.p.]).

Contra-pondo-se ao eventos descritos por Sacco, outro leitor do *Haaretz* pontuou detalhadamente seis massacres palestinos contra Israel no século XX (o primeiro relacionado ao período conhecido como Mandato Britânico na Palestina e os demais referente à Guerra de 1948 entre israelenses e árabes após a Partilha de terras das Nações Unidas de 1947) e calculou

⁵⁸ [No original]: “Sacco draws crowded narrow streets, full of prying schoolchildren and unemployed men. His desperate characters - fugitives, widows and sheiks - mix long past fact with fiction” (Tradução livre).

⁵⁹ Descrição e tradução do comentário na íntegra: “Os libelos de sangue contra os judeus, assim como o livro Os Protocolos de Sião, estiveram conosco ao longo da nossa história. Esta é apenas mais uma peça de difamação de ódio que se perpetua pelos ódios irracionais dos judeus”. No original: “Blood libels against Jews as well as books like The Protocols of Zion have been with us throughout our history. This is just another piece of hate mongering slander perpetuated by rabid Jew haters” (Tradução livre).

o número de 1256 vítimas ceifadas pelos árabes, deduzindo que os muçulmanos causaram muito mais danos aos judeus do que os israelenses causaram aos palestinos nos massacres contra Khan Younis e Rafah:

Os Motins e Massacres da Palestina de 1929. No verão de 1929, os árabes da Palestina iniciaram tumultos e massacres contra a população judaica em várias cidades. 30 de dezembro de 1947? 39 judeus foram mortos por desordeiros árabes na refinaria de petróleo de Haifa em 16 de janeiro de 1948? 35 judeus foram mortos tentando chegar a Gush Etzion em 22 de fevereiro de 1948? 44 judeus foram assassinados em um bombardeio em Rehov Ben-Yehuda de Jerusalém em 29 de fevereiro de 1948? 23 judeus foram mortos em toda a Palestina, oito deles na fundição de ferro de Hayotzek em 15 de maio de 1948? 127 judeus foram massacrados em Kfar Etzion, depois que 30 outros morreram defendendo o Etzion Bloc. Durante este período de tempo (29 de novembro de 1947 a 15 de maio de 1948), um total de 1.256 judeus foram mortos, a maioria deles civis. Essas mortes foram causadas por milícias árabes, gangues, terroristas e unidades do exército que atacaram todos os lugares de habitação judaica na Palestina. Durante esse tempo, todas as aldeias judaicas no Negev foram atacadas, e os judeus tiveram que percorrer o país em comboios. Em todas as grandes cidades onde judeus e árabes viviam em bairros mistos, as áreas judaicas foram atacadas. Isso era verdade em Hadar Hacarmel, de Haifa, bem como na Cidade Velha de Jerusalém. A lista acima não inclui judeus mortos e sinagogas queimadas em países árabes durante o período de tempo em questão. No entanto, sabe-se que mais de 100 judeus foram massacrados e sinagogas foram queimadas em Aleppo e Aden, levando milhares de judeus de suas casas⁶⁰ (GRAPHIC, 2009, [s.p.]).

Outros leitores foram além dos acontecimentos históricos e atentaram comentários xenofóbicos à religião maometana. Um dos comentários dizia que o ódio dos árabes contra os judeus está escrito no Corão, o livro sagrado do Islã: “[...] alguém pode escrever o que agrada, mas a história do ódio árabe por judeus e cristãos está presente no Alcorão (que usa esses termos para os infiéis) E é esse ódio que estimulou as guerras árabes contra os judeus que vivem em

⁶⁰ [No original]: “The Palestine Riots and Massacres of 1929 In the summer of 1929 the Arabs of Palestine initiated rioting and massacres against the Jewish population in several towns. December 30, 1947 ? 39 Jews were killed by Arab rioters at Haifa?s oil refinery January 16, 1948 ? 35 Jews were killed trying to reach Gush Etzion February 22, 1948 ? 44 Jews were murdered in a bombing on Jerusalem?s Rehov Ben-Yehuda February 29, 1948 ? 23 Jews were killed all across Palestine, eight of them at the Hayotzek iron foundry May 15, 1948 ? 127 Jews were massacred at Kfar Etzion, after 30 others had died defending the Etzion Bloc. During this timespan(November 29, 1947 to May 15, 1948), a total of 1,256 Jews had been killed, most of them civilians. These deaths were caused by Arab militias, gangs, terrorists and army units which attacked every place of Jewish inhabitation in Palestine. During this time, all Jewish villages in the Negev were attacked, and Jews had to go about the country in convoys. In every major city where Jews and Arabs lived in mixed neighborhoods the Jewish areas came under attack. This was true in Haifa?s Hadar Hacarmel as well as Jerusalem?s Old City. The above list does not include Jews killed and synagogues burned in Arab countries during the timespan in question. However, it is known that more than 100 Jews were massacred and synagogues were burned in Aleppo and Aden, driving thousands of Jews from their homes” (Tradução livre).

Israel desde o final do século XIX⁶¹”. Em caso análogo, relacionou-se às condições precárias de alguns países árabes à fé islâmica e afirmou que os muçulmanos não passavam de mendigos e ladrões:

Eles não conseguem progredir na vida porque a religião f***da deles os mantém no escuro. Sem mencionar seus líderes religiosos que estão vomitando veneno toda vez que suas bocas são abertas. Eu tenho uma solução para o conflito. TODOS OS ÁRABES devem sair de Israel. Vocês não são mais que mendigos e ladrões⁶² (GRAPHIC, 2009, [s.p.]).

Houve, também, comentários negativos contra Sacco, por exemplo, em relação ao suporte narrativo do JHQ, um dos leitores apontou o autor como um polemista visual, e que *FinG* configura única e exclusivamente o ponto de vista do autor sobre a realidade e, por fim, acrescentou: “Dito isto, o Sr. Sacco deve perceber que suas opiniões, não se traduzem em realidade, não importa o quanto ele deseje. Pode ser gráfica, mas ainda é um romance⁶³” (GRAPHIC, 2009, [s.p.]). Outros leitores acusaram, direta ou indiretamente, o autor de antissemitismo. Além de denominá-lo como mentiroso e negacionista do Holocausto, o leitor ainda o insultou de forma peculiar: “Não é hora de você provar que esse cara é um conhecido anti-semita, negacionista do Holocausto, seria auto-odiar se ele fosse um judeu, instável, filho de um guarda de campo de concentração, palestino nascido no Egito. Ele não pode ser alguém que esteja dizendo a verdade⁶⁴” (GRAPHIC, 2009, [s.p.]).

Possivelmente, “filho de um guarda de campo de concentração” deve fazer referência aos guardas nazistas da Segunda Guerra Mundial e ao Holocausto contra os judeus, já a alcunha de “palestino nascido no Egito” deve estar relacionada aos palestinos que foram expulsos da Faixa de Gaza e refugiaram no país vizinho após a Guerra dos Seis Dias, de 1967. Comparações entre manifestações artísticas nazistas antissemitas com a obra de Sacco também aventaram nos comentários do *Hareetz*. Este leitor, por exemplo, além de contrastar caricaturas nazistas a *FinG*, agradeceu a Deus pelo fato do judeu Ari Folman, produtor e diretor de *Valsa*

⁶¹ [No original]: “[...] one can write what one pleases, but the history of the Arab hatred for Jews and Christians is present in the Koran (which actually uses those terms for the infidels) And it is this hatred that spurred the Arab wars on Jews living in Israel since the late 1800s”(Tradução livre).

⁶² [No original]: “Nobody needs another book about the poor suffering palestinians. They can't get ahead in life because their f***ed up religion keeps them in the dark. Not to mention their religious leaders who are spewing venom every time their mouths are opened. I have a solution to the conflict. All ARABS get out of Israel. You are nothing but beggars and thieves” (Tradução livre).

⁶³ [No original]: “That said, Mr. Sacco should realize that his opinions, don't translate into reality no matter how hard he wishes it. It may be graphical, but its still a novel” (Tradução livre).

⁶⁴ [No original]: “Isn't it about time you proved this guy to be a well known antiSemite, holocaust denying, would be self-hating if he were a Jew, unstable, son of a concentration camp guard, Palestinian born in Egypt. He can't possibly be someone who is telling the truth can he” (Tradução livre).

com *Bashir*, indicado no texto do *Haaretz* como apreciador do trabalho de Sacco, por não ter conquistado o Oscar na categoria de melhor filme em língua estrangeira daquele ano:

A arte é uma invenção humana positiva somente enquanto não faz avançar o ódio, o fanatismo, o racismo, o preconceito, as mentiras, etc. Caricaturas antissemitas clássicas, sem dúvida, desempenharam um papel no aumento do ódio e do racismo. Os nazistas habilmente as usaram. Estamos todos em melhor situação com a arte livre de intolerância. Se Sacco pensa que sua necessidade egoísta de expressões artísticas supera o valor da verdade e da honestidade, então reflete mais sobre ele do que qualquer outra coisa. *Art iber ales ?????* Graças a Deus, Folman não ganhou o Oscar (GRAPHIC, 2009, p. [s.p.]).

Apesar dessa repercussão negativa expressa pelos comentários ao texto veiculado pelo *Haaretz* em Israel, demais leitores do periódico teceram defesas favoráveis ao novo JHQ de Sacco. Em um caso isolado, o leitor comentou que estava aborrecido com as pessoas que difamavam o trabalho de Sacco sem ainda o ter lido. Além disso, criticou a postura do historiador israelense, Meir Pail, ao comentar a inexistência dos massacres na Faixa de Gaza em 1956. Por fim, o leitor diz conhecer Gaza e enfatiza as representações de Sacco, segundo sua opinião, fidedignas com a realidade dos palestinos⁶⁵. Em outro caso, em razão da discussão em torno da parcialidade pró-palestina de Sacco, um dos leitores, aparentemente israelense, disse que desejaria escutar o lado palestino da história:

Tendo sido afogado na "história" israelense do conflito por décadas, eu mereço ouvir o lado palestino, sem a interferência constante, o constante clamor por "equilíbrio". Deixe-me dizer-lhe equilíbrio significa dar ao outro lado o mesmo tempo. Israel esteve em seu turno ao microfone por muito tempo, hora de passa-lo para o povo palestino. A voz de Israel tornou-se seca,

⁶⁵ Descrição e tradução do comentário na íntegra: “Não há nada que eu aborreça mais do que com as pessoas que abusam de um autor e de seu livro, mas que nem o leu. Suponho que não se pode esperar muito mais dos apologistas sionistas aqui. No entanto, esperei que Meir Pail, um historiador militar, levasse as coisas mais a sério. Mas aparentemente ele também não leu o livro. Se ele tivesse, ele poderia ter verificado as referências no livro de Noam Chomsky. A história em quadrinhos de Joe Sacco nos conta sobre um episódio esquecido (um de tantos) na trágica história do povo palestino. Ele fez o esforço para ir e visitar Gaza e se familiarizar com o seu povo e sua luta para sobreviver. Eu conheço bem Gaza e só posso reconhecer que ele deu um retrato realista da vida na Faixa de Gaza. Este é o segundo livro de Sacco sobre os palestinos e recebe críticas brilhantes em todos os lugares (além dos apologistas descontentes de Israel), inclusive em seu país de origem, os EUA”. No original: “There is nothing I loathe more than people who throw abuse at an author and his book, but have not even read it. I suppose that one cannot expect much more from the Zionist apologists here. I did however expect that Meir Pail, a military historian, would have taken matters more seriously. But apparently he did not read the book either. If he would have, he could have checked the references in Noam Chomsky's book. Joe Sacco's comic book tells us about a forgotten episode (one of so many) in the tragic history of the Palestinian people. He made the effort to go and visit Gaza and familiarize himself with its people and their struggle to survive. I know Gaza myself well and can only acknowledge that he gave a realistic portrayal of life in the Gaza Strip. This is Sacco's second book about the Palestinians and it gets glowing reviews everywhere (apart from Israel's disgruntled apologists), including in his home country the USA” (Tradução livre).

rouca e áspera, para não falar estridente e irritante ao ouvido⁶⁶ (GRAPHIC, 2009, [s.p.]).

Ao que parece, antes mesmo de sua divulgação nas livrarias inglesas, *FinG* já causava discussões entre os leitores dos periódicos que publicaram *reviews* sobre o novo JHQ de Sacco. Como se vê, as discussões não se pautavam no estilo gráfico ou nos métodos narrativos do quadrinista-jornalista, em sua maioria, as críticas se direcionavam ao conteúdo, ou seja, o conflito entre Israel e Palestina. A seguir, será destacado as impressões de alguns leitores que registraram suas opiniões nos fóruns e sites especializados em literatura.

2.3. DA RECEPÇÃO ENTRE OS LEITORES

Pouco mais de um mês após o início das vendas de *FinG* nas livrarias, surgiram as primeiras impressões dos leitores na internet. Em fóruns e comunidades de leitores na internet, algumas pessoas haviam relatado espanto ao deparar-se com os episódios de 1956 na Palestina. A palestina Huda Abukhoti, por exemplo, afirmou que nunca tinha ouvido falar de 1956: “Mas meus pais nunca me contaram sobre isso, não são mencionados como os longos massacres bem conhecidos na Palestina e no Líbano. Foi muito chocante e novo para mim e me fez sentir ignorante sobre a história do meu país⁶⁷” (ABUKHOTI, 2012, [s.p.]). No *Library Thing*, o leitor identificado como Ethawn (2010), após a leitura de *FinG*, relata ter descoberto algo novo sobre a História do conflito entre israelenses e palestinos: “Nunca ouvi nada negativo sobre o comportamento do exército israelense crescendo, apenas sobre os horrores perpetrados por terroristas da OLP. Então, de certa forma, este é um livro emocionante porque você sente como se estivesse descobrindo algo que foi coberto há muito tempo⁶⁸” (ETHWAN, 2010, [s.p.]).

Na comunidade *Goodreads*, o leitor Schuyelr (2010), após a leitura de *FinG*, ponderou sobre o papel do governo e da imprensa estadunidense em relação à cobertura dos

⁶⁶ [No original]: “Having been drowned in the Israeli 'story' of the conflict, for decades, I deserve to hear the Palestinian side, without the constant interference, the constant cry for 'balance'. Let me tell you- balance means giving the other side equal time. Israel has had it's turn at the microphone for far too long, time to give it to the Palestinian people. The Israeli voice has become dry, hoarse, and scratchy, not to mention shrill and irritating to the ear” (Tradução livre).

⁶⁷ [No original]: “But my parents never told me about it, neither is it mentioned a long with the well-known massacres in Palestine and Lebanon. It was very shocking to me and very new that it made me feel like an ignorant about my country's history.” (Tradução Livre).

⁶⁸ [No original]: “I never heard anything negative about the behavior of the Israeli army growing up, only about the horrors perpetrated by PLO terrorists. So in a way this is a gripping book because you feel as though you are uncovering something that has been covered up for a long time” (Tradução Livre).

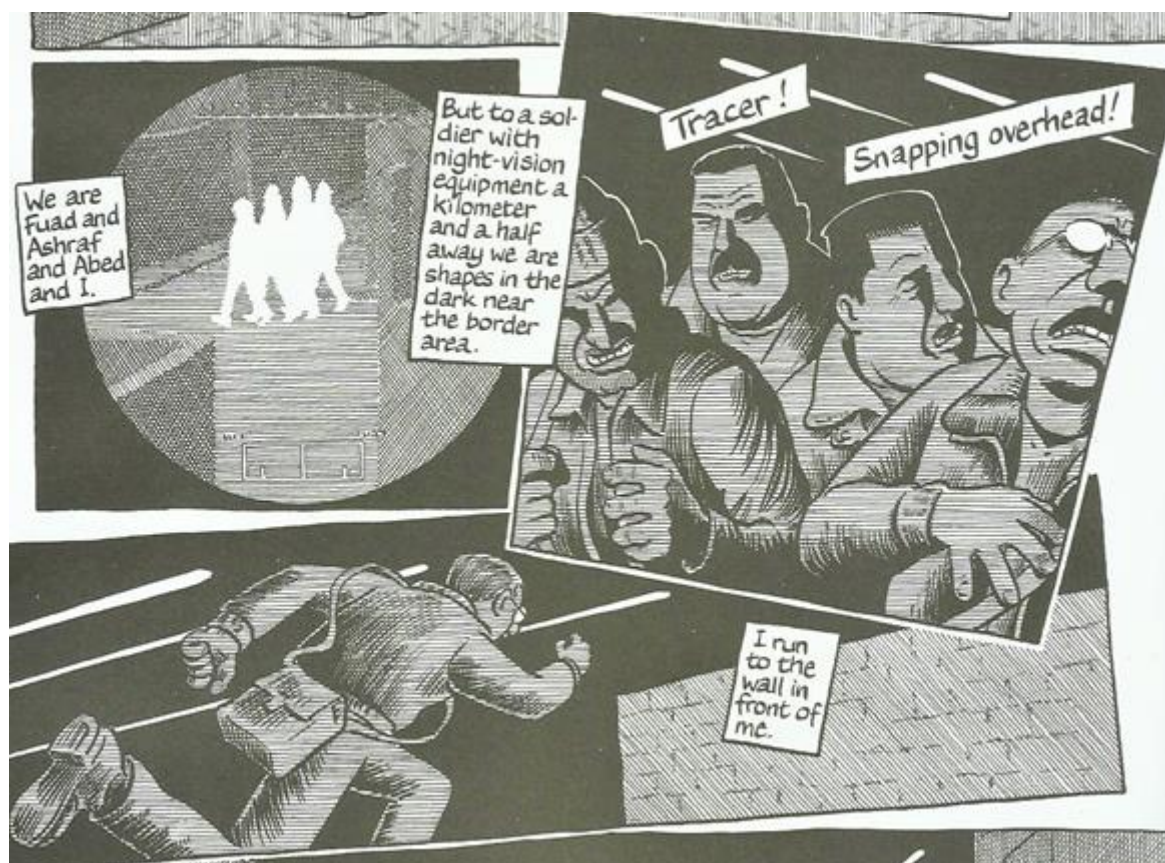
acontecimentos no Oriente Médio. Em sua opinião, tanto os políticos americanos como os jornais influenciam na imagem estereotipada sobre a qual os ocidentais pensam acerca dos árabes palestinos. Outro ponto observado por ele condiz com a desigualdade no poderio bélico entre israelenses e palestinos, verificando que os primeiros possuem expansivo arsenal, enquanto os segundos recorrem apenas aos ataques suicidas:

Então chamamos terroristas palestinos. Eles odeiam a América. Eles amavam Saddam Hussein. Eles odeiam judeus. Mas e se recuarmos por um segundo e examinarmos por que pensamos nessas coisas? Bem, a maior parte tem a ver com isso porque é isso que o governo dos EUA, o governo israelense e a mídia querem que pensemos. Mas pense nisso dessa maneira, com um pouco de empatia. Temos tanques e rifles de alta potência, visão noturna, Kevlar e helicópteros, jatos, tratores, jipes, uniformes, dinheiro e poder e nós os chamamos de um exército de soldados. Eles têm poucas armas, menos soldados, menos armas e praticamente nenhum dinheiro e nós os chamamos de terroristas. Nós os chamamos de terroristas porquê ... eles usam bombardeiros suicidas, matando quantidades incalculáveis de vítimas inocentes? Ninguém pode suportar isso. Eu não apoio o terrorismo. Qual é a diferença entre o terrorismo e o exército? A FDI [Forças de Defesa de Israel] não é culpada de atrocidades perpetradas contra palestinos inocentes? Mas todos os palestinos são terroristas, então não importa, certo? O que estou dizendo, se pensarmos um pouco diferente e pensarmos bem, qual é a alternativa? De que outra forma os palestinos se defenderiam? E neste momento, é um atoleiro, é apenas olho por olho. 5 palestinos mortos um dia, 3 israelenses mortos como retaliação. E assim por diante. Mas os americanos entendem isso, questionam isso? Nós sabemos sobre esse deslocamento, essas casas destruídas? E se você morasse em uma área onde, a qualquer momento, sua casa poderia ser demolida pelo governo? Vivendo sob toque de recolher, tiro das torres à noite? Nós entendemos esse tipo de vida? Se nos confrontássemos com a morte, todos os dias, diante do deslocamento, todos os dias, o que seríamos obrigados a fazer? Você odiaria seu opressor? Você torceria aqueles que ajudaram você? Maldito aqueles que financiaram seu inimigo? Então, como podemos julgar o que não sabemos ao certo. Como podemos julgar o que não entendemos?⁶⁹ (SCHUYLER, 2010, [s.p.]).

⁶⁹ [No original]: ““So we call Palestinians terrorists. They hate America. They loved Saddam Hussein. They hate Jews. But what if we step back for a second and examine why we think these things. Well, most of it has to do with because that is what the US government and the Israeli government and the media want us to think. But think about it this way, with a little empathy. We have tanks and high powered rifles and night vision and Kevlar and helicopters and jets and bulldozers and jeeps and uniforms and money and power and we call ourselves an army of soldiers. They have few guns and fewer soldiers and fewer weapons and virtually no money and we call them terrorists. We call them terrorists because...they use suicide bombers, killing untold amounts of innocent victims? No one can support that. I do not support terrorism. What is the difference between terrorism and the army? Isn't the IDF guilty of atrocities perpetrated against innocent Palestinians? But all Palestinians are terrorists so it doesn't matter, right? What I'm saying, if we think about it a little differently and think, well what is the alternative? How else are the Palestinians to defend themselves? And at this point, it's a quagmire, it's just eye for an eye stuff. 5 Palestinians killed one day, 3 Israelis killed as retaliation. And on and on and on. But do Americans understand any of this, question any of this? Do we know about this displacement, these bulldozed homes? What if you lived in an area where at any moment, your home could be bulldozed by the government? Living under curfew, sniped at from towers at night? Do we understand this type of life? If we were faced with death, every day, faced with displacement, every day, what would we be compelled to do? Would you hate your oppressor? Would you cheer those that helped you? Curse those that funded your enemy? So then, how can we judge what we don't know for certain. How can we judge what we do not understand?” (Tradução Livre).

Ao questionar, em seu comentário, a possibilidade de empatia por parte dos estadunidenses em relação aos problemas palestinos, Schuyler expõe os casos relacionados às demolições residenciais na Faixa de Gaza e à extrema vigilância das torres de observação israelenses, questões relacionadas ao período em que Sacco esteve coletando entrevistas para o seu trabalho entre 2002 e 2003. Possivelmente, ao reportar tal situação, o leitor esteja se referindo ao fragmento de *FinG* intitulado “*Shapes in the Dark, pt.2*” (Vultos na escuridão, parte 2). Conforme **figura 39**, Sacco ilustrou seu passeio noturno na companhia dos palestinos Fuad, Ashraf e Abed, quando caminhavam na Rua do Mar, no vilarejo de Rafah, após toque de recolher.

Figura 39: Vultos na escuridão



Fonte: SACCO, 2010, p. 366.

O autor deixa claro que sua localização era próxima à torre de observação israelense Tal Zorob, a mesma torre que há poucos dias duas mulheres e uma menina da família Jaber haviam sido atacadas por um míssil (história contada em “*Shapes in the Dark, pt.1*” [Vultos na

escuridão, parte 1]). Na mira do rifle de visão noturna de um defensor da FDI, o autor menciona que o quarteto não passava de um vulto na escuridão pelo seu observador. Isso seria o suficiente para que o soldado abrisse fogo contra os quatro. Por conta disso, os instantes de tensão experimentados por Sacco e seus companheiros foram representados na quarta vinheta da página, onde eles, com as faces distorcidas pelo medo, procuram cobertura para se refugiar da saravada de tiros direcionado a eles.

Em 2015, no mesmo fórum de discussão *Goodreads*, o leitor denominado como Karyl apontou elementos similares aos descritos por Schuyler após a leitura de *FinG*. O sentimento de empatia com os palestinos e a ideia de que os meios de comunicação nos Estados Unidos e Israel distorcem as informações do conflito na Palestina, podem ser observados em ambos os comentários. Além disso, tomando de empréstimo o conto *O Mágico de Oz*, o leitor afirma que caso tenha contato com o novo JHQ de Sacco e não sentir empatia pelos palestinos, vá até o mundo de Oz para encontrar um coração:

Eu não sou um estudioso do Oriente Médio e seus conflitos, mas quando eu era criança, eu sempre me questionava como um país poderia ser esculpido em cima de um povo de uma nação que já estava lá, e que era esperado que as pessoas de lá poderiam simplesmente capitular e permitir que os novos colonos entrassem sem nenhum problema. Quero dizer, nós americanos não aprendemos nada sobre a maneira como tratamos os nativos americanos? É verdade que os judeus/israelenses têm laços com essa área, algo que nós, imigrantes, não tínhamos quando viemos para o Novo Mundo, mas é de se esperar que as pessoas que viveram lá por gerações poderiam ficar um pouco desanimadas ao serem expulsas de lá. Joe Sacco faz um trabalho incrível em dar vida ao conflito da Faixa de Gaza. Independentemente da sua política, se você pode ler este livro e não tem um pingão de simpatia pelos palestinos, você precisa ir até Oz e encontrar um novo coração. Eu entendo que os palestinos não são inocentes e eu sei que há dois lados em cada história. Mas se você ler este livro, não apenas sobre dois massacres perpetrados contra os palestinos, mas também sobre a atual violação e demolição de terras palestinas pelos israelenses, você perceberá que talvez os relatórios da mídia que chegam aqui nos Estados Unidos possam estar um pouco distorcidos por parte dos israelenses. É triste pensar que quase todos os palestinos vivos parecem ter visto um amigo ou parente ou um ente querido abatido na frente dele ou dela. Minha vida aqui na América é tão fácil, tão despreocupada em comparação⁷⁰ (KARYL, 2015, (s.p.)).

⁷⁰ [No original]: “I am no scholar on the Middle East and its conflicts, but when I was a young child, I always wondered how a country could be carved out for a people from a nation that was already there, and that it was expected that the people already there would simply capitulate and allow the new settlers in without any issue. I mean, haven't we Americans learned anything from the way we treated the Native Americans? Granted, the Jews/Israelis do have ties to that area, something we immigrants didn't have when it came to the New World, but it's only to be expected that the people who had lived there for generations would be a bit put out to be expelled.” “Joe Sacco does an amazing job of bringing the conflict of the Gaza Strip to life. Regardless of your politics, if you can read this book and have not a shred of sympathy for the Palestinians, you need to head to Oz and find yourself a new heart. I understand that the Palestinians are not guiltless and innocent, and I know that there are two sides to every story. But if you read this book, not only about two massacres perpetrated upon the Palestinians

Em outras ocasiões, a empatia referente ao sofrimento à causa palestina foi mencionada, em sua maioria, por leitores identificados como estadunidenses. A título de exemplo, Seth T. Hahne ([s.d.]), em seu blog sobre literatura, assegura que *FinG* “[...] oferece um novo caminho para os americanos que apoiam Israel sem reservas para experimentar uma mudança de paradigma e a oportunidade de experimentar o conflito através dos olhos daqueles que possuem uma perspectiva única de qualquer coisa que possamos reunir em nossos próprios olhos⁷¹” (HAHNE, [s.d.], [s.p.]). Em caso análogo, mas cético em relação à veracidade dos testemunhos dos palestinos sobre o massacre enquanto fonte de informação confiável, Barry A. Klinger (2014), na página de comentários da *Amazon*, afirma que, caso os eventos de 1956 na Faixa de Gaza realmente aconteceram, é possível entender as motivações palestinas no conflito: “[...] se essas pessoas foram abatidas com sangue frio, isso nos ajuda a entender a tomada de decisão palestina se percebemos que é assim que eles se lembram desses (e outros) incidentes⁷²”. Lars Guthrie (2010), no fórum do *Goodreads*, questiona se realmente os estadunidenses percebem as injustiças provocada pelos israelenses contra os palestinos:

Por mais desesperada que pareça a situação entre Israel e da Palestina, tem de haver algum valor para que os americanos vejam os palestinos como pessoas que são vítimas de injustiça”. ‘Através das histórias em quadrinhos, começamos a ter alguma compreensão de onde os palestinos vem, e os vemos como pessoas reais que às vezes podem causar dolorosas polêmicas, mas que muitas vezes podem ser bem-humoradas e honestas, calorosas e generosas e que gostam de comer, falar e beber muito chá⁷³’ (GUTHRIE, 2010, [s.p.]).

Além das declarações de empatia à causa palestina, outro tema pontuado pelos leitores do JHQ ancorava-se na construção de uma imagem dotada de carisma e humanidade dos palestinos por parte do quadrinista-jornalista. Por exemplo, Jared Millet (2010), comunica

but also about the current infringement onto and demolition of Palestinian land by the Israelis, you will realize that perhaps the media reports that we get here in the States might be a little skewed on the part of the Israelis.” “It’s sad to think that nearly every Palestinian alive seems to have seen a friend or relative or loved one shot down in front of him or her. My life here in America is so easy, so carefree in comparison” (Tradução livre).

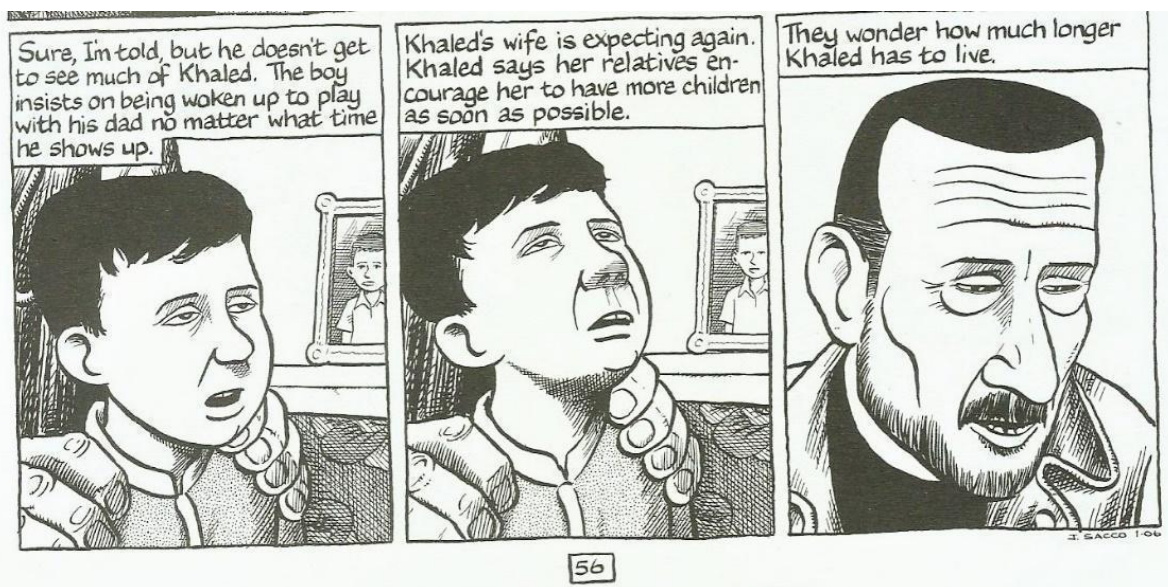
⁷¹ [No original]: “[...] offers a new avenue for Americans who support Israel unreservedly to experience a paradigm shift and the opportunity to experience the conflict from the eyes of those who hold a perspective unique from anything we could ever muster on our own” (Tradução livre).

⁷² [No original]: “[...] whether or not these people were gunned down in cold blood, it helps us to understand Palestinian decision-making if we realize that this is how they remember this (and other) incidents” (Tradução livre).

⁷³ [No original]: “As hopeless as the situation of Israel and Palestine appears, there has got to be some value in Americans seeing Palestinians as people who are victims of injustice.” “Through the comics medium, we begin to have some understanding of where Palestinians are coming from, and see them as real people who can sometimes deliver hurtful polemic, but who can often be humorous and honest, warm and generous, and who love to eat, talk, and drink lots of tea” (Tradução livre).

que Sacco deu “[...] a cada vítima um rosto - cada corpo morto, cada criança correndo por sua vida, cada viúva que assiste sua casa ser demolida, e todo pai raivoso, irmão e filho que não veem saída a não ser por meio da violência ou rendição. Sacco torna impossível se afastar, exceto pelo esforço consciente de fechar o livro e fechar os olhos⁷⁴”.

Figura 40: O sono do filho de Khaled



Fonte: SACCO, 2010, p. 56.

Em outro caso, Jeffrey (2010) diz que *FinG*, em sua opinião, é o melhor livro escrito por Sacco. Além disso, ele também cita um trecho marcante, que no seu entendimento representou o lado humano do conflito no Oriente Médio: “quando o filho de um palestino procurado está acordado às duas da madrugada porque ele quer ver seu pai sempre que puder. Em dois painéis, você vê o amor, a tristeza e o cansaço em sua expressão, colocando um rosto muito humano em um conflito que muitas vezes é mais sobre números, ideologias e dogmas⁷⁵”. Possivelmente, Jeffrey esteja se referindo ao filho do *mutarad* (procurado) Khaled que, de acordo com Sacco, os israelenses o matariam sem pestanejar (SACCO, 2010, p.11). Na **figura 40**, em visita à casa de Khaled, Abed e Sacco conversavam com o anfitrião até às 2h da

⁷⁴ [No original]: “What Sacco does is to give each victim a face - each dead body, each child running for his life, each grieving widow who watches her home demolished, and every angry father, brother and son who sees no way out except through violence or surrender. Sacco makes it impossible to turn away, except by the conscious effort of closing his book, and closing your eyes” (Tradução livre).

⁷⁵ [No original]: “[...] when the son of a wanted Palestinian is up at two AM because he wants to see his father whenever he can. In two panels you see the love and sadness and weariness in his expression, putting a very human face on a conflict that is often more about numbers, ideologies and dogma” (Tradução livre).

madrugada. O quadrinista-jornalista observa o estágio de adormecimento do menino e pergunta se ele não deveria estar na cama. Nas duas vinhetas citados por Jeffrey, em que a criança foi ilustrada com os olhos cerrados, Sacco afirma no recordatório:

Claro que sim, é a resposta, mas ele quase nunca vê Khaled. O menino faz questão de estar sempre acordado para brincar com o pai, não importa que horas sejam. A esposa de Khaled está grávida de novo. Ele conta que os parentes dela a aconselharam a ter mais filhos o mais rápido possível. Eles não sabem quanto tempo de vida Khaled ainda tem⁷⁶ (SACCO, 2010, p.56).

Outra fração dos comentários nas comunidades de leitores esteve centrada nos aspectos emocionais despertados durante a leitura de *FinG*. Um dos temas recorrentes entre aqueles que leram o trabalho de Sacco dizia respeito aos impasses citados por alguns autores para terminar a leitura. A leitora identificada como Larissa, por exemplo, alegou que o livro é uma emocional e poderosa coleção de testemunhos de sobreviventes do massacre de Khan Younis e Rafah, mas também relata os sentimentos advindos com a leitura, “[...] definitivamente tive alguns colapsos em que estava muito frustrada e triste para continuar lendo, mas no geral eu estou muito feliz por ter terminado⁷⁷” (LARISSA, 2017, [s.p.]). Em situação semelhante, Meri (2017), além de apontar a naturalidade do autor em discutir um tema considerado delicado, compara *FinG* ao trabalho do quadrinista canadense Guy Delisle, em especial à HQ *Chroniques de Jérusalem* (Crônicas de Jerusalém), o leitor relatou estar enojado, possivelmente devido às ilustrações grotescas:

Você conhece alguém que fala incessantemente sobre a situação na Síria (ou na Somália, ou no Sudão), mas com naturalidade, sem emoção ou esperança? Sim. Esse é o livro. Eu saí de lá decentemente horrorizado pela situação em Gaza (algo que a Jerusalém de Guy DeLisle fez por mim, com mais humanidade), mas igualmente enojado com o autor. Talvez fossem as ilustrações grotescas⁷⁸ (MERI, 2017, [s.p.]).

No *Library Things*, a leitora Makaiju registrou sua dificuldade em conciliar os inúmeros relatos de sobreviventes, pois, além de muitos entrevistados despontarem apenas uma

⁷⁶ [No original]: “Sure, I’m told but he doesn’t get to see much Khaled. The boy insists on being woken up to play with his dad no matter what time he shows up. Khaled’s wife is expecting again. Khaled says her relatives encourage her to have more children as soon as possible. They wonder how much longer Khaled has to live” (Tradução livre).

⁷⁷ [No original]: “I definitely had some breakdowns where I was too frustrated and sad to keep on reading, but overall I’m very glad I finished it” (Tradução livre).

⁷⁸ [No original]: “Do you know anyone who talks incessantly about the situation in Syria (or Somalia, or Sudan), but matter-of-factly, without emotion or hope? Yeah. That’s this book. I came out of it decently horrified by the situation in Gaza (something that Guy DeLisle’s Jerusalem did for me, but with more humanity), but equally disgusted with the author. Perhaps it was the grotesque illustrations” (Tradução livre).

ou duas vezes na história: “O relato de sofrimento de um homem seria muito parecido com o relato de outro homem, e logo todos os detalhes foram completamente misturados” (MAKAIJU, 2010, [s.p.]). Na sua opinião, o livro mostrou-se uma grande surpresa. Se por um lado o JHQ descortinou um amplo e desbravado contexto histórico das hostilidades entre Israel e Palestina, por outro, se mostrou uma leitura depressiva e deprimente:

O livro cobre muito terreno, pulando por toda a história e apresentando as vidas das pessoas devastadas pelo conflito, mas mantêm sua humanidade. Não há glória aqui. Tudo é carnificina e depressão. Sim. Este foi um livro deprimente. Não há nada de divertido nisso e, depois de centenas de páginas, é chato ou entediante. Quer dizer, não me entenda mal, *Footnotes in Gaza* é muito perspicaz. Mas não há leviandade para quebrar a tensão, e depois de um tempo o livro acabou por me esgotar⁷⁹ (MAKAIJU, 2010, [s.p.]).

Cooke (2009, [s.p.]), na *review* para o *The Guardian*, havia advertido os leitores que “*Footnotes* é também um livro mais escuro e menos humorístico do que *Palestine*; Sacco o chama de ‘sombrio’⁸⁰”. Em junho de 2011, Hilary Chute trouxe à tona um dos trechos de *FinG*, que segundo ela configurava-se como uma das cenas mais grotescas do JHQ. O fragmento descrito por Chute diz respeito ao relato da comemoração do *Eid al-Adha*. Também conhecido como “festa do sacrifício”, o *Eid al-Adha* celebra o fim do *Hajj*, peregrinação às cidades sagradas do Islã. Simbolicamente, ao fim da *Hajj*, os muçulmanos sacrificam um animal em alusão ao ato de Ibrahim (Abraão), que ao demonstrar sua fidelidade junto de Deus se dispôs a sacrificar seu filho Isma’il (Ismael). Deus, em vez disso, permitiu que Ibrahim sacrificasse um carneiro no lugar do filho (KHAN, WATSON, CHEN, 2015).

Na **figura 41**, observa-se a cena grotesca mencionada por Chute. Após o sacrifício para o *Eid al-Adha*, as crianças do vilarejo de Rafah se divertem com o sangue do animal que escorre pela rua. Com sorrisos estampados em suas faces, elas imprimem, com as mãos ensanguentadas, marcas nas paredes das residências. Perguntado sobre esse trecho de *FinG*, Sacco explica ter sido difícil assistir essa cena, mas a intenção de desenhar o ritual, referente à “festa do sacrifício”, tinha por objetivo expor aos leitores, especialmente os ocidentais, a continuidade dos ritos e cerimônias tradicionais da cultura e religião islâmica entre os palestinos

⁷⁹ [No original]: “The book covers a lot of ground, jumping all over history and presenting the lives of people that are ravaged by conflict but retain their humanity. There’s no glory here. Everything is carnage and depression. Yes. This was a depressing book. There’s nothing fun about it, and after hundreds of pages it gets boring, or tedious. I mean, don’t get me wrong, *Footnotes in Gaza* is very insightful. But there’s no levity to break the tension, and after a while the book just wore me out” (Tradução livre).

⁸⁰ [No original]: “*Footnotes* is also a darker, less humorous book than *Palestine*; Sacco calls it “sombre” (Tradução livre).

mesmo com as dificuldades impostas por Israel:

Foi muito difícil assistir. Quer dizer, eu estava nauseado. Queria confrontar o leitor com essas imagens, mas depois mostrar o motivo. Quero dizer, é chocante se você é um ocidental, ver crianças com sangue nas mãos, levantá-las e imprimir as paredes de sangue. Foi para mim. Meu sobrinho teria desmaiado, você sabe, se ele tivesse visto algo assim. Mas eu quero mostrar isso, e também expor que há uma tradição por trás disso. Várias famílias compraram este touro juntas, estão trabalhando nisso juntas. Todos eles têm que participar do abate do animal. Quer eles saibam ou não, eles estão participando. Em seguida, eles dividem a carne e dão um terço dela aos pobres. O que começa como um evento difícil de assistir acaba fazendo parte de uma tradição. Eu estava mostrando como as pessoas ainda estão agarradas às coisas, apesar do que está acontecendo. É importante para eles manter essa tradição e fazer isso da maneira certa⁸¹ (SACCO, 2011, [s.p.]).

Figura 41: Crianças se divertem durante o *Eid al-Adha*



Fonte: SACCO, 2010, p. 139.

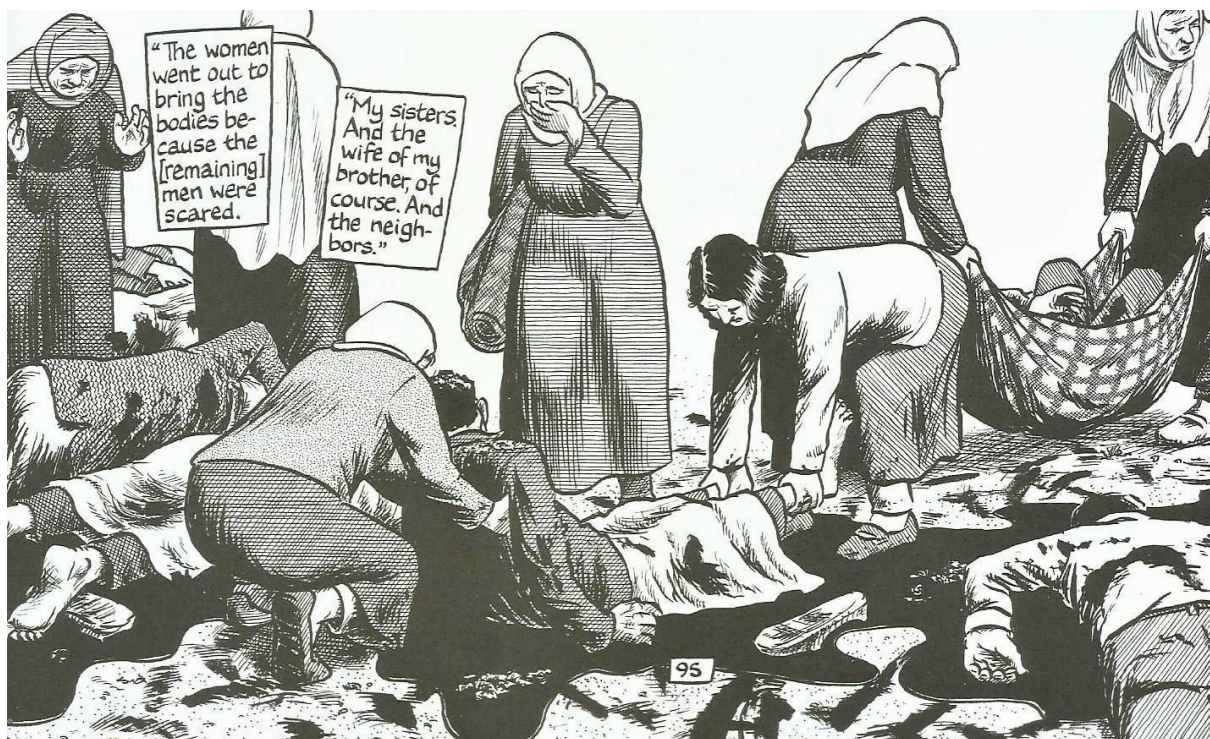
Apesar dessa explicação, outro possível motivo relacionado à ilustração de crianças com as mãos ensanguentadas durante o *Eid al-Adha* está relacionado com o aumento de prisões e assassinatos de crianças palestinas concomitante com a produção do desenho em fevereiro de

⁸¹ [No original]: “It was very difficult to watch. I mean, I was queasy. I wanted to confront the reader with those images, but then show the reason for it. I mean, it’s shocking if you’re a Westerner, seeing kids with blood on their hands, and putting them up and making blood prints on the wall. It was for me. My nephew would have keeled over and fainted, you know, if he’d seen something like that. But I want to show it, and also that there’s a tradition behind it. A number of families have bought this bull together, they’re working on it together. They all have to share in the butchering of the animal. Whether they know how to do that or not, they’re still all participating. Then they divide the meat and give a third of the meat to the poor. What starts as sort of a hard event to watch ends up being part of a tradition. I was showing how people are still hanging on to things despite what’s going on. It matters to them to keep that tradition going, and to do it in the right way” (Tradução livre).

2007. No final de 2006, de acordo com o relatório da *United Nations Children's Found* (UNICEF), contabilizou-se a morte de 123 crianças palestinas e a prisão de mais 320 pelas FDI, o dobro referente a 2005 (UNICEF, 2006).

No entanto, essas não foram as únicas imagens grotescas de *FinG*. Os relatos referentes aos massacres nas aldeias de Khan Younis e Rafah estão impregnados de lembranças da carnificina perpetrada pelo exército israelense. Junto aos testemunhos de sobreviventes, a descrição do primeiro contato das mulheres com os corpos de seus filhos e maridos abatidos pelos defensores israelenses foram representados repletos de sangue e comoção, por exemplo, na **figura 42**, quando as mulheres e crianças são liberadas para retirar o corpo dos homens após o massacre de Khan Younis. Em uma imagem carregada de tons claros e escuros, evidenciando de preto o sangue dos palestinos mortos no fuzilamento, os sobreviventes se deparam com os corpos espalhados pelo chão e vagam entre eles à procura de algum conhecido. Caso encontrassem, rapidamente o retiravam com um cobertor e o enterravam em covas coletivas. Talvez, por conta disso, alguns leitores de *FinG* sentiram-se desconfortáveis com a repetição dessas cenas.

Figura 42: O enterro de palestinos após o massacre em Rafah



Fonte: SACCO, 2010, p. 95.

Quando Paulo Ramos (2012) analisou duas charges polêmicas no Brasil em 2011,

no caso, o desenho de João Montanaro sobre o cataclisma em Fukujima e a charge de um macaco fazendo o gesto de “banana”, ilustrado pelo artista Solda durante a visita de Barack Obama ao Brasil, observando o impacto das imagens na sociedade, o autor ressaltou que um dos possíveis motivos de mal-estar causado por esses desenhos consistia na expectativa criada pelos leitores em encontrar nas HQ’s, charges e caricaturas um texto de humor, não levando em consideração que nem sempre esses suportes oferecem uma saída cômica para suas narrativas. Sendo assim, para aqueles que esperavam uma leitura jocosa em *FinG*, tal como encontraram em *Palestine*, se depararam com um relato sombrio e grotesco.

3 NAS ENTRE VINHETAS: O PLANO DE DESENGAJAMENTO E A RETIRADA UNILATERAL DE ISRAEL DA FAIXA DE GAZA (2005)

Enquanto Sacco coletava entrevistas com as testemunhas oculares e os sobreviventes dos massacres de Khan Younis e Rafah no intercurso de 2002 e 2003, a Palestina vivenciava a escalada de violência ocasionada pelos desdobramentos da Segunda Intifada. Por conta disso, entre um relato e outro daqueles homens e mulheres que, no distante ano de 1956, experimentaram o morticínio perpetrado pelo exército israelense, o quadrinista-jornalista deparava-se com histórias de outros homens e mulheres que, naqueles dias, perdiam suas casas para os tratores judeus que vasculhavam as ruas dos bairros gazeanos em busca de túneis que transportavam armas, alimentos e medicamentos pela fronteira com o Egito. Dessa forma, podemos dizer que a narrativa construída por Sacco em *FinG* transita explicitamente entre duas temporalidades distintas, a hecatombe gazeana da década de 1950 e a destruição da infraestrutura palestina no início dos anos 2000:

Enquanto inicialmente o autor se representa em Notas como alguém cujo interesse na região refere-se apenas aos massacres de 1956, o fato de também serem narradas agruras e episódios outros vividos pelo autor à época da feitura da obra nos direciona para outro entendimento: o atravessamento do Real imposto à investigação realizada por Joe Sacco o impele a mostrar tais acontecimentos, a retratá-los, conduzindo-nos por este aprofundamento do cotidiano palestino atual (PAES, 2014, p. 149-150).

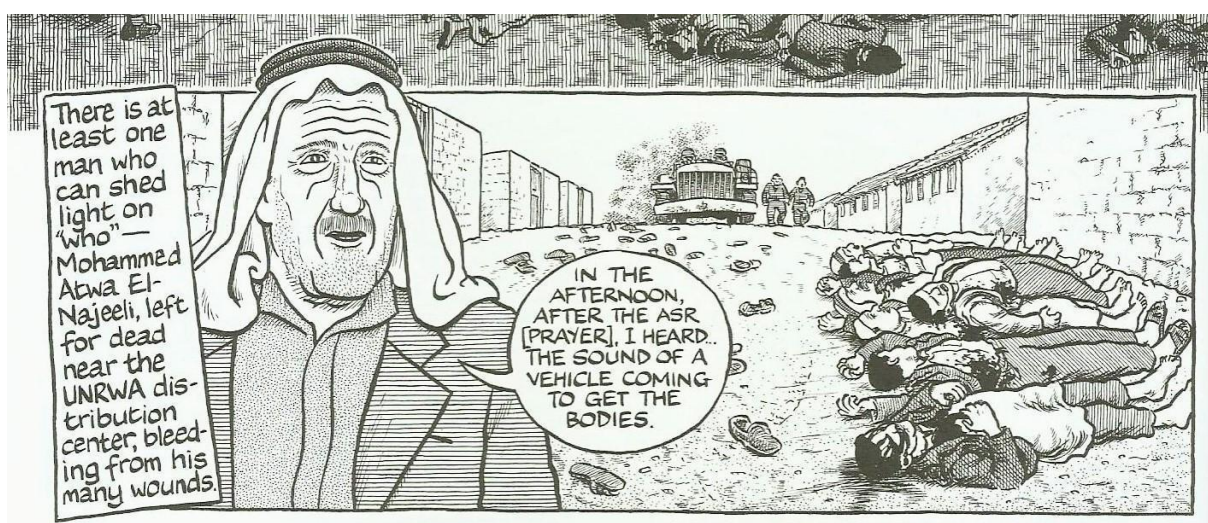
Ao observarmos a **figura 43**, por exemplo, é possível destacar os elementos que constituem a narrativa memorial que, conseqüentemente, denota o passado na narrativa construída por Sacco, ou seja, os massacres nas aldeias palestinas em 1956. Na prancha em questão, Sacco comenta em seu recordatório que há pelo menos um homem que pode esclarecer quem foram os responsáveis pela retirada dos vários mortos das ruas do vilarejo de Rafah após o fuzilamento coletivo. Ao lado do recordatório, o quadrinista-jornalista ilustrou o sobrevivente Atwa El-Najedi rememorando o dia em que, após o ataque israelense, foi deixado na rua, em estado crítico de saúde. No primeiro plano da vinheta, El-Najedi explica, por meio do balão de fala, que no entardecer, depois da *salat*⁸² denominada *asr*⁸³, escutou a chegada do veículo

⁸² A *Salat* corresponde às preces muçulmanas, realizadas cinco vezes ao dia. Ela faz parte dos cinco pilares do Islam, sendo eles: a (1) *Shahada* (conversão), a (2) *Salat*, a (3) *Zakat* (doação de esmolas), (4) Jejuar durante o Ramadan e, por último, a (5) Hajj (peregrinação à Meca) (HOURANI, 2016, [s.p.]).

⁸³ *Asr*, também conhecida como Alá-sari, faz parte das cinco preces realizadas pelos muçulmanos ao longo do dia, no caso, a *Fajr*, realizada no alvorecer, a *Dhur*, ritualizada ao meio-dia, *Asr*, entre o meio-dia e o pôr-do-sol, *Maghrib*, realizada após o pôr-do-sol e, por último, *Isha*, celebrada durante a noite.

incumbido de recolher os corpos dos inúmeros homens que foram alvejados pelas balas israelenses. Ao lado do palestino é possível observar um caminhão que se aproxima da pilha de cadáveres enfileirados. Adjacente a eles, há vários calçados espalhados pela rua, possivelmente, demonstrando a tentativa das vítimas de fugirem do ataque israelense. Dessa forma, mediante a ilustração dos sobreviventes e das testemunhas que apresentam suas versões da história, representadas pelos balões de fala, e dos recordatórios de Sacco, complementando a narrativa de seus entrevistados, os acontecimentos do passado são explicitados em *FinG*.

Figura 43: Narrativas do passado, 1956

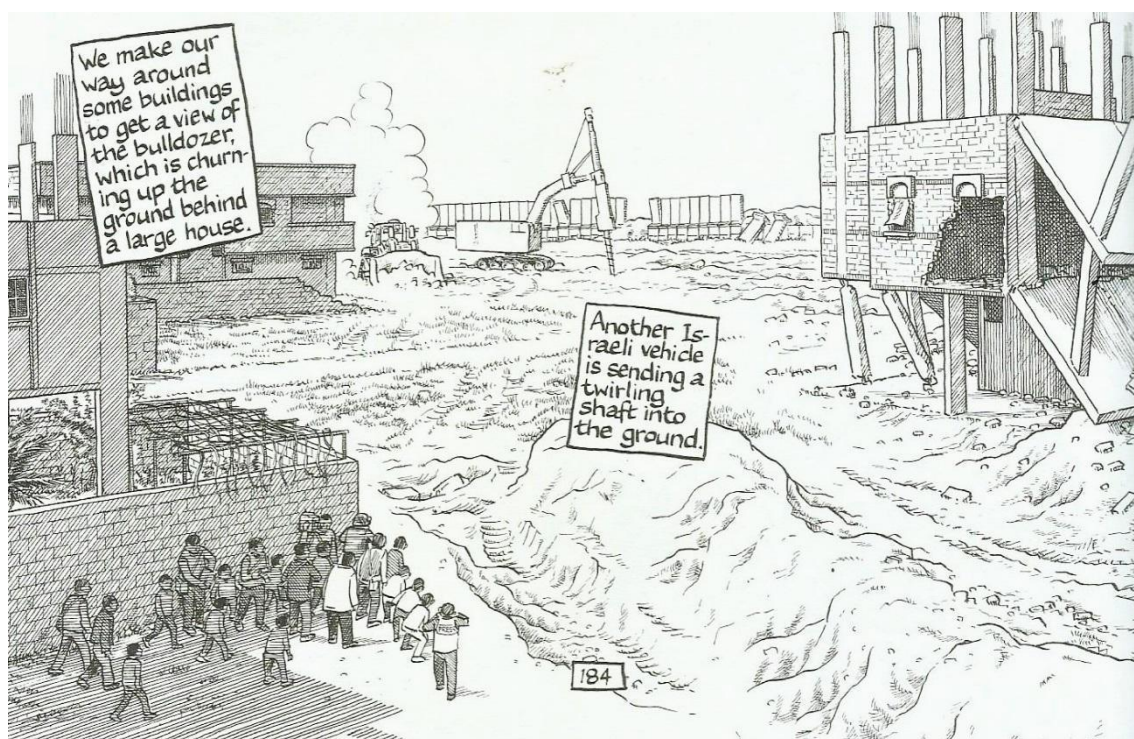


Fonte: SACCO, 2010, p. 334.

Em seguida, verifica-se na **figura 44** os acontecimentos relacionados ao período de feitura (PAES, 2014, p. 150), ou seja, os eventos referentes à segunda viagem de Sacco aos territórios ocupados entre 2002 e 2003. Nesta ocasião, enquanto as máquinas pesadas israelenses circulavam entre as residências palestinas, Sacco acompanha uma pequena multidão de palestinos que, escondida atrás de um muro, observa as casas de um bairro sendo destruídas. Mais ao fundo, atrás do maquinário pesado que perfura a terra e do trator que levanta poeira, Sacco desenhou algumas placas de concreto, enfileiradas uma do lado da outra, simbolizando a barreira física construída por Israel para delimitar o espaço entre Gaza, o Egito e o Estado judeu. Nos recordatórios, o quadrinista-jornalista esclarece que: “Contornamos algumas construções para ter uma boa visão do trator, que está escavando o terreno atrás de um casarão.

Há também uma outra máquina israelense esburacando o chão com uma haste giratória⁸⁴ (SACCO, 2010, p. 184). Sendo assim, os recordatórios, acompanhados de ilustrações que representem uma cena da destruição das casas de palestinos ou telas em que Sacco se autorrepresenta, constituem os relatos de sua viagem, destacando os eventos que ele presenciou enquanto esteve na Faixa de Gaza.

Figura 44: Narrativas do presente, 2003



Fonte: SACCO, 2010, p. 184.

Conquanto, nas páginas que se seguem, observará, por meio da análise do período de produção de *FinG* (2005-2009), ou seja, relacionado ao tempo que Sacco dispensou para roteirizar e ilustrar seu JHQ, que, possivelmente, entre as vinhetas de uma página e outra espiam-se também resquícios de acontecimentos aquém daqueles explicitados na narrativa de Sacco – massacres de 1956 e destruição das residências em 2003. Dessa forma, ao invés de duas temporalidades, por meio da análise detalhada, será evidenciada uma terceira que se diferencia das demais por sua apresentação velada pelo quadrinista-jornalista. Interposto a essas narrativas, neste capítulo será abordado o Plano de Desengajamento de Israel em 2005 e, no

⁸⁴ [No original]: “We make our way around some buildings to get a view of the bulldozer, which is churning up the ground behind a large house. Another Israeli vehicle is sending a twirling shaft into the ground” (Tradução livre).

próximo, as eleições parlamentares na Palestina, realizadas em janeiro de 2006.

3.1. O PLANO DE DESENGAJAMENTO E O APOIO ESTADUNIDENSE À CAUSA ISRAELENSE

O Plano de Desengajamento foi elaborado pelo Primeiro Ministro Ariel Sharon e consistia na retirada de toda a presença permanente de israelenses da Faixa de Gaza. Para muitos israelenses e palestinos o plano simbolizava um evento histórico visto que, pela primeira vez na recente história do conflito, os israelenses diziam-se dispostos a abrir mão de uma de suas regiões conquistadas durante a Guerra dos Seis Dias, em junho de 1967. Apesar de executado em agosto de 2005, o projeto havia sido colocado em prática alguns anos antes. De acordo com o portal na internet do Ministério das Relações Exteriores de Israel, o projeto havia sido apresentado por Sharon em 18 de dezembro de 2003 aos seus pares, durante a Quarta Conferência de Herzilya e, em seguida, aprovado pelo Knesset⁸⁵. Dentre outras coisas, o plano visava a evacuação de todos os colonos judeus e de todo aparato bélico israelense da Faixa de Gaza, com exceção da área fronteiriça entre Gaza-Egito, região essa nominada “Corredor Philadelphi” (ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2005, [s.p.]).

Além dos assentamentos israelenses situados na Faixa de Gaza, o projeto também objetivava a retirada de colonos da Cisjordânia, especialmente os assentamentos envoltos na região de Jenin (AROSON, 2005, p. 29). Ao que parece, nas contas do Ministério das Relações Exteriores de Israel, após a execução do projeto, o governo israelense estipulava que, a curto prazo, mediante à devolução de Gaza, os palestinos trabalhariam em prol da segurança de Israel e, conseqüentemente, diminuiriam suas práticas terroristas. A respeito das expectativas israelenses em relação aos benefícios que poderiam ser conquistados pelo Plano de Desengajamento, Gilad Hirschberger (2006, p. 761) salientou que o fim da ocupação simbolizava para muitos israelenses uma nova era de paz e prosperidade.

No entanto, além da evacuação de Gaza, o Estado judeu reivindicava para seus cuidados, afirmando que se tratava de um direito fundamental de autodefesa, o controle sobre o espaço aéreo e a costa marítima da região (ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2005, [s.p.]). Por conta disso, tal medida passou a receber críticas de membros da comunidade internacional, pois, ao mesmo tempo que o governo israelense retirava os colonos e, conseqüentemente, a responsabilidade social e econômica sob a Faixa de Gaza, o exército de

⁸⁵ Em hebraico, a assembleia ou a reunião. Politicamente, o Kenesset representa a assembleia legislativa unicameral de Israel.

Israel manteria o controle militar sobre os habitantes árabes locais. Para Oren Yiftachel (2005), professor israelense de geografia política e jurídica, o plano de Sharon, muito além da manutenção da segurança de seus cidadãos e o fim do terrorismo palestino, visava colocar em prática uma nova manobra política que permitisse controlar as atividades econômicas e sociais dos palestinos em Gaza:

O Plano de Desengajamento foi o último de uma série de manobras israelenses que se combinaram para criar uma nova fase da política espacial, melhor conceituada como "consolidação opressiva". Os contornos desta nova fase são complexos, marcados por um misto de pequenas concessões territoriais e a introdução unilateral de novas formas de opressão. Segue-se décadas de expansionismo demográfico e espacial sionista inabalável, caracterizado pela imigração exclusivamente judaica para Israel/Palestina, a construção de cerca de 200 assentamentos judeus nos Territórios Ocupados e nas regiões palestinas dentro de Israel, confisco massivo de terras e tentativas intransigentes de judaizar todo o espaço Israel/Palestina. A transição para a nova fase ocorreu gradualmente, como resultado de duas Intifadas violentas, o fracasso das negociações de paz e a pressão crescente contra o colonialismo ilegal de Israel em um ambiente internacional cada vez mais antagônico⁸⁶ (YIFTACHEL, 2005, p.125).

Cinco anos depois da execução do Plano de Desengajamento, Joel Peters (2010), especialista em segurança global, contrastou as expectativas e os resultados obtidos pelo projeto de Sharon. De acordo com Peters (2010, p.33), alguns meses após o recuo israelense, o otimismo de uma possível negociação de paz duradoura cedeu espaço ao desespero palestino e ao arrependimento judeu. Enquanto a situação socioeconômica na Palestina declinava acentuadamente, os habitantes do setor sul de Israel observaram o crescente número de mísseis caseiros *Qassam* "rasgarem" o céu do país. Conforme estudo realizado por Lian Zucker e Edward H. Kaplan (2014, p.259), em 2005 haviam sido lançados cerca de duzentos foguetes pelos árabes palestinos. Em 2006, após o Plano de Desengajamento, o número subiu para mais de 1 mil foguetes, chegando a casa dos 2 mil no ano de 2008. Ao que tudo indica, no que tange às expectativas iniciais dos palestinos em relação ao Plano de Desengajamento, o projeto não havia acontecido como previsto. Poucos anos depois, a Palestina via-se em uma das maiores

⁸⁶ [No original]: "The disengagement was the last in a series of Israeli manoeuvres which have combined to create a new phase of spatial politics, best conceptualized as "oppressive consolidation." The contours of this new phase are complex, marked by a mixture of small territorial concessions and the unilateral introduction of new forms of oppression. It follows decades of unabated Zionist demographic and spatial expansionism, characterized by Jewish-only immigration to Israel/Palestine, the construction of some 200 Jewish settlements in the Occupied Territories and in Palestinian regions within Israel, massive land confiscation, and uncompromising attempts to Judaize the entire Israel/Palestine space. Transition to the new phase occurred gradually, as a result of two violent intifadas, the failure of peace talks, and growing pressure against Israel's illegal colonialism in an increasingly antagonistic international environment" (Tradução livre).

crises humanitárias de sua história, enquanto Israel observava o aumento compulsório da atividade terrorista contra seus habitantes.

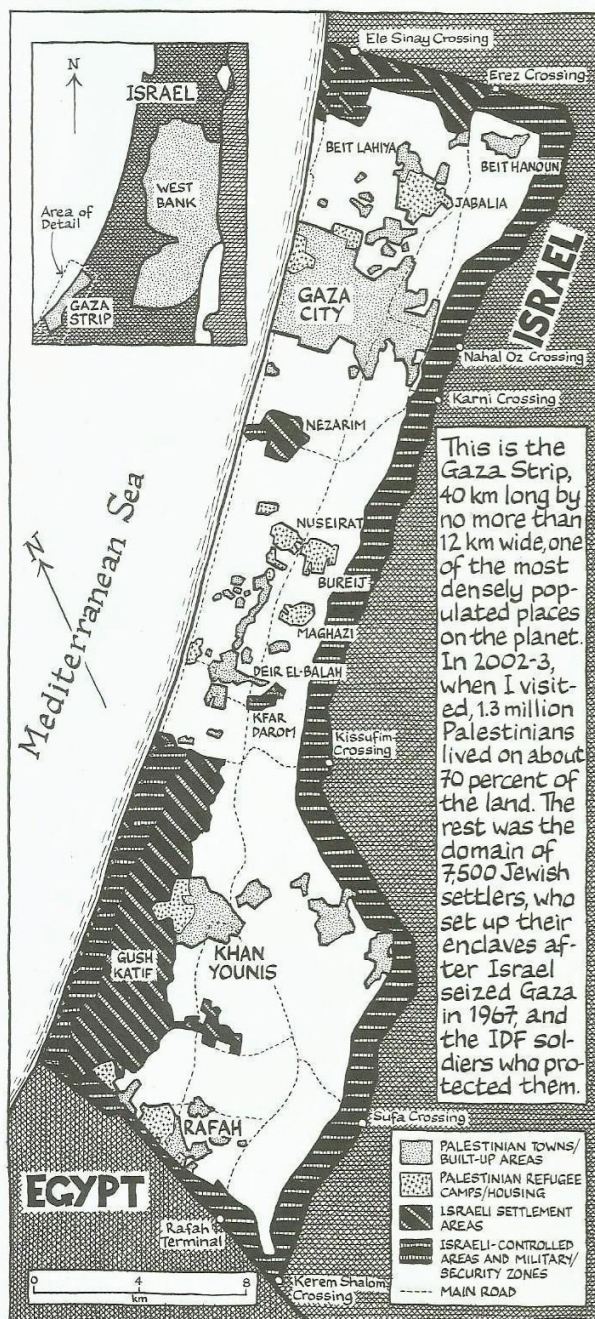
Peters (2010) apontou os fracassos encontrados pelo Plano de Desengajamento após uma análise minuciosa dos eventos. Quando Peters apresentou este quadro, já havia ocorrido as eleições parlamentares de 2006, o Hamas já estava no poder na Faixa de Gaza, acentuando a guerra civil entre Fatah e Hamas, e Israel já intensificava os ataques contra o movimento islâmico. Por sua vez, em 2005, ao longo do processo de implementação do projeto de Sharon, ao que parece, Sacco pode ter observado e descrito as consequências negativas do Plano de Desengajamento e, conseqüentemente, relacionando-os às circunstâncias que possibilitam compreender as causas do insucesso decorrente da retirada unilateral israelense de Gaza. Tal afirmação se torna tangível tendo em vista que, enquanto esboçava os primeiros fragmentos de *FinG*, os periódicos estadunidenses, além de veicularem a visita de Sharon para o anúncio do plano à comunidade judaica estadunidense, em Israel, o exército iniciava os preparativos para a retirada de 9 mil colonos judeus de suas residências na Faixa de Gaza.

Na narrativa de *FinG*, o trecho em questão, produzido entre maio e agosto de 2005, Sacco dispensou menos atenção aos massacres de 1956 em Rafah e Khan Younis e à demolição de casas na fronteira com o Egito em 2003, do que em relação ao restante de seu JHQ. Esse fato desperta curiosidade, pois, diferente dos demais capítulos do JHQ, que centralizaram o foco da história nos testemunhos de sobreviventes e de seus familiares, a Faixa de Gaza se torna protagonista provisória da narrativa, sendo historicizada e até problematizada pelo autor. A título de exemplo, a página de abertura do capítulo “*Gaza Strip*” (“Faixa de Gaza”), pode servir de indício dessa terceira camada temporal representada em *FinG*.

Na página (**figura 45**) as três vinhetas à direita representam três problemas socioeconômicos enfrentados pela população palestina. Na primeira vinheta, averigua-se dois homens sentados que observam algumas crianças e, ao fundo, algumas mulheres que transitam de um lado para o outro. No recordatório Sacco salienta que, entre os palestinos, o desemprego alcançou 50% da população e que a maioria dos residentes vivem com menos de dois dólares por dia. Na vinheta seguinte, o quadrinista-jornalista ilustra o telhado de várias casas verticais abarrotadas de pedras e pneus que sustentam as telhas para não voarem com o vento. No recordatório ele descreve que dois terços da população vivia em campos de refugiados administrados pelas Nações Unidas desde 1948. Por fim, na última vinheta, uma fila de árabes palestinos é barrada por uma dupla de soldados israelenses que os revistam, possivelmente, simbolizando os vários pontos de controle construídos por Israel nos campos de refugiados.

Figura 45: Mapa da Faixa de Gaza por Joe Sacco

THE GAZA STRIP

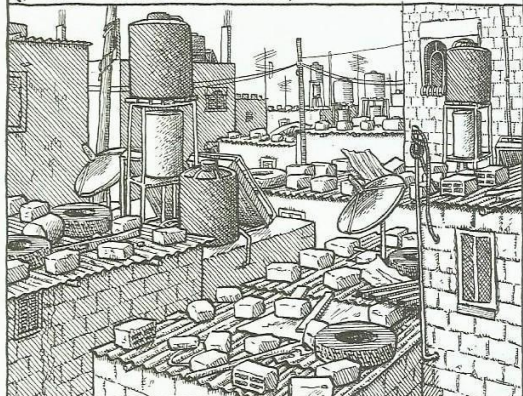


This is the Gaza Strip, 40 km long by no more than 12 km wide, one of the most densely populated places on the planet. In 2002-3, when I visited, 1.3 million Palestinians lived on about 70 percent of the land. The rest was the domain of 7,500 Jewish settlers, who set up their enclaves after Israel seized Gaza in 1967, and the IDF soldiers who protected them.

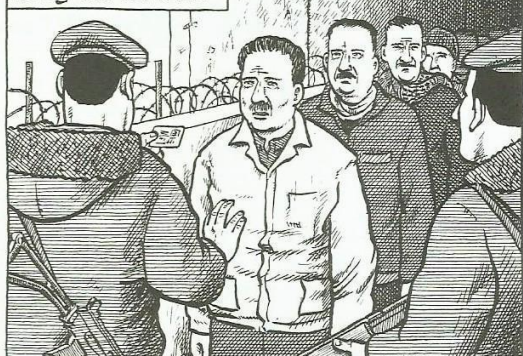
Among the Palestinians here, unemployment was at 50 percent. The number of people below the poverty level – living on less than \$2 per day – was at 70 percent.



About two-thirds were registered refugees, the jetsam of the '48 war. Most of these lived in the eight major camps administered by the United Nations Relief and Works Agency – UNRWA (pronounced as one word).



All access to and from Gaza, for Palestinians and foreigners, was controlled and heavily restricted by the Israelis.



Na vinheta à esquerda, o quadrinista-jornalista desenha o mapa da Faixa de Gaza, delimitando as áreas construídas pelos palestinos (regiões mais claras do mapa), os campos de refugiados (setores pontilhados), os assentamentos israelenses (regiões escuras com tracejado diagonal) e os pontos de verificação controlados pelo exército de Israel (regiões escuras tracejadas na horizontal). Inserido na vinheta, o recordatório expressa alguns dados demográficos da região:

Esta é a Faixa de Gaza, com seus 40km de comprimento e não mais que 12km de largura, um dos lugares mais densamente povoados do planeta. Entre 2002 e 2003, quando passei por lá, 1 milhão e 300 mil palestinos ocupavam cerca de 70% de seu território. O restante estava sob domínio de 7.500 colonos judeus, que estabeleceram seus enclaves depois que Israel invadiu Gaza, em 1967, e dos soldados das FDI que os protegem⁸⁷ (SACCO, 2010, p.18).

Ao primeiro olhar, este trecho de *FinG* pode ser considerado um recurso narrativo do autor para posicionar espacialmente seu leitor, dado que, durante o desenrolar dos testemunhos que compõem o JHQ, o debate remeterá ao território sul da Faixa de Gaza, região onde fica localizada Khan Younis e Rafah. Porém, em relação à continuidade da narrativa, a apresentação do quadro social do território palestino parece destoar dos capítulos predecessores, pois “*Gaza Strip*” é o quarto capítulo do livro-reportagem e, antes dele, Sacco havia discorrido sobre o papel dos meios de comunicação na cobertura do conflito israelo-palestino (*Glimmer of Hope*), o seu conceito de nota de rodapé (*Footnotes*) e, em seguida, Abed (*Abed*), o amigo que o conduziria às testemunhas oculares do massacre de 1956.

Ao apresentar a Faixa de Gaza e seus problemas atuais, “*Gaza Strip*” pode ser considerado o primeiro capítulo a transitar entre os eventos do presente, ou seja, acerca das demolições residenciais em 2002/2003, e do passado, no caso, os massacres às aldeias em 1956. Em uma das vinhetas, por exemplo, o quadrinista-jornalista oferece aos leitores dados estatísticos relacionados à composição social e econômica nos campos de refugiados: “Cerca de dois terços eram refugiados registrados, os refugiados da guerra de 1948. A maior parte deles vivia nos oito grandes campos administrados pela Agência de Socorro e Trabalho da ONU – UNRWA (United Nations Relief and Works Agency)⁸⁸ (SACCO, 2010, p.18). Dessa forma, o autor poderia relacionar os problemas ocorridos durante sua visita aos territórios ocupados com

⁸⁷ [No original]: “This is the Gaza Strip, 40km long by no more than 12km wide, one of the most densely populated places on the planet. In 2002-3 when I visited, 1.3 million Palestinians lived about 70 percent of the land. The rest was the domain of 7.500 Jewish settlers, who set up their enclaves after Israel seized Gaza in 1967, and the IDF soldiers who procted them” (Tradução livre).

⁸⁸ [No original]: “About two-thirds were registered refugees, the jetsam of the ’48 war. Most of these lived in the eight major camps administred by the United Nations Relief and Works Agency – UNRWA)” (Tradução livre).

o evento histórico de 1948, enfatizando assim a ideia de continuidade e permanência nas condições de vida dos árabes palestinos.

Portanto, a questão é: por que apresentar o mapa da Faixa de Gaza e as precárias condições socioeconômicas dos palestinos no intercurso da narrativa que tem por objetivo debater os massacres de 1956 em Khan Younis e Rafah? Possivelmente, alguns acontecimentos nos EUA podem oferecer subsídios para responder a essa questão. Ao escrutinar os periódicos estadunidenses, observa-se que no final de maio de 2005, na esteira da execução do Plano de Desengajamento, o então Primeiro Ministro de Israel, Ariel Sharon, viajou aos Estados Unidos em busca de conquistar o apoio dos judeus estadunidenses de Nova Iorque, uma das maiores colônias judaicas fora de Israel. Em 23 de maio de 2005, Jeniffer Medina, repórter do *The New York Times*, registrou a audição cedida pelo premier no Baruch College, em Nova Iorque:

Quando o primeiro-ministro Ariel Sharon de Israel se dirigiu a uma audiência de mais de 1.000 líderes judeus ontem em Manhattan, a multidão gritou em aplausos enquanto ele falava dos fortes laços entre os Estados Unidos e Israel. Mas assim que o evento começou a atingir o pico, quando Sharon falou de seu plano de retirar os colonos judeus da Faixa de Gaza, um punhado de intrusos se levantou e o provocou⁸⁹ (MEDINA, 2005, [s.p.]).

Na mesma ocasião, apesar de o organizador do evento, James S. Tisch, afirmar que a comunidade judaica estadunidense apoiava incondicionalmente a retirada dos colonos israelenses dos assentamentos na Faixa de Gaza, reconhecendo que a evacuação poderia ser um passo importante para a paz entre os dois povos e fomentar garantias de segurança para Israel, Medina (2005, [s.p.]), enfatizou em sua reportagem que fora do Baruch College outra multidão de judeus se opunha ao plano de Sharon:

A multidão formou um mar de laranja, os colonos escolheram a cor para simbolizar sua oposição à retirada. A maioria dos manifestantes no comício de oposição se autodenominava sionista religioso e costumava estar entre os defensores mais fervorosos de Sharon. "Ele vendeu seus princípios e nos deu as costas", disse Norman Bertram, que disse que sua família planejava se mudar de Flatbush, Brooklyn, para Israel nos próximos dois anos. "O que essas pessoas devem fazer com as vidas que criaram? Sharon foi o pioneiro em seus esforços e agora ele os deixa⁹⁰" (MEDINA, 2005, [s.p.])

⁸⁹ [No original]: "When Prime Minister Ariel Sharon of Israel addressed an audience of more than 1,000 Jewish leaders yesterday in Manhattan, the crowd roared with applause as he spoke of the strong ties between America and Israel. But just as the crescendo began to peak, when Mr. Sharon spoke of his plan to withdraw Jewish settlers from the Gaza Strip, a handful of hecklers stood up and taunted him" (Tradução livre).

⁹⁰ [No original]: "The crowd formed a sea of orange, the color settlers have chosen to symbolize their opposition to the pullout. Most of the protesters at the opposition rally called themselves religious Zionists and had often been among Mr. Sharon's most ardent supporters. "He has sold out on his principles and turned his back on us," said Norman Bertram, who said his family planned to move to Israel from Flatbush, Brooklyn, within the next two

Apesar de Sharon viajar para os Estados Unidos em busca de apoio dos judeus norte-americanos, o resultado esperado pelo governante israelense parece não ter sido alcançado. De herói nacional, Sharon passou a ser visto pelos judeus americanos como traidor ao permitir que as Forças de Defesa de Israel, composta por soldados judeus, retirassem os colonos israelenses, também judeus, de seus assentamentos. Como bem pontuou Lilly Weissbrod (2008), Sharon, considerado por muitos o patrono declarado dos assentamentos de 1967, havia surpreendido os judeus ao anunciar o Plano de Desengajamento:

Em agosto de 2005, o governo israelense decidiu retirar suas forças unilateralmente da Faixa de Gaza, para demolir o bloco de assentamentos, chamado Gush Katif, e evacuar seus residentes, bem como os de quatro assentamentos periféricos em Samaria. A decisão foi tomada pelo primeiro-ministro israelense Ariel Sharon, o patrono declarado dos assentamentos israelenses nas áreas ocupadas por Israel em 1967. Assim, o desligamento veio como uma surpresa e choque para os evacuados e para todos os outros colonos e seus apoiadores contradisse as estratégias e ideologias anteriores dos governos israelenses e dos colonos para manter os territórios ocupados (embora evitando anexá-los) e resolvê-los⁹¹ (WEISSBROD, 2008, p.1).

Conforme salienta Weissbrod (2008), Sharon causou choque e comoção entre os outros judeus e os apoiadores de Israel ao anunciar a retirada dos territórios gazaenos, pois, entre os territórios previstos que seriam entregues aos palestinos no Plano de Desengajamento e que, conseqüentemente havia surpreendido os israelenses e judeus americanos, era Gush Katif. Sobre esse assentamento, Azi Lev-On (2010, p.1208) enfatiza que a colônia fazia parte dos mais de 21 assentamentos israelenses edificadas na Faixa de Gaza após 1967. Quando ocorreu o Plano de Desengajamento, o bloco de assentamentos de Gush Katif contava com cerca de 8500 residentes e mais de 700 famílias.

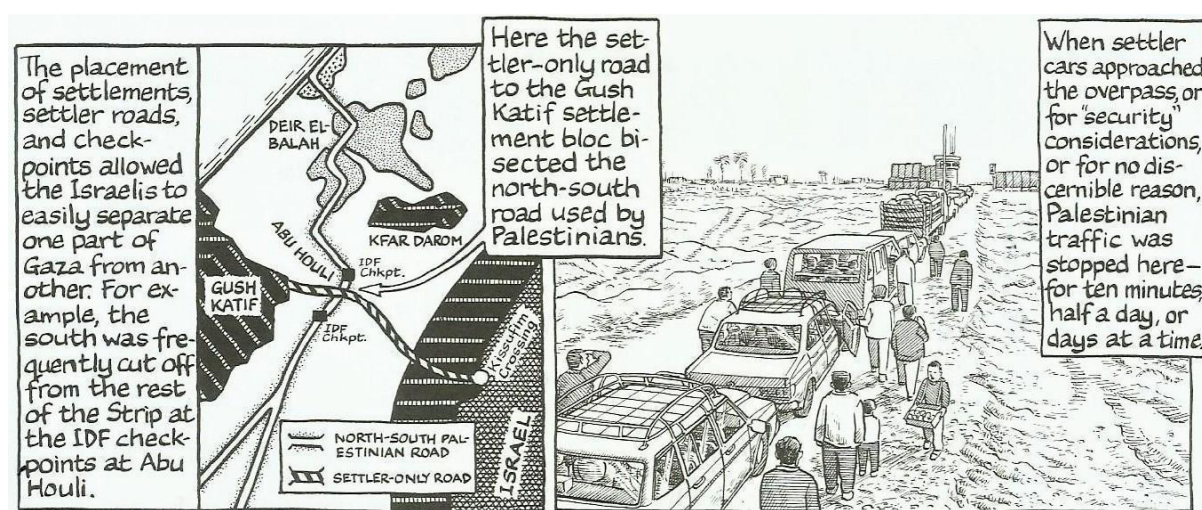
Possivelmente, Sacco havia percebido a repercussão e as devidas conseqüências arroladas pelo anúncio de Sharon nos EUA. Nas páginas de *FinG*, na tentativa de exemplificar as adversidades pelas quais os habitantes de Gaza conviviam ao tentar transpassar as estradas controladas pelos judeus nos territórios ocupados, o quadrinista-jornalista ilustrou, em maio de

years. "What are these people supposed to do with the lives that they've created? Sharon pioneered their effort and now he leaves them". (Tradução livre).

⁹¹ [No original]: "In August 2005, the Israeli government decided to withdraw its forces unilaterally from the Gaza Strip, to demolish the bloc of settlements, named Gush Katif, and to evacuate its residents, as well as those of four outlying settlements in Samaria. The decision was taken by Israeli Prime Minister Ariel Sharon, the declared patron of Israeli settlements in the areas occupied by Israel in 1967. Thus, the disengagement came as a surprise and shock to the evacuees and to all other settlers and their supporters, for it contradicted previous strategies and ideologies of Israeli governments and of the settlers to hold on to the occupied territories (though refraining from annexing them) and to settle them." (Tradução livre).

2005, mesmo mês que Sharon esteve nos EUA, a rodovia que saía do assentamento de Gush Katif em direção à Israel. Na **figura 46**, observa-se um segundo mapa ilustrado da região, representando o assentamento israelense em preto, destacando-o das demais localidades, e a estrada que o conecta à Israel. Além disso, de acordo com a ilustração de Sacco, a autoestrada que liga este assentamento ao Estado judeu correspondia a uma das rodovias que os palestinos poderiam cruzar para se deslocarem da Faixa de Gaza em direção à Cisjordânia.

Figura 46: Mapa de Gush Katif.



Fonte: SACCO, 2010, p. 19

Na tela, o assentamento de Gush Katif, preenchido de preto com ranhuras brancas, é ligado à Israel por uma rodovia que corta transversalmente o território da Faixa de Gaza. Na vinheta à direita, uma fila de carros se forma do lado de fora da fronteira. Além de veículos abarrotados de pessoas, é possível perceber um pequeno caminhão, de carroceria aberta carregada de sacos. Dessa forma, Sacco poderia indicar que tanto o transporte de passageiros como a logística de mercadorias produzidas na Faixa de Gaza são comprometidas pelos postos de controle que fortificam os assentamentos de colonos judeus em Gaza.

Além do mais, para salientar a demora que os palestinos enfrentavam para conseguir a liberação nos postos de segurança israelenses, um vendedor ambulante foi ilustrado no centro da vinheta, destacando o comércio que se formava devido à grande concentração de pessoas. Por fim, entre as duas vinhetas, o recordatório salienta: “Neste ponto, a estrada para o assentamento de Gush Katif, usada apenas pelos colonos, cruzava a rodovia norte-sul dos

palestinos⁹²” (SACCO, 2010, p.19). Dessa forma, a ilustração e a menção à Gush Katif podem representar a maneira como Sacco compreendia a diversidade de significados relacionados aos assentamentos israelenses na Faixa de Gaza em momento tão peculiar como foi o Plano de Desengajamento. Possivelmente, enquanto o quadrinista-jornalista percebia a reação contrária dos judeus americanos quanto ao anúncio de Sharon que, em poucos meses, devolveria as terras à Autoridade Palestina, Sacco destacava que para os palestinos, Gush Katif simbolizava limitações de suas liberdades individuais.

Voltando aos eventos nos EUA em maio de 2005, poucos dias após o anúncio, a insatisfação dos judeus americanos contra a retirada unilateral de Israel Gush Katif se intensificou, chegando até mesmo a mobilizar a viagem de estadunidenses aos assentamentos na Faixa de Gaza. Como se vê nos jornais, os judeus americanos desconsideraram o apelo de Sharon e, ao invés de apoiar o governo de Israel na retirada dos assentamentos na Faixa de Gaza, passaram calorosamente a apoiar os colonos israelenses para que permanecessem nas colônias gazeanas. Ao *The New York Times*, Andy Newman (2005) reportou no dia 5 de junho de 2005 a iniciativa de mais de 120 judeus americanos de embarcar em um voo fretado para Israel com intuito de apoiar os colonos israelenses do assentamento de Gush Katif que, naquele verão, seriam retirados da Faixa de Gaza:

Charles Finkelstein, advogado do Brooklyn, não costuma ser um ativista itinerante. Mas ele limpou seu calendário de casos criminais e de lesões corporais e, não menos significativamente, garantiu a permissão de sua esposa e quatro filhos. E esta noite, depois de assistir a um comício e concerto no Central Park, ele e 124 pessoas com interesses semelhantes vestidos com camisetas laranja pretendem embarcar em um avião para Israel e se inserir em uma questão de política interna de lá. Eles vão passar três dias visitando colonos judeus na Faixa de Gaza para que saibam que se opõem ao plano do primeiro-ministro Ariel Sharon de removê-los neste verão⁹³ (NEWMAN, 2005, [s.p.]).

Na mesma reportagem, Newman (2005) apontava que, apesar das mobilizações fervorosas, os judeus americanos insatisfeitos com o plano não correspondiam a maioria da

⁹² [No original]: “Here the settler-only road to the Gush Katif settlement bloc bisected the north-south used by Palestinians” (Tradução livre).

⁹³ [No original]: “Charles Finkelstein, a lawyer in Brooklyn, is not usually much of a globe-trotting activist. But he has cleared his calendar of personal-injury and criminal cases and, no less significantly, secured the permission of his wife and four children. And tonight, after attending a rally and concert in Central Park, he and 124 like-minded people clad in orange T-shirts intend to board a plane for Israel and insert themselves in a matter of domestic politics there. They will spend three days visiting Jewish settlers on the Gaza Strip to let them know that they oppose Prime Minister Ariel Sharon's plan to remove them this summer. "Sometimes mere words are cheap," said Mr. Finkelstein, 40, "and you need to do a little action. We're not going to get arrested, just to say to our brothers and sisters, 'We're with you.'" (Tradução livre).

população judaica estadunidense. Segundo o repórter, de acordo com as pesquisas realizadas naquele período, 65% dos judeus americanos apoiavam o plano de retirada e somente 21% o rejeitavam. Dentre aqueles que rejeitavam, 56% eram compostos por judeus ortodoxos. Dessa forma, a rejeição contra o projeto de Sharon circunscrevia a uma parcela da comunidade judaica composta, em sua maioria, por judeus apoiadores da causa sionista. Apesar de destacar esses dados em sua matéria, salientando que eram poucos os judeus estadunidenses que de fato se colocavam contrários ao plano de Sharon, Newman a finalizava destacando que, além do grupo formado por Finkelstein, a Americans for Safe Israel, outra comunidade ortodoxa judaica, também planejava viajar para Israel em apoio aos camponeses:

Várias outras organizações sionistas conduziram viagens a Gaza, incluindo Americans for a Safe Israel, que atualmente está lá com um grupo de 45 pessoas. Além de expressões mais sérias de solidariedade, os viajantes estão distribuindo centenas de bichos de pelúcia - especificamente, o Gato Garfield - para crianças em Gaza. "Em primeiro lugar, ele é laranja", disse Helen Freedman, a diretora executiva do grupo, em uma entrevista por telefone de Israel. Laranja e azul são as cores escolhidas pelos manifestantes de Gaza para representar seus pomares de frutas cítricas e o mar. "E o laranja é a cor do protesto e da solidariedade", disse Freedman. "Além disso, Garfield não se move; ele permanece parado. Fizemos Garfield o símbolo de 'Não estamos nos movendo, estamos parados'⁹⁴(NEWMAN, 2005, [s.p.]).

Sobre as mobilizações a favor da causa israelense, vale destacar que, mesmo não contabilizando a maioria dos judeus, em várias oportunidades os estadunidenses apoiaram, e de certa forma sem muitas ressalvas, os projetos israelenses no Oriente Médio. Como havia destacado Said (2012), sempre houve um forte apoio da opinião pública estadunidense à causa israelense:

Muitos israelenses em visita aos Estados Unidos observam que a principal diferença entre um israelense e um norte-americano pró-sionismo é que este é muito menos ingênuo e franco sobre Israel e seu "problema" árabe do que aquele. Porque a causa de Israel e do sionismo nos Estados Unidos (isso se aplica menos à Europa) é quase sacrossanta; a fundação de Israel em 1948 é discutida no mesmo tom sussurrado e no mesmo alto nível que o Plano Marshall. Parte da comunidade intelectual e acadêmica – sem falar da indústria inteira da comunicação – observa os rituais de Israel e tudo que lhe diz respeito em um nível que não se compara a nenhuma outra causa (SAID, 2012, p.47-48).

⁹⁴ [No original]: "Several other Zionist organizations have led trips to Gaza, including Americans for a Safe Israel, which is currently there with a group of 45 people. In addition to more serious expressions of solidarity, the travelers are handing out hundreds of stuffed animals -- specifically, Garfield the Cat -- to children in Gaza. "First of all he's orange," Helen Freedman, the group's executive director, said in a telephone interview from Israel. Orange and blue are the colors chosen by the Gazan protestors to represent their citrus groves and the sea. "And orange is the color of protest and solidarity," Ms. Freedman said. "Also, Garfield doesn't move; he stays put. We made Garfield the symbol of 'We're not moving, we're staying put.'" (Tradução livre).

Enquanto alguns estadunidenses se mobilizavam para apoiar os colonos israelenses, nas páginas de *FinG*, um fato curioso que chama atenção consiste na citação do ano de “1967” em um trecho do JHQ. Em junho de 2005, Sacco ilustrou e roteirizou o capítulo “*Mud, tents, bricks*” (Lama, barracas, tijolos). Ao que subentende, este capítulo dá continuidade ao debate, principiado no capítulo “*Gaza Strip*”, sobre os problemas sociais e econômicos na Palestina. Nestas páginas, a atenção do autor não se restringe ao massacre de 1956 ou às demolições residenciais de 2003, mas ao longínquo ano de 1948 e a formação dos primeiros campos de refugiados de árabes palestinos no Oriente Médio. No entanto, antes mesmo de centralizar a narrativa nos eventos de 1948, no início do capítulo, durante diálogo entre o quadrinista-jornalista e o tio de Abed (não foi divulgado o nome do palestino) o ano de “1967” foi citado. A tela em questão aborda a curiosidade do tio de Abed com a presença do estadunidense na Palestina. Após Abed explicar a seu tio que Sacco estava ali para produzir um JHQ a respeito dos acontecimentos de 1956, o tio de Abed, (**figura 47**), de forma incisiva, mira nos olhos do jornalista americano e o indaga sobre “1967”. Em resposta, Sacco afirma: “Isso é uma outra História” (SACCO, 2010, p.20).

Figura 47: Por que não “1967”?



Fonte: SACCO, 2010, p. 20

Após dizer que “1967” trata-se de uma “outra História”, Sacco direciona sua discussão para os eventos de 1948 (assunto que abordaremos no próximo capítulo). Diante disso, a questão é; por que Sacco citou brevemente o ano de “1967”? De acordo com Paes (2014, p. 41-42), a citação de “1967” demarca os interesses de Sacco sobre 1956, destacando também os eventos de 1948 para esclarecer o exílio palestino. Não obstante, além deste ponto

elencado por Paes (2014), é possível que os eventos de 2005 nos EUA forneçam algumas informações acerca da citação velada sobre o ano de “1967”. Para responder a essa questão é importante destacar que, no contexto da guerra entre judeus e árabes, o ano de 1967 corresponde a vitória de Israel na Guerra dos Seis Dias. No dia 5 de junho daquele ano, respondendo a uma invasão árabe registrada pelos radares israelenses, o então recente empossado Primeiro Ministro de Israel, Moshe Dayan, ordenou que a força aérea israelense realizasse um ataque aéreo surpresa contra os aeroportos do Egito e Líbano. Em questão de horas, os aviões israelenses abateram a força aérea árabe ainda no chão. Enquanto isso, tropas da infantaria israelense atacavam posições egípcias no Deserto do Sinai e na Faixa de Gaza, capturando toda a Margem Ocidental, inclusive Jerusalém, esta última por conta da entrada da Jordânia na guerra ao lado do Egito. Na Síria, Israel tomou de assalto as Colinas de Golã. No fim da guerra, que durou menos de uma semana, Israel anexou aos seus territórios o Deserto do Sinai, a Faixa de Gaza, as Colinas de Golã e a Cisjordânia (GATTAZ, 2003, p.142).

Além de expandir consideravelmente o território israelense, perpassando àquele destinado na Partilha das Nações Unidas de 1947, a vitória israelense repercutiu drasticamente na vida de pelo menos 1,4 milhão de palestinos levando pelo menos 500 mil a refugiaram-se, muitos deles pela segunda vez (a primeira havia ocorrido na Guerra de 1948). Para aqueles que permaneceram nos territórios ocupados, Gattaz salienta que:

[...] vieram a formar uma categoria distinta daqueles que viviam nas fronteiras israelenses (que tinham o direito à cidadania israelense), encontrando-se sob ocupação militar estrangeira, sujeitos ao governo militar e às suas consequências na supressão das liberdades e dos direitos civis. Tanto os palestinos que viviam em Israel como aqueles que ficaram nos territórios ocupados após 1967, entretanto, passaram a formar a minoria do povo palestino, pois enquanto 1.200.000 palestinos permaneceram no Estado de Israel e nos territórios ocupados, 1.500.000 palestinos encontravam-se agora no exílio (especialmente na Jordânia, mas também na Síria, Líbano e em outros países árabes) (GATTAZ, 2003, p.146-147).

Para Said (2012) o impacto substancial causado à população palestina após a Guerra dos Seis Dias era resultado de um persistente plano político arquitetado pelos sionistas. No intuito de mitigar a expressiva presença dos palestinos na terra, os sionistas israelenses convenciam-se da inexistência de árabes naquela região. Além disso, quando admitiam a presença de árabes, diziam que estavam presentes no território de forma espaçada e apenas em pequeno contingente. Essa seria a política de negação/obstrução do governo israelense após 1967: “Trata-se de uma política altamente complexa, porque inclui não só a política dos sionistas em relação ao povo árabe, como também a política de Israel em relação às colônias

árabes e a natureza das forças de ocupação israelenses na Cisjordânia e em Gaza após 1967” (SAID, 2012, p.22).

Dessa forma, ao que parece, pós-1967 Israel consolidou as diretrizes coloniais para a ocupação e controle da Faixa de Gaza. No entanto, essa política colonialista israelense não poderia ter sido colocada em prática sem a anuência de um parceiro forte o bastante para defendê-lo caso algum outro Estado ou a Comunidade Internacional discordassem dessas diretrizes. Visto que esses acontecimentos gravitam em torno do período comumente conhecido como Guerra Fria, os EUA passaram a tutelar as ações do Estado de Israel. De acordo com Pappé (2011b), essa nova estratégia de gerência dos espaços conquistados por Israel só seria possível mediante colaboração externa, no caso, dos EUA:

Assim, a elite política israelense produziu constantemente a sabedoria comum do processo de paz e formulou suas diretrizes de acordo com suas próprias preocupações. Essas diretrizes americano-israelenses foram elaboradas nos primeiros anos após a ocupação de 1967 e se cristalizaram como uma visão de um novo mapa geopolítico para a Palestina histórica. O sionismo pragmático ditou que o país seria aproximadamente dividido em duas esferas: uma que Israel controla diretamente como um estado soberano e a outra que Israel governa indiretamente, enquanto dá aos palestinos autonomia limitada⁹⁵ (PAPPÉ, 2011b, p.138)

Neste contexto, a Guerra dos Seis Dias foi a terceira vitória do Estado de Israel contra os árabes em menos de vinte anos. Essa força bélica e estratégica, demonstrada pelos judeus no Oriente Médio, foi vista com bons olhos pelo governo estadunidense. Sendo assim, além da captura da Faixa de Gaza, o ano de 1967 pode ser considerado uma data chave para compreender a relação amistosa entre EUA e Israel. Ao longo das quatro décadas que se seguiram à Guerra dos Seis Dias, Israel e EUA fortaleceram seus laços, impulsionando aos americanos uma situação privilegiada dentro do Oriente Médio e, ao mesmo tempo, favorecendo a posição colonialista israelense na região. No entanto, vale destacar que antes da vitória israelense contra os árabes, Israel não gravitava entre os países satélites da política externa estadunidense. Até então, a França se colocava como a maior aliada dos judeus no Oriente Próximo (ANDERSON, 2015, p.79).

A demonstração de superioridade bélica e estratégica por parte dos israelenses que,

⁹⁵ [No original]: “Thus, the Israeli political elite constantly produced the common wisdom of the peace process and formulated its guidelines according to its own concerns. These American-Israeli guidelines were drafted in the first years after the 1967 occupation and crystallized as a vision for a new geopolitical map for historical Palestine. Pragmatic Zionism dictated that the country would roughly be divided into two spheres: one that Israel controls directly as a sovereign state and the other that Israel rules indirectly while giving Palestinians limited autonomy” (Tradução livre).

em menos de uma semana, venceu os árabes em 1967, fez com que os americanos observassem no Estado de Israel um aliado importante na região durante a Guerra Fria. De acordo com o historiador israelense Norman Finkelstein (2001, p.31-32), devido ao salutar sucesso dos israelenses durante a Guerra dos Seis Dias, o governo de Washington passou a observar o Estado de Israel como novo aliado estratégico, transformando-o no representante do poderio norte-americano no Oriente Médio. Da mesma forma, Perry Anderson (2015) endossa o discurso de Finkelstein, creditando ao sucesso militar na Guerra dos Seis Dias como crucial para o fortalecimento nas relações diplomáticas entre os dois Estados:

Nesse cenário insatisfatório, a blitz israelense de junho de 1967, que aniquilou a força aérea egípcia em poucas horas e tomou o Sinai, as colinas de Golã e a Cisjordânia em menos de uma semana, caiu como um trovão político. Nasser, cujo desajeitado apoio a uma república iemenita temida pela monarquia saudita havia muito incomodava, era agora uma promessa não cumprida no mundo árabe, enquanto Israel emergia de forma esmagadora como a mais forte potência militar na região. Após o ataque tripartite sobre o Egito de 1956, a França – juntamente com a Grã-Bretanha – ajudou Israel a se tornar uma potência nuclear clandestina, como parte do pacto secreto entre os três que lançou a expedição do Suez, e por algum tempo Paris foi o aliado mais próximo de Israel no Ocidente. Mas o sucesso espetacular da Guerra dos Seis Dias alterou todos os cálculos nos EUA, onde a comunidade judaica inspirou-se com um entusiasmo renovado pela pátria do sionismo e o Pentágono viu um parceiro regional prospectivo de formidável força punitiva. Daí em diante, a política norte-americana no Oriente Médio revolveu em torno de uma aliança com Israel, confiante de que os reinos árabes do petróleo teriam de tolerá-lo (ANDERSON, 2015, p.79).

Além das motivações políticas que supostamente aproximavam Estados Unidos e Israel pós-1967, vale ressaltar que a cosmogonia religiosa também pode ter sido moldada para contribuir no entrelaçamento cultural entre as duas nações. A título de exemplo, o mito fundador de Israel, destacando o povo judeu como uma nação perseguida, se encaixava muito bem no perfil protetor que os Estados Unidos poderiam oferecer enquanto potência global durante a Guerra Fria (NEDERVEEN PIETERSE, 2009, p. 39). Em 1978, quase uma década depois da conquista israelense que culminou com a anexação da Faixa de Gaza aos seus domínios, Said (2012) destacava que a questão dos judeus na Palestina era considerada como um tema sacrossanto por muitos estadunidenses (SAID, 2012, p. 47-48).

Sendo assim, pode-se dizer que, ao longo dos anos, esse ajustamento político e cultural entre as duas nações construiu junto à comunidade estadunidense a ideia de que havia uma forte aliança entre esses Estados. Possivelmente, esse processo se deu por meio da construção da “bolha americana” de informações. Por conta de uma corriqueira prática editorial entre os veículos de comunicação americanos, cujo objetivo consistia em apresentar

demasiadamente os assuntos relacionados aos conflitos no Oriente Médio, os estadunidenses tinham uma ligeira impressão de que existisse somente duas regiões no mundo; os Estados Unidos e seus problemas de política doméstica e a pauta externa voltada para a luta israelense no Oriente Médio (NEDERVEEN PIETERSE, 2009, p. 38).

Na esteira dos acontecimentos do 11 de setembro, ao que tudo indica, a aliança cultural entre Estados Unidos e Israel, e impulsionada pela ideia de “bolha americana”, pode ter se fortalecido ainda mais. Sobre isso, Slavoj Žižek (2003, p.61) observou que após os atentados de Nova Iorque, os estadunidenses redescobriram o ideal de inocência americana e de patriotismo, fazendo com que orgulhosamente hasteassem com mais frequência a bandeira americana nas fachadas de suas residências. Diante desse efervescente sentimento nacionalista, o reconhecimento de Israel como parceiro incondicional podia ser espiado na prática de muitos americanos em hastear a bandeira israelense ao lado da flâmula estadunidense:

Na primavera de 2002, nos EUA, tornou-se comum encontrar pessoas ostentando orgulhosamente na lapela as bandeiras dos EUA e de Israel e a inscrição ‘United we stand’ [‘Estamos unidos’]. Esse novo papel dos judeus na atual constelação político-ideológica global – a ligação privilegiada com o capitalismo global dominado pelos EUA – está carregado de perigos horríveis, abrindo caminho para explosões de violento antissemitismo: o fato de; devido a uma série de decisões e condições estratégicas contingentes, Israel ter sido elevado a parceiro privilegiado dos EUA pode se tornar uma nova fonte de mortandade (ŽIŽEK, 2003, p.157)

Neste contexto de colaboração mútua entre israelenses e estadunidenses, quando as páginas dos jornais americanos divulgavam notícias sobre o Plano de Desengajamento, algumas discussões públicas aconteceram por meio de trocas de cartas entre os leitores. Em um raro caso de críticas ao governo de Israel nos veículos de informação americanas, o editorial do *The New York Times*, sem assinatura no expediente, salientava a dor dos camponeses ao serem retirados de suas terras. Apesar disso, o autor convidava os demais a refletirem sobre a necessidade de rever a história do conflito para entender a iminente saída dos israelenses da Faixa de Gaza. Em seu exercício de revisionismo histórico, o autor do texto pontuava que a região da Faixa de Gaza pertencia à Palestina, pois, antes de ser governada pelos ingleses durante o Mandato Britânico⁹⁶ (1922-1947), o território fazia parte do extinto Império Turco Otomano. Além do mais, o autor ainda afirmava que as terras conquistadas por Israel na guerra de 1967

⁹⁶ Em 1922 foi instituído o Mandato Britânico na Palestina. Com o fim da Primeira Guerra Mundial e o declínio do Império Turco Otomano, os franceses e os ingleses dividiram parte desse antigo império. Os franceses ficaram com a Síria e o Líbano, já os ingleses ficaram responsáveis pelo território da Palestina. Os mandatos foram até 1948, quando França e Inglaterra devolveram o mandato desses territórios à nova ONU, que havia substituído a Liga das Nações (GATTAZ, 2003, p.54).

configuram-se como o pior lado da colonização israelense na Palestina:

Na guerra árabe-israelense de 1967, Israel capturou Gaza e a Península do Sinai do Egito, junto com a Cisjordânia (da Jordânia) e as Colinas de Golan (da Síria). Israel devolveu o Sinai ao Egito depois de fazer a paz, mas manteve o controle de Gaza. Um segundo acordo pedia a negociação de eventual autonomia palestina naquele país. Gaza representa o pior lado do movimento de assentamento de Israel. A faixa densamente povoada é o lar de 1,3 milhão de palestinos - a maioria deles refugiados ou filhos de refugiados. Cada quilômetro quadrado de terra palestina abriga, em média, cerca de 14.000 pessoas. Até esta semana, os colonos judeus ocuparam 33% das terras⁹⁷ (GAZA..., 2005, [s.p.]).

Essas palavras não “passaram em branco”, pois no dia seguinte, David A. Harris, Diretor Executivo da Comunidade Judaica Americana, questionava a opinião veiculada no editorial do *The New York Times* do dia anterior. Nas palavras de Harris, devido às incertezas que permeavam o futuro do território da Faixa de Gaza, o contexto histórico tornava-se essencial para compreender os motivos que levaram Israel a governar essa região por 38 anos. Em relação à Guerra dos Seis Dias de 1967, Harris reiterava que as incessantes ameaças terroristas dos árabes, perpetradas pela OLP ao território judeu, convidaram o exército israelense a atacar seus vizinhos árabes:

A referência à "guerra árabe-israelense de 1967", quando Israel capturou Gaza, não mostra como a guerra aconteceu. Uma batida de tambor de chamadas públicas do Cairo e Damasco, apoiada pela Organização para a Libertação da Palestina, para a aniquilação total de Israel, bem como destacamentos de tropas preocupantes, convenceu os líderes israelenses de que um ataque preventivo era necessário para garantir a sobrevivência de Israel⁹⁸ (HARRIS, 2005, [s.p.]).

Ao que parece, quando Sacco destacou que “1967” é uma outra história, possivelmente ele tenha indicado a seus leitores que, apesar de não comentar sobre esse episódio em seu JHQ, o evento é relevante para compreender as causas relacionadas à devolução das terras aos palestinos, ou pelo menos salientar que essas terras foram, em algum

⁹⁷ In the 1967 Israeli-Arab war, Israel captured Gaza and the Sinai Peninsula from Egypt, along with the West Bank (from Jordan) and the Golan Heights (from Syria). Israel returned the Sinai to Egypt after making peace, but kept control of Gaza. A second agreement called for negotiating eventual Palestinian autonomy there. Gaza represents the worst side of Israel's settlement movement. The densely populated strip is home to 1.3 million Palestinians -- most of them refugees, or offspring of refugees. Each square mile of Palestinian land holds, on average, about 14,000 people. Until this week, the Jewish settlers occupied 33 percent of the land. (Tradução livre)

⁹⁸ [No original]: “The reference to “the 1967 Israeli-Arab war,” when Israel captured Gaza, doesn't note how the war came about. A drumbeat of public calls from Cairo and Damascus, supported by the Palestine Liberation Organization, for Israel's total annihilation, as well as worrisome troop deployments, convinced Israeli leaders that a pre-emptive strike was necessary to ensure Israel's survival” (Tradução livre).

momento da história do conflito, capturadas e controladas por Israel, degradando ainda mais a condição humanitária dos refugiados palestinos. Da mesma forma que a breve citação sobre “1967” pode indicar aos leitores de *FinG* que as terras que seriam devolvidas no Plano de Desengajamento pertenceram um dia aos palestinos, é importante observar que, ao mencionar a data sem explorar o seu contexto histórico, pode ser uma reação a um assunto que era frequentemente debatido pelos meios de comunicação e pelos acadêmicos estadunidenses.

Não obstante, vale destacar que o debate sobre o ano de “1967” parecia já ser acalorado nos corredores das academias e, em certa medida, nas páginas dos livros, muito antes do Plano de Desengajamento ser anunciado. Depois da apresentação do projeto de Sharon à comunidade americana, apoiadores e detratores estadunidenses passaram a publicar livros e pesquisas sobre o tema em questão, salientando o ano de “1967” como chave para a compreensão dos atuais problemas presentes na Faixa de Gaza.

Alan Dershowitz (2004), advogado e acadêmico estadunidense, pode ser elencado como um exemplo de personalidade americana influente que, inserido nessa conjuntura, militava a favor da política expansionista israelense. Um ano após a apresentação do Plano de Desengajamento ao parlamento israelense, ele escrevia que o problema dos refugiados palestinos em Gaza poderia ter sido resolvido ainda em 1967, salientando que os campos de refugiados consistiam em propaganda política favorável à causa palestina:

Esse enfoque da questão dos refugiados foi planejado para impedir sua solução e para permitir que se inflamasse e mesmo fosse exacerbada. O problema dos refugiados árabes poderia ter sido facilmente solucionado entre 1948 e 1967 quando a Jordânia controlava e havia anexado a margem ocidental, que era uma área sub-habitada e subcultivada. Mas, em vez de integrar os refugiados numa sociedade religiosa, linguística e culturalmente idêntica, eles foram segregados em guetos chamados de campos de refugiados e submetidos a viver das esmolas da ONU, enquanto recebiam propaganda sobre o seu glorioso retorno à aldeia do outro lado da estrada, que havia sido o seu lar por apenas dois anos (DERSHOWITZ, 2004, p.118).

Um ano após Dershowitz (2004) acusar a ONU de promover a pobreza nos campos de refugiados, salvaguardando as responsabilidades do governo de Tel Aviv sobre isso, a economista estadunidense Sara Roy (2005), na esteira do Plano de Desengajamento, elencava os possíveis impasses econômicos à infraestrutura gazeana pós retirada de Israel. Em sua análise, Israel não tinha a intenção de solucionar os problemas econômicos e sociais que futuramente seriam desencadeados com a retirada da estrutura israelense da frágil economia palestina. Além de apresentar os problemas futuros que os palestinos enfrentariam, Roy (2005) argumenta que, com a retirada de Gaza, Israel se isentava da precariedade socioeconômica da

Palestina, desconsiderando que o problema da frágil estrutura econômica dos territórios ocupados havia iniciado em 1967, com a invasão à Faixa de Gaza após a Guerra dos Seis Dias:

No entanto, apesar dessas condições, o plano declara: ‘O processo de desligamento servirá para dissipar as reclamações sobre a responsabilidade de Israel pelos palestinos na Faixa de Gaza’. Essa ideia se apoia em outra suposição poderosa do plano de Gaza e do discurso que o cerca: que a agonia de Gaza é um fenômeno recente nascido dos últimos cinco anos de intifada, e que houve mudança de terras ocupadas por instalações militares e assentamentos - em qualquer lugar a partir de 15 para 30 por cento do território - irá facilmente corrigir a situação. Sob essa noção amplamente aceita, o contexto para a compreensão do desligamento começa em 2000, não em 1967. O papel principal de Israel em criar a miséria e o declínio da Palestina ao longo de quase quatro décadas é simplesmente eliminado da narrativa⁹⁹ (ROY, 2005, p.66).

Supostamente, após o anúncio do Plano de Desengajamento, entre 2003 e 2004 (quando Sharon passou a conclamar o projeto no parlamento israelense), alguns acadêmicos já debatiam as causas e as consequências da ocupação da Faixa de Gaza e, conseqüentemente, as responsabilidades sobre o problema dos refugiados palestinos que poderiam retomar parte de suas terras ocupadas em 1967. Enquanto para uns, como Dershowitz (2004), que desacreditavam no infortúnio dos expatriados, para outros, como Roy (2005), o ano de “1967” representava o agravamento na condição dos asilados, que se encontravam no território que Israel anunciava devolver após quarenta anos. Por conseguinte, ao que parece, após o anúncio do Plano de Desengajamento à comunidade judaica nos Estados Unidos, a discussão acerca das responsabilidades sobre a miséria e a degradação social da Faixa de Gaza passou também a fazer parte das páginas dos periódicos e da opinião pública americana, situação essa que, possivelmente, influenciou Sacco a citar, mesmo que de maneira velada, a respeito da “outra História de 1967” em seu livro que contava as histórias sobre 1956.

Sendo assim, o ato de escrever, mesmo que de maneira velada sobre o ano de “1967”, pode ter representado as tensões recorrentes percebidas por Sacco tanto nas discussões acadêmicas como também nos debates públicos, ambos inflamados após o anúncio do Plano de Desengajamento. Por conta disso, nas próximas páginas, tentaremos apresentar alguns

⁹⁹ [No original]: “Yet, despite these conditions, the plan states: “The process of disengagement will serve to dispel claims regarding Israel’s responsibility for the Palestinians in the Gaza Strip.” This idea rests on another powerful assumption of the Gaza plan and the discourse surrounding it: that Gaza’s agony is a recente phenomenon borne of the last five Years of intifada, and that there turn of the land taken up by military installations and settlements — anywhere from 15 to 30 percent of the territory — will easily redress the situation. Under this widely held notion, the contexto for understanding the disengagement begins in 2000, not in 1967. Israel’s primary role in creating Palestine’s misery and decline over nearly four decades is quite simply expunged from the narrative” (Tradução livre).

prováveis pontos de interseção entre as notícias veiculadas nos meios de comunicação e as páginas de *FinG* concernentes ao processo de execução do Plano de Desengajamento em 2005.

3.2. DIANTE DA DOR DO OUTRO: ENTRE A *NAKBAH* E O SACRIFÍCIO JUDEU

Entre maio de 2005, quando Sharon anunciou nos Estados Unidos o seu plano para retirada unilateral dos camponeses judeus assentados na Faixa de Gaza, até agosto do mesmo ano, quando as Forças de Defesa de Israel concluíram a evacuação total do território ocupado, ao que parece, um dos temas que se tornaram recorrentes na imprensa estadunidense, em especial os veículos impressos de comunicação, residia na ideia de que os israelenses estavam prestes a realizar um grande sacrifício em nome da paz com os palestinos. Enquanto isso, em seu estúdio nos Estados Unidos, Sacco ilustrava e roteirizava o refúgio palestino principiado com a guerra de 1948. Por conta disso, nas páginas que se seguem, tentaremos observar que as imagens produzidas por Sacco podem se apresentar como um contraponto ao discurso midiático estadunidense que, no decurso do Plano de Desengajamento, salientava o sacrifício judeu para a paz no Oriente Médio.

Possivelmente, um dos primeiros indícios dessa relação entre o que estava sendo divulgado nos meios de comunicação e o que foi produzido por Sacco no mesmo período pode ser averiguado no capítulo “*Muds, Tends, Bricks*” (Lama, tendas, tijolos), ilustrado em junho de 2005. Neste recorte de *FinG*, o quadrinista-jornalista apresenta aos leitores a jornada dos desterrados palestinos de seus vilarejos para o litoral da Faixa de Gaza. Ao contrário da menção implícita aos acontecimentos do ano de “1967”, a representação do refúgio palestino para a extremidade litorânea da Palestina em 1948 foi explicitamente representada nas páginas de *FinG*.

A jornada palestina para o exílio foi descrita na mesma conversa com o tio de Abed em que o ano de “1967” foi trazido à luz da discussão. Conforme **figura 48**, o tio de Abed, ao saber os motivos que levaram o quadrinista-jornalista à Palestina, sugere vários acontecimentos a Sacco que poderiam servir de ponto de partida para sua narrativa. Tal como fez com “1967”, o palestino cita os eventos de Sabra e Chatila de 1982¹⁰⁰, ou, retrocedendo em demasia no

¹⁰⁰ Em 1982, devido ao crescente número de refugiados palestinos e do fortalecimento da OLP no Líbano, sob proteção do exército de Israel, as milícias falangistas (cristão-libaneses de inspiração nazifascista) massacraram os acampamentos palestinos de Sabra e Chatila, deixando ao menos 2700 mortos; (GATTAZ, 2003, p.164).

tempo, o Congresso Sionista da Basileia de 1897¹⁰¹ como possíveis candidatos a eventos marcantes que poderiam ser apresentados por Sacco em seu JHQ. Por fim, depois de apresentar um rol de fatos e acontecimentos, o tio de Abed dá a cartada final e pergunta: “E quanto à 1948?” (SACCO, 2010, p.21). Ao lado do balão de fala do palestino, por meio de um recordatório, Sacco não só aceita o desafio do tio de Abed como também afirma que dessa vez ele acertou o alvo. Em seguida, mais uma vez, os distantes acontecimentos de 1956, os relatos de viagem de 2003 e as impressões de Sacco durante seu processo de ilustração, neste caso, os eventos de 2005, se convergem nas páginas de *FinG*, visto que as palavras do tio de Abed acompanham a ilustração de soldados palestinos – caracterizados com adornos árabes – atacando um vilarejo no alto de uma colina distante. Diante dessa ilustração, a questão levantada aqui é, por qual motivo trazer à luz da discussão os acontecimentos relacionados ao refúgio de palestinos para o litoral da Faixa de Gaza no distante ano de “1948” em um JHQ que discorre sobre os massacres às aldeias de Khan Younis e Rafah de 1956?

Figura 48: Soldados palestinos atacam vilarejo



Fonte: SACCO, 2010, p. 21

Ao voltarmos nossos olhos para meados da década de 2000, observa-se que a comunidade internacional já alertava sobre o possível agravamento no quadro de refugiados internacionais. Em 2005, ano em que Sacco deu início ao processo de produção de seu JHQ, o debate sobre o desafio dos expatriados pelo mundo tomou proporções alarmantes. Institutos

¹⁰¹ Em 29 de agosto de 1897, Theodor Herzl inaugurou na Basileia (Suíça) o 1º Congresso Sionista, considerado o movimento fundador do sionismo (GATTAZ, 2003, p.22).

responsáveis pelo monitoramento de imigrantes pelo mundo, tais como a *Statics of Uprooted People* e o *Church World Service*, detectaram a cifra de 33 milhões de pessoas que se deslocaram pelo mundo nos últimos anos (HOBSBAWN, 2007, p.88). Dessa maneira, diante do alto índice de refugiados pelo globo, é possível que Sacco tenha se sensibilizado por esses dados, e assim, associado o problema dos refugiados pelo mundo com o retorno dos expatriados palestinos à Faixa de Gaza. Assim sendo, escrever sobre 1948 e os acontecimentos que o permeiam, como o Plano de Partilha das Nações Unidas de 1947¹⁰² e a deflagração da guerra no ano seguinte, pode ter se tornado candente e necessária para a narrativa proposta por Sacco em *FinG*.

Apesar da importância deste tema, não só para um JHQ que discorre sobre um povo refugiado, mas também em relação aos desafios impostos pelos novos movimentos migratórios à comunidade internacional no início do século XXI, é possível que a ilustração sobre os embates de 1947 e 1948 na Palestina extrapolem essa fronteira. Sobre os eventos ilustrados por Sacco, é importante destacar que antes mesmo do plano de partilha da ONU em 1947 ter sido colocado em prática, árabes e judeus sionistas desaprovavam os termos de uma provável repartição de terras promovida pela extinta Liga das Nações. No entanto, durante essas tratativas, enquanto os árabes refutavam os termos do plano por acreditar que o acordo desconsiderava o seu direito de autodeterminação enquanto população autóctone, os sionistas tomaram a dianteira em relação à expansão de seus domínios na Palestina. Dentre as práticas empreendidas pelos sionistas, destacava-se a promoção da imigração ilegal de judeus para o território. A respeito disso, estima-se que, entre 1939 e 1943, cerca de 20 mil judeus tenham entrado ilegalmente na Palestina, juntando-se a outros 51 mil que haviam conseguido visto legal entre 1940 e 1944 (GATTAZ, 2003, p.77).

No final da década de 1940, conforme aumentava a população de imigrantes judeus legais e ilegais no território da Palestina, as lideranças sionistas passaram a utilizar cada vez mais os trabalhos de grupos militares e radicais judeus como a Haganah, Stern e Irgun em missões militares nas aldeias palestinas. Com o fim do Mandato Britânico e a retirada das tropas inglesas da Palestina, os israelenses passaram a operar livremente na região, atacando as aldeias árabes e expulsando os palestinos de suas terras. Diante deste quadro, em abril de 1948, os sionistas colocaram em prática a operação militar conhecida como “Plano D”.

¹⁰² Em novembro de 1947, após o fim do Mandato Britânico na Palestina, as Nações Unidas votaram pela divisão do território da Palestina entre judeus e árabes. Com 33 votos favoráveis, 13 contrários e 10 abstenções, o presidente da Assembleia, o brasileiro Oswaldo Aranha, aprovou a divisão do território (GATTAZ, 2003, p.94).

Gattaz (2003) adverte que, segundo fontes israelenses, o plano havia sido motivado pela necessidade de expurgar dos territórios da Palestina os árabes que apresentavam atitudes hostis aos judeus. Apesar dos sionistas afirmarem que a retirada desses árabes dos territórios havia acontecido de maneira pacífica, relatórios das Nações Unidas atestam a brutalidade com a qual os militares e paramilitares israelenses empreenderam na operação (GATTAZ, 2003, p. 108). No entanto, é possível que o “Plano D”, de abril de 1948, não tenha sido a primeira investida violenta dos sionistas contra os habitantes locais da Palestina. Em relação a isso, Pappé (2011c), afirma que o plano havia recebido esse nome, “Plano D”, por conta de ser o sucessor dos Planos “A, B e C”, todos eles similares, ou seja, que visavam a limpeza étnica da população aldeã e a conquista dos vilarejos pelas tropas israelenses:

O Plano D (ou *Dalet* em hebraico) instruiu as forças judaicas a limpar as áreas palestinas sob seu controle. A Haganah tinha várias brigadas à sua disposição, e cada uma delas recebeu uma lista de aldeias que deveria ocupar e destruir. A maioria das aldeias estava destinada a ser destruída e apenas em casos muito excepcionais as forças foram ordenadas a deixá-las intactas¹⁰³ (PAPPÉ, 2011c, p.61).

Ainda em 1948, muitos foram os casos de agressão exacerbada do exército de Israel contra aldeões palestinos. Dentre eles, o massacre de Deir Yassin, ocorrido em 9 de abril de 1948, destaca-se pelo número de 254 homens, mulheres e crianças mortas pelos grupos militares sionistas (GATTAZ, 2003, p.110). Segundo Jorge (1975, p.75-76), Deir Yassin, apesar de se tornar símbolo do martírio palestino, muito por conta da sanguinolência empreendida pelos atacantes judeus, não foi a única aldeia destruída pela Haganah naquele ano. Entre fevereiro e maio de 1948, Jorge (1975) contabilizou dezoito investidas militares israelenses às aldeias palestinas, média de quatro ataques por mês. Assim sendo, ao que parece, antes mesmo da Guerra de 1948, os sionistas judeus empreendiam práticas que, de certa forma, objetivavam a expansão do território judeu e a expulsão dos árabes de suas vilas.

Por conta disso, retornando à **figura 48**, o que poderia significar a ilustração de homens árabes armados tomando de assalto um vilarejo no alto de uma colina? É possível que os soldados árabes ilustrados por Sacco correspondam aos 4 mil homens que se voluntariaram para formar o Exército de Libertação Árabe que, segundo Gattaz (2003, p.106) buscava defender os territórios palestinos contra as investidas sionistas de 1948 (GATTAZ, 2003, p.

¹⁰³ [No original]: “Plan D (or Dalet in Hebrew) instructed the Jewish forces to cleanse the Palestinian areas falling under their control. The Haganah had several brigades at its disposal, and each one them received a list of villages it had to occupy and destroy. Most of the villages were destined to be destroyed and only in very exceptional cases were the forces ordered to leave them intact” (Tradução livre).

106). Dessarte, ao representar esses prováveis soldados árabes palestinos, além de chamar a atenção de seus leitores para um dos primeiros contragolpes palestinos à violência dos grupos paramilitares judeus, Sacco também traz à luz da discussão as primeiras incursões judaicas que forçaram os aldeões palestinos a deixarem suas terras em direção ao exílio. Sendo assim, os árabes não se apresentavam como os atacantes iniciais de um ciclo interminável de ataques e contra-ataques que se iniciaram em 1948 e ainda continuam no século XXI, mas como o primeiro a se defender de golpes paramilitares contra suas terras.

Da mesma forma, a introdução de uma iniciativa armada árabe palestina de contra-ataque nas páginas de *FinG*, possivelmente, Sacco tenha refutado a ideia de que, após a independência, Israel moveu suas peças em direção a uma invasão territorial “silenciosa”. A respeito disso, Jorge (1975, p.71) afirma que após a independência, a estratégia do novo Estado de Israel consistia na “invasão silenciosa”, ou seja, a voracidade israelense em acomodar novas terras aos seus domínios, expulsando os habitantes locais e, no lugar, construindo kibutz, oleodutos, edifícios e alterando o nome das cidades árabes para nomenclaturas judaicas. Portanto, na narrativa construída por Sacco, apesar da submissão dos árabes após a Guerra de 1948, não houve entrega pacífica por parte dos palestinos, mas sim uma forma armada, mesmo que desorganizada, de resistência contra o agente invasor.

Além disso, outro ponto que merece atenção é a maneira distinta como judeus e árabes compreendem os significados e os símbolos que envolvem o evento ocorrido em 1948. Enquanto os israelenses consideram e celebram esse período entre 1947 e 1948 como a Guerra de Independência, em contrapartida, os árabes nomeiam esse acontecimento histórico como *Nakbah*, ou seja, o “desastre”. Para Pappé (2011c), ao nominarem os acontecimentos de 1948 como “guerra”, os israelenses camuflaram as atrocidades ocorridas nos vilarejos palestinos, uma vez que o termo “guerra” permite reconstruir a narrativa histórica judaica a partir da perspectiva de que houve uma batalha entre iguais, ou seja, uma disputa pareada entre soldados (PAPPÉ, 2011c, p.63-64). Da mesma forma que o evento de “1967”, podemos dizer que os acontecimentos de 1948 também se encontravam em discussão nas academias americanas, tendo de um lado aqueles que acreditam na luta desigual entre árabes e judeus e, de outro lado, a narrativa de igualdade entre as partes que lutavam pelo território da Palestina. A título de exemplo, Dershowitz (2004), um dos defensores da política sionista, veicula nos Estados Unidos, pós 11 de setembro, a ideia de que a Guerra de 1948 havia sido principiada por massacres realizados pelo exército árabe e, conseqüentemente, a necessidade de defesa de Israel:

A guerra desfechada contra Israel em 1947 e 1948 pelos exércitos palestinos e árabes não só tirou terra dos palestinos, mas também criou o primeiro problema dos refugiados. Enquanto os exércitos árabes procuravam matar civis judeus e, de fato, massacraram muitos que tentaram fugir, o exército de Israel permitiu que civis árabes fugissem para áreas controladas pelos árabes (DERSHOWITZ, 2004, p.109)

Enquanto Dershowitz (2004) apontava os árabes como os próprios responsáveis de perderem suas terras no início do conflito, em contrapartida, havia aqueles que destacavam a necessidade de revisar os acontecimentos de 1948, buscando compreender a perspectiva árabe sobre o conflito. Sobre esse grupo de intelectuais que discordavam da postura de Dershowitz (2004), é importante destacar que eles já haviam motivado o debate sobre a *Nakbah* nos EUA antes mesmo dos eventos que marcaram o 11 de setembro. De acordo com Pappé (2011b, p.135), entre as duas últimas décadas do século XX e início do século XXI, a convergência entre as novas descobertas dos historiadores revisionistas israelenses e a laboriosa historiografia palestina transformou a agenda acadêmica e o discurso público no tocante à manutenção da memória palestina sobre os desastres de 1948. Ao que parece, o produto das pesquisas de revisão histórica produzido em conjunto por esses historiadores repercutia positivamente dentro e fora da academia:

A luta contra a negação da *Nakbah* em Israel é agora o foco da agenda de certos grupos palestinos, tanto dentro como fora de Israel. A eles se junta a comprometida e impressionante ONG judaica, Zochrot, que luta contra a negação da *Nakbah* em Israel. Desde o quadragésimo aniversário da *Nakbah* em 1988, a minoria palestina em Israel tem associado, de uma forma que nunca fez antes, suas memórias coletivas e individuais da catástrofe com a situação palestina geral, e com sua situação em particular. Essa associação tem se manifestado por meio de uma série de gestos simbólicos, tais como serviços memoriais durante o dia da comemoração da *Nakbah*, turnê organizada para deserção de ex-aldeias palestinas em Israel, seminários sobre o passado e extensas entrevistas com sobreviventes da *Nakbah* na imprensa¹⁰⁴ (PAPPÉ, 2001c, p.77).

Todo esse esforço, ao que parece, também serviu de pauta para as negociações entre palestinos e israelenses durante os Acordos de Oslo na década de 1990. Segundo Pappé (2001b,

¹⁰⁴ [No original]: “The struggle against the denial of the Nakbah in Israel is now the focus of the agenda of certain Palestinian groups, both inside and outside Israel. They are joined by the committed and impressive Jewish NGO, Zochrot, struggling against Nakbah denial in Israel. Since the fortieth anniversary of the Nakbah in 1988, the Palestinian minority in Israel has associated, in a way that it never did previously, its collective and individual memories of the catastrophe with the general Palestinian situation, and with their predicament in particular. This association has been manifested through an array of symbolic gestures, such as memorial services during Nakbah commemoration day, organized tour to deserte dor formerly Palestinian villages in Israel, seminars on the past, and extensive interviews with Nakbah survivors in the press” (Tradução livre).

p.72), nos estágios finais das tratativas, ao perceberem que dificilmente os israelenses desocupariam a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, resolvendo assim o problema dos refugiados palestinos, mediante os resultados das pesquisas realizadas pelos historiadores revisionistas, os representantes árabes apresentaram a tese de que os judeus deveriam se responsabilizar pela *Nakbah* e, por isso, indenizar os palestinos que perderam suas casas em 1948. Além dessa ocasião, o esforço engendrado pelos revisionistas israelenses e palestinos encontrou seu ápice em abril de 2000, quando nos Estados Unidos foi convocada a conferência “Right Return” com a presença de quase mil pessoas para debaterem a *Nakbah*.

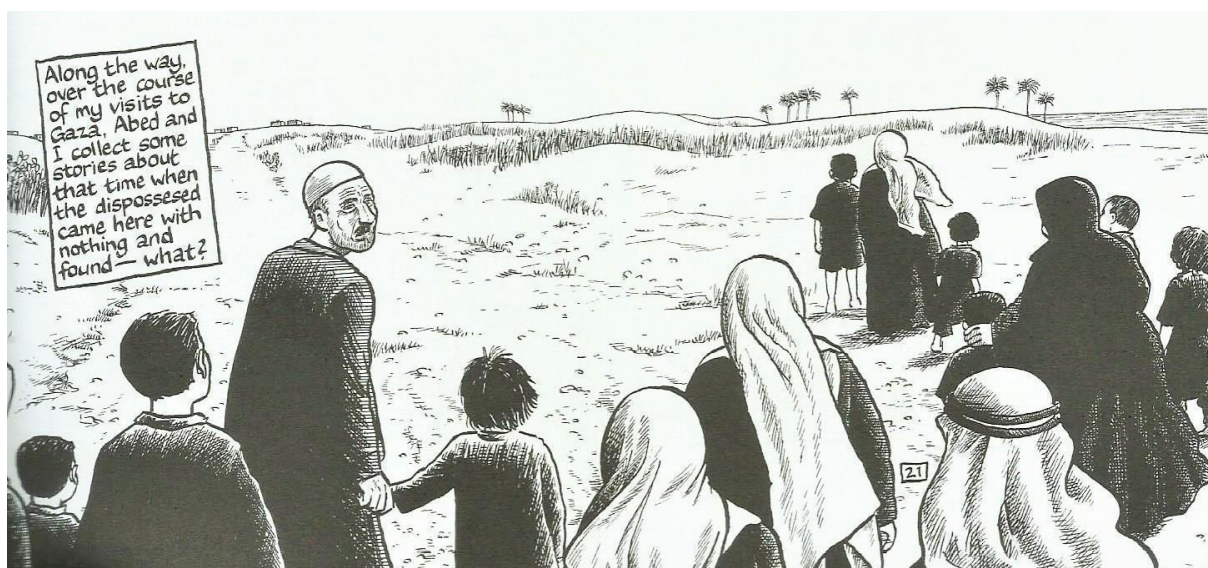
Não obstante, apesar do crescimento exponencial da abordagem revisionista da *Nakbah* entre os estudiosos americanos, os desdobramentos do 11 de setembro além de dificultarem o trabalho dos historiadores revisionistas da *Nakbah*, reascenderam o sentimento anti-palestino entre os estadunidenses (PAPPÉ, 2011c, p.71). Como consequência, ao que parece, antigos discursos que direcionavam a culpa dos conflitos entre palestinos e israelenses no Oriente Médio aos árabes, voltou a ventilar nos debates estadunidenses. O massacre à aldeia de Deir Yassin em 1948, por exemplo, não se traduzia mais em um evento infeliz na história do conflito, lembrado tanto por palestinos quanto israelenses, mas sim como um evento frequentemente mencionado por estudiosos pró-sionistas como Dershowitz (2004) para comparar anacronicamente a violência palestina à violência israelense:

DeirYassin destaca-se na história do conflito árabe-judaico na Palestina precisamente porque era tão fora do comum e não característico dos judeus. Nenhum massacre árabe de judeus tem esse status porque são numerosos demais para serem listados. Mas cada criança árabe na escola e cada divulgador sabe a fala de DeirYassin, enquanto poucos mencionaram Hebron, KfarEtzion, o hospital Hadassah, Safed e os muitos outros futuros massacres árabes bem planejados contra os judeus, exceto quando extremistas orgulhosamente os assumem como mérito próprio (DERSHOWITZ, 2004, p.113).

Diante de discursos como este de Dershowitz (2004), é possível que, pós 11 de setembro, uma onda negacionista em relação à *Nakbah* tenha penetrado no debate público estadunidense, especialmente após o anúncio do Plano de Desengajamento em 2005, quando questões históricas eram retomadas com o intuito de legitimar aos colonos judeus o direito às terras na Faixa de Gaza. Porventura, essa batalha pela narrativa do passado pode ter influenciado Sacco, levando-o a adaptar a narrativa sobre os acontecimentos de 1956 com elementos históricos a respeito dos campos de refugiados formados no litoral da Faixa de Gaza em 1948.

Mais uma vez, a conversa de Sacco com o tio de Abed pode fornecer informações sobre a veiculação de notícias acerca do conflito entre Israel e Palestina nos EUA. Depois de estabelecer o ano de “1948” como ponto de partida para narrativa e, em seguida, ter apresentado a pequena resistência armada árabe, o tom do diálogo entre os dois se direcionou à chegada dos primeiros expatriados à faixa litorânea de Gaza. Na **figura 49**, Sacco ilustrou a aproximação dos primeiros refugiados à costa da Faixa de Gaza. Olhando em direção ao horizonte, os desabrigados observam a paisagem nua que compõe a superfície, formada por um terreno arenoso recortado pelo mar, contando apenas com algumas palmeiras e poucos tufo de gramíneas em sua vegetação. No canto esquerdo da imagem, um dos palestinos, segurando uma criança pela mão, vira sua cabeça para trás e direciona seu olhar para os demais. Com olhar incrédulo, o homem de meia idade os observa com certo desânimo. No recordatório, o quadrinista-jornalista afirma: “Durante a minha visita a Gaza, Abed e eu colhemos alguns depoimentos sobre a época em que os desabrigados chegaram aqui sem nada e encontraram o que?¹⁰⁵” (SACCO, 2010, p.21). Essa pergunta seria respondida ao longo do capítulo por homens e mulheres que se refugiaram na Faixa de Gaza após a expulsão de suas aldeias em 1948.

Figura 49: O novo lar dos palestinos



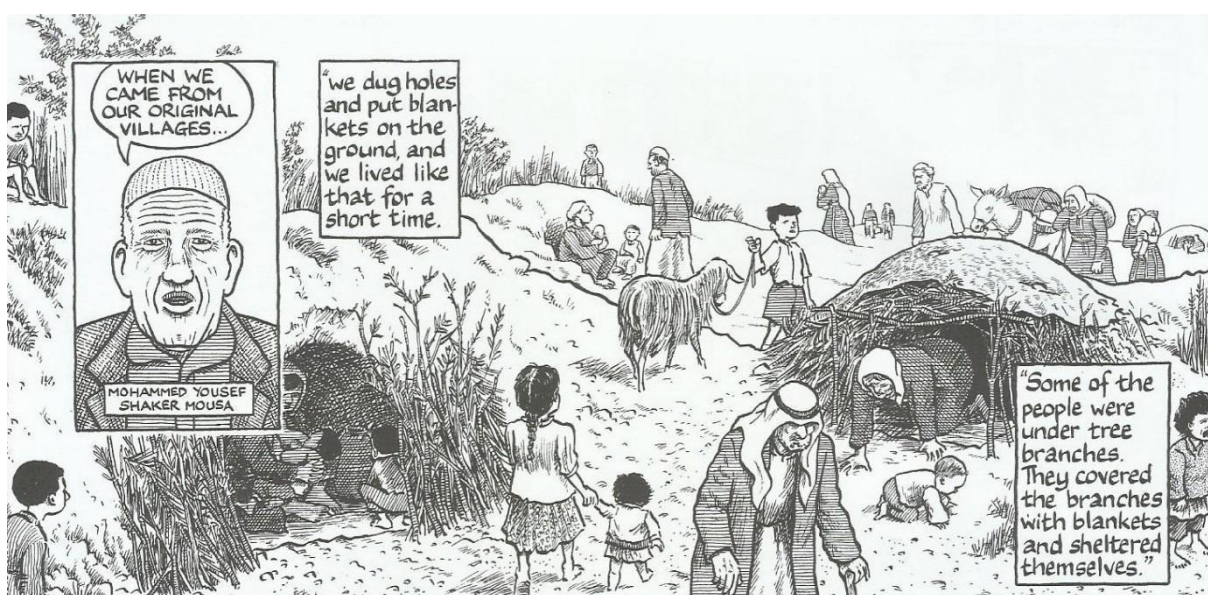
Fonte: SACCO, 2010, p. 21

Adiante, na **figura 50**, Sacco ilustra as instalações habitacionais construídas pelos palestinos em seu novo refúgio no litoral da Faixa de Gaza. No canto esquerdo da imagem,

¹⁰⁵ [No original]: “Along the way, over the course of my visits to Gaza, Abed and I collect some stories about that time when the dispossessed came here with nothing and found – what? (Tradução livre).”

observa-se uma família, composta por uma mulher e seus dois filhos residindo em uma moradia provisória, construída na encosta de um pequeno barranco de areia. Um pouco mais à direita, outra mulher, agachada, finaliza a construção de um simples barraco, edificado com galhos e coberto por algo que se assemelha a um cobertor. Ao fundo, há uma grande movimentação de pessoas, entre elas uma família carregando sacos em um animal de tração, possivelmente, representando a continuidade dos ataques israelenses às aldeias palestinas, fato esse que aumentava o número de refugiados constantemente.

Figura 50: Precariedade nas habitações dos refugiados



Fonte: SACCO, 2010, p. 22

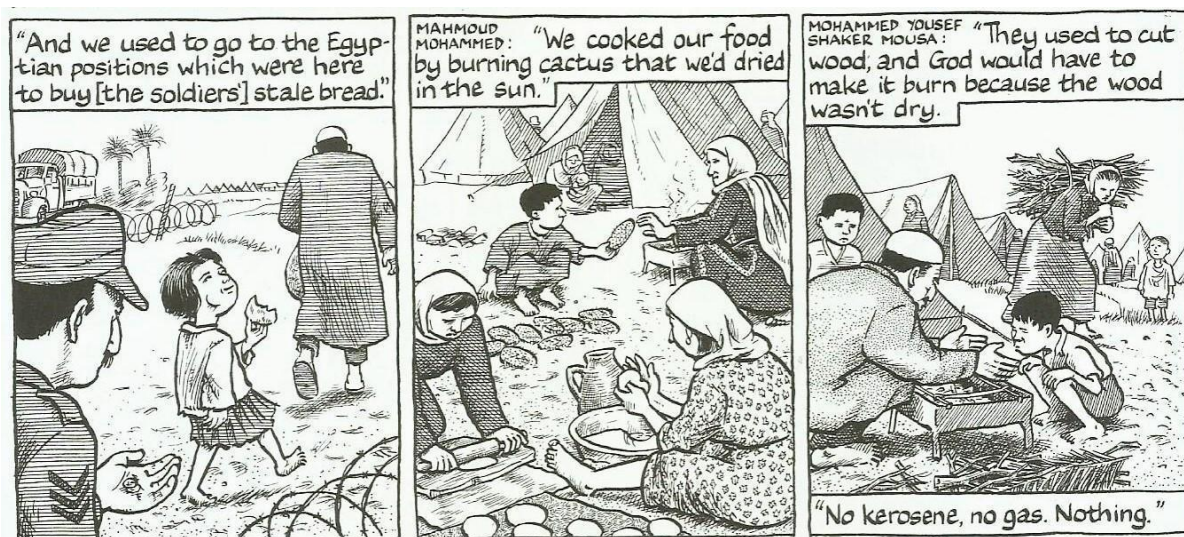
Mohammed Youssef Shaker Mousa foi o primeiro expatriado palestino a oferecer suas histórias sobre os campos de refugiados de 1948 para Sacco. Ilustrado em uma vinheta à parte, no lado esquerdo da imagem, Mohammed descreve o início do assentamento palestino em Gaza: “Cavamos buracos, estendemos cobertores no chão, e assim, vivemos por um tempo. Algumas pessoas viviam embaixo de galhos de árvores. Elas cobriam os galhos com cobertores para se abrigar¹⁰⁶” (SACCO, 2010, p.22). Possivelmente, Sacco tenha destacado esse trecho de seus relatos testemunhais para demonstrar a precariedade com que os árabes palestinos viveram no litoral da Faixa de Gaza em 1948. Além disso, vale destacar que, como se vê na **figura 50**, o quadrinista-jornalista salientou uma grande quantidade de crianças. Essa escolha, além de

¹⁰⁶ [No original]: “We dug holes and put blankets on the ground, and we lived like that for a short time. Some of people were under tree branche. They covered the branches with blankets and sheltered themselves” (Tradução livre).

destacar o expansivo crescimento populacional entre os palestinos, pode, de certa forma, aguçar os sentimentos de seus leitores ao ilustrar crianças em condições de mazela e precariedade.

Além das instalações residências precárias, ao que parece, segundo as testemunhas de Sacco, a alimentação era singela e até certo ponto improvisada. A história de Ra'esa Salm Hassan Kaloub serviu de base para as ilustrações a respeito da precariedade alimentar dos palestinos refugiados em Gaza. Conforme **figura 51**, na primeira vinheta, Ra'esa, ainda menina, após procurar metais escondidos na areia do deserto palestino, dizia que, quando encontrava algo de valor monetário, trocava por pão adormecido no acampamento dos soldados egípcios (vale lembrar que a Faixa de Gaza faz fronteira com o Egito). Além disso, na vinheta do meio, Mahmoud Mohammed recorda que os cactos secos eram utilizados pelas mulheres palestinas no lugar de lenha para o cozimento dos víveres. Por fim, na última vinheta, Mohammed Yousef Shaker Mousa afirma que, quando conseguiam lenha, em muitos casos, ela não estava seca o suficiente para o preparo dos alimentos, levando-os a acender o fogo dos fornos, também improvisados, com os cactos secos.

Figura 51: O pão adormecido



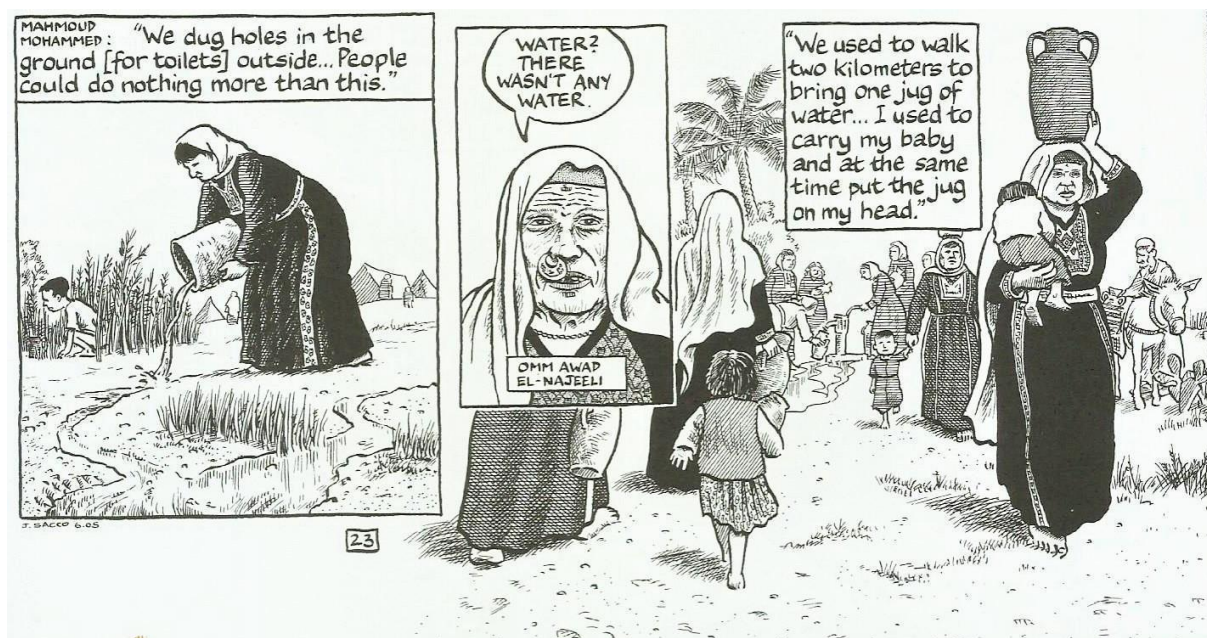
Fonte: SACCO, 2010, p.23

É importante destacar a ideia de continuidade na precária condição dos refugiados palestinos presentes neste conjunto de vinhetas. Apesar de Sacco não dizer quanto tempo havia se passado entre os relatos sobre a chegada ao litoral de Gaza (**figura 50**) e os testemunhos sobre as condições alimentares, é possível observar a presença de um caminhão na primeira vinheta, possivelmente representando a presença da ONU nos acampamentos e, nas duas

últimas vinhetas, as moradias em barracas ao invés de buracos nas encostas de barrancos.

A precariedade não se restringia às moradias e à alimentação dos desalojados palestinos. Sacco também destacou os problemas sanitários e a falta de água que os assolava no início dos campos de refugiados. Na vinheta à esquerda da **figura 52**, por meio do relato de Mahmoud Mohammed, o quadrinista-jornalista ilustra uma mulher, trajada com vestimentas típicas do povo árabe, despejando a água de esgoto nas areias do deserto. Ao fundo, um jovem palestino, de cócoras, “alivia-se” em uma moita de gramíneas, demonstrando assim a falta de infraestrutura sanitária no acampamento. Na vinheta ao lado, Sacco dá voz à Omm Awad el-Najeeli e seu relato sobre a falta de água no assentamento e a dificuldade no abastecimento hídrico entre os desterrados. Na tela em questão, ao fundo, há uma única torneira d’água para abastecer um considerável número de palestinos que, após longa caminhada em uma região seca e arenosa, abasteciam apenas um ou outro balde. Conforme Omm: “Água? Não tínhamos nem uma gota. Precisávamos andar quilômetros para conseguir uma jarra d’água... Eu carregava o meu bebê no colo enquanto equilibrava a jarra na cabeça¹⁰⁷” (SACCO, 2010, p.23).

Figura 52: Abastecimento de água



Fonte: SACCO, 2010, p. 23

Diante dessas telas, a questão é: por que enfatizar o processo de instalação dos

¹⁰⁷ [No original]: “Water? There wasn’t any water. We used to walk two kilimeters to bring one jug of water... I used to carry my baby and at the same time put the jug on my head” (Tradução livre).

palestinos desterrados na Faixa de Gaza em 1948 em uma narrativa que se pautava em esclarecer os massacres de 1956 em Khan Younis e Rafah? Ao primeiro olhar, poderíamos dizer que Sacco apresentou aos seus leitores a formação das aldeias de Khan Younis e Rafah que, menos de uma década depois, seriam palco dos massacres israelenses. No entanto, vale destacar que, no mesmo período que Sacco produzia essas páginas a respeito da *Nakbah*, em junho de 2005, já havia ocorrido o anúncio de Sharon nos EUA e o forte repúdio entre os judeus ortodoxos americanos. Concomitantemente, na imprensa estadunidense era veiculada os testemunhos de sofrimento e desespero dos colonos israelenses que, logo mais, seriam evacuados de suas terras na Faixa de Gaza. Além dos testemunhos de sofrimento e dor, disseminava-se na imprensa americana o preceito de que, ao devolverem as terras na Faixa de Gaza aos árabes, os israelenses estariam sacrificando suas terras em troca de paz.

Dessa forma, se faz necessário compreender como foi constituída e disseminada a ideia de sacrifício pela paz. Possivelmente, essa ideia pode ter surgido alguns meses antes, em outubro de 2004, quando Sharon discursou no Knesset, o parlamento de Israel, sobre os termos em que o Plano de Desengajamento seria administrado:

Para mim, essa decisão é insuportavelmente difícil. Durante meus anos como lutador e comandante, como político, deputado do Knesset, como ministro dos governos de Israel e como Primeiro-ministro, nunca enfrentei uma decisão tão difícil. Eu sei as implicações e o impacto da decisão do Knesset nas vidas de milhares de israelenses que viveram na Faixa de Gaza por muitos anos, que foram enviados para lá em nome dos governos de Israel, e quem construiu casas lá, plantou árvores e cresceu flores, e quem deu à luz a filhos e filhas, que não conheceram outra casa. Estou bem ciente do fato de que os enviei e participei desta empresa, e muitas dessas pessoas são minhas amigas. Estou bem ciente de sua dor, raiva e desespero¹⁰⁸(SHAROM apud SHALOM, 2007, p.89).

Após o discurso de Sharon para o Knesset em 2004, uma das primeiras menções a respeito do sacrifício judeu pode ser observada no trabalho de Dershowitz (2004). Na ocasião, o advogado estadunidense citava um levantamento recente, pesquisa esta não identificada pelo autor, onde afirmava que a maioria dos judeus aceitavam uma possível evacuação dos territórios ocupados em troca de paz. Além disso, ele afirmava que, como judeu, essa decisão – devolver

¹⁰⁸ [No original]: “For me, this decision is unbearably difficult. During my years as a fighter and commander, as a politician, Member of Knesset, as a minister in Israel’s governments and as Prime Minister, I have never faced so difficult a decision. I know the implications and impact of the Knesset’s decision on the lives of thousands of Israelis who have lived in the Gaza Strip for many years, who were sent there on behalf of the Governments of Israel, and who built homes there, planted trees and grew flowers, and who gave birth to sons and daughters, who have not known any other home. I am well aware of the fact that I sent them and took part in this enterprise, and many of these people are my personal friends. I am well aware of their pain, rage and despair” (Tradução livre).

as colônias judaicas na Faixa de Gaza para os palestinos – o angustiava, mas, seria necessário realizar essa “dolorosa concessão” aos árabes:

Um levantamento recente mostrou que um grande número de colonos estaria disposto a abandonar seu lar se os palestinos aceitassem a paz. E o primeiro-ministro, Ariel Sharon, anunciou em abril de 2003 que Israel estaria disposto a fazer “dolorosas concessões” em relação às colônias em troca da paz com os palestinos: “Eu sei que teremos de desfazer-nos de alguns desses lugares. Como judeu isso me angustia. Mas eu decidi fazer todos os esforços para chegar a um acordo (DERSHOWITZ, 2004, p.135).

Ao que parece, o ideal do sacrifício também esteve presente no discurso oficial do Estado. Poucos meses antes do início do projeto, em abril de 2005, o site oficial do Ministério das Relações Exteriores de Israel reiterava a necessidade do povo israelense, especialmente àqueles residentes nos assentamentos da Faixa de Gaza, em ceder suas residências em troca de paz. O texto ainda enfatiza que, apesar do trauma que possivelmente seria ocasionado pelo Plano de Desengajamento, o governo de Israel estaria determinado em aliviar a dor e o sofrimento dos judeus:

Alguns dos colonos já aceitaram o fato de que, assim como haviam respondido uma vez ao chamado do governo para construir suas casas nos territórios, agora estão sendo chamados a ceder esses territórios para promover a causa da paz. Muitos desses colonos planejam canalizar seu espírito pioneiro para construir novas casas no Negev e na Galiléia. Esperemos que o restante venha a perceber que, apesar do trauma que eles estão passando - um que o governo de Israel está determinado a aliviar, tanto quanto possível - seu sacrifício beneficiará o país como um todo e acabará por aumentar as chances de paz e segurança (ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2005, [s.p.]).

Nos meios de comunicação estadunidense, os relatos em relação ao sacrifício dos judeus tornaram-se pauta corriqueira em junho de 2005, mesmo mês em que Sacco ilustrou a *Nakbah*, e, em Israel, a Suprema Corte derrubou a última barreira legal que impedia a execução do Plano de Desengajamento, viabilizando legalmente a retirada dos colonos judeus de Gaza. Diante da aquiescência do judiciário israelense, os colonos, irritadiços com a decisão, prometeram se opor de todas as formas possíveis à retirada dos assentamentos. A respeito disso, Roy (2005, p.64) afirma que a partir da decisão da Suprema Corte, a imprensa americana dedicou considerável atenção ao sofrimento dos assentados judeus e, conseqüentemente, destinou grande parte de sua atenção aos prejuízos financeiros e psicológicos que os camponeses israelenses sofreriam no percurso da retirada de Gaza.

O objetivo de representar o sofrimento judeu, segundo a autora, consistia em humanizar os frequentes casos de violência empregues pelos colonos que se recusavam a deixar

suas terras, destacando que o Plano de Desengajamento causaria um grande “trauma nacional” ao Estado de Israel. A respeito desse assunto, Keren Tenemboim-Weinblatt (2008) salienta que os periódicos israelenses, diante da evacuação dos colonos judeus da Faixa de Gaza, insistiam na veiculação de notícias que destacavam a dor causada aos judeus por esse “trauma nacional”:

O plano foi impulsionado por considerações de segurança e demográficas, pressão internacional para fazer progresso na questão palestina e a então generalizada suposição de que não havia parceiro palestino para acordos bilaterais. Após a primeira evacuação de assentamentos judeus dos Territórios Ocupados de 1967, o plano gerou um debate acirrado na sociedade israelense. Enquanto a maioria dos israelenses apoiava consistentemente o plano, uma minoria substancial se opôs veementemente a ele, e a campanha massiva dos colonos contra a evacuação planejada cultivou o medo de que o desligamento deixaria a sociedade israelense ferida e dilacerada, constituindo assim um trauma nacional¹⁰⁹ (TENEMBOIM-WEINBLATT, 2008, p.496).

No Ocidente, é provável que o discurso adotado pela imprensa estadunidense se alinhava em vários aspectos aos editoriais israelenses sobre o “trauma nacional” causado pelo Plano de Desengajamento. Apesar da campanha de dor, sofrimento e sacrifício judeu nas páginas dos periódicos estadunidenses terem principiado em junho de 2005, possivelmente, o ápice das matérias que traziam a dor dos colonos judeus situados na Faixa de Gaza ocorreu na semana agendada para o início da evacuação de suas terras, em agosto de 2005.

Os repórteres do *The New York Times*, Joseph Berger e Robin Shulman (2005, [s.p.]), no dia 14 de agosto, assinaram a manchete intitulada “*Pain of Israel's Withdrawal From Gaza Strip Is Felt by American Jews, Too*” (A dor da retirada de Israel da Faixa de Gaza também é sentida pelos judeus americanos). Na notícia, os jornalistas descreviam os detalhes da retirada, por exemplo, que o Plano de Desengajamento retiraria 9 mil colonos judeus dos territórios ocupados e, em seguida, apresentava a opinião de outros judeus americanos em relação à saída dos colonos da Faixa de Gaza. Entre os testemunhos apresentados pelos jornalistas, o judeu americano Sharon Rudolph afirmava que Israel não deveria devolver a terra aos palestinos pelo fato de o território não pertencer aos árabes (BERGER; SHULMAN, 2005, [s.p.]). Além de relatos como esses, a reportagem realizada por Berger e Shulman (2005) destacava ainda que:

¹⁰⁹ [No original]: “The plan was driven by security and demographic considerations, international pressure to make progress on the Palestinian issue, and the then widespread assumption that there was no Palestinian partner for bilateral agreements. Being the first evacuation of Jewish settlements from the 1967 Occupied Territories, the plan generated a fierce debate within Israeli society. While the majority of Israelis consistently supported the plan, a substantial minority vehemently opposed it, and the settlers’ massive campaign against the planned evacuation cultivated the fear that disengagement would leave Israeli society wounded and torn, thus constituting a national trauma” (Tradução livre).

A partir desta semana, os judeus americanos provavelmente verão cenas dolorosas de soldados judeus expulsando colonos judeus desafiadores de suas casas e fazendas na Faixa de Gaza, quando Israel inicia sua retirada. A experiência de muitos americanos será quase tão dolorosa e desconcertante como será para os israelenses, porque as duas sociedades estão tão entrelaçadas, com as fileiras de colonos de Gaza formadas por muitos novaiorquinos transplantados e outros americanos¹¹⁰ (BERGER; SHULMAN, 2005, [s.p.]).

No dia 18 de agosto, James Bennet (2005) escreveu no *The New York Times* acerca das opiniões de alguns palestinos em relação à retirada judia da Faixa de Gaza. Em alguns casos, como o da palestina Aksham Suheil Abu al-Aaraj e do seu irmão Abdel Khader Abu al-Aaraj, trazia o sentimento de ambos sobre a evacuação israelense da Faixa de Gaza. Os irmãos Al-Aaraj diziam não sentir pena dos israelenses que deixavam suas casas. A reportagem apresentava certo desprezo e ódio do palestino que, entre outras coisas, acusava os israelenses de assassinos: "Eles não são vítimas", disse ele. "Eles são ocupantes. Eles nos expulsaram de nossas terras. Eles nos mataram¹¹¹" (BENNET, 2005, [s.p.]). Em contrapartida, destacando que até mesmo os palestinos compadeciam com a dor dos judeus, Bennet (2005) destacou a simpatia e o sentimento conflitante do Dr. Eyad Sarraj e sua esposa:

O Dr. Eyad Sarraj, um psiquiatra da Cidade de Gaza que se tornou refugiado quando menino em 1948, disse sobre a evacuação: "Isso provoca sentimentos de vitimização e uma espécie de sentimento de que todos somos vítimas de tudo isso." Ele se lembra de assistir televisão com sua esposa e amigos na terça-feira. "Uma senhora colonizadora israelense estava falando sobre que ela plantou algumas árvores, e ela queria que as pessoas de trás cuidassem delas", disse ele. Ele olhou para sua esposa, ele se lembrou. "Ela estava sorrindo", disse ele, "e ao mesmo tempo chorava. Então, isso fala sobre as emoções conflitantes¹¹²" (BENNET, 2005, [s.p.])

Enquanto as tropas israelenses retiravam os colonos judeus dos assentamentos na Faixa de Gaza, Scoot Wilson (2005), repórter do *The Washington Post*, apresentava aos leitores

¹¹⁰ [No original]: "Starting this week, American Jews are likely to see wrenching scenes of Jewish soldiers expelling defiant Jewish settlers from their homes and farms in the Gaza Strip, as Israel begins its pullout there. The experience for many Americans will be almost as painful and perplexing as it will be for Israelis, because the two societies are so interwoven, with the Gaza settlers' ranks made up of many transplanted New Yorkers and other Americans" (Tradução livre).

¹¹¹ [No original]: "They are not victims," he said. "They are occupiers. They kicked us out of our land. They killed us" (Tradução livre).

¹¹² [No original]: "Dr. Eyad Sarraj, a psychiatrist in Gaza City who was made a refugee as a boy in 1948, said of the evacuation, "It provokes feelings of victimization and a kind of feeling we are all victimized by the whole thing." He recalled watching television with his wife and friends on Tuesday. "One Israeli settler lady was talking about that she planted some trees, and she wanted the people behind to look after them," he said. He looked over at his wife, he remembered. "She was smiling," he said, "and at the same time she had tears. So it tells you about the conflicting emotions." (Tradução livre).

os cuidados dispensados pelo governo de Israel em relação aos preparativos da evacuação dos colonos judeus. De acordo com Wilson (2005), apesar de alguns resquícios de revoltosos judeus, que pretendiam bloquear com barricadas improvisadas a passagem que dava acesso aos assentamentos na Faixa de Gaza, os soldados israelenses conseguiram espalhar panfletos entre os assentados avisando-os sobre a realização da operação de retirada dos assentamentos. Em relação aos soldados que efetuariam a operação, o repórter descreveu que, devido à situação delicada e sensível envolvendo o Plano de Desengajamento, ou seja, o fato de soldados judeus expulsarem colonos judeus de suas casas, os 450 soldados da 2ª Companhia do Batalhão Shancar haviam sido treinados incessantemente para esse dia.

Também para o *The Washington Post*, o jornalista Jefferson Morley (2005, [s.p.]) esclarecia aos leitores americanos alguns dos benefícios que o sacrifício judeu oportunizou para os israelenses. Segundo o repórter, além de desafogar as Forças de Defesa de Israel que, frequentemente, entravam em litígio armado contra os homens do Hamas, o desmantelamento dos assentamentos na Faixa de Gaza oportunizaria ao Estado de Israel intensificar suas forças armadas no controle da Cisjordânia, local onde vive a maioria da população árabe palestina (MORLEY, 2005, [s.p.]). Ao contrário da maioria das reportagens que haviam sido veiculadas neste período, a matéria de Morley (2005) apresentava alguma compensação para aqueles que sacrificaram seu pedaço de terra em nome da paz com os árabes. Sendo assim, apesar de destacar o sacrifício, mesmo de maneira mais tímida, os meios de comunicação americanos passaram também a ventilar o auxílio financeiro que os Estados Unidos dispunham para indenizar os colonos israelenses.

Essas tímidas menções à imediata ajuda financeira americana aos colonos israelenses foram observadas e, possivelmente, argumentadas por Sacco nas páginas de *FinG*. De acordo com a perspectiva narrativa construída por Sacco – mediante relato dos refugiados –, as condições relacionadas à moradia, à alimentação e aos problemas sanitários que assolavam os refugiados palestinos na Faixa de Gaza em 1948 só obtiveram melhorias consideráveis quase dois anos depois, com a chegada das Nações Unidas ao território. Sendo assim, enquanto a dor pela qual os judeus foram expostos com o Plano de Desengajamento recebeu quase que imediata ajuda de um parceiro internacional, por outro lado, na narrativa produzida por Sacco, os palestinos conviveram por dois anos com a falta de abastecimento hídrico e com a falta de moradias até que a ajuda internacional se consolidasse nos territórios ocupados.

Na **figura 53**, na vinheta à direita, observa-se o caminhão de suprimento da ONU, abastecido de mantimentos, em sua chegada ao acampamento. Ao seu redor, crianças, homens

e mulheres o acompanham até a sede da instituição. À direita, a bandeira tremulante das Nações Unidas simboliza a presença da Organização na região. Ao mesmo tempo, a flâmula hasteada contrasta com o horizonte de barracas improvisadas, levantada pelos refugiados palestinos no litoral da Faixa de Gaza. No balão recordatório, o quadrinista-jornalista informa que “A UNRWA foi criada em 1949 para socorrer os refugiados palestinos, e em 1950 assumiu o trabalho que até então era realizado pelos Quacres¹¹³” (SACCO, 2010, p.24).

Figura 53: ONU na Palestina



Fonte: SACCO, 2010, p. 24

¹¹³ [No original]: “UNRWA was established in late 1949 to provide for the palestinians refugees and it took over from the Quackers in 1950” (Tradução livre).

Na linha de vinhetas inferiores, verifica-se os relatos de palestinos sobre a construção de torneiras e banheiros improvisados, resolvendo parcialmente o problema nos assentamentos. Mohammed Yousef Shaker Mousa, em relato a Sacco, afirma que “Eles (UNRWA) construíram banheiros. Uma porta de um lado para as mulheres, e do outro, uma para os homens. Para entrar nesses banheiros era preciso usar sapatos altos para não afundar o pé na água de esgoto¹¹⁴” (SACCO, 2010, p.24). De acordo com essa perspectiva enunciada por um dos palestinos entrevistados por Sacco, com a chegada das Nações Unidas, pode-se dizer que a UNRWA resolveu parcialmente as questões relacionadas ao abastecimento de água e às necessidades sanitárias dos expatriados. Podemos dizer que os problemas foram parcialmente resolvidos, pois, como afirma Said (2012), quando instituída, a UNRWA tinha como objetivo favorecer o retorno dos refugiados às suas terras, objetivo esse nunca alcançado:

Órgãos internacionais como a UNRWA foram criados para auxiliar no problema específico dos refugiados palestinos em seus principais locais de exílio, embora seu principal objetivo sempre foi manter os palestinos a um passo da independência política; a política da UNRWA estava em harmonia com a resolução anual da Assembleia Geral da ONU que exigia que Israel aceitasse de volta os refugiados, mas a exigência foi feita em bases humanitárias um tanto neutras, a um passo do reconhecimento de que palestinos e israelenses se opõem em questões nacionais e políticas (SAID, 2012, p.151).

Dessa forma, o dilema específico dos palestinos estaria menos relacionado com a organização de uma infraestrutura básica de condições humanas do que o favorecimento ao retorno dos refugiados para suas casas. Segundo Pappé, (2011c), os árabes palestinos enfrentaram o inverno de 1948 nas cabanas improvisadas, que mais tarde se transformariam em suas residências permanentes, aguardando esperançosos a concretização da proposta de retorno à Faixa de Gaza, colocada na mesa de discussões pela ONU e pela UNRWA:

Os refugiados palestinos passaram o inverno de 1948 em acampamentos fornecidos por agências de voluntários. A maioria desses locais se tornaria suas residências permanentes. As tendas foram substituídas por cabanas elegantes que se tornaram uma característica familiar da existência palestina no Oriente Médio. A única esperança para esses refugiados na época era aquela oferecida pela Resolução 194 da UN (11 de dezembro de 1948), prometendo-lhes um retorno rápido para suas casas. Esta é uma das muitas

¹¹⁴ [No original]: “They built groups of toilets. A door for the women, and the other side a door for the men. Anyone entering these toilets should wear high shoes otherwise hed sink in the water and sewage” (Tradução livre).

promessas feitas pela comunidade internacional aos palestinos e que permanece por cumprir até hoje¹¹⁵ (PAPPÉ, 2011c, p.63).

Além das pequenas melhorias na infraestrutura nos campos de refugiados, os palestinos que se refugiaram para a Faixa de Gaza conviviam com a falta de apoio dos vizinhos árabes. No Líbano, por exemplo, por conta do medo da população cristã no país, que olhava com desconfiança o expansivo crescimento de árabes muçulmanos, o governo libanês decidiu não oferecer cidadania aos palestinos com as ressalvas de que a ONU devolveria em pouco tempo a terra aos refugiados (GATTAZ, 2003, p.157). Diante deste quadro, ao que parece, além de conviverem com a recusa de asilo ou ajuda por parte seus vizinhos durante os anos iniciais da *Nakbah*, os expatriados palestinos de 1948 esperavam, desde a chegada da UNRWA ao campo de refugiados, o retorno à suas terras na Faixa de Gaza.

Diante deste quadro, por qual motivo Sacco representou as minguadas colaborações que os primeiros refugiados palestinos receberam nos campos de refugiados? Posto o problema dos refugiados palestinos em Gaza e o apoio parcial das Nações Unidas, é possível que Sacco tenha ilustrado esse recorte para contrapor a imediata ajuda financeira que o governo dos Estados Unidos havia oferecido aos colonos judeus que evacuariam à Faixa de Gaza. Ou seja, enquanto os palestinos de 1948 receberam pouco ou quase nenhuma contribuição internacional de imediato, tanto de seus vizinhos árabes como também da incipiente Nações Unidas, por outro, enquanto o Plano de Desengajamento era executado, os colonos judeus, que haviam sido convidados a realizar seu sacrifício pela paz no Oriente Médio receberiam indenizações que permitiria viver com o padrão de vida análogo ao que tinham nos assentamentos em Gaza.

Concomitante à produção dessas páginas de *FinG*, a notícia veiculada nos meios de comunicação impresso nos Estados Unidos debatia a ajuda financeira oferecida pelos americanos aos colonos judeus que futuramente seriam desapropriados de suas residências. Em julho de 2005, Greg Myre (2005b), repórter do *The New York Times*, afirmava que Israel, destinatário tradicional da ajuda economia estadunidense, buscava junto ao governo de Washington a contribuição de 2 bilhões de dólares que seriam destinados à reconstrução das moradias dos assentados judeus realocados para o deserto de Negev e na Galiléia. Myre (2005b) ainda pontuava que sua fonte, um alto funcionário israelense, solicitava anonimato, pois as

¹¹⁵ [No original]: “The Palestinian refugees spent the winter of 1948 in tent camps provide by volunteer agencies. Most of these locations were to become their permanente residences. The tends were replaced by cly huts that became a familiar feature of Palestinian existence in the Middle East. The only hope for these refugees at the time was the one offered by UM Resolution 194 (December 11, 1948), promising them a speedy return to their homes. This is one of many pledges made by the international Community to the Palestinians that remains unfulfilled to this day (Tradução livre).

negociações estavam em andamento entre os dois Estados. Por fim, o repórter trazia números referentes aos valores que cada família judia, desapropriada da Faixa de Gaza, receberia com o intuito de manter o padrão de vida após a evacuação:

As autoridades israelenses estimaram o custo da retirada, incluindo a mudança e indenização dos colonos, e as operações realizadas pelas forças de segurança em US \$ 1,7 bilhão. Segundo a fórmula de compensação do governo, espera-se que muitas famílias recebam de US \$ 200.000 a US \$ 300.000, com o objetivo de reproduzir seu padrão de vida em Gaza¹¹⁶ (MYRE, 2005b, [s.p.])

Um mês depois, em agosto de 2005, a suposta assistência financeira individual, estimada entre as cifras de US \$ 200.000 e US \$ 300.000 aos camponeses israelenses que se retiravam por vontade própria da Faixa de Gaza se concretizava. De acordo com a notícia publicada por Archile Tse (2005), na esteira da execução e da retirada dos primeiros colonos previstos no Plano de Desengajamento, além de frisar que as primeiras famílias israelenses já solicitavam junto ao governo de Tel Aviv a indenização pela evacuação, o teto da cota havia aumentado US \$ 100.000 por família, passando para US \$ 400.000, ao invés dos US \$ 300.000 calculados inicialmente:

Mais da metade das famílias afetadas pediram indenização ao governo e algumas já estão se mudando para novas comunidades, de acordo com Haim Altman, porta-voz da agência governamental responsável pela realocação de colonos. Sob o programa de compensação, muitas famílias receberão de \$ 200.000 a \$ 400.000” (TSE, 2005, [s.p.])

Aparentemente, enquanto a imprensa americana veiculava que o governo dos EUA tinha direcionado sua atenção à dor e ao sofrimento dos colonos judeus que, no Plano de Desengajamento, barganharam suas terras por paz, em contrapartida, Sacco ilustrava a precariedade experimentada pelos palestinos em 1948, período conhecido pelos árabes como *Nakbah*. Dentre as contrariedades enfrentadas pelos palestinos, o quadrinista-jornalista destacou as dificuldades alimentares, habitacionais e fisiológicas. Além disso, em contraste com a imediata indenização que os colonos judeus receberam da comunidade internacional, especialmente dos Estados Unidos, é possível que Sacco tenha ilustrado a tardia chegada das Nações Unidas nos primeiros campos de refugiados palestinos e, conseqüentemente, a resolução parcial das contrariedades dos árabes, estabelecendo comparações entre o sofrimento

¹¹⁶ [No original]: “Israeli officials have estimated the cost of the withdrawal, including moving and compensating the settlers, and operations carried out by the security forces, to be \$1.7 billion. Under the government's compensation formula, many families are expected to receive \$200,000 to \$300,000, which is intended to replicate their standard of living in Gaza” (Tradução livre).

dos palestinos durante a *Nakbah* e o sacrifício dos judeus pela paz em 2005. Sendo assim, contrastando essas duas situações, o passado palestino de 1948 e a evacuação judaica de 2005, Sacco possa ter levantado a questão de qual povo se sacrificou mais pela paz na Terra Santa.

3.3. OS VELHOS/NOVOS PROBLEMAS: ECONOMIA, MORADIA E TRABALHO NOS CAMPOS DE REFUGIADOS

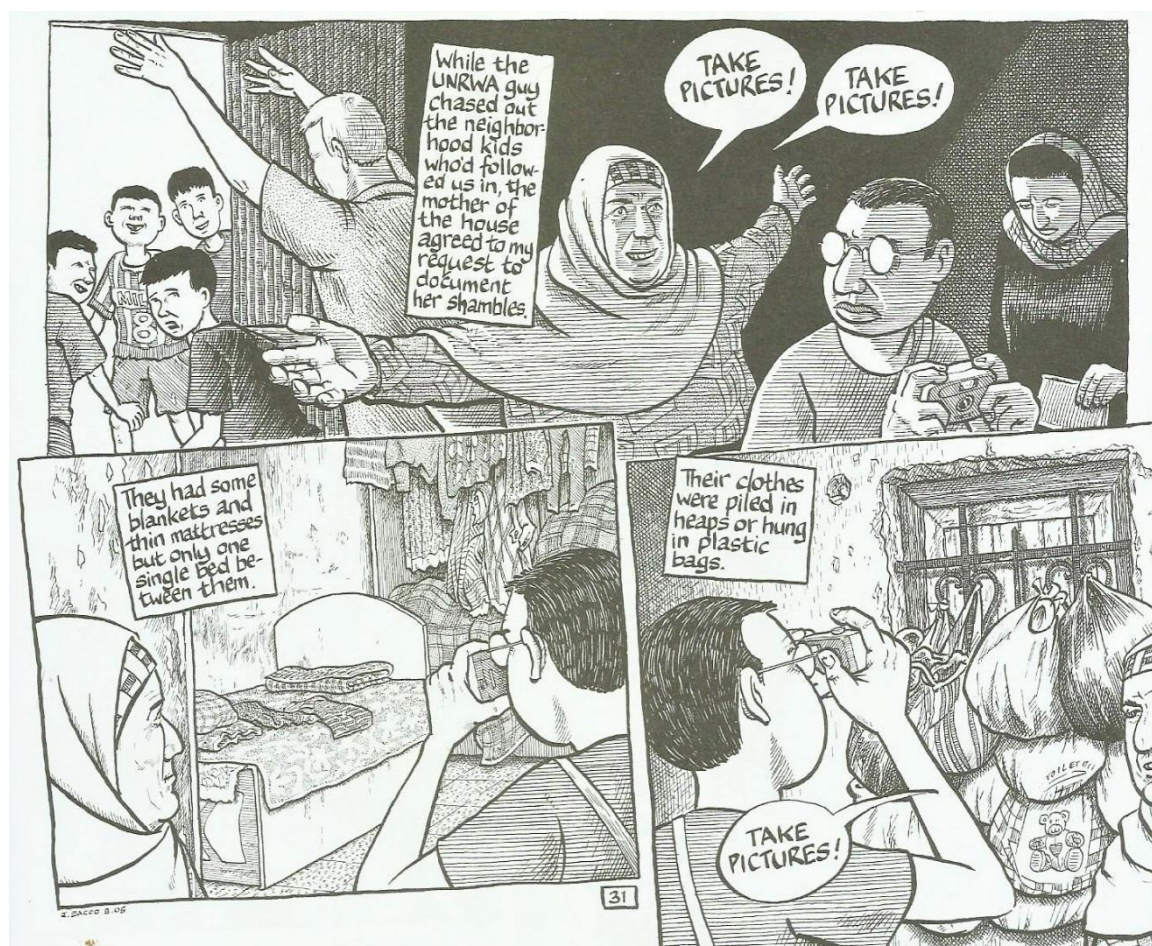
Além do embate sobre o sacrifício judeu e a *Nakbah*, os problemas econômicos e sociais que se agravariam na Faixa de Gaza caso o plano fosse executado podem ter sido apresentados de forma implícita por Sacco nas páginas de *FinG*. Entre maio e agosto de 2005, alguns observadores das Nações Unidas avaliavam as consequências sociais na, já fragilizada, economia palestina caso a retirada dos colonos e da infraestrutura produtiva e energética israelenses da Faixa de Gaza se concretizasse. Enquanto isso, defensores do Plano de Desengajamento, entre eles os representantes governamentais de Israel e EUA, propagandeavam as benesses decorrentes do projeto, no caso, a instituição de um Estado independente palestino e a promoção da paz e da democracia no Oriente Médio (ROY, 2005, p.65). Ao que parece, não havia consenso entre os observadores da ONU e os representantes americanos e israelenses sobre os benefícios e malefícios que o Plano de Desengajamento poderia repercutir à sociedade de árabes que retornaria, após quatro décadas, aos territórios ocupados.

Ao mesmo tempo em que se discutia o futuro da Faixa de Gaza após o Plano de Desengajamento, Sacco produzia às páginas que compunham o capítulo “The only option” (A única opção) que ilustra a precariedade socioeconômica dos habitantes de Khan Younis. Diferente dos capítulos que o antecedem, nos quais apresentou narrativas sobre o passado do conflito, o capítulo em questão se baseia nas próprias impressões do autor sobre os eventos do presente, como a demolição das casas palestinas situadas na fronteira com o Egito, em 2003. Apesar de ilustrar o testemunho sobre o presente, vale destacar que “The only option” é o capítulo que sucede a explicação de Sacco sobre a formação dos primeiros agrupamentos nos campos de refugiados na Faixa de Gaza (“Mud, tents, bricks”), deixando aos leitores a impressão de permanência entre as precárias condições nos campos de refugiados, principiadas em 1948, com as condições socioeconômicas dos palestinos em 2003.

No início do capítulo, o quadrinista-jornalista está na companhia de um agente da UNWRA e, ao percorrerem um dos bairros que constituem os bolsões de pobreza da Faixa de

Gaza, visitam uma família de palestinos. Enquanto caminhava em direção à residência da família que visitaria com o agente da ONU, Sacco destacava algumas transformações geográficas que aconteceram nos campos de refugiados, contrastando a situação descrita por suas testemunhas de 1948 (quando as Nações Unidas chegaram pela primeira vez aos campos oferecendo ajuda humanitária) e a atualidade. Além de salientar como o campo foi crescendo de forma improvisada ao longo de meio século, o quadrinista-jornalista deixa claro estar no meio das pessoas mais pobres de Gaza, denominados pelos agentes das Nações Unidas como “casos periclitantes”: “Os mais pobres entre os pobres são considerados ‘casos periclitantes’ pela UNRWA – existem quase 13 mil deles apenas em Khan Younis¹¹⁷” (2010, p.30).

Figura 54: Tire fotos!



Fonte: SACCO, 2010, p. 30

A condição de pobreza extrema destacada por Sacco pode ser observada na **figura**

¹¹⁷ [No original]: “The poorest of the poor are designated hardship cases by UNRWA – there are almost 13.000 of them in Khan Younis alone” (Tradução livre).

54. Na vinheta à esquerda, enquanto o agente da UNRWA dispensava os curiosos que se acumulavam na porta da casa, a anfitriã, de maneira incisiva, ordenava ao quadrinista-jornalista que fotografasse sua residência. Inicialmente, ao ilustrar uma telha de fibrocimento ondulada servindo de porta para a casa, Sacco demonstra seu olhar sobre como são as condições precárias e improvisadas em que essas habitações são construídas. Enquanto ele observa a casa, a matriarca da família insiste para que Sacco, munido de sua câmera, fotografe os mínimos detalhes dos dois únicos cômodos que compõem a residência. Possivelmente, a ilustração da mulher palestina que, insistentemente solicita ao quadrinista-jornalista que tire fotos de sua casa, pode ser traduzido como a insistência do próprio autor para que o leitor perceba e, se possível, simpatize com a miséria experimentada pela comunidade palestina refugiada em Gaza.

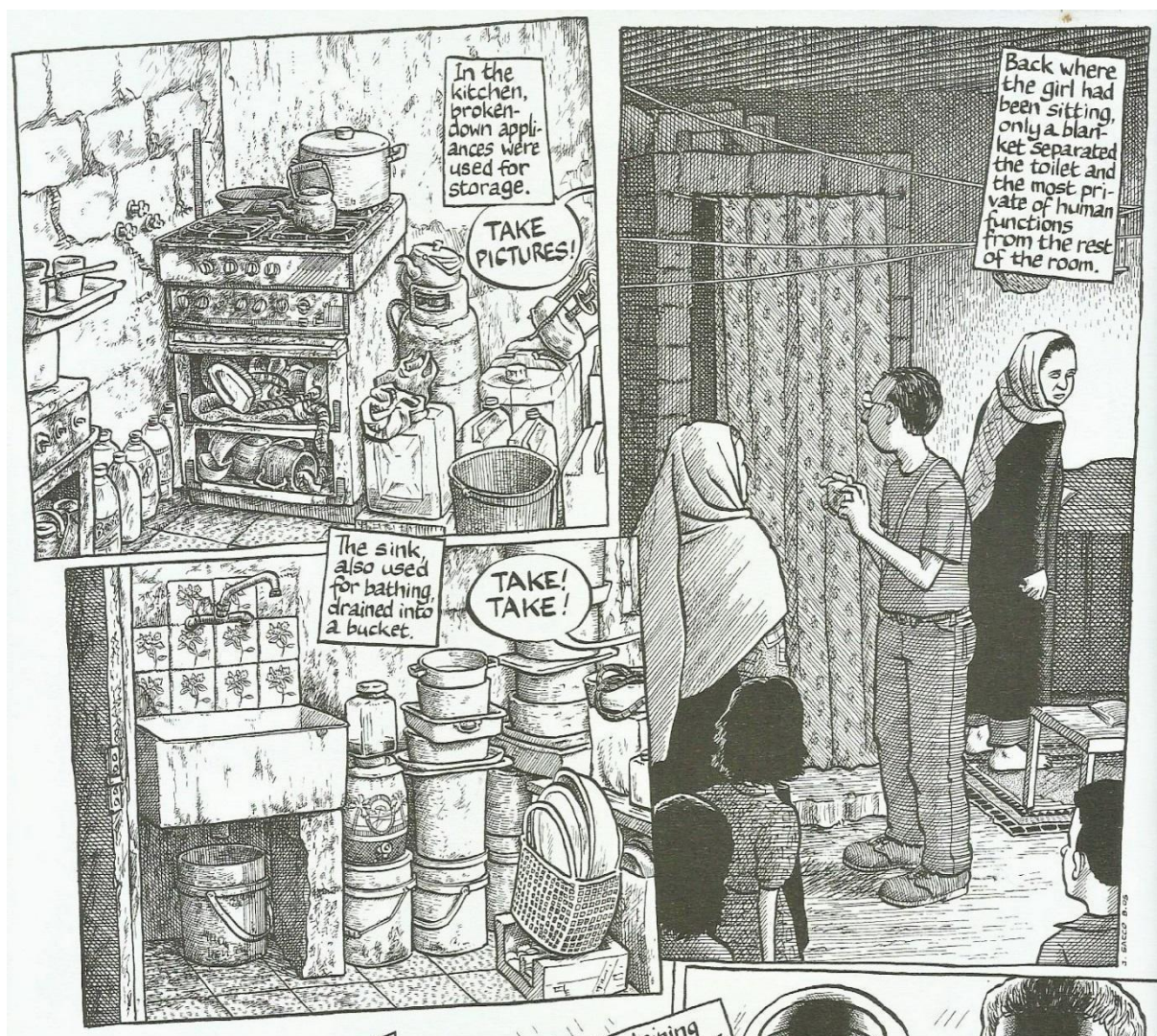
Nas vinhetas de baixo, Sacco se autorrepresenta no ato de fotografar os detalhes da residência. Em sua primeira vinheta/fotografia, ele destaca a presença de alguns cobertores e um colchão fino em cima de uma cama e, em seguida, esclarece aos leitores que havia somente esta cama para os doze membros da família. Depois, enquanto a matriarca ainda insistia para que ele tirasse mais fotos da residência, em uma segunda vinheta/fotografia, Sacco salienta a inexistência de um guarda-roupas, fazendo com que a família guardasse suas vestes dentro de sacolas plásticas penduradas na janela.

As vinhetas/fotografias não pararam por aí. Do quarto improvisado Sacco se deslocou para o cômodo que, ao que tudo indica, servia de cozinha, sala e banheiro da residência. Na **figura 55**, as duas vinhetas à esquerda condizem com as vinhetas/fotografias da cozinha da família. Em gravuras extremamente tracejadas, possivelmente com intuito de apresentar zonas sombreadas no desenho, salientando a falta de iluminação adequada, irrompe ao centro da imagem um fogão quebrantado, despossuído da porta frontal do forno e rodeado de galões plásticos e antigas painéis. Aparentemente, o eletrodoméstico, despossuído de sua antiga função de preparar e assar as refeições, passou a exercer a função de acondicionar alguns alimentos não perecíveis e outros utensílios domésticos em seu interior.

Na vinheta de baixo, Sacco destaca outro objeto doméstico, no caso, a pia da cozinha. Rodeada de galões e outros utensílios domésticos, além de perder algumas unidades do azulejo florido que antigamente decoravam a parede onde fica localizada a torneira, a pia possui em sua base um balde que, aparentemente, tem por objetivo reter o líquido utilizado na lavagem da louça que, em ocasião futura, será reutilizado para a higiene pessoal. A ilustração de um balde ao invés do encanamento habitual encontrado em pias domésticas, possivelmente

representa a falta de saneamento básico nas residências que compõem as zonas “periclitantes” da Faixa de Gaza.

Figura 55: Um “caso periclitante”



Fonte: SACCO, 2010, p. 31

Por fim, à direita, Sacco ilustra algumas crianças e a filha mais velha da matriarca da casa. Esta última, aparentemente sem êxito, tentava estudar em uma mesa improvisada no centro da sala. Diante dessa cena, e agarrado à sua câmera fotográfica, Sacco se depara com o banheiro que era separado da sala apenas por um cobertor. Porventura, ao ilustrar a falta de uma porta que separe o banheiro da sala, Sacco pode ter reafirmado aos leitores a precariedade dos “casos periclitantes”, pois, adjacente à latrina da casa, a jovem palestina tentava estudar em um cômodo abarrotado de pessoas. A respeito disso, Pappé (2001d, p.173-174) afirma que desde

1967 Israel forçava a precarização das condições básicas de vida dos habitantes árabes palestinos que viviam na Faixa de Gaza, transformando a região em um grande gueto. Dessa forma, por qual motivo Sacco produziria um conjunto de vinhetas que, entre outras coisas, destacavam o processo de transformação dos campos de refugiados em um grande gueto e a precariedade econômica e social das famílias palestinas que vivem nas zonas mais pobres da Faixa de Gaza?

A respeito dessa indagação, faz-se necessário compreender a preocupação de alguns representantes das Nações Unidas em relação à economia palestina caso o Plano de Desengajamento fosse executado. Enquanto essas páginas recebiam os primeiros traços no estúdio de Sacco, representantes e diplomatas das Nações Unidas debatiam a manutenção e o controle das fronteiras marítimas, aéreas e terrestres da Faixa de Gaza, áreas essas cujo governo de Israel pretendia manter em seus domínios mesmo após a evacuação do território. Na teoria, o Plano de Desengajamento previa que o Estado de Israel evacuasse do território da Faixa de Gaza seus habitantes, o seu exército e a infraestrutura econômica. Não obstante, na prática, os israelenses objetivavam manter o domínio sob o perímetro externo de Gaza, incluindo o controle sobre os portos marítimos e o espaço aéreo, impedindo assim o trânsito de pessoas e mercadorias à Faixa de Gaza:

Quanto à situação de Gaza pós-desligamento, o plano estipula que Israel continuará a "supervisionar e guardar o envelope externo em terra, manterá controle exclusivo no espaço aéreo de Gaza e continuará a conduzir atividades militares no espaço marítimo do Faixa de Gaza"(Artigo III, seção A, ponto 1). O plano afirma que o envelope externo pode eventualmente ser evacuado ("dependendo, entre outras coisas, da realidade de segurança") e prevê examinar a possibilidade de estabelecer um porto marítimo e um aeroporto lá "se e quando surgirem condições para a evacuação desta área" (Artigo IV). Se o envelope de segurança for mantido, entretanto, Israel ainda se qualificará como a potência ocupante sob o padrão de Haia aceito internacionalmente, na medida em que ainda estará exercendo controle militar efetivo da Faixa. A retenção de Israel do controle efetivo sobre a área como consequência de seu controle contínuo do "envelope de segurança" de Gaza é geralmente reconhecida, mesmo dentro do estabelecimento legal de Israel, como inconsistente com uma reivindicação pelo fim da ocupação¹¹⁸ (AROSON, 2005, p.51).

¹¹⁸ [No original]: "As for Gaza's situation post-disengagement, the plan stipulates that Israel will continue to "supervise and guard the external envelope on land, will maintain exclusive control in the air space of Gaza, and will continue to conduct military activities in the sea space of the Gaza Strip" (Article III, section A, point 1). The plan does state that the external envelope may eventually be evacuated ("contingent on, among other things, the security reality") and envisages examining the possibility of establishing a seaport and an airport there "if and when conditions emerge for the evacuation of this area" (Article IV). If the security envelope is retained, however, Israel would still qualify as the occupying power under the internationally accepted Hague standard insofar as it would still be exercising effective military control of the Strip. Israel's retention of effective control over the area

Dessa forma, de acordo com Arosón (2005), a curto prazo, a manutenção temporária do espaço aéreo e marítimo da Faixa de Gaza e, ao mesmo tempo, a abstenção da manutenção das condições sociais e econômicas por parte do governo de Tel Aviv para com os habitantes palestinos que permaneceriam no território, impossibilitaria a reconstrução econômica da Palestina. Sendo assim, mesmo abrindo mão do controle social e econômico sobre o território, os israelenses não abriam mão do controle das fronteiras. Nessa entoad, as previsões e os cálculos de economistas apontavam que, em poucos meses, caso os israelenses impedissem a administração palestina nos aeroportos e portos marítimos no território que seria devolvido, inibiria o escoamento de mercadorias e a importação de matéria prima produzida pelos árabes palestinos, dificultando o desenvolvimento econômico e social na região e, conseqüentemente, agravando ainda mais os problemas econômicos da Faixa de Gaza (PETERS, 2010, p.38).

Nas Nações Unidas, a preocupação em relação a esse estado de coisas pode ser traduzida nas palavras da comissária-geral da UNRWA, Karen Koning AbuZayd. Em maio de 2005, a comissária afirmava que a economia palestina não sobreviveria somente com doações externas, visto que, diante da impossibilidade de conexões comerciais com o mundo externo, os palestinos seriam prejudicados, minando qualquer tentativa de florescimento econômico na Palestina:

No entanto, os doadores da UNRWA disseram que mesmo grandes quantias de ajuda internacional não ajudariam os dois terços de Gaza que vivem na pobreza abjeta, a menos que os palestinos tivessem acesso melhorado ao mundo exterior. Karen Koning AbuZayd, Comissária-geral em exercício da UNRWA, disse: “Se as fronteiras forem abertas, se as ligações internacionais puderem ser criadas e as empresas puderem florescer, então o desligamento tem o potencial de fazer uma diferença real na vida dos palestinos. Mas se não, a situação humanitária permanecerá deprimente¹¹⁹ (UNRWA, 2005, [s.p.]”

Sendo assim, mesmo com a continuidade nas doações financeiras externas, os habitantes da região ainda necessitariam exercer a soberania sob o território para assim solidificar seu incipiente mercado externo. A despeito desses obstáculos, alguns anos depois da

as a consequence of its continuing control of Gaza’s “security envelope” is generally recognized, even within Israel’s legal establishment, as inconsistent with a claim to end occupation.” (Tradução livre).

¹¹⁹ [No original]: “However, UNRWA told donors that even large amounts of international aid would not help the two-thirds of Gaza that lives in abject poverty unless Palestinians were given much-improved access to the outside world. Karen Koning AbuZayd, UNRWA’s Acting Commissioner-General, said: “If borders open, if overseas links can be created and enterprise is allowed to flourish, then the disengagement has the potential to make a real difference to Palestinian lives. But if not, then the humanitarian situation will remain depressingly bleak.” (Tradução livre).

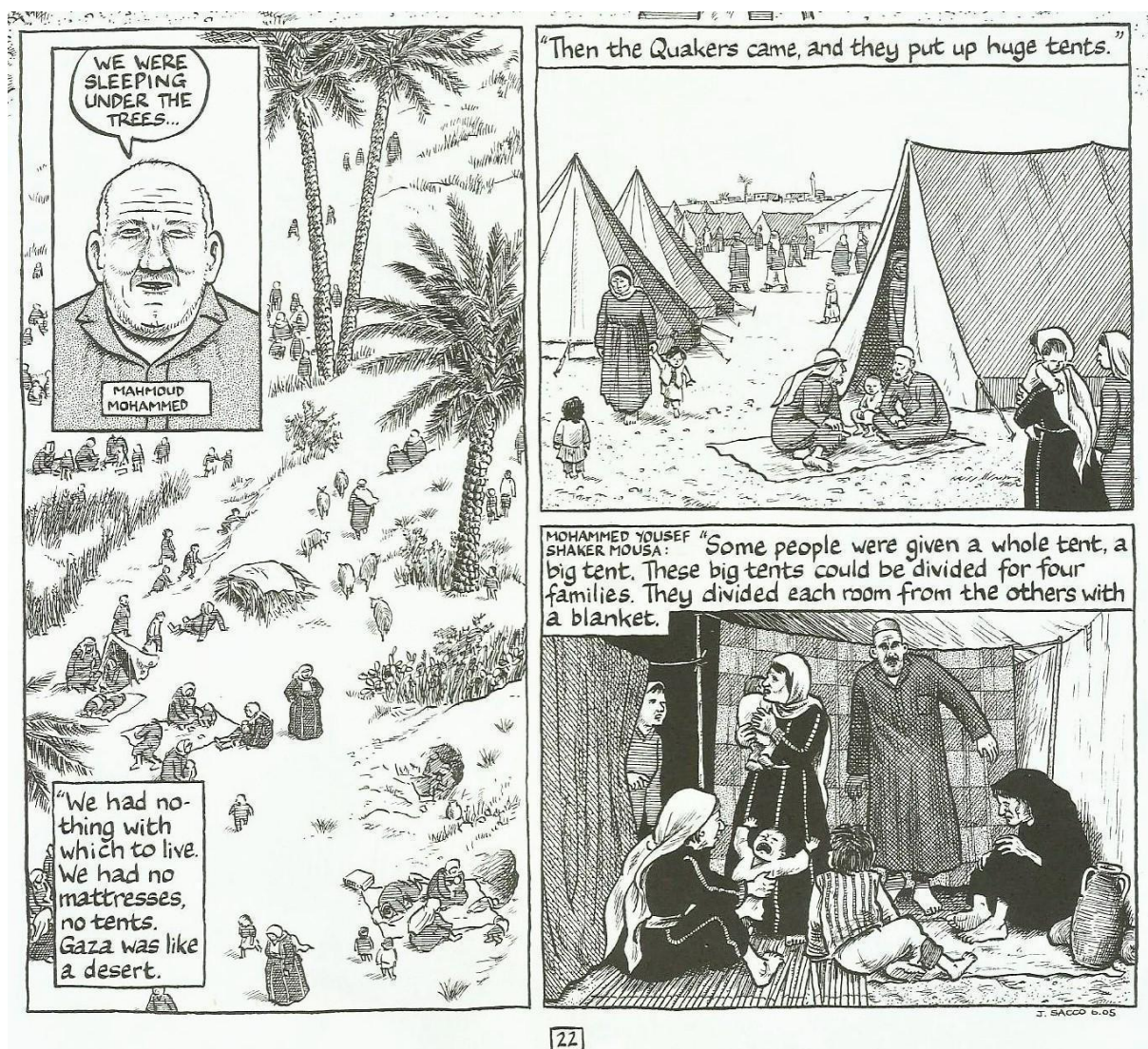
execução do Plano de Desengajamento e já na esteira de uma grave crise econômica, Peters (2010, p.38) afirma que somente uma política de planejamento econômico e demasiada colaboração internacional poderiam sanar as dificuldades palestinas naquela ocasião. Vale destacar que houve um programa de planejamento econômico para estabilizar a economia gazeana durante a transição, conforme os moldes apontados por Peters (2010). Na época, James D. Wolfensohn, então diretor do Banco Mundial, com aval das Nações Unidas e a colaboração de doadores externos, estruturou uma equipe de especialistas cujo objetivo consistia em planejar a implementação estratégica de recursos e, conseqüentemente, a construção da infraestrutura palestina para a retomada da economia gazeana. No entanto, apesar de todo o esforço da equipe conduzida por Wolfensohn para estabilizar a economia da Faixa de Gaza, a Palestina entrou em uma grave crise financeira após o desligamento de Israel da região (SAMHOURI, 2006, p.2).

Nos Estados Unidos, nas raras ocasiões em que as páginas dos periódicos impressos estadunidenses veicularam notícias a respeito da situação econômica da Palestina, a iniciativa do Banco Mundial era noticiada como um extenso projeto em que as Nações Unidas, em parceria com os EUA, objetivavam a reconstrução da infraestrutura da economia palestina. Na matéria assinada por Steven R. Weisman (2005), *“Effort to Raise \$3 Billion for Palestinians in Post-Israel Gaza”* (Esforços para arrecadar US\$ 3 bilhões para palestinos em Gaza pós-Israel), o jornalista anunciava os esforços da comunidade internacional, em parceria com o governo Bush, para o custeio de US\$ 3 bilhões aos palestinos. Além disso, o repórter ainda destacava a destinação dessa verba para construção de um porto marítimo, informação essa que contrastava com as próprias diretrizes israelenses previstas no “envelope de segurança”, a qual impedia os palestinos de exercerem autonomia sobre os aeroportos e portos da Faixa de Gaza:

WASHINGTON, 16 de junho - O governo Bush está trabalhando com James D. Wolfensohn, o ex-presidente do Banco Mundial, e com palestinos, outros líderes árabes e europeus para montar um grande novo pacote de ajuda internacional para áreas palestinas após a retirada de Israel de Gaza e outras autoridades. O pacote, que algumas autoridades disseram que poderia chegar a US \$ 3 bilhões em três anos, complementaria cerca de US \$ 1 bilhão por ano já dado pelos Estados Unidos e outros para a Autoridade Palestina. Seria para projetos específicos em Gaza, incluindo um porto marítimo, passagens de fronteira e outras infraestruturas. A secretária de Estado, Condoleezza Rice, que parte para Israel na sexta-feira, deve discutir o pacote em sua viagem ao Oriente Médio e, em seguida, trabalhar com Wolfensohn para apresentar a proposta aos chanceleres das principais nações industrializadas quando se reunirem em Londres em uma semana¹²⁰ (WEISMAN, 2005, [s.p.]).

¹²⁰ [No original]: “WASHINGTON, June 16 - The Bush administration is working with James D. Wolfensohn, the former World Bank president, and with Palestinian, other Arab and European leaders to assemble a large new international aid package for Palestinian areas after Israel's disengagement from Gaza, American and other

Figura 56: Desenvolvimento das residências palestinas



Fonte: SACCO, 2010, p. 22

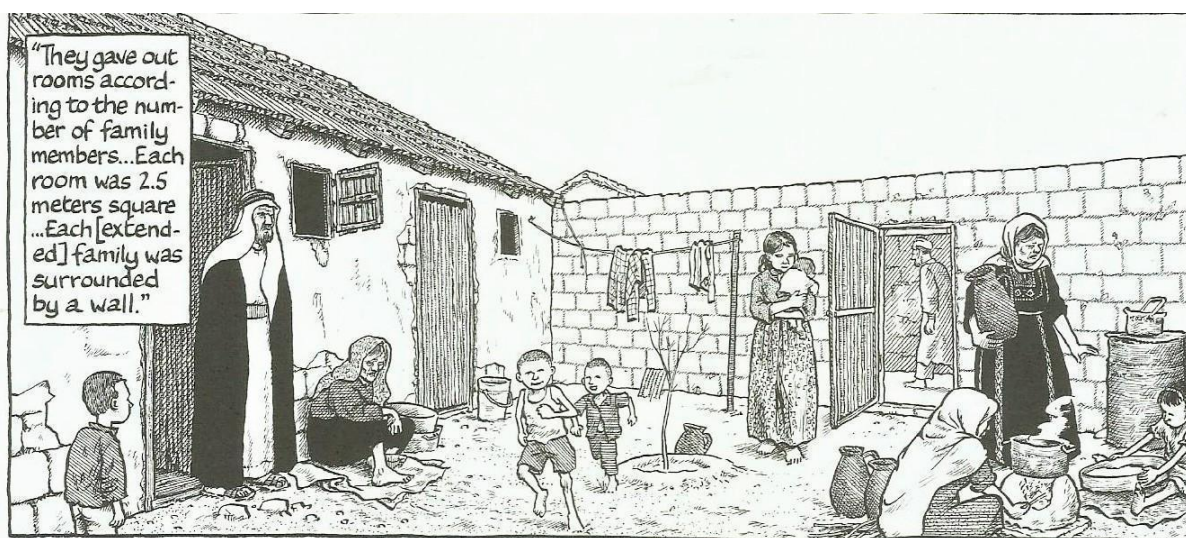
Dessa forma, ao que parece, era veiculada nos Estados Unidos a notícia de que o governo Bush estaria disposto a colaborar na reestruturação econômica da Faixa de Gaza após o desligamento de Israel. Curiosamente, enquanto os meios de comunicação noticiavam que os EUA e o programa do Banco Mundial priorizavam a reestruturação da infraestrutura palestina, ao mesmo tempo, Sacco representava as transformações ocorridas nas residências dos árabes palestinos que se refugiaram no litoral de Gaza. Como vimos, Sacco havia ilustrado a

officials said Thursday. The package, which some officials said could approach \$3 billion over three years, would supplement roughly \$1 billion a year already given by the United States and others for the Palestinian Authority. It would be for specific projects in Gaza, including a seaport, border crossings and other infrastructure. Secretary of State Condoleezza Rice, who leaves for Israel on Friday, is expected to discuss the package on her tour of the Middle East and then work with Mr. Wolfensohn to present the proposal to foreign ministers of the leading industrial nations when they meet in London in a week” (Tradução livre).

constituição dos primeiros vilarejos de expatriados palestinos na Faixa de Gaza. Além da representação das fragilidades encontradas pelos primeiros refugiados, nas páginas que se seguiram, o quadrinista-jornalista também ilustrou o desenvolvimento arquitetônico das improvisadas residências árabes na região após a *Nakbah*.

Ao analisar a **figura 56**, observa-se na vinheta à esquerda, no recordatório, o relato de Mahmoud Mohammed em relação à sua experiência nos assentamentos palestinos. Em *plongué*, ou seja, a imagem é vista de cima para baixo, averígua-se, entre os coqueiros e a vegetação rasteira de gramíneas, núcleos familiares vivendo ao relento no deserto de Gaza. Na coluna de vinhetas à direita, a tela de cima ilustra as primeiras tendas construídas pelos palestinos mediante colaboração dos protestantes Quakers. A contribuição dos religiosos, conforme Mahmoud instou à Sacco, possibilitou que os palestinos abrissem mão das construções moduladas em buracos nas encostas de barrancos em troca das tendas improvisadas com tecido. Na vinheta de baixo, Sacco ilustrou a parte interna de uma das barracas doada pelos Quakers aos palestinos. Munida de divisórias improvisadas com cobertores, a tenda acomodava pelo menos três gerações da mesma família. Adjacente à imagem, o recordatório, contendo os dizeres de Mohammed Yousef Shaker Mousa: “Algumas pessoas ganharam barracas, barracas grandes. Essas barracas podiam ser compartilhadas por quatro famílias. Elas dividiam o espaço de cada uma com cobertores¹²¹” (SACCO, 2010, p. 22).

Figura 57: A varanda de uma casa palestina



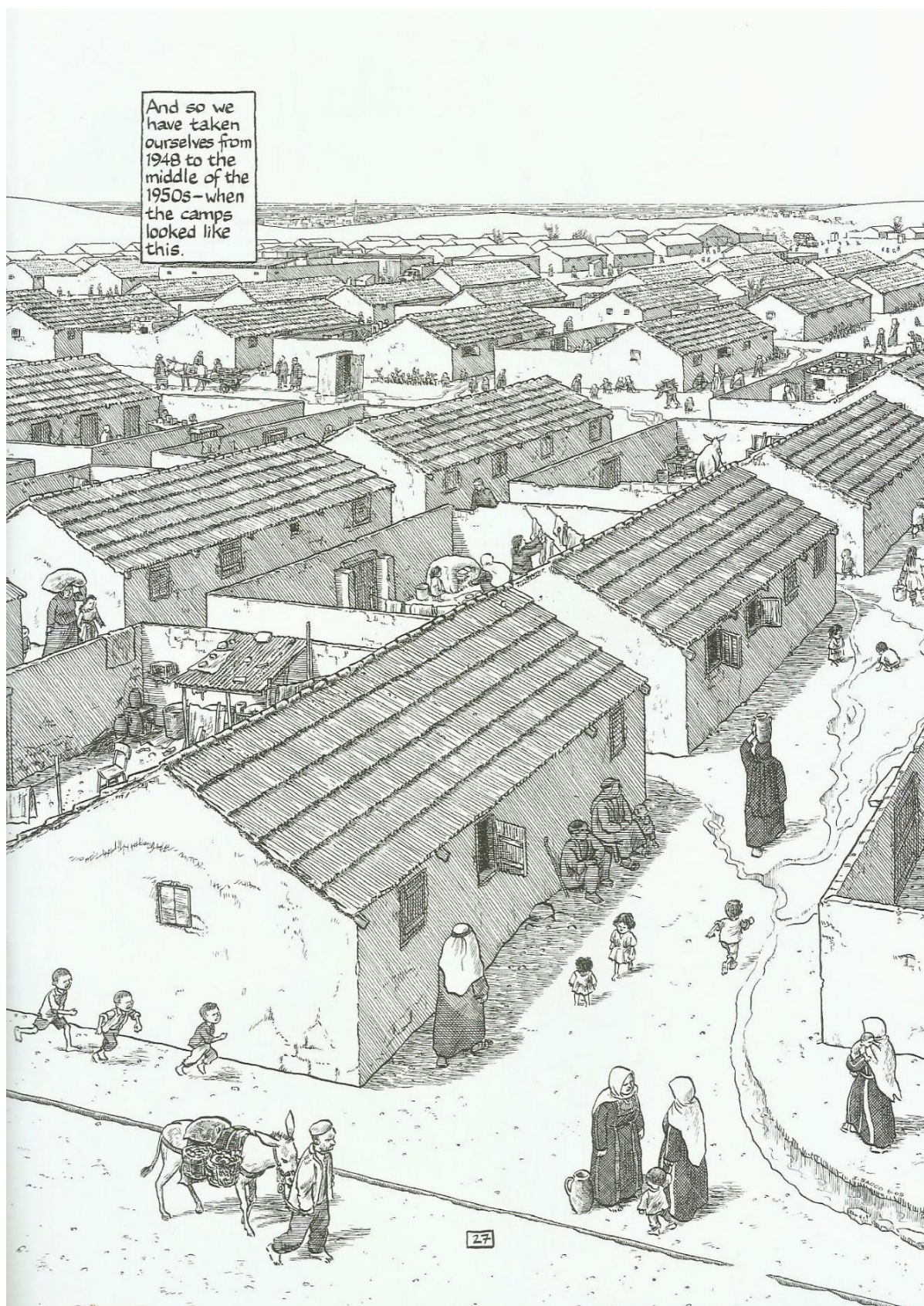
Fonte: SACCO, 2010, p. 26

¹²¹ [No original]: “Some people were given a whole tent, a big tent. These big tents could be divided for four families. They divided each room from the others with a blanket” (Tradução livre).

Adiante, Sacco explica aos leitores sobre a construção das primeiras casas de alvenaria construídas pelos palestinos na Faixa de Gaza. Mais uma vez, mediante narrativa testemunhal, o quadrinista-jornalista argumenta que depois de alguns anos instalados na região costeira de Gaza, chegaram os primeiros carregamentos de tijolos e ferramentas para a construção das primeiras residências de alvenaria que tomariam o lugar das antigas barracas de cobertores. Na **figura 57**, Sacco ilustra o quintal de uma dessas casas depois de finalizadas a sua edificação. Ao centro, um jovem pedúnculo de oliveira compartilha o espaço com as crianças árabes palestinas que brincam. À esquerda, um homem em pé observa os jovens correndo pela área. Ao seu lado, uma mulher palestina de meia-idade, sentada com as mãos no rosto, demonstrando demasiado sentimento de cansaço. À direita, jovens mulheres preparam a refeição em um forno improvisado. Essa ilustração, rica na representação de pessoas de várias faixas etárias, pode representar tanto o rápido crescimento populacional entre os expatriados na Faixa de Gaza, visto a grande quantidade de crianças que compõem o desenho, como também o compartilhamento de espaços entre os moradores de diferentes famílias nos campos de refugiados. Em seguida, Sacco desenhou o paralelo entre o passado e o presente do vilarejo construído pelos palestinos no deserto de Gaza (**figura 58** e **figura 59**). Neste quadro, observa-se as alterações construídas pelos palestinos em suas casas no decorrer do tempo, passando das casas horizontais de alvenaria para volumosos e improvisados sobrados residenciais.

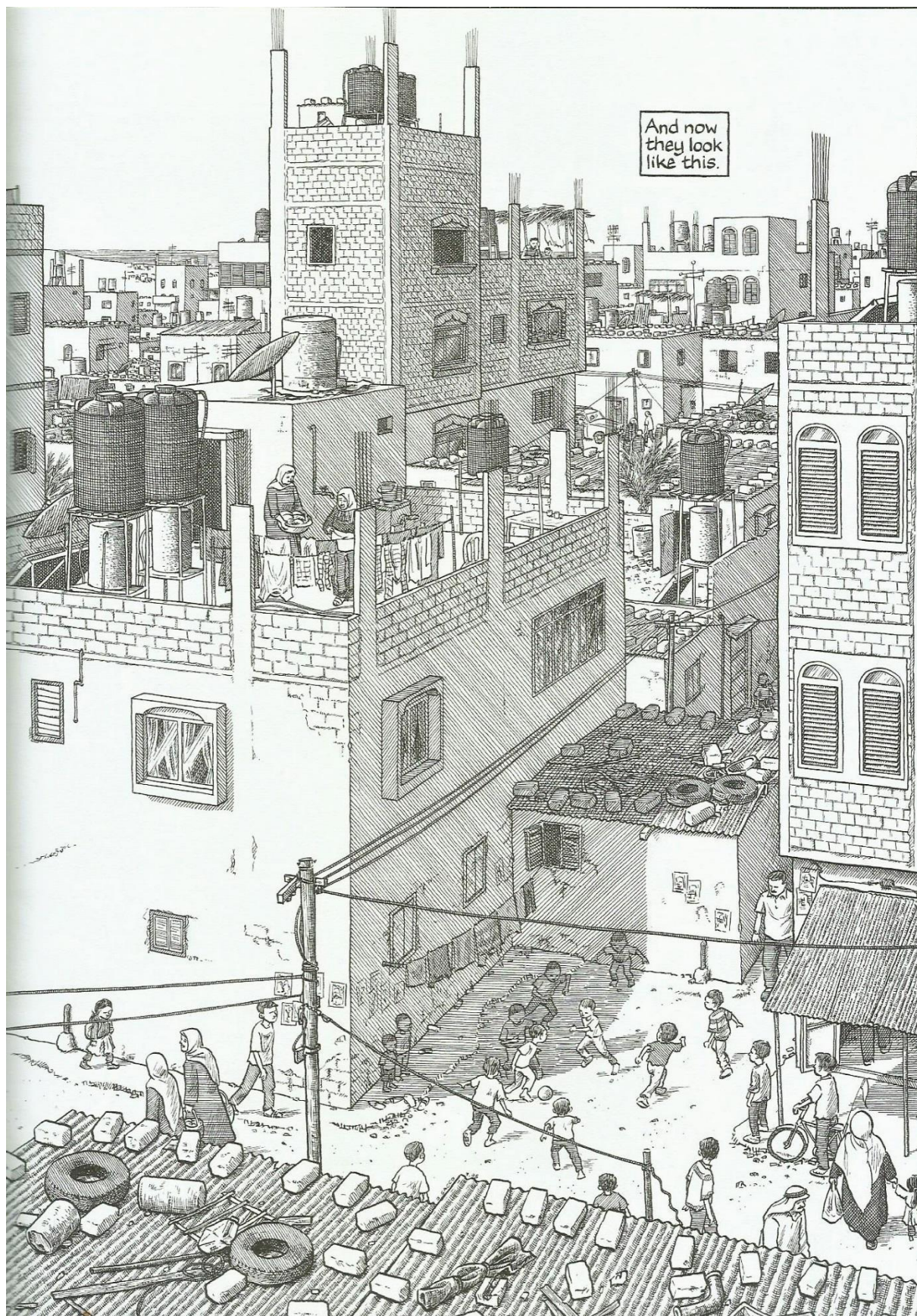
Na **figura 58**, Sacco ilustrou a paisagem do conjunto habitacional construído pelos árabes palestinos nos territórios ocupados da Faixa de Gaza na década de 1950. Nesta ilustração, é possível observar uma extensa quantidade de residências de alvenaria horizontais quase que padronizadas, contendo entre três a quatro janelas de madeira na parede mais extensa e uma pequena janela na parede menor. Praticamente, ao que parece, todas elas foram desenhadas possuindo um quintal murado onde, em alguns casos, Sacco ilustrou a presença de mulheres estendendo suas roupas ao sol ou, em outras situações, acomodando um animal de tração. Na rua central do vilarejo, um pequeno veio de água escorre pelas ruas, provavelmente representando a falta de saneamento básico nessas primeiras construções, visto que, entre as residências, do lado esquerdo da vinheta, é possível averiguar uma pequena construção de madeira que se assemelha a um banheiro. No lado direito, perto das crianças brincando na água, uma mulher palestina caminha pela rua carregando um jarro de água, salientando que, além da falta de uma rede de esgoto, os palestinos conviviam com a falta de água encanada.

Figura 58: Casas de alvenaria, década de 1950



Fonte: SACCO, 2010, p. 27

Figura 59: Apartamentos residenciais, década 2000



Fonte: SACCO, 2010, p. 28

Por sua vez, na **figura 59**, Sacco ilustrou o mesmo vilarejo palestino na década de 2000. Em contraste com a paisagem da década de 1950, o horizonte do vilarejo de Gaza que antes contava com uma grande quantidade de casas horizontais de alvenaria foi tomado pela presença de pequenos prédios e sobrados. Ao que parece, no lugar onde as crianças disputam uma partida de futebol ficava a rua central do vilarejo e seu veio de água que escorria das casas. Da mesma forma, o sobrado ao lado ainda mantém as janelas de madeira da planta antiga da década de 1950. Os antigos quintais, que antes serviam para estender a roupa lavada ao sol ou acomodar os animais, agora servem como parte da construção dos prédios e sobrados. As lajes dos sobrados, além de servirem de área de serviço, acomodam antenas parabólicas e caixas d'água. Ao fundo, compondo o horizonte do vilarejo, inúmeras outras residências expõem suas colunas inacabadas. Por fim, as barras de ferro apontam para o céu, apresentando o estágio inacabado de tais construções e, ao mesmo tempo, a plasticidade com que essas casas foram e ainda continuam sendo construídas.

Dessa forma, o conjunto de imagens acima analisadas parecem representar o desenvolvimento arquitetônico das residências palestinas, começando com as antigas construções improvisadas nos barrancos de areia, passando para as barracas doadas pelos Quakers, as tendas enviadas pelas Nações Unidas, perpassando pela construção das primeiras casas horizontais de alvenaria e, por fim, chegando às construções horizontais que continuam em crescimento. Diante desse conjunto de requadros, a questão é, por qual motivo Sacco teria ilustrado o desenvolvimento arquitetônico dos campos de refugiados palestinos, estabelecendo comparações entre as primeiras residências de alvenaria horizontais com os grandes sobrados? Possivelmente, a resposta para essa pergunta esteja relacionada ao enclave sobre a manutenção das habitações e da infraestrutura israelense na Faixa de Gaza após a execução do Plano de Desengajamento. Diante da retirada dos mais de 9 mil colonos israelenses da Faixa de Gaza, em maio de 2005, os representantes da União Europeia na ONU acreditavam na importância de manter as construções israelenses em pé, para assim, servirem futuramente de moradia digna para os palestinos:

Há outro ponto que é importante para nós: que estamos chegando lá, e tenho certeza que chegaremos lá, para fazer os colonos concordarem em deixar suas casas sem que sejam destruídas. Seria um sinal catastrófico para esta retirada de Gaza se realmente quisermos ter sucesso em destruir todas estas casas. Estas são as casas de centenas de famílias palestinas que pode ter a chance de começar uma nova vida com dignidade. Então, faremos tudo do nosso lado para encorajar Israel a não demolir essas casas, mas deixá-las disponíveis para

o povo de Gaza. Aqui também vamos ver parte da missão do Sr. Wolfensohn que deve integrar em seu plano imediato¹²² (EUROPE UNION, 2005, [s.p.]).

Ao que parece, os representantes europeus nas Nações Unidas insistiam na manutenção das residências e da infraestrutura israelense que se encontrava nos assentamentos judeus que seriam deixados para trás com a execução do Plano de Desengajamento. Mas, se por um lado se discutia na ONU a possibilidade de permanência dessas residências na Faixa de Gaza, por outro, nas páginas dos periódicos estadunidenses, pouco foi debatida a necessidade de manutenção das habitações israelenses. Quando noticiado, os meios de comunicação nos Estados Unidos divergiam daquilo que era debatido entre os enviados especiais e agentes das Nações Unidas. A título de exemplo, o jornalista estadunidense, Steven Erlanger (2005b), veiculou em meados do mês de maio que os funcionários da Autoridade Palestina (AP) concordavam com as autoridades israelenses em demolir a infraestrutura residencial dos assentamentos evacuados. Como apontou Erlanger: “Funcionários da Autoridade Palestina - incluindo seu principal negociador, Saeb Erekat - disseram que Israel deveria demolir os assentamentos porque os palestinos, com famílias maiores em uma cidade densamente povoada de Gaza, preferem viver em prédios de apartamentos” (ERLANGER, 2005b, [s.p.]).

Conforme a notícia veiculada por Erlanger (2005b), as casas deveriam ser demolidas pelo fato de não se adequarem à preferência dos palestinos por residências maiores e verticais. Por conta disso, a representação da transformação das casas horizontais de alvenaria para sobrados e pequenos prédios vai de encontro a essa informação veiculada no *The New York Times* acerca da predileção dos palestinos por apartamentos ao invés de casas horizontais. Retomando a **figura 59**, como se vê, é possível que Sacco tenha ilustrado as colunas que sustentam os sobrados com as barras de ferro expostas para demonstrar o caráter volátil e mutável dessas residências que, ao longo dos anos, foram construídas e modificadas pelos palestinos. Sendo assim, os árabes, na visão de Sacco, não teriam problemas em receber as habitações horizontais israelenses que seriam deixadas após o Plano de Desengajamento e, com o passar do tempo, remodelá-las conforme suas necessidades.

Apesar da tentativa da União Europeia, as residências israelenses foram demolidas.

¹²² [No original]: “Il y a un autre point qui est important à nos yeux : qu'on arrive, et je suis sûr qu'on y arrivera, de faire accepter aux colons de quitter leurs maisons sans qu'elles ne soient détruites. Ce serait un signe catastrophique pour ce retrait de Gaza si vraiment on doit arriver à détruire toutes ces maisons. Ce sont des maisons pour des centaines et des centaines de familles palestiniennes qui pourraient avoir une chance de refaire une vie en dignité. Aussi allons-nous faire tout de notre côté pour encourager Israël à ne faire démolir ces maisons mais de les laisser à la disposition du peuple de Gaza. Là aussi voyons une part de la mission de M. Wolfensohn qu'il doit intégrer dans son plan immédiat.” (Tradução livre).

Na esteira das demolições, outro assunto esteve em evidência, tanto nas Nações Unidas como nos noticiários estadunidenses. Dessa vez, o epicentro das tensões consistia na contratação de mão-de-obra para demolição e coleta de entulho das residências e, conseqüentemente, os custos relacionados ao empreendimento. Ao contrário do que havia ocorrido anteriormente, ou seja, a postura comedida da imprensa americana em relação à demolição das habitações dos camponeses, a veiculação de acordos e projetos israelenses que visassem empregar mão de obra palestina para a retirada dos entulhos das residências coloniais judaicas na Faixa de Gaza circulava em maior grau. Nessa conjuntura, Greg Myre e Steven Weisman (2005, [s.p.]) noticiaram para o *The New York Times* o sucesso na cooperação acordada entre os representantes israelenses e palestinos naquilo que tangia os trabalhos de demolição das 1600 casas que seriam desapropriadas em Gaza. No texto, além de acentuarem a participação da secretária de Estado americana, Condoleezza Rice, os repórteres enfatizaram a divisão de trabalho entre israelenses e palestinos, cabendo a estes o recolhimento dos entulhos:

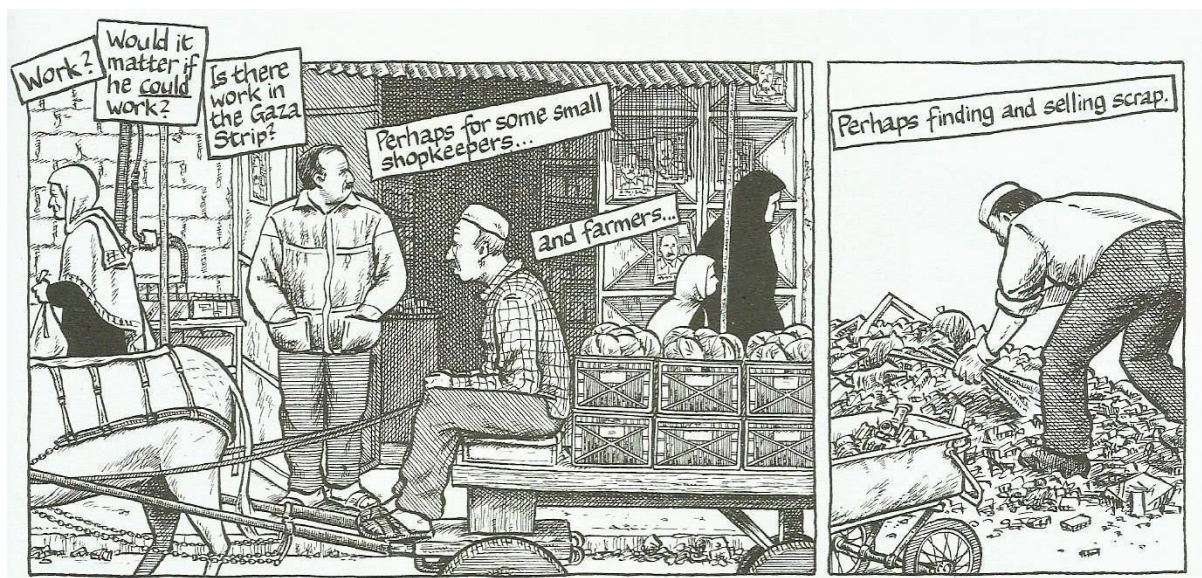
AMMAN, Jordânia, 19 de junho - Israel e os palestinos concordaram em cooperar na demolição das 1.600 casas de Gaza a serem desocupadas por colonos israelenses em menos de dois meses, anunciou a secretária de Estado Condoleezza Rice no domingo. O acordo representou a primeira cooperação concreta entre israelenses e palestinos em Gaza após muitos meses de disputas. Sob o acordo, os israelenses vão demolir as casas e os palestinos serão pagos para limpar os escombros, fornecendo aos palestinos dinheiro para empregos e evitando a necessidade de o exército israelense ficar em Gaza por muito tempo após a evacuação¹²³ (WEISMAN; MYRE, 2005, [s.p.]).

Nas páginas de *FinG*, a inquietação do autor em relação às condições de trabalho na Palestina coincidia com a veiculação do acordo de trabalho entre Israel e Palestina nos meios de comunicação estadunidenses. Na **figura 60**, ilustrada em agosto de 2005, após sair da residência da família considerada “caso periclitante” pelas Nações Unidas, Sacco levanta o questionamento sobre os postos de trabalho na Faixa de Gaza e tenta entender por que o patriarca da família não trabalha: “Trabalhar? Ajudaria se ele pudesse trabalhar? Existe trabalho na Faixa de Gaza? Talvez para alguns pequenos comerciantes... e agricultores¹²⁴” (SACCO, 2010, p. 33).

¹²³ [No original]: “AMMAN, Jordan, June 19 - Israel and the Palestinians have agreed to cooperate on the demolition of the 1,600 Gaza houses to be vacated by Israeli settlers in less than two months, Secretary of State Condoleezza Rice announced Sunday. The agreement represented the first concrete Israeli-Palestinian cooperation in Gaza after many months of disputes. Under the agreement, the Israelis will tear down the houses and the Palestinians will be paid to clean up the rubble, providing the Palestinians money for jobs while avoiding any need for the Israeli army to stay in Gaza for long beyond the evacuation” (Tradução livre).

¹²⁴ [No original]: “Work? Would it matter if he could work? Perhaps for some small shopkeepers... and farmers” (Tradução livre).

Figura 60: Coletor de sucata



Fonte: SACCO, 2010, p. 33

Adiante, na vinheta à direita, Sacco ilustra um homem curvado em direção aos entulhos à sua frente. Em suas mãos, ao que parece, há barras de ferro e lingotes de aço que são coletados em meio aos detritos de uma antiga construção. No canto inferior esquerdo da vinheta é possível observar um carro-de-mão onde o palestino acondiciona aquilo que pode ser recuperado e vendido. No recordatório, Sacco afirma que, tal como os pequenos comerciantes e os agricultores, a coleta de sucata talvez possa render algum dinheiro.

Possivelmente, além das questões que envolvem a demolição das casas israelenses na Faixa de Gaza, essa pequena vinheta possa fornecer informações sobre o problema do trabalho e desemprego entre os árabes palestinos em relação ao Plano de Desengajamento. Havia nas Nações Unidas e na imprensa americana considerável discussão sobre as demolições de residências israelenses e a terceirização da mão de obra palestina para a limpeza dos escombros. Como vimos, a imprensa estadunidense veiculou o acordo que objetivava a retirada dos entulhos. Ao que parece, a maneira pela qual a notícia do acordo bilateral entre Israel e Palestina foi noticiada pelos americanos enfatizava o sucesso nas negociações e indicava a colaboração mútua entre as partes para a reconstrução da economia palestina. No entanto, o expediente não esclarecia que os trabalhos a serem efetivados caracterizavam a contratação terceirizada da mão de obra palestina.

O indício de que o acordo visava o repasse dos trabalhos para um terceiro pode ser encontrado no ofício circulado na ONU, datado em 24 de junho de 2005, quando o Quarteto

Diplomático Especial das relações israelo-palestina – órgão formado por representantes da ONU, União Europeia, Rússia e EUA –, ratificava o acordo entre Israel e Palestina, no qual concordavam com a demolição das casas. Não obstante, ao contrário daquilo que havia sido noticiado nos EUA, o Quarteto pontuava que os acordos finais que possibilitariam o fechamento do acordo encontravam barreiras substanciais, visto que, os custos relacionados à coleta e remoção dos resíduos era o ponto de dissenso para os israelenses:

Com relação às casas de assentamento, as partes quase certamente concordaram que elas serão destruídas, caso em que a remoção dos escombros continua sendo o principal problema. O Governo de Israel, em discussões com o Enviado Especial, reconheceu sua obrigação de remover os escombros, mas ao mesmo tempo não pode se comprometer a permanecer na Faixa de Gaza pelo tempo necessário para limpá-la. Além disso, seria difícil difundir um plano pelo qual todos os escombros pudessem ser transportados de volta para Israel. O Governo de Israel está, portanto, procurando um terceiro para limpar os escombros. O Banco Mundial está avaliando os aspectos técnicos a esse respeito e, em particular, se poderia ou não haver "desmontagem controlada" das casas para que as partes reutilizáveis das casas pudessem ser redistribuídas, os materiais perigosos separados e o resto usado como enchimento para o Porto Marítimo¹²⁵ (QSE, 2005, [s.p.]).

Pelo visto, a contratação de mão de obra para retirar os escombros das residências israelenses que seriam demolidas no processo de retirada da Faixa de Gaza não gravitava na ação conjunta e colaborativa entre Palestina e Israel, mas sim na tentativa dos judeus em reduzir os custos operacionais do Plano de Desengajamento. Diante desse quadro, distante do discurso de colaboração mútua divulgado na imprensa dos EUA, possivelmente, a ilustração de Sacco, no qual o palestino coleta sucata entre entulhos residenciais, pode representar tanto a precariedade nas condições salariais do trabalho terceirizado como também a retenção de custos por parte do governo israelense para a retirada dos entulhos na Faixa de Gaza.

Tal hipótese torna-se viável ao levarmos em consideração que a precarização dos postos de trabalho e o aumento no índice de desemprego entre os palestinos que vivem em Gaza tornaram-se pauta de discussão na reportagem ilustrada de Sacco. Após expor a tela do catador de sucata, Sacco ilustrou sua visita a um velho amigo de Abed. Esse companheiro de Abed

¹²⁵ [No original]: “With respect to the settlement houses, the parties have almost certainly agreed that they will be destroyed, in which case the clearing of the rubble remains the main issue. The Government of Israel, in discussions with the Special Envoy has recognized its obligation to remove the rubble but at the same time is unable to commit to remaining in the Gaza Strip for the length of time required to clear it. In addition, it would be difficult to devise a plan whereby all the rubble could be transported back into Israel. The Government of Israel is therefore looking for a third party to clear the rubble. The World Bank is assessing the technical aspects in this regard and in particular whether or not there could be "controlled dismantling" of the houses so reusable parts of the houses could be redistributed, hazardous materials separated out and the rest be used as fill for the seaport” (Tradução livre).

explica para o quadrinista-jornalista que trabalha para uma agência humanitária estadunidense que visa fortalecer a democracia na Palestina. Sacco descreve que o trabalho do companheiro de Abed pode ser considerado um engodo, pois, a ajuda humanitária americana pode ser considerada uma estratégia para desviar a atenção dos palestinos. No final da conversa, o amigo palestino convida Abed para fazer parte da equipe americana e, automaticamente, recebe um “não” curto e ríspido de Abed.

Em seguida, ao deixarem a casa do jovem, Sacco relata que Abed se encontrava chocado com o convite do amigo. Conforme Abed o havia dito, o companheiro trocou o seu nacionalismo por moeda estrangeira. Sobre a contribuição externa aos programas de democratização, Abed confidenciou a Sacco que: “Acreditamos que existem interesses escusos por trás das doações dos ocidentais – principalmente dos americanos... Eles querem que o povo palestino se concentre na democratização e se esqueça de que ainda somos escravos¹²⁶” (SACCO, 2010, p. 34).

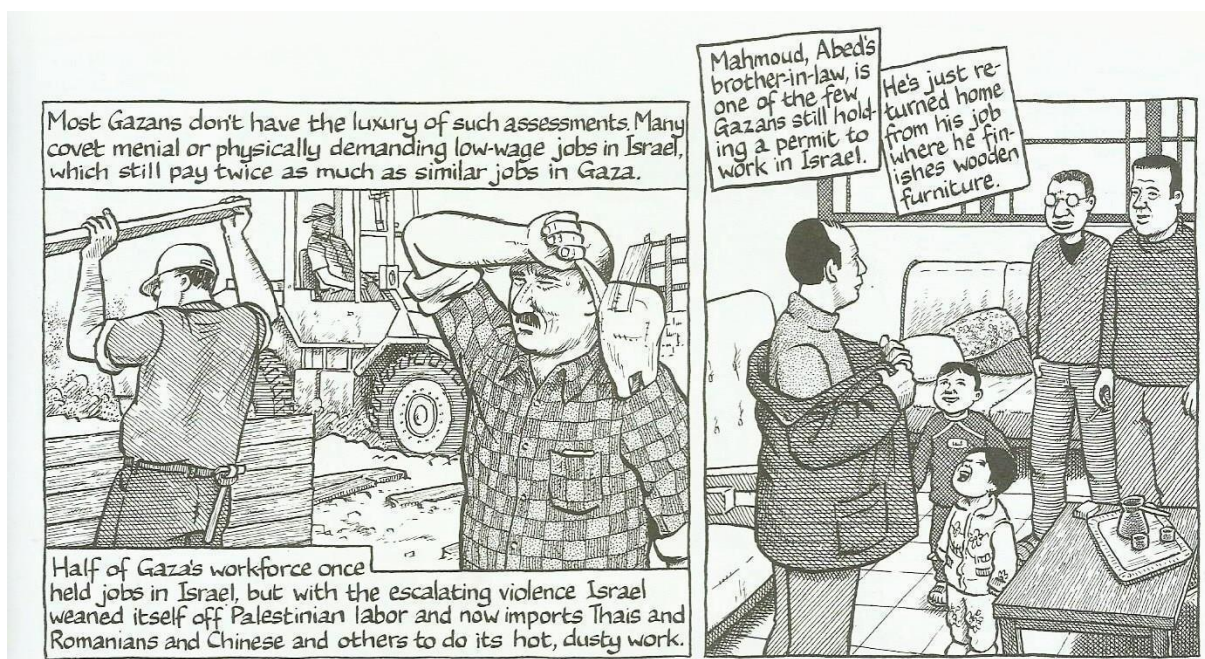
Sacco deixa no ar o sentido de “escravo” que Abed se referiu aos palestinos. No entanto, na página seguinte, o quadrinista-jornalista ilustra a visita que ele e Abed fizeram a Mahmoud, cunhado de Abed. Na **figura 61**, Mahmoud adentra sua casa e, ao mesmo tempo em que é recebido por sua prole, retira o casaco após o trabalho. No recordatório, Sacco explica que o cunhado de Abed é um dos poucos palestinos que ainda tem autorização para trabalhar em Israel. A vinheta à esquerda, onde homens trabalham em algo similar a um canteiro de obras, o quadrinista-jornalista explica os motivos pelos quais cada vez menos os palestinos como Mahmoud conseguem trabalho em Israel:

A maior parte dos habitantes de Gaza não pode se dar ao luxo de pensar dessa maneira. Muitos deles anseiam por um trabalho servil, braçal e mal pago em Israel, que ainda assim rende duas vezes mais que um emprego similar em Gaza. Israel chegou a empregar metade da força de trabalho em Gaza, mas com a escalada de violência foi abandonando a mão de obra palestina e hoje importa gente da Tailândia, da Romênia, da China e de outras partes para fazer o trabalho pesado¹²⁷ (SACCO, 2010, p. 35).

¹²⁶ [No original]: “We believe there is a hidden agenda behind each western donor – especially American donors... their idea is to make us focus on how to democratize ourselves and to forget that we are still slaves” (Tradução livre)

¹²⁷ [No original]: “Most Gazans don’t have the luxury of such assessments Many covet menial or physically demanding low-wage Jobs in Israel, wich still pay twice as much as similar Jobs in Gaza. Half of Gaza’s workforce once held Jobs in Israel but with the escalating violence Israel weaned itself off Palestinian labor and now imports Thais and Romanians and Chinese and others to do its hot, dusty work” (Tradução livre)

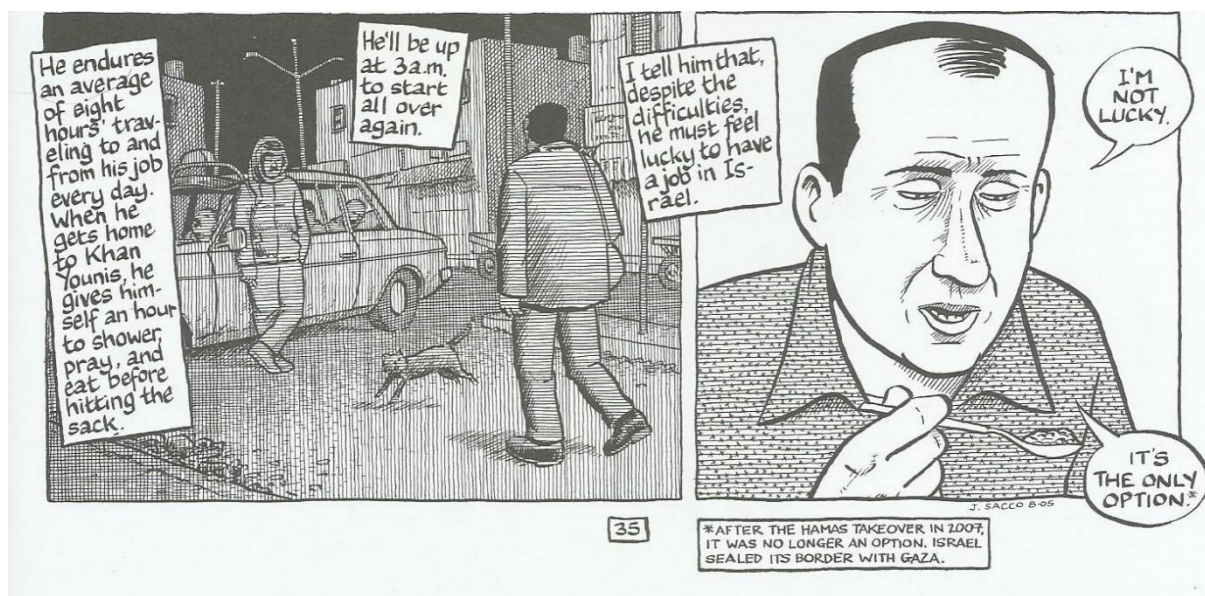
Figura 61: Novos trabalhadores em Israel



Fonte: SACCO, 2010, p.35

De acordo com a ilustração de Sacco, apesar dos baixos salários, os postos de trabalho em Israel ainda se apresentavam como um chamariz para os palestinos. No entanto, nos últimos anos, os palestinos observavam a concorrência desses postos de trabalhos com imigrantes de outras partes do mundo. Quando conseguiam manter seus trabalhos, os palestinos tinham que passar por uma longa jornada. Mahmoud, por exemplo, destinava entre sete e oito horas por dia para se deslocar de seu trabalho para casa. Apesar dessa longa jornada, conforme o relato de Sacco, dada as circunstâncias de instabilidade que circundava o desemprego na Palestina, o cunhado de Abed poderia ser considerado um homem de sorte pelo simples fato de ocupar um posto de trabalho. Para insistir nessa questão, na **figura 62**, Sacco ilustra Mahmoud caminhando pelas ruas escuras de Gaza após findar o dia de trabalho. Ao mesmo tempo que um gato cruza seu caminho, um palestino fuma seu cigarro encostado no carro. Dentro do veículo, outros homens compartilham os bancos do automóvel enquanto dormem.

Figura 62: A única opção



Fonte: SACCO, 2010, p. 35

Possivelmente, por conta da privação de empregos de palestinos em Israel, a tela em questão represente a instabilidade socioeconômica na região, cujo desemprego pode ter levado muitos homens e mulheres a deixarem suas casas e se tornarem desabrigados no contexto do Plano de Desengajamento. Na vinheta, à direita, Sacco questiona Mahmoud se por conta de trabalhar em Israel ele se considera um homem de sorte diante de tantas dificuldades. Em resposta, Mahmoud indaga: “Não é uma questão de sorte. É a minha única opção¹²⁸” (SACCO, 2010, p. 35).

Sobre isso, vale destacar um detalhe inserido por Sacco nesta página. Após a afirmação do cunhado de Abed, no mesmo balão de fala há um asterisco. No final da página, em uma nota de rodapé fora das vinhetas, o quadrinista-jornalista deixa a seguinte notação: “Depois que o Hamas subiu ao poder, em 2007, essa opção deixou de existir. Israel fechou sua fronteira com Gaza¹²⁹” (SACCO, 2010, p.35). Possivelmente, a introdução desta nota de rodapé represente que, durante o processo de ilustração e roteirização de *FinG*, Sacco revisitava as páginas de seu JHQ, cotejando e atualizando, sempre que necessário, os eventos ocorridos na Palestina entre 2005 a 2009 com os acontecimentos narrados por ele sobre os massacres de 1956 ou sobre seus relatos de viagem de 2002 e 2003, pois, como ele mesmo afirma em seu prefácio, escrito em junho de 2009, “[...] as histórias mais recentes narradas aqui já fazem parte

¹²⁸ [No original]: “I’m not Lucky. It’s the Only option” (Tradução livre)

¹²⁹ [No original]: “After the Hamas takeover in 2007, it was no longer an option Israel sealed it’s border with Gaza” (Tradução livre)

do passado, pois a situação em Gaza passou por duas grandes transformações desde que iniciei este projeto, sete anos atrás¹³⁰” (SACCO, 2010, p. xiii). Sendo assim, as rápidas mudanças e acontecimentos que se acumulavam na história do conflito entre israelenses e palestinos enquanto Sacco trabalhava em seu estúdio nos EUA, apesar de relevantes, para não perder o foco em seu projeto, só poderiam ser representadas em *FinG* de forma indireta ou por meio de pequenas notas de rodapé.

Apesar de pontuar a vitória do Hamas nas eleições na Faixa de Gaza como fator agravante para que o governo de Tel Aviv barrasse a entrada de trabalhadores palestinos em Israel, vale ressaltar que essas restrições não estejam somente relacionadas ao triunfo eleitoral dos fundamentalistas nas eleições, mas também ao Plano de Desengajamento. Antes mesmo da retirada de Israel, mais precisamente na véspera da evacuação dos colonos judeus de Gaza, a economia gazena registrava números preocupantes. A título de exemplo, Samhuri (2006) destaca que, em 2005, 65% da população palestina da Faixa de Gaza vivia abaixo da linha da pobreza – neste caso, sobreviviam com menos de 2 dólares por dia –, além disso, 35% da população economicamente ativa encontrava-se desempregada (SAMHOURI, 2006, p.3). Além disso, o documento emitido pela ONU no final de maio de 2005, ou seja, no contexto do Plano de Desengajamento, alertava que, após a saída da Faixa de Gaza, Israel previa reduzir a zero o número de trabalhadores palestinos no país:

As perspectivas continuam extremamente frágeis. O Plano de Desligamento anunciado por Israel com o objetivo de reduzir o número de trabalhadores palestinos em Israel a zero até 2008 pode restringir severamente as oportunidades de renda e as perspectivas de redução da pobreza. Mesmo com o forte crescimento econômico e a criação de empregos nos próximos anos, a absorção total de 39.000 novos participantes anuais no mercado de trabalho, além de uma redução considerável do desemprego existente, são uma tarefa assustadora. O emprego em Israel é essencial até que a economia palestina alcance uma taxa sustentável de crescimento que irá gerar empregos domésticos em proporção ao aumento da força de trabalho. Além disso, a missão ouviu de empregadores israelenses que os trabalhadores palestinos são necessários e bem-vindos, desde que os requisitos de segurança sejam atendidos. Pode ser o momento certo para a negociação de um novo acordo entre as duas partes detalhando a estrutura de oportunidades de emprego para os palestinos em Israel, o que, acredito, é essencial para a estabilidade futura. O trabalho decente e produtivo para todos surge mais uma vez como o melhor caminho para sair da pobreza e, no contexto atual, do conflito, e o diálogo em todos os níveis é o caminho a seguir. A missão observou um sentimento prevaiente de que a situação econômica dos palestinos deve melhorar rapidamente para que eles continuem a apoiar a política de diálogo e negociação com Israel. Isso exige um rápido levantamento dos bloqueios,

¹³⁰ [No original]: “[...] the present-day stories I tell here quickly fell under the category of history because the situation in Gaza has undergone two majors changes since I started this project seven years ago” (Tradução livre).

melhor acesso ao mercado de trabalho israelense e melhores instalações comerciais, bem como o fim da discriminação contra o povo árabe no Golã ocupado na Síria¹³¹” (ESCWA, 2005, [s.p.]

Em outro relatório, datado do dia 27 de junho de 2005, um mês após o alerta da União Europeia, o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOG, sigla em inglês), apresentava as deficiências e as demandas necessárias para retirada de Israel da Faixa de Gaza. Em curto prazo, o Conselho Econômico aconselhava o posicionamento de suprimentos essenciais à manutenção da vida dos árabes palestinos, especialmente os produtos destinados à alimentação e saúde. A longo prazo, aos olhos dos observadores do ECOSOG, era vital para os palestinos a reconstrução da economia nacional, fato esse que se tornaria realidade mediante a colaboração externa de vizinhos e de possíveis aliados, destacando o Estado de Israel como um dos maiores aliados dos palestinos no que tange à provisão de emprego e rentabilidade (ECOSOG, 2005, [s.p.]).

Ao que parece, caso não fosse observado com cautela, a economia gazeana sofreria graves problemas no futuro, pois, além de Israel planejar manter o território sob vigília, impedindo que os palestinos administrassem portos e aeroportos, o Plano de Desengajamento projetado pelos israelenses também visava minar a força de trabalho palestina em Israel. Diante dessa situação, ao contrário da previsão positiva dos meios de comunicação estadunidenses, é possível que Sacco tenha percebido o agravamento e os obstáculos econômicos e sociais que os habitantes da região enfrentariam com a execução do projeto de Sharon.

¹³¹ [No original]: “The outlook remains extremely fragile. The disengagement plan announced by Israel aiming to reduce the number of Palestinian workers in Israel to zero by 2008 could severely restrict income opportunities and the prospects for poverty alleviation. Even with strong economic growth and employment creation in the coming years, the full absorption of 39,000 new yearly entrants into the labour market, plus a considerable reduction of existing unemployment, are a daunting task. Employment in Israel is essential until the Palestinian economy reaches a sustainable rate of growth that will generate domestic employment in proportion to the increase in the labour force. Furthermore, the mission heard from Israeli employers that Palestinian workers are needed and welcome, provided that security requirements are met. The time may be right for the negotiation of a new agreement between the two sides detailing the framework of employment opportunities for Palestinians in Israel, which, I believe, is essential for future stability. Decent and productive work for all emerges once again as the best route out of poverty and, in the present context, out of conflict, and dialogue at all levels is the way forward. The mission observed a prevailing feeling that the economic situation of Palestinians must rapidly improve in order for them to continue to support the policy of dialogue and negotiation with Israel. This calls for a rapid lifting of closures, better access to the Israeli labour market and improved trade facilities, as well as putting an end to discrimination against Arab people in the occupied Syrian Golan” (Tradução livre).

4 A RESISTÊNCIA E A SULTA: AS ELEIÇÕES PARLAMENTARES NA FAIXA DE GAZA (2006)

Em agosto de 2005 o governo de Israel finalizou o processo de devolução do território da Faixa de Gaza, antes habitada por colonos judeus, para a população árabe palestina. E pouco tempo depois, em 25 de janeiro de 2006, os palestinos exerceram o poder de voto para escolher seus 132 representantes no Parlamento. Além da promoção de um ato democrático em um país do Oriente Médio, por muitos reconhecida como uma região onde a tirania e a teocracia imperam, as eleições parlamentares na Palestina contaram com 728 candidatos, sendo que 85 eram mulheres. Ao todo concorreram 11 partidos políticos, destaque para o Fatah, representante da Sulta, Mudança e Reforma, nome da campanha adotada pelo grupo islâmico Hamas (em inglês *Change and Reform*), chefiado pelo ministro das finanças palestino, Salam Fayyad, tínhamos o Terceira Via, a Frente Popular pela Libertação da Palestina era o braço radical da OLP, e, por fim, o Palestina Independente, formado pelos membros dissidentes do Fatah (THE PALESTINIAN, 2006, [s.p.]).

Apesar da pluralidade dos partidos políticos que concorreram às cadeiras do parlamento, a disputa eleitoral se polarizou entre a bandeira amarela do Fatah, grupo laico hegemônico fundado na década de 1960, à frente da Autoridade Palestina (AP) desde a sua criação em 1994, e a bandeira verde do Hamas, grupo radical islâmico que surgiu na esteira da Primeira Intifada da Palestina em 1987. Com a presença de quase 70% da população votante às urnas, o Hamas conquistou a maioria das cadeiras parlamentares na Faixa de Gaza, recebendo, assim, o direito de compor, ao lado do então presidente Mohammad Abbas, membro do Fatah, o novo governo da AP.

Todavia, a vitória democrática nas urnas não se traduziu em um período de paz e tranquilidade para os palestinos. De acordo com Mandy Turner (2006, p.740), a vitória do Hamas foi recebida com consternação e descrença pela maioria dos países ocidentais. Apesar de ter recebido 42,9% dos votos e assegurado 74 das 132 cadeiras parlamentares por meio de eleições democráticas, EUA e Israel se recusaram a trabalhar com o novo governo formado pelo movimento islâmico, afirmando que não compactuariam com um governo formado por terroristas.

Ao mesmo tempo, dentro dos territórios ocupados da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, as autoridades israelenses e americanas forçavam o presidente da AP, Mohammed Abbas, a desarmar o movimento islâmico, colocando em rota de colisão as duas facções

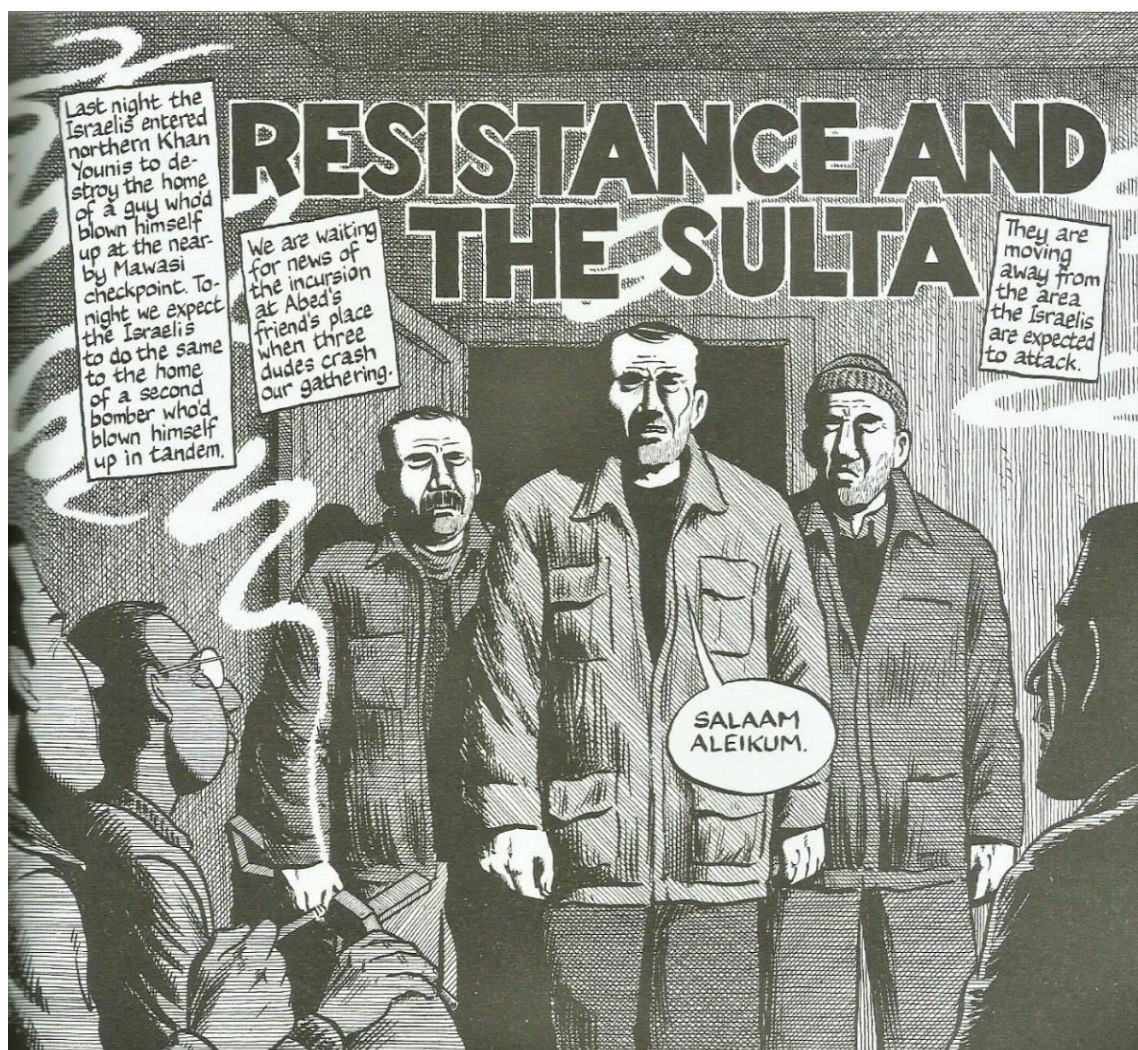
armadas da Palestina: Hamas e Fatah. Além disso, o governo de Israel bloqueou as fronteiras da Faixa de Gaza, impedindo a entrada de víveres pelas fronteiras Norte e Sul o que, a curto prazo, dificultou o acesso de comboios de ajuda humanitária ou o financiamento de bancos e nações estrangeiras ao novo governo palestino. A somatória dessas ações culminou com uma das maiores crises humanitárias até então vistas na Faixa de Gaza.

Diante desse quadro, nossa atenção estará voltada para a compreensão desses eventos a partir das páginas de *FinG*. Para isso, compreendemos que entre o final de dezembro de 2005 e janeiro de 2006, período correspondente à campanha eleitoral, conforme o Hamas aparecia como uma aposta eleitoral viável e, ao que parece, possível de promover mudanças na estrutura política, econômica e social da Palestina, e despontando o Fatah como o favorito no pleito eleitoral, as manchetes dos periódicos americanos alertavam sobre os perigos de uma vitória do movimento islâmico no Oriente Médio. Dentre os riscos, os repórteres estadunidenses apontavam as ameaças do Hamas à existência do Estado de Israel, a manutenção da paz na região e a coação à vida e à liberdade dos palestinos que viveriam sob os auspícios de um regime autoritário e fundamentalista. Posto isto, ao passo que a imprensa americana veiculava os perigos iminentes da vitória eleitoral dos fundamentalistas islâmicos, possivelmente, o Hamas pode ter sido representado por Sacco como a resistência do povo palestino.

4.1. A SULTA: DA ESPERANÇA AO FRACASSO

Em janeiro de 2006, quase seis meses após o Plano de Desengajamento, Sacco ilustrava as páginas do capítulo denominado “*Resistance and the Sulta*” (“A resistência e a Sulta”). Neste capítulo, o quadrinista-jornalista descreve a conversa que tivera com Khaled, o *mutarab*, e outros três integrantes pertencentes aos grupos políticos e militares que se desassociaram da AP e juntos formavam o Comitê de Resistência Popular. A respeito deste capítulo, é importante destacar que os relatos cedidos por esses homens não fazem menção alguma sobre os massacres de 1956. Pelo contrário, eles vieram ao encontro de Sacco e Khaled para informá-los sobre os desdobramentos ocasionados pelas últimas invasões noturnas incitadas pelas Forças de Defesa de Israel às residências palestinas. Os três palestinos informam que os soldados israelenses haviam colocado ao chão as casas de vários residentes dos vilarejos próximos à procura de outros *mutarab*.

Figura 63: Sallam Aleikum!



Fonte: SACCO, 2010, p. 57.

Depois de informar sobre os eventos recentes, os três homens se juntam a Sacco e Khaled. Após se servirem de chá e acenderem seus cigarros, os palestinos começam a conversar sobre os últimos embates entre a Sulta e a Resistência. A peculiaridade desse diálogo consiste em uma detalhada narrativa que endossa a contenda do Comitê de Resistência Popular, especialmente os homens do Hamas, contra os policiais da Sulta, no caso, o governo da AP, formado em sua maioria por membros do Fatah e da OLP.

Diante desse quadro, algo que chama atenção neste capítulo consiste na atenta descrição de Sacco sobre o relacionamento e a convivência entre a população palestina e os representantes e líderes da Resistência e da Sulta. Se a proposta de Sacco ao escrever *FinG* é discorrer sobre os massacres de 1956 e, ao mesmo tempo, refletir sobre a destruição das residências palestinas de 2003, por qual motivo o quadrinista-jornalista destacou a

representatividade social dessas duas facções para com a população palestina? Possivelmente, levando em consideração que essas páginas foram produzidas durante o período de campanha eleitoral na Palestina, é possível que Sacco tenha se baseado nestes eventos para ilustrar e roteirizar este capítulo de *FinG*.

Um dos indícios que correspondem à possível relação entre a eleição parlamentar na Palestina com as páginas de *FinG* pode ser observado na **figura 63**. No centro da vinheta, os três palestinos adentram a casa onde Abed, Khaled e Sacco estavam hospedados. Em um ambiente escuro, proporcionado pelas várias linhas tracejadas na ilustração, confere ao recinto uma sensação de esconderijo provisório. Ao observar a face dos três homens, verifica-se que os seus olhos estão escondidos pelas sombras. Ao adentrarem à residência, mesmo com o semblante obscuro, Sacco ilustra a afetuosa saudação muçulmana pronunciada pelos três: “*Sallam Aleikum!*”, algo como “Que a paz esteja com vocês”, indicando a religiosidade islâmica daqueles homens e, possivelmente, seus laços com alguma facção maometana de resistência, distinguindo-os, assim, do partido laico Fatah.

Figura 64: Comitê de Resistência Popular



Fonte: SACCO, 2010, p. 59.

Adiante, os três palestinos se juntam a Sacco, Abed e Khaled (o *mutarab* procurado pelo exército de Israel) na sala da residência. Enquanto eles iniciam a conversa, do lado de fora, o minarete de uma mesquita próxima conclama os palestinos a lutarem contra o destacamento de soldados de Israel que se aproximam de Khan Younis, apresentando assim outro elemento islâmico na narrativa deste capítulo. Dentro da sala, a conversa entre eles adentra a madrugada entre xícaras de chá e cigarros. O assunto principal se dirige à ação da Resistência palestina

contra as Forças de Defesa de Israel por aqueles dias. Sempre que possível, Sacco indicava que os três palestinos faziam questão de acentuar a vantagem bélica israelense que contava com helicópteros de difícil rastreamento, enquanto os palestinos possuíam apenas armas de fogo de baixo calibre (SACCO, 2010, p. 58).

Adiante, na **figura 64**, os três palestinos são ilustrados por Sacco degustando seus cigarros entre um e outro gole de chá. Neste trecho de *FinG*, Sacco afirma não saber de qual grupo político eles originam, não obstante, levando em consideração os elementos islâmicos apresentados até então, podemos inferir que o quadrinista-jornalista quer indicar que esses palestinos não fazem parte do Fatah/Sulta, movimento político considerado laico. Possivelmente, levando em consideração o período eleitoral, Sacco pode ter distinguido quem eram aqueles que faziam parte da resistência à ocupação israelenses e quem era considerado o inimigo a ser combatido. Cercado pela fumaça dos cigarros tragados pelos palestinos, os recordatórios apresentam as reflexões de Sacco a respeito do papel da resistência na atualidade:

Eu não sei a qual organização militante pertencem esses sujeitos. Mas aqui, no sangrento e paupérrimo sul da Faixa de Gaza, que arde em um dos piores círculos do inferno da Palestina, principalmente aqui – quaisquer que sejam as diferenças entre Khaled e esses homens – sejam de ordem tática ou política – ninguém questiona a premissa básica de resistência ao inimigo comum¹³² (SACCO, 2010, p. 69).

Após essa afirmação, a Sulta, e não o Estado de Israel, passa a ser representada por Sacco como o contraponto à Resistência e, desse modo, o inimigo que precisava ser combatido pelos palestinos. Na grafia árabe, a Sulta é denominada como *hizb al-sulta*, ou seja, o partido da maioria, neste caso, representada pelo grupo laico Fatah que, desde a década de 1990, comanda a Autoridade na Palestina (USHER, 2006, p.28). Para compreender melhor o papel da Sulta nas eleições de 2006, faz-se necessário conhecer a história do Fatah. O Fatah surgiu na década de 1960, mas passou a ter representatividade política entre os palestinos após a derrota da Liga Árabe contra Israel na Guerra dos Seis Dias de 1967. Desde então, o Fatah passou a representar os interesses do povo palestinos, tendo sua trajetória muitas vezes confundida e entrelaçada com a própria história da Organização pela Libertação da Palestina (OLP).

Apesar de ser descrito como um movimento laico, o grupo moldou-se conforme alterava a geopolítica no Oriente Médio, às vezes aceitando, por outras refutando, ideologias

¹³² [No original]: “I don’t know what militant organization these guys belong to. But here, in the much – bloodied, achingly poor souther Gaza Strip, which burns in a tighter circle of hell than almost any other parto Palestine, - specially here – whatever differences Khaled has with these men – political or tactical – none of them question the basic premise of resisting the common enemy” (Tradução livre).

políticas, grupos sociais e parceiros na região. Ao tentar descrever a plasticidade do Fatah e da OLP na década de 1960, Said (2012, p. XIX) aponta a face paradoxal do movimento, destacando o alinhamento com países islamicamente conservadores do Golfo Pérsico, como a Arábia Saudita e Kuwait que, após o assalto à Faixa de Gaza, contribuíram financeiramente para a manutenção dos palestinos que viviam nos territórios ocupados; o apoio do Fatah à teocracia milenarista não árabe do Irã; aliança com grupos opositores e progressistas, como os marxistas e nacionalistas do Egito; e a aproximação com grupos de libertação nacional pelo mundo, como o Congresso Nacional Africano (CNA), os sandinistas e o líder sul-africano, Nelson Mandela.

A primeira vez que o Fatah se viu na condição de resistência do povo palestino aconteceu após a derrota dos países árabes na Guerra dos Seis Dias. Diante da incapacidade bélica dos árabes em defender suas próprias fronteiras, os palestinos se viram isolados. Esse sentimento de isolamento contribuiu para que o Fatah se destacasse como movimento nacionalista árabe na Palestina (GATTAZ, 2003, p.152). O papel de resistência contra a dominação israelense ganhou contornos mais nítidos após a derrota do Egito na Guerra do Yom Kippur (nome israelense do conflito), também conhecido como Guerra do Ramadan (nome árabe do conflito) em 1973. Na ocasião, o então presidente do Egito, Anwar Al Sadat, selou o Acordo de Camp David (1978) com Israel que, entre outras coisas, estabelecia a paz entre os dois países e a construção de um futuro Estado palestino. Apesar de propor um lar para os palestinos, Sadat havia tomado uma decisão unilateral e não havia escutado o interesse dos representantes palestinos, impedindo-os de exercer o direito de autodeterminação (GATTAZ, 2003, p.156). Além disso, o acordo bilateral entre israelenses e egípcios abria margem para que o Estado de Israel circulasse livremente pelo território palestino, antes protegido pelos egípcios. Dessa forma, o Fatah se viu na situação de resistência militar e política dos interesses palestinos:

Enquanto a ONU gastava horas e horas de debates sem nenhuma ação efetiva quanto à *Questão Palestina*, a resistência palestina nos territórios ocupados e no exílio tornava-se mais significativa. Com a permissão do Rei Hussein da Jordânia, após 1967 a OLP passou a usar este país como base e intensificou suas operações contra Israel, tais como ataques através das fronteiras jordaniana e libanesa, sabotagem dentro de Israel e violência contra alvos israelenses e judeus fora do Oriente Médio. Estas atividades tiveram um papel crucial no fortalecimento da OLP no mundo árabe e na familiarização da comunidade internacional com a questão (GATTAZ, 2003, p.156).

Ainda na década de 1970, o Fatah deu um grande passo diplomático. Em discurso à Assembleia Geral das Nações Unidas de 1974, Arafat refutou o terrorismo internacional como arma política do movimento (GATTAZ, 2003, p. 160). Depois do discurso do líder palestino

na ONU, os membros do Fatah e da OLP passaram a agir exclusivamente dentro do território israelense, ou seja, deixaram de atacar alvos fora do Oriente Médio, como havia acontecido nas Olimpíadas de Munique (1972), por exemplo. Mesmo abrindo mão de ataques terroristas pelo mundo, essa manobra mantinha o status do Fatah como grupo de resistência armada entre os palestinos, transformando-o no grupo político mais influente da Palestina. Entre o final da década de 1970 e início de 1980, mesmo exilados na Jordânia e no Líbano, a influência do movimento era tão significativa que conseguia envolver politicamente os palestinos que residiam na Cisjordânia e na Faixa de Gaza (SAID, 2012, p.182). Apesar de renunciar ao terrorismo internacional, o Fatah ainda encontrava forte resistência de países como Israel e Estados Unidos, que intensificavam os ataques indiretos contra o Fatah e a OLP. O mais conhecido desses ataques aconteceu no Líbano em 1982, no episódio conhecido como o massacre de Sabra e Chatila:

Temendo a permanência de militares palestinos da OLP nas áreas sul e oeste de Beirute, onde havia diversos acampamentos de refugiados palestinos, Israel decidiu tomar também esta parte da cidade, provocando imensa destruição e mortandade. Sob a vigilância e permissão do exército israelense, as milícias falangistas massacraram os acampamentos palestinos de Sabra e Chatila, deixando cerca de 2700 palestinos mortos, segundo a Cruz Vermelha Internacional, o que deu um novo rumo à guerra – Israel foi forçado a concordar com a retirada de suas forças no Líbano, onde seriam substituídas por novos contingentes da força internacional. O massacre também provocou a renúncia do ministro da defesa Ariel Sharon, optando por relatório da câmara de deputados israelense como responsável pelo massacre de Sabra e Chatila. Por sua atuação como comandante geral da invasão do Líbano, Sharon é conhecido no país como “o carniceiro” (GATTAZ, 2003, p.162).

No decorrer da década de 1980, os palestinos vivenciaram um ciclo de tensões com os israelenses. Nos territórios ocupados, o projeto expansionista do Estado de Israel intensificava, adentrando cada vez mais nos territórios da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Com o aval do governo israelense, os colonos judeus passaram a construir novas residências nas regiões ocupadas pelos árabes. Conforme os israelenses ampliavam o número de assentamentos nos territórios palestinos, aumentava também a demanda por novas fontes de energia. Por conta disso, o governo israelense passou a controlar os postos de abastecimento de água, tanto da Cisjordânia como da Faixa de Gaza, transferindo os recursos hídricos das fontes palestinas para os assentamentos de colonos judeus. Essas ações fizeram com que os árabes palestinos se revoltassem com a administração israelense dos territórios. No entanto, enquanto força ocupante, Israel proibia as manifestações e organizações políticas entre os palestinos, dificultando o desenvolvimento do sentimento nacional entre os árabes da região (GATTAZ,

2003, p.168-169).

Após se retirarem do Líbano, o Fatah e a OLP passaram a se exilar em Túnis, capital da Tunísia. Enquanto estiveram no exílio, na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, os palestinos passaram a se organizar em instituições civis de apoio e amparo social. Dentro dessas instituições independentes surgiram as primeiras faíscas dos revoltosos que se levantaram contra o Estado de Israel em 8 de dezembro de 1987, no evento que ficou internacionalmente conhecido como a Primeira Intifada Palestina (1987-1993). Devido ao alto grau de organização desses núcleos civis, nos primeiros anos da revolta, tanto a OLP como o Fatah mantiveram-se distantes das manifestações, ficando a liderança na responsabilidade dos líderes populares locais:

É importante observar que a Intifada não foi iniciada ou planejada pela liderança da OLP, que à época encontrava-se exilada em Túnis. Ao contrário, foi uma mobilização popular espontânea, que combinou o caráter de um movimento por direitos civis ao de uma luta nacional por independência, e foi conduzida por pessoas sem nenhuma experiência política ou militar – de fato, a maior parte da população palestina, nas cidades, aldeias e campos de refugiados, envolveu-se na resistência, de uma forma ou de outra (GATTAZ, 2003, p.173).

No entanto, a iniciativa e a liderança popular na Intifada não perduraram por muito tempo. Após alguns meses de manifestações, novos grupos políticos palestinos, muitos deles formados na combustão das manifestações, passaram a ditar o ritmo dos manifestantes. Esses novos grupos passaram a exigir da OLP um programa político claro e a independência dos territórios ocupados, salientando que Jerusalém deveria ser a sua capital (GATTAZ, 2003, p.174). Por conta disso, de forma lenta e gradual, a partir de 1988 a OLP passou a coordenar as manifestações. Ao mesmo tempo que liderava a população palestina nas ruas da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, o grupo travava outra batalha no campo diplomático. Em novembro daquele ano, Yasser Arafat convocou o Conselho Nacional Palestino (CNP) para debater o esboço da Declaração da independência e a instituição de um governo provisório na Palestina (GATTAZ, 2003, p. 177-178).

Pouco menos de um mês depois, Arafat levou o pedido dos palestinos para a 43ª Assembleia Geral da ONU. Nesta assembleia, os membros da ONU aprovaram a Resolução 43/177, reconhecendo a proclamação de um Estado na Palestina. O resultado da votação traduziu o reconhecimento internacional ao movimento palestino, foram 104 votos favoráveis, 36 abstenções. Somente dois países foram contrários à resolução, especificamente, Estados Unidos e Israel, este último, além de tentar vetar a proclamação do Estado independente

palestino, afirmou que seria impossível negociar com a OLP e o Fatah que, na concepção do Estado de Israel, consistia em um grupo de terroristas que visava o fim do Estado judeu. Apesar da negação israelense em conceder novos acordos de paz, em 1993, Israel e a OLP negociaram o Acordo de Oslo e, concomitantemente, a assinatura da Declaração de Princípios que, dentre suas incumbências, permitiria que a OLP formasse a Autoridade Palestina (AP), órgão responsável pelo autogoverno palestino. Segundo Gattaz, esta declaração:

[...] baseava-se no reconhecimento mútuo entre Israel e a OLP. Estabeleceu que Israel se retiraria da Faixa de Gaza e Jericó, com retiradas adicionais de áreas não específicas da Cisjordânia durante um período de cinco anos. Durante esse período, a OLP formaria a Autoridade Palestina (AP), responsável pelo autogoverno nas áreas das quais o exército israelense se retirasse (GATTAZ, 2003, p. 181).

Assim, iniciava-se na Palestina o governo da Sulta, tendo à frente representantes da OLP e do Fatah. No mesmo ano em que a Autoridade Palestina foi instituída, a Intifada entrava nos seus atos finais, corroborando na aplicação das tratativas de segurança mútua entre Israel e Palestina que haviam sido debatidas no Acordo de Oslo. Apesar dessas conquistas, o período de negociações entre o Estado de Israel e a Autoridade Palestina chegou ao fim em menos de uma década. Em julho de 2000, após longos períodos de negociações, Arafat rejeitou a oferta do governo israelense no Acordo de Camp David¹³³ (2000). Apesar de ter enfrentado os Estados Unidos e Israel, a popularidade de Arafat e do seu grupo estava desgastada entre os palestinos que, após quase uma década da AP no governo, não reconheciam em sua política ações que conseguissem melhorar as condições de vida dos árabes palestinos. Pelo contrário, durante o período de Oslo (1993-2000), os palestinos da Cisjordânia e da Faixa de Gaza viram o crescimento das colônias judaicas, passando da média de 4200 colonos registrada entre 1967-1993 para mais de 12 mil entre 1994-2000, e o estabelecimento do controle israelense sobre os territórios ocupados, aumentando ainda mais a insatisfação dos populares com a Autoridade Palestina (GATTAZ, 2003, p. 185).

Além dos assentamentos e do aumento no número de colonos judeus nos territórios ocupados após a assinatura do Acordo de Oslo, havia também as barreiras instaladas nas fronteiras pelas Forças de Defesa de Israel que controlavam a circulação de pessoas e mercadorias que entravam e saíam da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Mediante o controle israelense, os palestinos enfrentaram uma grave crise econômica devido à falta de

¹³³ Em julho de 2000, o primeiro-ministro de Israel, Ehud Barak, ofereceu ao então líder da Autoridade Palestina, Yasser Arafat, 3% do território da Palestina histórica. Apesar de ter sido a maior oferta de terras israelenses aos palestinos, Arafat não aceitou o acordo (GATTAZ, 2003, p.185).

medicamentos e alimentos básicos para a subsistência humana e, conseqüentemente, retirava o direito de livre circulação dos árabes entre os dois territórios palestinos. Esse conjunto de medidas, como afirma Gattaz (2003, p.193), impunha aos palestinos um sentimento sistemático de humilhação por parte das forças de ocupação.

Devido a essas circunstâncias, a AP passou a deixar brechas para que outros grupos sociais, religiosos e políticos dentro dos territórios da Palestina se fortalecessem entre a população mais pobre da região (GATTAZ, 2003, p. 185-187). Nesta confluência de ações infrutíferas da AP durante o processo de Oslo (1993-2000), e do aumento da presença israelense nos territórios ocupados, a visita de Ariel Sharon à Esplanada das Mesquitas¹³⁴, em setembro de 2000, foi o estopim para que os palestinos se levantassem mais uma vez contra Israel em uma nova rebelião, conhecida como a Intifada de Al-Aqsa ou a Segunda Intifada Palestina. Diferente do que havia acontecido no passado, o Fatah não gravitava mais como o representante legítimo dos palestinos.

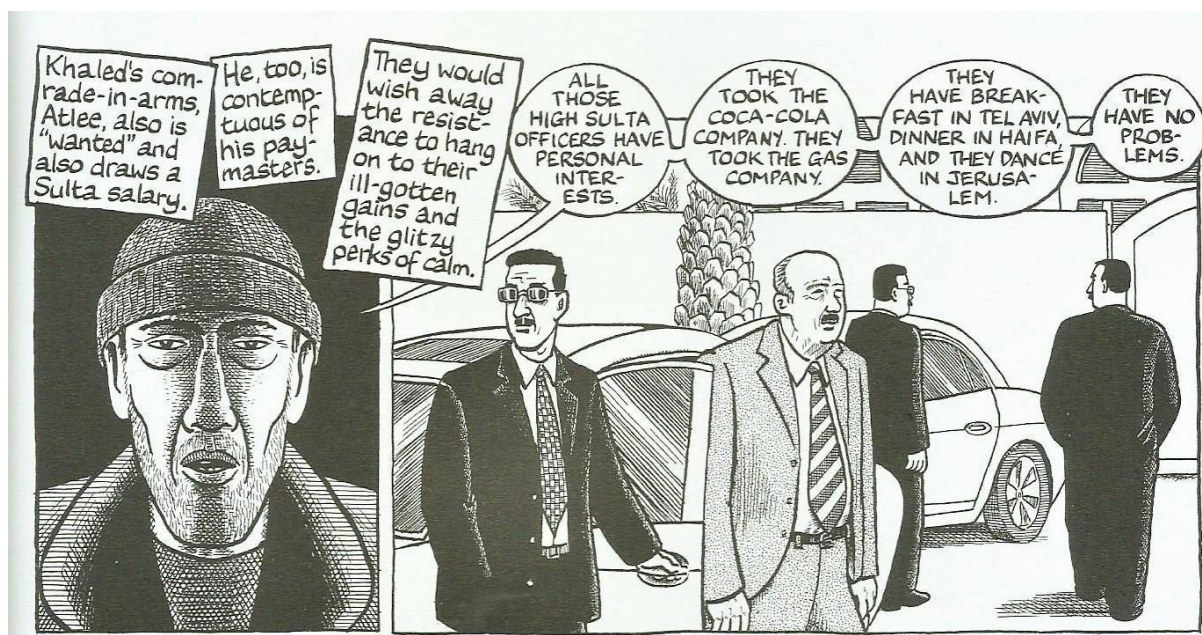
Portanto, ao que tudo indica, enquanto Sacco desenhava as páginas que dariam corpo ao capítulo “Resistance and the Sulta”, no final de 2005 e início de 2006, o Fatah não mais gozava do prestígio e da representatividade que um dia havia conquistado entre os palestinos. Agora, o Fatah compartilhava sua liderança e popularidade com os grupos nacionalistas e islâmicos que despontavam nos territórios ocupados, entre eles, o Hamas. Nesta conjuntura, é possível que Sacco tenha ilustrado um fragmento do processo de desintegração da popularidade do Fatah e, ao mesmo tempo, a ascensão do Hamas entre a população mais pobre da Palestina, uma vez que, neste período em específico, os dois grupos disputavam a maioria das cadeiras nas eleições parlamentares.

Um possível indício de que Sacco representou o desgaste da popularidade do Fatah durante o processo eleitoral de 2006 pode ser observado na **figura 65**. Na vinheta à direita, o quadrinista-jornalista ilustrou um homem com traços que apresentam sua idade avançada, como a calvície aparente e as rugas expostas que contornam seus olhos. Este senhor é acompanhado de outros três homens mais jovens, possivelmente representando seus seguranças armados, que o escoltam enquanto sai de um carro luxuoso e adentra uma mansão. À esquerda, a face de um homem de meia idade, aparentemente cansado, é identificada por Sacco como Atlee. Ele é um dos três homens que compõem o Comitê de Resistência Popular e, apesar de receber seu salário da Sulta, é um crítico do governo da Autoridade Palestina e do Fatah. O palestino afirma que

¹³⁴ A Esplanada das Mesquitas, também conhecida como o Monto do Templo, é um local sagrado tanto para judeus, muçulmanos e cristãos.

trocaria os dividendos recebidos da Sulta para fortalecer a resistência armada. Supostamente, o maior descontentamento de Atlee para com a Sulta se dá pela aceitação de dinheiro estrangeiro: “Todos aqueles altos funcionários da Sulta agem em interesse próprio. Aceitam a presença da Coca-Cola, da Companhia de Gás. Tomam café da manhã em Tel Aviv, jantam em Haifa e vão dançar em Jerusalém. Não têm problema nenhum”¹³⁵ (SACCO, 2010, p. 61).

Figura 65: A velha guarda do Fatah



Fonte: SACCO, 2010, p. 61

Levando em consideração que essa vinheta foi ilustrada em janeiro de 2006, período correspondente à campanha eleitoral na Palestina, ao referenciar o descontentamento de Atlee com a Sulta, que havia aceito a presença americana na Palestina, é possível que Sacco tenha referenciado a mobilização americana e israelense em prol do partido Fatah/Sulta naquelas eleições. Para compreendermos melhor essa relação, é válido destacar que, apesar de ainda representar uma ameaça distante à hegemonia do Fatah nas eleições de 2006, em 17 de dezembro de 2005, Erlanger veiculava no *The New York Times* que, apesar da liderança do Fatah, o Hamas crescia aos poucos nas pesquisas de opinião, apresentando desafios para Israel e EUA:

¹³⁵ [No original]: “All those high Sulta officers have personal interests. They took the Coca-Cola company. They took the gas company. They have break-fast in Tel-Aviv, dinner in Haifa and they dance in Jerusalem. They have no problems” (Tradução livre).

O Hamas dirige muitas organizações educacionais e de caridade financiadas com dinheiro de fora e também tem um braço militar ativo, que se recusa a desarmar. O Hamas, que está comprometido com a destruição de Israel e sua substituição por um Estado palestino, é considerado um grupo terrorista por Israel, Estados Unidos e União Europeia. O Hamas obteve cerca de 32 por cento dos votos nas pesquisas de opinião sobre as eleições do mês de janeiro, para os 50% do Fatah. Mas uma exibição mais forte do Hamas, quanto mais uma improvável maioria dos assentos, apresentaria grandes desafios a Israel e aos Estados Unidos e provavelmente interromperia qualquer tipo de negociação de paz, dando a Israel mais motivos para continuar com políticas unilaterais¹³⁶ (ERLANGER, 2005a, [s.p.]).

Como apontou Erlanger (2005a), em dezembro de 2005 o Hamas ainda estava distante do Fatah pela corrida eleitoral, eram 32% de intenção de votos para os islâmicos e 50% para os candidatos do partido da situação. Apesar das pesquisas apresentarem essa disparidade nas intenções de votos entre os dois partidos, o repórter do *The New York Times* já mencionava que o Hamas crescia nas regiões mais pobres da Palestina, locais onde o grupo islâmico prestava serviços sociais à população, e caso saísse vitorioso, seria um grande prejuízo para as negociações de paz com Israel. Dessa forma, é possível que, diante da presença do Hamas nas eleições parlamentares da Palestina, e as chances remotas de êxito nas urnas, os governos de Israel e dos Estados Unidos mobilizassem seus recursos para evitar uma possível vitória do grupo islâmico nas urnas.

Poucos dias antes das eleições, tanto o *The New York Times* como o *The Washington Post* veicularam a notícia de que os Estados Unidos havia viabilizado a quantia de pelo menos US\$ 1,9 milhões em caráter de emergência para que o Fatah promovesse pequenas reformas pontuais nos bairros mais pobres da Faixa de Gaza. Ao que parece, o auxílio financeiro tinha por objetivo melhorar a imagem do Fatah e da Autoridade Palestina entre a população mais pobre da Palestina e, conseqüentemente, angariar votos onde o Hamas expandia sua influência. Sobre essas doações aos projetos do Fatah, Erlanger (2006e) afirmava nas páginas do periódico estadunidense que:

Os projetos - incluindo plantio de árvores, adições de salas de aula, torneio de futebol, limpeza de ruas e computadores em centros comunitários - foram coordenados com o presidente Mahmoud Abbas e deveriam estar associados a ele e à Autoridade Palestina, que é administrada pelo Fatah. Embora a ajuda

¹³⁶ [No original]: “Hamas runs many educational and charitable organizations financed with money from outside, and also has an active military branch, which it refuses to disarm. Hamas, which is committed to the destruction of Israel and its replacement by a Palestinian state, is considered a terrorist group by Israel, the United States and the European Union. Hamas has been getting about 32 percent of the vote in opinion polls about the January elections, to Fatah’s 50 percent. But a stronger Hamas showing, let alone an unlikely majority of the seats, would present major challenges to Israel and the United States and would be likely to halt any kind of peace negotiations, giving Israel more cause to continue with unilateral policies.” (Tradução livre)

americana sempre tenha sido reconhecida publicamente, a Sra. Schweitzer-Bluhm afirmou que "nosso logotipo nem sempre estava no banner"¹³⁷ (ERLANGER, 2006e, [s.p]).

Um dia antes de Erlanger (2006e) escrever sobre a ajuda financeira estadunidense ao Fatah, nas páginas do *The Washington Post*, Scoot Wilson e Gleen Kessler (2006, [s.p.]) anunciavam que Rafiq Husseini, chefe do gabinete do presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, afirmava em entrevista que o governo Bush ofereceu a quantia de US\$ 2 milhões de dólares para que o Fatah injetasse verbas em pelo menos 30 projetos antes das eleições. Além disso, Husseini ainda destacava que nomes de palestinos proeminentes entre a população palestina foram citados para que o dinheiro afetasse o mais rápido possível a vida dos eleitores. Se no passado, o Fatah foi inimigo de Israel e dos Estados Unidos, nas eleições parlamentares de 2006, aparentemente, o grupo palestino passara a ser beneficiado pela colaboração dos americanos e dos judeus.

Retomando a **figura 65**, além de representar a colaboração de Israel e dos Estados Unidos ao Fatah, o fato de Sacco ter ilustrado um homem idoso, saindo de seu carro e adentrando uma casa luxuosa, pode ser uma menção direta à “velha guarda” do Fatah. Nos dias que seguiam as eleições, a chamada “velha guarda”, formada pelos membros que colaboraram na formação da organização na década de 1960 e que ainda se encontravam na instituição, viam seu poderio político e seu prestígio social corroerem entre a população palestina. De acordo com Zweiri (2006, p. 678), durante a campanha eleitoral, enquanto o Hamas voltava suas atenções às prerrogativas sociais e econômicas da população palestina, o Fatah ignorava essas questões e, demasiadamente, tentava lutar contra as acusações de corrupção que recaíam sobre seus membros, no governo da Sulta. Além disso, no decorrer do processo eleitoral, a “velha guarda” do Fatah se deparou com a insatisfação dos membros mais jovens do partido que, entre outras coisas, buscavam modernizá-lo.

A velha guarda- aqueles quadros que passaram a maior parte de sua vida no exílio e estiveram nas posições de liderança em Amã, Beirute e Túnis - estavam comprometidas em manter a estrutura hierárquica do Fatah. Depois de retornar do exílio, esta "velha guarda" dominou a maioria das posições-chave de alto escalão da OLP, Fatah e AP, proporcionando poucas oportunidades para uma nova liderança de 'sangue mais novo'. Depende de política de patrocínio, clientelismo e nepotismo, a liderança da Fatah mostrou pouca consideração para as preocupações e aspirações dos membros mais

¹³⁷ [No original]: “The projects -- including tree planting, schoolroom additions, a soccer tournament, street cleaning and computers at community centers -- were coordinated with President Mahmoud Abbas and meant to be associated with him and the Palestinian Authority, which is run by Fatah. Although American aid was always acknowledged publicly, Ms. Schweitzer-Bluhm said, "our logo was not always on the banner.” (Tradução livre).

jovens do partido — o *insider* ‘nova guarda’. Esta ‘nova guarda’, formado por aqueles que emergiram como líderes durante o primeiro Intifada (entre 1987 e 1993), ou desde o início da Intifada Al-Aqsa desde 2000, pretendiam transformar a Fatah em um partido político moderno¹³⁸ (JAMAL, 2013, p.284).

Cientes das falhas que o partido cometeu nos últimos anos que esteve à frente da Sulta, é possível que os jovens membros do Fatah tivessem se espelhado no modelo de assistencialismo social aos mais pobres do Hamas, para assim, aproximar o Fatah da população mais carente da Palestina. Segundo Beverley Milton-Edwards (2007, p.305), o interesse da “nova guarda” era promover mudanças e modernizar o partido que, entre outras coisas, atendessem as demandas da população mais afetada pela miséria na Palestina. No entanto, a “velha guarda”, detentora do monopólio do poder dentro do partido, vetava a todo custo qualquer possibilidade de mudanças e reformas dentro do Fatah.

Apesar disso, os periódicos estadunidenses, ao veicularem notícias sobre o motivo da cisão entre a “velha guarda” e uma corrente jovem dentro da própria organização, desconsiderava o fator modernizador dos dissidentes e salientava a face violenta e agressiva da “nova guarda”. Greg Myre, para o *The New York Times*, noticiava que os membros mais jovens do Fatah correspondiam a homens armados, perigosos e descontentes com o processo político:

Os homens armados disseram que ficaram chateados com os relatos de que a lista de candidatos do Fatah seria composta principalmente de membros da velha guarda do Fatah com laços próximos à liderança, em vez de membros mais jovens que têm exigido posições mais proeminentes. A lista oficial do Fatah ainda não foi anunciada. O Fatah realizou uma série de eleições primárias nas últimas semanas, e os líderes mais jovens se saíram melhor do que os veteranos. Mas a votação foi interrompida por homens armados várias vezes, e em algumas áreas as eleições primárias foram canceladas¹³⁹ (MYRE, 2005c, [s.p.]).

Mesmo a “nova guarda” do Fatah tendo vencido as prévias do partido para compor

¹³⁸ [No original]: “The ‘old guard’— those cadres who spent most of their life in exile, and had been in leadership positions in Amman, Beirut and Tunis—were committed to maintaining the topdown structure of Fateh. After returning from exile, this ‘old guard’ dominated most of the high-ranking, key positions of the PLO, Fateh and the PA, providing few opportunities for a new leadership of ‘newer blood’. Reliant on political patronage, clientelism and nepotism, the Fateh leadership displayed little regard for the concerns and aspirations of younger party members—the insider ‘new guard’. This ‘new guard,’ those who had emerged as leaders during the first Intifada (between 1987 and 1993), or since the start of the Al-Aqsa Intifada since 2000, were intent on transforming Fateh into a modern political party” (Tradução livre)

¹³⁹ [No original]: “The gunmen said they were upset by reports that Fatah's list of candidates would be made up mostly of old guard Fatah members with close ties to the leadership, rather than younger members who have been demanding more prominent positions. The official Fatah list has not yet been announced. Fatah held a series of primary elections in recent weeks, and younger leaders fared better than the veterans. But the balloting was disrupted by gunmen several times, and in some areas the primary elections were canceled” (Tradução livre)

a lista de candidatos que concorreriam às eleições de 2006, a notícia no *The New York Times* destacava que os homens armados que invadiram a sede do partido demonstravam insatisfação com a lista final, composta em sua maioria por membros da “velha guarda”. Ao que parece, enquanto a “velha guarda” mantinha nomes dos antigos membros da organização, os mais jovens insistiam em uma lista mista, contendo representantes que estivessem mais alinhados aos interesses da população mais pobre e carente da Palestina, situação essa que o Hamas, concorrente direto do Fatah, realizava há anos.

Em outra ocorrência, Myre (2005a, [s.p.]) noticiou que, apesar do favoritismo do Fatah para vencer as eleições parlamentares de janeiro de 2006, a facção dos jovens e rebeldes dissidentes do Fatah, sentindo que estava sendo negada a sua participação naquelas eleições, apresentou sua própria lista de candidatos, encabeçada por um ex-líder do Fatah, no caso, Marwan Barghouti, condenado e preso em Israel por organizar cinco assassinatos (MYRE, 2005a, [s.p.]).

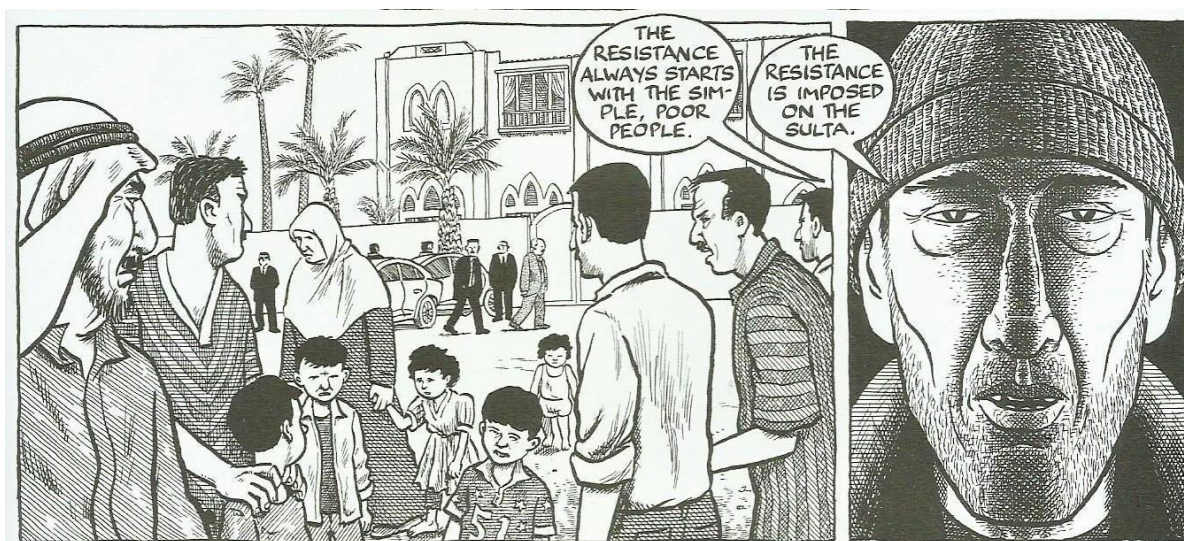
Mesmo diante da impossibilidade imposta pelo partido para concorrer às eleições com novos nomes, a “nova guarda” decidiu disputar as eleições parlamentares com sua própria lista de candidatos encabeçada por um eminente líder do Fatah, no caso, Barghouti. No entanto, a entrada de uma nova lista do Fatah nas eleições não era vista com bons olhos nem pela “velha guarda” e nem pelos EUA e Israel, pois, entre outras coisas, aumentava a possibilidade de divisão dos votos que seriam destinados ao Fatah entre a “nova” e a “velha guarda” e, ao mesmo tempo, que fortalecia ainda mais as chances de vitória do Hamas (JAMAL, 2013, p.292).

Talvez, por conta disso, a “nova guarda” do Fatah fora representada no Ocidente como um grupo de dissidentes alinhados a um líder, preso e condenado, da ala terrorista da organização, deslegitimando e, quem sabe, desestimulando muitos eleitores e apoiadores do Fatah a não votarem na ala reformista da organização. Ao que parece, alguns canais de comunicação estadunidenses blindavam a imagem de um Fatah desgastado e fragmentado, afastando a organização de qualquer resquício de práticas terroristas ou o pertencimento de terroristas em seu rol de candidatos. Os concorrentes políticos do Fatah passaram a ser representados como homens armados e perigosos, amenizando assim a imagem da organização laica entre os ocidentais. Esse processo se deu tanto com a “nova guarda” e mais tarde, conforme crescia na intenção de voto nas pesquisas eleitorais, com o Hamas.

4.2. A SULTA: COOPTAÇÃO E VIOLÊNCIA

Antes de adentrarmos às representações produzidas pelos periódicos estadunidenses e por Sacco sobre a imagem do Hamas nas eleições de 2006, é de suma importância compreendermos alguns dos motivos que, segundo Sacco, podem ter afetado a imagem do Fatah nas eleições. Por conta disso, nas páginas que se seguem, tentaremos destacar dois temas candentes: os casos de cooptação e a violência da Sulta. Como vimos, se por um lado, os veículos de informação estadunidenses propagandeavam negativamente contra os adversários do Fatah, enfatizando o perigo de terror e medo que esses grupos poderiam oferecer ao Oriente Médio caso o movimento laico palestino saísse vencido nas eleições, por outro, presumivelmente, Sacco representava a Sulta e seus membros como indivíduos distantes da causa e da realidade palestina. Na **figura 66**, é possível observar a reflexão do quadrinista-jornalista quanto à distância econômica e social entre a AP e a população palestina.

Figura 66: A distância entre o povo e a Sulta.



Fonte: SACCO, 2010, p. 61

Nesta vinheta, Sacco ilustrou a mesma cena em que o homem idoso, possivelmente representando um membro da “velha guarda” do Fatah, sai de seu carro escoltado por seguranças (**figura 65**). No entanto, apesar de se tratar da mesma cena, Sacco a ilustrou de outro ponto de vista. Neste caso, o leitor é posto a contemplar a ação do membro da “velha guarda” como se estivesse entre a população palestina que observa o idoso sair de seu carro. No primeiro plano da vinheta, a maioria desses palestinos, vestidos com indumentárias que representam

vestimentas características dos povos árabes, como a *hijab* da mulher ao fundo, divergem esteticamente do homem da “velha guarda” que, vestindo um terno claro que o distingue dos seguranças, deixa de utilizar vestimentas árabes e passa a utilizar roupas características do Ocidente. Possivelmente, na visão de Sacco, a Sulta estaria muito mais alinhada ao pensamento e ao comportamento do Ocidente do que com as tradições do Oriente. Além disso, o quadrista-jornalista ilustrou os palestinos com olhares reprovadores ao membro da “velha guarda”.

Esses olhares direcionados ao idoso do Fatah pode representar a percepção que Sacco tinha sobre o partido durante as eleições de 2006 e, ao mesmo tempo, como a população palestina que ele conhecia de suas viagens e enxergava o papel da Sulta nos territórios ocupados. Sendo assim, é possível que Sacco tenha produzido essa imagem para traduzir ao público estadunidense o distanciamento econômico e social entre o Fatah e os eleitores palestinos. Como as notícias daquele período não contemplavam o enfraquecimento gradual da Autoridade Palestina, mas salientavam o terrorismo como ferramenta dos adversários políticos da “velha guarda”, as representações sobre o Fatah nos EUA, na sua maioria elaborados e veiculados pelos meios de comunicação estadunidenses, podem ter afastado a atenção do público americano acerca do abismo latente que separava a Sulta dos problemas que assolavam diretamente o povo palestino.

Um dos primeiros problemas diretos que interessavam aos palestinos e passou quase que despercebido pelos noticiários estadunidenses e que esteve presente nas páginas de *FinG*, repousa nos casos de cooptação que envolviam os membros do Fatah. Retomando a **figura 66**, não se deve deixar de notar que o homem idoso está acompanhado de seguranças armados que o escoltam durante a saída de seu carro luxuoso em direção a uma mansão. Todos esses elementos podem demonstrar as regalias e os privilégios da “velha guarda” do Fatah em detrimento dos demais palestinos. Como debatemos anteriormente, a Palestina possuía altos níveis de desemprego e passava por uma grave crise econômica, quadro esse acentuado com o Plano de Desengajamento em 2005. Por conta disso, a ilustração de um membro da Sulta desfrutando de alguns privilégios econômicos, produzida no mesmo período em que o Fatah havia aceitado a ajuda financeira estadunidense para a campanha eleitoral, pode suscitar outro assunto caro à organização naquelas eleições: a colaboração da Sulta ao Estado de Israel e aos EUA, engendrada pela “velha guarda” do Fatah.

Pouco antes da Intifada de Al-Aqsa e o fim dos Acordos de Oslo, as condições de vida nos territórios ocupados decaíram acentuadamente. Devido à falta de emprego, à crise econômica e aos casos de corrupção que envolviam a AP e o Fatah, a população palestina estava

à beira de uma nova rebelião (HAROUB, 2012, p.65). Além disso, em detrimento da insegurança alimentar e da falta de perspectiva financeira, o público palestino se distanciou do Fatah e de tudo aquilo que um dia o movimento havia representado. Entre as queixas latentes da população palestina contra o Fatah, destaca-se a incapacidade da organização em entregar quaisquer melhorias econômicas e sociais ao povo palestino que, direta ou indiretamente, acreditava estar atrelado ao histórico de corrupção que se estendia nos últimos anos (JAMAL, 2013, p.283-284). Ao que parece, os casos de corrupção corroíam as bases da administração da AP e, no contexto das eleições parlamentares de 2006, passaram a preocupar Israel e EUA que observavam a brusca queda de popularidade do Fatah:

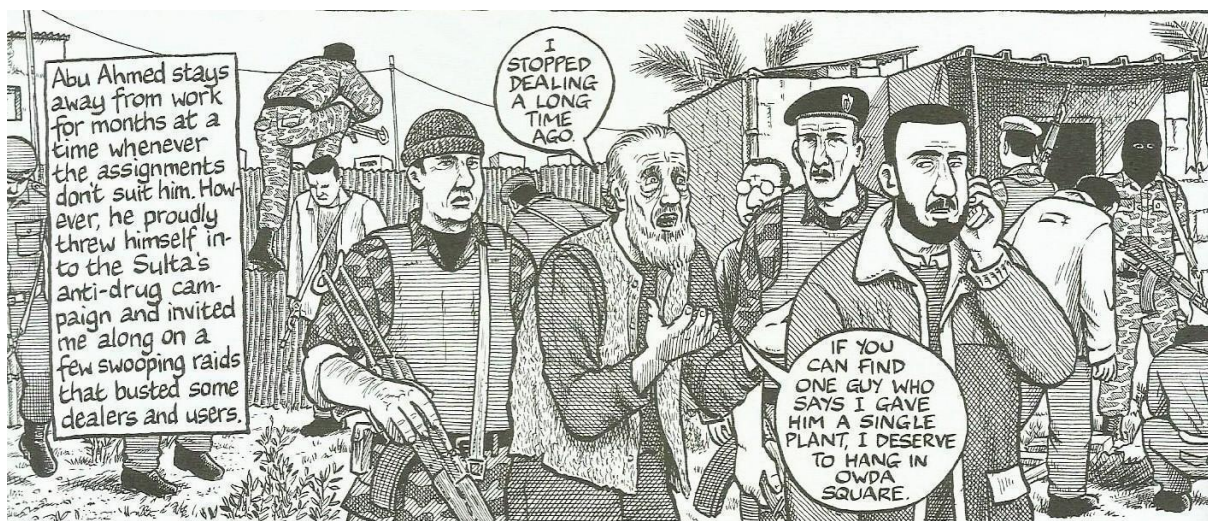
Estava muito claro que não apenas a Autoridade Palestina estava sentindo a pressão do progresso do Hamas, mas também os israelenses e os EUA. O Fatah se esforçou para admitir que era culpado de corrupção, mas acusou Israel de criar problemas que afetaram o desempenho da AP e do Fatah. Estava claro que o Fatah estava preocupado com o que essa eleição poderia produzir, mas não fez nada para mudar a opinião pública depois de mais de 40 anos no poder. O Fatah e a AP foram atacados pelo Hamas e seus apoiadores por levarem \$ 2 milhões. Foi relatado que a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) deu esse dinheiro para ajudar a Fatah a impulsionar sua imagem antes das eleições. A AP e a Fatah foram auxiliadas por Israel quando o governo israelense decidiu permitir 100.000 palestinos que viviam no Leste Jerusalém para votar¹⁴⁰ (ZWEIRI, 2006, p. 677)

Como aponta Zweiri (2006), conforme as eleições se aproximavam, e com ela aumentava o índice de aprovação do Hamas entre os eleitores palestinos, seja por meio de doações financeiras ou a permissão para que eleitores votassem em Jerusalém (território comandado pelos israelenses), tanto os EUA como Israel tentavam de uma forma ou outra contribuir com a vitória do Fatah nas urnas. Apesar da contribuição externa, no final das contas o Fatah saiu derrotado nas eleições. Estados Unidos e Israel acreditavam que os palestinos poderiam optar pelo radical islâmico para representá-los no parlamento, no entanto, não consideraram que os casos de corrupção da Autoridade Palestina, que foram intensamente debatidos pelo Hamas com o público eleitor durante as eleições, pesasse no resultado final das urnas (MILTON-EDWARDS, 2007, p. 305).

¹⁴⁰ [No original]: “It was very clear that not only the PA was feeling the pressure of Hamas’ progress, but also the Israelis and the USA. Fatah tried hard to admit that it was guilty of corruption, but accused Israel of creating problems which affected the performance of the PA and Fatah. It was clear that Fatah was worried about what this election might produce, but had done nothing to change public opinion after more than 40 years in power. Fatah and the PA have been attacked by Hamas and its supporters for taking \$2 million. It was reported that the US Agency for International Development (USAID) had given this money to help Fatah boost its image before the elections.¹⁰ The PA and Fatah were aided by Israel when the Israeli government decided to allow 100 000 Palestinians who live in East Jerusalem to vote” (Tradução livre)

Fato curioso é que, nos periódicos estadunidenses, raros foram os casos que o tema corrupção apareceu nos noticiários durante o período das campanhas eleitorais. Não é possível afirmar por quais motivos o histórico de corrupção do Fatah não veiculou nas manchetes de periódicos estadunidenses. No entanto, podemos interpretar que a ausência desse discurso na mídia americana possa estar atrelada a um possível alinhamento temporário e implícito entre EUA, Israel e Fatah para impedir a vitória de um grupo político que não estivesse alinhado aos interesses de Israel e EUA em relação à Palestina. Tal como havia acontecido na Argélia 1991, quando o partido Frente Popular Islâmica venceu a primeira rodada das eleições nacionais e os Estados Unidos permitiriam um golpe de estado pelos militares, acreditava-se que os americanos se movimentavam mais uma vez para impedir que um grupo islâmico conquistasse o poder por vias democráticas (HABOUB, 2012, p. 58). Dessa maneira, caso precisassem intervir novamente contra uma decisão democrática, em que os eleitores de um território escolheriam seus representantes pelo voto popular, talvez fosse necessário construir o terreno para uma possível interferência. Neste caso, ao que parece, a interferência aconteceu no campo das representações, discursando antecipadamente que o Fatah se configurava como a escolha menos maléfica para a Palestina.

Figura 67: O traficante palestino.



Fonte: SACCO, 2010, p.60

Nesta conjuntura, se por um lado os casos de corrupção do Fatah não eram evidenciados nos noticiários americanos, por outro, o fortalecimento da força policial da Sulta e a necessidade de desarmar os árabes muçulmanos revoltosos era ostensivamente debatida nos meios de comunicação estadunidenses. A respeito disso, um trecho de *FinG* chama a atenção.

Na **figura 67**, produzida em janeiro de 2006, Sacco ilustra um homem idoso que tenta convencer os policiais da Sulta de que não trafica drogas há muito tempo “*I stopped dealing a long time ago*” (Eu parei de vender há muito tempo atrás) (SACCO, 2010, p.60). Enquanto isso, no pátio da residência, alguns policiais, muitos deles fardados e armados com fuzis, vasculham todos os cantos do jardim atrás de entorpecentes. Vale destacar a grande quantidade de homens e armas de grosso calibre desenhadas nesta imagem. Considerando que esses policiais fazem parte da Sulta, possivelmente, Sacco tenha destacado o contingente humano e bélico que a Autoridade Palestina dispunha naquele período.

Além disso, é importante observar nesta imagem o controle da Sulta sobre a população mais pobre que, em decorrência da falta de empregos e da acentuada crise econômica que assolava os territórios ocupados, especialmente a Faixa de Gaza pós Plano de Desengajamento, se viam, em casos como esse, na esteira da corrupção moral e na incumbência de traficar para sobreviver. Sendo assim, na perspectiva de Sacco, se por um lado a população mais pobre da Palestina abria mão de alguns de seus princípios éticos, morais e até religiosos para conquistar seu sustento diário, por outro, os grandes líderes do passado, representados na imagem do homem da “velha guarda”, se corrompiam e aceitavam a ajuda israelense e americana para manter seus privilégios.

No mesmo mês em que Sacco desenhou essa vinheta, Graig S. Smith, jornalista do *The New York Times*, noticiava que “[...] homens armados isolaram um bairro em Khan Yunis, a segunda maior cidade de Gaza, enquanto membros de uma conhecida família de traficantes de drogas lutavam com a polícia palestina. Onze policiais ficaram feridos¹⁴¹” (SMITH, 2006b, [s.p.]). É difícil afirmar a possibilidade de que Sacco tenha ilustrado essa vinheta após a leitura desta reportagem. No entanto, é possível verificar que o quadrinista-jornalista se autorrepresentou nessa vinheta. Talvez a sua intenção não tenha sido se colocar como uma das testemunhas oculares da operação realizada pelos policiais da Sulta à casa do ex-traficante palestino, visto que o confronto com os traficantes aconteceu em 2006, enquanto sua visita se deu entre 2002 e 2003, mas sim como alguém atento àqueles fatos e, por isso, tinha a intenção de cotejar as informações produzidas pelos veículos de informação estadunidenses com a “realidade” dos acontecimentos conforme seus conhecimentos sobre a região.

Dessa forma, apesar da distância temporal que separa a visita do quadrinista-

¹⁴¹ [No original]: “Farther south that same day, gunmen cordoned off a neighborhood in Khan Yunis, Gaza's second-largest city, while members of a well-known drug-smuggling family battled with the Palestinian police. Eleven police officers were reported wounded.” (Tradução livre)

jornalista aos territórios ocupados (2002-2003) em relação à produção desta vinheta (2006), é possível que o desenho tenha sido produzido por Sacco para ir de encontro ao discurso disseminado nos EUA de que a polícia palestina também enfrentava problemas de segurança pública nos territórios ocupados ao enfrentar uma população radical e armada, pois, ao passo que Smith (2006b) escrevia nas páginas do *The New York Times* que uma família de traficantes havia entrado em confronto com os policiais palestinos, ferindo onze deles, por sua vez, Sacco representava policiais armados da Sulta vasculhando a casa de um único idoso e, ao que tudo indica, um suposto ex-traficante de drogas.

Além disso, é provável que a interação entre a ilustração de Sacco, sobre o ex-traficante de drogas, e a notícia, de que policiais da Sulta tinham combatido uma família de traficantes, tenha ocorrido em detrimento dos incessantes pedidos das autoridades israelenses e americanas para que Mahmoud Abbas, Primeiro Ministro da Autoridade Palestina, aumentasse o controle policial da Sulta contra quaisquer grupos armados na Palestina durante o período das eleições. No dia 18 de janeiro de 2006, por exemplo, pouco mais de uma semana para as eleições, o jornalista Erlanger (2006a), para o *The New York Times*, noticiava que Ehud Olmert, Primeiro Ministro de Israel, somente abriria espaço para novas negociações de paz com Abbas, caso o líder da AP desmantelasse os grupos militantes e terroristas da Palestina. Levando em consideração que a Autoridade Palestina tem em seu poder a única instituição estatal armada dentro dos territórios ocupados, ou seja, a polícia palestina da Sulta, era de se esperar que Abbas a utilizasse para fazer valer o pedido de Olmert e, conseqüentemente, tentar desarmar o Hamas antes do dia das votações.

Sobre a polícia palestina, é importante destacar que desde maio de 2005, ou seja, menos de um ano das eleições, havia um movimento de cooperação desta instituição com o Estado de Israel. Ainda na esteira do Plano de Desengajamento, a Sulta havia iniciado um conjunto de medidas visando a reforma e a reestruturação dos serviços de segurança pública na Palestina. Dentre as ações tomadas, houve a contratação de novos chefes para os serviços de segurança, a implementação da lei de aposentadoria para os antigos funcionários e, talvez a mais importante delas, a aprovação do Estado de Israel para a implementação de centenas de policiais palestinos armados na Cisjordânia. Conforme o relatório emitido por Kieran Prendergast, Secretário Geral das Nações Unidas:

[...] Não há dúvida quanto à legitimidade das preocupações de segurança de Israel. A Autoridade Palestina deve fortalecer seus esforços para acabar com todas as atividades violentas e deve produzir resultados tangíveis no terreno. Enquanto isso, Israel pode e deve fazer mais para apoiar a liderança palestina

em sua difícil tarefa. As dúvidas e suspeitas de ambos os lados podem ser compreensíveis, mas precisam ser tratadas por meio de engajamento construtivo e contatos bilaterais sustentados [...] Especificamente, instamos Israel a trabalhar diretamente com os palestinos para encontrar uma maneira de implementar os compromissos assumidos em Sharm el-Sheikh. Mais atrasos na entrega das três cidades palestinas restantes e na libertação de prisioneiros ameaçam seriamente minar o presidente Abbas. Seria difícil para a Autoridade Palestina empreender ações sustentáveis em matéria de segurança, a menos que receba ajuda e apoio em seus esforços para controlar os militantes. Um passo significativo e positivo nesse contexto é a aprovação de Israel da implantação de centenas de policiais palestinos armados em todas as cidades da Cisjordânia, a fim de fortalecer a Autoridade Palestina antes da transferência de outras áreas para o controle de segurança palestino¹⁴² (ESCWA, 2005, [s.p.]).

Dessa forma, ao que tudo indica, não fazia muito tempo que a polícia palestina havia reformado suas estruturas e aumentando seu contingente de agentes de segurança nos territórios ocupados. A reestruturação e melhoria do arsenal da Sulta não pararam em meados de 2005. Nos Estados Unidos, em 25 de janeiro de 2006, no dia marcado para a votação, o *The New York Times* veiculava a reunião que aconteceu entre o líder da AP, Mahmoud Abbas, e o representante do Comitê de Relações Exteriores do Senado dos EUA, senador Joe Biden. Durante as tratativas, Abbas solicitava ao governo de Washington que, mesmo com a vitória do Hamas, continuasse a repassar a ajuda financeira para que a Autoridade Palestina pudesse reformar o equipamento bélico e investir nos serviços de segurança propiciados pela Sulta (ERLANGER; MYRE, 2006, [s.p.]).

Vale destacar que, em sua maioria, as notícias que veiculavam o aumento de confrontos entre os policiais da Autoridade Palestina contra grupos armados, especialmente contra os membros do Hamas, eram acompanhadas de relatos de palestinos que se sentiam inseguros diante de uma provável conquista do movimento islâmico nas eleições. Na mesma matéria do *The New York Times* sobre a operação policial contra a família de traficantes armados, por exemplo, Smith (2006b) salientava a preocupação da população de Gaza quanto

¹⁴² [No original]: “There is no doubt as to the legitimacy of Israel’s security concerns. The Palestinian Authority must strengthen its efforts to end all violent activity and must produce tangible results on the ground. Meanwhile, Israel can and should do more to support the Palestinian leadership in its difficult task. The doubts and the suspicions on both sides may be understandable, but they need to be addressed through constructive engagement and sustained bilateral contacts [...] Specifically, we urge Israel to work directly with the Palestinians to find a way to implement the commitments made at Sharm el-Sheikh. Further delays in handing over the remaining three Palestinian cities and in releasing prisoners threaten seriously to undermine President Abbas. It would be difficult for the Palestinian Authority to undertake sustained and sustainable action on security unless it is aided and supported in its efforts to rein in the militants. A significant and positive step forward in that context is Israel’s reported approval of the deployment of hundreds of armed Palestinian police in all West Bank cities in order to strengthen the Palestinian Authority ahead of a transfer of further areas to Palestinian security control” (Tradução livre).

à escalada de violência entre as facções armadas na Palestina.

Uma semana antes das eleições, Smith (2006b) noticiava que: “Enquanto o mundo está assistindo a luta do primeiro-ministro Ariel Sharon pela vida e se perguntando quem governará Israel em sua ausência, o povo em Gaza está muito mais preocupado com o crescimento da ilegalidade e da tensão entre as facções armadas desde a retirada de Israel¹⁴³” (SMITH, 2006b, [s.p.]). Apesar de não citar o nome das facções, possivelmente o repórter esteja se referindo ao Fatah e ao Hamas, os dois concorrentes à maioria das cadeiras no parlamento. No dia da eleição, enquanto os palestinos e a comunidade internacional aguardavam a apuração dos votos, os relatos de palestinos ansiosos e preocupados com um possível governo muçulmano na Palestina e, conseqüentemente, um novo ciclo de violência civil pululavam na imprensa estadunidense:

Os eleitores estavam ansiosos, mas faladores, satisfeitos com o processo de democracia, mas preocupados com os resultados. Mai Alami, mãe de três meninas e um menino, disse que a eleição foi vital e traria alguns "rostos novos" para uma política estagnada pós-Arafat. "Mas temos medo do partido islâmico", disse ela, "não porque somos contra eles, mas por causa de seu preconceito e de suas políticas¹⁴⁴" (ERLANGER; MYRE, 2006, [s.p.]).

Como se vê, os jornalistas do *The New York Times* evidenciaram que a palestina Mai Alami se dizia feliz pelo processo democrático em seu país, mas se sentia temerosa pela vitória do “partido islâmico”, especialmente por conta de seu preconceito e de suas políticas. Apesar de destacar os medos de Mai Alami, os repórteres não exemplificaram quais seriam esses elementos temerários, somente acentuavam que os palestinos andavam preocupados caso o Hamas saísse vitorioso. Dessa forma, ao que parece, conforme a vitória do Hamas se consolidava e, conseqüentemente, diminuía as chances do Fatah se manter à frente da Autoridade Palestina, crescia a divulgação de notícias que atestavam os iminentes perigos e ameaças à vida e à liberdade dos palestinos. Apesar de não exemplificar ou se aprofundar sobre o assunto, as notas evidenciavam, em sua maioria, o risco de uma guerra civil que poderia ser iniciada a qualquer momento pelo grupo fundamentalista islâmico. Caso isso acontecesse, somente o Fatah e a polícia da Sulta poderiam impedir uma nova escalada de violência nos

¹⁴³ [No original]: “While the world is watching Prime Minister Ariel Sharon's fight for life and wondering who will govern Israel in his absence, people in Gaza are far more preoccupied with growing lawlessness and tension between armed factions since Israel's withdrawal” (Tradução livre).

¹⁴⁴ [No original]: “Voters were anxious but talkative, pleased with the process of democracy but worried about the results. Mai Alami, a mother of three girls and a boy, said the election was vital and would bring some needed "fresh faces" to a stagnant, post-Arafat politics. "But we're afraid of the Islamic party," she said, "not because we are against them, but because of their prejudice and their policies." (Tradução livre).

territórios ocupados.

Enquanto isso, na contramão das notícias sobre o temor dos palestinos quanto à vitória do Hamas, nas páginas de *FinG*, Sacco representava o terror e a tortura imposta pela Sulta aos revoltosos em 1996. Na **figura 68**, também produzida no mês das eleições (janeiro/2006), dois homens de balaclava, escondendo seus rostos, conduzem outros dois homens com as faces retorcidas pela dor e sofrimento. À direita, o homem de balaclava ergue a mão e a inclina com a intenção de golpear o indivíduo que está à sua frente. Por sua vez, o palestino da frente está com as mãos amarradas nas costas e parece seguir o caminho que seu torturador, munido de um rifle de assalto, o conduz. Logo atrás, à esquerda da vinheta, o segundo soldado de balaclava segura um cassetete contra o pescoço de outro palestino. A camiseta manchada de sangue e os olhos arregalados salientam o sentimento de dor e de ódio que o árabe sentia naquele momento. Em seguida, no recordatório, Sacco explica o contexto de sua ilustração:

Em 1996, durante o período de Oslo, quando a Sulta, comandada pela Fatah, reprimiu duramente os militantes do Hamas e da Jihad Islâmica por seus atentados a bomba a civis israelenses, Khaled se recusou a participar das buscas e dos interrogatórios – embora fizesse parte das forças de segurança oficiais da Palestina¹⁴⁵ (SACCO, 2010, p.59).

Nesta vinheta, é possível dizer que os homens encapuzados representam os policiais da Sulta, enquanto os demais correspondem aos militantes do Hamas, presos e torturados pela Autoridade Palestina com o aval do governo de Israel em 1996. Neste caso, é provável que Sacco tenha desenhado este árabe palestino com a face retorcida de dor e ódio para evidenciar os sentimentos revoltosos que uma parcela da população palestina sentia em relação à presença ostensiva dos policiais da Sulta, que também eram palestinos e sofriam, direta ou indiretamente, a opressão do Estado de Israel.

Além disso, um ponto de convergência entre a **figura 67** e a **figura 68** merece atenção. Nas duas vinhetas é possível identificar a presença de homens com balaclava nas cenas ilustradas por Sacco. No entanto, enquanto na **figura 67**, que representa a ação da Sulta durante a visita de Sacco na década de 2000, encontra-se apenas um policial encapuzado, no segundo plano da imagem, que é guiado por um agente de segurança com seu rádio em punho. Por sua vez, na **figura 68**, imagem que representa o enclave entre os homens da Sulta e do Hamas em

¹⁴⁵ [No original]: “In 1996, during the Oslo period when Fatah led Sulta came down hard on Hamas and Islamic Jihad militants for their murderous bombings of Israeli civilians, Khaled refused to participate in round-ups and interrogations – even though he was an officer in one of the Palestinian security branches” (Tradução livre).

1996, além de haver dois policiais encapuzados, eles foram ilustrados no primeiro plano da imagem, possivelmente representando a autonomia dos árabes em suas ações. Sendo assim, na perspectiva de Sacco, mediante a ilustração do posicionamento dos policiais da Sulta, que na primeira imagem realizam uma operação à mando de um agente de segurança e, na segunda, agem por conta própria, é provável que entre os eventos de 1996 e os ocorridos no início dos anos 2000, a Sulta tenha perdido seu protagonismo em suas ações e, quem sabe, aceitando o controle de Israel em suas operações.

Figura 68: Palestinos contra palestinos.



Fonte: SACCO, 2010, p. 59.

Adiante, na mesma vinheta, o quadrinista-jornalista destaca nos recordatórios a fala de Khaled sobre sua recusa de participar da Sulta e, assim, receber um bom salário no final do mês. O palestino comenta que não teve coragem de seguir as ordens da Sulta pois, os homens que seriam torturados eram seus amigos e aliados. Possivelmente, o relato de Khaled representa a lealdade do *mutarab* para com os seus companheiros de luta e, ao mesmo tempo, ressalta as marcas deixadas pela tortura que palestinos causaram na década de 1990. Da mesma forma que a notícia do traficante do sul de Gaza, é possível que esse recorte sobre a tortura de palestinos contra palestinos tenha ressonância com os assuntos debatidos na imprensa americana durante a campanha eleitoral na Palestina.

Ao pesquisar as páginas dos periódicos estadunidenses, o ano de 1996 foi debatido

durante o período eleitoral. No caso, a data foi apresentada ao público estadunidense para explicar a relação entre os irmãos Rajoub que concorreriam às cadeiras do Parlamento palestino por partidos diferentes. A notícia expedida por Myre (2006b, [s.p.]) dizia que em 1996, Nayef Rajoub, membro do Hamas, havia sido preso por seu irmão, Jibril Rajoub, do Fatah. E, o mais importante, Myre esclarece que não havia ressentimentos entre os irmãos, deixando claro que a relação entre ambos era excelente:

Nayef Rajoub, um membro do Hamas e candidato ao Parlamento Palestino, foi preso cinco vezes - quatro por Israel e uma por seu irmão. Para que conste, Nayef Rajoub não guarda rancor por sua detenção em 1996 durante uma repressão aos membros do Hamas pela Segurança Preventiva Palestina, que era então liderada por seu irmão mais velho, Jibril Rajoub. O ponto mais importante, observou Nayef Rajoub, é que Jibril Rajoub o libertou da prisão depois de apenas um dia. Os caminhos políticos dos irmãos Rajoub divergiram anos atrás, e agora ambos buscam assentos parlamentares na volátil Hebron para os partidos rivais Fatah e Hamas. Mas não é pessoal, é apenas política, dizem eles. "Nossas relações sempre foram excelentes", disse Nayef Rajoub, 47, em uma entrevista no modesto escritório de campanha do Hamas em Hebron, onde muitos trabalhadores são mulheres com véus. "Se não nos virmos pessoalmente, estaremos falando ao telefone todos os dias"¹⁴⁶ (MYRE, 2006b, [s.p.])

Ao noticiar que a relação entre os irmãos Rajoub era tranquila e amistosa, Myre deixava de elucidar aos leitores americanos o lado obscuro das prisões e torturas ocasionadas em 1996, tema esse que foi brevemente apresentado por Sacco em *FinG* (**figura 68**). Além disso, a ilustração da tortura perpetrada pela Sulta em 1996 pode, também, estar relacionada às possíveis consequências que a militarização da Sulta, atrelada à pressão israelense e estadunidense para que Mahmoud Abbas enfrentasse o Hamas caso o Fatah perdesse as eleições. Dessa forma, para compreendermos melhor essa tela e, conseqüentemente, sua possível relação com o período em que foi ilustrada, é importante voltar no passado e retomar o papel estabelecido à Autoridade Palestina nos Acordos de Oslo, em 1993. De acordo com Jawdat Abu el-Haj (2014), em 1993, além do fim do conflito armado e a criação da AP, a assinatura do Acordo de Oslo previa e estabelecia a cooperação entre israelenses e palestinos

¹⁴⁶ [No original]: "Nayef Rajoub, a Hamas member and candidate for the Palestinian Parliament, has been arrested five times - four by Israel and once by his brother. For the record, Nayef Rajoub, bears no grudge for his 1996 detention during a crackdown on Hamas members by Palestinian Preventive Security, which was then led by his older sibling, Jibril Rajoub. The more important point, Nayef Rajoub noted, is that Jibril Rajoub released him from jail after just a day. The political paths of the Rajoub brothers diverged years ago, and now both are seeking parliamentary seats in volatile Hebron for the rival Fatah and Hamas parties. But it's not personal, it's just politics, they say. "Our relations have always been excellent," Nayef Rajoub, 47, said in an interview in the modest Hamas campaign office in Hebron, where many workers are veiled women. "If we don't see each other in person, then we are speaking on the phone every day." (Tradução livre).

para a manutenção da segurança na região:

Em 20 de agosto de 1993, o conflito do Oriente Médio parecia se encaminhar para um final pacífico, quando os delegados palestinos e israelenses anunciaram em Oslo a formalização de um entendimento histórico entre Yasser Arafat e Yitzhak Rabin. As simbólicas três cartas trocadas entre os dois líderes reconheciam a legitimidade dos pleitos dos dois povos, comprometendo-se a negociar todas as questões espinhosas em um intervalo de cinco anos. Um mês após o anúncio do entendimento em Oslo, Arafat e Rabin celebraram nos jardins da Casa Branca o documento formal, os Acordos de Oslo, com a presença de Bill Clinton e vários chefes de estados árabes e europeus. Concretamente, os Acordos previam o fim do conflito armado; retiradas israelenses de extensas partes dos territórios ocupados de Gaza e Cisjordânia; formação de um protoestado palestino (Autoridade Nacional Palestina) com poderes administrativos e diplomáticos; cooperação nas áreas de segurança, infraestrutura e economia; e o início de negociações sobre um tratado de paz no transcorrer máximo de cinco anos (ABU EL-HAJ, 2014, p.15).

Sendo assim, o acordo visava a cooperação mútua pela manutenção da segurança. Essa determinação fez com que a AP se tornasse, aos olhos dos palestinos, menos um defensor do povo do que um braço colaboracionista de Israel. Conforme Haroub (2012, p.66), o caso de tortura contra os homens do Hamas em 1996 era parte do compromisso da AP com a segurança do Estado de Israel. Inicialmente, a Autoridade Palestina havia sido criada com o objetivo de entregar a democracia aos palestinos, no entanto, conforme o tempo passava, ela era acusada de entregar segurança à Israel. No contexto das eleições de 2006, de acordo com Mandy Turner (2006, p.744), manter a Sulta ativa tornava-se cada vez mais importante para os israelenses, visto que a polícia palestina desarmava e continha os grupos militantes rebeldes, algo que as Forças de Defesa de Israel nunca tiveram amplo sucesso.

Portanto, nesse processo de alinhamento entre os interesses do Estado de Israel e a Sulta, enquanto a “velha guarda” se beneficiava da cooperação com os israelenses, a Autoridade Palestina perdia, pouco a pouco, o *status* de representante legítimo do povo palestino. Nos anos 2000, principalmente após o fracasso de Oslo e o início da Intifada de Al-Aqsa, a reputação da Sulta estava manchada com os casos de autoritarismo contra os próprios palestinos (TURNER, 2006, p. 743). Além disso, na esteira da Intifada de Al-Aqsa, outro ponto caro para o Fatah foi a isenção para os membros do partido de algumas obrigações que haviam sido impostas por Israel à população palestina. Segundo Luis Fernando Lopes Pereira (2003), com o início da Intifada, o Estado de Israel impôs aos palestinos o uso de cartões magnéticos para entrar e sair dos territórios ocupados, beneficiava somente os colaboracionistas e a elite política palestina:

Outro aspecto a se verificar de maneira mais atenta é o da dupla fragmentação que essas reações provocaram para a vida dos palestinos: de um lado, o controle do trânsito, do direito de ir e vir dos palestinos mesmo em seus territórios autônomos, fazendo com que Israel defina “as categorias daqueles que podem obter o passe, seu número e natureza”. Tal controle foi ampliado pela utilização recente de cartões magnéticos de acesso, os quais transformam o direito universal de ir e vir em um privilégio, uma vantagem para os colaboracionistas e para as elites políticas palestinas. Esse enclausuramento social induzido pela limitação de circular livremente é associado à velha fragmentação territorial conduzida por Israel desde 1967, quer dizer, à instalação de novas colônias judias como satélites nos territórios ocupados, o que se intensificou na “década da Paz”[...] (PEREIRA, 2003, p.46).

Dessa forma, antes mesmo da eclosão da Intifada em 2000 e, possivelmente fortalecida durante a revolta palestina, a imagem da Sulta decaía entre os árabes que habitavam os territórios ocupados. Nessa época, o papel de representantes legítimos do povo e da causa palestina dava espaço para os casos de corrupção, manutenção dos privilégios e colaboração com os interesses israelenses e americanos na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Possivelmente, a ilustração da tortura de palestinos nas páginas de *FinG* represente a leitura de Sacco sobre um possível novo embate civil na Palestina, dessa vez, incitado pelo governo de Israel e dos EUA. Como afirma Haboub em uma de suas visitas à Faixa de Gaza no período das eleições: “Eu também observei confrontos violentos entre o Hamas e as forças de segurança preventivas dominadas pelo Fatah. O que se dizia nas ruas era que “1996 nunca mais voltaria”¹⁴⁷ (HABOUB, 2012, p.66).

4.3. A RESISTÊNCIA: TERRORISMO OU ASSISTENCIALISMO?

Nas páginas anteriores, observamos os acontecimentos na Palestina durante o período de campanha eleitoral para o parlamento em 2006. No entanto, nossa atenção ficou restrita aos sistemas de representações produzidos e veiculadas pelos meios de comunicação estadunidenses e, da mesma forma, por Sacco a respeito da Sulta/Fatah. Neste ínterim, enquanto o primeiro buscava amenizar a imagem do partido entre os leitores ocidentais e, quando possível, entre os leitores orientais, ao que parece, o segundo ilustrava alguns problemas pontuais que, ao longo do tempo, afastaram a organização dos anseios da população palestina e, conseqüentemente, contribuíram para sua derrocada nas urnas. Por conta disso, nas páginas a seguir averiguaremos como os veículos de imprensa americanos e o quadrinista-jornalista

¹⁴⁷ [No original]: “I also observed violent clashes between Hamas and Fatah-dominated preventive security forces. The word on the street was that “1996 would never come back.”” (Tradução livre).

apresentaram o Hamas, grupo fundamentalista islâmico que concorreu contra o Fatah nas eleições, durante e depois da campanha eleitoral.

Após a apuração dos votos, a comunidade internacional, especialmente os EUA, se dizia surpresa com a conquista alcançada pelo movimento islâmico nas urnas. Poucos dias após o anúncio dos resultados, em 30 de janeiro de 2006, o repórter Steven R. Weisman veiculou no *The New York Times* que a então Secretária de Estado americana, Condoleezza Rice, reconhecia que os Estados Unidos ainda não haviam compreendido a profundidade da hostilidade dos palestinos em relação aos seus líderes do Fatah de longa data, ocasionando, em sua opinião, nos votos de protesto que garantiram a vitória do Hamas pelas vias democráticas. Além disso, na esteira das palavras de Rice, Weisman ainda questionava o empenho do governo de Washington na luta pela promoção da democracia nos países do Oriente Médio: “De fato, a vitória do Hamas desencadeou um debate sobre se o governo estava tão comprometido com sua crença na democracia que não via os perigos de realizar eleições em regiões onde os grupos islâmicos eram fortes e as instituições democráticas eram fracas¹⁴⁸” (WEISMAN, 2006, [s.p.]).

Possivelmente, essa ausência de visão geral sobre o processo eleitoral na Palestina, tal como afirmado por Weisman (2006) em sua matéria, deu-se pela forte confiança que alguns políticos estadunidenses haviam depositado na vitória do Fatah. A respeito disso, Turner (2006) salienta que os representantes do governo americano só haviam permitido a realização das eleições na Palestina e, conseqüentemente, a participação do Hamas no pleito eleitoral, por conta da confiança apresentada por Abbas e pela própria AP na vitória do Fatah:

Washington e Bruxelas financiaram o processo eleitoral e, originalmente, os EUA alegaram que, desde que as eleições fossem livres e justas, o que foi acordado com a Missão de Observação Eleitoral da União Europeia, reconheceriam o resultado. Não foram estabelecidas condições para a participação eleitoral do Hamas, principalmente porque Abbas e o Hamas já haviam chegado a um acordo. É claro, no entanto, que Abbas concebeu isso como os primeiros passos para um descomissionamento gradual do Hamas por meio da integração política com base nas eleições para o PLC, e não previu que o Hamas fugisse com todo o prêmio. Os EUA aceitaram a participação do Hamas, tendo sido levados a acreditar, por Abbas, que haveria uma vitória do Fatah que minaria o desafio islâmico na região. Essa previsão estava errada. O povo palestino havia falado e o nome em seus lábios não era Fatah, mas Hamas¹⁴⁹ (TURNER, 2006, p.748-749)

¹⁴⁸ [No original]: “Indeed, Hamas's victory has set off a debate whether the administration was so wedded to its belief in democracy that it could not see the dangers of holding elections in regions where Islamist groups were strong and democratic institutions weak” (Tradução livre).

¹⁴⁹ [No original]: “Democratization in other parts of the region was also increasingly perceived as a way to repair other political crises. In the Israeli–Palestinian context democracy promotion, in the wake of Yasser Arafat’s death, became seen as a means by which the peace process logjam would become unlocked. Western states encouraged

O espanto da secretária de Estado e a dúvida lançada por Weisman (2006) sobre um possível descuido do empenho americano em levar a democracia para o Oriente Médio, pode demonstrar o paradoxo democrático da política externa dos EUA quanto às eleições parlamentares na Palestina. Se por um lado os americanos apoiavam a promoção da democracia no Oriente Médio, por outro, dificultavam a participação de alguns candidatos à disputa eleitoral. Como aponta Turner (2006, p.743), o esforço americano para promover a democracia no Oriente Médio tem sido amplamente direcionado a um eleitorado específico, ou seja, para as elites liberais, seculares e pró-ocidentais que não representam a maioria nessas regiões, como foi o caso do Fatah, e ignoram a popularidade dos grupos islâmicos que vem crescendo no Oriente Médio nos últimos anos.

Por conta dessa política de promoção democrática seletiva, tal como descrita por Turner (2006), é possível que os esforços para o impedimento da participação do Hamas nas eleições tenham começado muito antes dos dias que seguiram à campanha eleitoral (ZWEIRI, 2006, p.680). Em 3 de janeiro de 2006, dia marcado para iniciar as campanhas eleitorais nos territórios ocupados, Israel, apoiado pelos EUA, culpava a AP por permitir a presença de um grupo terrorista nas eleições. Ao que parece, mesmo tendo apoiado a realização das eleições e não impedido diretamente a participação do grupo islâmico ao pleito eleitoral, tanto Israel como EUA, por observarem com desconfiança o Hamas enquanto partido político democrático, passaram a se movimentar de forma implícita para impedir a presença dos fundamentalistas islâmicos nas eleições parlamentares.

Por conjectura, as primeiras tentativas de deslegitimar a presença do Hamas como concorrente legítimo às cadeiras do parlamento palestino ocorreram longe dos holofotes midiáticos. A título de exemplo, em 6 de janeiro de 2006, poucos dias após o início da campanha eleitoral, o Carter Center, chefiado pelo ex-presidente dos EUA, Jimmy Carter, em parceria com o National Democratic Institute, grupo sediado em Washington, emitiram conjuntamente um relatório à ONU sobre as condições do processo eleitoral palestino. O dossiê salientava a importância do processo democrático para a política na Palestina, porém, destacava a participação do Hamas como um dos únicos pontos negativos para a realização do pleito. Para o relator do dossiê, a presença do grupo islâmico desafiava a consolidação da democracia na

the Palestinian President Mahmoud Abbas to hold elections in the belief that Fatah (the main secular-nationalist faction of the Palestinian Liberation Organization [PLO]) would win another endorsement from the Palestinian electorate to continue ruling over them. In the Palestinian context efforts to liberalize and democratize the Palestinian Authority (PA) and its institutions were a closer approximation, as Diamond asserts, to ‘pseudo-democracy’ in mimetic aping of the real thing” (Tradução livre).

região, visto que o Hamas pratica a violência como ferramenta política e tem como um de seus objetivos fundamentais o extermínio completo do Estado de Israel. Além disso, o autor do texto frisava que, nos últimos dias, a violência nos territórios ocupados aumentava de forma exponencial por conta das eleições, fato esse que, direta ou indiretamente, poderia interferir na escolha dos eleitores e favorecer a vitória do Hamas:

A segurança em Gaza está se deteriorando rapidamente e pode ameaçar a capacidade dos eleitores de votar livremente e sem medo de recriminações. Nos últimos dias tem havido uma série de relatos confirmados de violência relacionada à eleição. Escritórios do CEC foram invadidos e fechados por homens armados, o trabalhador de campanha de um partido foi baleado e morto por um ativista rival e ameaças de sequestro foram emitidas contra os observadores eleitorais internacionais¹⁵⁰ (NDI/CARTER CENTER, 2006, [s.p.]).

Supostamente, como se vê, entre os corredores das Nações Unidas os representantes americanos demonstravam preocupação, ou até mesmo insatisfação, com o quadro eleitoral que se configurava na Palestina. No entanto, ao que tudo indica, a preocupação americana não ficou restrita às salas de audiência e aos relatórios apresentados à ONU. Gradualmente, o discurso de preocupação em relação aos perigos relacionados à participação do Hamas nas eleições parlamentares também passou a ventilar nos noticiários americanos. Um dos primeiros indícios desse discurso nas páginas dos jornais ocorreram poucos dias após a emissão do relatório do NDI e Carter Center às Nações Unidas. Neste caso, o jornalista Graig S. Smith publicava no *The New York Times* que uma suposta vitória do Hamas poderia abrir espaço para a consolidação de uma teocracia Islâmica sobre Israel, Cisjordânia e a Faixa de Gaza:

As eleições serão a estreia do Hamas na política oficial palestina, um processo que tem sido boicotado desde a formação da Autoridade Palestina em 1993. Desde a fundação do grupo em Gaza em 1987, seu foco tem sido o combate a Israel, e frequentemente usa homens-bomba para isso. Seu objetivo de longo prazo é estabelecer uma teocracia islâmica sobre Israel, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza¹⁵¹ (SMITH, 2006a, [s.p.]).

Em outro caso peculiar, um dia após a notícia veiculada por Smith (2006a) no *The*

¹⁵⁰ [No original]: “Security in Gaza is deteriorating quickly and may threaten the ability of voters to cast ballots freely and without fear of recrimination. In recent days there have been a number of confirmed reports of election related violence. CEC offices have been raided and closed by gunmen, one party’s campaign worker was shot and killed by a rival activist and threats of kidnapping have been issued against international election observers” (Tradução livre).

¹⁵¹ [No original]: “The elections will be Hamas’s debut in official Palestinian politics, a process it has boycotted since the formation of the Palestinian Authority in 1993. Since the group’s founding in Gaza in 1987, its focus has been to fight Israel, and it has often used suicide bombers. Its long-term goal is to establish an Islamic theocracy over Israel, the West Bank and the Gaza Strip” (Tradução livre).

New York Times levantando a hipótese de uma nascente teocracia islâmica caso o Hamas saísse vitorioso nas urnas, o mesmo repórter noticiava a respeito do novo programa infantil que seria exibido às crianças palestinas pela emissora regional comandada pelo Hamas. De acordo com Smith (2006a), o programa tinha como objetivo doutrinar as crianças palestinas aos dogmas da religião corânica:

As atuais 12 horas de programação diária da televisão, que tem a aparência inacabada da televisão a cabo de acesso público nos Estados Unidos, consistem principalmente de leituras do Alcorão, discurso religioso e discussões sobre questões femininas, como moda islâmica, dicas de educação infantil e o direito das mulheres ao trabalho, que o Hamas apoia. Eventualmente, ele apresentará uma espécie de MTV islâmica, com videoclipes produzidos pelo Hamas usando imagens das lutas do grupo com as tropas israelenses. Haverá até um programa de busca de talentos, um eco distante de "American Idol". Mas sua maior estrela será Sharawi, cujo programa de rádio para crianças foi o maior sucesso da Voz de Al-Aqsa. Sharawi, 27, vestindo um longo casaco de couro preto com capuz sobre um terno verde e gravata, preso com um alfinete, parece um professor de escola dominical reto e estreito. Na verdade, ele começou a trabalhar com crianças em sua mesquita enquanto estudava geologia na Universidade Islâmica de Gaza. Seu cabelo está repartido ao meio, sua barba aparada tão bem quanto um gramado suburbano [...] Conforme ele descreve, seu programa de televisão, que começa em algumas semanas, vai ensinar às crianças o básico da política militante palestina - o status disputado de Jerusalém, prisioneiros palestinos em prisões israelenses e a demanda dos refugiados palestinos por um direito de retornar às terras que perderam para Israel na guerra de 1948 - sem mostrar a violência que a busca do Hamas por esses objetivos acarreta¹⁵² (SMITH, 2006d, [s.p.]).

Como pode ser observado, a leitura da matéria redigida por Smith (2006d) dá a impressão de que o programa infantil do Hamas tem por objetivo doutrinar as crianças palestinas e, conseqüentemente, transformá-las em novos militantes islâmicos. Aparentemente, quando iniciou o período de campanha eleitoral na Palestina, matérias como essas, publicadas e veiculadas em grandes canais de imprensa, tal como o *The New York Times*, passaram a

¹⁵² [No original]: No original]: "The current 12 hours of daily television programming, which has the unfinished look of public-access cable television in the United States, consists primarily of readings from the Koran, religious discourse and discussions of women's issues, such as Islamic fashion, child-rearing tips and the right of women to work, which Hamas supports. It will eventually feature a sort of Islamic MTV, with Hamas-produced music videos using footage from the group's fights with Israeli troops. There will even be a talent search show, a distant echo of "American Idol." But its biggest star will be Mr. Sharawi, whose radio show for children was the Voice of Al Aksa's biggest hit. Mr. Sharawi, 27, wearing a long black leather coat with a hood over a green suit and tie, fixed with a pin, looks like a straight-and-narrow Sunday school teacher. In fact, he got his start working with children at his mosque while studying geology at Islamic University in Gaza. His hair is parted in the middle, his beard trimmed as neatly as a suburban lawn [...] As he describes it, his television show, which begins in a few weeks, will teach children the basics of militant Palestinian politics -- the disputed status of Jerusalem, Palestinian prisoners in Israeli jails and the Palestinian refugees' demand for a right to return to the lands they lost to Israel in the 1948 war -- without showing the violence that Hamas's pursuit of those goals entails". (Tradução livre).

apresentar certo desconforto com uma possível teocracia maometana na Faixa de Gaza. Em outra ocasião, o mesmo Smith (2006c) publicou uma notícia evidenciando a nostalgia expressa por muitos palestinos pelo período anterior a Oslo (1993), quando Israel ocupava plenamente os territórios palestinos e, assim, de acordo com o jornalista, era permitido o deslocamento e o livre acesso de palestinos aos territórios da Cisjordânia e de Israel para realizar viagens de lazer e trabalho.

Este último texto de Smith (2006c) também evidenciava o declínio na situação econômica e social da Faixa de Gaza após a execução do Plano de Desengajamento e, conseqüentemente, uma provável piora no quadro socioeconômico da Palestina caso o Hamas fosse eleito no final daquele mês. Para acentuar a gravidade da escassez de alimentos que afligia os habitantes de Gaza pós-retirada de Israel e os perigos iminentes com o resultado das eleições, Smith descrevia a dificuldade de um açougueiro na busca de animais para o *Eid-al-Adha*¹⁵³ (festa do sacrifício) daquele ano:

Algumas pessoas até expressaram nostalgia aberta pelos dias anteriores aos acordos de Oslo de 1993, quando Israel ainda ocupava o território e os palestinos tinham mais liberdade para viajar pelo país. Mais de 100.000 palestinos de Gaza trabalharam em Israel antes dos acordos, e milhares ainda viajavam pelas passagens de fronteira em forma de fortaleza quando Israel se retirou em setembro. Poucos fazem isso hoje em dia porque as passagens são fechadas com frequência. Na terça-feira, no norte de Gaza, um açougueiro islâmico com botas de borracha e roupas sujas de sangue disse que os preços em alta e a economia em declínio desde a retirada reduziram em um terço a demanda por animais de sacrifício neste ano. Ainda assim, o Hamas, uma das facções palestinas mais militantes, vê sua participação política como um esforço para "proteger a resistência" contra Israel e diz que considerará um forte apoio eleitoral uma validação de suas políticas. Seus líderes dizem que não têm planos para suavizar a agenda política da facção. Eles consideram os acordos que a Autoridade Palestina celebrou com Israel inválidos¹⁵⁴ (SMITH, 2006c, [s.p.]).

¹⁵³ O Eid-al-Adha, também conhecido como a “festa do sacrifício” marca o fim do *Hajj* (peregrinação à Caaba, em Meca), um dos cinco pilares do Islam. De acordo com a tradição muçulmana, a Caaba é o local onde o profeta Abraão (Ibrahim) demonstrou sua fidelidade para com Deus ao dispor em sacrifício seu filho Ismael (Isma’il) (KHAN; WATSON; CHEN, 2015, p.38).

¹⁵⁴ [No original]: “Some people even expressed open nostalgia for the days before the 1993 Oslo accords, when Israel still occupied the territory and Palestinians were freer to travel across the country. More than 100,000 Palestinians from Gaza worked in Israel before the agreements, and thousands were still commuting through the fortresslike border crossings when Israel withdrew in September. Few do so these days because the crossings are frequently closed. In northern Gaza on Tuesday, an Islamic butcher in rubber boots and blood-spattered clothes said soaring prices and a shrinking economy since the withdrawal had cut the demand for sacrificial animals by a third this year. Still, Hamas, among the most militant of the Palestinian factions, casts its political participation as an effort to "protect the resistance" against Israel, and says it will consider strong electoral support a validation of its policies. Its leaders say they have no plan to soften the faction's political agenda. They consider the agreements that the Palestinian Authority has entered into with Israel invalid” (Tradução livre)

Nesta reportagem, Smith (2006c) salienta tanto a nostalgia dos palestinos a um período em que os territórios ocupados eram controlados somente pelas Forças de Defesa de Israel como também a crise financeira que se instaurava na região, situação diferente de quando Israel controlava a região. No entanto, em nenhum momento o jornalista relacionou o agravamento da situação socioeconômica da população palestina com as medidas de Israel quanto ao controle das fronteiras e a queda na contratação de mão de obra palestina nos canteiros de obras israelenses após a execução do Plano de Desengajamento, expediente este que havia sido concretizado há pouco menos de seis meses.

Além disso, dois pontos desta notícia merecem atenção. Primeiramente, o *Eid-al-Adha* de 2006 só iria acontecer entre 10 e 13 de outubro, ou seja, a notícia antecede pelo menos nove meses o cerimonial islâmico daquele ano. Depois, o jornalista evidencia que os problemas econômicos dos territórios ocupados podem agravar caso ocorra a vitória do Hamas nas eleições. Vale destacar que, esse pequeno recorte da reportagem de Smith faz parte de tantas outras matérias que foram expedidas durante o período de campanhas eleitorais na Palestina e que, em sua maioria, apontavam os perigos iminentes caso o Hamas saísse vitorioso nas urnas. Tal discurso se assemelha em muito com a retórica de defensores da causa israelense nos Estados Unidos, como Dershowitz (2004, p.150), um dos maiores críticos do movimento islâmico. Em sua obra, Dershowitz afirma a impossibilidade de dialogar com o Hamas, visto que, tal como o Hezbollah no Líbano, sua única ambição consiste na destruição do Estado de Israel. Outro intelectual estadunidense que, pós 11 de setembro, desacreditava na participação de grupos islâmicos nas eleições era Fukuyama. Em seu trabalho escrito após os ataques à Nova Iorque, ele destacava seu ponto de vista sobre as eleições no Oriente Médio:

Muitos desses grupos têm compromisso incerto com a democracia. Embora muitos queiram participar de eleições, em sua maioria eles são liberais e alguns, como o Hamas em Gaza ou o Hizbollah no Líbano, são organizações terroristas. Só podemos esperar que eles acabem evoluindo para partidos políticos mais responsáveis, dispostos a aceitar o pluralismo por princípio em vez de simplesmente por necessidade (FUKUYAMA, 2006, p.177).

De acordo com a perspectiva de Fukuyama a respeito das eleições nos países árabes, é possível inferir que alguns estadunidenses entendiam que, entre os vários grupos e partidos políticos que disputavam as eleições no Oriente Médio, o Fatah gravitava entre os liberais. Sendo assim, mesmo que o Fatah não fosse o ideal desejável de partido político, tal como os EUA e Israel esperam de um aliado dentro da Faixa de Gaza, a organização laica era vista como um contraponto à ameaça islâmica. No contexto das eleições, ao que parece, a religião

maometana, por conduzir as diretrizes e dogmas do Hamas, pode ter sido instrumentalizada como ferramenta para que alguns repórteres estadunidenses acentuassem a relação entre a violência, o radicalismo religioso e o atraso econômico e social ao partido “Mudança e Reforma¹⁵⁵” do Hamas.

Talvez por isso, o Hamas representado por Sacco em seu JHQ difere consideravelmente do movimento islâmico veiculado pelos meios de comunicação durante a campanha eleitoral na Palestina. Ao invés de salientar o Hamas como um grupo fundamentalista que visava a destruição de Israel, Sacco ilustrou a forma como os islâmicos participavam ativamente da vida social da população árabe palestina. Enquanto esteve em Khan Younis, por exemplo, Sacco presenciou o ritual do *Eid-al-Adha* – mesmo ritual citado por Smith (2006c) na reportagem sobre os problemas econômicos da Palestina – entre os familiares de Abed e, alguns anos depois, o registrou em *FinG*. Possivelmente, a representação de Sacco acerca da comemoração dessa data festiva para os fiéis da religião islâmica apresenta uma versão humanizada dos muçulmanos palestinos em detrimento da representação dos aspectos bélicos e dogmáticos descritos por intelectuais americanos e repórteres, como Smith do *The New York Times*.

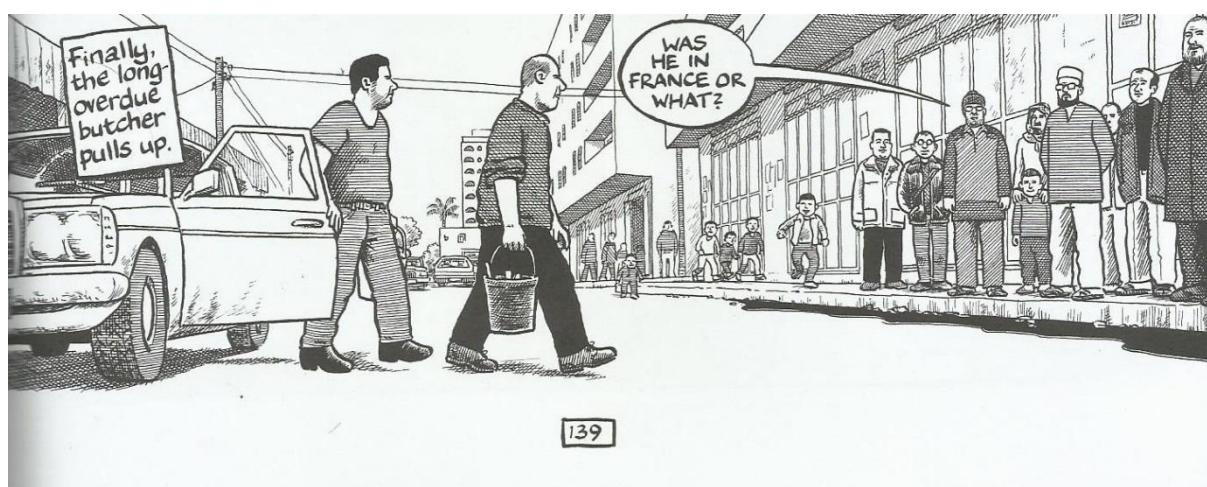
O capítulo onde pode ser lida a cerimônia do *Eid-al-Adha* em *FinG* é denominado “Feast” (“Celebração”). Este capítulo se inicia com a chegada do boi para o abate, visto que a cerimônia é realizada a partir do sacrifício de um animal. Ao passo que o animal é trazido para o vilarejo, Sacco desenha crianças correndo em volta de uma caminhonete Toyota gritando “Estão trazendo o boi!!”. Retirado do veículo, o animal é conduzido a um terreno baldio, onde é cercado pelas crianças. Ao anoitecer, Sacco e Abed visitam o animal em um galpão, no qual ele passará o resto da noite. Enquanto o animal se alimenta em um canto isolado, o quadrinista e seu amigo comentam sobre como se deu a compra do quadrúpede. Na porta do galpão, Abed esclarece que o boi custou cerca de 1400 dólares e foi financiado por uma compra conjunta entre seus familiares.

É possível que a menção da maneira como o boi foi comprado vá de encontro com a notícia de Smith (2006) acerca da dificuldade dos açougueiros árabes palestinos em encontrar animais para o sacrifício. Ao contrário do quadro representado por Smith (2006c), no *Eid-al-Adha* observado por Sacco, os açougueiros pareciam não ter dificuldades em encontrar animais para o sacrifício, pelo contrário, estavam atrasados entre um compromisso e outro por conta da

¹⁵⁵ Em inglês “Change and Reform”, foi o slogan adotado pelo Hamas durante a campanha eleitoral.

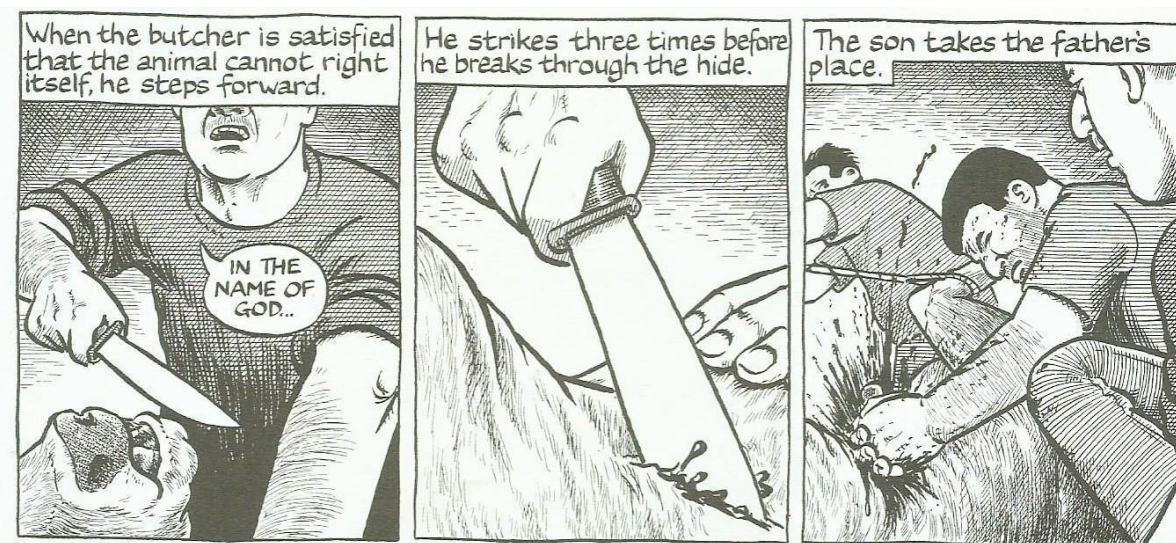
grande demanda de animais. Na **figura 69**, Sacco registrou o momento em que o açougueiro chega com seu filho para o abate do boi que havia sido adquirido pela família de Abed. Apesar de Sacco ter trazido a informação de que o animal foi comprado mediante financiamento coletivo, destacando o alto valor final do animal, a ilustração em tela, que representa o atraso do açougueiro e de seu filho para o trabalho contratado, pode representar a demanda razoável de animais para o sacrifício no *Eid-al-Adha* daquele ano.

Figura 69: Enfim, o açougueiro chega



Fonte: SACCO, 2010, p. 139

Na vinheta em questão, é possível observar o açougueiro e seu filho saindo do carro e, do outro lado da rua, a multidão formada pelos familiares de Abed que esperavam o açougueiro com ansiedade. Enquanto o profissional atravessa a rua do que assemelha ser uma região comercial e central de Gaza, visto que há construções comerciais com a fachada envidraçada, Abu Hamed, primo de Abed, dispara em tom jocoso: “[...] de onde ele veio? Da França?”. Diante desta imagem, é possível que, enquanto Smith (2006c) argumentava que os açougueiros palestinos encontravam percalços para realizar o *Eid-al-Adha*, destacando os problemas financeiros na Faixa de Gaza e a alta dos preços que, entre outras coisas, dificultavam a compra dos animais para o abate, por sua vez, Sacco representava os familiares de Abd impacientes com o atraso de um açougueiro atarefado para os seus compromissos cerimoniais devido a quantidade de abates que já realizou, e ainda realizaria, naquele dia festivo para os muçulmanos.

Figura 70: Em nome de Deus

Fonte: SACCO, 2010, p. 142

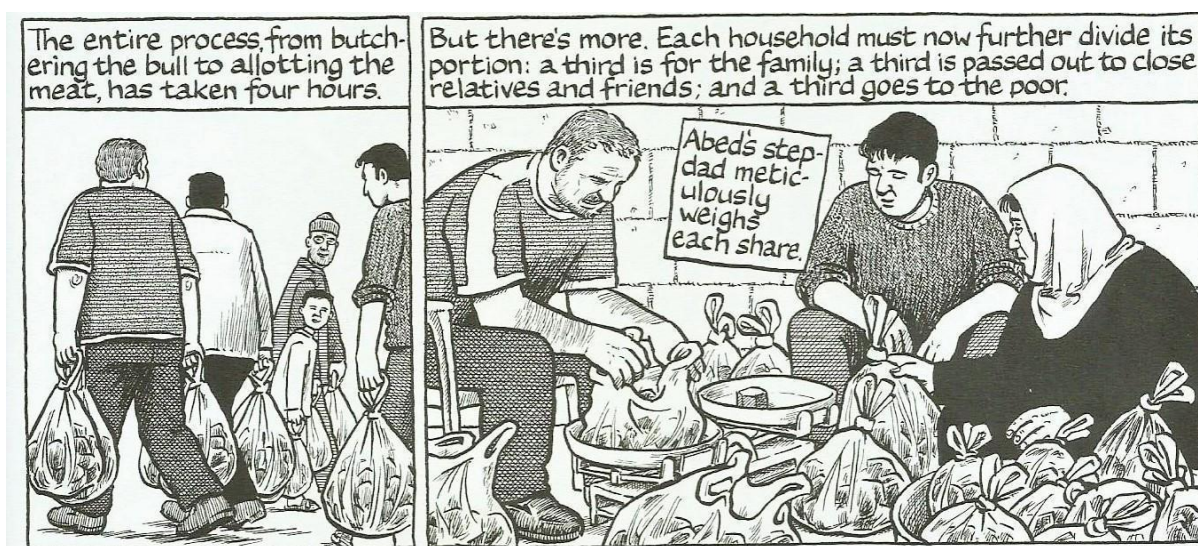
A ausência de tempo do açougueiro foi salientada na ilustração que remete à execução do sacrifício. Devido à sua pressa, avisa de antemão sobre a necessidade de ser rápido por conta de outros sacrifícios que ele deve realizar ainda naquela manhã, o galpão é rapidamente aberto para que o profissional e seu filho realizem o sacrifício do animal. Nas páginas que se seguem, Sacco ilustra o abate do boi (**figura 70**). Após o animal ser encurralado, dominado e amarrado por vários homens, o açougueiro simula o sacrifício que Abraão fez à um animal após seu filho ser poupado por Deus. Na primeira vinheta, é possível observar que Sacco escreveu no balão de fala do açougueiro as palavras “Em nome de Deus... [...]” no ato do primeiro golpe contra o animal, tal como é ordenado pela tradição islâmica. Após a pronúncia das palavras ritualísticas, na segunda vinheta, o quadrinista-jornalista ilustra a faca do açougueiro sendo penetrada no pescoço do animal. Por fim, na terceira e última vinheta, o filho do profissional desfere o golpe final contra o boi para encerrar o sofrimento do animal e, possivelmente, acelerar o trabalho do açougueiro.

Após o quadrúpede ser desmembrado, os familiares de Abed começam a distribuí-lo. O compartilhamento das partes do animal merece atenção. Além dos parentes que contribuíram para a compra do animal, a carne é dividida entre os amigos e a população mais pobre do bairro. Como podemos observar na **figura 71**, muitas sacolas plásticas estão distribuídas no chão. O padrasto e a mãe de Abed, ilustrados na vinheta à direita, acompanhados de seu filho mais novo, ficaram responsáveis pelo fracionamento igualitário do alimento. Entre as sacolas plásticas os três selecionam e pesam a carne para que seja distribuída em porções

iguais. Sobre essa ação, mesmo não citando diretamente, além da festividade do *Eid-al-Adha*, Sacco pode ter representado a *zakat* sendo realizada entre os muçulmanos da família de Abed. De acordo com Hourani, a *zakat*, além de representar o terceiro pilar do Islã¹⁵⁶, consiste nas:

[...] doações tiradas da própria renda para certos fins específicos: para os pobres, os necessitados, o socorro aos endividados, a libertação de escravos, o bem-estar dos viajantes. Dar o *zakat* era visto como uma obrigação para aqueles cuja renda ultrapassava uma certa quantia. Eles deviam doar uma proporção de sua renda, que era coletada e distribuída pelo soberano ou seus funcionários, mas outras esmolas podiam ser dadas a homens da religião, para que as distribuíssem, ou então diretamente aos necessitados (HOURANI, 2016, [s.p.]).

Figura 71: A distribuição de alimento no Eid-al-Adha



Fonte: SACCO, 2010, p. 145

Possivelmente, a ilustração da distribuição de alimentos entre os muçulmanos mais pobres durante o *Eid-al-Adha* represente uma outra perspectiva sobre o islamismo e o Hamas na Palestina. Se por um lado, a imprensa estadunidense representava o movimento islâmico como um organismo radical e perigoso para a paz na região, por outro, Sacco os representava enraizados nas tradições religiosas e, ao mesmo tempo, ativos na comunidade, especialmente junto aos mais pobres. De acordo com Turner (2006, p.747), no Ocidente, o Hamas é comumente associado à violência, aos homens-bomba e ao terrorismo. No entanto, para os habitantes mais necessitados da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, o movimento islâmico é

¹⁵⁶ Os cinco pilares do Islam são, respectivamente, 1) Shahada, ou seja, o testemunho de que há somente um Deus e que Maomé é seu profeta. 2) Salat, as cinco preces que o muçulmano deve fazer no dia. 3) Zakat: doações aos pobres. 4) Ramadan: jejuar durante o período de Ramadan. 5) Hajj, ou, peregrinação à Meca (HOURANI, 2016).

reconhecido por sua extensa rede de solidariedade e serviços sociais. Aparentemente, a influência dos movimentos islâmicos na esfera pública e civil não se configura como um fato isolado do Hamas na Palestina, mas sim um evento frequente no Oriente Médio. O historiador Peter Demant chamou esse processo de “islamização da esfera social”:

A crescente influência de partidos fundamentalistas nas políticas internas no mundo árabe é um reflexo da sua presença cada vez mais expressiva no campo social. Para a expansão da base islamista, provavelmente não há luta mais decisiva do que aquela pelo controle da sociedade civil. Essa luta engloba duas batalhas distintas: uma pelos serviços sociais e outra (envolvendo diferentes métodos e agentes) pela discussão pública sobre a organização da sociedade (DEMANT, 2013, p.259).

Sendo assim, considerando o conceito de “islamização da esfera social” que acontece nos países árabes, é possível inferir que a ilustração da distribuição de alimentos durante o *Eid-al-Adha* entre os palestinos pode, de certa forma, representar os espaços ocupados pelo Hamas na sociedade civil, assim como acontecia em outros cantões do Oriente Médio. Vale ressaltar que, o processo de islamização da esfera social, segundo Demant (2003, p. 259), acontece por conta da modernização do mundo árabe a partir do final do século XIX. No passado, as mesquitas eram responsáveis pela distribuição da *zakat* entre a população, possibilitando que os mais humildes pudessem ser assistidos de perto por algum órgão ou instituição social. Não obstante, a introdução da propriedade particular e da educação secular nos países de origem islâmica, solapou a ideia de que os muçulmanos deveriam viver em uma única comunidade, ou seja, a *umma*. O desenraizamento da ideia de convívio em uma comunidade única, possivelmente, acentuou o sentimento de individualismo entre os árabes.

Além disso, com a introdução do ideal de Estado Nação europeu, as instituições árabes não se viam mais na mesma condição de assistir os necessitados, tal como as mesquitas e as comunidades religiosas exerciam no passado recente. Portanto, a ausência de ações afirmativas do poder público nas regiões mais pobres dos países muçulmanos, muito provavelmente, permitiu que, no decorrer da segunda metade do século XX, os movimentos islâmicos atuassem em favor dos desassistidos (DEMANT, 2013, p.259-260). Para Turner (2006, p.742), os motivos que reascenderam o poder dos movimentos islâmicos no Oriente Médio estavam atrelados ao ajuste estrutural econômico que países árabes sofreram nas décadas de 1980 e 1990. A mudança na estrutura estatal fez com que houvesse na região um declínio acentuado na provisão do bem-estar social à população e, conseqüentemente, elevou a desigualdade social nestes países. Esse fato, entre outras coisas, declinou a participação do Estado enquanto fortalecia o papel dos muçulmanos no seio da população civil, visto que os

islâmicos passaram então a fornecer os serviços antes realizados pelo Estado.

Essa atuação incisiva dos movimentos islâmicos na sociedade civil foi descrita por Haboub (2012, p. 58) como “Revivalismo Islâmico”, ou seja, a retomada da religião maometana nos países do Oriente Médio. Esse revivalismo religioso passou, na década de 1970, em plena Guerra Fria, a ser visto por alguns países como uma ameaça à democracia e ao *status quo* do Ocidente. Atrelado a isso, depois do 11 de setembro e a crescente instabilidade política no Oriente Médio, especialmente após as invasões americanas ao Afeganistão (2003) e ao Iraque (2003), o islamismo transpassou a fronteira do assistencialismo social e passou a fazer oposição política à algumas lideranças locais:

O ambiente internacional havia mudado em 2000. A crescente instabilidade política no Oriente Médio expandia a influência do islamismo político. As organizações islâmicas ocuparam o campo da oposição, configurando-se como ascendente força política, inclusive entre os palestinos, contestando a liderança de Arafat e da Al-Fatah. O islã político, igualmente, tornou-se o centro das preocupações europeias e americanas no início do século XXI. Neste novo quadro político que sucedeu a era da globalização, Israel começou a perceber a existência de uma coincidência de agendas políticas com as grandes potências. A liderança israelense decidiu recuar em relação a Oslo e reeditar a sua original doutrina de segurança nacional. Esta, nascida na década de 1940, identificava o estado palestino como a ameaça mais imediata à existência do estado de Israel. A sua nova justificativa era a ascensão política do Hamas, representante palestino do islamismo político, figurado como ameaça igualmente compartilhada pelas grandes potências. O fracasso dos Acordos de Camp David implicou a retomada do conflito existencial por Israel, passando a criar fatos para inviabilizar um Estado palestino (ABU-EL-HAJ, 2014, p.24).

Dessa forma, durante as eleições parlamentares de 2006, diferente do Fatah e da AP que tinham se desgastado com os casos de corrupção, cooptação e os recorrentes fracassos no processo de Oslo, o movimento islâmico palestino, liderado pelo partido do Hamas, vinha em uma ascendente de popularidade entre os eleitores palestinos, especialmente entre os mais pobres da Faixa de Gaza. Além disso, muitos árabes palestinos consideravam o Hamas como um partido honesto e preocupado com as questões de segurança e as necessidades básicas da população (MILTON-EDWARDS, 2007, p. 306).

No entanto, é possível que a confiança depositada pela população palestina ao Hamas não condissesse somente ao desgaste da Autoridade Palestina nos territórios ocupados. O movimento islâmico demonstrava que havia obtido importantes conquistas no campo político. Nas eleições municipais palestinas, realizadas em dezembro de 2005, poucos meses após o Plano de Desengajamento, o Hamas venceu o Fatah em três das quatro maiores cidades da Cisjordânia (HAMAS..., 2005, [s.p.]). De acordo com Haboub, muito mais do que a simpatia

da população civil palestina, em pouco tempo de administração pública municipal, o Hamas também havia demonstrado relativo sucesso político após intervir positivamente nas negociações com algumas prefeituras israelenses:

O Hamas tem tido muito sucesso em seu trabalho de caridade; a maioria das pessoas acredita que são menos propensas a serem corruptas, pois são religiosas. Eles administraram com sucesso alguns municípios e foram pragmáticos no trabalho com prefeitos israelenses em questões de interesse comum, como a água. A questão que restava para eles era convencer as pessoas de que também podiam cumprir suas promessas no nível parlamentar. A mensagem do Hamas foi uma mensagem comum que foi compartilhada com outros partidos, incluindo seu principal rival Fatah. O Fatah simplesmente respondeu que sabia que havia cometido um erro ao não combater a corrupção de maneira adequada e pediu uma segunda chance. O Hamas alegou ter funcionado livre de corrupção¹⁵⁷ (HABOUB, 2012, p.74).

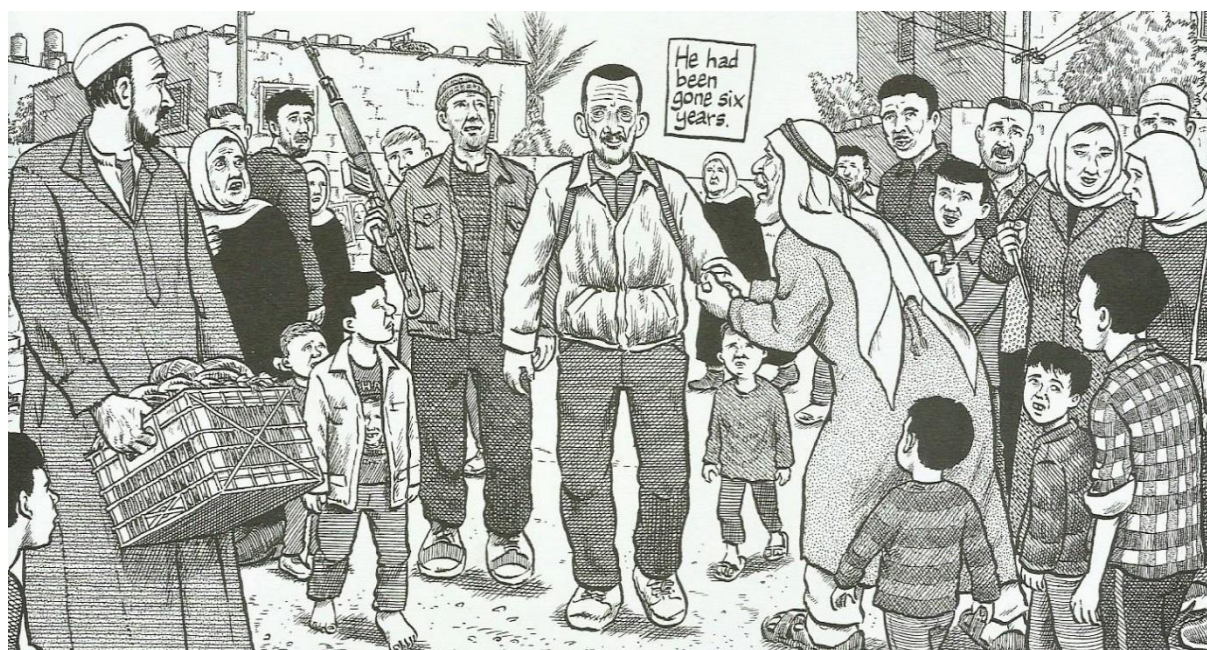
Aparentemente, tanto o papel social nas comunidades mais pobres quanto o relativo sucesso político nas prefeituras da Cisjordânia, conferiram ao Hamas certo prestígio entre a população palestina, contribuindo assim para sua vitória nas eleições de 2006. Nas páginas de *FinG*, um dos possíveis indícios do apoio popular ao Hamas durante o pleito eleitoral pode ser observado na **figura 72**. Esta vinheta faz parte do capítulo “*The Wanted*” (“O Procurado”), páginas essas que narram a história de Khaled, o *mutarab* procurado pelas Forças de Defesa de Israel. Apesar do quadrinista-jornalista não relacionar Khaled diretamente ao Hamas, em vários recortes de *FinG* o palestino é representado lutando contra a Sulta e os colaboracionistas, nomenclatura dada aos palestinos que trabalham para a Autoridade Palestina. Assim sendo, é muito provável que essa personagem represente um membro do Hamas e do Comitê de Resistência Popular.

Na imagem, Khaled volta para seu vilarejo após seis anos de refúgio no Egito, onde foi torturado, e na Líbia, onde foi treinado pela OLP. Ao fundo, é possível identificar as construções dos campos de refugiados na Faixa de Gaza e, à esquerda, um garoto que pisa descalço no chão batido de terra, representando que Khaled, hipoteticamente, vivesse em um bairro pobre de Gaza. A sua volta, homens, mulheres e crianças o rodeiam e o cumprimentam, demonstrando ao mesmo tempo curiosidade e felicidade por seu retorno à comunidade após

¹⁵⁷ [No original]: “Hamas has long been successful in its charitable work; most people believe they are less likely to be corrupt since they are religious. They have successfully run some municipalities and were pragmatic in working with Israeli mayors on issues of common concerns such as water. The remaining issue for them was to convince people that they could deliver at the parliamentary level as well. Hamas’s message was a mainstream message that it shared with other parties, including its primary rival Fatah. Fatah simply replied that they knew they made a mistake in not properly fighting corruption, and they asked for a second chance. Hamas claimed to have functioned free of corruption” (Tradução livre).

seis meses de reclusão compulsória no Egito e na Líbia. Talvez, a ilustração do retorno de Khaled ao seu vilarejo possa representar dois pontos distintos daquele período. Em primeiro lugar, ao considerarmos Khaled como um membro do Hamas, a ilustração de uma recepção calorosa por parte dos habitantes do vilarejo para com o *mutarab*, além de representar o apoio popular que o Hamas recebeu nos últimos anos por conta de seu trabalho social entre os desassistidos da Faixa de Gaza e o repentino sucesso político devido aos esforços empreendidos nas prefeituras da Cisjordânia, a ilustração pode ir de encontro às representações veiculadas na mídia estadunidense que atestavam o medo dos populares caso o Hamas vencesse as eleições parlamentares.

Figura 72: Khaled é recebido pelos populares em Gaza



Fonte: SACCO, 2010, p. 55

Além disso, a ilustração de uma recepção calorosa por parte da população mais pobre à um membro do Hamas também pode estar atrelado à percepção de Sacco a respeito da maneira como o movimento islâmico organizou e conduziu sua campanha eleitoral nos territórios ocupados. De acordo com Jamal, o Hamas construiu pontes sólidas com a população ao participar de comícios e programas de rádios locais, apresentando de forma clara e objetiva as suas propostas de melhorias internas para os territórios ocupados:

O Hamas também fez uma campanha eleitoral altamente organizada. Em particular, seu slogan "Mudança e Reforma" falou ao desejo palestino de colocar sua casa política interna em ordem. Os especialistas em relações

públicas do Hamas garantiram que cada cidade tivesse um comitê eleitoral de três membros, que se concentrava na arrecadação de fundos e na mobilização de campanha. Os organizadores adotaram várias estratégias de campanha, incluindo "... uma fórmula de três semanas concebida pelo guru da publicidade americano Rosser Reeves, que estipulou um plano diferente para cada semana da campanha". O Hamas também forneceu treinamento de mídia e oratória a todos os seus candidatos. Os candidatos dedicaram considerável energia ao encontro com o público por meio de comícios e encontros sociais. Durante a última semana antes das eleições, o Hamas transmitiu cinco programas de rádio de um único tema abordando a corrupção, os direitos das mulheres, a educação, os Acordos de Oslo e mudanças e reformas internas. Essa ênfase em questões internas, que evitou ataques diretos contra oponentes políticos, emprestou mais legitimidade e seriedade à sua campanha eleitoral¹⁵⁸ (JAMAL, 2013, p.292).

Ao que parece, além de capitalizar os resultados dos anos de assistencialismo social realizado nas regiões mais pobres dos territórios ocupados, o Hamas também havia se preparado politicamente para as eleições. Dessa forma, muito além das informações veiculadas nos EUA, de que o Hamas transmitia em sua programação infantil a doutrina radical islâmica, tal como havia sido veiculado pelo *The New York Times* durante o período de campanha eleitoral, o movimento islâmico tinha construído sua candidatura através de uma agenda organizada e objetiva que, entre outras coisas, visavam muito menos destruir o Estado de Israel do que solucionar os problemas internos da Palestina. Como apontou Zweiri (2006, p. 677), para as eleições parlamentares, o Hamas preparou um manifesto político denominado "Lista de Mudança e Reforma", enfocando nas preocupações e questões relacionadas a vida diária dos palestinos, tais como a corrupção, o desemprego, segurança e reforma administrativa.

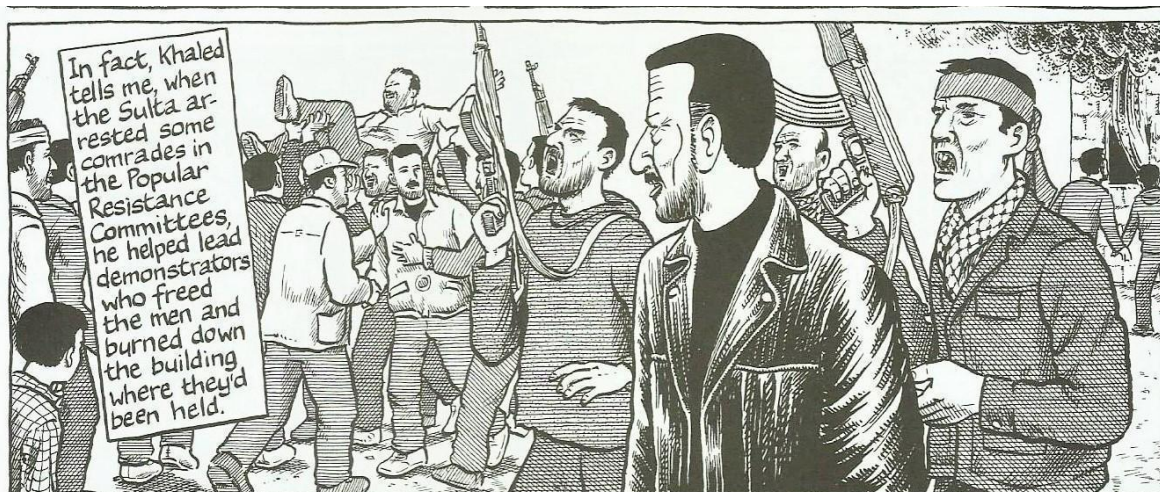
O segundo ponto a ser debatido em relação à **figura 72**, possivelmente, faça alusão ao retorno dos palestinos à Faixa de Gaza após a execução do Plano de Desengajamento e sua repercussão nas eleições parlamentares de 2006. Na vinheta, ao destacar a imagem de Khaled, um palestino voltando à sua casa depois de um longo exílio e, em seguida, cotejá-la com o período em que foi ilustrada, novembro de 2005, é possível inferir que Sacco esteja fazendo referências diretas ao retorno dos palestinos à Faixa de Gaza, conforme ocorrido em agosto de

¹⁵⁸ [No original]: "Hamas also ran a highly organised electoral campaign. In particular, its slogan 'Change and Reform' spoke to Palestinian longing to put their internal political house in order. Hamas's public relations experts ensured that each town had a three-member election committee which focused on fundraising and campaign mobilisation. Organisers adopted various campaign strategies, including '...a three week formula devised by the 1960s American advertising guru Rosser Reeves, which stipulated a different plan for each week of the campaign'. Hamas also provided media and public speaking training to all its candidates. The candidates dedicated considerable energy to meeting with the public through rallies and social gatherings. During the last week prior to the elections, Hamas ran five single-issue radio programmes addressing corruption, women's rights, education, the Oslo Accords and internal change and reform. This emphasis on internal issues, which eschewed direct attacks against political opponents, lent further legitimacy and seriousness to their electoral campaign" (Tradução livre).

2005, com o Plano de Desengajamento.

Como vimos, apesar dos palestinos retornarem às terras depois de quase quatro décadas, as condições sociais e econômicas da Faixa de Gaza se deterioraram rapidamente. Além da impossibilidade de importação de matérias-primas e a exportação de produtos através dos portos e aeroportos de Gaza, situação essa que, entre outras coisas, dificultava a retomada econômica da região, os gazeanos conviviam com o aumento no índice de desemprego ocasionado pelo projeto israelense de reduzir a demanda de trabalhadores palestinos em Israel. Ao ilustrar um palestino reconhecido por seus iguais por sua militância contra o Estado de Israel, na concepção de Sacco é possível que, apesar de tantos percalços sociais e econômicos pós Plano de Desengajamento, homens do Hamas, como Khaled, destoavam como uma esperança para a população desassistida da região.

Figura 73: O poder da luta armada



Fonte: SACCO, 2010, p. 62.

Adiante, outro trecho de *FinG* pode fornecer informações sobre as relações entre o Plano de Desengajamento e as eleições parlamentares em 2006. Conforme **figura 73**, ilustrada no mês das eleições, Khaled é acompanhado de outros homens, armados com fuzis, enquanto celebram o resgate de um membro da resistência de um dos prédios da Sulta. À esquerda, enquanto alguns palestinos erguem o companheiro para cima e celebram a sua libertação, à direita, a janela do prédio da Sulta encontra-se em chamas. Nesta vinheta, possivelmente, o palestino que é levantado pelos companheiros pode simbolizar a Faixa de Gaza, visto que, com a vitória do Hamas, o território estaria “livre” da administração colaboracionista à Israel que a Sulta havia desenvolvido desde sua instituição na década de 1990. Por sua vez, os homens que levantam o palestino representem a população palestina que, na visão de Sacco, celebravam a

vitória dos islâmicos nas urnas. Por fim, o prédio em chamas pode significar a ruína institucional do Fatah/Autoridade Palestina que, de agora em diante, deveria governar a Faixa de Gaza e a Cisjordânia com os membros do movimento islâmico.

Além disso, também vale destacar que, considerando que os dois homens ao lado de Khaled representem membros armados do Hamas, é provável que Sacco evidencie a conquista da resistência palestina que acreditava que a retirada dos colonos judeus da Faixa de Gaza em 2005 consistia nos esforços da luta armada. Sobre isso, é importante frisar que o Hamas e a luta armada, e não a Autoridade Palestina e a diplomacia, que capitalizaram politicamente os resultados políticos positivos relacionados aos desdobramentos do Plano de Desengajamento em 2005:

Sharon se recusou a negociar com Arafat, que morreu em novembro de 2004. A eleição de Abbas em janeiro de 2005 renovou as perspectivas de diálogo. Os dois líderes declararam um cessar-fogo mútuo em uma cúpula hospedada pelo Egito em 8 de fevereiro de 2005, sinalizando formalmente o fim da Intifada Palestina de quatro anos. Mas não houve esforços diplomáticos sustentados para construir essa reaproximação. Israel não estava interessado em desenvolver uma estratégia política que pudesse permitir a Abbas obter crédito político pela retirada de Israel de Gaza. Israel partiu sem qualquer entrega formal ou cerimônia. Os palestinos comemoraram a partida de Israel. Mas foi o Hamas, não a AP, que conseguiu capitalizar o momento. O Hamas reivindicou a retirada de Israel como sua vitória e uma reivindicação de sua luta armada. Os palestinos não viram nenhum benefício imediato após o desligamento. O ponto de passagem de Rafah foi fechado por três meses e o comércio comercial de Israel foi interrompido. A AP herdou um estado remanescente, com Israel ainda controlando suas fronteiras. Cinco meses após a retirada, o Hamas ganhou o voto popular nas eleições parlamentares para o Conselho Legislativo Palestino e se tornou o partido governante em Gaza¹⁵⁹ (PETERS, 2010, p.42).

Por conseguinte, esse conjunto de vinhetas observados nas últimas páginas, ilustrados entre novembro de 2005 e janeiro de 2007, possivelmente, representem alguns dos resultados alcançados pela Resistência palestina, especialmente àqueles relacionados à escalada

¹⁵⁹ [No original]: “Sharon had refused to deal with Arafat, who died in November 2004. The election of Abbas in January 2005 led to renewed prospects for dialogue. The two leaders declared a mutual ceasefire at a summit hosted by Egypt on February 8, 2005, formally signaling an end to the four-year Palestinian intifada. But there were no sustained diplomatic efforts to build on this rapprochement. Israel was not interested in developing a political strategy that might allow Abbas to draw political credit for Israel’s withdrawal from Gaza. Israel left without any formal handover or ceremony. The Palestinians celebrated Israel’s departure. But it was Hamas, not the PA, that was able to capitalize on the moment. Hamas claimed Israel’s retreat as its victory and a vindication of its armed struggle. The Palestinians did not see any immediate benefits following disengagement. The Rafah crossing point was closed for three months and commercial trade though Israel ground to a halt. The PA inherited a rump state, with Israel still controlling its borders. Five months after disengagement, Hamas won the popular vote in the parliamentary elections to the Palestinian Legislative Council and became the ruling party in Gaza” (Tradução livre)

do Hamas ao poder político na Faixa de Gaza em janeiro de 2006. Enquanto essas páginas eram ilustradas, imprimindo o papel social e a popularidade do movimento islâmico junto à população palestina, os meios de comunicação estadunidense exibiam a faceta do medo e do terror que a possível presença do Islã no parlamento palestino poderia ocasionar à democracia e ao Oriente Médio.

Sendo assim, as representações e os significados sobre o Hamas e seu objetivo naquela eleição variava de acordo com a fonte produtora de informação, para os veículos de imprensa estadunidenses o Hamas era um perigo à democracia, para Sacco, um partido político de resistência. Apesar dessa variação, é importante destacar que para ambos, Sacco e a imprensa dos EUA, o movimento islâmico empunha armas em mãos, o que mudava entre os dois discursos era o motivo pelo qual o Hamas as empunhava. Em 26 de janeiro de 2006, após o anúncio oficial da vitória do Hamas na eleição, os motivos pelos quais o movimento islâmico palestino pegava em armas pode ter se tornado mais claro para Sacco.

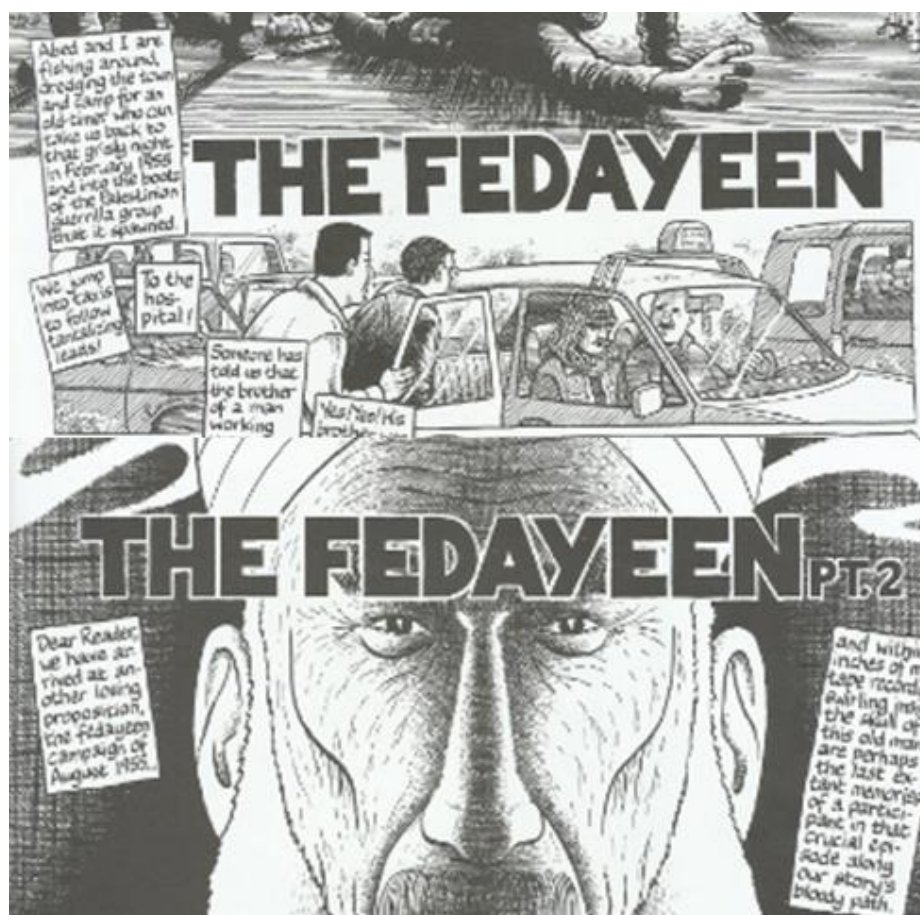
4.4. A RESISTÊNCIA: A LUTA PÓS-ELEIÇÃO

Após a confirmação da vitória islâmica nas urnas, os meios de comunicação impresso nos EUA noticiavam que, devido à persistência do Hamas em destruir o Estado de Israel e a manutenção das armas, os EUA não interviriam em novos acordos de paz com os palestinos, visto que, a presença de grupos armados no parlamento palestino configuraria o novo governo como uma célula terrorista. O repórter Steven Erlanger (2006f), por exemplo, reproduzia a fala de Ehud Olmert, então Primeiro Ministro de Israel, afirmando que, por se tratar de uma organização terrorista, as negociações com a Palestina não avançariam: “O Estado de Israel não negociará com um governo palestino se parte dele for uma organização terrorista armada clamando pela destruição do Estado de Israel” (ERLANGER, 2006f, [s.p.]).

Além das ameaças de Israel e EUA ao novo governo da Autoridade Palestina, o jornalista destacava o temor dos palestinos após descobrirem que o Hamas seria a maioria no parlamento. Um dos relatos destacados por Erlanger (2006) é da jovem garçonete palestina, Kamilia Barghouti, que se diz preocupada a respeito dos impactos da vitória dos islâmicos na sua vida dali em diante. Apesar de não adentrar em muitos detalhes, possivelmente, Erlanger (2006f) esteja se referindo à condição de Barghouti enquanto mulher em uma sociedade muçulmana, afirmando que, com o Hamas no poder, os palestinos perderiam suas liberdades individuais.

Em outra ocasião, no dia 27 de janeiro de 2006, um dia após a confirmação da vitória do Hamas, Erlanger (2006c) afirmava que, para os israelenses, esse acontecimento era o fim definitivo do sonho de uma paz abrangente entre Israel e Palestina. Para validar seu argumento, o jornalista citou a frase de Yossi Klein Halevi, membro sênior do Centro Shalem, organização destinada às pesquisas políticas em Jerusalém: “[...] Não há esperança mais crível de moderação palestina. Para os israelenses, isso apenas confirmará o que os últimos cinco anos de terror lhes ensinaram: que a guerra não é sobre assentamentos, mas sobre o direito de Israel existir [...]”¹⁶⁰ (ERLANGER, 2006c, [s.p.]). Em outra matéria publicada no mesmo dia, Erlanger (2006b) anunciava a vitória do Hamas como sendo a conquista do islamismo na Palestina, destacando a promessa de destruição de Israel pelo Hamas e o fim do monopólio do governo secular do Fatah.

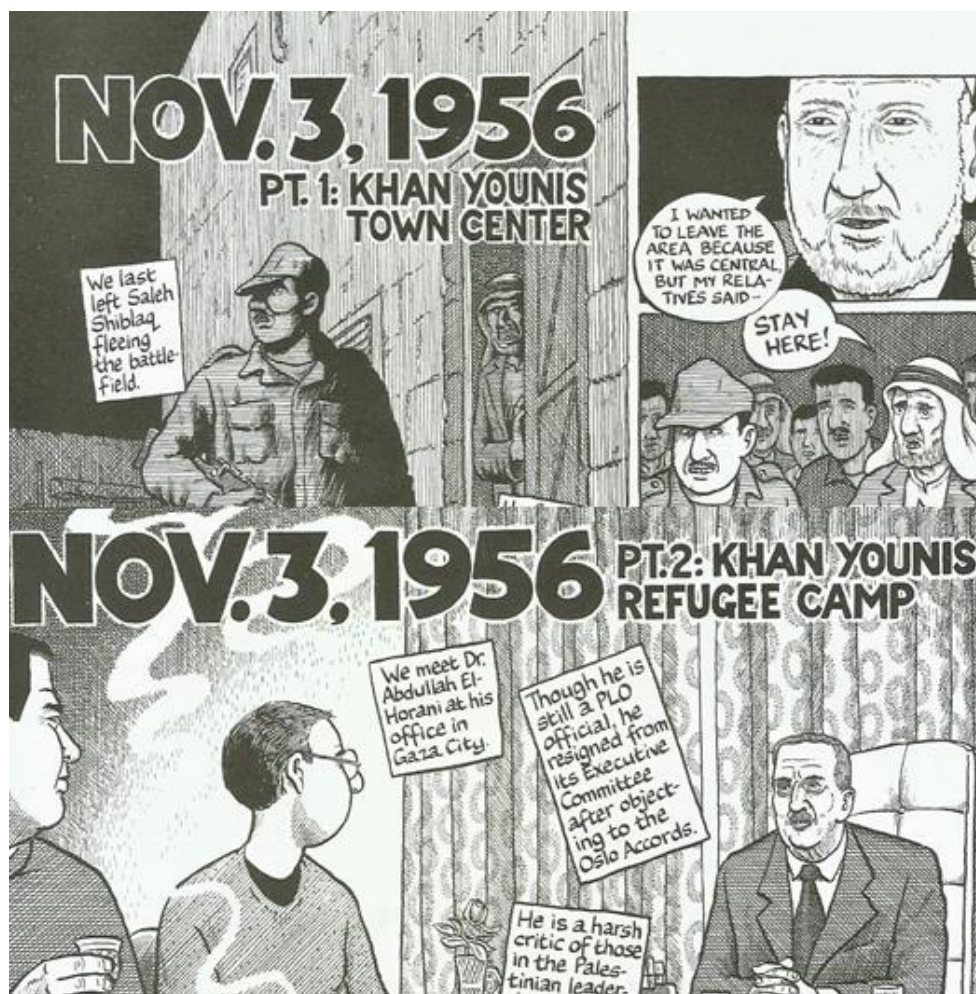
Figura 74: O título “*Fedayeen*”.



Fonte: SACCO, 2010, p. 40 e 63

¹⁶⁰ [No original]: “[...] There is no more credible hope of Palestinian moderation. For Israelis, it will only confirm what the last five years of terror have taught them: that the war is not about settlements, but about Israel's right to exist [...]” (Tradução livre).

Figura 75: O título “3. Nov. 1956”.



Fonte: SACCO, 2010, p. 84 e 103

Ao mesmo tempo que o discurso sobre a desesperança de palestinos e de israelenses sobre as perdas de liberdades individuais e o fim das negociações de paz entre Israel e Palestina, Sacco ilustrava e roteirizava o capítulo intitulado, “*The Fedayeen – pt.2*”. Antes de adentrar aos detalhes da narrativa deste capítulo, vale destacar que um primeiro capítulo com o mesmo nome havia sido produzido pelo quadrinista-jornalista em setembro de 2005. No entanto, diferente dos demais capítulos contínuos em *FinG*, ou seja, trechos que de uma forma ou outra se relacionam e que recebem nomenclaturas de “parte 1” e “parte 2”, por exemplo, “*The Fedayeen*” de setembro de 2005 chama atenção por conta da grafia de seu título. Conforme **figura 74**, o trecho produzido em setembro de 2005 só contém os dizeres “*The Fedayeen*”. No entanto, o capítulo confeccionado em fevereiro de 2006 possui o acréscimo de “pt.2”, indicando que ele está atrelado a outro capítulo com o mesmo nome. O estranhamento acerca do letramento utilizado por Sacco no título surge quando os demais capítulos contínuos de *FinG* possuem a delimitação “pt.1” e “pt.2”. Exemplificando, ao observar a **figura 75**, é possível

identificar o complemento sequencial entre os dois capítulos, favorecendo a ideia de que um capítulo, direta ou indiretamente, está relacionado ao outro.

Possivelmente, ao contrário da história produzida por Sacco no capítulo intitulado “*Nov.3,1956*”, cuja grafia dos títulos relacionados aos dois capítulos parecem indicar que o roteiro inicial tinha a intenção prévia de ser escrita em duas partes distintas, visto que possuem o acréscimo “parte 1” e “parte 2”, é possível que o roteiro inicial sobre “*The Fedayeen*” havia sido programado somente para o capítulo roteirizado em setembro de 2005. Sendo assim, a segunda parte da história que narra a luta entre os guerrilheiros palestinos ao lado do exército egípcio na Guerra de Suez em 1956 pode ter sido elaborada e, possivelmente, adaptada por conta dos desdobramentos pós eleições parlamentares em janeiro de 2006.

Antes de mais nada, torna-se importante compreender quem eram os *fedayeen*¹⁶¹ e qual o papel deles na história do conflito entre Israel e Palestina. Na tradução livre, o termo “*fedayeen*” pode significar “o devoto” ou “o mártir” que luta pela causa. Possivelmente, o termo foi empreendido em vários contextos distintos, nomeando algum movimento revolucionário e/ou rebelde no Oriente Médio ao longo dos anos. Durante essa pesquisa, o registro mais antigo sobre o uso do termo *fedayeen*, pelo menos naquilo que concerne o contexto da guerra na Palestina, pode ser encontrado no Year Book das Nações Unidas de 1955, registro da ONU que detalhava os acontecimentos do ano.

No documento da ONU, os *fedayeen* correspondem a soldados palestinos que pertencem ora ao exército jordaniano e ora às tropas egípcias. Em um trecho do relatório anual, os *fedayeen* são acusados pelo representante de Israel por atravessarem a fronteira de forma indevida: “O representante de Israel declarou então que as unidades *fedayeen* do Egito haviam criado a última violação da paz ao invadir o território de Israel a partir do Egito. Na noite de 29 de outubro, Israel tomou medidas de segurança para eliminar as bases *Fedayeen* egípcias na península do Sinai”¹⁶² (UNITED NATIONS, 1956, [s.p.]). Ainda na década de 1950, o *The New York Times* descrevia ataques esporádicos dos *fedayeen* na fronteira com Israel. A título de exemplo, no dia 14 de novembro de 1956, o periódico noticiou uma emboscada dos guerrilheiros palestinos que ocasionou a morte de um soldado israelense (THREE..., 1956, p.5).

Fora dos documentos oficiais das Nações Unidas ou das notícias de jornais, na

¹⁶¹ Utilizaremos a grafia “*fedayeen*”, tal como utilizado por Sacco em *Footnotes in Gaza* por questões de padronização na escrita. No entanto, vale ressaltar que a grafia pode variar de autor para autor.

¹⁶² [No original]: “The representative of Israel then stated that fedayeen units from Egypt had-creat d the latest breach of the peace by invading the territory of Israel from Egypt. On the evening of 29 October, Israel had taken security measures to eliminate the Egyptian fedayeen bases in the Sinai península (Tradução livre).

década de 1970, Ehud Yaari (1972) argumentava que, logo após a Guerra dos Seis Dias de 1967, as guerrilhas de resistência palestina passaram a ser denominadas como *fedayeen*. Dessa forma, ao que parece, após o fim da Crise de Suez o conceito de iniciativa *fedayeen*, que até então estava relacionado aos grupos guerrilheiros que atuavam ao lado do Egito ou da Jordânia, tenha caído no esquecimento e revivido na década de 1960, com a Guerra dos Seis Dias e o surgimento da OLP/Fatah. Nessa mesma época, Said (2012, p.181), em “A Questão da Palestina”, livro publicado em 1979, comenta que os *fedayeen* surgiram após o processo de expulsão das terras em 1948. O movimento consolidou-se em 1955, após um pequeno ataque contra Israel. No mesmo texto, Said (2012) evoca o conceito de *fedayeen* para associá-lo à formação do Fatah. Vale pontuar que no contexto em que Said escreveu seu livro, final da década de 1970, o grupo liderado por Yasser Arafat era considerado a resistência armada na Palestina.

Após o 11 de setembro de 2001, ao que tudo indica, o termo *fedayeen* deixa de ser associado à ideia de guerrilha e passa a ser relacionado ao conceito de terrorismo. Bernard Lewis, historiador britânico e especialista em Oriente Médio, destaca em seu livro a crise do Islã no início do século XXI. A obra de Lewis foi escrita pouco tempo depois dos ataques às Torres Gêmeas e, sobre os *fedayeen*, o autor esclarece que:

[...] *fidayeen*, do árabe *fida'i* – aquele que está pronto a sacrificar sua vida pela causa. O termo reapareceu no Irã, nos chamados Fida'i Yan-i Islã, os *fida'is* do islã, grupo terrorista político-religioso de Teerã que, entre 1943, quando começou suas atividades, e 1955, quando foi extinto, levou a cabo um grande número de assassinatos políticos. Após uma tentativa mal-sucedida contra a vida do primeiro-ministro em outubro de 1955, foram presos, julgados e seus líderes executados. O termo foi novamente revivido pela ala militante da Organização para a Libertação da Palestina e, desde a década de 1960, designa ativistas terroristas das organizações palestinas” (LEWIS, 2004, p.135).

Ao contrário de Said (2012), que havia relacionado o surgimento dos *fedayeen* palestinos ao Fatah enquanto movimento de resistência nacional, Lewis (2004) salienta que o termo caído em desuso no Irã, ainda em 1955 e, provavelmente após a Guerra dos Seis Dias (1967), revivido pela OLP na Palestina. Além disso, Lewis ainda destacava que, a partir da década de 1980, o conceito de *fedayeen* foi retomado para designar os grupos terroristas Hezbollah, do Líbano, e o Hamas, da Palestina (LEWIS, 2004, p.140). Em outra nota sobre a iniciativa *fedayeen*, Demant (2013, p.275) salienta que na década de 1970 o conceito era utilizado para posicionar o Fatah enquanto grupo de resistência armada.

Por fim, Dershowitz (2004), um dos apoiadores da causa israelense nos EUA,

afirmara que entre 1948 e 1967 a iniciativa *fedayeen* era composto por uma horda de assassinos que levou a morte a milhares de civis israelenses nas fronteiras entre o Egito e Israel. É importante destacar que Dershowitz (2004) escreveu seu trabalho durante os desdobramentos violentos da Intifada de Al-Aqsa (2000-2005), período em que o Estado de Israel posicionava suas tropas para lutar contra os militantes do Hamas nas ruas da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Além disso, o advogado estadunidense comparava os guerrilheiros palestinos do passado ao movimento de supremacistas brancos estadunidenses, a Ku Klux Klan:

O terrorismo tornou-se pior na década de 1930 e continuou depois de Israel tornar-se um Estado, mas antes de ocupar a margem ocidental e Gaza. Entre 1951 e 1955 quase mil civis israelenses foram mortos por fedayin em ataques entre fronteiras. Entre os ataques terroristas conduzidos contra os civis israelenses antes da ocupação da margem ocidental e da Faixa de Gaza estão os seguintes: o assassinato em massa de onze passageiros de ônibus retornando de férias em Eliat em 1954 (os terroristas primeiro mataram o motorista e depois subiram no ônibus e mataram todos os passageiros) e o ataque, por tiros, a crianças e adolescentes numa sinagoga, no qual quatro foram mortos e cinco feridos. Esse ataque foi semelhante ao bombardeio da Ku Klux Klan contra uma igreja de negros, no Alabama, no qual quatro crianças foram mortas (DERSHOWITZ, 2004, p.213).

Dessa forma, ao que parece, o conceito de *fedayeen* foi aplicado em determinadas ocasiões, variando conforme as necessidades discursivas de cada época. Da década de 1950 para o início do século XXI, o significado do conceito de *fedayeen* e a função desempenhada pelo grupo de militantes palestinos passou de uma tropa militar auxiliar do exército egípcio na Crise de Suez (1955-1956), perpassando pelo papel de resistência armada do povo palestino na década de 1970 e, por fim, como grupo terrorista no pós 11 de setembro.

No quadro histórico das eleições parlamentares de 2006, considerando o fato de que Sacco identificou o Hamas como a resistência do povo palestino, é possível que o capítulo “*The Fedayeen – pt.2*” tenha sido produzida de improviso em decorrência das consequências imediatas à vitória do Hamas. Para compreender melhor essa possível relação, é preciso observar a conduta da comunidade internacional, especialmente EUA e Israel, após a divulgação do resultado eleitoral. Sobre isso, Pappé (2011) destaca que, tanto para Israel como para os EUA, as eleições tinham sido realizadas de forma clara e democrática, no entanto, os palestinos tinha errado em sua escolha:

Depois de sua retirada formal da Faixa de Gaza, Israel nunca abriu mão de seu controle total sobre o território, muitas vezes descrito de forma realista como "a maior prisão do mundo". Em janeiro de 2006, poucos meses após a retirada, a Palestina teve uma eleição que foi reconhecida como livre e justa por observadores internacionais. Os palestinos, no entanto, votaram “do jeito

errado”, elegendo o Hamas. Instantaneamente, os Estados Unidos e Israel intensificaram seu ataque contra os habitantes de Gaza como punição por esse delito. Os fatos e o raciocínio não foram ocultados; em vez disso, eles foram publicados abertamente ao lado de comentários reverentes sobre a sincera dedicação de Washington à democracia. O assalto israelense apoiado pelos EUA contra Gaza só se intensificou desde então, graças à violência e ao estrangulamento econômico, cada vez mais selvagem¹⁶³ (PAPPÉ, 2011a, p.197).

Em conformidade com as palavras de Pappé (2011a), ao que tudo indica, os EUA e Israel acreditavam na lisura do processo eleitoral e democrático da Palestina. Possivelmente, ambas as nações estavam impossibilitadas de levantar qualquer hipótese de fraude nas eleições democráticas na Palestina, pois, conforme o documento enviado às Nações Unidas pelo Conselho Europeu, órgão este que havia sido incumbido de observar de perto o processo eleitoral, o sufrágio havia acontecido de forma segura e sem qualquer possibilidade de fraude ou tentativa de intimidação por parte dos partidos que concorriam às cadeiras do parlamento. Além disso, o relator do texto destacava que a grande participação de palestinos votantes na eleição demonstrava a alta expectativa que os eleitores depositaram nos ombros do novo parlamento recém-eleito de forma democrática. Por fim, como sugestão final, o relatório salientava às Nações Unidas sobre a relevância dos demais partidos em contribuir para com o novo parlamento, respeitando assim a escolha democrática dos eleitores palestinos (COUNCIL OF EUROPE, 2006, [s.p.]). Aparentemente, o processo eleitoral havia sido legal e transparente, situação essa que alavancou o reconhecido por outros países e pelas Nações Unidas.

Sendo assim, se as eleições foram respeitadas por todas as partes que concorreram, especialmente os vencedores, estava fora de cogitação qualquer forma de invasão ou interferência militar por parte de Israel e dos EUA alegando que o Hamas não havia respeitado as diretrizes democráticas para ascender ao poder na Palestina, pois, só seria possível conquistar a legitimidade de uma ação militar contra o Hamas caso o grupo islâmico não respeitasse as regras do jogo democrático. De acordo com Turner (2006, p.742), desde o governo de Bill Clinton, os Estados Unidos têm promovido a expansão da democracia pelo mundo de forma que, estrategicamente, os EUA mantenham a paz duradoura entre as nações. Portanto, um

¹⁶³ [No original]: “After its formal withdrawal from the Gaza Strip, Israel never actually relinquished its total control over the territory, often described realistically as “the world’s largest prison.” In January 2006, a few months after withdrawal, Palestine had an election that was recognized as free and fair by international observers. Palestinians, however, voted “the wrong way”, electing Hamas. Instantly, the United States and Israel intensified their assault against Gazans as punishment for this misdeed. The facts and the reasoning were not concealed; rather, they were openly published alongside reverential commentary on Washington’s sincere dedication to democracy. The U.S.-backed Israeli assault against the Gaza has only been intensified since, thanks to violence and economic strangulation, increasingly savage (Tradução livre).

Estado democrático (tal como os Estados Unidos e seus aliados) não poderia, de forma alguma, atacar outro Estado democrático (a Palestina governada pelo Hamas).

Por conta disso, uma provável saída para esse paradoxo democrático em que os EUA e Israel se encontravam pode ter sido o congelamento das finanças da Autoridade Palestina na tentativa de inviabilizar o recém governo eleito. Logo após a confirmação da vitória do Hamas, a comunidade internacional, especialmente o Estado Judeu e os americanos, emitiram um conjunto de exigências para o partido vencedor, dentre elas, o reconhecimento do Estado de Israel, a renúncia à luta armada e a aceitação dos acordos assinados em Oslo (MILTON-EDWARDS, 2007, p.302). Por sua vez, o Hamas não acatou as exigências emitidas pela comunidade internacional e, como consequência, teve a entrada de auxílio orçamentário de doadores internacionais à AP retidos pelos americanos. Além disso, por parte de Israel, houve o congelamento do repasse dos impostos coletados da população palestina no período fiscal de 2005, verba essa que seria destinada para manutenção da folha salarial dos funcionários públicos da Autoridade Palestina:

Em 25 de janeiro de 2006, uma situação econômica já precária em Gaza piorou drasticamente após a mudança repentina no cenário político palestino que levou o Hamas ao comando do poder após sua vitória nas eleições parlamentares. A combinação da suspensão de doadores ocidentais no apoio orçamentário direto à Autoridade Palestina, o congelamento de Israel do IVA (imposto) palestino, as transferências de receita alfandegária e o endurecimento das restrições de fronteira - medidas tomadas em resposta à recusa do Hamas de mudar sua posição violenta sobre Israel e o aceite de acordos israelense-palestinos do passado - resultaram em uma crise fiscal que praticamente paralisou o novo governo liderado pelo Hamas e limitou sua capacidade de pagar salários e fornecer serviços básicos aos seus constituintes. Esta situação acabou resultando em uma crise humanitária e econômica que continua a devastar Gaza pós-desligamento¹⁶⁴ (SAMHOURI, 2006, p.4-5).

A recusa dos governantes dos EUA e de Israel em aceitar o resultado das eleições na Palestina, possivelmente, agravou a crise humanitária que se estendia antes mesmo do Plano de Desengajamento. É neste contexto conturbado para os palestinos que Sacco roteirizou e ilustrou a segunda parte de *“The Fedayeen-pt.2”*. A história escrita por Sacco, em janeiro de

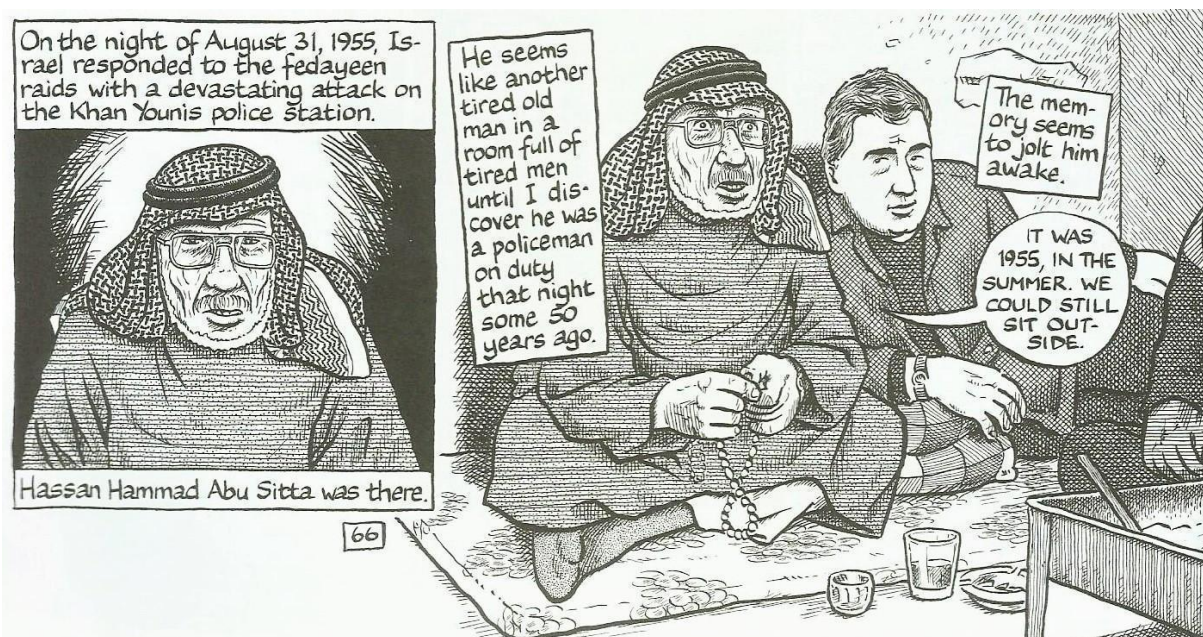
¹⁶⁴ No original]: “On January 25, 2006, an already precarious economic situation in Gaza took a sharp turn for the worse following the sudden change in the Palestinian political landscape that brought Hamas to the helm of power after its victory in the parliamentary elections. The combination of Western donors’ suspension of direct budgetary support to the PA, Israel’s freezing of Palestinian VAT and customs revenue transfers, and the tightening of border restrictions—measures taken in response to Hamas’s refusal to change its stance on Israel, violence, and past Israeli-Palestinian agreements—has resulted in a fiscal crisis that has virtually paralyzed the new Hamas-led government and limited its ability to pay salaries and provide basic services to its constituents. This situation has ultimately resulted in a humanitarian and economic crisis that continues to devastate post-disengagement Gaza” (Tradução livre).

2006, inicia com o relato de um antigo membro dos *fedayeen* de 1955, o mesmo palestino que forneceu os relatos para “*The Fedayeen*”, setembro de 2005. Apesar de Sacco não esclarecer o motivo pelo qual não o chama pelo nome, tal como fez com as demais testemunhas de sua obra, o quadrinista-jornalista destaca que o *fedayeen* teme em contar a sua história e, por conta disso, ser descoberto pelos israelenses, recebendo, segundo ele, o mesmo destino que Eichmann, o alemão, recebeu dos judeus após o fim da Segunda Guerra. Mesmo temeroso, o palestino resolve começar a contar a sua história.

Após o idoso palestino relatar para Sacco as atrocidades que cometeu enquanto esteve entre os *fedayeen* na fronteira entre Egito e Israel, como assassinar soldados israelenses que estavam dormindo e cortar suas orelhas, Sacco traz a versão do historiador israelense Mordechai Bar-On¹⁶⁵ sobre o mesmo acontecimento. Bar-On esclarece que a iniciativa *fedayeen* nunca foi um perigo para o Estado de Israel naqueles dias, no entanto, houve alguém dentro do governo israelenses que levou muito a sério os ataques palestinos que, até então, haviam ocasionado somente 15 baixas israelenses. Depois da fala do historiador, Sacco passa a palavra para Hassan Hammad Abu Sitta, ex-policia palestino que estava de plantão em 31 de agosto de 1955, dia que Israel revidou as investidas *fedayeen*. O primeiro ponto que merece atenção corresponde ao adereço que Abu Sitta está segurando na mão (**figura 76**), objeto esse que possivelmente representa um *tasbih*, colar de contas utilizado pelos muçulmanos para louvar a Ala.

¹⁶⁵ Foi membro das Forças de Defesa de Israel em 1948, tornando-se comandante de pelotão da companhia Brigada Givati em 1954. Em 1955, tornou-se chefe do Departamento de História do Estado-Maior Geral. Na década de 1960, atuou como Vice-Diretor de Educação no Corpo de Educação e Juventude. Durante sua carreira, escreveu livros como *In Pursuit of Peace: A History of the Israeli Peace Movement* (1996) e *Moshe Dayan: Israel's Controversial Hero* (2012), sem tradução para o português.

Figura 76: Muçulmanos *fedayeen*.



Fonte: SACCO, 2010, p. 66

É importante destacar que, tal como na primeira parte de “*The Fedayeen*”, quando Sacco foi visitar o *fedayeen* idoso pela primeira vez, ele se recusou a atender o quadrinista-jornalista naquele momento. O motivo era o jejum do Ramadan que, por aqueles dias, o impedia de fumar um cigarro enquanto o sol estivesse a pino. Sem cigarro, sem história (SACCO, 2010, p. 41). Dessa forma, as duas únicas personagens que representam, ou estão relacionadas aos antigos *fedayeen* da década de 1950 no trabalho de Sacco, são muçulmanas. Ou seja, na narrativa construída nas páginas de *FinG*, os homens da resistência palestina do passado eram religiosos muçulmanos assim como os homens do Hamas na atualidade. Essa relação proposta por Sacco, entre islamismo e os *fedayeen*, vai de encontro com a tese de Said (2012) de que a iniciativa palestina havia sido o primeiro passo do grupo laico Fatah, neste caso, uma instituição nacionalista não religiosa:

Que eu saiba, não há uma explicação analítica completamente satisfatória, uma análise passo a passo inteiramente lógica sobre como, sendo refugiados, os exilados palestinos tornaram-se uma força política de importância apreciável. Mas isso é verdadeiro para todos os movimentos populares que parecem ser muito mais do que a soma matemática de seus elementos. A sequência narrativa dessa transformação é, creio eu, ilusoriamente simples. O Al-Fatah surgiu em 1955 com um pequeno ataque a Israel. Desde então, o número de organizações militares palestinas aumentou, assim como a série de conflitos militantes importantes com (e em) Israel. Até março de 1968, porém, o esforço palestino era encarado, na melhor das hipóteses, como incluso no desenvolvimento árabe em geral (especificamente nasserista ou baathista). Em março de 1968 e, em particular, após a guerra de junho de 1967, o movimento

palestino adquiriu um novo status, o que o afastou política e simbolicamente do cenário árabe (SAID, 2012, p.180).

Como se vê, de acordo com Said (2012), o Fatah havia iniciado suas atividades em 1955, após alguns ataques de palestinos contra o Estado de Israel, ou seja, no mesmo período em que os *fedayeen* ilustrados por Sacco relatam ter atravessado a fronteira do Egito e trocado tiros com soldados israelenses. É possível que o grupo laico do Fatah tenha se originado nesses arroubos de pequenos contingentes de palestinos que cruzavam a linha de armistício e lutavam contra os soldados das forças armadas do Estado de Israel, no entanto, naquilo que consiste o campo discursivo das representações, a ilustração de homens palestinos devotos do Islã que lutavam na linha de frente dos *fedayeen* em 1955 pode ser uma tentativa de Sacco em construir o mito fundador do Hamas, o movimento islâmico que, entre outras coisas, se colocava como a resistência do povo palestino nas eleições de 2006. Sendo assim, ao invés de destacar a origem do Hamas como grupo islâmico que surgiu no descontentamento com liderança do Fatah e depois da Sulta no decorrer da Primeira Intifada Palestina de 1987, é provável que Sacco tenha tentado apresentar aos leitores ocidentais o Hamas como um movimento de luta e resistência com raízes nos antigos combatentes *fedayeen*.

O segundo ponto de destaque neste capítulo de *FinG* consiste na maneira como Sacco ilustrou o relato de Abu Sitta em relação aos ataques ao prédio da polícia em que ele trabalhava na década de 1950. Além de detalhar a explosão que colocou ao chão as instalações da força policial palestina, Abu Sitta também destaca a disparidade bélica entre os ataques perpetrados pelos palestinos e a resposta israelense. De acordo com o palestino, o quartel policial em que servia tinha sido atacado pelos israelenses naquele verão de 1955 como retaliação pela invasão aos colonos judeus pelos *fedayeen*.

Figura 77: A força de Israel e a fragilidade da resistência



Fonte: SACCO, 2010, p. 68

Na **figura 77**, vinheta à esquerda, Sacco ilustra dois palestinos que, durante os ataques israelenses, colocam as mãos na cabeça para tentar aliviar o barulho ensurdecedor produzido tanto pela queda do prédio da polícia que desabava quanto o estrondo causado pelos caças israelenses que rasgavam o céu da Faixa de Gaza. Sendo assim, no discurso produzido por Sacco, enquanto os palestinos atravessavam a fronteira com um contingente pequeno de soldados, Israel respondia os ataques com bombas lançadas pela sua força aérea. À direita, Abu Sitta, com seu *tasbeeh* à mão, foi ilustrado acompanhado de dois familiares que discutem a fragilidade da resistência frente ao arsenal do Estado de Israel na atualidade. Vale destacar que, enquanto Abu Sitta e seus familiares descrevem a diferença de poder bélico entre Israel e Palestina, todos foram ilustrados cabisbaixos e com o olhar distante, possivelmente, demonstrando a desilusão destes árabes palestinos em relação à desigualdade latente entre as duas forças. O próprio Abu Sitta diz: “A resistência era muito frágil... tínhamos fuzis Lee-Enfield com pentes de cinco balas”, um de seus familiares, sentado à direita, exclama: “Assim como hoje. Hoje são os Kalashnikov contra os tanques Merkava¹⁶⁶” (SACCO, 2010, p. 68).

Hipoteticamente, ao destacar a diferença entre o poderio bélico da resistência e das Forças de Defesa de Israel, além de apresentar a continuidade naquilo que corresponde a disparidade entre as forças armadas de Israel em relação aos rebeldes palestinos, tanto no presente como no passado, o quadrinista-jornalista pode estar se referindo aos vários embates

¹⁶⁶ [No original]: “The resistance was very weak... we had rifles Lee-Enfields with five-bullet magazines [...] Just like today. Today it's the Kalashnikov versus the Merkava tanks” (Tradução livre).

entre israelenses e palestinos que se sucederam na Faixa de Gaza após o resultado das eleições. Levando em consideração que essas páginas foram desenhadas e roteirizadas em fevereiro de 2006, é importante destacar que as tensões entre o Hamas e Israel se intensificavam nos dias que antecediam a troca de membros no parlamento após as eleições.

Ao que parece, a estratégia inicial dos EUA em dificultar a ajuda financeira externa gerava desconfiança entre os membros do governo americano. Para alguns, havia a possibilidade do Hamas se alinhar à países como Irã e Síria, ambos considerados inimigos dos Estados Unidos na Guerra contra o Terror, ou, mais preocupante ainda, o movimento islâmico palestino obter sucesso em sua administração mesmo tendo suas finanças comprometidas pelo cerco econômico promovido por Israel e EUA após as eleições. Sobre isso, Zweiri (2006) afirma que:

O desejo do Hamas de uma trégua de longo prazo é inaceitável para os israelenses, os EUA e a comunidade internacional. A menos que o Hamas concorde em reconhecer Israel como um Estado, não haverá progresso. O Hamas também entendeu que os EUA não podem impedir a ajuda a longo prazo. Há uma preocupação real dentro do governo dos EUA de que a retenção da ajuda empurrará o Hamas em direção ao Irã e à Síria, os inimigos dos EUA na região. Isso radicalizará o Hamas e conduzido todos os islâmicos no Oriente Médio. Ao mesmo tempo, apoiar o Hamas a abrir uma porta para os islâmicos se tornem uma alternativa política no Oriente Médio. Esta política afetará a imagem dos regimes existentes que foram encorajados pelos EUA a marginalizar qualquer possível governo islâmico. Há uma preocupação real no ocidente em relação à capacidade do Hamas de fazer mudanças reais na vida diária dos palestinos nos Territórios Ocupados. Se o Hamas puder fazer isso sem o apoio dos EUA e da Europa, isso esmagará os aliados dos EUA na região que depende da ajuda dos EUA¹⁶⁷ (ZWEIRI, 2006, p. 683).

Dessa forma, Israel, com o aval dos EUA, passou a investir em ataques bélicos nos territórios ocupados para dificultar ainda mais a governabilidade do Hamas. Além disso, de acordo com Chomsky (2011), as Forças de Defesa de Israel utilizaram em suas incursões à Faixa de Gaza tecnologia militar estadunidense que, entre outras coisas, desrespeitava os acordos de segurança internacional:

¹⁶⁷ [No original]: “Hamas has realised that a long-term truce is unacceptable to the Israelis, the USA and the international community. Unless Hamas agrees to recognise Israel as a state there will be no progress. Hamas has also understood that the USA cannot stop aid in the long term. There is a real concern within the US administration that holding back aid will push Hamas towards Iran and Syria,⁴⁷ the enemies of the USA in the region. This will radicalise Hamas, and this will influence all Islamists in the Middle East. At the same time, supporting Hamas will open the door for the Islamists to become a political alternative in the Middle East. This policy will affect the image of existing regimes which have been encouraged by the USA to marginalise any possible rule by Islamists. There is real concern in the West regarding Hamas’s ability to make real change in the daily lives of the Palestinians in the Occupied Territories. If Hamas can do so without US and European support, this will crush the USA’s allies in the region who depend on US aid” (Tradução livre)

O assalto EUA-Israel em Gaza aumentou em janeiro de 2006, alguns meses após a retirada formal, quando os palestinos cometeram um crime verdadeiramente hediondo: eles votaram “do jeito errado” em uma eleição livre. Como outros, os palestinos aprenderam que não se desobedece impunemente às ordens do mestre, que nunca cessa de orar sobre seu “anseio por democracia” sem provocar o ridículo das classes instruídas, outra conquista impressionante. Uma vez que os termos “agressão” e “terrorismo” são inadequados, alguns novos termos são necessários para a tortura sádica e covarde de pessoas enjauladas sem possibilidade de fuga, enquanto são reduzidas a pó pelos mais sofisticados produtos da tecnologia militar dos EUA. Essa tecnologia é usada em violação da lei internacional e até mesmo dos EUA, mas para os estados fora da lei autodeclarados, isso é apenas mais um detalhe técnico menor¹⁶⁸ (CHOMSKY, 2011, p.90).

Portanto, nesta nova escalada de violência na Palestina, decorrente da vitória do Hamas nas eleições e a refutação de Israel e EUA, os algozes do movimento islâmico utilizaram armamento bélico que violava as leis internacionais. Os resultados destes ataques podem ser observados nas correspondências que Riyad Mansour, embaixador do Observatório da ONU, enviada incessantemente ao Conselho de Segurança das Nações Unidas. Em 7 de fevereiro de 2006, Mansour enviou ao Secretário Geral das Nações Unidas a correspondência onde evidenciava a intensificação das incursões e dos ataques israelenses à Faixa de Gaza:

Na semana passada, as forças de ocupação israelenses realizaram seis ataques extrajudiciais separados, resultando na execução de doze palestinos e no ferimento de vários outros. De fato, as forças de ocupação israelenses cometeram três das execuções extrajudiciais em menos de oito horas. A mais recente dessas execuções extrajudiciais ocorreu hoje, 7 de fevereiro de 2006, enquanto a presente carta estava sendo redigida. A este respeito, dois palestinianos foram mortos quando as forças de ocupação israelenses dispararam dois mísseis de um helicóptero que tinha como alvo um carro na cidade de Gaza. Além disso, as forças de ocupação israelenses continuaram com seu ataque com bombardeio de artilharia no norte de Gaza, bombardeando uma ponte e seis estradas. Um míssil atingiu uma casa, ferindo gravemente uma menina de 15 anos. Em outro incidente na cidade de Nablus, na Cisjordânia, Ahmed Radad foi morto instantaneamente pelas forças de ocupação israelenses durante um ataque matinal [...] Esses ataques têm sido incessantes, como a cronologia demonstra claramente. Mais perigosamente, esses ataques ilegais, que resultam em crimes de guerra e indicam desprezo abjeto pelo valor das vidas dos palestinos, ameaçam inflamar uma situação já extremamente tensa na região. Além disso, esta campanha mortal contra os palestinos põe em risco todos os esforços exercidos no momento atual para

¹⁶⁸ [No original]: “The U.S.-Israeli assault on Gaza escalated in January 2006, a few months after the formal withdrawal, when Palestinians committed a truly heinous crime: they voted “the wrong way” in a free election. Like others, Palestinians learned that one does not disobey with impunity the commands of the master, who never ceases to orate about his “yearning for democracy” without eliciting ridicule from the educated classes, another impressive achievement. Since que terms “agression” and “terrorism” are inadequate, some new term is needed for the sadistic and cowardly torture of people caged with no possibility of escape, while they are being pounded to dust by the most sophisticated products of U.S. military technology. That technology is used in violation of international and even U.S. law, but for self-declared outlaw states that is just another minor technicality” (Tradução livre).

prolongar o período de calma e trabalhar na transferência de poderes para o novo governo palestino de uma maneira suave e eficiente. Esses ataques mortais exercem uma quantidade adicional e insuportável de pressão sobre o povo e a liderança palestina e ameaçam desestabilizar a situação, afogando ambos os lados em um ciclo renovado de violência e sofrimento que poderia e deveria ser evitado¹⁶⁹ (MANSOUR, 2006b, [s.p.]).

Como se vê, em menos de um mês após a vitória do Hamas, as Forças de Defesa de Israel insistiram nos ataques terrestres e aéreos aos territórios gizeanos. Como afirma Mansour às Nações Unidas, esses ataques tinham como um de seus objetivos dificultar a transição pacífica de poder entre o antigo parlamento palestino, formado por membros do Fatah, para o novo parlamento, com maioria das cadeiras ocupadas por homens do Hamas. No entanto, enquanto a situação era acompanhada de perto pelos observadores da ONU, nos periódicos estadunidenses, pouco se comentou sobre os sucessivos ataques israelenses à Faixa de Gaza. Quando noticiado, os ataques israelenses eram descritos como uma estratégia política que consistia em desestruturar a infraestrutura palestina e privar a nova Autoridade Palestina.

Erlanger (2006d, [s.p.]) ao *The New York Times*, explicava que os ataques tinham o intuito de promover a infelicidade entre os palestinos e, conseqüentemente, forçar o presidente da AP, Mahmoud Abbas, a convocar novas eleições, permitindo assim o retorno do Fatah ao poder. Ainda segundo o repórter, como o Hamas havia prometido em sua campanha eleitoral trazer melhorias sociais e econômicas para os palestinos, Israel e EUA pretendiam dificultar a governabilidade do grupo islâmico até que aceitassem as três reivindicações impostas logo após o anúncio da vitória (ERLANGER, 2006d, [s.p.]).

Vale destacar que, além dessa estratégia política fomentada por israelenses e estadunidenses, um dos primeiros golpes contra o novo governo do Hamas havia sido deferido dentro da própria Palestina. Segundo Usher (2006, p.28), poucas semanas após as eleições, o

¹⁶⁹ [No original]: “In the past week, Israeli occupying forces have carried out six separate extrajudicial attacks, resulting in the execution of twelve Palestinians and the injury of several others. In fact, Israeli occupying forces committed three of the extrajudicial executions in less than an eight-hour period. The most recent of these extrajudicial executions occurred today, 7 February 2006, while the present letter was being drafted. In this connection, two Palestinians were killed when Israeli occupying forces fired two missiles from a helicopter gunship targeting a car in Gaza City. Moreover, Israeli occupying forces continued with its raid and artillery bombardment in northern Gaza, bombing a bridge and six roads. One shell hit a home, critically injuring a 15-year-old girl. In another incident in the West Bank town of Nablus, Ahmed Radad was killed instantly by Israeli occupying forces during an early morning raid. [...] These attacks have been incessant, as the chronology clearly demonstrates. More dangerously, these unlawful attacks, which amount to war crimes and indicate an abject disdain for the worth of Palestinian lives, threaten to ignite an already extremely tense situation on the ground. Additionally, this deadly campaign against Palestinians jeopardizes all efforts exerted at the present time to extend the period of calm and work on transferring powers to the new Palestinian Government in a smooth and efficient manner. These deadly attacks exert an additional and unbearable amount of pressure on the Palestinian people and leadership and threaten to spin the situation out of control, drowning both sides in a renewed cycle of violence and suffering that could and should be averted. (Tradução livre).

presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, emitiu novos decretos presidenciais para criar o cargo de Secretário Geral da Palestina. Entre suas atribuições, o cargo tinha poderes para administrar os servidores públicos, realizar o pagamento dos salários e administrar as instituições públicas, tal como a polícia da Sulta. Esse tripé era necessário para que o Hamas proporcionasse as mudanças e reformas sociais que havia prometido à população durante a campanha. Dessa forma, por meio de decreto, os representantes do Fatah teriam a possibilidade de nomear o Secretário Geral, e assim, dificultar ainda mais a governabilidade do novo parlamento formado por membros do Hamas.

Concomitante a esses acontecimentos que, entre outras coisas, tinham como objetivo dificultar a transição do parlamento palestino, Sacco ilustrava o bombardeio israelense à Gaza em 1955. Vale destacar aqui que este trecho também faz parte do capítulo “*The Fedayeen – pt.2*”. Curiosamente, tal como foi observado na grafia do título e, diferente da maioria dos demais capítulos produzidos por Sacco em *FinG*, este fragmento de seu JHQ foi ilustrado e roteirizado no intervalo de três meses (fevereiro a abril de 2006), enquanto os demais foram produzidos dentro de um mês. Sendo assim, é possível que o quadrinista-jornalista tenha retroalimentado o conteúdo deste capítulo conforme as ocorrências nos territórios ocupados, principiando com o anúncio da vitória do Hamas (fevereiro/2006) até os ataques israelenses contra a população palestina (abril/2006).

A respeito desta imagem, Sacco ilustra o comando de bombardeio, emitido pelo então ministro da guerra israelense, Moshe Dayan. Na narrativa produzida por Sacco, Dayan havia comandado a permissão de contra-ataque após a troca de tiros de morteiro entre os soldados de Israel e do Egito. Como represália ao ferimento de cinco civis e dois soldados israelenses, Dayan ordenou que a artilharia israelense descarregasse de duas a três linhas de tiro contra uma das ruas mais movimentadas da Faixa de Gaza durante o horário de pico (SACCO, 2010, p. 72).

Figura 78: Bombardeio israelense à Faixa de Gaza, 1955



Conforme **figura 78**, é possível observar os resultados do bombardeio israelense à Gaza. Na imagem, homens e mulheres foram ilustrados com as faces distorcidas pelo medo em meio a uma grande nuvem de fumaça e poeira dos prédios que não resistiram aos tiros de morteiro israelense e, por conta disso, vieram a pique. Como pode ser observado, Sacco ilustrou uma grande quantidade de poeira que dificulta a visibilidade dos palestinos, aumentando ainda mais a sensação de medo e caos generalizado. À direita, destaca-se a imagem de uma mulher com o antebraço mutilado. Acima dela, um homem carrega em seus braços uma criança, possivelmente seu filho, enquanto os demais, alguns com as mãos na cabeça e outros feridos, andam desorientados na nuvem de poeira. Além disso, dentro desta página há somente quatro vinhetas que, de forma desalinhada, conferindo a situação ilustrada a ideia de desorganização, desestruturação e caos, compartilha o espaço com recordatórios que também se dispersam pela página.

Nas extremidades da página, duas vinhetas destacam os líderes de Estado. Na parte superior, Moshe Dayan, o representante do governo israelense, foi ilustrado com a testa frisada e a boca e olhos bem abertos, possivelmente dando a impressão de rispidez, ordenando os soldados das Forças de Defesa de Israel lançarem os tiros de morteiro contra a Faixa de Gaza. Do lado oposto, no canto inferior da página, Gamal Abdel Nasser, presidente do Egito, com um olhar de preocupação e surpresa, de forma reativa aos bombardeios israelenses que matavam e feriam os habitantes da Faixa de Gaza, dá a ordem para que a iniciativa *fedayeen* contra-ataque Israel.

Provavelmente, levando em consideração que a tela em questão foi produzida em abril de 2006, ou seja, pouco mais de três meses após a eleição, ela pode fornecer indícios a respeito do ciclo de ataques e contra-ataques entre as Forças de Defesa de Israel e os membros do Hamas na Faixa de Gaza. Sendo assim, a ilustração de Nasser ordenando que os *fedayeen* respondessem aos ataques israelenses pode representar, entre outras coisas, a retomada do Hamas ao campo de batalha após as incessantes investidas israelenses contra o seu incipiente governo que, segundo o embaixador da ONU nos territórios ocupados, a crise no governo palestino já se comparava à crise de Kosovo:

Deve-se destacar que apesar dos avisos das organizações de ajuda das Nações Unidas de que a Faixa de Gaza está à beira de um desastre humanitário, a Potência ocupante continua com sua política de fechamentos sistemáticos, bloqueios e toques de recolher, criando uma carência dos medicamentos mais básicos e alimentos, incluindo fórmulas infantis e leite em pó. Um funcionário do Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários do Secretariado das Nações Unidas confirmou que não houve nenhuma mudança significativa na situação e que a Faixa de Gaza está prestes a enfrentar uma crise humanitária

tão grave quanto a de Kosovo. Além disso, a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo (UNRWA) alertou sobre o desastre humanitário causado pelo fechamento da passagem de Karni por Israel, que aumentou exponencialmente o número de famintos em Gaza¹⁷⁰ (MANSOUR, 2006d, [s.p.]).

Além das precárias condições humanitárias que pareciam piorar naquele abril de 2006, Mansour (2006) também demonstrou preocupação com o aumento no número de vítimas palestinas, especialmente as crianças. Na mesma carta, o embaixador reporta ao Secretário das Nações Unidas que, em 3 de abril de 2006, um garoto de 15 anos havia sido baleado e morto pelas Forças de Defesa de Israel, perto de Qalandiya, no campo de refugiados de Ramallah. No mesmo incidente, outras duas crianças ficaram feridas. No final da correspondência, Mansour (2006d, [s.p.]) esclarecia que, desde 2000, 720 crianças palestinas já haviam sido mortas a sangue frio pelo exército israelense. Ao que parece, as crianças israelenses e palestinas foram diretamente afetadas pelo ciclo de violência entre a resistência palestina e o Estado de Israel. Talvez, por conta disso, Sacco tenha ilustrado a morte de dois jovens israelenses como resultado do contra-ataque dos *fedayeen* em 1955.

Conforme a **figura 79**, Sacco ilustrou o relato do idoso *fedayeen* sobre a retaliação que ele e seus companheiros perpetraram contra os colonos judeus após o bombardeio de Moshe Dayan à Faixa de Gaza. Na tela em questão, a primeira vinheta à esquerda ilustra um amontoado de cadáveres que foram abatidos pelos morteiros de Dayan. Quase ao centro da vinheta, ao que parece, um adolescente jaz com os olhos semicerrados e a boca ensanguentada. Entre a pilha de cadáveres, ele é representado como sendo mais um entre tantos, pois, tal como os outros cadáveres que compõem a vinheta, não possui nenhuma identificação que os distinga dos demais. Na vinheta do centro, o idoso *fedayeen* relata que, após os ataques dos morteiros israelenses, ele e seus companheiros deslocaram-se em direção à Israel. Na vinheta ao lado, Sacco ilustra três homens armados que, na calada da noite, caminham para disferir um ataque surpresa à um assentamento de colonos judeus. Na longa vinheta debaixo, é possível averiguar o resultado da invasão *fedayeen* às colônias judaicas. Duas crianças israelenses foram mortas pelos soldados palestinos.

¹⁷⁰ [No original]: “It must be highlighted that despite the warnings by United Nations aid organizations that the Gaza Strip is on the verge of a humanitarian disaster, the occupying Power continues with its policy of systematic closures, blockades and curfews, creating a shortage of the most basic medicine and food, including infant formula and powdered milk. An official from the Office for the Coordination of Humanitarian Affairs of the United Nations Secretariat has confirmed that there has been no significant change in the situation and that the Gaza Strip is on the verge of facing a humanitarian crisis as bad as the one in Kosovo. Moreover, the United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East (UNRWA) has warned of the unfolding humanitarian disaster caused by the Israeli closures of the Karni crossing, which has exponentially increased the number of starving people in Gaza” (Tradução livre).

Figura 79: As crianças e a guerra



Fonte: SACCO, 2010, p. 73

Ao contrário do adolescente palestino, as crianças israelenses não foram ilustradas ao lado de uma pilha de cadáveres. Pelo contrário, elas foram desenhadas como se estivessem deitadas no chão e vistas de cima para baixo. Essas crianças, caracterizadas com os cabelos e a pele clara contrastam-se do sangue que escorre e empoça no chão. Além disso, no canto esquerdo, abaixo do recordatório, é possível verificar que uma delas segurava um livro, indicando que os *fedayeen* haviam matado uma criança que, possivelmente, estudava enquanto foi morta. Também desenhada e roteirizada em abril de 2006, esse conjunto de vinhetas foram produzidas concomitante à um episódio destacado pela mídia estadunidense daquele período. Descrito como um dos maiores ataques terroristas contra Tel Aviv, no dia 17 de abril de 2006, um militante islâmico palestino explodiu um restaurante de falafel na capital israelense, matando nove pessoas e ferindo outras sessenta.

Segundo Greg Myre e Dina Kraft (2006), autores da reportagem, o último grande ataque a Israel havia acontecido em 31 de agosto de 2004, quando outro ataque suicida com bomba levou a morte de dezesseis israelenses em Beersheba, no sul de Israel. Na reportagem, Myre e Kraft (2006) argumentam que um homem-bomba palestino realizou o mais mortífero ataque a Israel em quase dois anos. Apesar de noticiarem que os ataques foram realizados pela Jihad Islâmica Palestina, outro grupo fundamentalista criado no início dos anos de 1980, os repórteres destacam que o Hamas, que naquela altura já tinha tomado a posse no Parlamento, concordava com a ação dos terroristas e o considerava um ato legítimo de defesa. Sobre as vítimas do atentado, Myre e Kraft (2006), salientavam a história dos irmãos Manshirov, David e Jahoun, ambos com 17 anos. Os irmãos estavam entre os sessenta feridos. Apesar da economia das palavras, os repórteres enfatizavam que os dois jovens, que já haviam sido alvos de outros ataques em janeiro do mesmo, eram pobres imigrantes de um país pertencente a ex-União Soviética e não tinham escolha a não ser continuar trabalhando: “Manshirov disse que sua família, que emigrou há três anos da Geórgia, a ex-república soviética, era pobre, então ele não tinha escolha a não ser continuar trabalhando no restaurante¹⁷¹” (MYRE; KRAFT, 2006, [s.p.]).

Concomitantemente, várias outras crianças eram vitimadas pelo exército israelense na Faixa de Gaza. As cartas de Mansour às Nações Unidas evidenciam alguns casos específicos, por exemplo, no dia 6 de março, o embaixador disse que foi “um dia triste” para as crianças palestinas, visto que cinco foram mortas em incidentes no conflito (MANSOUR, 2006a, [s.p.]). Dois dias depois, Mansour (2006c, [s.p.]), salienta que, até então, Israel havia realizado 34 incursões ilegais à Faixa de Gaza e, numa delas, além da devastação de residências e das terras agricultáveis, matou uma garota de nove anos. Em outra situação, Mansour (2006d, [s.p.]) destacava a morte de um bebê de seis meses de idade:

[...]Os ataques israelenses também visaram outros três locais em áreas civis densamente povoadas na Faixa de Gaza. Como resultado, pelo menos um palestino foi morto e mais de 10 ficaram feridos, incluindo uma mãe e seu bebê de 6 meses. O derramamento de sangue e a vasta destruição de casas, estradas e propriedades infligidas pelas forças de ocupação nesta área já devastada causaram sofrimento generalizado, pânico e medo para se espalhar entre a população e aprofundaram ainda mais a grave crise humanitária enfrentada pelo povo palestino [...]Em outro evento trágico, na segunda-feira, 3 de abril de 2006, um menino palestino de 15 anos foi morto a tiros por forças de ocupação israelenses perto do campo de refugiados de Qalandiya, a oeste de Ramallah. Duas outras crianças foram feridas no incidente. Este é apenas um dos muitos incidentes terríveis em que jovens crianças palestinas foram mortas pelas forças de ocupação israelenses. Desde setembro de 2000, mais

¹⁷¹ [No original]: “Mr. Manshirov said his family, which emigrated three years ago from Georgia, the former Soviet republic, was poor, so he had no choice but to keep working at the restaurant” (Tradução livre).

de 720 crianças palestinas foram mortas a sangue frio pelas forças de ocupação israelenses [...](MANSOUR, 2006d, [s.p.]).

Nos noticiários estadunidenses, as mortes de crianças e adolescentes palestinos, quando reportados, tinham suas histórias cruzadas com o contexto de guerra entre os terroristas e as Forças de Defesa de Israel. Dessa forma, em sua maioria, os jovens palestinos mortos pelo exército israelense, e representados pelos meios de comunicação estadunidenses, estavam relacionados a alguma atividade envolvendo a fabricação, treinamento ou lançamento de mísseis *Qassam* contra Israel. Por exemplo, ao noticiar as incursões israelenses para impedir o lançamento de foguetes à Israel, John Kifner (2006), para o *The New York Times*, salientava que já haviam morrido 16 palestinos, dentre eles a esposa e o filho, de sete anos, de um fabricante de bombas, membro do Comitê de Resistência Popular:

No último final de semana, o Exército israelense disse que iria reprimir Gaza, na esperança de deter os ataques de Qassam. Baterias e tanques de artilharia adicionais foram enviados para dentro. E Israel reduziu a margem de segurança em que as bombas poderiam ser disparadas perto de áreas civis, de cerca de 1000 a 300 metros. [...] Um porta-voz da Força de Defesa de Israel disse que seus sofisticados sensores rastrearam 27 foguetes caseiros de Gaza desde quinta-feira, dos quais 15 aterrissaram em Israel, um deles incendiando uma fábrica de colchões. Os outros aparentemente caíram no território palestino ou no mar [...] Em um exemplo da situação caótica, um porta-voz da ala militar da Jihad Islâmica disse recentemente a um repórter que o grupo estava pronto para oferecer um cessar-fogo de sete dias, enquanto um porta-voz político disse a outro repórter que os lançamentos de foguetes seriam escalonados acima. [...] Até agora, 13 dos 16 palestinos mortos eram militantes conhecidos, junto com a esposa e o filho de 7 anos de um fabricante de bombas do comitê de resistência que tinha vindo assistir ao treinamento [...] ¹⁷² (KIFNER, 2006, [s.p.]).

Em outra ocasião, ainda no começo de abril de 2006, o Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários das Nações Unidas (OCHA, 2006, [s.p.]) salientou que o aumento no número de ataques aéreos com mísseis pela Força Aérea Israelense (IAF na sigla em inglês) causava elevada pressão psicossocial na população palestina, em especial, às crianças. Enquanto isso, os noticiários americanos veiculavam que as mortes de crianças palestinas nas

¹⁷² [No original]: “By last weekend, the Israeli Army said it was going to crack down on Gaza in the hope of stopping the Qassam attacks. Additional artillery batteries and tanks were sent in. And Israel reduced the margin of safety in which shells could be fired near civilian areas from roughly 1,000 feet to about 300 feet. [...] An Israeli Defense Force spokesman said that its sophisticated sensors had tracked 27 homemade rocket launches from Gaza since Thursday, of which 15 landed in Israel, one setting a mattress factory on fire. The others apparently fell into Palestinian territory or the sea [...] In an example of the chaotic situation, a spokesman for the military wing of Islamic Jihad told one reporter recently that the group was ready to offer a seven-day cease-fire, while a political wing spokesman told another reporter that rocket launchings would be stepped up. [...] So far, 13 of the 16 dead Palestinians were known militants, along with the wife and 7-year-old son of a resistance committee bomb maker who had come to watch the training [...]” (Tradução livre).

operações da Força Aérea Israelense ocorreram por conta de seus vínculos com os membros da resistência armada. No dia 8 de abril de 2006, por exemplo, Myre (2006a, [s.p.]) esclarecia nas páginas do *The New York Times* que o ataque aéreo ocorrido no dia anterior, a IAF matou seis palestinos e feriu outros doze. Entre os mortos estavam quatro militantes, uma pessoa ainda desconhecida e uma criança. Ao identificar a criança, Myre a descreveu como sendo o filho de Abu al-Aynin, anteriormente citado na reportagem como um dos maiores fabricantes de bombas caseiras do Comitê de Resistência Palestina.

Sendo assim, ao que parece, a ilustração do adolescente palestino e das crianças israelenses, todas vítimas do ciclo de ataques e contra-ataques entre as forças de Israel e Palestina na década de 1950, pode ser a forma que Sacco encontrou para indicar os resultados da nova escalada de violência nos territórios ocupados após as eleições de 2006. Além disso, Sacco também pode ter levantado a questão sobre como as vítimas de ambos os lados são representados pela mídia estadunidense, especialmente os jovens e crianças que morreram pelas armas do exército israelense e dos ataques suicidas palestinos. Enquanto os adolescentes israelenses tiveram sua trajetória humilde apresentada aos leitores do *The New York Times*, tal como as duas crianças israelenses que foram ilustradas em destaque por Sacco, por sua vez, as crianças palestinas eram identificadas como parte indireta da resistência armada palestina, assim como o adolescente palestino desenhado por Sacco no meio de outros cadáveres de homens árabes que pereceram no conflito em 1956.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, buscamos compreender o conflito entre Israel e Palestina por meio da narrativa ilustrada e roteirizada do quadrinista-jornalista estadunidense, Joe Sacco, em seu JHQ intitulado *Footnotes in Gaza*, produzido e distribuído após os fatídicos ataques terroristas do 11 de setembro de 2001. Apesar de centrar a sua história no distante massacre às aldeias de Khan Younis e Rafah em 1956 e nos relatos de sua viagem entre 2002 e 2003, destacou-se que, apesar de não fazer nenhuma menção direta, o autor de *FinG* também explorou nas páginas de sua obra acontecimentos que se desdobravam na Palestina durante o período destinado à ilustração e roteirização de seu trabalho, enfatizando o Plano de Desengajamento (2005) e as eleições parlamentares (2006).

Diante disso, além das duas temporalidades expostas por Sacco em *FinG*, os massacres de 1956 e os acontecimentos de 2002 e 2003, há uma terceira camada temporal construída mediante os diversos episódios que ocorreram nos territórios ocupados, especialmente na Faixa de Gaza entre 2005 e 2006, período este correspondente aos dias que o quadrinista-jornalista dispensou para ilustrar e roteirizar a sua obra. Não obstante, diferente das duas primeiras camadas temporais que foram delimitadas por Sacco, a averiguação de uma terceira temporalidade foi possível mediante o cotejamento entre as páginas de *FinG* com as notícias veiculadas pelos meios de comunicação e dos documentos oficiais e correspondências emitidas por órgãos internacionais, especialmente as Nações Unidas. Sendo assim, enquanto escrevia seu relato de viagem sobre os distantes acontecimentos da década de 1950, novos episódios irrompiam na história do conflito, demonstrando o caráter presentista de uma guerra que persevera em continuar.

Contudo, a fim compreender de que maneira um JHQ pode construir uma narrativa histórica sobre um determinado período ou acontecimento, no caso, os eventos na Palestina entre 2005 e 2006, retomamos a trajetória das Histórias em Quadrinhos, tendo como ponto de partida o início da década de 1960, com o advento das revistas de cunho *underground* encabeçadas por artistas como Robert Crumb, perpassando por obras autobiográficas, como *Maus* de Art Spiegelman na década de 1980, chegando até o início dos anos de 1990, com a confecção de histórias destinadas para o público adulto. Por meio da análise dessa trajetória, percorrida por vários artistas e roteiristas no decorrer da segunda metade do século XX, foi possível observar a adaptação e a ramificação de vários gêneros nas Histórias em Quadrinhos que, ao longo do tempo, passaram também a construir narrativas voltadas para o público adulto.

Compreendemos que essa trajetória, direta ou indiretamente, influenciou o estilo gráfico e a linguagem verbal e temática do Jornalismo em História em Quadrinhos. Dentre as contribuições, podemos citar o estilo gráfico dos quadrinhos *undergrounds*, que conferiu ao JHQ sua roupagem estética e as temáticas de cunho histórico propostas pelos artistas e roteiristas do movimento alternativo e dos trabalhos autobiográficos. Além disso, destacamos alguns trabalhos preliminares do incipiente gênero do JHQ, problematizando a dificuldade encontrada pelos primeiros artistas e roteiristas em transformar uma notícia em uma História em Quadrinhos. Perante as complicações técnicas impostas pela urgência das notícias, entendemos que os primeiros produtores de JHQ abriram mão de publicar suas histórias no calor do momento em que os acontecimentos se desdobravam e se debruçaram na pauta dos eventos históricos do passado recente.

É nesta confluência de referências estéticas e temáticas que, ainda no final da década de 1980, Sacco iniciou a sua carreira como quadrinista. Como observou-se, no princípio de sua carreira os temas do jornalismo e da História apenas resvalavam em sua produção artística, aparecendo não como ponto central de sua narrativa, mas sim como elemento suplementar. No entanto, a partir do início dos anos de 1990, especialmente por conta dos conflitos na Palestina e na Bósnia, o quadrinista-jornalista passou a explorar com maior precisão o gênero JHQ. Tendo em vista essa mudança no seu padrão de produção artística, foram exploradas algumas características específicas que distinguem as obras de Sacco dos demais trabalhos produzidos em JHQ, dentre eles, a utilização e ressignificação das fotografias e a tentativa de reproduzir pessoas e lugares de forma realista.

Vimos também que, apesar do sucesso que obteve com seus trabalhos, a narrativa sobre os conflitos entre palestinos e israelenses na Primeira Intifada Palestina (1987-1993) mostrou-se um fracasso de vendas, sendo reconhecida somente em 2001, quando ocorreu um expansivo crescimento nas vendas de sua obra, possivelmente, impulsionada pelos ataques às Torres Gêmeas no 11 de setembro. Enquanto seu trabalho sobre a Palestina era reeditado e publicado em uma nova versão encadernada, o quadrinista-jornalista retorna à Palestina em 2001. Dessa vez, na companhia do jornalista Chris Hedges, Sacco afirma se deparar pela primeira vez com os relatos sobre os acontecimentos de 1956. Após perceber que pouco material em língua inglesa abordava esses eventos, retornou à Palestina entre 2002 e 2003 para a produção de *FinG*.

Em relação à publicação e veiculação de *FinG*, observou-se que grandes veículos de comunicação, como *The New York Times* nos EUA, *The Guardian* na Inglaterra e *Há'retz* em Israel divulgaram sobre o início das vendas do JHQ nas livrarias. A respeito da divulgação

nos Estados Unidos, as notas mais severas foram tecidas por leitores do periódico que criticavam não a obra produzida por Sacco, mas a postura de Patrick Cockburn, crítico literário, que pontuou uma frase contida no prefácio de *FinG*, dita por um ex-líder do Hamas e que serviu de inspiração para o quadrinista-jornalista iniciar seu novo trabalho na Palestina. Na Inglaterra, primeiro país que publicou e distribuiu *FinG*, os leitores do *The Guardian* apresentavam uma mistura de ansiedade para a leitura do novo trabalho de Sacco com críticas ao mesmo. Tal como aconteceu nos EUA, os leitores britânicos que discordavam ou criticavam do conteúdo de *FinG* partiam da premissa de que Sacco apresentava em demasia a visão dos palestinos em detrimento do sofrimento israelense. Por fim, a *review* publicada pela imprensa israelense, ao contrário das versões produzidas no Ocidente, trazia em seu corpo a discussão do estilo gráfico e análise dos eventos históricos narrados por Sacco. No corpo do texto, os especialistas convidados pelo periódico desacreditavam na história contada pelo quadrinista-jornalista e criticavam seu estilo gráfico que valorizava a vitimização dos árabes palestinos e a vilania dos israelenses.

A respeito da recepção de *FinG* entre os leitores, averiguou-se uma gama de impressões sobre o novo JHQ de Sacco acerca do conflito na Palestina. Entre os leitores de língua inglesa, muitos diziam desconhecer os eventos descritos por Sacco. Entre estes havia uma jovem palestina que afirma não saber sobre os acontecimentos de 1956. Em outras ocasiões, os leitores salientaram o sentimento de empatia com a causa palestina. Muitos que se diziam estadunidenses, enfatizavam a discrepância entre aquilo que eles conheciam sobre a região e aquilo que foi recebido/apropriado por eles mediante a leitura das páginas de *FinG*. Além disso, outros tantos leitores apontaram a dificuldade de ler o JHQ, ora por conta da confusa narrativa que misturava os relatos, ora por causa dos variados testemunhos de mortes e das ilustrações grotescas, conjunto de componentes estes que distanciavam *FinG* de *Palestine*, JHQ esta que se diferenciava por conta de alguns alívios cômicos produzidos por Sacco entre os relatos de sofrimento narrado pelos palestinos.

Entre 2005 e 2009, enquanto Sacco organizava em seu estúdio nos EUA as informações coletadas em sua viagem aos territórios ocupados da Palestina, o conflito entre israelenses e palestinos se desenrolava, recebendo novos contornos e feições. Mal ele havia rascunhado as primeiras vinhetas de *FinG*, novas notas de rodapé se desenhavam na Palestina. Dentre os eventos desdobrados no Oriente Médio, dois parecem ter recebido maiores atenções de Sacco, entre eles, o Plano de Desengajamento em 2005, que visava a retirada unilateral dos colonos judeus da Faixa de Gaza e as eleições parlamentares na Palestina em 2006. Em relação à primeira ocorrência, enquanto os veículos de imprensa americanos divulgavam a dor e o sofrimento dos colonos judeus que aceitaram trocar suas terras por paz com os árabes

palestinos, Sacco discorria sobre algumas datas históricas acerca do conflito entre Israel e Palestina.

Um dos indícios de que Sacco acompanhava atentamente os desdobramentos relacionados aos acontecimentos na Palestina e, conseqüentemente, redesenhava, remodelava e adaptava sua narrativa em detrimento destes eventos pontuais foi observado durante a visita de Ariel Sharon aos Estados Unidos para capitalizar apoio ao seu projeto no seio da maior comunidade de judeus fora de Israel. No entanto, ao invés de uma recepção calorosa, o premier israelense se deparou com a refutação de uma parte da comunidade judaica americana. A rejeição barulhenta ocasionada pelos judeus ortodoxos estadunidenses que observavam no plano de Sharon uma traição para com a causa judaica, mobilizou algumas instituições a apoiarem a manutenção dos colonos israelenses nos assentamentos na Faixa de Gaza. Apesar de não condizer com a maioria dos judeus americanos, a mobilização dos ortodoxos foi amplamente divulgada nos periódicos de grande circulação. Ao mesmo tempo, Sacco destacava e protagonizava a Faixa de Gaza nas páginas de *FinG*. Ao passo que os meios de comunicação destacavam a luta insistente dos judeus ortodoxos americanos pela permanência dos colonos israelenses na Faixa de Gaza, o quadrinista-jornalista ilustrava os obstáculos financeiros e os problemas de moradia e segurança enfrentado por palestinos que aguardavam o retorno à terra que haviam deixado há quase meio século.

Mesmo escrevendo sobre 1956, outros marcos históricos eram ilustrados e citados por Sacco. Além de fornecer informações que direta ou indiretamente explicavam o contexto dos massacres à Khan Younis e Rarah, esse trânsito constante a outros passados do conflito foram produzidos em resposta ao debate público e aos meios de comunicação estadunidenses acerca dos eventos que se desenhavam nos territórios ocupados durante o processo de ilustração e roteirização de *FinG*. Ao destacar de maneira velada o ano de “1967”, por exemplo, o quadrinista-jornalista salientava a Guerra dos Seis Dias que, enfaticamente, culminou no alinhamento político entre Israel e EUA e consolidou a conquista e anexação da Faixa de Gaza pelos israelenses. Além disso, a menção ao ano de “1967” por parte de Sacco demonstra a frequência com que os acontecimentos históricos do conflito entre Israel e Palestina eram debatidos nos EUA, debates estes que saíram dos livros e chegou ao debate entre os leitores dos periódicos impressos. Além de “1967”, o ano de “1948” também transitou nas páginas de *FinG*. Ao voltar sua narrativa para a década de 1940, o quadrinista-jornalista descreveu com mais acuidade a *Nakbah* palestina, evento esse que os árabes descrevem como o início de sua “catástrofe”, ou seja, o exílio para o litoral da Faixa de Gaza, deixando para trás suas casas e suas terras. Enquanto a imprensa estadunidense evidenciava a dificuldade de alguns colonos

judeus em deixarem suas terras para os palestinos, Sacco trazia à luz da discussão o testemunho dos palestinos que, após serem expulsos de suas terras na Guerra de 1948, passaram a viver nos precários campos de refugiados.

Não só no trânsito entre os passados do conflito, mas também os registros ilustrados de sua viagem serviram para delimitar essa terceira temporalidade em *FinG*. Ao ilustrar a visita a uma família de palestinos considerados como “casos periclitantes” pelas Nações Unidas, Sacco evidenciou o debate sobre o futuro econômico da Faixa de Gaza que, na esteira do Plano de Desengajamento, trazia preocupação para alguns agentes e membros da ONU. A ilustração dos eletrodomésticos quebrantados e da improvisação de meios que possibilitassem a higiene pessoal e o repouso dos membros desta família foram produzidos ao mesmo tempo que, por um lado, os periódicos estadunidenses evidenciavam os benefícios da retirada de Israel da Faixa de Gaza e, por outro, os economistas das Nações Unidas e especialistas internacionais advertiam os riscos de uma grave crise econômica e humanitária nos territórios ocupados caso Israel não abrisse mão do controle militar da região.

Dando continuidade às preocupações em relação à economia gazeana pós-retirada, o debate ocorrido em meados de 2005 sobre a manutenção das residências que seriam deixadas para trás pelos judeus também estiveram presentes nas páginas de *FinG*. Em detrimento dos mais de 9 mil colonos que deixariam a região para o retorno dos palestinos à Faixa de Gaza, membros das Nações Unidas recomendavam que o Estado de Israel deixasse intacta a infraestrutura residencial dos antigos assentamentos. No entanto, além da insistência do governo de Tel Aviv em destruir as habitações, os meios de comunicação estadunidenses evidenciavam que os próprios representantes da Autoridade Palestina optavam pela remoção das áreas residenciais, visto que os árabes preferiam construções verticais do que as casas horizontais, habitações estas deixadas pelos colonos israelenses.

Por sua vez, nas páginas de *FinG*, Sacco ilustrou a formação dos campos de refugiados, destacando como os palestinos se adaptaram ao ambiente e construíram suas residências conforme suas necessidades. Sendo assim, mesmo que as casas deixadas pelos judeus não se configurassem como a forma habitacional por excelência, eles poderiam reestruturá-las com o passar do tempo. Outra questão pontual debatida por Sacco durante o Plano de Desengajamento de 2005 consistia no índice de desemprego que poderia substancialmente se elevar na Palestina caso o governo israelense impedisse a livre circulação de mercadorias e produtos na Faixa de Gaza e colocasse em prática o projeto de reduzir os postos de trabalhos para os empregados palestinos em Israel.

Outro evento que constitui a terceira camada temporal em *FinG* corresponde à eleição parlamentar de 2006. Durante a campanha eleitoral, realizada em janeiro de 2006, os jornais impressos nos Estados Unidos acentuavam a relevância desse pleito no Oriente Médio e, sempre que possível, pontuavam a relação dos partidos concorrentes do Fatah (partido que comandava a Sulta/Autoridade Palestina desde sua criação em 1993) ao terrorismo. Ao mesmo tempo, Sacco destacava nas páginas de *FinG* a distinção entre os dois maiores partidos políticos que concorriam pela maioria das cadeiras do parlamento palestino. Na narrativa produzida por Sacco, enquanto o Fatah, no papel da Sulta, era representado como um grupo político laico, formado em sua maioria por homens da “velha guarda”, receosos de mudanças e reformas que os distanciava dos problemas e da realidade da população palestina, por outro, homens pertencentes ao Comitê de Resistência Popular, em sua maioria formado por membros do Hamas, eram ilustrados na companhia dos populares, circulando e sendo bem recepcionados pela população mais pobre e humilde da Faixa de Gaza.

Assim, se por um lado a imprensa estadunidense blindava o Fatah acusando seus concorrentes de terrorismo, por outro, Sacco pontuava questões caras ao partido fundado por Arafat, como a cooptação e a colaboração entre o Estado de Israel, EUA e o Fatah durante a campanha eleitoral. Esse debate pode ser visto na tela do homem idoso, possivelmente representante da “velha guarda” do Fatah, saindo de seu carro luxuoso em direção a sua mansão ao mesmo tempo que a população palestina, distante do idoso não só pelas vestimentas, mas também pelo abismo econômico que os separa, o observa com desconfiança e desânimo. Essa ilustração foi produzida à luz de reportagens divulgadas por jornalistas americanos que observavam o crescimento nas intenções de votos para o partido islâmico nas pesquisas e, por isso, publicaram tanto notícias que enfatizavam a colaboração financeira por parte dos EUA para a campanha do Fatah como também traziam matérias que questionavam os possíveis perigos advindos com a vitória dos fundamentalistas no parlamento.

Posteriormente, ao passo que os fundamentalistas islâmicos do Hamas cresciam nas intenções de voto, a imprensa americana divulgava os malefícios de um possível governo liderado pelos muçulmanos na Faixa de Gaza e seus habitantes caso vencesse as eleições, Sacco apresentava outra faceta do islamismo praticado pelos palestinos. Enquanto os repórteres evidenciavam que a vitória dos religiosos na Faixa de Gaza poderia inibir as liberdades individuais dos palestinos ao implementar uma teocracia na região, o quadrinista-jornalista ilustrou os fiéis islâmicos celebrando o *Eid al-Adha*, ritual religioso que foi observado por Sacco entre 2002 e 2003 e ilustrado em 2007. Entre os elementos do ritual abordados pelo quadrinista-jornalista, destaca-se a partilha de alimento entre a população mais pobre. Essa tela

representava, sobretudo, de que maneira os partidos islâmicos conquistaram a confiança dos cidadãos mais desassistidos de seus países, questões essas que eram deixadas de lado pelos observadores ocidentais no contexto de expansão da democracia pelo Oriente Médio. Sendo assim, a vitória do Hamas nas urnas não significava somente a desilusão dos árabes palestinos com a política executada pelo Fatah, grupo laico que governou os territórios ocupados nos últimos anos, mas também o crescimento dos movimentos muçulmanos em locais onde os representantes dos Estados árabes não operavam em prol dos mais humildes.

Além disso, as consequências da vitória do Hamas também foram destacadas por Sacco em seu JHQ. Insatisfeitos com o resultado das eleições, EUA e Israel impuseram restrições ao partido vitorioso. Prontamente, o Hamas as refutou, ocasionando um embargo econômico e militar contra a Autoridade Palestina. Enquanto os canais de informação estadunidense afirmavam que os ataques tinham o objetivo de dificultar a governabilidade do Hamas e forçar novas eleições parlamentares, visto que o Hamas se constituía como um perigo para Israel, Sacco representava as consequências dessas investidas, ocorridas entre fevereiro e abril de 2006, à população palestina. Entre as consequências destaca-se o alto índice de mortandade entre as crianças palestinas pelas armas israelenses. Neste contexto histórico, enquanto os periódicos americanos destacavam a tragédia e a história humilde de cada jovem israelense morto pelas armas árabes, em contrapartida, as crianças e jovens palestinos eram associados ao terrorismo, ora descritas como filhos de terroristas, ora como participantes dos treinamentos dos foguetes *Qassam*.

Por conseguinte, diante das narrativas expostas por Sacco, uma que transita entre o passado, ou seja, os massacres à Khan Younis e Rafah em 1956, e outra sobre os eventos ocorridos durante sua passagem pela Palestina, entre 2002 e 2003, podemos inferir que Sacco, durante o processo de roteirização e ilustração de seu JHQ, período correspondente aos anos de 2005 a 2009, representou uma terceira temporalidade de acontecimentos constituída por novos eventos que se desenrolavam na Faixa de Gaza. Essa constante sobreposição de eventos e conflitos entre árabes e judeus impossibilita que a tinta utilizada para escrever/ilustrar a História da Palestina algum dia seque.

REFERÊNCIAS

FONTES

ABUKHOTI, Huda. .Footnotes in Gaza: Comments. **Goodreads**. 2012. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/6796708-footnotes-in-gaza>. Acesso em: 25 ago. 2020.

AGAM, Hasmy. **Letter dated 2 October 2000 from the Permanent Representative of Malaysia to the United Nations addressed to the President of the Security Council**. 2 out. 2010. New York, United Nations, 2010. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185289/>. Acesso em: 22 ago. 2020.

AL-KIDWA, Nasser. **Letter dated 3 October 2000 from the Permanent Representative of Malaysia to the United Nations addressed to the President of the Security Council**. 2 out. 2010. New York, United Nations, 2010. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-181037/>. Acesso em: 22 ago. 2020.

ARCHILBOLD, Randal C. Both Senate Candidates Blame Palestinians for New Violence. **The New York Times**. New York, oct.4, 2000. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2000/10/04/nyregion/both-senate-candidates-blame-palestinians-for-new-violence.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

BENNET, James. For Palestinians, Joy and Some Hints of Sympathy. **The New York Times**. New York. 18 ago. 2005. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/08/18/world/middleeast/for-palestinians-joy-and-some-hints-of-sympathy.html>. Acesso em: 22 ago. 2019.

BERGER, Joseph; SHULMAN, Robin. Pain of Israel's Withdrawal From Gaza Strip Is Felt by American Jews. **The New York Times**. New York. 14 ago. 2005. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/08/14/nyregion/pain-of-israels-withdrawal-from-gaza-strip-is-felt-by-american.html>. Acesso em: 22 ago. 2019.

COCKBURN, Patrick. “They Planted Hatred in Our Hearts”. **The New York Times**. New York. dez.24, 2009. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/12/27/books/review/Cockburn-t.html>. Acesso em: 25 ago. 2020.

COOKE, Rachel. Eyeless in Gaza. **The Guardian**. London. 22 nov. 2009. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2009/nov/22/joe-sacco-interview-rachel-cooke#comments>. Acesso em: 22 ago. 2020.

COUNCIL OF EUROPE. PLC elections show level of democratic development of Palestinian society – **Council of Europe press release/Non-UN document**. 2006. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-203087/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

CRUMB, Robert. **Complete Crumb Comics**: vol.16 The Mid-1980s more years of Valiant Struggle. Portland: Fantagraphics Books, 2015.

CRUMB, Robert. **Meus problemas com as mulheres**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

DEUTSCH, Gerald. Letters: “Footnotes in Gaza”. **The New York Times**, New York, 8 jan.2010. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2010/01/10/books/review/Letters-t-FOOTNOTESING-LETTERS.html>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ESCWA. **Bulletin on action by the United Nations system and intergovernmental organizations relevant to the question of Palestine**. v.XXVIII, n.5, maio - 2005. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-206956/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

ERLANGER, Steven. Abbas Threatens to Resign After Elections. **The New York Times**, New York, 18 jan .2006a. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/18/international/middleeast/abbas-threatens-to-resign-after-elections.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

ERLANGER, Steven. Hamas Presses Fatah in Palestinian Vote, Surveys Say. **The New York Times**, New York, 27 jan .2006b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/26/world/middleeast/hamas-presses-fatah-in-palestinian-vote-surveys-say.html>. Acesso em: 16 jul. 2021.

ERLANGER, Steven. Israel Hamas Routs Ruling Faction, Casting Pall on Peace Process. **The New York Times**, New York, 27 jan .2006c. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/27/world/middleeast/hamas-routs-ruling-faction-casting-pall-on-peace-process.html?mtrref=www.google.com>. Acesso em: 16 jul. 2021.

ERLANGER, Steven. Hamas Surges in West Bank; Blow to Fatah. **The New York Times**, New York, 17 dez. 2005a. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/12/17/world/middleeast/hamas-surges-in-west-bank-blow-to-fatah.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

ERLANGER, Steven. Israel Defense Chief Opposes Razing Settler Homes After Evacuation. **The New York Times**, New York, 12 maio 2005b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/05/12/world/middleeast/israel-defense-chief-opposes-razing-settler-homes-after.html>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ERLANGER, Steven. U.S. and Israelis Are Said to Talk of Hamas Ouster. **The New York Times**, New York, 14 fev. 2006d. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/02/14/world/middleeast/us-and-israelis-are-said-to-talk-of-hamas-ouster.html?mtrref=undefined&gwt>. Acesso em: 18 jun. 2021.

ERLANGER, Steven. U.S. Spent \$1.9 Million to Aid Fatah in Palestinian Elections. **The New York Times**, New York, 23 jan .2006e. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/23/world/middleeast/us-spent-19-million-to-aid-fatah-in-palestinian-elections.html?mtrref=www.google.com&gwh=C8FC7566020B4562D71A637C77BC1B55&gwt=pay>. Acesso em: 18 jun. 2021.

ERLANGER, Steven. Victory Ends 40 Years of Political Domination by Arafat's Party. **The New York Times**, New York, 26 jan .2006f. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2006/01/26/international/middleeast/victory-ends-40-years-of-political-domination-by.html>. Acesso em: 16 jul. 2021.

ERLANGER, Steven; MYRE, Greg. A Narrow Win for Fatah Expected in Palestinian Election. **The New York Times**, New York, 25 jan .2006. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/25/international/middleeast/a-narrow-win-for-fatah-expected-in-palestinian.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

EUROPE UNION. Jean Asselborn: "**L'objectif de l'UE reste la coexistence d'un Etat palestinien indépendant, démocratique et viable et continu vivant côte à côte avec Israël et ses autres voisins dans la paix et la sécurité**". 30 mai. 2005. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-206956/>. Acesso em: 3 fev. 2021.

ETHAWN. Footnotes in Gaza: A Graphic Novel. **Library Thing**. Disponível em: <http://www.librarything.com/work/9010279/reviews/83788280>. Acesso em: 25 ago. 2020.

FANTAGRAPHICS BOOKS. **ArtistsBio – Joe Sacco**. 2020. Disponível em: <http://fantagraphics.com/flog/artist-bio-joe-sacco/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

FOUNDED in 1921, Jonathan Cape is renowned for its outstanding fiction, non-fiction and poetry, and has more Booker Prize winners than any other print. **Penguin**. 2020. Disponível em: <https://www.penguin.co.uk/company/publishers/vintage/jonathan-cape.html>. Acesso em: 10 ago. 2020.

GAIMAN, Neil. **Sandman Edição Definitiva vol.2**. Barueri: Panini Books, 2011.

GAZA Reality Check. Opinion Editorial. **The New York Times**, New York. 18 aug. 2005. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/08/18/opinion/gaza-reality-check.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

GRAPHIC Novel on IDF 'Massacres' in Gaza Set to Hit Bookstores. **Haaretz**. Tel Aviv. 21 dez. 2009. Disponível em: <https://www.haaretz.com/1.4934935>. Acesso em: 15 set. 2018.

GUTHRIE, Lars .Footnotes in Gaza: Comments. **Goodreads**. 2010. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/6796708-footnotes-in-gaza>. Acesso em: 25 ago. 2020.

HAHNE, Seth T. Footnotes in Gaza. **GoodOkBook**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/12/27/books/review/Cockburn-t.html>. Acesso em: 25 ago. 2020.

HARRIS, David A. Gaza's Past, And Its Future. Opinion. **The New York Times**, New York. 19 aug. 2005. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/08/19/opinion/gazas-past-and-its-future-760234.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

HASAN, Saaed H. **Letter dated 2 October 2000 from the Permanent Representative of Iraq to the United Nations addressed to the President of the Security Council**. 2 out. 2010. New York, United Nations, 2010. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-185289/>. Acesso em: 22 ago. 2020.

INI, Gilead. NY Times runs puff piece on anti-Israel comic book. **Camera**. 30 dez. 2009. Disponível em: <https://www.camera.org/article/ny-times-runs-puff-piece-on-anti-israel-comic-book/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. **Israel's Disengagement Plan: Renewing the Peace Process**. 20 abr. 2005. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/foreignpolicy/peace/guide/pages/israels%20disengagement%20plan-%20renewing%20the%20peace%20process%20apr%202005.aspx>. Acesso em: 5 fev. 2021.

JEFREY. Footnotes in Gaza: Comments. **Goodreads**. 2010. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/6796708-footnotes-in-gaza>. Acesso em: 25 ago. 2020.

KARYL. Footnotes in Gaza: Comments. **Goodreads**. 2015. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/6796708-footnotes-in-gaza>. Acesso em: 25 ago. 2020.

KIFNER, John. Gaza Attacks Are on Rise as Factions Vie for Power. **The New York Times**, New York, 12 abr. 2006. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/04/12/world/middleeast/gaza-attacks-are-on-rise-as-factions-vie-for-power.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

KLINGER, Barry A. Comentários. **Amazon**. 2014. Disponível em: https://www.amazon.com/gp/customer-reviews/R1BJWC1RI35WR7/ref=cm_cr_arp_d_viewpnt?ie=UTF8&ASIN=0805092773#R1BJWC1RI35WR7. Acesso em: 22 ago. 2020.

LANCRY, Yehuda. **Letter dated 2 October 2000 from the Permanent Representative of Israel to the United Nations addressed to the President of the Security Council**. 2 out. 2010. New York, United Nations, 2010. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-184030/>. Acesso em: 22 ago. 2020.

LARISSA. Footnotes in Gaza: Comments. **Goodreads**. 2017. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/6796708-footnotes-in-gaza>. Acesso em: 25 ago. 2020.

MAKAIJU. Footnotes in Gaza: A graphic Novel. Comments. **Library Things**. 2010. Disponível em: <http://www.librarything.com/work/9010279/reviews/83788280>. Acesso em: 25 ago. 2020.

MANSOUR, Riyad. **After deaths of 5 children in Gaza UNICEF urges all-out effort to protect young**. 7 mar. 2006. New York, United Nations, 2006a. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-195158/>. Acesso em: 19 jul. 2021.

MANSOUR, Riyad. **Identical letters dated 20 February 2006 from the Permanent Observer of Palestine to the United Nations addressed to the Secretary-General and the President of the Security Council**. 20 fev. 2006b. New York, United Nations, 2006. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-177763/>. Acesso em: 22 jul. 2021.

MANSOUR, Riyad. **Identical letters dated 22 March 2006 from the Permanent Observer of Palestine to the United Nations addressed to the Secretary-General and the President of the Security Council**. 22 mar. 2006c. New York, United Nations, 2006. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-181117/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

MANSOUR, Riyad. **Identical letters dated 5 April 2006 from the Permanent Observer of Palestine to the United Nations addressed to the Secretary-General and the President of the Security Council**. 5 abr. 2006d. New York, United Nations, 2006. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-181117/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

MEDINA, Jennifer. In New York, Sharon Finds Division Over Gaza Pullout. **The New York Times**. New York, 23 mai. 2005. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/05/23/nyregion/in-new-york-sharon-finds-division-over-gaza-pullout.html>. Acesso em: 20 jan. 2018.

MERI. Footnotes in Gaza: Comments. **Goodreads**. 2017. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/6796708-footnotes-in-gaza>. Acesso em: 25 ago. 2020.

MILLER, Frank. **Batman Noir**: o Cavaleiro das Trevas. Barueri: Panini Books, 2019.

MOORE, Alan. **Watchmen**. Barueri: Panini Books, 2011.

MORLEY, Jefferson. Israeli Withdrawal From Gaza Explained. **The Washington Post**, Washington, 10 ago. 2005. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/08/10/AR2005081000713.html?noredirect=on>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MYRE, Greg. Israeli Attack Kills 4 in Gaza; Fatah Factions Contest Ballot. **The New York Times**, New York, 15 dec .2005a. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/12/15/world/middleeast/israeli-attack-kills-4-in-gaza-fatah-factions-contest.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MYRE, Greg. I Israeli Attack in Gaza Strip Kills 4 Militants and a Child. **The New York Times**, New York, 8 abr. 2006a. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/04/08/world/middleeast/israeli-attack-in-gaza-strip-kills-4-militants-and-a-child.html>. Acesso em: 22 jul. 2021.

MYRE, Greg. Brothers, and rivals, for the Palestinian cause. **The New York Times**, New York, 23 jan .2006b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/23/world/africa/brothers-and-rivals-for-the-palestinian-cause.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MYRE, Greg. Israel Seeks \$2 Billion in U.S. Aid for Gaza Withdrawal. **The New York Times**. New York, 12 jul. 2005b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/07/12/world/middleeast/israel-seeks-2-billion-in-us-aid-for-gaza-withdrawal.html>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MYRE, Greg. Palestinian Gunmen Storm Election Offices. **The New York Times**, New York, 13 dec .2005c. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2005/12/13/international/middleeast/palestinian-gunmen-storm-election-offices.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MYRE, Greg; KRAFT, Dina. Suicide Bombing in Israel Kills 9; Hamas Approves. **The New York Times**, New York, 18 abr. 2006. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2006/04/18/world/middleeast/18mideast.html>. Acesso em: 18 jun. 2021

NDI/CENTER CARTER. **Pre-election assessment of the PLC elections – Statement of NDI/Carter Center Intl. Observer Delegation – NDI/Carter Center press release/Non-UN document**. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-199882/>. Acesso em 7 jul. 2021.

NEWMAN, Andy. Group to Visit Gaza Strip to Oppose Israeli Pullout. **The New York Times**. New York. 5 jun. 2005. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2005/06/05/nyregion/group-to-visit-gaza-strip-to-oppose-israeli-pullout.html>. Acesso em: 10 jul. 2018.

OCHA. **Increase violence in the Gaza Strip**. 12 abr. 2006. Disponível em:

<https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-198817/>. Acesso em: 22 jul. 2021.

QSE. **Office of The Special Envoy for Disengagement, Periodic Report, 24 June 2005**. 24 jun. 2005. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-194324/>. Acesso em: 3 mar. 2020.

SACCO, Joe. **Footnotes in Gaza**. London: Jonathan Cape, 2010.

SACCO, Joe. Interview: Comics Journalist Joe Sacco. [Entrevista cedida a] Farhad Mirza. **Dawn**. Mar/2015. Disponível em: <https://www.dawn.com/news/1166290>. Acesso em: 04 jan. 2019.

SACCO, Joe. The World of cartoonist and journalist Joe Sacco. [Entrevista cedida a] Jessica Salter. **The Telegraph**. Set. 2013. Disponível em:

<https://www.telegraph.co.uk/culture/books/10334363/The-world-of-cartoonist-and-journalist-Joe-Sacco.html>. Acesso em: 05 jan. 2019.

SACCO, Joe. An interview with Joe Sacco. [Entrevista cedida a] Hilary Chute. **The Believer**. Jun/2011. Disponível em: <https://believermag.com/an-interview-with-joe-sacco/>. Acesso em: 4 jan. 2019.

SACCO, Joe. **O Derrorista**. São Paulo: Editora Conrad, 2006.

SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011

SACCO, Joe. **Palestine**. Seattle: Fantagraphics Books, 2014.

SCHUYELR .Footnotes in Gaza: Comments. **Goodreads**. 2010. Disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/6796708-footnotes-in-gaza>. Acesso em: 25 ago. 2020.

SMITH, Graig S. Election Role Won't Soften Hamas Anger at the Israelis. **The New York Times**, New York, 12 jan .2006a. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/12/world/middleeast/election-role-wont-soften-hamas-anger-at-the-israelis.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SMITH, Graig S. Jobless and Lawless: Armed militants in Gaza.. **The New York Times**, New York, 9 jan .2006b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/09/world/africa/09iht-gaza.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SMITH, Graig S. Palestinians in Gaza Fear War Between Fatah and Hamas After Vote. **The New York Times**, New York, 11 jan .2006c. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/11/world/middleeast/palestinians-in-gaza-fear-war-between-fatah-and-hamas.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SMITH, Graig S. Warm and Fuzzy TV, Brought to You by Hamas. **The New York Times**, New York, 13 jan .2006d. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/18/world/middleeast/warm-and-fuzzy-tv-brought-to-you-by-hamas.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SPIEGELMAN, Art. **Maus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

THE PALESTINIAN elections at a glance. **The New York Times**, New York, 25 jan. 2006. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/01/25/world/africa/the-palestinian-elections-at-a-glance.html>. Acesso em: 18 jun. 2021

ULIN, David L. 'Footnotes in Gaza' by Sacco. **Los Angeles Times**. Los Angeles, 27 dez. 2009. Disponível em: <https://www.latimes.com/entertainment/arts/la-ca-joe-sacco27-2009dec27-story.html>. Acesso em: 20 jan. 2021.

UNICEF. **Unicef requests US\$ 7 million to meet immedia te needs of children and women**. 13 dez. 2006. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-209657/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

UNITED NATIONS. **Yearbook of the United Nations 1956**. Department of Public Information United Nations. New York, 1956. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-197214/>. Acesso em: 20 jun.2021.

UNRWA. **UNRWA Shares Hopes and Fears for Gaza Disengagement with Donors and Host Authorities**. 19 mai. 2005. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-205377/>Acesso em: 3 mar. 2020.

THE NOBEL Peace Prize 1994. **Nobel Prize**. 2020. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1994/press-release/>. Acesso em: 20 set. 2020.

THREE Wounded in Fedayeen Attack – UN: Will Feed Refugees at Gaza. **The New York Times**, New York, 14 nov. 1956. Disponível em: <https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1956/11/14/88483474.html?pageNumber=5>. Acesso em: 16 jul. 2021.

VILALBA, Robson. **Notas de um tempo silenciado**. Porto Alegre: BesouroBox, 2015.

WEISMAN, Steven R. Effort to Raise \$3 Billion for Palestinians in Post-Israel Gaza. **The New York Times**. New York, 17 jun. 2005.
<https://www.nytimes.com/2005/06/17/politics/effort-to-raise-3-billion-for-palestinians-in-postisrael-gaza.html>. Acesso em: 21 mar. 2020.

WEISMAN, Steven R. Rice Admits U.S. Underestimated Hamas Strength. **The New York Times**. New York, 30 jan. 2006. Disponível em:
<https://www.nytimes.com/2006/01/30/world/middleeast/rice-admits-us-underestimated-hamas-strength.html>. Acesso em: 8 jul. 2021.

WEISMAN, Steven R; MYRE, Greg. Israelis and Palestinians Agree On Demolishing Houses in Gaza. **The New York Times**. New York, 20 jun. 2005.
<https://www.nytimes.com/2005/06/20/washington/israelis-and-palestinians-agree-on-demolishing-houses-in-gaza.html>. Acesso em: 21 jul. 2019.

WILSON, Scoot. Eviction Notices Are Served in Gaza. **The Washington Post**. Washington, 16 ago. 2005. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/08/15/AR2005081500201_2.html . Acesso em: 20 jan. 2020.

WILSON, Scott; KESSLER, Glenn. U.S. Funds Enter Fray In Palestinian Elections Bush Administration Uses USAID as Invisible Conduit. **The Washington Post**, Washington, 22 jan .2006. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2006/01/22/us-funds-enter-fray-in-palestinian-elections-span-classbankheadbush-administration-uses-usaid-as-invisible-conduitspan/3342f760-09d3-400e-9390-2c5d6f51f442/?utm_term=.6dec733489db. Acesso em: 18 jun. 2021.

BIBLIOGRÁFICAS

ABU-EL-HAJ, Jawdat. A geopolítica e o conflito Palestino-Israelense: dos Acordos de Oslo à Primavera Árabe. **História**. v.33, n.2, jul-dez/2014. p.14-36

ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015.

ARBEX JR. José. Prefácio. In: SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2011. p.xii-xv.

AROSON, Geoffrey. Issues Arising from the Implementation of Israel's Disengagement from the Gaza Strip. **Journal of Palestine Studies**. California. v.34 n.4, p.49-63, 2005.

ASSUMPCÃO, Douglas Junior Fernandes; PINA, Eduardo Menezes; SOUZA JUNIOR, José Calasanz Piedade de. **Fanzine como mídia alternativa: uma análise do cenário belemense**. *Revista Alterjor*. São Paulo, ano 2, v.2, edição 34. p.1-19, Jul/dez.2011.

AYYASH, Mark Muhannad. Hamas and the Israeli state: A 'violent dialogue'. **European Journal International Relations**. v.16 n.1, p.149-169, 2010.

BARKER, Martin. The Reception of Joe Sacco's Palestine. **Participations Journal of Audience & Reception Studies**. v.9 n.2. p.58-73, nov. 2012.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BUSETTO, Áureo. A televisão como arma: projeções sobre os modelos de operação e uso do meio no filme *Murder by Television*(1935). **ArtCultura**, v. 22, n. 41, p. 103-125, jun.-dez., 2020.

CALLARI, Victor. **Guerra Civil super-heróis**: terrorismo e contraterrorismo nas histórias em quadrinhos. São Paulo: Criativo, 2016.

CARDOSO, André Cabral de Almeida. Contra a culpa e a imobilidade: alguns quadrinhos antiutópicos. In: DALCASTAGNÈ, Regina. **História em quadrinhos**: diante da experiência dos outros. Vinhedo, Editora Horizonte, p.11-24, 2012.

CHEBATA, Hanan. **Shin Bet**: an ingrained culture of torture and deceit. 2016. Disponível em: <https://www.middleeastmonitor.com/20140513-shin-bet-an-ingrained-culture-of-torture-and-deceit/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CHOMSKY, Noam. “Exterminate all the bruttes”: Gaza 2009. In: CHOMSKY, Noam; PAPPÉ, Ilan. **Gaza in Crisis**: Reflections on Israeli's War against the Palestinians. London, Penguin Books, 2011.p.79-124.

CHOMSKY, Noam. **Mídia**: propaganda política e manipulação. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

CORDESMAN, Anthony H. **Israel versus the Palestinians**: The “Second Intifada” and Asymmetric Warfare. Washington: Center for Strategic and International Studies, [s.p.], 2002.

DERSHOWITZ, Alan. **Em defesa de Israel**. tradução Mario R. Krausz – São Paulo: Nobel, 2004.

DORNELES, Carlos. **Deus é inocente**: a imprensa, não. São Paulo: Globo, 2003.

DUTRA, Antônio Aristides Correa. **Jornalismo em quadrinhos**: a linguagem como suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros autores. 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

EISNER, Will; **Quadrinhos Arte Sequencial**: princípios básicos e práticos do lendário cartunista. 4.ed. São Paulo, SP; Editora WMF Martins Fontes, 2010.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas de Will Eisner**. São Paulo: Devir, 2013.

FINKELSTEIN, Norman G. **A indústria do Holocausto**: reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FUKUYAMA, Francis. **O dilema americano**: democracia, poder e o legado do neoconservadorismo. Tradução de Novaldo Montigelli Jr. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

GARCIA, Santiago. **A novela gráfica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GATTAZ, André Castanheira. **A guerra da Palestina**. São Paulo; Usina do Livro, 2003.

HABOUB, Wael J. Demystifying the Rise of Hamas. **Journal of Developing Societies**. v.28, n.1, p.57-79, 2012.

HAMAS ganha eleição em grandes cidades da Círculo Jordânia. **BBC Brasil**. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2005/12/051216_hamasro. Acesso em: 15 jul. 2021.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. O olhar oposicional e a forma segregada: raça, gênero, sexualidade e corpo na cinematografia hollywoodiana e brasileira (1930-1950). **Aceno**. vol.2, n.3. p.142-158, jan-jun/2015.

HIRSCBERGER, Gilad. Defenders of a Lost Cause: Terror Management and Violent Resistance to the Disengagement Plan. **Personality and Social Psychology Bulletin**. Tel Aviv. v.32, n.6, p.761-769, jun/2006.

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**; tradução José Veigas. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOURANI, Albert. **A história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HOURANI, Albert. **O pensamento árabe na era liberal, 1789-1939**. São Paulo; Companhia das Letras, 2005.

JAMAL, Manal L. Beyond Fateh Corruption and Mass Discontent: Hamas, the Palestinian Left and the 2006 Legislative Elections. **British Journal of Middle Eastern Studies**. v.40 n.3, p. 273-294, 2013.

JORGE, Ruy Alves. **A justiça está com os árabes**: história do conflito árabe-israelense. São Paulo, 1975.

KAVALOSKI, Joshua. Discordant discourses: history and journalism in the graphic novels of Joe Sacco. **Journal of graphic novels and comics**. v.10, p.1-13, 2019.

KHAN, Ziasma Haneef. WATSON, P.J. CHEN, Zhuo. Meanings of Animal Sacrifice during Eid-ul-Adha: Relationship with Religious Orientations and Muslim Experimental Religiousness in Pakistan. **Archive for the Psychology of Religion**. p.37-53. v.37, 2015.

LEV-ON, Azi. Engaging the Disengaged: Collective Action, Media Uses, and Sense of (Virtual) Community by Evacuees From Gush Katif. **American Behavioral Scientist**. v.8 n.53, p.1208-1227, 2010.

LEWIS, Bernard. **A crise do islã**: guerra santa e terror profano; tradução, Maria Lúcia de Oliveira, - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MARCONDES, Ciro Inácio. A importância histórica e estética dos quadrinhos de guerra: Harvey Kurtzman e Héctor Oesterheld. In: DALCASTAGNÈ, Regina. **História em quadrinhos**: diante da experiência dos outros. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012. P.25-41

MAZUR, Dan & DANNER, Alexander. **Quadrinhos**: História moderna de uma arte global. Editora WMF Martins Fontes, 2014.

MEDEIROS NETO, José Sampaio de. **Instâncias narrativas no jornalismo em quadrinhos**: uma análise sobre a produção brasileira da Agência Pública. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, Belo Horizonte, 2018

MEDEIROS NETO, José Sampaio de. SCHNEIDER, Greice. O estilo gráfico no jornalismo em quadrinhos. **9. arte**. São Paulo, v.8 n.1. p. 19-28, 2019.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. **Tempo**. Niterói, n.14, p.131-151, 2002.

MILLET, Jared .Footnotes in Gaza: Comments. **Goodreads**. 2010. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/6796708-footnotes-in-gaza>. Acesso em: 25 ago. 2020.

MILTON-EDWARDS, Beverley. Hamas: Victory with Ballots and Bullets. **Global Change, Peace & Security: formerly Pacifica Review**. v.19 n.3, p. 301-316, 2007.

MOREIRA, Djenane Arraes. **Jornalismo em HQ**: A narrativa de Joe Sacco na Guerra da Bósnia. 2017. 187f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, 2017.

MOREIRA, Djenane Arraes; CUNHA-CAVALCANTI, Maria Jandyra. Procedimento de Joe Sacco na prática do jornalismo em quadrinhos. **Esferas**. Brasília, ano 5 n.9, p.135-144, 2016.

NEDERVEEN PIETERSE, Jan. **O fim do império americano?**: Os Estados Unidos depois da crise. São Paulo: Geração Editorial, 2009.

PAES, Caio de Freitas. **Tensão da narrativa e a questão da Palestina**: um estudo a partir de “Notas sobre Gaza”, de Joe Sacco. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Rio de Janeiro, 2014.

PAIM, Augusto Machado. A fotografia nas histórias em quadrinhos. **Letrônica**. Porto Alegre, v.6, n.1, p.369-387, jan/jun 2013.

PAPPÉ, Ilan. A Middle East Peace that could happen (but won't) . In: CHOMSKY, Noam; PAPPÉ, Ilan. **Gaza in Crisis**: Reflections on Israeli's War against the Palestinians. London, Penguin Books, p.195-209, 2011a.

PAPPÉ, Ilan. Blueprint for a One-State Movement: A troubled History. In: CHOMSKY, Noam; PAPPÉ, Ilan. **Gaza in Crisis: Reflections on Israeli's War against the Palestinians**. London, Penguin Books, p.125-144, 2011b.

PAPPÉ, Ilan. State of Denial: the Nakbah in Israeli History and today. In: CHOMSKY, Noam; PAPPÉ, Ilan. **Gaza in Crisis: Reflections on Israeli's War against the Palestinians**. London, Penguin Books, p.57-77, 2011c.

PAPPÉ, Ilan. The Killing Fields of Gaza 2004-2009. In: CHOMSKY, Noam; PAPPÉ, Ilan. **Gaza in Crisis: Reflections on Israeli's War against the Palestinians**. London, Penguin Books, p.171-194, 2011d.

PEREIRA, Luís Fernando Lopes. Palestina: Intifada e resistência anticolonial. **Relações Internacionais no Mundo Atual**. v.1 n.3. 2003. p.33-50.

PETERS, Joel. The Disengagement Plan: Five Years Later. **Israel Journal of Foreign Affairs**. v.4. n.3, p.33-44, 2010.

RAMOS, Paulo. Charges e polêmicas na mídia jornalística. In: DALCASTAGNÈ, Regina. **História em quadrinhos: diante da experiência dos outros**. Vinhedo, Editora Horizonte, p.137-148, 2012.

RITTER, Eduardo. New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e a literatura. **Rizoma**. Santa Cruz do Sul, v.1, n.1, p.56-70, jul/2013.

RODRIGUES, Danilo Pontes. **Estados Unidos pós 11 de setembro na história em quadrinhos in the shadow of no towers de Art Spiegelman (2001-2004)**. 2017. 118f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2017.

ROY, Sara. Praying with Their Eyes Closed: Reflections on the Disengagement from Gaza. **Journal of Palestine Studies**. California. v.XXXIV n.4, p.64-74, 2005

SAID, Edward W. **A questão da Palestina**. São Paulo, SP: Unesp, 2012.

SALMI, Charlotta. Reading footnotes: Joe Sacco and graphic human rights narrative. **Journal of Postcolonial Writing**. v.52 n.4, p.415-427, 2017.

SAMHOURI, Mohammed. Gaza Economic Predicament One Year After Disengagement: What Went Wrong?. **Crown Center for Middle East Studies**. Waltham. n.12, p1-8, nov/2006.

SANTOS, Rafael Baêta Leal dos. **A Primeira Intifada Palestina na visão de Joe Sacco: O jornalismo em quadrinhos na análise da Questão Palestina**. 2012. 75f. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2012.

SANTOS, Roberto Eloísio. Aspectos da linguagem, da narrativa e da estética das histórias em quadrinhos: convenções e rupturas. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Eloísio. **A linguagem dos quadrinhos: Estudos de estética, linguística e semiótica**. 1.ed. São Paulo: Criativo, p.22-47, 2015.

SHALOM, Zaki. The Disengagement Plan: Vision and Reality. **Strategic Assessment**. v.13. n.3, p.85-100, out, 2010.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. tradução Rubens Figueiredo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Júlia Nascimento de. **Análise da obra “Palestina” de Joe Sacco sob a ótica de estudos culturais**. 2015. Trabalho de diplomação (Tecnologia em Design Gráfico) - Departamento Acadêmico de Desenho Industrial. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

TENEMBOIM-WEINBLATT, Keren. ‘We will get through this together’: journalism, trauma and the Israeli disengagement from the Gaza Strip. **Media Culture & Society**. Los Angeles, London, New Delhi and Singapore). v.30 n.4, p.495-513, 2008.

TURNER, Mandy. Building Democracy in Palestine: Liberal Peace Theory and the Election of Hamas. **Democratization**. v.13 n.5, p. 739-755, dec/2006.

USHER, Graham. The Democratic Resistance: Hamas, Fatah and the Palestinian Elections. **Journal of Palestine Studies**. v.XXXV n.3, p. 20-36, 2006.

VALLE, Flavio Pinto. **O Boom do Jornalismo em Quadrinhos**: a reivindicação do estatuto jornalístico nas histórias em quadrinhos de Joe Sacco. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2010.

VERAS, Laurene. Literatura e Guerra: Notas sobre Gaza de Joe Sacco. **Nau Literária, crítica e teoria de literatura**. Porto Alegre, v.11 n.2. p. 103-108, 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, Ângela, VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, [s.p.], 2004.

VIEIRA, José Rodolfo. **Viagem pictoresca à Palestina**: táticas e estratégias nas representações do conflito israelo-palestino de Joe Sacco em *Palestine* (1992-1996). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2017.

YAARI, Ehud. Fedayeen Action and Arab Strategy. **Journal of Palestine Studies**. Californina, v.1, n.2, p.97-104, 1972.

YIFTACHEL, Oren. Neither Two States Nor One: The Disengagement and “Creeping Apartheid” in Israel/Palestine. **The Arab World Geographer**. Toronto. v.8, n.3, p125-129, 2005.

WEISSBROD, Lilly. Coping with the Failure of a Prophecy: The Israeli Disengagement from Gaza Strip. **Journal of Religion & Society**. Omaha. v.10, p.1-21, 2008.

WILLIS, Susan. **Evidências do Real**: Os Estados Unidos pós-11 de Setembro; [Tradução Marcos Fabris, Marcos Soares]. – São Paulo: Boitempo, 2008.

ZIZEK, Slavoj. Bem-vindo ao deserto do Real!: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas; São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

ZUCKER, Lian; KAPLAN, Edward. Mass Casualty Potential of Qassam Rockets. **Studies in Conflict & Terrorism**. v.3 n.37, p.258-266, 2014.

ZWEIRI, Mahjoob. The Hamas Victory: shifting sands or major earthquake. **Third World Quarterly**. v.27 n.4, p. 675-697, 2006.